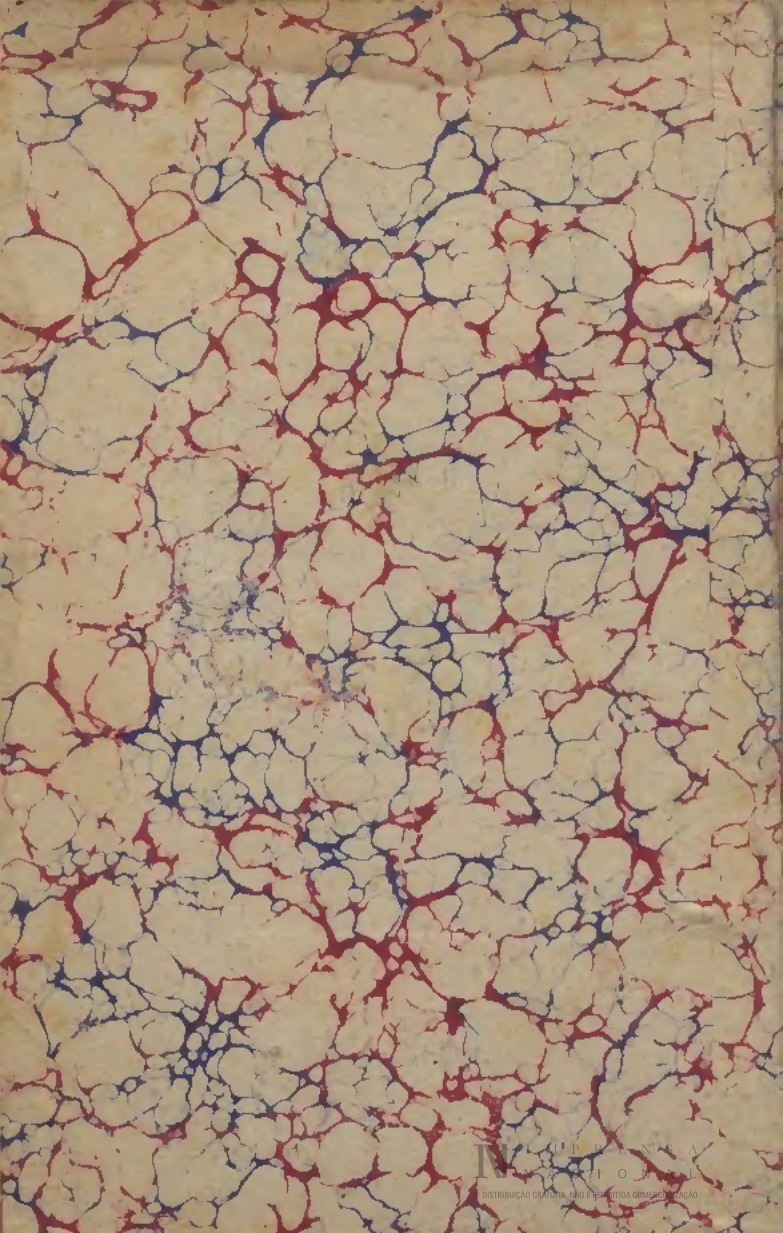


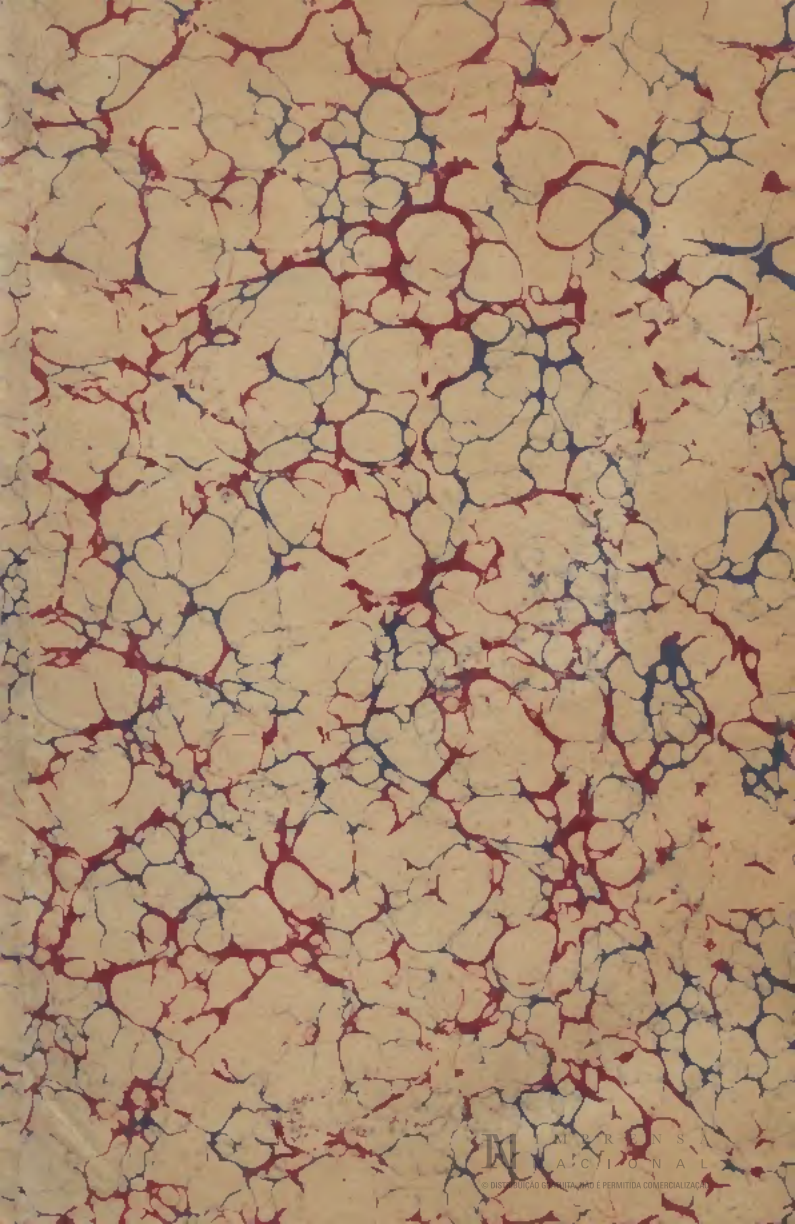


N. S. P. R. E. N.
L. I. O. N.

© 2000 by the University of Chicago Press



INSTITUTO
DE
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É NECESSÁRIA CONTRIBUIÇÃO



INTERNACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, SEM PERMISSÃO COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS
MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA QUARTA.

PARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.



N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

7

7/11/49

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM
NESTA PARTE I.

D A D E C A D A IV.

LIVRO I.

- C**AP. I. *Como foi aberta a successão de quem havia de succeder a Dom Henrique de Menezes, e se achou que Pero Mascarenbas; e por elle estar ausente, succedeo Lopo Vaz de Sampaio.* Pag. 1.
- CAP. II. *O Governador Lopo Vaz de Sampaio commetteo a Armada do Çamorij, que estava no rio de Bacanor, e houve dos Mouros huma grande vitoria.* 7.
- CAP. III. *Como Lopo Vaz de Sampaio chegou a Goa, e foi recebido nella por Governador da India, e das Armadas que fez.* 14.
- CAP. IV. *Do que aconteceu a Lopo Vaz de Sampaio na viagem de Goa a Ormuz, e do que fez naquella Cidade.* 18.
- CAP. V. *Como Eitor da Silveira foi a Dio, e do que alli passou com Melique Saca, e do que ordenou o Governador com as novas da Armada dos Rumes.* 21.
- CAP. VI. *Das náos que partiram de Portugal para a India, em que foram as*
suc-

* ii

I N D I C E

- Successões , per que Lopo Vaz de Sampaio havia de governar.* 28.
- CAP. VII. *Das justificações que Lopo Vaz de Sampaio fez em Cochij sobre o direito de sua Governança: e do conselho que teve sobre a vinda dos Rumes.* 36.
- CAP. VIII. *Da Armada que Selim Rey dos Turcos ordenou para nella ir Raetz Soleimão á India contra os Portuguezes , e do successõ della.* 44.
- CAP. IX. *Como Pero Mascarenhas mandou Alvaro de Brito com algumas fustas á Ilha de Bintam , para que lhe não entrassem mantimentos: da nova que teve da sua successão no Governo da India: e da Armada que fez para ir a Bintam.* 54.
- CAP. X. *Como Pero Mascarenhas chegou ao porto da Ilha de Bintam , e desbaratou huma Armada d'ElRey de Pam ; e do conselho que teve per onde accommetteria a entrada da Cidade.* 61.
- CAP. XI. *Como Pero Mascarenhas commetteo , e destruiu a Cidade de Bintam com morte de muitos Mouros , e fugida d'El-Rey.* 68.
- CAP. XII. *Da descripção de Sunda , e costumes de seus habitadores: e em que lugares da India ha pimenta para carregação.* 73.
- CAP. XIII. *Como Henrique Leme partio de*

DOS CAPITULOS

de Malaca , e assentou paz com ElRey Samiam de Sunda , e metteo o padrão onde se havia de fazer huma fortaleza : e da jornada de Francisco de Sá , da qual não resultou effeito. 82.

CAP. XIV. Como D. Garcia foi entregue da fortaleza de Ternate , e per morte d'ElRey Almancor tomou a Cidade de Tidore , e a destruiu. 88.

CAP. XV. Como D. Garcia soube que no porto da Cidade de Camafo d'ElRey de Tidore estava huma não de Castella , e o que fez para a trazer á fortaleza de Ternate. 94.

CAP. XVI. Como D. Jorge de Menezes partio de Malaca para Maluco a servir de Capitão , e fez nova viagem pela Ilha de Borneo ; e das differenças que teve com D. Garcia Henriques. 101.

CAP. XVII. Da jornada de Vicente da Fonseca á Ilha de Banda , e successos della , e da viagem de D. Garcia Henriques té Cochij. 109.

CAP. XVIII. Como os Castelhanos elegêram Capitão per morte de Martim Inbiguez , e tomáram huma galeota aos Portuguezes com morte de Fernão Baldaia , e mandáram pedir soccorro á Nova Hespanha , e os Portuguezes destruíram a Cidade de Camafo. 116.

LI-

LIVRO II.

- C**AP. I. *Como Lopo Vaz de Sampaio, sabendo que vinha Pero Mascarenhas de Malaca, lhe mandou notificar que não viesse como Governador; e que querendo entrar em Cochij, foi maltratado, e ferido.* Pag. 124.
- C**AP. II. *Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Pero Mascarenhas per Antonio da Silveira, e preso em ferros foi levado a Cananor, e do que sobre sua prisão succedeo.* 132.
- C**AP. III. *Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Eitor da Silveira, e outros fidalgos seus parentes, e amigos, e a causa que houve para isso.* 142.
- C**AP. IV. *Como Pero Mascarenhas foi solto, e obedecido por Governador per alguns Capitães.* 149.
- C**AP. V. *Do que Antonio de Miranda de Azevedo, e Christovão de Sousa ordenaram para Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas desistirem do governo, e se põem em direito.* 154.
- C**AP. VI. *Das differenças que houve sobre accrescentarem d causa de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas mais Juizes dos que foram nomeados a princípio;*

DOS CAPITULOS

- pio; e como se deo a sentença em favor
de Lopo Vaz. 160.
- CAP. VII. De algumas Armadas que Lopo Vaz despachou, e como soccorreo a fortaleza de Ceilam, que estava cercada, mandando a ella Martim Affonso de Mello. 166.
- CAP. VIII. Do que succedeo a Martim Affonso té se perder na Ilha de Negamale, e como foi cativo. 171.
- CAP. IX. Como D. João Deça desbaratou, e prendeo a China Cutiale Capitão mór d'ElRey de Calecut, e do que mais lhe succedeo. 178.
- CAP. X. Como Antonio de Miranda Capitão mór do mar partio para o Estreito: e do que passou naquella viagem té chegar ao porto da Cidade de Adem. 180.
- CAP. XI. Como Antonio de Miranda veio de Ormuz a Dio, e do que aconteceu nesse caminho a Lopo de Mesquita, a Diogo de Mesquita, e a Henrique de Macedo, e como chegou a Chaul toda a Armada. 188.
- CAP. XII. Como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio com humma grossa Armada para Cochij, e pelejou com cento e trinta pardos de Malavares, e os desbaratou. 193.
- CAP. XIII. Como o Governador Lopo Vaz de

I N D I C E

- de Sampaio partio de Cochij com toda a sua Armada, e deo no lugar de Porcá, e o desbaratou, e queimou com morte de muitos.* 197.
- CAP. XIV.** *Como ElRey de Cambaya moveo guerra ao Nizamaluco, e o Governador Lopo Vaz de Sampaio pelejou com Alixiab Capitão das fustas de Dio, e o desbaratou, e das Armadas que fez.* 202.
- CAP. XV.** *Como havida a vitoria das fustas, quizera o Governador ir a Dio, e lhe foi contrariado: e de algumas Armadas que mandou a diversas partes.* 212.
- CAP. XVI.** *Como Eitor da Silveira assolou muitos lugares na costa de Cambaya, e pelejou com o Capitão Alixiab, e lhe tomou a fortaleza em que estava, e da destruição que fez em Baçaim.* 217.
- CAP. XVII.** *Do que succedeo a Simão de Sousa Galvão, que hia por Capitão de Maluco.* 227.
- CAP. XVIII.** *Como D. Forge de Menezes tomou a Cidade de Tidore, e assentou pazes com os Castelhanos que nella estavam.* 233.
- CAP. XIX.** *Da morte d'ElRey Bahaat, e prizaõ de seu irmão, e successor Cachil Daielo; e da injúria que fez Dom Forge a Cachij Vaidua parente d'El-Rey.* 241.
- CAP.**

DOS CAPITULOS

CAP. XX. Como D. Jorge mandou lançar a dous lebrés o Regedor de Tabona, dos quaes foi cruelmente morto, e mandou degollar a Cachil Daroez. 246.

LIVRO III.

CAP. I. Como ElRey D. João mandou por Governador da India a Nuno da Cunha: e do que passou té chegar á Ilha de S. Lourenço. Pag. 253.

CAP. II. Da perdição das duas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, e do que aconteceu aos que dellas se salváram. 259.

CAP. III. Como a ndo de Nuno da Cunha se perdeu com hum vento travessão, salvando-se elle, e sua gente: e do que lhe aconteceu té chegar á Ilha de Zanzibar. 264.

CAP. IV. Do que Nuno da Cunha fez em Melinde. 271.

CAP. V. Como Nuno da Cunha foi sobre a Cidade de Mombaça, e a tomou. 276.

CAP. VI. Do que Nuno da Cunha fez depois de tomar a Cidade de Mombaça com alguns Mouros que tornáram a ella: e das novas que lhe vieram de Simão da Cunha, e de outros Capitães da sua Armada. 287.

CAP.

I N D I C E

- CAP. VII.** Como Nuno da Cunha mandou convidar certos senhores Mouros, que mandassem gente para povoar Mombaça: e como o Rey della se fez vassallo d'El-Rey de Portugal com lhe pagar pareas. 293.
- CAP. VIII.** Do que fizeram os Mouros de Mombaça nos dias que se tratava a paz: e como Nuno da Cunha, ainda que dos Portuguezes morriam muitos, se não quiz ir da Cidade, e a destruiu, e queimou. 298.
- CAP. IX.** Como Nuno da Cunha assentou de ir a Ormuz, e do que fez antes que partisse de Melinde: e do que ordenou em Calayate, e Mascate té chegar a Ormuz. 306.
- CAP. X.** Do que era passado com Xaraso Guazil de Ormuz, e como foi prezo per cartas d'ElRey D. João, que Manoel de Macedo levou deste Reyno: e do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz. 312.
- CAP. XI.** Do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz, e como pezadamente acceitou o que lhe deo, e o mandou entregar ao Feitor d'ElRey de Portugal. 318.
- CAP. XII.** Como Nuno da Cunha entendeu na devassa contra Raesz Xaraso; e do que fez sobre sua vinda a Portugal, e con-

DOS CAPITULOS

- condemnou a ElRey de Ormuz por a morte de Raes Hamed. 322.
- CAP. XIII. Como Belchior de Sousa Tavares foi a Basçorá: e do sitio daquella Cidade, e da Ilha de Gizaira. 331.
- CAP. XIV. Como Belchior de Sousa foi recebido d'ElRey de Basçorá, e foi com elle contra ElRey de Gizaira. 340.
- CAP. XV. Como Belchior de Sousa assentou pazes entre os Reys de Basçorá, e de Gizaira: e como do de Basçorá veio desavindo por lhefaltar da promessa que lhe fez. 346.
- CAP. XVI. Como Belchior de Sousa veio a Ormuz, e provendo-o o Governador da capitania mór do mar, o mandou a Baharem, e do que lá fez. 350.
- CAP. XVII. Como Nuno da Cunha se partio para a India com a gente que tinha consigo em Ormuz da sua Armada: e de algumas cousas que deixou feitas para quietação do Reyno. 355.
- CAP. XVIII. Do que Simão da Cunha passou em a Ilha de Baharem, e depois de a combater se recolheu por a doença geral que veio a todos. 362.
- CAP. XIX. Como Simão da Cunha adoeceu do mal geral, e morreo d'elle, e alguns Fidalgos, e o vieram enterrar a Ormuz. 369.

LI-

LIVRO IV.

- C**AP. I. *Do que Nuno da Cunha fez no primeiro anno de seu governo: e o que passou com Lopo Vaz de Sampaio quando lho entregou.* Pag. 372.
- C**AP. II. *Como Nuno da Cunha partio de Cananor, e foi a Cochij: e do recebimento que lhe fizeram: e como prendeo Lopo Vaz de Sampaio, e o mandou a Portugal.* 375.
- C**AP. III. *Do muito damno que Diogo da Silveira fez na costa de Calecut, pelo que Camorij mandou pedir paz a Nuno da Cunha, a qual lhe concedeo com taes condições que elle a não acceitou.* 379.
- C**AP. IV. *Como o Governador mandou Gaspar Paes a Melique Saca a seu requerimento, e do que com elle passou.* 388.
- C**AP. V. *Como Gaspar Paes se partio desavindo de Melique Saca, e lhe queimou algumas fustas, e se tornou a Cochij.* 395.
- C**AP. VI. *Como Nuno da Cunha foi a Goa, e o que fez em Challe, onde achou Diogo da Silveira, a que encommendou que destruisse o Chatim do rio de Mangalor.* 398.
- C**AP. VII. *Como Diogo da Silveira entrou no rio de Mangalor, e destruiu o Chatim que alli vivia.* 401.
- C**AP.

DOS CAPITULOS

- CAP. VIII. *Do que fez Antonio da Silveira com huma Armada na enscada de Cambaya, onde tomou Surat, e Reiner Cidades principaes daquella costa.* 407.
- CAP. IX. *Como Antonio da Silveira tomou Agacim, e a destruiu.* 416.
- CAP. X. *Como Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, mandou recado a Antonio da Silveira, que o viesse socorrer em huma pressa em que estava com os Capitães d'ElRey de Cambaya.* 420.
- CAP. XI. *Do que Eitor da Silveira fez com a sua Armada té chegar a Miete, e depois á Cidade de Adem: e como fez tributario o Senhor della.* 425.
- CAP. XII. *Como Nuno da Cunha partio para Dio, e das novas que soube per mercadores Arabios, que na fortaleza de Damam achou.* 433.
- CAP. XIII. *Como Nuno da Cunha chegou á Ilha de Beth, e a destruiu: e da crueldade que o Capitão della executou em sua familia, por dar exemplo de sua constancia.* 439.
- CAP. XIV. *Como Nuno da Cunha, visto o sitio, e baluartes de Dio, se determinou em o combater.* 445.
- CAP. XV. *Como Nuno da Cunha commetteo a Cidade de Dio; e por a principal artilheria lhe rebentar, e haver outros im-*

I N D I C E

- impedimentos , não perseverou no combate.* 450.
- CAP. XVI. *Como Mustafá foi recebido de Soltam Badur com muitas honras , e mercês : e dos nomes de honra , e titulos com que se nomeam os Principes , e nobres do Oriente.* 458.
- CAP. XVII. *Do que fez Antonio de Saldanha com a Armada que lhe ficou : e como o Governador houve á mão hum irmão d'ElRey de Cambaya , e do successõ da Armada de D. Antonio da Silveira , e da sua morte.* 463.
- CAP. XVIII. *Como Nuno da Cunha a requerimento d'ElRey de Calecut fez a fortaleza de Challe , e o modo que teve com elle primeiro que a fizesse.* 470.
- CAP. XIX. *Do que Manuel de Vasconcellos , e Antonio de Saldanha fizeram em Xael , e como chegarã a Mascate.* 478.
- CAP. XX. *Do que Antonio de Saldanha fez em Mascate ; e dos trabalhos que passou na paragem de Dio , té Diogo da Silveira tomar entrega da Armada ; e como veio ao Reyno por Capitão mór das ndos de viagem.* 483.
- CAP. XXI. *Como Diogo da Silveira , entregue da Armada de Antonio de Saldanha , destruiu as Cidades de Patan , Patte ,*

DOS CAPITULOS

- te, e Mangalor, e as queimou, e as ndos
que em seus portos estavam. 490.
- CAP. XXII. Como Nuno da Cunha tomou
a fortaleza de Baçaim, e a mandou des-
truir, com morte de muitos Mouros, e
fugida de Melique Tocam seu Capitão. 493.
- CAP. XXIII. Como o Governador mandou
Vasco da Cunha a Melique Tocam sobre
se fazer a fortaleza em Dio. 503.
- CAP. XXIV. Como o Governador mandou
Tristão de Gá a ElRey de Cambaya so-
bre a fortaleza de Dio que lhe pedia:
e como ElRey mandou ir o Governador
a Dio para se verem, e as vistas não
houveram effeito, e Manuel de Macedo
desafiou a Rumechan. 508.
- CAP. XXV. Como Cunhale Marcar tomou
hum bargantim, e outros navios de Por-
tuguezes, e da morte que lhes deo: e
como Antonio da Silva de Menezes des-
baratou este coffairo, e lhe tomou as fus-
tas. 517.
- CAP. XXVI. Como Antonio da Silveira Ca-
pitão de Ormuz mandou D. Jorge de
Castro, e depois Francisco de Gouvea a
castigar ElRey de Raxet, por se levan-
tar contra ElRey de Ormuz. 522.
- CAP. XXVII. Como Martim Affonso de
Souza foi de Portugal por Capitão mór
do mar da India, e tomou Damam, e
o def-

I N D I C E

o destruiu : e como ElRey de Cambaya
pedio paz a Nuno da Cunha, e lhe deo
por ella Baçaim com todas suas ren-
das. 527.

L I V R O V.

- CAP. I. Em que se descreve o Reyno
de Guzarate, e as gentes de que
he habitado. Pag. 535.
- CAP. II. Como, e em que tempo os Mou-
ros começaram a ganhar o Reyno do Gu-
zarate aos Gentios. 547.
- CAP. III. Como Hamed Mouro Tartaro
de nação veio ser Rey do Guzarate, de
que procederam todos os Reys que té
agora foram : e o que passou sobre sua
sucessão. 556.
- CAP. IV. Como por ElRey Modafar dar
certas Cidades aos filhos de Melique Az,
se aggraváram seus filhos, e o terceiro
delles Badur Chan se foi do seu Reyno
para ElRey de Chitor, e o que lhe lá
aconteceo. 563.
- CAP. V. Como Badur se fez Calandar, e
da maneira, e costumes daquella reli-
gião : e como sabendo da morte de seu
pai, e da d'ElRey Escandar que lhe suc-
cedeo, veio ao Reyno de Guzarate, e
se levantou com elle com morte de seus
irmãos, e de outros muitos. 568.
- CAP.

DOS CAPITULOS

CAP. VI. Como ElRey Badur determinou de matar todos os que em tempo de seu pai o tinham offendido , e entre elles a Melique Saca Capitão de Dio , e da manha que elle usou para lhe escapar : e como naquelles dias veio a Dio humando de Francezes que partira de França , de que era Capitão , e Piloto hum Portuguez. 574.

CAP. VII. Da embaixada , que Babor Patxiab Rey do Delij mandou a ElRey de Cambaya , o qual armando gente contra elle , foi contra o Nizamaluco : e como mandou esfolar huns Collijs , e da vingança que elles a isso tomaram. 584.

CAP. VIII. Como Babor Patxiab Rey dos Mogoles , indo para fazer guerra a ElRey de Cambaya , lhe sabio ao caminho ElRey de Chitor ; e da batalha que ambos tiveram. 591.

CAP. IX. Como Soltam Badur com seu exercito foi contra ElRey Mamud de Mandou , e o venceo , e matou já cativo ; e encontrando no caminho o novo Sanga de Chitor , fez com elle alliaças , e o que passou com Salahedin. 595.

CAP. X. Como Salahedin por engano do Soltam Badur , vindo ao Reyno de Mandou , foi prezo , e Badur se foi a Raosinga em busca de Botiparao , que lhe

Tom. IV. P. I. ** es-

- escapou : e como quiz dar batalha ao Chitor menino irmão do Sanga , com quem tinha feitas lianças , e amizade. 601.
- CAP. XI. Como o Soltam Badur tomou a Cidade de Raosinga a partido : e da verdade , e diligencia que usou , para que os vencidos não recebessem offensa : e do valeroso feito de Salabedin , e de suas mulheres. 606.
- CAP. XII. Como Badur mandou dar honrada sepultura a Salabedin , e aos que com elle morreram : e como fez affogar Alicer seu privado em hum rio : e da visitação que lhe fez Melique Tocam : e como tomou o Reyno de Chitor no Sanga , e das condições com que se lhe fez vassallo. 612.
- CAP. XIII. Como veio nova a Soltam Badur , que Babor Rey dos Mogoles era falecido : e da vinda do Principe Mir Zaman , cunhado do Novo Rey , á Corte do Badur : e como elle intentou diminuir os soldos , e quantias que a gente de guerra tinha delle. 617.
- CAP. XIV. Como Soltam Badur por Muja-te Chan lhe contrariar que não tirasse as comedias aos nobres que o serviram na guerra , o mandou a Dio para Melique Tocam o matar : e do valeroso feito que fizeram , Melique em descobrir aquel-

DOS CAPITULOS

aquelle segredo a Mujate, e Mujate em se ir apresentar a ElRey para que elle o matasse.

621.

CAP. XV. *Como Badur Rey de Cambaya mandou secretamente a Rume Chan tomar Dio; e se Melique Tocam se quizesse defender, que o matasse: e que homem era João de Sant-Iago, o que foi por lingua a Cambaya.*

626.

CAP. XVI. *Como Soltam Badur, e Omaum Patxiab se vieram a desavir, e começaram fazer guerra entre si, por Badur lhe não querer entregar Mir Zaman.*

632.

DE-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

... e ...

CAS. 101. ...

CAS. 102. ...

CAS. 103. ...

CAS. 104. ...

DE

DEDICATORIA
DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA
A ELREY D. FILIPPE II.
SENHOR

A QUARTA Decada da Asia de João de Barros, que V. MAGESTADE me mandou reformar, he esta, que se offerece aos Reaes Pés de V. MAGESTADE, passados quasi sincoenta annos, que feu Author a escreveo, e per morte deixou imperfeita. Com a muita mercê, que de V. MAGESTADE recebe Portugal, e a memoria de João de Barros renovada com esta sua Decada, alcança elle morto mais illustre nome, do que vivo pudera desejar: E os Portuguezes, que naquellas Regiões Orientaes derramáram seu sangue, e perdêram suas vidas em serviço dos Reys daquelle Reino Antecessores de V. MAGESTADE, recuperam a fama de

Tom. IV. P. I. ** seus

seus gloriosos feitos, que o tempo procurava sepultar no esquecimento: Que nunca o haverá delles, pois lembram a V. Magestade para os mandar escrever, e remunerar. Deos guarde a Catholica, e Real Pessoa de V. Magestade. De Madrid XXIV. de Junho de MDCXV.

A QUARTA Decada da Añ de
João de Barros, que V. Mage-
stade me mandou relatar, he esta,
que se escreve aos Reaes Pés de V.
Magestade, pallados quasi cinquenta
anos, que seu Author a escreveu, e
por nã se deitou impressa. Com a
muita idade, que de V. Magestade
recebeo Real, e a memoria de João
de Barros renovada com esta sua de-
cada, sempre elle meo mais illu-
strou, de que tive poder deparar;
de Portugal, nos annos de 1563, e
Oriente de 1564, em lingua, e
perdeu suas vidas em serviço dos
Reys d'aquele Reino Amavellosos de
V. Magestade, recuperam a fama de
seus

JOÃO BAPTISTA LAVANHA,
AOS QUE LEREM
ESTA QUARTA DECADA.

SABENDO ElRey Nosso Senhor,
que deixára João de Barros imper-
feita a Quarta Decada da sua Asia,
querendo fazer mercê a Portugal, ao
nome de João de Barros, e a mim, me
mandou que a reformasse, e imprimisse,
para que renovando-se a memória de hum
tão célebre Historiador com esta sua obra
posthuma, per meio della revivesse a fa-
ma dos feitos, que os Portuguezes com
grande valor obráram naquella parte da
Asia, que com o tempo se hia escurecen-
do. Para este effeito me mandou entre-
gar SUA Magestade dez quadernos,
que se acháram dos dez livros desta De-
cada, rotos, faltos, escritos a pedaços
de varia letra, e tão imperfeitos, co-
mo trabalho de que era aquelle o pri-
meiro pensamento, e em que só se puze-
ra a primeira mão. E assi saltavam fo-
lhas,

lhas , havia outras em branco , sobejavam cousas muitas vezes repetidas , estavam outras fóra de seu lugar , dava-se larga relação de algumas , que não pertenciam a esta História , mui breve noticia de outras importantes , e nenhuma de successos notaveis , que Authores em seus livros escreverão. Descuidos , que não houvera nesta Obra , se a João de Barros durára tanto a vida , que a pudera rever , e acabar , como outras per elle promettidas , com que ficára o seu nome muito mais celebrado entre todas as Nações , do que merecidamente he hoje pelas tres Decadas , que deixou impressas.

Pelo que com mais trabalho , e maior estudo reformei esta quarta Decada , que se de novo a compuzera , porque (imitando quanto me foi possível o estilo de João de Barros) accrescentei , com approvação de hum Ministro de SUA MAJESTADE , a que se commetteo , capitulos inteiros , e grandes pedaços em outros (que tudo vai notado com comas) cortei , antepuz , e pospuz alguns , e

clau-

clausulas inteiras , para melhor disposi-
ção do que nelles se tratava , omitti o
desnecessario , e repetido , e illustrei com
notas ás margens para maior noticia das
coisas escritas per João de Barros , e
das em que Authores delle differem. E
porque nenhuma coisa dá tão perfeito
conhecimento das descripções das Pro-
vincias , como o desenho dellas , das que
nesta Quarta Decada descreve João de
Barros (em que excedeo a todos os Geo-
grafos ,) ordenei tres taboas da Ilha da
Jaoa , dos Reinos de Guzarate , e Ben-
gala , segundo a mente do Author , e
as melhores informações , que destas Re-
giões pude alcançar. Muitas outras cou-
sas reformei de menos consideração , co-
mo foram alguns vocabulos , que se usa-
vam em tempo de João de Barros , que
o mesmo tempo tem desusado. Mas na
Apologia , que elle fez em lugar de Pro-
logo , a qual achei entre outros papeis
inteira , e escrita de sua mão , (que o
não eram os dez quadernos) não mudei
nem huma coma , por conservar intacto
o que este excellente Varão , e honra de
Por-

Portugal deixou acabado ; nem innovei os nomes da arte Militar , e Fortificação , por continuar com os mesmos nesta Quarta Decada , de que elle usou nas tres. As quaes se se tornarem a imprimir , nellas se poderão pôr , como em lugar proprio , as notas , e taboas Geograficas , que nesta se não puzeram , por não ser seu.

DE

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DECADA QUARTA.

APOLOGIA DE JOÃO DE BARROS EM LUGAR DE PROLOGO.

HAVENDO sincoenta e tantos annos, que o descubrimento, e conquista do Oriente se continuava, sem os obrigados per officio de Chronistas, e per salario delle, darem á memoria tão gloriosos, e illustres feitos, como meus Naturacs naquellas partes tinham acabado, e proleguiam com tanto louvor sem, parecia-me, que se eu acudisse a este descuido, tomando cuidado de as pôr em escrito, podia merecer á minha patria nome de zeloso da gloria della. Mas pois o tempo veio a tal estado, que aos obrigados a fazerem alguma cousa inenosculpa se lhe dá quando a não fazem, que áquelles, que a fazem sem ter a tal obri-

obrigação, — necessário he que andemos com a mesma abusão do tempo, e que em lugar de Prologo desta Quarta, e ultima Década, façamos Apologia, e defensão nossa para todas. Isto não por responder a alguns competidores, como se aqueixava Terenciô nos seus Prologos apologeticos, pois louvado Deos nesta parte de competir neste nosso trabalho pacífica he a terra; mas para nos desculpar a quatro generos de homens censores delle. E não he cousa nova, porque todã obra publicamente feita sempre teve estes tres generos de juizes, Ignorantes, Doutos, e Maliciosos; pero ser accusado de Parentes, e Amigos, este quarto genero de perseguição aconteeço sómente a nós. Aos primeiros demos nós causa em parte, mas não em todo; porque em a primeira Decada, e de si na segunda, que huma apôs outra tiramos á luz com tenção de irmos emendando nestas duas ultimas o que fosse notado nas primeiras, vieram os Ignorantes, e não se contentáram de emen-

A P O L O G I A .

emendar o çapato, a que sómente chegava o seu juizo; mas como fez o çapateiro de Apelles, quizeram entender na cabeça. Os Doutos (não fallamos naquelles, que o são em sólida doutrina; mas nos que seguem a mais baixa parte della;) tomáram o officio de hum Medico, o qual quiz condemnar outra taboa de pintura, que hum grande Pintor, á imitação de Apelles, tambem puzha suas obras á porta a publico juizo; porque não sómente apontava na fisionomia do rosto, postura da pessoa, e symmetria dos membros, partes que lhe competiam pela profissão que tinha; mas ainda condemnou a pintura em outras fóra do seu mester, por mostrar que em tudo sabia. A qual cousa não podendo soffrer o Pintor, sabio donde estava ouvindo estes juizos, e disse ao Medico: *As minhas obras julgam-se, porque se vem, e as vossas não, porque as metteis debaixo da terra, onde as ninguem pôde ver, motejando delles, por matar muitos enfermos com sua*
erra-

A P O L O G I A .

errada cura. Os Maliciosos, que he o terceiro genero, nunca se prezam de dar na capa, todo o seu golpe he tirar ao rosto: cá não se contentando de apontar vicios da obra, condemnam a pessoa em mais grave crime, dizendo, que não sómente merecemos ser taxado pelos erros da escriptura, mas ainda devemos ao officio, que servimos, todo o tempo, que tomamos para estas nossas abusões, (que assi lhe chamam elles;) pois leixamos a obrigação, e tomamos o alheio cuidado: cá, segundo a casa que servimos, he huma roda viva; que não dá espaço pera cousa fóra de si, não se póde borrar tanto papel senão commettendo roubo do tempo, que devemos á casa, e já póde ser que daqui procederá não nos dar ella tanto de si, e do seu quanto tiveram della aquelles, a que nós succedemos. Os Parentes, e Amigos, cuidando que fazem officio piedoso, vem a ser mais cruéis que os outros, pois tocam n'alma ao modo dos amigos de Job, por verem que o

ef-

A P O L O G I A.

esteu eu em substancia de fazenda, em comparação dos vizinhos, e concorrentes no officio, dizendo, que sou melhor ama que madre, pois sei crear aos meus peitos, e braços os negocios alheios, e os proprios leixo sem creação: Que seria melhor estudar no que o geral da gente fizuda, e prudente faz, como com o favor do officio que sirvo, e industria de minha pessoa poderei fazer de hum dez pera manter dez filhos que tenho, e ordenar-lhe vida, com que não fiquem por portas; que fazer livros, e tratados, que a elles, e a mim não tratam bem. Porque como no tempo d'agora, e principalmente neste Reyno, aquelle he havido por mais prudente, e pera maiores negocios, que mais artificios, e manhas busca pera se aproveitar do que traz entre as mãos; este he o modo da vida, que se deve seguir, pois dá todo o ser della em credito, honra, e fazenda. E quem se afastar desta geral estrada, além de perder o caminho, irá cahir no mais profun-

A P O L O G I A.

fundo lugar, que tem a penitencia, quando se achar no fim da vida com as mãos vazias; e principalmente empregando tanto tempo, e trabalho em escrever memorias alheias, por vaidade de ter alguma, com a qual causa damos materia de riso, e zombaria áquelles, que professam officios públicos, como este nosso, ao qual somos obrigados, e não a mais. Cá, segundo admoesta S. Paulo, cada hum he obrigado permanecer naquella administração pera que foi chamado, quasi como que nos quer dar entender, que entender em mais he abusão, cousa mui abominavel ante Deos. Quanto mais que ainda pera conseguir esta nossa inclinação, que he desejar saber, ou ser estimado por sabedor, os Authores dos mesmos livros, per que nós estudamos, clamam, que primeiro conveni ter, e isto aconselha Aristoteles, dizendo: *He necessario primeiro enriquecer, e depois filosofar.* Porque como elle tinha experimentado, em quanto andou per casas de

-mii

Prin-

A P O L O G I A .

Principes, ser genero de captiveiro es-
perar suas esmolas, trabalhou pera en-
riquecer muito por as não mendicar
delles, e pera melhor poder estudar. E
segundo seu estado, foi tão sobejamen-
te rico, que de rosto a rosto o taxou
disso hum grande Filosofo Parseo, que
o veio ver á Grecia por sua fama, (se-
gundo os Parseos escrevem em suas
Chronicas,) ao qual elle respondeo, que
não era rico por deleitação de ter ri-
quezas, mas porque não queria que ig-
norantes Principes fossem senhores del-
le per bens de Fortuna, pois elle era
senhor dos mesmos Principes per dotes
de entendimento. Cá era cousa contra
Natureza ser a ignorancia senhora da
sciencia, e a pobreza captiva á liberda-
de do engenho na occupação do neces-
sario. E daqui disse Juvenal, que farto
estava Horacio, quando em huma Saty-
ra disse: *Obe, e que se a Virgilio lhe
salecêra o necessario pera se manter,*
*não pintára elle tão poeticamente a fu-
ria infernal chamada Erynnis;* e de se
ha-

A P O L O G I A.

haver por maxima de prudencia entre os prudentes, que mais convem ter pera saber, que saber pera ter. Trabalhou Seneca por adquirir tanta fazenda, que se escreve valer a sua sete contos, e meio d'ouro da nossa moeda. Pois se estes dous Principes de toda a doutrina natural, e moral Aristotéles, e Seneca foram tão ricos como scientes, pera que se deve abonar outra Filosofia, se não a sua, que está fundada sobre ter, e venha donde vier. E tratando tambem o Poeta Menandro esta materia, diz: *Epicarmo disse serem Deoses os Ventos, o Sol, a Terra, a Agua, o Fogo, as Estrellas; mas eu cuido serem Deoses mais proveitosos a Prata, e o Ouro; cá se tiverdes estes em casa, pedi o que quizerdes, que tudo alcançareis, herdades, casas, servos, baixellas, amigos, juizes, testemunhas, até os mesmos Deoses, quem despender terá por ministros.* Finalmente com estas, e outras admoestações, que nos fazem os Amigos, e Parentes, assi anda-

A P O L O G I A .

damos atormentado no espirito , e af-
sombado do castigo de suas palavras ,
que não temos que responder , senão
converter nossa consideração ao estado
do Mundo , e ver quão cheio está de
conselheiros , e quão minguado de re-
mediadores de alheios trabalhos , ainda
que o possam fazer ; porque em dar pa-
lavras per conselho , todos querem ga-
nhar honra de prudentes ; e em reme-
diar com adjutorio de sua propria fa-
zenda , poucos a foltam da mão . E pois
que assi he , que todos querem bem di-
zer , e poucos bem fazer , e ainda so-
bre isso condemnar vidas , e obras alheias ,
fazendo-se censores , e juizes das cou-
sas , em que não tem jurisdicção , que
he da tenção , que cada hum tem no
que faz , a qual jurisdicção he de Deos ,
e esta tenção he a que dá nome á Obra
de boa , ou má , (segundo diz Santo
Ambrosio) necessario he , pera nos sal-
var destes juizes , e censores , proseguir
adiante com nossa defensão , e conti-
nuaremos nella com ontra pintura de
mais

mais vivas figuras, que as duas passadas, a qual damos por resposta aos Maliciosos, por ser do mesmo Apelles, também em defensão de sua pessoa. Sendo elle accusado ante ElRey Ptolomen per Antipsonte seu proprio discipulo, pintou huma taboa com estas figuras: Hum homem assentado com grande magestade, e compridas orelhas, á maneira de como pintam ElRey Midas, o qual homem dava a mão, que viesse a elle, a huma mulher chamada Calumnia, que he a falsa accusação, e logo junto delle juiz estavam duas mulheres, que eram a Ignorancia, e Suspeita, e a figura Calumnia estava mui affeitada per mãos de duas moças, que tinha junto de si, chamadas Traição, e Infidia, que espreita vidas alheias; a qual Calumnia estava mui furiosa, e indignada, tendo na mão esquerda huma facha de fogo ardendo, e com a direita tinha hum mancebo pelos cabellos, o qual com as mãos levantadas ao Ceo pedia a Deos

soc-

A P O L O G I A.

foccorro ; e diante da Calumnia hã
huma mulher já mui velha , disforme
em figura , e torpe, e vil em habito,
que via muito, chamada Inveja ; e hum
ponco affastada della vinha huma mu-
lher mui chorosa , cuberta de negras,
e rotas vestiduras, que havia nome Pe-
nitencia , a qual com o rosto virado
para trás , e com choro , e vergonha
olhava á Verdade , que vinha contr'ella
hum pouco longe, e de vagar. Com á
qual pintura, em que Apelles represen-
tou todo o discurso de sua accusação,
e as causas della, e a verdade sabida,
não sómente foi julgado por innocente,
mas ainda pela avexação, que recebeo,
ElRey lhe mandou dar cem talentos,
que da nossa moeda poderáo ser sessen-
ta mil cruzados, e assi lhe mandou en-
tregar o accusador por captivo. Nós
porque não somos accusado do aleive,
que era posto a Apelles , não espera-
mos a satisfação, que lhe foi dada per
ElRey Ptolomeu , sómente queriamos
satisfazer aos Maliciosos, e Calumnia-
do-

Tom. IV. P. I.

A P O L O G I A .

dores. Mas porque per ventura elles não ficarão satisfeitos com esta pintura de Apelles, em que elle pintou os affectos dos maliciosos per figuras humanas : ao contrario neste papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos, e condição delles, per ventura pola conformidade que tem, lhe será mais accepta que a de Apelles. Este animal a maior parte do seu distincto tem na ponta do nariz, e per faro quer rastejar, e inquirir a verdade das cousas sem as ver, e latindo alta, e apressadamente, assi affirma a mentira; como a verdade; de maneira, que muitas vezes o Senhor d'elle enganado per seus latidos, chega mui cansado, cuidando que lhe tem encovado hum coelho, e acha hum lagarto. Tem mais per condição ranger per inveja, ladrar per odio, morder per vingança, e o que peor he, que ninguem lhe sabe em que parte ha de assocegar, e quietar seu espirito; porque quando o quer fazer, anda em redondo, até que se en-

A P O L O G I A.

enrosca á maneira de cobra; e de elles
 não terem certa cabeceira, differam os
 Gregos aquelle Proverbio: *Aos cães*
por demais he poer-lhe almofada por
cabeceira. Estes Cães (como S. Jerony-
 mo chamava aos seus perseguidores,)
 se lhe não contentar esta cabeceira, que
 lhe fizemos pera assocegarem de seus
 ladridos, polos imitar tomem estes nos-
 sos, que lhe damos em resposta; di-
 zendo, que quanto ao roubo do tem-
 po, que elles dizem ser da obrigação
 do officio, não a elles, mas ao proprio
 officio pertencem os queixumes do tem-
 po, se fosse verdade que lho roubasse-
 mos; mas pois elle os não faz, parece
 que lho não merecemos. E se no mes-
 mo officio não temos tanto ser, como
 elles dizem que tiveram aquelles a
 que nós succedemos, não será porque
 elle tivesse nelles mais do que tem em
 nós, mas porque elles tiveram delle
 mais do que nós tivemos; e a causa fi-
 que pera outro lugar, porque aqui não
 o soffre o tempo ser manifesta. Porém

A P O L O G I A,

respondendo ao que compete á nossa parte, louvado Deos, chea temos a nossa obrigação, e nunca por ella seremos citado com justiça; pois não sómente guardamos os regimentos, e leis, que nos a mesma casa deo de como a haviamos de servir, e estendemos nosso juizo, e poder a tanta parte, quanta ella quiz que tivéssemos della os dias feriaes, que são seus, como fizeram aquelles, a que nós succedemos; mas ainda os festivaes, e noites, que são devidas ao reposito da humanidade, empregamos em a servir em obras do mesmo ser della, de que elles, nem outrem até ora lançou mão; porque as tres partes, em que consiste todo seu ser, estado, e gloria, ordenamos em outras tantas de escriptura. A primeira (como no principio dissemos) he esta, que trata da Milicia; a segunda à Geografia do conquistado, e descoberto; e a terceira do Commercio, que he o fim das duas. Pois se por tomarmos cuidado não sómente de dar conta das

col-

A P O L O G I A.

cozas , que tocam ao Commercio da India , e Guiné , como fizeram nossos antecessores ; mas além desta parte (perdendo o somno) tomamos estoutro novo trabalho de escrever os Commentarios de sua gloria , e nome que tem ácerca de todas as gentes , nos faz perder os meritos do proprio officio ; Deos , que julga as obras , e tenção de cada hum , julgue as nossas , pois o juizo dos homens está mais prompto em julgar a outrem , que a si mesmo. Porém contra aquelles , que mal sentem deste nosso trabalho , isto podemos affirmar : Que as obras , cujo fim he algum bem commum , passada a murmuração , ficam ellas vivas , e a memoria de seu Author , por mais dentadas que em vida lhe dem. E se as materiaes tem esta regra , que será naquellas , per que (diz Tullio) passam as cozas , e ficam as escrituras ? porque esta lei tem os bens do entendimento , não serem sujeitos a nenhum infortunio , e os da Fortuna a muitos : da qual regra , que
o tem-

A P O L O G I A.

o tempo tem mostrado per todo o seu discurso, nos fica huma certa esperança, (seja-nos licito gloriar de nossos trabalhos, e não attribuido á arrogancia, posto que, como diz Valerio Maximo, não ha hi tanta humildade, que não seja tocada de gloria:) que virá tempo, em que seremos julgado por homem mais zeloso, e diligente no cuidado do bem, e gloria da patria, que da propria pessoa. Pois pola patria, no tempo que os outros cá, e lá andam a quem se carregará de mais fardos ás costas dos despojos da India, nós tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della, que estes carregados leixáram fazer delamparada, e esquecida com a occupação, e préssa, que cada hum em seu modo traz de salvar a prêa, de que lançou mão, por lhe mais importar o proprio interesse, que a gloria common da patria. A qual bandeira, mediante o adjutorio Divino, sem favor, ou esforço de quem o podia dar, e nós o espera-

va-

A P O L O G I A .

vamos, e sem temor da artilheria dos juizes daquelles, que sempre encarou em nossa face, que muitas vezes se fez vermelha com motes, e zombaria, que he hum pessimo genero de injúria, nós he hum cabeça baixa, e paciente, com o peito per terra como leal vassallo, sem o temor de tanta lingua, não descançamos até a ter arvorada á vista de todo Mundo nestas quatro Decadas, que he o discurso de cento e vinte annos de historia, melhor recebida de estrangeiros, que approvada, e agradecida dos naturaes. E posto que já demos por testemunha o proprio officio, que servimos, não lhe ser em obrigação do tempo, que gastamos nesta escriptura, e querem saber qual he logo o tempo, em que borramos tanto papel, como temos gastado nesta Obra, e em outras, que já nos sahíram da mão: por lhe tirar este escrupulo do peito o queremos fazer, contando aquelle caso, que escreve Plinio aquecer a Furio Cresino Liberto. Este Cresino tinha junto de Roma huma

ma

A P O L O G I A .

má pequena herdade , em que lavrava , e de que se mantinha , e por lhe responder com mais novidade do que haviam seus vizinhos das grandes herdades , que lavravam , movidos de inveja , foi per elles accusado , dizendo , que per encantamentos das propriedades alheias roubava as novidades pera a sua. E como era lei das doze Taboas , que todo feiticeiro , e venefico morresse ; quando veio o tempo , que elle Cresino se havia de apresentar em juizo , a que era citado por este caso , levou consigo os bois , arados , enxadas , e todo outro instrumento de sua lavoura , e huma filha baroil , que o ajudava neste trabalho. Perguntado elle pelo Juiz , que dêsse razão de si ácerca do que era accusado , disse : *Eu , Senhor , não posso trazer aqui os dias , as noites , e o suor de meus trabalhos de todo o anno , sómente trago os instrumentos delles , que são estes , que aqui apresento , puidos , e gastados de minhas mãos , com os quaes eu encanto*
a mi-

A P O L O G I A .

a minha propriedade , e faço que me
responda com fruto. Se meus vizinhos,
que me accusam , fizessem outros taes
encantamentos ás suas propriedades ,
ellas lhe responderiam como a minha
faz a mim. Com a qual razão demon-
strada á vista , vendo o Juiz que a ac-
cusação contra Cresino procedia de in-
veja , o houve por absolto della. Se nós
tambem houvessemos de trazer aqui as
vigilias da noite , o não dormir sêsta,
nem passear pela cidade, nem ir espa-
recer ao campo , nem andar em ban-
quetes , nem jogar , caçar , pescar , e
lograr outros passatempos , que leixa-
mos de fazer por condição , e fossemos
com estes instrumentos ante o Juiz de
Cresino , per ventura absolveria a nós,
e condemnaria a quem nos accusa , po-
los achar comprehendidos em alguma
destas cousas , que apontamos , usan-
do-as elles mais sobejamente do que
convem á qualidade , e idade de suas
pessoas ; pois , segundo a lei diz , con-
vem á República , que cada hum use
bem

A P O L O G I A .

bem de si , e do seu. E se o Juiz de Cresino não bastar para nos absolver, por ter pouca authoridade, absolvam-nos estes Principes com a muita que tiveram : Julio Cesar com os livros da analogia da lingua Latina, e hum Poema chamado Caminho, que compoz ambos fazendo dous caminhos de Italia pera França, e Hespanha, indo em andas ; e absolva-nos Carlos Magno com hum Arte de Grammatica, que compoz da lingua Alemã ; e absolva-nos o Papa Pio com a Geografia que fez, desculpando-se por tratar daquella materia, e não d'outra conforme á sua dignidade ; e absolva-nos El Rey Dom Affonso de Castella com suas Taboas dos movimentos dos Orbes celestes, chamadas de seu nome Alfonsis, e com hum Geografia, que compoz de toda Hespanha ; e absolva-nos o Emperador Carlos Quinto com o seu Commentario da guerra de Alemanha, e outras Obras, que ainda não sahíram á luz, posto que a primeira vai intitulada em quem

A P O L O G I A .

quem lhe serve de escritor , e revedor dellas , por o grande juizo , que tem em a censura da composição da Historia. Pois se estes Principes , e outro grande numero dellas , que leixamos de nomear , por não fazer comprido catalogo , os quaes em magestade , potencia , enidades , negocios , occupações , e juizo differem do nosso sem comparação alguma , não perdêram em compôr as taes Obras o tempo de sua obrigação , e se prezáram de o gastar em tinta , e papel , por mostrarem que tanto com elles partira a Natureza dos bens do entendimento , quanto a Fortuna de suas prosperidades , e este exercicio he a elles louvor de gloria ; em nós porque será vituperio de infamia ? Porque não sómente estes Principes em si mesmo approváram prevalecerem estes bens do engenho aos da Fortuna ; mas ainda em outrem o approvou , e confirmou o Emperador Maximiliano , no que disse por Alberto Durero , que foi ora em nossos tempos hum dos excel-

A P O L O G I A .

cellentes debuxadores de toda Europa: O qual vindo muitas vezes ante elle com algumas obras , que lhe fazia , principalmente com hum portico , que nós temos , em que está toda a sua genealogia , e feitos de guerra , que fez em sua idade , o Emperador lhe fazia muita honra , de que sentio elle , que algumas pessoas illustres , que eram presentes , motejavam disso , contra os quacs elle disse: *Sabeis vós-outros porque faço tanta honra a Alberto , porque as partes , que elle tem , por cujo respeito a merece , deo-lhas Deos , e a Natureza , e de mim não tem alguma cousa , e vós-outros as que tendes são minhas , cá não me custastes mais que affinar hum pequeno papel para vos dar o ser que tendes.* E os Principes , que fazem honra aos homens , em que Deos poz alguma particular , e extrema graça , honram a Deos na honra que lhe fazem , por ser obra sua ; e quando honram áquelles , que elles fizeram , ficam idólatras de seus proprios fei-

A P O L O G I A .

feitos ; como o Imaginario , que feita a imagem , põe-se em joelhos ante ella. Pois se hum Emperador confessa , que pôde fazer Duques , Condes , e dar grandes Estados com assinar hum pequeno papel , e não he poderoso para fazer hum Alberto pintor , quem tiver algum talento de Deos , ainda que não seja tal como o de Alberto , porque o não dará á usura ? Cá per elle será constituido na outra vida em maiores bens , como fiel servo , (segundo o Senhor em seu Evangelho promette ,) quando as obras se ordenam em seu louvor , e proveito commum. E o galardão , que haverá nesta vida , será , que se o Author dellas for ante Maximiliano Cesar , se lhe não fizer a honra de Alberto , ao menos responderá por elle áquelles , que o desprezarem. E per esta maneira dá-se a Deos o de Deos , e a Cesar o seu , e os Maliciosos ficarão confusos na maldade de seus argumentos. Quanto á resposta , que ainda devemos aos Parentes , e Amigos por as culpas que

nos

A P O L O G I A .

nos dam ; pero que as suas grandes admoeftações , com que nos quizeram castigar , (seguindo nellas o intento do Mundo presente ,) pediam comprida resposta , pedimos-lhe que nos hajam por escuso della , e elles por pagos com esta historia , que Aristoteles traz no primeiro livro de sua Politica , pois , per exemplos , vou neste modo de responder a todos. O Filosofo Tales Milesio era mui zombado dos outros Filofofos , vendo que a Filosofia natural , a que se elle dava , não era de muito ganho , e proveito. Tales por tirar este opprobrio , e infamia á Filosofia , vendo per Astrologia que o anno vindouro não havia de haver novidade de azeite , esse pouco dinheiro que tinha deo em final de huma grande copia delle , que comprou ; e vinda a novidade , pola carestia delle vendeo o que tinha comprado por huma grande somma de dinheiro , o qual a mostrou áquelles , que zombavam delle , dizendo : *Que a Filosofia Natural não lei-*

A P O L O G I A.

xava de enriquecer aos que se davam
a ella, senão porque elles engeitavam
as riquezas; e com esta demonstração
animou muitos ao estudo della, e a se-
guirem a sua doutrina. Nós nesta nos-
sa inclinação, (ou como lhe cada hum
quizer chamar,) posto que não sejamos
Tales pera saber o que está por vir,
pelo passado per nós, e que passa cada
dia pelas mãos, tambem poderíamos
comprar do azeite, com que allumiasse
a mim, e a meus filhos, por não an-
darmos tanto ás escuras do Mundo co-
mo andamos. Porém como esta clari-
dade de azeite tem hum certo termo
de luz, que he até á sombra da mor-
te, e mais por ser de azeite deixa ás
vezes nodoas, que duram eternamen-
te: quando apparecer hum Tratado
nosso intitulado das abusões do tempo,
em que particularmente escrevemos as
nossas abusões, de que nos taxam, e
as que vimos usar ao mesmo tempo,
então se verá se permaneceo cada hum
na vocação a que foi chamado, e se
lei-

A P O L O G I A .

leixou a propria pola impropria a seu estado, officio, e habito. Porque como com esta authoridade de S. Paulo nos quizeram arguir, que leixavamos a obrigação de nosso officio por este de escrever voluntario: A mesma authoridade havemos de tomar por thema contra aquelles, que jazem nesta culpa, sem terem algum exercicio proveitoso á República, ou se o tem, se leixam o mais polo menos. E tambem então se verá porque imitamos ante a doutrina de Tales, que o seu azeite, que he o voto de nossos Parentes, e Amigos, cuja he esta resposta. E verdadeiramente Deos he testemunha, que nenhuma destas quatro sortes de escandalo, a que respondemos, obrou tanto em nós, que por elle recebessemos mais trabalho, que este de responder a todas; pero não me poder aqueixar de hum certo genero de pessoas, que não fallam bem, nem mal, no juizo das quaes nós tinhamos posto o premio de nosso trabalho, aquí se perde toda a pa-

A P O L O G I A.

paciencia, sem a poder soltar do animo pera fóra: por este calar delles ser huma obra crua, e pessima, e de maior dor, e tormento, que se póde dar a hum homem. E pois com calar, e outras cousas, a que não pouho nome por reverencia dos seus nomes, nos pagam nosso trabalho, este só premio queremos delle ante aquelles, que o acceptáram de boa vontade, saber, que tendo nós ante os olhos estes desenganos, póde mais o amor da patria, que o seu galardão. E porque nós não queriamos dar, nem receber escandalo de alguém, nem menos ouvir queixumes de alguns, que em nossa escritura demos muito louvor a huns, e não tanto a outros, e que em huma parte fomos largo, e em outra curto, e que escrevemos os bens, que cada hum fez, e não os males, e roubos; e assi dizem outras palavras, a que propriamente podemos chamar fastios de gente enferma de doença de ingratitude; pedimos por mercê a estes enfermos, a que

Tom. IV. P. I.

noi-

A P O L O G I A.

nosso trabalho não aprouve, que lhe apraza de nós perdoar o que até aqui tomamos por elles, cuidando de lhe ser aprafivel, e nós os não enfastiaremos mais com outra escriptura nossa. E não nos hajam por homein, que não cumpre com sua palavra, pois no principio desta escriptura promettemos escrever as cousas, que elles fizeram em Europa, e Africa; porque quando fiz a tal promessa, parecia-me que podia achar em meus naturaes aquella acceptação, que Lucilio achava nos seus Cosentinos, e Tarentinos, pera os quaes elle dizia sómente escrever, e não pera estranhos. Mas pois meus naturaes com suas palavras me desobrigam das minhas, não me podem obrigar pola lei da obrigação dellas; pois a mesma lei quer que não haja obrigação onde não ha acceptação. E porque nesta parte estou mais obrigado aos estranhos, que a elles, por lhe serem meus trabalhos mais acceptos; pera os satisfazer no que esperam de

-lon

L. R. M. mim,

A P O L O G I A .

mim, converto a minha penna a estes, que me querem, escrevendo a Geografia de todo o Orbe descuberto, e as gentes delle: Imitando neste proposito a S. Paulo, (se he licito usar das grandes cousas pera exemplo das pequenas;) o qual vendo que os Hebreos seus naturaes, a quem elle primeiro que ás outras gentes era obrigado denunciar o E'vangelho, não o quizeram acceptar per elle, disse: *Ecce convertimur ad Gentes.*

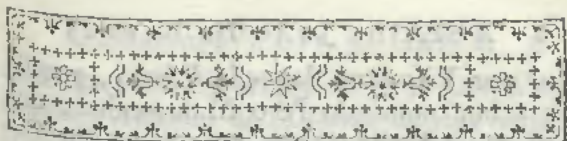
*Successor de D. Henrique de Men-
diz, e se achou que Pedro Madruga
foi o primeiro a fazer o mesmo, for-
mou-se Lopo P'ns de Sampaio.*



Exon que o Governador Dom Henrique de Meneses foi se-
parado da Capella de S. Pedro
da Igreja de Lamego, con-
tra o fideiussor de 24 de Fevereiro
de 1577, dos registos nos muni-
cipios da Terceira Decada, sobre o
Secretario Vozes Pegado a segunda lincada
da dita obra que levou a India o Corde
de S. Paulo da Cama, quando
Tom. II. P. 1. A 116

*Trabalho e impressão feitas, por ED-
uardo de S. Paulo, e de S. Paulo, e de S. Paulo,
na Rua de S. Francisco de 116.*

DE-



DECADA QUARTA. LIVRO I.

Governava a India Lopo Vaz
de Sampaio.

CAPITULO I.

Como foi aberta a successão de quem havia de succeder a D. Henrique de Menezes, e se achou que Pero Mascarenhas; e por elle estar ausente, succedeo Lopo Vaz de Sampaio.



Depois que o Governador Dom Henrique de Menezes foi sepultado na Capella de Sant-Iago da Igreja de Cananor, onde faleceo a 23 de Fevereiro do anno de 1527, como escrevemos no ultimo Capitulo da Terceira Decada, abriu o Secretario Vicente Pegado a segunda successão das tres que levou á India o Conde Almirante D. Vasco da Gama, quando
Tom. IV. P. I. A foi

^a Foram estas as primeiras successões, que EIRey Dom João mandou á India, a de Pero Mascarenhas foi feita em Evora a 10 de Fevereiro de 1524.

foi por Viso-Rey daquelle Estado, e nella se achou nomeado Pero Mascarenhas, que estava em Malaca havia hum anno por Capitão daquelle fortaleza. Ficáram mui confusos com esta nomeação os Fidalgos presentes; porque Pero Mascarenhas não podia ser avisado senão em Maio, tempo da monção, em que se navega da India para aquellas partes, e dellas não podia elle vir á India senão na outra monção do anno seguinte: largo prazo para ter a India o seu Governador ausente, quando estava de guerra com os Reys de Calecut, e Cambaya, e com novas certas, que no mar Roxo apres-tava o Grão Turco Solimão huma Armada para deitar da India os Portuguezes, pelo que convinha tomar breve resolução no modo do Governo. Esta dependia de varios pareceres; porque muitos votáram, que se nomeassem Regentes que governassem, em quanto não viesse Pero Mascarenhas; a outros pareceo que se abrisse a terceira successão, e que governasse quem nella viesse nomeado, jurando solemnemente, que vindo Pero Mascarenhas, lhe entregaria o Governo; e que ao mesmo se obrigassem com semelhante juramento Affonso Mexia Veedor da Fazenda, o Licenciado João de Osouro Ouvidor geral, D. Simão de Menezes Capitão de Cananor, D. Vaf-

co

co Deça, D. Henrique Deça, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Miranda de Azevedo, D. Affonso de Menezes, D. Antonio da Silveira, Manuel de Brito, Antonio da Silveira, Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita seu irmão, Diogo da Silveira, Manuel de Macedo, D. Vasco de Lima, Martin Affonso de Mello Jusarte, D. Jorge de Menezes, D. Jorge de Castro, Francisco de Taide, e outros Fidalgos que estavam presentes. Contrariavam alguns este voto, e principalmente D. Vasco Deça, dizendo, que abrir-se a terceira successão, vivo o Governador nomeado pela segunda, era contra o serviço d'ElRey, e suas Provisões, e grande inconveniente, sabendo-se tanto ante mão quem havia de succeder ao Governador, que ainda não entrara no Governo; e que o que o tivesse, o não quereria largar a Pero Mascarenhas quando viesse de Malaca, de que resultariam grandes differenças, e inquietações. Mas não approvando Affonso Mexia este acertado parecer de D. Vasco, acabou com todos os mais Fidalgos, que a terceira successão se abrisse; causa das discordias, que depois houve na India, que a serem menos leaes os corações Portuguezes, passáram a huma guerra civil, com que aquelle Estado se perdêra. Parece que lhe revelou o Espirito os

futuros defalfocegos ao Governador D. Henrique de Menezes ; porque dous dias antes que morresse , por não faltar em cousa alguma ao serviço d'ElRey , fazendo huma prática aos Fidalgos sobre as cousas que tocavam ao Governo da India , lhes disse , que porque poderia estar ausente a pessoa que lhe houvesse de succeder , elle deixava nomeada outra em hum papel cerrado , a qual affirmava , que tinha as qualidades necessarias para governar , em quanto o seu successor não viesse. Era este Fidalgo Francisco de Sá Capitão de Goa , a quem bastava a approvação do Governador para occupar inerecidamente maiores cargos. Mas esta Provisão por respeito particulares não appareceo ; que se fora vista , e se fizera o que D. Henrique nella deixava ordenado , por ventura que se não arriscára o estado da India , nem as partes principaes , e authores dos tratos cautelosos , que nesta nomeação houve , não foram depois accusados , e castigados.

Determinados pois os Fidalgos que se abrisse a terceira successão , juraram todos como estava assentado , que obedeceriam a Pero Mascarenhas , logo que viesse de Malaca , e não á pessoa que governasse pela terceira successão , a quem obrigariam que entregasse o governo da India a Pero Mascarenhas.

carenhas. Feito de tudo hum auto pelo Secretario Vicente Pegado, em que todos asfináram, abriu elle a terceira successão ^a, na qual ElRey nomeava a Lopo Vaz de Sampaio para governar a India por morte de Pedro Mascarenhas ^b. Affonso Mexia, a quem por razão de seu officio tocava o cargo destas successões, com os Officiaes, e pessoas que se acháram neste auto, se partio para Cochij, onde Lopo Vaz estava por Capitão; e chegados em breves dias áquella Cidade, lhe entregáram o governo da India conditionalmente para elle a entregar a Pedro Mascarenhas quando viesse, e assi o jurou Lopo Vaz nos Evangelhos com toda a solemnidade, de que se fez outro auto, que elle asfinou com os Fidalgos atrás nomeados, os quaes com novo juramento ratificáram o que juráram em Cananor.

Entregue Lopo Vaz de Sampaio da governança, a primeira cousa que fez foi dar a capitania de Cochij a D. Vasco Deça, filho de D. João Deça, irmão de sua mulher, e despachou a Jorge Cabral, (como

D.

^a O Alvará desta successão de Lopo Vaz foi feito em Evora a 26 de Fevereiro de 524.

^b Francisco de Andrade diz, que a successão de Pedro Mascarenhas se abriu em Cananor, donde viera de Cochij Lopo Vaz de Sampaio com o aviso da morte de D. Henrique; e que de Cananor se fôram todos a Cochij, onde se abriu a successão de Lopo Vaz. Cap. 1. e 2. da seg. Parte.

6 ASIA DE JOÃO DE BARROS

D. Henrique tinha mandado,) para as Ilhas de Maldiva ás prezas das náos dos Mouros, que fugindo da costa da India com temor das nossas Armadas, intentáram aquella nova navegação, para de Cambaia, e do estreito do mar Roxo irem, e virem a Bengala, e a Camatra. Ficando estes Capitães para Affonso Mexia os prover do necessario, e irem fazer suas viagens, Lopo Vaz se partio logo com huma frota de sete vélas para ir correndo a costa, e acabar de a alimpar dos ladrões que a infestavam. Foram os Capitães desta Armada D. Vasco de Lima na galé bastarda em que hia o Governador, Manuel de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, Diogo da Silveira, Manuel de Brito, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita seu irmão, e Antonio da Silva de Menezes, que era vindo de fondar a barra de Dio, onde D. Henrique o mandou, com cuja morte fenecêram todos os apercebimentos, que elle aprestava para aquella empreza.

Correndo Lopo Vaz de Sampaio a costa, tomou Cananor, e alli recebeu cartas de D. Jorge Tello, e de Pedro de Faria, (que estavam sobre a barra de Bacanor,) com aviso, que tinham dentro encerrada huma grossa Armada do Çamorij, a qual os Mouros refazião a muita pressa para navegar a Cambaia,

baia, ao que elles não poderiam resistir por ser grande o número dos navios, e gente. Lopo Vaz lidas as cartas, e considerado o poder dos inimigos, e o pouco que levava, (que não passava de setecentos homens, despachou hum Catur muito ligeiro para Goa a chamar Antonio da Silveira, e Christovão de Sousa, que com os seus galéões se viessem para elle, e os esperava na barra de Bacanor; e mandou a Manuel de Brito, que se adiantasse, e com o seu galéão se fosse juntar com D. Jorge, e Pedro de Faria, escrevendo-lhes, que procurassem não sahisse fóra a Armada inimiga, em quanto elle não chegava com a sua; e provendo-se de mais bastimentos, e munições, partito para Bacanor.

C A P I T U L O II.

O Governador Lopo Vaz de Sampaio commetteo a Armada do Çamorij, que estava no rio de Bacanor, e houve dos Mouros huma grande vitoria.

A Visado Cotiale Capitão mór da Armada Malavar da partida do Governador de Cananor, e que hia com tenção de pelear com elle, não se atrevendo a sahir do rio de Bacanor com temor dos tres galcões que estavam sobre a barra, deter-

minou de o esperar em terra, onde lhe pareceo que tinha a vitoria certa, se nella e quizessem commetter. Para o que se apercebeo, retirando os seus navios quanto pode pelo rio dentro, para lhe não poderem chegar os nossos; e de humia, e de outra parte do rio mandou fazer grandes, e fortes tranqueiras de madeira, terrapleradas, com que estreitou muito o canal, e nellas assentou muita artilheria, para que não passasse embarcação sem perigo certo de ser mettida no fundo; e de tranqueira a tranqueira atravessáram viradores grossos cubertos de agua, em que encalhando as embarcações, entezando-os, soçobrassem.

Lopo Vaz chegado a Bacanor, depois que soube que os Mouros estavam bem fortificados, e que seriam mais de dez mil, determinou de entrar o rio, e pelejar com elles, posto que llo contrariáram os Capitães, representando-lhe grandes difficuldades; as quaes não o mudando de seu parecer, quiz reconhecer per si mesmo a fortificação dos inimigos, não se confiando de outrem. E assi o dia seguinte ante manhã, por fazer bom luar, com tres catures; elle em hum, e nos dous Paio Rodrigues de Araujo de Barros, e Manuel de Brito Capitães nãu esforçados, que foram de voto que pelejassem, entrou pelo rio dentro, e
per

per huma chuva de pelouros da artilheria das tranqueiras que os Mouros, sentindo os catures, dispararam sobre elles, foi o Governador reconhecendo tudo, e sem damno algum voltou com igual perigo. E porque Paio Rodrigues cortara á entrada hum dos viradores, que das tranqueiras estavam atravessados, mandou Lopo Vaz cortar todos para desimpedir o caminho ás nossas embarcações. E sabendo que naquelles dez, ou doze mil homens, que alli estavam para defender os paraos, havia alguns cinco mil naturaes da terra, e ella era d'ElRey de Narsinga, que tinha paz, e amizade com ElRey de Portugal, mandou dizer a estes, que se espantava tomarem armas contra os Portuguezes em defensão de seus inimigos; que elle lhes requeria da parte de ambos os Reys, e por a paz que tinham assentada, que se apartassem daquella gente, porque determinava de a ir castigar, e não queria offendellos a elles, pois os tinha por amigos. Ao que respondêram, que não estava em razão desampararem huns homens, que se a elles acolhiam, e que muito mais offenderiam a ElRey seu Senhor em os desamparar, que em offender a quem algum damno, e mal lhes quizesse fazer. Estas, e outras diligencias fez Lopo Vaz de Sampaio primeiro que commettete aquelle feito. O qual posto se-

segunda vez em Conselho, foi mui contrariado, pondo-lhe muitos inconvenientes, hum dos quaes, e o mais importante era ser aquella terra d'ElRey de Narsinga. E posto que elle tivesse feito aquelle cumprimento com os seus naturaes, como dizia, recebendo elles algum damno, ficavam os Portuguezes, que estavam em Narsinga, arriscados a lançar ElRey mão per suas pessoas, e fazendas; e nesta sua sabida em terra não se ganhava mais que tomar huns poucos de paraos, e de pimenta. E que não era serviço d'ElRey por tão pouco interesse aventurar tanta nobreza de gente, e a frol da India, que alli estava. Não se fundava este voto em covardia, (que bem entendiam os que o davam, que cousas maiores podia emprender o Governador, e os Capitães que o acompanhavam,) senão em inveja do valor de Lopo Vaz de Sampaio, cujos émulos eram muitos delles, presumindo pela opinião que tinham de si, que pudéram ser nomeados por ElRey, como elle, para o governo da India; e querendo impedir a reputação, que Lopo Vaz poderia ganhar naquella empreza, se lhe succedesse bem, desprezavam a gloria particular, que daquella vitoria, como soldados, lhes podia caber. Lopo Vaz como era valeroso, e de grande animo, parecia-lhe fraqueza; e me-
nos

nos cabo da sua opinião, que com os Mouros queria accrescentar, não commetter aquelle feito para que alli viera, e partir-se sem vingiar as mortes, e perdas, que os Portuguezes daquelles Mouros recebiam. E como os que eram de voto que não pelejassem, eram mais que os do contrario parecer, não se resolveo té a vinda de Antonio da Silveira, e Christovão de Sousa, que foi dahi a dous dias; cujos pareceres sendo conformes com o seu, e seguidos quasi de todos, que pela authoridade destes dous Fidalgos se retrataram, teve Lopo Vaz por mui certa a vitoria dos inimigos, e se determinou de sair logo em terra, o que ordenou desta maneira. Daquelles bateis grandes, e mantas, que D. Henrique tinha para commetter Dio, mandou concertar tres com artilheria bem ordenada, e em cada hum poz cem homens, para que de huma chegada á terra lançarem nella trezentos; e bargantijs hiam outros trezentos soldados; e os Capitães dos bateis, que haviam de ir diante, eram Manuel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo: o Governador os havia de seguir, rodeado de huma illhargá, e da outra dos outros navios de remo, nas quaes embarcações hiam té mil homens Portuguezes, a fóra os Canarijs, e Malavares que remavam. Os Mouros dentro do rio, onde

de a terra fazia huma ponta, que ficava em lugar de baluarte para defender a passagem, tinham feito huma cerca de pedra, e taipa, bem entulhada, e rebatida, que daria pela barba a hum homem, e em tres estancias della puzeram artilheria, que jogava a través huma da outra; e distancia de sete palmos entre o lugar, onde os nossos poderiam desembarcar, e as estacadas, tinham feito outra estacada, e de huma a outra estava atraveçada huma viga ao lume d'gna, que não fosse vista, e por baixo hum virador, para embaraçar, e trabucar os nossos bateis, quando alli fossem ter. Sendo Lopo Vaz sabedor deste artificio, ordenou hum Catur mui pequeno, que fosse diante, e dêsse aviso aos dos bateis, que haviam de ir na dianteira, que não desparassem a artilheria, e que elle poria o rosto a huma parte, como guia, para furtar a volta aos Mouros, e desembarcar em outra parte não cuidada d'elles. Isto assi ordenado, cometeram os inimigos ao outro dia pela manhã, partindo Lopo Vaz com grande estrondo, e grita de toda a gente, e com o remo tão tezo, como quem hia ganhar algum pario; e permittio Deos que não foram os perigos, que passaram tão grandes, como foram os medos, e difficuldades, que no Conselho se puzeram, principalmente quando che-

chegaram ao baluarte ; porque ainda que elle descarregou sua artilheria , como as nossas embarcações eram guiadas pelo Catur , passaram com muito menos perigo , e foram demandar este baluarte per outro lugar , que não tinha través , nem os embaraços referidos. Neste tempo despedio o Governador a Pero de Faria para queimar os paraos , que estavam diante , e Antonio da Silveira per hum lado , e o Governador per outro ; e Manuel de Brito , e Paio Rodrigues de Araujo diante ás lançadas , e espingardadas , dando *Sant-Iago* nos Mouros , os fizeram retirar da guarda dos paraos , com que houve lugar para os queimar. Foi este feito tão pelejado de huma , e outra parte , que dos nossos morreram quatro Portuguezes , e foram feridos oitenta e cinco ; e os paraos dos inimigos , que eram setenta e tantos , foram queimados , e tomada toda a artilheria do baluarte , e tranqueiras , que eram mais de oitenta peças , algumas de bronze. No lugar não quiz Lopo Vaz que tocassem , por ser d'ElRey de Narsinga , e alli o tinha mandado aos Capitães. E posto que elle havia amoestado aos do lugar , que se afastassem daquelle perigo , os que nelle entraram , tambem levaram boa parte nos mortos , e feridos : dos outros se não soube o número ; mas segundo a cousa foi pelejada , de-

devia ser grande; porém o de que se teve noticia foi serem mortos alguns homens nobres de Calecut, por os quaes na Cidade houve grande pranto: o que o Camorim muito sentio, por ser esta notavel perda sobre as outras, que tinha recebido. A pessoa assinalada dos Portuguezes, que nesta peleja correo maior risco foi D. Jorge de Menezes, a quem se alagou o batel, em que hia com toda a gente; e como elle não sabia nadar, e hia armado, andou debaixo da agua bebendo muita, té que lhe acudiram outros bateis, e o salváram.

C A P I T U L O III.

Como Lopo Vaz de Sampaio chegou a Goa, e foi recebido nella por Governador da India, e das Armadas que fez.

HAvida esta vitoria em Bacanor, partio o Governador Lopo Vaz de Sampaio para Goa; e entrando pelo rio de Pangin, Francisco de Sá Capitão da Cidade, per conselho dos Officiaes da Camara, lhe mandou requerer, que não passasse dalli, porque o não havia de receber como Governador da India, pois o não era, por ser eleito por homens, que para isso não tinham poder, e não por ElRey, nem pelo seu Governador, e que Pero Mascarenhas era o Governador.

nador, e em sua ausencia elle Francisco de Sá, que fora nomeado por D. Henrique de Menezes, como atrás escrevemos, e que quizesse para os outros o direito que quiz para si. Porque morrendo o Conde Viso-Rey, deixou nomeado a elle Lopo Vaz por Governador da India, té vir a pessoa, que ElRey mandava, que o succedesse, o que se cumprio^a; e assi que agora guardasse a mesma lei, e deixasse governar a elle. Deste requerimento fez Lopo Vaz pouca conta, e foi-se pelo rio acima té chegar ás portas da Cidade, sem lhas quererem abrir. E depois de muitas altercações consentio Francisco de Sá no que a Camara quiz, que já estava de outro parecer, intervindo nisso Christovão de Sousa; e assi foi Lopo Vaz de Sampaio recebido naquella Cidade como Governador.

Começou logo a entender nos negocios do Governo; e a primeira cousa que fez foi pôr huma não da carreira de Malaca, (que Antonio da Silva de Menezes tinha com as roupas, que fingidamente D. Henrique mandou buscar a Dio,) mandar recado a Pero Mascarenhas da sua successão no Governo da India, a qual nova lhe era já mandada per duas vias, como adiante se dirá. E porque Francisco de Sá, que estava por Capitão em Goa, quando partio de Portugal com o Conde

^a Decada 3. liv. 9. cap. 2.

de Almirante levava Provisão para ir a Sum-
da fazer nella humo fortaleza, tirou-lhe Lo-
po Vaz a capitania de Goa, e deo-a a An-
tonio da Silveira de Menezes, (que tinha
desposado com D. Mencia sua filha,) o qual
estava provido da capitania de Çofala, que
deste Reyno levou, mas não entrava ainda
nella; e a Francisco de Sá mandou dar dous
galeões, humo galé, humo galeota, humo
caravella, e hum bargantim com quatrocen-
tos homens, e todos os bastimentos, e nut-
rições necessarias para a Armada, e Forta-
leza que hia fazer. E a D. Jorge de Mene-
zes, que ficára provido da capitania de Ma-
luco pelo Governador D. Henrique, despa-
chou para ir entrar nella com dous navios,
e cem homens; e em sua companhia a Si-
mão de Sousa Galvão filho de Duarte Gal-
vão, que havia de servir de Capitão mór
do mar de Maluco ^a. Fez mais o Governar-
dor outra Armada de quatorze vélas, de
que hia por Capitão mór Antonio de Mi-
randa de Azevedo para andar em guarda da
costa da India, e impedir as náos do estre-
ito de Meca levarem pimenta. E para guar-
da dos ladrões, que andavam em Coroman-
del, fez outra Armada de nove vélas, de

^{que}
a Este cargo de Capitão mór do mar de Maluco não ser-
vio Simão de Sousa, por ser pouca satisfação de seus ser-
ços, e ficou em Maluca, e acompanhou Pero Alajcarenhas
na tomada de Bintam.

que foi por Capitão mór Manuel da Gama, o qual com ella alimpou aquella costa de Cossairos Malavares, que nella andavam, e cobrou toda a fazenda de huma não nos-
sa muito rica, que estes ladrões tomáram em Paleacate, com morte de oito Portuguezes. E assi deo tres navios a Ruy Vaz Pereira, com que fosse a Bengala andar ás prezas^a. E por Lopo Vaz ter recado das differenças, e discordias, que havia entre El Rey de Ormuz, e Ruez Xaraso, e o Capitão Diogo de Mello, e ser chamado por El Rey, com os mesmos queixumes, que já tinha enviados a D. Henrique de Menezes, determinou de acudir a apaziguar aquellas revoltas antes que viessem a mais. Não havendo por inconveniente, tendo espalhado tantas Armadas, deixar a India, e ir a Ormuz, fazendo elle poucos dias atrás requerimento a D. Henrique, que lá não fosse por El Rey o defender aos Governadores,

Tom. IV. P. I.

B

co-

^a Sabendo Lopo Vaz, que Jorge Cabral era partido para Malaca, mandou Martin Affonso de Mello Jusarte de Ilhas de Maldiva com huma Armada de cinco fustas, e huma cavarella, com a qual se poz Martin Affonso de Mello em hum dos Canaes daquellas ilhas, distribuindo as fustas pelos outros, e nelle topou huma não de Rumes, que hia de Tanaçarim para Méca, que levava trezentos soldados, e muita artilheria; pelejou com ella Martin Affonso, e depois de huma porfiada batalha, que durou todo hum dia, o tomou com morte de todos os Rumes. Fernão Lopes de Castanheda liv. 7. c. 3. e Diogo do Couto Dec. 4. liv. 1. cap. 6.

como no precedente Livro escrevemos. E affi sendo vinte dias de Março, em que a monção era quasi gastada para navegar áquellas partes de Ormuz, partio mal acompanhado, e como não convinha á dignidade do feu cargo; porque levou pouco mais de trezentos soldados em cinco vélas, que eram huma galé bastarda, em que elle foi, e por Capitão della D. Vasco de Lima, e tres galeões, de que eram Capitães D. Affonso de Menezes, Manuel de Macedo, e Manuel de Brito, e hum bargantim para serviço das outras vélas, de que era Capitão João Ramires, que tambem era Capitão da guarda do Governador.

CAPITULO IV.

Do que aconteceu a Lopo Vaz de Sampaio na viagem de Goa a Ormuz, e do que fez naquella Cidade.

Sendo a partida de Lopo Vaz de Sampaio fóra de monção, passou muito trabalho com as calmarias; e por as aguas correrem muito para Ceilão, andou alli mais de oito dias sem os Pilotos saberem onde estavam por navegarem per rumo de Leste a Oeste, em que se não conhece a differença da altura de Norte a Sul: finalmente o negocio chegou a tanto, que por terem gastada a

agua, veio a gente a adoecer, e morrer, e muitos constringidos da necessidade bebiam agua salgada, e para a adoçar lhe lançavam muito açucar, com que mais se lhe incitava a sede. Com este trabalho chegou a Calaiate, que está na costa da Arabia, e he do Reyno de Ormuz, onde a gente que hia bem enferma tornou ás suas forças com a agua fresca. E por esta viagem, que Lopo Vaz fez per esta Villa de Calaiate, e pela de Mascate, tornáram ellas á obediencia d'El Rey de Portugal, estando levantadas contra elle; e a causa do levantamento era ter Diogo de Mello Capitão de Ormuz prezo a Racz Xarafa Guazil d'El Rey de Ormuz por paixões, que procediam mais de particulares interesses de Diogo de Mello, que do serviço del Rey; sobre as quaes escrevêram El Rey de Ormuz, e Racz Xarafa a D. Henrique de Menezes; e respondendo elle ás suas cartas, escreveu a Diogo de Mello, que tratasse bem a Racz Xarafa; e entre outras palavras lhe disse, que lhe pedia se houvesse naquelles negocios temperadamente, e não dêsse occasião que os seus trinta annos fossem a Ormuz a emendar os sessenta d'elle Diogo de Mello. Destas palavras se sentio Diogo de Mello, e receava muito que Dom Henrique fosse a Ormuz; e como o vio morto, escandalizado do que Racz Xarafa lhe

poderia escrever, porque obrigou a D. Henrique escrever-lhe aquellas palavras, confiado no parentesco que tinha com o Governador Lopo Vaz, o mandou prender. E bem se vio proceder a prizão desta causa; porque chegado Lopo Vaz de Sampaio a Ormuz aos tres dias de Junho, em poucos, todas as differenças, e paixões se apaziguáram, ficando Raez Xarafa solto, e restituído a seu Guazilado; o qual, como prudente, e sagaz que era, como soube que Diogo de Mello era parente de Lopo Vaz de Sampaio, e favorecido d'elle, cessou de seus queixumes. Mas a fazenda delRey de Ormuz veio a pagar todas as paixões; porque Lopo Vaz contentou-se de arrecadar sessenta mil pardaos, que devia dos annos passados das pareas, e dez mil de huma não de preza, que mandou vender. Deo esta venda materia de murmurações, e muito mais a arrecadação da fazenda que ella trazia. Tomára esta não no cabo de Guardafú Francisco de Mendonça, (a quem o Governador levou na sua companhia a Ormuz, achando-o na aguada de Teive, quando por alli passou,) Capitão de hum galeão da Armada de Eitor da Silveira, com a qual o mandou ao estreito do mar Roxo D. Henrique de Menezes, de

cuja
 a *A viagem, e successos desta Armada de Eitor da Silveira escreveu João de Barros no Dec. 3. liv. 10. cap. 1.*

cuja morte sendo elle sabedor em Mascate, e que governava Lopo Vaz de Sampaio, se veio a Ormuz, aonde chegou aos 26 de Junho, trazendo consigo a Zagazabo Embaixador do Preste João, e a D. Rodrigo de Lima, que na sua Corte, e Reyno estivera seis annos por Embaixador del Rey de Portugal.

CAPITULO V.

Como Eitor da Silveira foi a Dio, e do que alli passou com Melique Saca, e do que ordenou o Governador com as novas da Armada dos Rumes.

DEpois que Lopo Vaz de Sampaio recebeu ao Embaixador do Preste João com a honra que lhe era devida, e o mandou agasalhar, e prover mui largamente do necessario, como fez tempo, (o que foi no mez de Julho daquelle anno de 1526,) logo despedio a Eitor da Silveira para que se fosse diante d'elle lançar á ponta de Dio a esperar alli as náos que hiam do mar Roxo a Cambaia. Nesta paragem tomou elle tres náos grossas, das quaes as duas abalroaram Manuel de Macedo, e Henrique de Macedo, ambos irmãos, e assi tomou tambem hum Zambuco; e por elle ser o primeiro da preza, despejado da fazenda, o

met-

N IMPRENSA
NACIONAL

metteo no fundo, e com as tres náos se veio esperar o Governador a Chaul. E posto que destas náos muitos homens se aproveitáram bem, rendêram mais de setenta mil pardaos para ElRey, e partes. E Eitor da Silveira não sómente ganhou muita honra no modo de as tomar, mas mostrou muita limpeza de sua pessoa na entrega dellas aos officiaes d'ElRey em Chaul.

Cinco dias depois desta entrega chegáram duas Atalaias de Dio com cartas de Melique Saca Capitão daquella Cidade, filho do nomeado Melique Az, que já era falecido; huma das cartas era para o Governador, e outra para Christovão de Souza Capitão de Chaul, pedindo-lhe, que mandasse a elle hum homem de authoridade para falar com elle cousas que importavam muito ao serviço delRey de Portugal; e que da sua parte lhe requeria que fosse mui em breve; e entretanto mandasse a outra carta ao Governador, para prover no mesmo negocio em prompto, tanto que elle soubesse per a pessoa que lá mandasse a importancia do caso, por não ser de qualidade para o escrever. Consultada a pressa deste Mouro entre Christovão de Souza, e Eitor da Silveira, e com os Capitães das náos que hi estavam, assentáram, que Eitor da Silveira se devia ver com Melique Saca; porque não

po-

podia deixar de ser algum grande mysterio, e cousa mui importante ao serviço d'ElRey de Portugal, pois aquelle Capitão a requeria com tanta instancia, e com protestos. Eitor da Silveira se partio logo no galeão de Manuel de Macedo, levando mais dous bargantijs; e chegado a Dio teve prática com Melique Saca, o qual por mostrar que o não mandára chamar sem causa, começou de lhe contar hum grande processo de historias verdadeiras com artificio, para com ellas encubrir suas mentiras. Foi a historia dizer-lhe, que elle o mandára chamar por fugir á ira d'ElRey seu Senhor, que era tão cruel, que matára já a seu proprio irmão, a quem vinha o Reyno per ligítima successão, e assi matára muitos homens notaveis, mais por lhes roubar suas fazendas, que por culpas algumas. E porque da Corte lhe tinham escrito pessoas do Conselho Real, que se guardasse d'ElRey, porque determinava de ir contra elle, e tirar-lhe a vida, e tomar-lhe a fazenda; que antes que viesse aquella hora, elle determinava de entregar a Cidade de Dio ao Governador da India; e sahirse della a povoar huma Ilha junto da ponta de Jaquete, que distava dalli 35 leguas, por fugir da morte, que lhe aquelle tyranno queria dar sem causa; e que a entrega da Cidade faria ao Governador com tal con-

dição, que elle houvesse a metade dos direitos que rendesse aquella Alfandega em sua vida. E porque isto não se podia fazer senão com o Governador presente, que lho devia mandar dizer, e que mandasse mais gente para se este negocio fazer sem alvoroço do povo da Cidade. Eitor da Silveira, segundo vio a mostra que Melique Saca dava da indignação que tinha contra ElRey, e das cruzas referidas, que usava no Reyno, parecia-lhe que tinha a Cidade de Dio nas mãos, e escreveu logo a Lopo Vaz de Sampaio per Manuel de Macedo, que enviou em hum dos bargantijs, que lhe mandasse mais gente, e navios, porque Melique Saca estava para lhe entregar a Cidade; e não lhe quiz dizer de elle Governador haver de estar presente, como Melique pedia, parecendo-lhe que elle per si só faria isto, e ganharia a honra daquelle negocio. E por Lopo Vaz estar já em Chaul da volta de Ormuz, mandou-lhe o galeão S. Rafael, de que hia por Capitão Fernão Rodrigues Barba com duzentos homens, e Gonçalo Gomes de Azevedo em hum navio com cinquenta.

A tenção deste Melique Saca em escrever a Christovão de Sousa, e o Governador, não foi mais que para haver algumas velas nossas com gente, para ElRey Badur

de Cambaia suspeitar que queria dar a Cidade de Dio aos Portuguezes; e tomando disto algum receio, assentar elle com Badur seus negocios á sua vontade. E assi se fez, porque Melique entreteve a Eitor da Silveira mais de quarenta dias, no qual tempo ElRey foi avisado, que o Capitão mór do mar estava na barra de Dio, e o Governador em Chaul, e tinha prática com Melique, com a qual nova lhe concedeo ElRey todos os seguros, e mais cousas que lhe pediu, com que ficou satisfeito por então. E porque nestes tratos deo Melique a entender a Eitor da Silveira, que convinha retirar-se elle hum pouco para Chaul para fozegar o alvoroço do povo causado de o verem alli furto tanto tempo; Eitor da Silveira dando disto conta ao Governador, com ordem sua se foi para Chaul. E não quiz Lopo Vaz que elle tornasse a Dio, entendendo ser tudo artificio de Melique; o qual depois de Eitor da Silveira estar em Goa, teve poder para o fazer tornar lá com importunações; mas tudo foi em vão. E a causa, e o que estas negociações custaram depois a Melique Saca se dirá adiante, quando tratarmos da vida, e feitos de Soltam Badur.^a

E

^a Francisco de Andrada refere este caso differentemente, porque escreve, que Lopo Vaz de Sampaio foi duas vezes a Ormuz; a primeira, de que tratou João de Barros no Capitulo passado; e da segunda não faz menção nenhum outro

E porque pelos Mouros que Eitor da Silveira tomou nas náos da preza que vinham de Meca, e per outros meios, soube Lopo Vaz que os Turcos tinham hum Armada no estreito do mar Roxo, e esperavam de vir á India no tempo da primeira monção; mandou reparar a fortaleza de Chaul, levantando a torre de homenagem; e assi mandou a João de Gá em hum bargantim a Adem a saber nova dos Rumes, o qual poz nisso tanta diligencia, que tornou com recado certo, que estavam na Ilha de Camaram fazendo hum fortaleza. Com esta nova despedio logo o Governador hum navio para Portugal, de que fez Capitão Francisco de Mendoça, com cartas a ElRey como se esperavam os Turcos, e o estado em que ficava a India, e como elle a governava em ausencia de Pero Mascarenhas; mas Francisco de Mendoça não veio a este Reyno antes que as náos do anno seguinte partissem de cá. Despachou tambem o navio

Author, senão Francisco de Andrade, o qual diz, que tornando Lopo Vaz esta segunda vez de Ormuz em Agosto de 1528, passára de noite por defronte de Dio; que sabendo Melique Saca, lhe mandára em hum fista hum cartão, pedindo-lhe que quizesse voltar a Dio para lhe fazer hum grande serviço, (que era a entrega daquella fortaleza) desfeito, e procurado de todos os Governadores passados, e que Lopo Vaz lhe mandára em seu favor a Eitor da Silveira com huma boa Armada, o qual chegando a Dio, soubera que Melique Saca era fugido para Jaquet. Cap. 3. e 39. da Parte 2.

vio do trato de Çofala, de que era Capitão Nuno Vaz de Castello-branco, e por elle escreveo ao Capitão de Moçambique, que estivesse apercebido, como se os inimigos lá houvessem de ir; e per outro navio proveo Ormuz de munições com o mesmo aviso. Escreveo tambem a Goa, e a Cochij, que provessem algumas cousas, por as novas que tinha dos Rumes, mandando em algumas partes fazer navios, de que tinha necessidade. Ordenou que se repairasse a fortaleza de Cananor, refazendo de pedra, e cal o que era de pedra, e barro, e accrescentando-lhe mais dous baluartes com huma boa cava.

Acabando de prover estas cousas, se partio para Cochij, e de caminho passou por Dabul com tenção de lhe dar hum castigo pelo que nelle se fizera na morte de Christovão de Brito, de que atrás dissemos ^a. Este castigo não determinava o Governador fazer tanto na povoação, quanto no Tanadar, porque tinhamos naquelle tempo paz com o Hidalcão, cuja a povoação era; porém o Tanadar confiado na sua innocencia, por não ser elle o culpado, tanto que vio o Governador no porto, se veio deitar aos seus pés. Lopo Vaz lhe recebeu suas desculpas, sabendo que não era elle o que agazalhára os Turcos; e o Tanadar lhe entregou huma

^a Na 3. Decada liv. 8. cap. 13.

ma náó que alli estava de Mouros de Méca carregada de especiaria, e sandalos, e duas fustas com alguma artilheria, por serem de Mouros nossos inimigos, e outra que elle tinha posta em hum baluarte, que fizera na entrada da barra, o qual se lhe mandou derribar. Com estas cousas feitas, e pagas as pareas que devia, ficou o Tanadar na graça de Lopo Vaz, o qual se partio para Goa, e no caminho chegou a elle Thomé Pires em hum catur, que lhe vinha pedir alviceiras, como eram chegadas a Cochij duas náos do Reyno, nas quaes hia Provisão d'El-Rey, per que havia por bem, que falecendo D. Henrique de Menezes, ficasse elle por Governador.

CAPITULO VI.

Das náos que partiram de Portugal para a India, em que foram as successões, per que Lopo Vaz de Sampaio havia de governar.

N Aquelle anno de 1526 partiram deste Reyno para a India quatro náos ^a divididas em duas esquadras, por não estarem juntamente prestes; das duas primeiras, que par-

a As náos eram cinco, e o Capitão da quinta náó foi Vicente Gil, filho de Duarte Tristão Armador das náos. Francisco de Andrade Part. 2. cap. 9. e D. João de Couto liv. 1. cap. 9.

partíram ao tempo ordinario, eram Capitães Francisco de Anhaia, (filho de Pero de Anhaia,) que o anno dantes hia tambem á India, segundo atrás dissemos ^a, e se perdeu á sahida da barra de Lisboa; e Tristão Vaz da Veiga, (filho de Diogo Vaz da Veiga,) que na entrada de Ormuz, quando esteve cercado, passou os perigos que se referiram na terceira Decada ^b. Das duas que partíram tarde, e fóra da monção a 16 de Maio eram Capitães Antonio de Abreu, filho de João Fernandes do Arco da Ilha da Madeira, que invernou em Moçambique, e Antonio Galvão, filho de Duarte Galvão, o qual fóra de toda esperanza passou á India ^c. Os dous que primeiro partíram, chegaram a Cochij, onde estava Affonso Mexia Veedor geral da fazenda da India, a quem entregáram as duas vias das cartas d'ElRey para o Governador, e para elle; nas quaes vias mandava ElRey novas successões da governança da India, falecendo alguns dos Capitães, que ElRey tinha nomeados nas outras, que lá estavam. E porque a Carta d'ElRey para Affonso Mexia foi causa de muitas revoltas, e desassocegos, (que puderam chegar a muito, senão succedêram entre Por-
tu-

^a Na 3. Decada liv. 10. cap. 1.

^b Livro 7. cap. 3.

^c A viagem de Antonio Galvão escreve particularmente Fernão Lopes de Castanheda no cap. 10. do liv. 7.

tuguezes, tão leaes a seu Rey, que nas partes onde estão mais alongados d'elle, com mais sujeição, e amor procuram seu serviço,) porci aqui o traslado della, para que se veja, que o que Affonso Mexia fez, procedeo mais da sua vontade, que da Carta d'ElRey; e para exemplo aos posteriores, que quando mandarem á India successões da governança, seja de maneira, que não se ponha em audiencias, e allegações de procuradores, como se poz esta, e o que peor he com artilheria cevada da huma parte, e da outra.

CARTA D'ELREY PARA AFFONSO
MEXIA.

*A*ffonso Mexia. Eu ElRey vos envio muito saudar. Per duas vias vos envio nesta Armada, que Nosso Senhor leve a saíramento, dous sacos de cartas, e despachos das cousas destas partes, que houve por meu serviço, que ora fossem, e leva hum dos maços Tristão Vaz da Veiga, e o outro Francisco da Anhaia. Tomai as cartas que vam para vós, e as do Capitão mór lhe dai, e assi todas as outras ás pessoas a que vam, e não fique nenhuma que não seja dada; e aquellas que estiverem fóra donde vós estiverdes, mandai-lhas dar, e vam a todo bom recado. E nesta Armada me enviai hum rol de como foram da-
das

das aquellas que destes ds pessoas onde vós estais, e o modo que tivestes em enviar as outras, que vam para as pessoas que estiverem fóra; e tomai disto bom cuidado, porque o hei por muito meu serviço serem dadas todas as ditas cartas. As Provisões que vam das successões da capitania mór tende naquella boa guarda, e segredo, que cumpre a meu serviço, como de vós confio. Escrita em Almeirim a vinte de Março. Pero de Alcaçova Carneiro a fez de mil e quinhentos e vinte seis. E das outras Provisões que lá tendes não se ha de usar, e as terês em boa guarda, e mas trarês quando embora vierdes.

Affonso Mexia tanto que vio esta clausula derradeira, que das Provisões passadas não se havia de usar, (a qual hia em humas das suas duas Cartas, e na outra não,) de se jando de abrir a successão, que de novo mandava ElRey, em caso que falecesse Dom Henrique de Menezes, fez ajuntar na Sé de Cochij o Capitão da fortaleza D. Vasco Deça, João de Osouro Ouvidor geral, João Rabello Feitor, Duarte Teixeira Thesoureiro, e outros Officiaes da Fazenda, Justiça, e outras pessoas principaes com os Capitães das náos que do Reyno foram, aos quaes notificou, como ElRey per aquelles Capitães que eram presentes, lhe escrevêra huma

car-

carta sobre as successões dos Governadores da India, a qual carta era aquella que elle tinha na mão, e ouviriam. Lida, lhes disse, que elle levava alli a successão de Dom Henrique, que a queria abrir, visto como por aquella carta que lhe ElRey escrevia, era sua vontade usar daquella Provisão nova, e não das outras passadas. D. Vasco Deça como Capitão de Cochij começou a contrariar abrir-se a nova successão, pois as outras sobre que ElRey escrevia eram já abertas; e que se ElRey o foubra, não provêra com aquella que apresentava. A D. Vasco ajudaram com suas razões as outras pessoas que eram presentes. O que Affonso Mexia não quiz conceder, e tomou por ultima conclusão, que se elle o fazia mal, que a ElRey havia de dar conta disso; e favorecendo sua tenção algumas pessoas que o queriam comprazer, e tambem para verem novidades, condição natural dos homens, abriu-se a Provisão per Fernão Nunes Escrivão da Fazenda, a qual elle leu em voz alta, cujas palavras eram estas.

PROVISÃO D'ELREY DA SUCCESSÃO
DE D. HENRIQUE DE MENEZES.

EU ElRey. Faço saber a todos os meus Capitães, e Alcaldes môres das minhas fortalezas da India, Capitães dos
na-

navios, e Armadas, que nas ditas partes andam, e Feitores, Escrivães das minhas feitorias, Capitães das náos, e navios que vam para vir com carga para estes Reynos, Fidalgos, Cavalleiros, gente de armas, que nas ditas partes andam, e a todas quaesquer outras pessoas, e officiaes da justiça, e fazenda, a que este meu Alvará for mostrado: Que pela muita confiança que tenho de Lopo Vaz de Sampaio Fidalgo de minha Casa, que nas cousas de que o encarregar me saberá bem servir, me apraz, que sendo caso que faleça D. Henrique de Menezes, que ora he meu Capitão mór, e Governador das partes da India, (que Nosso Senbor não mande,) succeda, e entre na capitania mór, e governança o dito Lopo Vaz de Sampaio, com aquelle poder, e jurdição, e alçada que tinha dada ao dito D. Henrique de Menezes, e me apraz que haja em cada hum anno, em quanto me servir na dita capitania mór, e governança, dez mil cruzados; convem a saber, cinco mil em pimenta comprada do seu dinbeiro, ao partido do meu, tomando, e nomeando seu risco nas náos, e navios que nomear que vierem para estes Reynos, segundo a ordenação dos partidos do meu. E entrando assi o dito Lopo Vaz na dita capitania mór, e go-

Tom. IV. P. I.

C

ver-

vernança da India, entrará na capitania mór do mar, que elle tem, Antonio de Miranda de Azcvedo, com o ordenado que com ella tinha o dito Lopo Vaz de Sampayo; e no cargo que elle ao tal tempo tiver, proverá o dito Capitão mór, e Governador té eu prover. E não estando na India o dito Lopo Vaz ao tempo do falecimento de D. Henrique, por ser vindo para estes Reynos, ou sendo falecido, ou falecendo depois de entrar, e succeder na dita capitania mór, e governança, em qualquer destes casos entrará por Capitão mór, e Governador Pero Mascarenhas, que está por Capitão de Malaca. E haverá o dito Pero Mascarenhas os ditos dez mil cruzados de seu ordenado de Capitão mór, e Governador daquella maneira que os ordeno ao dito Lopo Vaz. E entrará Pero de Faria na capitania de Malaca, onde o dito Pero Mascarenhas está, e haverá o ordenado da capitania de Malaca. E estando elle por Capitão em Goa, proverá o dito Capitão mór na dita capitania a pessoa que lhe bem parecer, que pertence mais a meu serviço, té eu prover, e haverá o ordenado da dita capitania. E porém vo-lo notifico assi, e vos mando a todos em geral, e a cada hum em especial, que vindo o dito caso a ser, se cumpra, e guarde in-

inteiramente este meu Alvará, como nelle
 he conteúdo; e a qualquer dos sobreditos
 que entrar na dita Governança obedeaais,
 e que cumprais seus requerimentos, e man-
 dados, assi como o fazeis ao dito D. Hen-
 rique, e como sois obrigados de fazer ao
 dito meu Capitão mór, e Governador, e
 em todo o deixai usar do poder, e jurdi-
 ção, e alçada, que ao dito D. Henrique
 tinha dada per minha Carta, sem dúvida,
 nem embargo algum que a ello ponhais: e
 mando ao meu Voedor da Fazenda, que
 em cada hum anno, em quanto me servir
 na dita capitania mór, e governança, lhe
 mande pagar os ditos dez mil cruzados
 na maneira sobredita. Feito em Almeirim
 a quatro dias de Abril, Jorge Rodrigues
 o fez de mil e quinhentos e vinte seis. Estes
 dez mil cruzados que ordeno que bajam os
 sobreditos por anno, serão naquelle modo,
 e fórma, e maneira que os tenho dados a
 D. Henrique; e o ordenado de Antonio de
 Miranda de Azevedo, entrando na capi-
 tania mór do mar, serão dous mil crusa-
 dos por anno, contem a saber, mil crusa-
 dos em dinbeiro, e mil em pimenta, no
 modo sobredito de como o ha de haver o
 dito D. Henrique, posto que diga que ha
 de haver o ordenado de Lopo Vaz.

Lida esta Carta, foi feito hum auto per

C ii

Fer-

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Fernão Nunes, que a leo, o qual foi affinado pelos nomeados, e pelas principaes pessoas que eram presentes, que Affonso Mexia recolheo para dar razão a ElRey com que solemnidade abríra aquella via. Feito isto, despachou logo a D. Henrique Deça com a successão que a levasse a Goa, cuidando ser Lopo Vaz já vindo; e assi escreveu huma carta á Camara de Goa, perque lhe notificava ser Lopo Vaz de Sampaio Governador per aquella nova Provisão de Sua Alteza; e sendo-lhe notificada, quiz Thomé Pires ganhar as alviceras desta nova, e foi em hum seu catur levalla a Lopo Vaz de Sampaio, que achou vindo de Dabul, como atrás dissemos.

C A P I T U L O VII.

Das justificações que Lopo Vaz de Sampaio fez em Cochij sobre o direito de sua Governança: e do conselho que teve sobre a vinda dos Rumes.

Lopo Vaz de Sampaio com a nova da sua successão chegou a Goa, onde foi recebido com a festa que se costumava fazer aos novos Governadores; posto que a Cidade estava dividida em dous bandos, não se praticando nella em outra cousa senão na justiça de Lopo Vaz, e de Pero Mascarenhas:

nhas: e o mesmo passava nas fortalezas, armadas, e outros ajuntamentos, e cada hum dava a sentença segundo o amor, e odio que o governava. Os afeicoados á causa de Pero Mascarenhas, (de quem já havia nova que era embarcado para vir a tomar posse do seu governo,) estranhavam muito a Affonso Mexia abrir a successão de Lopo Vaz, sendo Pero Mascarenhas eleito, jurado, e obedecido, e chamado para Governador; e de tal maneira hiam crescendo estas duas facções, que chegavam a revoltas, e desafios.

Era já tempo do despacho das náos, que este anno haviam de vir ao Reyno com carga, pelo que Lopo Vaz partio para Cochij, onde os moradores lhe fizeram muita festa; porém quem se nella mais assinalou foi Affonso Mexia, como author da successão de Lopo Vaz, a qual tornou a confirmar com novo juramento seu, e de todos os que estavam em Cochij. Accrescentava a Affonso Mexia o gosto com que fellejava ao Governador, o contentamento que tinha de hum nova Provisão que lhe ElRey mandou com as outras, porque o fez Capitão de Cochij, além de Veedor da Fazenda; porque persuadiram a ElRey, que o Capitão da fortaleza de Cochij sempre traria competencias com o Veedor da Fazenda sobre a jurdição; e que para o Veedor servir bem seu car-

go,

go, que era de tanta importancia, não podia ser senão sendo também Capitão da Cidade.

Lopo Vaz sabendo os movimentos, e alterações do povo, e que os mais diziam que com violencia usurpara o cargo de Governador, com todos se justificava; e para maior satisfação sua mandou chamar Sebastião de Sousa d'Elvas, Francisco de Anhaia, Antonio Galvão, Philippe de Castro, e Tristão Vaz da Veiga Capitães das náos d'Armada, que havia de tornar para Portugal, e lhes disse diante de Antonio Rico, (que aquelle anno fora de Portugal á India por Secretario,) o que se praticava contra a sua successão por parte de Pero Mascarenhas, e porque não queria castigar os alvoroçadores do povo, que ousadamente fallavam contra elle, antes os desejava reduzir com brandura á paz, e quietação: e elles como Capitães que se hiam para o Reyno, não estavam debaxo de sua jurdição, nem da de Pero Mascarenhas, e assi poderiam sem affeição dizer o que lhes parecesse; lhes pedia que como a Fidalgos tão honrados, que tinham por obrigação fallar verdade, lhe dissessem livremente o que sentiam da sua successão, e se entendiam que per virtude della era Governador. E como Lopo Vaz de Sampaio lhes perguntou simplesmente o que lhes parecia, assi simplesmente respondêram, que

que não tinham dúvida ser elle legitimo Governador, e legitima, e justa a sua successão; e assi o juráram, de que se fez Auto pelo Secretario que aquelles Capitães assináram. A mesma pergunta fez Lopo Vaz de Sampaio a Fr. João de Haro da Ordem de S. Domingos, homem letrado, que per mandado d'ElRey de Portugal fora prégar á India, e tornava aquelle anno para o Reyno, o qual affirmou ser elle verdadeiro Governador. E ao outro dia, que era da festa da Circumcisão de Nosso Senhor, na prégação que fez, o disse no pulpito, provandoo com muitas razões, e allegações do Direito Divino, e Humano, e que quem o encontrava, commettia peccado mortal, e desobediencia contra ElRey: e que elle não affirmava aquella verdade por respeito algum, porque como Religioso, e que se hia para Portugal, não tinha necessidade do Governador, de quem não era tamanho amigo como de Pero Mascarenhas; e concluindo, requereo a Lopo Vaz da parte de Deos que castigasse gravissimamente a quem causasse alvorotos, ou movesse duvidas sobre o seu governo, e os degradasse.

Aprestadas já a este tempo as náos de viagem, partíram de Cochij a 10 de Janeiro ^a;

^a Nestas náos embarcou o Governador a Zagazabo Embaixador d'ElRey da Abassa, que chegou a salvamento a

e quando chegaram a salvamento a Portugal, tinha ElRey já mandado hum navio, de que era Capitão, e Piloto Pedreanes Francez, com cartas para apagar com suas Provisões as revoltas que se presumia poderiam liaver entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas por causa das novas successões, que Francisco de Anhaia, e Tristão Vaz da Veiga leváram; por ElRey ter sabido per Francisco de Mendoga, (como atrás dissemos,) que D. Henrique era falecido,

e Lo-

Lisboa, donde foi a Coimbra dar sua embaixada a ElRey D. João, que estava naquella Cidade. Sua Alteza o mandou encontrar per Diogo Lopes de Sequeira Almotacer mór, e Governador que fora da India, e á entrada da Cidade per o Marquez de Villa Real. ElRey o recebeu com grandes demonstrações de gosto da sua vindu; e Zagazabo lhe deu duas cartas de seu Rey, e lhe apresentou humma Coroa de ouro, e prata. E o P. Francisco Alvares, que vinha em companhia do Embaixador, (e escreveu humma larga relação desta viagem, e das cousas daquella grande Região,) mostrou a Sua Alteza humma Cruz de ouro com hum pedaço do santo Lenho da Cruz de Christo Nosso Salvador, e outras duas cartas que levava a seu cargo para o Papa Clemente VII. pelas quaes aquelle Rey mandava dar obediencia a Sua Santidade, e pedir Patriarca da Igreja Romana, porque os passaios foram da Grega. O anno seguinte partio Zagazabo, e Francisco Alvares para Roma, onde o Summo Pontifice ouviu a embaixada daquelle Rey com grande alegria sua, e do sagrado Collegio dos Cardeas, engrandecendo com muitas honras a obediencia daquelle novo, e amado filho, ao qual concedeo com muitas graças o Patriarca que lhe pedia, com que o Embaixador tornou a Portugal, e delle d India, onde chegando morreu.

Diogo do Couto liv. 1. cap. 10.

e Lopo Vaz governava em ausencia de Pero Mascarenhas. Mas este Pedreanes se perdeu no mar, com que o negocio entre duas pessoas de tanta qualidade, cavalleria, e serviços foi posto em differenças.

Lopo Vaz, depois que as náos partiram para este Reyno, por as novas que tinha da Armada dos Rumes, foi-lhe necessario tornar a Goa dar ordem ás cousas do provimento da Armada contra elles, e reparar as fortalezas; pelo que deixando recado a Afonso Mexia do que havia de fazer em Cochij, elle foi a Cananor, e fez alli outro tanto, encommendando as obras da fortaleza a D. Simão de Menezes Capitão della. Chegado a Goa, teve logo conselho com os Capitães, e principaes Fidalgos sobre a vinda dos Rumes; e declarando-lhes que sua vontade, e determinação era ir buscá-los ao proprio estreito, antes que entrassem no mar da India, e dando para isso muitas razões, todas lhe foram desfeitas com outras. Porque diziam que era grande inconveniente tentar aquella jornada, visto como não tinha navios, nem gente, e aventurava nella o estado da India; e que segundo se dizia a Armada dos Rumes não estava certo vir aquelle anno; porque fazendo elles fortaleza na Ilha de Camaram, como faziam, final era estarem de vagar, e que

pi-

primeiro queriam fazer o ninho em que se recolhessem, que vir á India, onde o não tinham feito. E que para o anno seguinte por a nova que se mandára a ElRey per Francisco de Mendonça em as náos que viessem aquelle anno, lhe mandaria Sua Alteza gente, e munições; e que com a gente que viesse, e com os galeões, e navios que elle Governador mandava fazer, já então estaria apercebido para pelejar com os Ruimes; e que quando isso fosse, a peleja não havia de ser no estreito, senão á ponta de Dio, porque quando alli chegam vem já quebrantados do golfão que passam, e com os aparelhos dos navios cortidos do Sol, e a artilheria abatida; e que estando elle com a gente fresca, e esperta, levemente haveria vitoria, e que como quem tinha a acolheita longe, todos lhe ficariam na mão. E indo a Camaram havia de chegar com a Armada dividida, e destroçada, de que tinha exemplo nos desastres, e perdições que tiveram Affonso d'Albuquerque, e Diogo Lopes de Sequeira quando entráram aquelle estreito.

Estas, e outras razões foram representadas a Lopo Vaz de Sampaio, com que entrão desistio de seu proposito, e mudou o pensamento a outras cousas, como veremos. A gente porém não deixava de murmurar,

dizendo, que sua ida ao estreito era fingida; e no mais que para mostrar á gente que tinha desejo daquelle caminho, e que o seu intento era prover-se per aquelle modo para a vinda de Pero Mascarenhas, temendo que como a gente o visse na India, lhe haviam de obedecer como a Governador.

Outros eram doutra opinião, e diziam, que verdadeiramente sua tenção era ir ao estreito, e fugir de Pero Mascarenhas, e levar a frol da gente consigo, e os navios; e que quando não pelejasse com os Rumes, faria tanta preza, que viesse a gente contente delles. Estes, e outros juizos lançava o vulgo, de que sempre se disse ser animal de muitas cabeças, e assi dava cada hum a interpretação segundo o amor, ou o odio que tinham a estes dous Capitães, e ao que delles esperavam.

De Goa mandou Lopo Vaz de Sampaio Manuel de Macedo em huma caravella a Ormuz com Provisões para prender Racz Xaraso, e levalllo a Goa; porque per cartas d'ElRey de Ormuz, e do Capitão Diogo de Mello, (que mandáram per Fernão de Moraes,) o avisavam dos roubos, e insultos que Racz Xaraso tinha commettido contra o povo, e lhe requeriam, que o mandasse levar daquella fortaleza, porque em quanto nella estivesse, não deixaria de inten-

tentar alguma novidade, como já fizera em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira.

CAPITULO VIII.

Da Armada que Selim Rey dos Turcos ordenou para nella ir Racz Soleimão á India contra os Portuguezes, e do successo della.

HAvendo Racz Soleimão morto a Mir Hocem pela maneira que dissemos na precedente Decada ^a; e vendo que o Soltan do Cairo, Canfor Algauri ^b, (em cujo serviço andava sendo Turco,) fora desbaratado, e morto per Selim Rey dos Turcos ^c, posto que se temesse delle por o que

^a Liv. 1. cap. 3. onde João de Barros escreveo com particularidade a vida de Racz Soleimão.

^b Este Canfor Algauri Soltan do Egypto eleito pelos Mamalucos no anno de 1503, foi pela traição de Caierbei seu Governador de Alepo vencido, e morto junto da mesma Cidade per Selim I. Rey dos Turcos no anno de 1516, per cuja morte elegêram os Mamalucos a Yunusbeia de nação Circasso, que no anno seguinte de 1517 foi vencido, e morto do mesmo Selim, e nelle se acabou o Reyno dos Mamalucos em Egypto, que se transferio aos Turcos.

^c Selim I. Rey dos Turcos, filho de Baiazeto II. (a quem succedeo no Reyno no anno de 1512) e neto de Mahamet II. que tomou Constantinopla no anno de 1453 com morte do Imperador Constantino Paleologo, pelejou com Xiah Hinael Rey dos Persas, de quem alcançou victoria, posto que com grande perda sua; e per morte dos dous

tinha feito em Turquia sendo Cossairo, seguindo atrás contámos^a; querendo restituir-se em sua graça, lhe mandou hum homem de que confiava ao Cairo com hum grande presente, dando-lhe conta como fora enviado pelo Soltam á empreza da India, e o que tinha feito em Zeibid, e quão leve cousa seria tomar aquelle estado da Arabia, e que elle era seu escravo, e ficava alli com cinco galés sómente; que se mandasse que se fosse para o Cairo que logo o faria; e que se tambem houvesse por seu serviço que proseguisse a empreza da India, que o provesse de mais embarcações, munições, e gente, porque com cinco galés com que elle ficava já mui desbaratadas, e tão mal provido de outras cousas, por o muito que havia que dera princípio áquella empreza, não se atrevia a dar boa conta de si, e mais andando os Portuguezes tão poderosos como andavam. Selim como vio, e recebeu os presentes que lhe Ruez Soleimão mandava, e como se mettia debaixo de seu poder, determinou de logo o prover de novo para entrar poderosamente na India, e a grande pressa mandou acabar vinte galés, e cinco

Reys do Egypto Casfor Algauri, e Tumumbeio se apoderou do Egypto, Syria, e Arabia, e morreu no anno de 1520.

^a No mesmo liv. 1. cap. 3.

co galeões ^a, que estavam começados no porto de Suez por ordem do Soltam, para os mandar ao mesmó Raez Soleimão.

Provida esta Armada de gente, e de todo o necessario, já em tempo de Soleimão, filho de Selim, que lhe succedeo no Reyno dos Turcos ^b, mandou elle por Capitão della a hum Haidairin, Charques de nação, homem de muita idade, e authoridade, que fora Veedor da fazenda do Soltam, com ordem que depois que entregasse a Armada a Raez Soleimão, ficasse com o mesmo cargo de Veedor da Fazenda, sem Raez Soleimão entender em mais que no que tocava á guerra, e governo da gente. Chegando Haidairin á Ilha de Camaram, onde Raez Soleimão estava, e tinha começada humma fortaleza, lhe entregou a Armada; e sobre o governo, e despezas della houve entre Soleimão, e Haidairin tantas differenças,

a A madeira, pregadura, encurcea, e todos as mais cousas necessarias para esta Armada foram levadas de Alexandria em barcas pelo Nilo acima té o Cairo, e dalli com excessivas despezas em camellos té Suez, que são 24 leguas de terra deserta, e sem agua.

b Soleimão, ou Solimão II. que succedeo a seu pai Selim, tomou Rodas, e quasi toda Ungria, cujo Rey Luis foi delle vencido, e na batalha morto: entrou em Austria, intentou tomar Vienna sua Metropoli, da qual se retirou com perda, por acudir á sua defensão o Emperador Carlos V. maximo. Apoderou-se de Assyria, e Babilonia, tomou Moldavia, commetteo a empreza de Malta, e no cerco de Ziget morreu no anno de 1666.

ças , que sentindo Haidairin que a gente estava descontente , e escandalizada de Soleimão , e que não haveria quem por elle tornasse , o matou ás punhaladas dentro em huma galé. A causa por que Soleimão cobrou este odio , era por não consentir que Haidairin limpamente pagasse o soldo que era devido á gente da Armada a dinheiro , o qual elle queria recadar para si , e pagar aos soldados em mantimentos , pannos , e outras cousas , que houvera do despojo das terras que ganhára em Arabia , que aos soldados não eram necessarias para seus usos , como o dinheiro. Além disso como aquella gente partira com tenção de ir á India , e trazia sede das riquezas della , de que já faziam conta , tomavam mal a detença que Soleimão fazia em conquistar terras naquella parte da Arabia , de que se elle pertendia fazer senhor ; e que por entreter a gente dilatava acabar a fortaleza , que começára fazer na Ilha de Camaram per mandado do Turco , para ser huma escala da navegação daquelle estreito do mar Roxo , e defensão para os Portuguezes não entrarem nelle. A qual fazia tão de vagar , que quando Haidairin o matou havia dous annos que chegára áquella Ilha , e tinha ganhado muitos lugares na terra firme.

Mustafá sobrinho de Soleimão , filho de

de huina sua irmã, como soube da morte de seu tio, e que tanto que Haidairin o matou, se fora á Cidade de Zeibid a tomar posse della, e de quanta fazenda seu tio nella tinha, ajuntando-se com a mais gente de cavallo, e de pé que pode, o foi buscar, e houveram batalha, na qual fugindo Haidairin já meio desbaratado, e recolhendo-se para a Cidade, Mustafá o matou ás lançadas. Com estas discordias, e mortes se desfez esta Armada de Ruez Soleimão; porque os Capitães que não quizeram seguir as partes de Mustafá, se tornaram para Suez, onde varadas as embarcações, levaram novas ao Turco do successo daquella sua Armada, que elle sentio muito.

Mustafá ficou com cinco galés; e tomada a Cidade de Zeibid, começou pacificar a gente allí a ordenada para ir á India, como outra que estava posta em guarnição dos lugares que seu tio ganhára, fazendo-lhes grandes pagamentos, e muitas larguezas por os ter de sua mão. E vendo que antes de muito tempo lhe havia de ser perdida conta da morte de Haidairin, e que o Turco podia logo prover nisso, começou de se fazer prestes para a India, lançando fama que queria fazer o que seu tio té então não tinha feito, com a occupação

que tivera em fazer a fortaleza em Camaram, e na conquista da terra firme; mas em seu peito não tinha tenção de ir em serviço do Turco, senão pôr-se em salvo, e evitar a indignação d'elle, e seguir a fortuna em serviço d'ElRey de Cambaia, que tinha guerra comosco, porque sabia particularmente muitas cousas daquelle Reyno, e da fraqueza da gente d'elle per informação de Coge Sofar, escravo de Ruez Soleimão seu tio, que elle cativou na costa de Apulha, (como dissemos na terceira Decada^a,) o qual residio em Dio algum tempo em habito de mercador para fazer os negocios de Soleimão; polo que Mustafá o tornou a mandar com a mesma simulação de mercador a intentar o animo d'ElRey de Cambaia sobre a sua ida.

Coge Sofar chegado a Dio, foi ter com ElRey Badur, de quem era conhecido por Feitor de Ruez Soleimão, por lhe ter dado muitos presentes da parte de seu amo, e dadas muitas esperanças de elle ir com hum grande Armada para lançar aos Portuguezes da India, e fazer cousas grandes por seu serviço. E como era sagaz, deo conta a Soltan Badur como Soleimão era morto, com que todos seus apparatus, e disenhos ficáram perdidos, e frustrada a es-

Tom. IV. P. I.

D

pe-

* Liv. I. cap. 3.

perança de nos lançarem da India. Mas que dado caso que seu senhor fosse morto por aquella traição, que se presumia ser ordenada pelo Turco, por o odio que lhe tinha por se lançar com o Soltão do Cairo, e quiz disimular com elle pelo modo que teve em lhe mandar entregar a Armada per Haidairin; todavia pela vingança que Mustafá seu sobrinho tomou da sua morte, matando Haidairin, e toda a gente se iometer ao seu mando, e governo, Sua Alteza tinha certo poder-se aproveitar, e servir delie. E assi que seu parecer era, que elle Senhor lhe escrevesse que se viesse para seu serviço, promettendo-lhe de lhe fazer honra, e mercê. Com estas, e outras cousas assi tecco Coge Sofar o negocio, com idas, e vindas, e cartas de huma, e outra parte, que por as grandes promessas que lhe Soltão Badur deo de si, determinou Mustafá de se ir para a India.

Em quanto isto se tratava, quiz Mustafá tentar a fortuna, se poderia tomar a Cidade de Adem, que tinha por vizinha; e dando suas razões córadas a este seu proposito a fim de comprazer á gente, foi cercar a Cidade com dez navios de remo, e quarenta gelvas da terra, nas quaes embarcações levou setecentos Rumes, Arabios, e Abexijs. Combateo Adem per mar, e per

ter-

terra com grossa artilheria , em que havia quatro basiliscos , que derrubáram boa parte dos muros ; mas os Arabios se defendêram animosamente á custa das vidas de muitos , pela salvação de suas pessoas , mulheres , e filhos ; e o maior trabalho que no cerco padecêram foi a fome de que morrêram mais que a ferro. Vendo Mustafá quão mal lhe havia succedido aquella jornada , levantou o cerco , (que durou cinco mezes ,) por ser já tempo de monção de nossas Armadas , que ordinariamente cada anno vñham áquellas partes ^a ; e deixando na Cidade de Zeibid por Governador a Xerife Ali Turco , que lhe servia de Vedor , e na Cidade de Batalfac , Escander Maus Charques , e em Gizam outro seu criado chamado Bagxij , partio para a India com dous galeões , em que recolheo a flor da gente , e as melhores peças de artilheria , com muitas munições. Chegando a Xael , que he na costa de Arabia , onde invernou , porque huns sete Turcos dos mais principaes que elle levava recusáram passar á India ,

D ii

^a Diogo do Couto escreve no cap. 10. do liv. 6. que Mustafá se ajuntára com ElRey de Xael , e ambos assediáram Adem com mais de vinte mil homens , e a puzeram em tamanho aperto , que a tomariam , senão chegára áquelle porto huma Armada nossa , de que era Capitão mór Eitor da Silveira , com temor da qual , e que poderia ir tomar Xael desapercebida , o seu Rey , e Mustafá levantáram o cerco.

dia, sentindo que elle lia mais fugido do Turco, que em seu serviço, a cinco delles tirou os olhos, e aos dous cortou os braços pelos cotovellos, e em hum batel os mandou lançar em terra. De Xael seguiu sua viagem para Dio, onde fez o que adiante diremos. E nisto parou a Armada dos Rumes, tão receada na India; de cujo successo chegaram as novas a Chaul na entrada de Setembro do anno 1527 per algumas náos de Méca, que naquelle porto entráram,

a *Differentemente escreve desta Armada Diogo do Couto (Dec. 4. liv. 3. cap. 6.) porque diz, que se armaram no porto de Suez setenta e seis náos per mandado de Soleimão Rey dos Turcos, das quaes fez Capitão geral a Soleimão, (o que Couto erradamente chama Baxa, e Governador do Cairo, não o sendo este Soleimão, senão o Capadoc, que no anno de 538 passou á India, e teve Dio cerceda,) e por seu Lugar-tenente a Escander Khan. Na sua companhia hiam Mustafá Carmanij Elaracen, que depois foi senhor de Baroche, Acem Lan, que no Reyno de Cambaia teve o titulo de Madre Maluco, e Coge Sofar, que naquelle tempo era Thesoureiro do Cairo, o qual levou sua mulher, filhos, e genro. Com esta Armada partio Soleimão de Suez; na entrada do Verão de 1527 chegou a Camaram, onde fez huma fortaleza; e provida da gente, e munições, se embarcou para passar á India; e por achar na boca do estreito os Levantes, voltou para dentro, e foi esperar a monção dos Ponentes de Abril em Cobit Sarif porto de Arabia do Reyno de Zeibid, o qual tomou Soleimão, e nomeou por Governador d'elle a Escander. Succedêram entre ambos differenças, das quaes resultou a morte a Soleimão dada per ordem de Escander, que ficou em Zeibid com titulo de Rey: os outros Capitães se tornaram para Suez, e Mustafá sobrinho de Soleimão, com a sua valia, se passou a Xael, e dalli a Dio. SA*

ram, de que Christovão de Sousa avisou logo a Lopo Vaz de Sampaio, que alliviado deste cuidado attendeo a outras cousas necessarias ao governo.

Do successo desta Armada teve depois aviso ElRey D. João per via de Ormuz, que lho mandou Christovão de Mendoga Capitão daquella fortaleza, o qual sabendo que os Rumes não passavam á India, determinou de avisar a ElRey per terra, jornada té então não imaginada, e havida por quasi impossivel, (como agora ordinaria, e facil,) a qual á instancia de Christovão de Mendoga fez Antonio Tenreiro, pelo muito conhecimento que tinha de linguas, e de aquellas regiões, porque havia passado em companhia de Balthazar Pessoa Embaixador de D. Duarte de Menezes Governador da India ao Xiah Ismael. Partio Antonio Tenreiro de Ormuz para fazer este novo caminho em Setembro de 1528; e chegando a Basçorá, a tempo que eram já partidas as casilas para Alépo, com hum Mouro Piloto do deserto o atravessou em dromedarios, com grandes perigos de ladroes, e de feras que nelle andam; o qual passado, em vinte e dous dias chegou ao lugar de Cocana, e delle em companhia de huma casila a Alépo, e dalli a Tripole de Soria, onde se embarcou para Chipre, e pas-

e passando á Italia veio ter a Portugal, onde ElRey D. João lhe fez mercê pelo trabalho de huma tão nova, e incognita jornada, da qual, e da pimenta fez Antonio Tenreiro huma larga, e curiosa relação, que com nome de Itinerario imprimio em Coimbra no anno de 1565 dedicado a El-Rey D. Sebastião.

C A P I T U L O IX.

Como Pero Mascarenhas mandou Alvaro de Brito com algumas fustas á Ilha de Bintam, para que lhe não entrassem mantimentos: da nova que teve da sua successão no governo da India: e da Armada que fez para ir a Bintam.

DEpois que Aires da Cunha, e Jorge Mascarenhas se vieram de Bintam por causa das enfermidades, e mortes da gente, (como atrás temos dito,) tornou Pero Mascarenhas a mandar lá ao mesmo effeito Alvaro de Brito com alguns navios para estorvar que naquelle porto não entrassem mantimentos; e por a grande necessidade que elle tinha delles, mandou tres navios á Jaoa, de que eram Capitães João Moreno, Francisco Lopes Bulhão, e Gonçalo Alvares, e não foram á costa de Pam, donde Malaca

ás

ás vezes se provia, porque estava de guerra com os Portuguezes por causa da morte de D. Sancho Henriques ^a, e do damno que por essa razão lhe fez Martim Affonso de Sousa ^b.

Neste tempo Jorge Cabral, que partira de Cochij para as Ilhas de Maldiva, sendo já Lopo Vaz de Sampaio Governador, e trazia duas fustas, hum catur, e huma cavarella, (na qual hia hum Ruy Martins cavalleiro da casa d'ElRey para ficar alli por Feitor,) entregou os navios a Gomes de Souto-maior, que hia em huma das fustas por Sota-Capitão, e elle se foi na outra caminho de Malaca dar novas a Pero Mascarenhas da sua successão, para ver se de alviceras podia alcançar a capitania de Malaca. E como na felicidade acham os homens muitos amigos, trás elle foi Duarte Coelho com recado de Affonso Mexia, e dahi a poucos dias Antonio da Silva de Menezes, que lhe levava a carta da governança, e os autos que sobre isso eram feitos em Cochij. Com os quacs chegado Antonio da Silva a Malaca, o Alcaide mór, Feitor, e Officiaes della se foram á Igreja, e nella com sua solemnidade deram juramento a Pero Masc-

^a Da morte de D. Sancho Dec. 3. liv. 8. cap. 17.

^b Era Martim Affonso de Sousa filho de Manuel de Sousa, de quem trata João de Barros na 3. Dec. liv. 10. cap. 2.

Mascarenhas de seu cargo, segundo costume; e com grandes mostras de prazer o houveram todos por Governador, e logo proveo de Capitão da fortaleza a Jorge Cabral por as qualidades de sua pessoa, e por a boa nova que lhe levou; e fez Secretario a Langarote de Seixas, e Ouvidor geral a Simão Caciro. Mas Aires da Cunha Capitão mór do mar se aggravou do provimento da fortaleza em Jorge Cabral por alviceras, e não nelle por justiça, pela qual dizia pertencer-lhe per Regimento d'ElRey, de que o traslado estava na feitoria. Pero Mascarenhas porém se resolveo, que a Provisão se entendia quando o Capitão da fortaleza fallecesse, do que Aires da Cunha ficou mui escandalizado. Duarte Coelho tambem houve seu quinhão das alviceras, que foi huma viagem para a China, que não houve effeito senão a capitania mór do mar da Armada de Francisco de Sá, que hia para a Sunda, que dahi a poucos dias chegou da India, a qual capitania vagára por D. Jorge Tello de Menezes, que partio de Cochij provído della em companhia de Francisco de Sá em hum galeão velho, em que levava todas as munições necessarias para se fazer a fortaleza em Sunda; e no primeiro tempo rijo que lhe deo no golfão de Ceilão, abriu o galeão, e se foi ao fundo com

mais de sessenta homens, e D. Jorge escapou em hum batel com alguns quarenta, e se tornou á India.

E posto que a monção de Setembro não era vinda para Pero Mascarenhas se partir para a India, por não esperar a de Dezembro, e o inverno, que era mui tarde, quiz em Agosto ir esperar os Levantes aos Ilheos de Pulopuar; e estando furto nelles, lhe deo hum temporal tão rijo, que com os mastos quebrados do galeão em que hia, tornou arribar a Malaca, e por huma maré que se adiantou, hum navio que hia carregado de drogas para a India, escapou do temporal, e passou á India^a, onde deo nova como Pero Mascarenhas hia; e a causa de elle não partir na mesma maré, foi haver vista á fahida do porto de navios que vinham de Banda com Antonio de Brito Capitão que fora de Maluco, e tornou a entrar no porto por saber novas daquellas partes, de que havia mezes que as não tinha: e esta breve detença que então fez foi causa de arribar, e de tomar Bintam, quando o seu Rey tinha maiores esperanças de occupar Malaca. Porque do tempo de Jorge d'Albuquerque ficára mui desbaratada com as guerras, e fomes que nella houve, com que muitos merca-

^a Este navio chegou á India no fim de Dezembro de 1526.

dores a deixáram, e foram habitar a outras partes, e os senhores que tinham escravos lhes deram liberdade por os não poderem manter. Sobre esta necessidade de fome, e da guerra passada era já morta muita gente da que Pero Mascarenhas levou nas idas a Bintam, onde muitos acabáram de doença. Hia-se tambem Pero Mascarenhas á India a governar, e Francisco de Sá havia de ir fazer a fortaleza de Sunda, com que a Cidade de Malaca ficava só, e em poder de Jorge Cabral novo Capitão sem cabedal para sustentar a fortaleza sem gente. Todas estas cousas eram manifestas a ElRey de Bintam per Mouros de Malaca, que de tudo lhe davam aviso; e como todas eram em seu favor, determinou de se aproveitar da occasião, e vir tomar Malaca, pondo nisso todas suas forças, e de seus amigos. Para o que mandou requerer todos seus parentes, e alliados que o soccorressen com gente quando fosse tempo, e com mantimentos por seu dinheiro, e que a Malaca os denegassem, porque per fome, e ferro lhe queria fazer guerra té ganhar o seu que tinha perdido.

A estes pensamentos atalhou Deos Nosso Senhor com o estorvo que deo á partida de Pero Mascarenhas, o qual sabendo que não podia já partir para a India menos que no fim de Dezembro, ou entrada de Janeiro,

e que deixava aquella Cidade em perigo manifesto, senão destruisse a Bintam antes da sua partida, chamou a conselho todos aquelles Capitães, e Fidalgos que alli estavam, e manifestando-lhes o perigo de Malaca, e que o remedio d'elle era a ruina de Bintam, lhes disse, que elle determinava commetter aquella empreza, da qual tinha por certo tornar com vitoria, porque para isso entendia haver Deos estorvado a sua ida á India, e juntado naquella occasião tantos Fidalgos, e Capitães, e valentes soldados. Approvaram todos a determinação de Pero Mascarenhas, o qual para que o Rey de Bintam não se apercebesse mais do que estava fortalecido, usou desta cautela. Como era público que Francisco de Sá estava ordenado para ir a Sunda, e elle estava doente, deo Pero Mascarenhas cuidado a Duarte Coellio, que aprestasse as cousas da Armada para Bintam, com voz que as fazia para a Sunda, por elle estar declarado que havia de ir com Francisco de Sá servir de Capitão mór do mar. Esta estratagem, e ardil foi mui proveitoso, porque em quanto Duarte Coelho apercebeo aquella Armada, sempre os Mouros tiveram para si ser para a Sunda.

Providas todas as cousas para a jornada, embarcou-se Pero Mascarenhas em hum galção, de que era Capitão Alvaro de Brito;

e das

N IMPRENSA
NACIONAL

e das outras vélas, que eram vinte, em que entravam seis que haviam de ir a Sunda, eram Capitães Aires da Cunha, Alvaro da Cunha seu irmão, Antonio da Silva, Antonio de Brito, D. Jorge de Menezes, Francisco de Sá, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, Tristão Teixeira, João Rodrigues, Pereira Passaro, Francisco de Vasconcellos, Jordão Jorge, Francisco Jorge, e Fernão Serrão de Evora, todos estes hiam em navios Portuguezes: as outras embarcações eram lancharas da terra, e nellas hiam por Capitães Jorge de Alvarenga, Diogo de Ornellas, João Estevens, Vasco Lourenço, Fernão Pires, e Gaspar Luiz. Nesta frota hiam té quatrocentos soldados Portuguezes, em que entravam muitos Fidalgos, além dos Capitães, e outra gente nobre. Os Malaios da terra, e vassallos da Cidade seriam seiscentos, de que eram Capitães dous Mouros principaes, Tuam Mafamede, e Sinaia Raxa. Com esta Armada, e gente partio Pero Mascarenhas hum Domingo 23 dias de Outubro daquelle anno de 1526.

CAPITULO X.

Como Pero Mascarenhas chegou ao porto da Ilha de Bintam, e desbaratou huma Armada d'ElRey de Pam; e do conselho que teve per onde accommetter a entrada da Cidade.

SEndo todo o caminho de Malaca a Bintam cheio de ilhetas, restingas, e baixos de muito perigo, chegou Pero Mascarenhas ao porto de Bintam com grande trabalho, e risco; e surgindo, mandou sondar a barra do rio para ver se poderia subir per elle acima com os navios pequenos que levava. Foi Duarte Coelho a fazer esta sonda; e tornando, deo-lhe menos esperanças da subida dos navios das que elle levava de Malaca. Porque depois que Jorge d'Albuquerque voltou de Bintam, mandou ElRey metter no rio mais estacas, e tão retorcidas, que não podiam entrar em aquelle canal senão algumas pequenas lancharas; e porque levar a gente nellas té á ponte, que estava na Cidade, onde Pero Mascarenhas se queria ver, era offerecer a gente á morte mui certa, affentou per conselho dos que alli foram com Jorge d'Albuquerque de mandar arrancar as estacas, e despejar o caminho, e assi se fez; para a qual obra nomeou a Fernão Serrão, que

que era Capitão de hum navio, por ser bom cavalleiro, e homem indusrioso, e deo-lhe cincoenta homens escolhidos, e despachados para aquelle mister. Começando Fernão Serão esta obra, foram tantos os tiros sobre elle da artilheria que estava assentada na terra, principalmente nos cotovellos della, que senão foram as grandes arrombadas que o navio levava, fora mettido no fundo. Foi esta arrancada das estacas hum trabalho tão grande, que bastava para matar os homens; quanto mais os pelouros da artilheria; porque como as estacas foram alli mettidas com força de massa, e sobre ellas cresceo a vassa, assi se unio com os páos, que parecia terem creado raizes; tão firmes estavam, pelo que á força de cabrestantes se buliam, e arrancavam, pondo os homens nisso tanto trabalho que cospiam sangue.

Sobre este trabalho lhe recresceo outro, que os metteo em maior revolta, e foi o soccorro que ElRey de Pam genro d'ElRey de Birtam lhe mandava, assi de gente, como de mantimentos, em trinta lancharas, que faziam grande apparato, e mostra ao mar; e posto que Pero Mascarenhas já tinha noticia desta Armada que ElRey de Birtam tinha mandado pedir, e não o sobrefaltou a vista della, todavia fez em todos grande alteração, de mais de verem tama-

nhã frota, reccearem que chegada ella ao porto, sahisse de dentro do rio Laxemena, e os mettesse em maior trabalho. E assi antes que se chegasse mais, mandou Pero Mascarenhas a Duarte Coelho que lhe sahisse com algumas vélas ao encontro; porque Aires da Cunha, que era Capitão mór do mar, tinha engaitado o cargo por as paixões passadas com Pero Mascarenhas sobre a capitania de Malaca que lhe não deo. Porém quando vio a revolta que hia na vista daquellas lancharas, elle com seus irmãos Alvaro da Cunha, Francisco da Cunha, e alguns parentes, e amigos, que se lhe chegáram, se foi a Pero Mascarenhas, dizendo: *Senhor, que mandais que faça por serviço d'ElRey, que para isso não negarei minha pessoa?* Ao que Pero Mascarenhas respondeu: *Acudí, senhor, ao encontro daquelles navios que vedes;* o que Aires da Cunha logo fez, mandando Pero Mascarenhas alguns navios que o acompanhassem, e ficou daquella parte descansado, vendo que Aires da Cunha se offerecia, e com elle hiam seus irmãos, e pessoas, que do caso haviam de dar boa conta. Os Mouros quando viram Duarte Coelho que sahia da Armada de Pero Mascarenhas, não fizeram d'elle conta, porque levava sómente quatro, ou cinco navios; mas quando lhes appareceu Aires da

Cu-

Cunha, imaginando ser ardil de guerra, commetterem-nos espalhados, e começaram a redemuinhar; e a maior parte delles, que a Duarte Coelho que hia diante já começavam a varejar com a artilheria, foram-se retirando para humia Ilha que alli estava perto com fundamento de se salvar em terra, e assi o fizeram. Finalmente a sua vinda parou em muitos delles serem tomados no mar, e muitos naquella Ilha, e outros deixando os navios salváram suas pessoas, a que ajudou ser perto da noite, por razão da qual Duarte Coelho, e Aires da Cunha os deixaram de perseguir, e contentáram-se com lhe ficarem na mão mais de doze lancharas com quanta artilheria, e mantimentos traziam.

Havida esta vitoria, que Pero Mascarenhas tomou por certo final da outra que esperava da tomada da Cidade, dobrou mais gente para revezar com outra fresca o arrancar das estacas, que ainda com toda esta dobrada diligencia durou o trabalho mais de doze dias, sendo já neste tempo o navio de Fernão Serrão tão esfuracado da artilheria, e tão cheio de agua, que era outro novo trabalho esgotalla porque se não fosse ao fundo. Todavia elle acabou sua obra, e foi-se pôr muito perto da ponte, a qual ordenada para serventia, e defensão da Cida-

de,

de, estava armada sobre grossos mastos de páo barbufano, que por ser forte, e rijo lhe chamam páo ferro. A Cidade ficava situada á mão direita da ponte*, apartada della pouco mais de mil passos, toda cercada de madeira grossa, com estacada dobrada, e tão alta como hum muro feito a dentes de serra, que ficavam sendo travézes huns dos outros, defendidos com muita artilheria. E para defensão de huina praça que ficava entre a Cidade, e o rio, e servia para a embarcação, e desembarcação, havia hum baluarte terraplenado, e nelle assentadas muitas peças de artilheria. Na outra parte da ponte, assi da banda debaixo té a foz do rio, como acima della, tudo era hum espello arvoredado de mangues, arvores que se criam n'gua salgada, sem haver outra serventia, nem caminho, por tudo ser alagadiço, porque se não serviam. E com tudo no fim desta ponte, (ainda que com este arvoredado de mangues abaixo, e acima estava segura desta mão esquerda, fronteira á outra direita, em que ElRey tinha posta a maior defensão,) estava feito outro baluarte daquella madeira forte com muita artilheria, e por Capitão desta estancia hum Mouro por nome Tuam Raja, bom cavalei-

Tom. IV. P. I. E lei-

* O sitio da Ilha, e Cidade de Bintam descreveo João de Barros na 3. Dec. liv. 5. cap. 4.

leiro, com gente que elle escolheo á sua vontade. Da outra banda da Cidade, que era a direita, em que os Mouros outro si tinham posta sua defensão, além dos Capitães que estavam repartidos pelos lanços do muro que dissemos, ficava de fóra Lackemena, como Capitão do mar, por alli ter suas lancharas, com que esperava pelejar havendo d'isso necessidade. E assi o fez; porque tanto que Fernão Serrão acabou sua obra, e com grande grita, e prazer chegou á ponte, ficando de maré chea, como hum baluarte sobre ella, acconmetteo Lackemena o navio, e pelejando os Mouros animosamente com custo de muito sangue dos nossos, e derribando a Fernão Serrão quasi por morto, houveram de ficar senhores do navio. Mas a esta pressa acudio Pero Mascarenhas em as mais pequenas embarcações que tinha, por causa da artilheria que estava nos cotovellos de terra das torceduras do rio, e fez tal estrago em os Mouros, que despejaram o navio, e Lackemena se tornou a recolher. Aconteceo que neste recontro hum escravo moço, e Christão de hum Portuguez que estava cativo, tendo tempo, escapou, e veio dar nova a Pero Mascarenhas do estado das cousas d'ElRey, e como estava fortalecido; e per o mesmo modo tambem hum Portuguez cativo, prezo com huma grossa braga, ante

te manhã mettido bem na vasa por chegar ao navio de Fernão Serrão, começou a bradar, e pelos nossos foi dalli tirado, e levado a Pero Mascarenhas, a quem contou tudo o que passava entre os Mouros.

Vendo pois Pero Mascarenhas per sua propria pessoa a fortificação que os Mouros tinham posta naquella parte da mão direita, onde a Cidade estava, como em lugar de maior suspeita, por razão da praça, e ferventia; e considerando tambem a outra parte da ponte onde estava o baluarte, e o grande arvoredado que havia ao longo do rio té ir dar nella; disto que reconheceo, e notáram os que com elle foram, tirou o conselho do que havia de fazer, e foi mandar logo aquella noite ordenar na praia, na face do terreiro, que era ferventia da Cidade, hum reparo de pipas cheias de terra, guardado com alguns falcões, e guardado com os Malaios que vinham naquella Armada, Capitães Tuam Mafamede, e Sinaia Raja, com alguns Portuguezes que os governassem, aos quaes elle descubrio os sinaes que haviam de fazer, e aos que haviam de responder, porque sua tenção era accommetter a entrada da Cidade per outra parte, e dar a entender ao inimigo com aquella prevenção que por alli a queria entrar; e a este fim mandou pôr naquella parte os Malaios, que

como gente menos fiel não lhe serviam de mais que de mostra do que elle não queria fazer. E por onde determinava que fosse a entrada da Cidade, menos suspeitosa a El-Rey, e mais trabalhosa aos nossos, por a grande aspereza do caminho, era pela mão esquerda per entre os mangues, té ir dar no baluarte da ponte. Vinda a noite, deixando os navios grandes providos de gente, e em os de remo leves embarcando outra, os repartio em duas esquadras, huma deixou ao meio do rio, para que se ajuntasse com os Malaios, e a outra que fosse demandar o navio de Fernão Serrão, que correo risco de ser perdido por os Mouros lhe virem cortar as amarras, o que sentindo os nossos que vigiavam, lançáram outras guarnecidas com cadeias de ferro, que se não podiam cortar.

C A P I T U L O XI.

Como Pero Mascarenhas commetteo, e destruiu a Cidade de Bintam com morte de muitos Mouros, e fugida d'El-Rey.

DAda esta ordem, sahio logo Pero Mascarenhas em terra abaixo da ponte espaço de huma legua, e com guias que levava diante começou a caminhar per entre os mangues, e accommetteo hum trabalho

incrível, e hum feito, que em outro Capitão, que não tivera o animo, e valor de Pedro Mascarenhas, se podia chamar temerario, e inconsiderado, vista a pouca noticia que elle tinha daquelle lugar, e as circumstancias delle, e do tempo; porque o tempo era de noite escura, o caminho entre arvores, cuja espessura fazia a noite mais escura; e ora pela vasa, ora per cima de grandes rai- zes, que estas arvores criam do meio do tronco para baixo, ordenadas de maneira que per cima dellas se não póde andar em pé, e tudo tão intricado com ellas, que para de dia era este caminho em estremo trabalhoso, quanto mais pelo escuro da noite. Com estes trabalhos cansados, e enlameados os nossos, chegáram ao baluarte da ponte, antes que a alva rompesse; e como os Mouros da vigia da noite estavam cansados, e descuidados de serem accommettidos por aquelle lugar, quasi não sentiram os nossos, senão quando deram *Sant-Iago* nelles, e as trombetas fizeram final aos que estavam com Fernão Serrão, e com os Malaios na estancia das pipas, e todos arremettêram com tão espantosa grita, que os Mouros não atinavam aonde haviam de acudir; e por ouvirem maior ruido de vozes na estancia dos Malaios, por ser de maior número de gente, e haver nella trombetas para enlearem mais

os inimigos, acudiram elles alli primeiro que a outra parte; e como tinham esta por mais principal estancia, parecendo-lhes que por ella os havia de accommetter Pero Mascarenhas, e estava nella Laximena, ajuntou-se alli a maior parte dos Mouros, mas não se sabiam determinar, porque ainda a luz do dia não dava muita claridade. Fernão Serrão, como lhe estava encommendado, com panellas de polvora poz o fogo a hum baluarte pegado com a ponte, de que os Mouros com temor se afastaram. Já a este tempo a parte que Pero Mascarenhas accommetteo era entrada, e o primeiro que subio por aquelle baluarte foi Aires da Cunha com seus irmãos Alvaro da Cunha, e Francisco da Cunha, e João Pacheco, aos quaes os Mouros resistiram valerosamente; e Aires da Cunha logo ahi houve o retorno do ferro com que matou o primeiro que se lhe defendeo, porque quando subio lhe mettêram hum zarguncho per entre as pernas, de que depois trouxe muito tempo a ferida aberta, e manquejou. Por a mesma parte per onde Aires da Cunha entrou, foi aberto hum postigo que fechava a ponte sobre si, ao qual acudiram muitos dos nossos, e entrando per elle, começaram encaminhar pela ponte adiante té irem entrar na Cidade, que já andava posta em gran-

de revolta, attonitos, e confusos os Mouros, sem saberem a que parte haviam de acudir.

ElRey ficou tão cortado, quando soube que a Cidade era entrada, que não ousando esperar a furia da vitoria, houve á mão hum elefante, e sem esperar outra cousa quiz salvar sua pessoa, e metteo-se pelo mato ao interior da Ilha; e para mais trabalho seu, entendendo da gente que o acompanhava, que alguns dos nossos o seguiam, com temor se desceo do elefante, e se embrenhou na espessura do mato, indo alguns Portuguezes no seu alcance té se embrenhar. E cuidando Pero Mascarenhas que o tinha nas suas casas, com o maior corpo da gente que o seguia, foi direito a ellas; e hum dos Capitães d'ElRey, per nome Laxa Raja, que estava em guarda de outra parte principal da Cidade, por lhe darem rebate que era entrada pela ponte, acudio tambem ás casas d'ElRey, não sabendo que era fugido, e veio-se a encontrar nellas com Pero Mascarenhas, onde pelejaram os Mouros mui esforçadamente, em quanto não souberam que ElRey era partido; mas depois que lhes chegou esta nova, não somente Laxa Raja, que primeiro o soube, já ferido de duas espingardadas, mas todos os outros a quem melhor salvaria a vida, en-

tregáram a Cidade á vontade dos nossos victoriosos. ^a

Antes que fosse mettida a faeo, tres mercadores estrangeiros, que nella tinham muita fazenda, se vieram a Pero Mascarenhas, pedindo-lhe que delles houvesse compaixão, por não serem naturaes da terra; o que elle concedeo com condição, que lhe dessem os mantimentos que houvessem mister os dias que alli estivessem, como fizeram. Depois que a Cidade foi saqueada, puzeram-lhe o fogo. Houve nella grande despojo, em que entráram perto de trezentas peças de artilheria, das quaes muitas foram nossas, havidas per os navios das Armadas que este Rey trazia contra nós. O qual vendo-se desbaratado, furtadamente se passou á terra firme de Malaca, a hum lugar chamado Ujantana, onde dahi a poucos dias com o trabalho do caminho, e nojo da sua ultima perdição acabou a vida; mas ficou-lhe hum filho por nome Alaudim, que tambem seguiu esta guerra contra nós, como adiante diremos ^b. Acabado este feito, que foi

^a *Havia na Cidade para sua defensão mais de sete mil homens de pelea, dos quaes morreram mais de quatrocentos, sem os muitos feridos, e se cativárão dous mil, e dos Portuguezes morreram dous, ou tres. Diogo do Couto liv. 2. Cap. 3.*

^b *Antes que Pero Mascarenhas partisse de Bintam, veio alli ter o senhar que fora daquella Ilha, a quem o Rey morto a tomou, e pediu a Pero Mascarenhas que lha ref-*

DESCRIPÇÃO DA ILHA
DE JAUA

3 4 5 6 7 8 9 10

Vista cete legoas, ou grau e meio



10
9
8
7
6
5
4

10
9
8
7
6
5
4

foi o mais honrado de quantos naquellas partes se fizeram, porque Francisco de Sá havia de fazer sua viagem para Sunda, Pedro Mascarenhas o despedio dalli, e elle se tornou para Malaca com honra, e triunfo de tão gloriosa vitoria.

C A P I T U L O XII.

Da descripção de Sunda, e costumes de seus habitadores: e em que lugares da India ha pimenta para carregação.

ANtes que tratemos do successo da jornada de Francisco de Sá, he necessario contar a causa della; e como esta depende da amizade, e paz, que Henrique Leme per ordem de Jorge d'Albuquerque, Capitão que foi de Malaca, assentou com ElRey de Sunda, por razão da pimenta que ha naquelle Reyno; convem primeiro dar noticia da viagem de Henrique Leme, ainda que na conta dos annos tornemos hum pouco atrás do tempo de que ao presente tratamos; e porque o Reyno de Sunda he hum dos da Ilha da Javia, será necessario pre-

stituisse, e elle lha deo com condição, que ficasse vassallo d'ElRey de Portugal, e que não faria fortaleza naquella Ilha, nem tracia Armada no mar. Veio tambem ElRey de Linga grande amigo dos Portuguezes, que vinha em seu soccorro com deztoit lancharas, e foi mui bem recebido de Pero Mascarenhas. Diogo do Couto liv. 2. cap. 1.

preceder a tudo a descripção desta Ilha, e Reyno, para se melhor entender o que sobre elle heimos de dizer.

Da terra da Jaiia fazemos duas Ilhas, huma ante outra, cujo lançamento he de Ponente para Oriente, quasi ambas em hum paralelo, em altura de sete té oito grãos da parte da linha Equinoccial para o Sul. No comprimento destas Ilhas, segundo os mareantes daquelle Oriente as assentam em suas cartas, haverá distancia pouco mais, ou menos de cento e oitenta leguas, não sendo na verdade tantas, como mostraremos na nossa Geografia universal. Os mesmos Jáos não fazem da Jaiia duas Ilhas, senão huma de todo aquelle comprimento. E para o Ponente, onde ella vem avizinhar com a Ilha Camatra, fica entre ambas hum canal de dez té doze leguas de largura ^a, pelo qual se navegava todo aquelle Oriente com o Occidente da India, antes que Malaca se fundasse, como já temos escrito. Esta Jaiia assi como vai em comprimento, leva pelo meio huma corda de ferranias mui altas, que serão da costa do mar da parte que tem a face ao Norte té o mais interior da terra vinte e cinco leguas, e dellas para

o Sul

a Este canal, que se chama o Boqueirão da Sunda, tem no mais largo vinte e cinco leguas, e no mais estreito seis: e na sahida delle da parte de Levante fica a Ilha Bincar, que se affirma ter muito ouro.

O Sul os meſmos naturaes da terra não ſabem o que vai, ſómente dizem ter noticia, que deſtas terras té o mar do Sul haverá outro tanto. Quasi no terço do comprimento deſta Ilha, na parte Occidental, eſtá Sunda, de que havemos de tratar, a qual parte de terra os ſeus naturaes tem ſer Ilha apartada da Jaúia per hum rio pouco ſabido dos noſſos navegantes, a que elles chamam Chiamo, ou Chenano, que córta do mar todo aquelle terço de terra de maneira, que quando aquelles naturaes dam a demarcação da Jaúia, dizem que a parte do Ponente confina com a Ilha de Sunda, e ſe aparta della por eſte rio Chiamo, e da parte do Oriente com a Ilha Bale, e que do Norte tem a Ilha Madura, e do Sul mar não deſcuberto, porque tem elles para ſi que quem ſábe per eſtes canaes contra aquelle mar do Sul, eſgarra com as grandes correntes, e não pôde mais tornar, e por iſſo o não navegam ao modo que fazem os Mouros na coſta da Caſtalia té Coſala, que não paſſam o Cabo das correntes por as grandes que aquelle mar tem. Os moradores de Sunda em abonação da ſua terra, gloriando-ſe ſer melhor que a Jaúia, dizem, que Deos ordenou aſſi eſta diviſão entre eſtas duas terras per aquelle rio Chiamo; e logo per elle meſmo o quiz mostrar nas arvores que

nascem ao longo delle , porque tendo as raizes na sua margem , lançam as ramas , e fruto para dentro de si , deixando o rio defassombrado deste arvoredos ; a qual causa sendo conforme á razão natural , elles a attribuem a mysterio , por carecerem dos princípios da Filosofia , porque todas as cousas naturalmente são tão amigas de sua propria conservação , e fogem tanto das que lhes podem ser prejudiciaes , que por fugirem aquellas arvores aos ventos , que correm com grande impeto pela madre daquelle rio , se inclinam a outra parte , como quem lhes foge , o que he cousa mui nota aos bons mareantes , que da inclinação das arvores , que estam ao longo do mar , conhecem que vento cursa naquella costa o mais do anno. E tornando á repartição que os naturaes daquellas partes de Sunda fazem , elles a apartam per aquelle rio Chiamo que dissemos , o qual por não ser dos nossos navegantes mui sabido , fazem de Sunda , e Jaitia huma Ilha ; e deixando as cousas da Jaitia para a nossa Geografia universal , pois a Sunda nos trouxe a esta descripção de terras , fallaremos hum pouco della ^a.

EF-

a A Ilha da Java he dividida em muitos Reynos pelo maritimo Septentrional della; e des que se tem noticia, começando da sua parte Oriental, são Paneruco, Ovalle, Agasai, Paaiani, (cujo Rey reside no sertão, e tem superioridade sobre os Reynos referidos, e outros.) Bero

NACIONAL

Esta Ilha de Sunda he terra mais montuosa por dentro que a Játia, tem seis portos de mar notaveis, Chiamo que he o estremo da Ilha, Xacatara por outro nome Caravam, Tangaram, Cheguede, Pondang, e Bintam^a, que são de grande trafego, por razão do commercio que se aqui vem fazer, assi da Játia, como de Malaca,

e Ca-

dam, Sotala, Tubam, Cajoam, Japara, (a Cidade principal d'este Reyno se chama Cherinhama, tres leguas apartadas do mar: e a borda delle fica a de Japara,) Dama, Margam, e Matarom. Nas serras desta Ilha vivem muitos senhores que se chamam Gunos, gente selvagem, e que come carne humana. Os seus primeiros povoadores foram Siames, que cerca do anno de 800 partindo de Siam em hum juncos para a Ilha de Macagar, esgarraaram com hum temporal, e se perdêram na Ilha de Bale, e na champaigna do Juncos vieram ter á Játia té então não descuberta, a qual por sua grossura, e fertilidade veio logo povoar Passará filho d'El Rey de Siam, e em hum bom porto della fundou a Cidade Passarvam do seu nome, que foi a primeira povoação desta Ilha. São os Jãos soberbos, valentes, e atrevidos, tão vingativos, que por qualquer pequena offensa, (tendo elles pela maior de todas podem-lhes a mão na testa,) se fazem amonções para se satisfizerem della: exercitam muito a navegação per aquella Arcipelago Oriental, e dizem que navegaram já pelo Oceano té a Ilha de S. Lourenço.

^a A Cidade de Bintam, ou Banta, que fica no meio do Boqueirão de Sunda, esil situada no meio de huma lago enseado, de ponta a ponta terá tres leguas; he limpa, de seis té duos braços de fundo: sahe nella hum rio, que divide a Cidade em duas, perque podem entrar juncos, e galés. A hum lado da Cidade ha humia fortaleza, cujo muro, que he de adobes, terá de largura sete palmos, e os seus baluartes são de madeira guarnecidos com boa artilheria.

e Camatra. A principal Cidade que tem este Reyno se chama Daio, mettida hum pouco no sertão, a qual affirmam, que no tempo que foi áquella Ilha Henrique Leme, tinha cincoenta mil vizinhos, e no Reyno haveria cem mil homens de peleja; agora por a guerra que lhe fizeram os Mouros está tudo muito diminuido. A terra he em si muito grossa, ha nella ouro baixo de sete quilates, tem carne, e monteria de toda sorte, muitos mantimentos, e tamarindos, que aos naturaes servem de vinagre. A gente não he muito bellicosa, mas dada ás suas idolatrias, para o que tem grande número de templos; querem mal aos Mouros, e muito maior agora, depois que os conquistou hum Sanguie de Pate de Dama. Podem aqui resgatar quatro, e cinco mil pessoas por cativos, por ser muito povo, e licito por lei sua, que o pai possa vender os filhos por qualquer leve necessidade. As mulheres tem bom parecer, e as nobres são mui castas, o que não são as do povo; tem Mosteiros de mulheres que guardam perpétua virgindade, por vaidade da honra mais, que por devoção. Os homens nobres quando não podem casar suas filhas á sua vontade, contra a sua dellas as mettem nestes Mosteiros. As casadas, quando lhes morrem seus maridos, hão de morrer

com

com elles por honra; e se temem a morte, então se mettem naquelles Mosteiros como religiosas. O Reyno se succede de pai a filho, e não o sobrinho filho de irmã ao tio, como usam os Malavares, e outro Gentio da India. Prezam-se de ter armas ricas, guardadas de ouro, e lavradas de tauxia, e assi douam os crifes, e ferros de lauçã, e toda outra arma de ferro. Muitas outras cousas puderamos escrever desta terra, (que deixamos para a nossa Geografia, por não fazer ao proposito desta historia,) e de todas as que ella produz, a de maior importancia he a pimenta de que se colhe cada anno mais de trinta mil quintaes.

E porque os Reys de Portugal, além da conquista daquellas partes de Oriente, para sustentação della, tem o commercio das mercadorias, que a estes Reynos se trazem, parte fica sendo desta historia da India, com a occasião da pimenta de Sunda, tratar della, (como de especiaria mais principal,) e dos lugares donde vem. Dizemos por tanto, que das partes que os Portuguezes conquistaram na India, daquém, e além do Ganges, em seis partes sómente ha pimenta, que seja cousa notavel para carregação de náos. Na terra do Malavar a ha, inuito neta, na parte Occidental da Ilha Çamatra, onde são os Reynos de Pacem,

e Pedir, na costa de Malaca onde chamam Quedá, e na outra parte da mesma terra que tem o rosto para Levante quasi opposta a esta, e na terra da Jaiia, por nome Sunda. A pimenta daqui, e do Malavar he quasi igual em pezo, grossura, e sabor, e nestas duas partes ha maior quantidade que nas outras. E antes que entrassemos na India, todas as terras Occidentaes do mar Parseo para nós se proviam da que haviam do Malavar, e de Quedá, Camatra, Sunda, e Patane, todo aquelle Oriente té a China. Mas antigamente quando os Chijs conquistaram a India, (como já em outra parte escrevemos,) no Malavar faziam suas carregações por dar sahida a suas mercadorias que traziam do seu Oriente, por ser mui vizinho á Persia, e Arabia, e per as quaes Provincias tinham sahida para o nosso Occidente, e ainda hoje a Cochij., onde nós fazemos a carga, ficou este nome que lhe os Cohijs puzeram. Mas como com nossa entrada na India todo o commercio, e navegação das especiarias se mudou, os Mouros, que nesse tempo eram senhores d'elle, o vieram a perder, por nós o defendermos com nossas Armadas, com as quaes elles atormentados, deixando a costa do Malavar, hiam aos Reynos de Pacem, e Pedir, onde além de pimenta achayam noz, maça, e crávo, que pela via de

Ma-

Malaca alli vinha ter, e outras mercadorias daquelle Oriente, e sua navegação era per entre as Ilhas de Maldiva, vindo aboear o estreito de Méca, fugindo de nossas Armadas. E alguns depois que os Portuguezes foram senhores do Reyno de Pacem, posto que era comprida navegação, hiam per fóra da Illha Camatra ao porto de Sunda, onde achavam mais cópia de pimenta, e assi de outras drogas, por ser todo aquelle Oriente navegado pelos Jáos, de cujas mãos elles haviam tudo.

E porque a sustancia de Malaca estava no trato daquelle Oriente, por ser huma feira a que o de lá, e o de cá concorre, e por odio nosso os Jáos fugiam della, e buscavam estoutras sahidas, assi para a China, como para Cambaia, e estreito de Méca: como Jorge d'Albuquerque Capitão de Malaca tinha muita noticia deste commercio da Sunda, determinou de o mandar tentar per Henrique Leme seu cunhado, por ser Senhor delle hum Rey Gentio chamado Samiam, com o qual já tinha communição da primeira vez que esteve em Malaca em tempo de Affonso d'Albuquerque.

CAPITULO XIII.

Como Henrique Leme partio de Malaca, e assentou paz com ElRey Samiam de Sunda, e mettes o padrão onde se havia de fazer huma fortaleza: e da jornada de Francisco de Sá, da qual não resultou effeito.

JOrge d'Albuquerque para o commercio que queria assentar com ElRey de Sunda, mandou armar hum navio o anno de 1522, de que foi por Capitão Henrique Leme, bem acompanhado de gente, e com algumas cousas de presente para aquelle Rey Samiam. Chegado ao seu porto^a, elle o recebeu com muito gazalhado; e como homem a que importava muito nossa amizade, assi para se ajudar de nós na guerra que tinha com os Mouros, como por causa do commercio, assentou logo com Henrique Leme, que mandasse ElRey de Portugal fazer alli huma fortaleza, e que lhe carregaria quantas náos quizesse de pimenta a troco de outras mercadorias, que a terra houvesse mister. E que demais lhe aprazia dar a ElRey D. João III. de Portugal cada anno desde o dia que começasse a fabrica da fortaleza, mil saccoes de pimenta por boa amizade, e paz que com elle folgava ter, os quaes seriam dos
 cof-

^a Este porto, segundo Diogo do Couto, he o de Bintam.

costumados em sua terra, que era cada hum de quarenta e cinco arrateis dos nossos, que montam trezentos e cincoenta e hum quintaes. De tudo o que se assentou entre El-Rey, e Henrique Leme se fizeram duas escrituras a 21 de Agosto do dito anno de 1522; huma, que a El-Rey ficou na mão, e outra trouxe Henrique Leme, das quaes por nossa parte foram testemunhas Fernão de Almeida Feitor da fazenda daquella viagem, Francisqueanes Escrivão do seu cargo, Manuel Mendes, Sebastião do Rego, Francisco Dias, João Coutinho, Gil Barbosa, e Thomé Pinto, que eram as principaes pessoas do navio; e por parte d'El-Rey Mandari Tadam, Tamungo Sangue de Pate, e Bengar Xabandar da terra. As quaes tres pessoas, que eram as principaes do Reyno, mandou El-Rey que fossem mostrar a Henrique Leme o lugar onde queria fazer a fortaleza, e assentasse hi o padrão por firmeza do que tinham concertado. O padrão com grande festa, assi dos Portuguezes, como dos naturaes da terra, se metteo na barra do rio á mão direita da entrada d'elle em hum sitio da terra, a que elles chamam Calapa, lugar mais conveniente que a Henrique Leme pareceo para a fortaleza; o qual padrão era dos costumados, que assentavam os Portuguezes nas terras que descubriam, tomam-

do posse dellas , como atrás escrevemos. Deste auto tambem Henrique Leme tirou seu instrumento assinado pelas testemunhas referidas , que ElRey confirmou , e assinou. Acabadas estas cousas , e dados seus presentes de parte a parte , Henrique Leme se partio para Malaca , e de Jorge d'Albuquerque foi bem recebido , o qual logo escreveu a ElRey na primeira Armada , que daquellas partes veio , dando-lhe conta de como tinha feita aquella obra sem sua licença , por entender quanto importava a seu serviço por bem de Malaca ter alli aquella fortaleza. Approvou ElRey o que fizera Jorge d'Albuquerque , e assi quando o Conde Almirante Viso-Rey no anno 1524 partio deste Reyno para a India , levava em regimento fazer logo esta fortaleza , de que deo a capitania a Francisco de Sá , que foi com o mesmo Conde. Mas como o Viso-Rey logo faleceo , D. Henrique de Menezes que lhe succedeo , proveo a Francisco de Sá da capitania de Goa , e não houve tempo para elle partir ; como Lopo Vaz de Sampaio entrou no governo , tirou-lhe a capitania , assi para lhe dar sahida a ir servir seu cargo , pois o de Capitão de Goa não era seu , como por ElRey de Portugal escrever a D. Henrique , que mandasse fazer a fortaleza de Sunda ; pelo que Lopo Vaz lhe mandou aprestar logo hum

Armada de seis vélas, de que eram dous galeões, em hum dos quaes hia Francisco de Sá, e D. Jorge Tello de Menezes no outro, e Diogo de Sá em huma galé, Antonio de Sá em huma galeota, e Francisco Mendes de Vasconcellos em huma caravela, e Duarte Coelho em hum bargantim. Chegado Francisco de Sá a Malaca, foi a tempo que Pero Mascarenhas estava de caminho para Bintam; e indo com elle se achou naquella empreza, e dalli o despedio para Sunda, como atrás dissemos. Partido Francisco de Sá de Bintam, deu-lhe hum temporal, com que Duarte Coelho acertou de ir primeiro ao porto de Calapa, e alli se lhe perdeu o bargantim da Armada, o qual foi dar á costa, onde todos mortêram a mãos dos Mouros que estavam em terra, os quaes havia poucos dias que eram senhores della, por tomarem a Cidade áquelle Rey Gentio, que era amigo d'ElRey de Portugal, e lhe dera lugar para a fortaleza.

O Mouro que tomou a Cidade era homem de baixa sorte, nome Faletehan natural da Ilha Çainatra do Reyno de Pacem. Este em tempo de Jorge d'Albuquerque, quando se tomou a Cidade de Pacem ao tyranno Geinal, e se entregou ao Principe herdeiro, se partio dalli em huma náó, que hia

hia para o estreito de Méca com especiaria, e lá se deixou estar dous, ou tres annos aprendendo as cousas da seita de Mafamede para seu intento. Tornando a Pacem, achou nossa fortaleza feita, e nella por Capitão D. André Henriques; e por a terra não estar então a proposito para se semear a lei de Mafamede, por a vizinhança da fortaleza dos Portuguezes, se passou em hum navio á Cidade de Japara, onde com o nome de Caciz de Mafamede se metteo com o Rey, e com prêgações o fez Mouro, e com sua licença a muitos Gentios. Ficou este Rey tão contente da nova lei que tomára, que parecendo-lhe que nisso servia a Deos, e gratificava a Falatehan o beneficio que lhe fizera, lhe deo huma irmã sua por mulher; e elle como sua tenção era converter muita gente á sua seita, pedio a ElRey seu cunhado licença para ir a Bintam Cidade de Sunda a fazer esta obra, onde foi recebido de hum homem principal da terra, que se converteo, e lhe deo commodidade que fosse com a conversão adiante. Faletehan como vio a Cidade apparelhada para proseguir seus intentos, e que o Rey da terra estava mettido pelo sertão, mandou pedir a ElRey seu cunhado que lhe madasse sua mulher, e alguma gente para sua ajuda, o qual lhe mandou a mulher, e com ella dous mil ho-

mens para o ajudarem no que lhe cumprisse. Quando aquelle homem principal que o agazalhou vio os dous mil Jáos, fello saber ao Rey da terra; mas Faletehan se houve com tanta industria, e assi trabalhou neste negocio, que ficou senhor da Cidade, e da terra; e assi quando Francisco de Sá chegou ao porto de Sunda, estava este tyranno Faletehan tão senhor, que lhe não consentio fazer a fortaleza, antes lhe matou alguma gente, e o desbaratou de maneira, que tornando conselho com os principaes da sua Armada, visto os inconvenientes, e o pouco aviamento que tinham para proseguir a guerra, se tornou para Malaca. Donde despedio logo Francisco de Mello^a em huma caravela com cartas para o Governador, avisando-o do successo da sua jornada, pedindo-lhe mais gente, e Armada para tornar a intentar a empreza. Francisco de Mello fazendo sua viagem, sobre a barra de Achem vio huma não furta á carga, e com conselho dos companheiros a commetteo; e porque nella havia mais de trezentos Achens, e quarenta Rumes, não se atrevendo a abordalla, se puzeram á trinca, e com a artilheria a batêram, té que com hum canello que lhe tiráram ao longo da agua, a abríram, e cheia della se foi ao fundo. Os Achens,
e Ru-

^a Diogo do Couto cap. 1. do liv. 3.

e Rumes se lançáram ao mar para se salvarém, mas escapáram poucos; porque os Portuguezes raivosos da perda da náó, que estava cheia de fazendas, os máráram quasi todos, e seguindo sua viagem foram tarde tomar Cochij. Os quaes ora deixamos, por ser necessario darmos conta do que he feito em Maluco, do tempo em que D. Garcia Henriques entrou por Capitão, e assi continuaremos com a ordem que já dissemos que tínhamos em contar os feitos que se fizeram nestas partes de Malaca por diante.

C A P I T U L O X I V .

Como D. Garcia foi entregue da fortaleza de Ternate, e per morte d'ElRey Almançor tomou a Cidade de Tidore, e a destruiu.

TEndo Antonio de Brito entregue a Dom Garcia Henriques a fortaleza de Ternate, pela maneira que na terceira Decada dissemos^a, vindo a monção, elle se partio para Malaca a 12 de Janeiro do anno 1526, e foi surgir ao porto da Ilha de Bacham, e com a detença que li fez em concertar o seu junco, a 5 de Fevereiro foi ter a Banda, e dahi partio a 13 de Julho, e chegou á Javia a 10 de Agosto ao porto de Pa-

na-

a Livro 10. cap. 5.

naruca, onde achou João Moreno, e Gonçalo Alvares, e alguns vinte juncos de Malaca, que vinham de baixo da bandeira de Gonçalo Alvares, per hum Alvará de Pero Mascarenhas, que ao tempo da sua partida ainda estava em Malaca, e huns contra os outros estavam postos em armas. Antonio de Brito, (a quem elles tomavam por Capitão, e o não quiz aceitar, enfadado dos successos de Maluco,) atalhou a tudo, e os concertou que governassem ás semanas, com juramento de estarem por este pacto; e elle se partio, e foi á Cidade de Tagagam, cujos moradores, que estavam de guerra com os Portuguezes, lhe haviam tomado hum junco de cravo, que elle tinha mandado diante a Malaca, e intentáram tomar o seu em que vinha; pelo que se partio logo daquelle Cidade, tomando primeiro hum junco, que achou no porto carregado de mantimentos, e chegou a Malaca a tempo que Pero Mascarenhas dava á véla para ir governar a India; e por esperar que entrasse no porto Antonio de Brito para saber delle das cousas de Maluco, não partio aquella maré, com que não pode ir aquelle anno á India, como atrás dissemos.


D. Garcia Henriques ficava em Maluco com necessidade de gente, por a muita que Antonio de Brito lhe levára, e assi de fa-

zenda para comprar mantimentos, e pagar á gente, porque lhe foi forçado mandar Martim Correa Capitão mór do mar a Banda tomar alguns juncos dos que ali achasse de Malaca, o que podia fazer por esta Ilha ser da governança da sua capitania. E partindo Martim Correa em Fevereiro, achou ainda Antonio de Brito naquella Ilha muito de vagar, fazendo carga de maça, mui pacifico, por ser conhecido na terra do tempo que hi invernára. Dahi a poucos dias chegou de Malaca Manuel Falcão, que vinha com certos juncos per mandado de Pero Mascarenhas, e levava a Maluco o pagamento dos soldados, e com elle Fernão Baldaia, que hia por Escrivão da Feitoria daquella fortaleza, os quaes deram nova a Martim Correa, que por entre as Ilhas víram passar huma não da feição das nossas; e receando Martim Correa ser não de Castella, requereo a Antonio de Brito que lhe dèsse alguma gente, e a Manuel Falcão que fosse com elle. Partio Martim Correa de Banda a 8 de Maio, levando consigo Manuel Falcão, e hum Gomes Aires criado do Mestre de Santiago, e chegou a Maluco, onde achou duas cousas que o descontentáram, servir Manuel Lobo seu officio sem seu consentimento, e andar Cachil Daroez muito descontente, porque D. Garcia tinha feitas pazes com ElRey

de

de Tidore, porque com a guerra era senhor, e estimado, e com a paz receava que por o não haverem milter, a Rainha mãe d'El-Rey, por ser filha d'El-Rey de Tidore, lhe ordenaria per algum modo a morte; e o mesmo receavam os Portuguezes, que postos estes dous Reys em liga, todos se levantassem contra elles, assi os de Ternate, como os de Tidore; e que Cachil Daroez por tornar á amizade d'El-Rey Almançor de Tidore, e da Rainha de Ternate sua filha, se ajuntaria com os Mouros destas duas Ilhas, e seria tambem contra elles. Desta suspeita se víram logo sinaes manifestos, porque Cachil Daroez tratava concertos com El-Rey Almançor de Tidore, que lhe dêsse por mulher sua filha, o que D. Garcia estorvava, e Cachil o sentia muito; e em quanto andava descontente de D. Garcia, não puderam acabar com elle que tornasse a proseguir a guerra.

Neste meio tempo veio a falecer El-Rey Almançor de Tidore, deixando muitos filhos, dos quaes o maior se chamava Cachil Rade, e os outros eram Cachil Cheire, Cachil Daroez, Cachil Abuçasa, Cachil Rageale, e Cachil Duquo^a. Este só era o herdeiro por ser filho da Rainha Cachil Mir, e os outros de mancebas. O Cachil

^a Este chama Diogo do Couto Cachil Rade.  P R E N S A
N A C I O N A L

chil Duquo era moço de dez annos , e tinha por seu Governador hum Mandarim chamado Libernhame , que era como Condestabre , ou Capitão da gente de guerra. Cachil Rade , que em idade se via maior , e não Rey , nem Governador , tinha defavengas com ElRey Cachil Duquo , e queria mandar o Reyno. D. Garcia vendo-os defavindos , desejava de lhes mover guerra , mandou dizer a ElRey , que lhe mandasse toda a artilheria que os de Tidore tomáram a humna fusta de Portuguezes , que pelas pazes que fizera com seu pai estava assentado que lha restituíssem dentro de seis mezes , e por sua morte se acabava o tempo. Os Tidores se escusavam , dizendo , que ainda não tinham dado sepultura a ElRey , nem era levantado o novo Rey , nem os seis mezes eram acabados , que lhes dêsse tempo para acabarem hum conselho em que estavam , que logo satisfariam a D. Garcia. Fernão Baldaia tornou lá , dizendo , que naquella embarcação em que elle lha mandassem logo a artilheria , e não lha entregando lhe apregoasse guerra , porque esta lhe vinha então melhor que a paz , de que estava arrependido. Em quanto este recado foi , como quem em seu peito tinha assentado o que havia de fazer , se fez prestes , e Cachil Daroez com a sua gente ; e na mesma noite que tor-

nou com a resposta Fernão Baldaia, foi Dom Garcia á Cidade de Tidore, (que de Ternate não dista mais que huma pequena legua,) e deo nella per huma parte, sendo encaminhado de Manuel Lobo que já lá estivera; e pela outra, que era mais defensavel, entrou Martin Correa. Os Tidores vendo-se accommettidos tão de subito, e entrada sua Cidade, e sem Rey que os defendesse, puzeram-se em fugida, deixando a Cidade só entregue aos Portuguezes; os quaes recollida a artilheria, puzeram fogo á povoação, que por ser toda de madeira, e cuberta de ota, não tardou muito em se fazer em brasa; e assi a paz que se fez sem bom conselho, por outro não bom conselho se desfez. Com esta vitoria se tornaram os nossos á fortaleza mui defacreditados entre as gentes daquellas Ilhas, e em reputação de homens que não guardavam sua fé, e assi no Reyno de Bacham, e em outros a que de antes hiam os não recolhiam, e defendiam todo commercio, e communição.

CAPITULO XV.

Como D. Garcia soube que no porto da Cidade de Camafo d'ElRey de Tidore estava humo nádo de Castella, e o que fez para a trazer á fortaleza de Ternate.

E Stando D. Garcia com mais repouso na fortaleza, depois que destruiu a Cidade de Tidore, deram-lhe novas os Mouros de Ternate, que nas costas da grande Ilha Batochina, onde chamam o Moro, víram passar duas náos da feição das nossas. E porque D. Garcia esperava por D. Jorge de Menezes, que vinha por Capitão daquella fortaleza de Ternate, (o qual partira de Malaca em Agosto, e escorrêra de maneira que fora invernar nas Ilhas Papuas, que estam a Leste de Ternate,) pareceo-lhe que seriam as náos suas. Tambem suspeitou que poderiam ser de Castelhanos, pelo que mandou lá Martim Correa em humo coracóra, e com elle Diogo da Guerra lingua para saber que náos eram. A nova que trouxe foi, que em Camafo a Cidade d'ElRey de Tidore inimigo dos Portuguezes, estava humo nádo de Castella; mas que víram mais duas que não puderam tomar terra por o vento lhes não ser-

a Esta Camafo na Marateja, cujo sangue era vassallo d'ElRey de Tidore.

servir. Havida esta nova, fez D. Garcia a Armada prestes, e mandou por Capitão mór della Manuel Falcão em hum navio de Duarte de Rezende, em outro hia Francisco de Castro, e em huma fusta Diogo da Rocha, e Cachil Daroez com a Armada da terra. Chegados á náó, mandáram diante Francisco de Castro, que servia de Ouvidor, com huma carta de D. Garcia para o Capitão da náó, e com offerecimentos, pedindo-lhe que viesse a Ternate; ao que elle respondeo com cortezia, e boas palavras. E vindo todos á véla, e sendo tanto avante com huma ponta da Batochina, a tempo que se ajuntáram á vista com os nossos, sobreveio hum chuveiro em conjunção, que a náó passou sem ver vista, e foi seu caminho direito a Tidore, com Pilotos que trazia da terra, onde se recolheo, e mettêram a náó em huma callieta por estarem mais seguros; porque bem entendêram os Castelhanos com a vista da nossa Armada, que os não hia demandar com bom proposito, e disto se queixavam depois; mas D. Garcia se escusava que era Armada, que sempre trazia na Costa em guarda da terra. Dahi a dez, ou doze dias veio a D. Garcia hum Castelhanao, e sobre a vinda, e estada destes novos hospedes houve grande referta, se veriam á fortaleza, e deixariam de comprar o cravo. Mas vendo

D. Garcia que com elles não havia nenhuma conclusão, e que o cravo era per elles posto em grande preço, depois de despedido este mensageiro, com o parecer dos que com elle estavam, determinou de ir em pessoa ver se com boas palavras podia trazer consigo a gente desta não Castelhana. Era Capitão della hum Martim Iniguez de Carquizano Biscainho, por morte de Fr. Garcia Jofre de Loaisa Cavalleiro da Ordem do Hospital de S. João, Capitão geral de huma Armada que partira da Corunha o anno de 1525^a.

Mar-

a Esta Armada mandou aprestar o Emperador Carlos V. para mandar ás Ilhas de Maluco, depois que sem resolução se desfez huma Junta de Juristas, Astronomos, e mercantes, entre Elvas, e Bouajoz no anno de 1524 sobre a posse, e propriedade daquellas Ilhas. Era a Armada de seis navios, e hum patuxo, da qual foi per Capitão geral Fr. Garcia Jofre de Loaisa Cavalleiro da Ordem de S. João, natural de Ciudad Real. Das outras não eram Capitães João Sebastião del Cano, (que voltou a Hespanha por Capitão da não Viteria, que foi a primeira que deu huma inteira volta ao Munde,) Pedro de Vera, Dom Rodrigo da Cunha, D. Jorge Manrique, Francisco de Hozes, e Sant-Iago de Guevara. Partio esta Armada da Corunha em Julho de 1525, fez sua viagem pelo Estreito de Magalhães, a qual desembocou ao mar do Sul no fim de Maio de 1526, e de toda ella só a não Capitaina chegou a Tidore o ultimo de Dezembro do mesmo anno com morte de muita gente, da qual foram os principaes o Geral Frei Garcia Jofre de Loaisa, João Sebastião del Cano, e Toribio Alfonso de Salazar, que hum três outro succedeo a Loaisa na Capitania; e per morte de Salazar foi eleito Martim Iniguez. Antonio de Herrera na Historia das Indias Dec. 3. liv. 7. e 9.

Esta

Martim Inhiguez como entendeu a tenção de D. Garcia, que era pelejar com os Castelhanos, senão viessem para elle á sua fortaleza, se fez prestes para o que succedesse. Dava-lhe animo saber o pouco poder, e pouca gente que D. Garcia tinha, de que os da terra o informavam, como homens que dos Castelhanos esperavam mais proveito, assi por o maior preço que lhe davam pelo cravo, e mais drogas, como por as grandes promessas que lhes faziam de os livrarem, e vingarem dos Portuguezes; e assi a primeira cousa que os Castelhanos fizeram foi entopir a calheta, que lhe não pudessem tomar a náó, e fizeram de pedra, e barro huma casa, e hum baluarte da mesma materia, em que puzeram toda a sua artilheria.

D. Garcia vendo o estado em que se os Castelhanos punham, determinou de ir a elles, deixando Manuel Falcão por Capitão da fortaleza, e ordenou sua Armada, mandando que Diogo da Rocha Capitão da fusta levasse huma bombardá grossa para com ella poder entrar pela calheta, e Manuel Lobo

Tom. IV. P. I.

G

bo

Esta Armada de Fr. Garcia de Loaysa aportou em huma ilha em altura de três grãos aquém da linha, á que puzeram nome S. Matheus, na qual se viram sinais de ser já povoada por Portuguezes havia oitenta e sete annos, segundo os letreiros abertos nos troncos das arvores: acharam nella laranjeiras, e outras arvores de fructo, gallinhas no mato, e rasto de porcos. Antonio Galvão nos descobrimentos das Antilhas, e India.

bo em hum batel grande com hum camelo, e sua manta, e Diogo Rodrigues de Azevedo em hum calaluz com huma espora. Na Armada de Cachil Daroez hia embarcado D. Garcia, e Martim Correa, e toda a gente com determinação, que D. Garcia em pessoa requeresse ao Capitão Castelhano, que se viesse á fortaleza, onde lhe seria feita toda a cortezia, e que não quizesse estar em terra de seus inimigos, que pareceria ser hum delles, e quando não quizesse, per armas o obrigasse a vir. Não houve lugar de Dom Garcia fazer este requerimento; porque os Castelhanos como sentíram as nossas embarcações, e que se chegavam ao recife que era a defensão da náó, disparáram a sua artilheria, com que matáram logo hum remeiro na fusta de Diogo da Rocha, e lhe quebráram a cana do leme, ferindo o que a levava, e assi se começaram a esbombardear huns aos outros; e porque a artilheria dos Portuguezes fazia pouco damno aos Castelhanos, e á sua náó, porque com o recife se não podia bem apontar, e da sua eram os nossos mui offendidos, depois de durar o combate quasi tres horas, se afastou Dom Garcia, e per conselho de Martim Correa foi dar em huma villa dos Mouros situada á borda da agua; mas ella estava tão apercebida, e defensavel com ajuda dos Castel-

lhãos, que primeiro que D. Garcia chegasse a pelear, sahindo Martim Correa em terra com alguns vinte e cinco soldados, o feriram per duas vezes com virotoens, e humma com hum quadrello que lhe deo em hum ouvido, de que ficou quasi morto, e per toda a sua vida surdo. E vendo D. Garcia o pouco que fazia, se tornou para a fortaleza, onde chegando foi certificado que a não dos Castelhanos ficara tão aberta, assi por a larga viagem que tinha feito, como da artilheria dos Portuguezes, que se fora ao fundo; pelo que D. Garcia determinou não fazer mais guerra aos Castelhanos, porque bastava a do tempo, que os iria confundindo, e os faria vir á fortaleza, onde elle estava com desgosto, por lhe serem contrarios todos os moradores della, por o que elles perdiam no cravo que D. Garcia fazia para ElRey; e porque era chegada a monção para Malaca, despedio os que haviam de partir para lá, que foram Martim Correa, ainda enfermo da sua ferida, no junco de João Rodrigues, e Manuel Lobo em outro junco de D. Garcia, e Duarte de Rezende em hum navio pequeno que comprou por nome S. Pantalião.

Martim Correa ^a chegou a Malaca em

G ii

cem-

^a Francisco de Andrade cap. 15. da 2. Part. Diogo do Couto cap. 4. do liv. 3. e Fernão Lopes de Castanheira da cap. 63. do liv. 7.

tempo que os moradores de Lobú, (porto da Ilha de Çamatra, cujo Rey, e vassallos corriam com amizade com o Capitão de Malaca,) tinham tomado havia poucos dias huma galé, e morto Alvaro de Brito Capitão della, e setenta homens que levava, a qual mandára Jorge Cabral Capitão de Malaca a tomar satisfação da morte, que sem causa deram os mesmos Mouros a outros Portuguezes, que em hum navio foram tratar ao seu porto de Lobú: pelo que Jorge Cabral pediu a Martim Correa que quizesse ir vingar aquella affronta; e accitando-o elle, com cento e vinte soldados, em algumas lancharas que se armáram, atravessou a outra costa de noite, e foi demandar o porto de Lobú, e de madrugada entráram pelo rio, e sem serem sentidos desembarcáram na Cidade, a qual queimáram, e com morte de seus moradores satisfizeram largamente o damno que alli os nossos recebêram, e deixando tudo assolado; e tomada a galé que estava no rio, com toda a sua artilheria, e outras muitas embarcações, e pondo fogo ás que estavam em estaleiro, se embarcáram para Malaca, onde com muita festa foram recebidos.

CAPITULO XVI.

Como D. Jorge de Menezes partio de Malaca para Maluco a servir de Capitão, e fez nova viagem pela Ilha de Borneo; e das differenças que teve com D. Garcia Henriques.

AS duas náos, que os Mouros de Ternate víram que não podiam tomar terra, e que D. Garcia suspeitava serem de Castelhanos, eram de D. Jorge de Menezes, ao qual por muitos, e assinalados serviços que fizera na India, (principalmente quando matáram Diogo Fernandes de Béja, e elle curou o seu corpo, e na entrada da cava de Calecut, onde o aleijáram da mão direita *) D. Henrique de Menezes o provêo da capitania de Maluco; e porque antes da sua partida faleceo D. Henrique, confirmou a Provisão Lopo Vaz de Sampaio; e chegando D. Jorge a Malaca, achou Pero Mascarenhas, que estava já com nome de Governador da India, o qual pelas qualidades da pessoa de D. Jorge lhe passou Carta da confirmação da sua capitania de melhor vontade. E querendo partir de Malaca a 22 de Agosto do anno 1526 com sessenta homens, e dous navios que trazia da India, em hum

* Decada 3. liv. 6. cap. 9. e liv. 9.

dos quaes hia elle , e no outro Balthazar Raposo que hia por Feitor , porque havia dous caminhos para Maluco , hum per via da Jaia , e Banda , que he mais frequentado , mas mais comprido , e outro mais curto per via da Ilha de Borneo , que ainda não era descoberto , fez D. Jorge sua viagem per Borneo , por Pero Mascarenhas lho dar por regimento que fosse per aquelle novo caminho para se saber , e se escusar á detença que se fazia em Banda esperando por as monções. E por ser D. Jorge o primeiro Portuguez que per aquella parte navegou , diremos o decurso da sua viagem. ⁴

Partindo D. Jorge de Malaca com Pilotos Mouros , que tinham noticia daquelle carreira , indo costeando , entrou pelo Estreito de Cingapura , que he de largura de hum tiro de berço , e tão baixo , que em muitas partes não tem de fundo seis braças , e muitas restingas que entram humas per outras. Aqui achou que a terra fazia huns cotovellos de maneira , que era necessario ter

a Diz Diogo do Couto Dec. 4. liv. 4. cap. 2. que o primeiro que intentou descobrir este caminho de Malaca a Maluco per Borneo , foi Antonio de Abreu no anno de 1499 per ordem de Antonio de Brito Capitão de Maluco , o qual Antonio de Abreu , depois de andar muitos dias perdido per entre aquellas Ilhas , tornou arribar a Maluco sem achar a viagem.

ter grande tento para se navegar. Chegando a huma Ilha que chamam Pedrabranca, que he mui demandada dos Pilotos daquellas partes, fez sua derrota á Ilha, que os da terra chamam Pulugaia, que quer dizer Ilha do Elefante, pela figura que mostra em seu aspecto. Daqui per outras muitas Ilhas, de que aquelle mar he muito fujo, chegou á de Borneo, ao porto da Cidade, que está em cinco grãos de altura da parte do Norte; e depois de mandar presentes a ElRey, e ElRey a elle, fez seu caminho per entre muitas Ilhas, e restingas, que estão na paragem de Borneo em sete grãos, cousa muito perigosa, e que se não pôde navegar senão de dia, com hum marinheiro na gavela vigiando os baixos, sem ter mais noticia delles, que a que affinala a agua onde branqueja, chegou á Ilha de São Miguel, que os da terra chamam Cagua-hão, e passou á Ilha Mindanao, e foi per entre ella, e a Ilha Taguima, que he além deste canal, onde se D. Jorge já havia por salvo do perigo delle. E como aqui os ventos, e as aguas em Outubro, e Fevereiro cursam muito contra Leste, e os Pilotos não fossem muito certos, escorrêram á Ilha do Moro, a que tambem chamam Batochina, ao longo da qual jazem as Ilhas de Maluco, fim da sua jornada; e andando pela

parte do Norte para tomar esta Ilha do Moro, sem os ventos que vinham per cima della lhe daren lugar, foi visto per aquelles que de suas náos deram as novas a D. Garcia. Dahi foi discorrendo té ir ás Ilhas de huns povos a que chamam Papuas*, a que muitos por esta ida de D. Jorge chamam Ilhas de D. Jorge, que estam a Leste das Ilhas de Maluco distancia de duzentas leguas. Mas aquella onde elle invernou, que era de bom porto, se chama Versija, a qual está debaixo da linha Equinoccial. Vindo o tempo da monção, estas náos de D. Jorge se mettêram sempre debaixo da linha; porque por ella vinham a dar em Maluco, e chegáram a huma Ilha, que os da terra chamam Menusú, e á outra a que chamam Bufú, que está mais a Leste, á qual puzeram nome dos Grãos, por os muitos que nella acháram. Dalli vieram por a parte do Sul da Batochina á Cidade Onage, e passáram entre ella, e a Ilha da Garça, que he

a Os Papuas, que em lingua dos naturaes quer dizer negros, porque osom elles como os Castres, com cabello revolto, de grandes, e crespas grenhas, sam magros, feios, rijos, e aturadores do trabalho, e mui habiles para toda maldade, e traição. Entre elles ha muitos surdos, e outros tão brancos, e leuros como Alemães, os quaes vem mui pouca. Tem todas estas Ilhas Reys, e ha nellas ouro, do qual não tiram os Papuas mais que o que não miller para joias. Diogo do Couto cap. 3. do liv. 7.

he já do senhorio dos Reys de Maluco; e indo assi ao longo da Batochina, vendo todas as Ilhas do cravo, chegaram a Ternate ao derradeiro dia de Maio de 1527; de maneira, que puzeram de Malaca té Ternate oito mezes, e nove dias em distancia de quinientas leguas que ha, indo per caminho direito, e com estas voltas, e rodeios andáram mais de mil; tão difficil, e trabalhosa he aquella navegação.

Tanto que D. Jorge chegou, foi entregue da fortaleza de Ternate, e da terra, assi como estava de guerra, sem D. Garcia nisso ter dúvida, nem differenças; mas não tardou muito que a não tivesse, por Dom Garcia querer trazer de Maluco alguns officiaes da fortaleza, e não querer vir pela via de Borneo, como D. Jorge lhe notificára por parte de Pero Mascarenhas, para se saber, e continuar aquella navegação: o que D. Garcia recusava por o muito que ganhava vindo per Banda, (que era a carreira ordinaria,) onde pretendia carregar de nós, e maça. E posto que D. Jorge importunado, e desobedecido de D. Garcia lhe veio a conceder que viesse per Banda, e deixasse a nova viagem de Borneo, não se satisfazia D. Garcia, porque sempre se havia de saber que não viera pelo caminho que Pero Mascarenhas, como Governador,

mandava*. Não perdêram esta occasião os inquietos, que da discordia destes dous Fidalgos pretendiam interesse, porque alli a semeáram entre elles, que de altercações vieram a palavras injuriosas, e de palavras a obras, prendendo D. Jorge em ferros a D. Garcia; e depois de solto D. Garcia, e serem ambos reconciliados, per meio de mãos

a Não querendo D. Garcia fazer sua viagem per Borneo, parecendo a D. Jorge ser necessario avisar ao Capitão de Malaca das cousas succedidas em Ternate, e que se fuisse a viagem per Borneo, para se desenhbrir com particularidade aquelle novo caminho, mandou a este effeito em huma coracdra Vasco Lourenço, Diogo Cão, e Gonçalo Velho, cavalleiros mal honrados, com ordem que em Borneo assentassẽ commercio com ElRey, a quem enviou hum presente: entre as peças delle havia hum panno de Raz, de figuras grandes, que representavam o casamento d'ElRey Henrique VIII. de Inglaterra com a Rainha Dona Catharina sua mulher. Chegaram estes Portuguezes a Borneo, onde acharam hum junco, de que era Capitão hum Affonso Pires: falláram a ElRey, de quem foram bem recebidos, e apresentando-lhe Vasco Lourenço as peças que lhe levou, abrindo-se o panno, vendo ElRey huma couza tão desacostumada, suspeitando que aquellas figuras eram encantadas, que lhe queriam metter em casa, para de noite o matarem, e lhe tomarem o Reyno, mandou que logo lho tirassem dali, e os Portuguezes se fozem do seu porto, que não queria na sua terra outro Rey senão elle. E visto que Affonso Pires, que era seu conhecido, e alguns Mouros procuraram tirar ElRey daquelle imaginação, dizendo-lhe o que aquellas figuras significavam, não puderam. E alli Affonso Pires se tornou para Malaca, e os seus companheiros voltáram na coracdra para Maluco. Diogo do Couto liv. 4. cap. 2. e 4. e Francisco de Andrade 2. Part. cap. 32. e Fernão Lopes de Castanheda cap. 55. do liv. 7.

mãos terceiros, e falsos confelheiros, Dom Garcia prendeo ao mesmo Capitão D. Jorge de Menezes, por tão má maneira, e tão deshonesto tratamento, como se fora hum vil malfetor, sendo D. Jorge hum Fidalgo de grandes qualidades, e mui cavalleiro, que se estivera solto, e com armas, o não houveram de prender. Sobre esta prizão Simão de Vera Alcaide mór da fortaleza, e os amigos de D. Jorge se retiráram aonde chamam a terra alta, que he na mesma Ilha, e mandáram dizer a D. Garcia, que soltasse a Dom Jorge, senão que convocariam os Tidores, e os Castelhanos, e o iriam tirar da prizão. Com esta determinação foi assentado, que D. Jorge fosse solto debaixo destas condições: Que D. Jorge havia de dar a Dom Garcia o navio de Pero Botelho para sua embarcação, e havia de deixar ir o mesmo Pero Botelho com quantes estavam no navio; e que havia de dar licença que todos os que eram de parte de D. Garcia se fossem com elle, sem lhes embargar suas fazendas, e que se haviam de romper todos os autos, e devassas que eram tiradas, os quaes capitulos haviam jurar solemnemente Dom Jorge, e D. Garcia. E que depois de ido D. Garcia para Talangame com todos os que haviam de ir com elle, viria Simão de Vera, e os outros da facção de D. Jorge, e

o soltariam. D. Garcia mandou diante seu fato, e os que o haviam de acompanhar; e primeiro que se partisse da fortaleza, fez encravar a artilheria, para que lhe não tirassem com ella ". Ido D. Garcia, entráram Simão de Vera, e seus companheiros, e soltáram a D. Jorge com muito prazer delles; mas não de D. Jorge que estava mui triste, e sentido da offensa que se lhe fizera: polo que mandou logo ao Ouvidor que fizesse autos de tudo o que passára, e pediu instrumentos de como no tempo que estivera prezo se apoderáram os Castelhanos da Ilha de Maquiem, por não haver quem lha defendesse, no que ElRey de Portugal recebêra muita perda por haver nella muito cravo, e mandou fazer hum requerimento a Pero Botelho, que se fosse á fortaleza, porque tinha muita necessidade do seu navio, por causa da guerra dos Castelhanos; mas deste, e de outros requerimentos não fez caso Pero Botelho, nem D. Garcia, os quaes se partíram para Malaca; e D. Jorge mandou fazer auto da desobediencia de D. Garcia, havendo-o por alevantado, e aos que com elle hiam, e fez protestos como

a *Destas differenças entre D. Jorge, e D. Garcia escrevem com particularidade Francisco de Andrade nos cap. 31. 32. 33. e 34. da 2. Part. Diogo do Couto nos cap. 2. 3. e 4. do liv. 4. e Fernão Lopes de Castanheira desde o cap. 57. té o cap. 62. do liv. 7.*

mo lhes dera licença per força, estando fó-
 ra de sua liberdade, e cargo, prezo em fer-
 ros, havendo tanta necessidade daquella gen-
 te por o estado em que a terra ficava. Com
 estes autos, e instrumentos, e com cartas
 que D. Jorge escreveu ao Capitão de Ma-
 laca, em que lhe dava relação dos succes-
 sos de Maluco, e lhe mandava pedir soc-
 corro de gente, mandou Vicente da Fon-
 seca á pressa em hum navio apòs D. Gar-
 cia, escrevendo tambem, e requerendo da
 parte d'ElRey, e da sua a qualquer Capi-
 tão que em Banda estivesse enviado de Ma-
 laca, que tomasse a D. Garcia o navio que
 levava contra seu mandado, e o prendesse.
 E enviou Gomes de Sequeira buscar man-
 timentos ás Ilhas de Mindanao, o qual
 desgarrando com hum temporal, descobrio
 muitas Ilhas juntas em nove para dez grãos
 da parte do Norte, que delle se chamáram
 as Ilhas de Gomes de Sequeira.

CAPITULO XVII.

*Da jornada de Vicente da Fonseca á Ilha
 de Banda, e successos della, e da viagem
 de D. Garcia Henriques té Cochij.*

Tanta diligencia poz Vicente da Fonseca
 na viagem, que chegou a Banda pri-
 mei-

meiro que D. Garcia ; e não achando alli navios , nem Capitão a que notificasse os autos , e requerimentos de D. Jorge , reccou que chegando D. Garcia o prendesse ; mas nesta conjunção veio Gonçalo Gomes de Azevedo , (filho do Almirante Lopo Vaz de Azevedo ,) que o favorecco. A causa de Gonçalo Gomes vir naquelle tempo fôï , que sabendo Jorge Cabral , que estava por Capitão em Malaca , per Martim Correa , como os Portuguezes , que estavam em Maluco , tinham guerra com ElRey de Tidore , e com os Castelhanos , ordenou de lhe mandar socorro de gente honrada , e limpa , e humia Armada de cinco navios , da qual fez Capitão mór a Gonçalo Gomes de Azevedo ; e os outros Capitães eram Gaspar Correa , Jorge Fernandes de Refoios , Manuel Botelho , e Ruy Figueira ^a. Passou Gonçalo Gomes per Bintam por mandado do mesmo Jorge Cabral , para tambem soccorrer ao Senhor daquella Ilha , porque esperava ser cercado per Laxemena Capitão mór do mar d'ElRey de Campar inimigo dos Portuguezes. Deteve-se em Bintam Gonçalo Gomes sete , ou oito dias , esperando por Laxemena ; e vendo que não vinha , se fez á véla para Banda , onde chegou primeiro que Dom Gar-

a Esta Armada partio de Malaca na entrada de Janeiro de 1528.

Garcia, e achou a Vicente da Fonseca, o qual contou a Gonçalo Gomes tudo o que D. Garcia fizera a D. Jorge, requerendo-lhe em segredo que o prendesse, e lhe tomasse o navio, que per força trouxera contra os requerimentos de D. Jorge, que delle tinha muita necessidade, por ficar de guerra com os Mouros, e com os Castelhanos. Gonçalo Gomes não deferio á prizão, dizendo, que o não podia fazer, mas que lhe tomaria o navio quando fosse tempo. E por a terra não ser segura, nem a gente fiel, fez Gonçalo Gomes huma tranqueira onde se recolheu.

A este tempo chegou D. Garcia Henriques, e por se segurar fez outra tranqueira, e entretanto foi hospede de Gonçalo Gomes na sua. Mas quando D. Garcia vio Vicente da Fonseca, que sabia ser amigo de Dom Jorge de Menezes, suspeitou a causa da sua vinda, e começou temer que Gonçalo Gomes o prendesse: e mais o temeo, quando vio que Manuel Falcão, que hia em sua companhia, se passára para a tranqueira de Gonçalo Gomes de Azevedo, a quem tambem contou o que passára D. Garcia com D. Jorge, aconselhando-lhe que prendesse D. Garcia, e lhe tomasse o navio em que hia, sendo elle o mesmo que fez com D. Garcia que prendesse a D. Jorge. E como era ho-

mem novelleiro, e que não durava nas amizades mais que quanto a elle cumpria, lançou fama que Gonçalo Gomes havia de prender D. Garcia por o que fizera a D. Jorge; o que D. Garcia não creo, nem menos que lhe houvesse de tomar o navio, porque levava cravo para ElRey. Gonçalo Gomes quando aos 28 de Abril se houve de partir para Maluco, se foi despedir de D. Garcia; e embarcado nos bateis, e alargado da terra, prepassando pelo navio em que Dom Garcia havia de ir, lhe metteo dentro Ruy Figueira com alguns Portuguezes, e não lhe achando vélas, as mandou pedir a D. Garcia, que as tinha na sua tranqueira, desculpando-se de lhe tomar o navio, porque o fazia a requerimento de D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco, de cuja jurdição era aquella terra; e por D. Garcia lhas não querer dar, lhe tomou hum junco seu que lhe viera de Malaca: polo que D. Garcia mandou logo as vélas, e queixas a Gonçalo Gomes per Manuel Lobo por quem avisou ao Mestre, e Condestabre, e a outras pessoas do navio, que dessem á véla derradeiro de todos, e tomassem por davante, para assi ficarem na trazeira, porque entre tanto iria elle com gente, e cobraria o navio. O Mestre por cumprir com o que Dom Garcia lhe mandava, fez que se embarçava

va

va ao dar da véla, de maneira, que já os outros navios todos navegavam quando elle deo á véla, e fez tomar o navio por diante. D. Garcia, que aguardava este tempo, acudio logo com muita gente em patões, e Ruy Figueira conhecendo a malicia, capeou a Gonçalo Gomes que tinha os olhos no embaraço do navio; e vendo a gente que hia da terra para o navio, e o capear de Ruy Figueira, entendeu o que era, e mandou tirar ás bombardadas a Dom Garcia, o que tambem fez Manuel Falcão. É por Manuel Lobo ir na dianteira, matou-lhe de huma bombardada dous remeiros, e a elle quebrou huma perna, e D. Garcia desesperado de cobrar o navio se tornou, e Ruy Figueira seguiu sua viagem após Gonçalo Gomes de Azevedo, que chegou a Terrete a 12 de Maio.

D. Garcia carregou o seu junco que lhe viera de Malaca, e partio para lá no mez de Julho daquelle anno de 1528, e veio surgir no porto de Panaruca, que he na Jaia, onde esteve tomando mantimentos, e dalli fez sua derrota a Malaca; e chegando a humas Ilhas tres leguas della, mandou pedir seguro a Pero de Faria, (que já então era Capitão daquella fortaleza,) que o não prendesse a elle, nem aos de sua companhia, o qual lho deo; mas desembarcando em ter-

ra, mandou-lhe embargar toda a fazenda, dizendo que lhe não dera seguro mais que para o não prender.^a

Estando D. Garcia em Malaca, e huns Embaixadores d'ElRey de Panaruca, que hiam assentar paz, e amizade com Pero de Faria, se levantou huma briga entre os criados destes Embaixadores, e os Malaios, á qual D. Garcia com sete, ou oito Portuguezes da sua companhia acudio, e apazigou, e foi causa de Pero de Faria lhe mandar desembargar sua fazenda, dando fiança de certos mil cruzados para se delle quizesse Dom Jorge de Menezes alguma cousa. Não pararam aqui as aventuras que havia de passar a fazenda de D. Garcia; porque viuda a monção para ir á India, partiram Jorge Cabral, que fora Capitão de Malaca, e Dom Garcia Henriques, cada hum em seu junco, com outros Fidalgos no mez de Janeiro de 1529, e chegaram á barra de Cochij, e por ser já no fim de Março, e ventarem os Noroestes, Jorge Cabral entrou em Cochij, e D. Garcia o não quiz seguir, dizendo que havia de passar a Goa, em que pezasse ao vento, e ao mar. E por o vento ser contrario, e o junco ir muito carregado, chegou a Baticalá com grande trabalho, e perha;
e ven-

^a Fernão Lopes de Castanheda *cap. 82. e 108. do liv. 7. e Francisco de Andrade cap. 37. da 2. Part.*

e vendo que o vento havia de ser cada vez mais forte, por ser já entrada do inverno, houve por bom conselho tornar-se a Cochij, e assi voltou com grande tormenta á barra onde surgio, porque por o junco ser grande, e ir mui carregado não pode entrar no rio. E deixando D. Garcia o junco surto sobre huma aniarra, se foi elle a terra; e crescendo o vento, o mar se fez tão grosso, que o junco se foi ao fundo com a muita agua que lhe entrou, em que D. Garcia perdeu mais de cincoenta mil cruzados, que valia a fazenda que levava, sem lhe ficar mais della que o vestido com que sahio em terra. Sobre esta desgraça o prendeo Nuno da Cunha por o que fizera em Maluco, e o mandou prezo a Portugal o anno seguinte, e assi ficaram em vão todas as diligencias que poz por vir rico de bens tão fragiles, e incertos, e a temeraria promessa de poder mais que o mar, e o vento.

CAPITULO XVIII.

Como os Castelhanos elegéram Capitão per morte de Martim Inhiguez, e tomáram huma galeota aos Portuguezes com morte de Fernão Baldaia, e mandáram pedir soccorro á Nova Hespanha, e os Portuguezes destruíram a Cidade de Camafo.

N Este mesmo tempo houve differenças entre os Castelhanos sobre a successão da capitania, porque faleceo Martim Inhiguez de Carquizano seu Capitão, e huns queriam que fosse Capitão Fernando de Bustamante, que era Contador da Armada, e diziam que trazia a successão per regimento; outros queriam que fosse hum Fernando de la Torre, que servia de Alcaide mór daquella casa forte de pedra, e barro, que elles chamavam fortaleza; e como este teve-se mais votos que favoreciam seu partido, prendeo a Bustamante, e teve-o tanto tempo prezo, tè que per partido lhe obedeceo, e ficou por Alcaide mór em lugar de Fernando de la Torre, e hum chamado Monte-maior por Capitão do mar, e Affonso de los Rios por Escrivão. Vindo depois em Março de 1528 hum junco de D. Jorge de fazer nóz, e maça para Ternate, encontrou

hu-

humia não^a, que partira da Nova Hespanha, em que vinha por Capitão hum Alvaro de Saavedra, o qual não sabendo a terra em que era aportado, vendo o navio de Dom Jorge, perguntou onde estava; conhecendo os nossos serem Castelhanos, caláram-se, e foram dar nova daquella não a D. Jorge de Menezes. Mandou elle logo a Simão de Vera Alcaide mór da fortaleza em hum fusta, e Fernão Baldaia Feitor em hum batel, que fossem requerer ao Capitão daquella não que viesse á fortaleza. Mas neste tempo os Castelhanos de Tidore sabendo como a não era entrada, tiveram mais diligencia, e fizeram com que a não se mettesse no porto de Geilolo; e posto que Simão de Vera fizesse seus requerimentos, a resposta que lheram os Castelhanos foram bombardadas; e como elle estava só, e a polvora que tinha era molhada, e Fernão Baldaia não che-

^a Esta não era a Capitaina de hum Armado de tres navios, que Fernando Cortés mandou da Nova Hespanha a Maluco em busca da Armada de Fr. Garcia de Loaysa, era Capitão Geral desta frota Alvaro de Saavedra, parente de Fernando Cortés, e dos outros dons navios Luiz de Cardenas de Cordova, e Pedro de Fuentes de Xerez, tinham nella cento e dez homens: levavam trinta peças de artilheria, e muita vitualha: partio do porto de Zibulanojo vespera de todos os Santos do anno de 1527: E desta Armada só a não de Alvaro de Saavedra chegou a Maluco, e foi a primeira que fez esta nova navegação, que pola conta dos Pilotos foi de duas mil leguas. Antonio de Herrera Historia das Indias, Decad. 4. liv. 11.

gára á náó, tornou-se Simão de Vera para Ternate.

A este tempo mandáram os moradores da Ilha de Moutel, que era do senhoria d'ElRey de Ternate, pedir soccorro a Dom Jorge por o muito damno que recebiam dos de Tidore, mui orgulhosos com ajuda dos Castelhanos, e com a vinda da náó de Saavedra. E porque os Castelhanos começáram fazer navios d'armada para irem destruir a Moutel, mandou lá D. Jorge a Fernão Baldaia em huma galeota com trinta e tantos Portuguezes, e com elle hia Cachil Daroez com gente da terra; e como elles não podiam passar a Moutel, senão á vista de Tidore, vendo os Castelhanos a galeota, com grande alvoroço se embarcáram em huma fusta que traziam prestes, da qual foi por Capitão Affonso de los Rios, e com a Armada da terra, em que hiam muitos Tidores, accommettêram os nossos; e depois de duas horas de peleja foi entrada a galeota dos Portuguezes, em que morreo Fernão Baldaia; o qual por se restituir do erro passado, depois que de ferido, e cansado não pode pelear em pé, em giolhos pelejou em quanto teve mãos; e depois que se não pode valer dellas, pelevava com a lingua, animando, e esforçando os seus. Com elle morreram outros, que depois custáram a vida a mui-

muitos Castelhanos, os quaes leváram a galeota com singular alegria, e triunfo seu, e dos Mouros de Tidore.

Não havia mais que doze dias que passára esta desgraça; quando chegou Gonçalo Gomes de Azevedo de Banda, com cuja vinda os Portuguezes ficáram nui contentes; e per o navio que elle tomára a D. Garcia mandou logo D. Jorge recado a Malaca per Simão de Vera per via de Borneo, o qual se perdeu em as Ilhas de Mindanao. Os Castelhanos aprestáram tambem o navio de Saavedra para o mandarem com recado á Nova Hespanha, e o carregáram com quarenta bares de cravo; e para credito da galeota que tomáram aos Portuguezes, levava Saavedra consigo Fernão Moreira patrão da Ribeira, Jacome Ribeiro comitre, e hum Escrivão da fortaleza, e alguns outros que foram cativos na galeota; e porque o Piloto de Saavedra era morto, levou elle em seu lugar a Simão de Brito Patalim, que era práctico na arte de navegar, ao qual querendo D. Jorge castigar por culpas que tinha, se lançou com os Castelhanos, com outros dous Portuguezes, como tambem se lançavam os Castelhanos com os Portuguezes quando seus Capitães os queriam castigar. Partio Saavedra para a Nova Hespanha a 14 de Junho, e fazendo sua derrota,

foi

foi tomar a Ilha Hamci cento e setenta leguas de Tidore, onde surgio para se prover de agua, e lenha. Simão de Brito, e Fernão Moreira o patrão arrependidos do que tinham feito, determináram de queimar o navio, para que Saavedra não fosse pedir socorro; e não achando para isso commodidade, furtáram o batel da náó, e quatro escravos que o remassem, e tornáram-se com outros alguns da companhia caminho de Ternate. Alvaro de Saavedra ficando sem batel com que se servisse, foi posto em condição de se tornar; porém commetteo a jornada té tomar humas Ilhas em altura de dez grãos da banda do Norte, as quaes por serem mui frescas, e cubertas de grande arvoredado, lhe poz nome Beljardin^a. Nellas se deteve alguns dias, em que lhe entráram os Levantes, com que foi forçado arribar a Maluco, onde chegou já no fim de Ou-

tu-

a Estas Ilhas distam da Ilha Hamci quasi duzentas e cincoenta leguas. Os naturaes dellas são brancos, de olhos pequenos, poucas barbas, como os Chijs: não havia naquellas Ilhas criação de aves, nem de gados: vestiam os seus habitadores hums pannos feitos de hervos: não tinham ferro, e em lugar d'elle usavam instrumentos feitos de conchas de amegças, e outras: pescavam em almadias de madeira de pinho: o seu pão eram covos secos ao Sol, que na India chamam Copra: não tinham uso do fogo, porque nunca o viram, sendo depois que os Castelhanos lho ensinaram. Antonio Galvão no livro, que fez dos descobrimentos das Antilhas, e India: e Diogo do Couto liv. 4. cap. 1.

tubro^a. Simão de Brito, e os outros Portuguezes que fugiram no batel, foram de Ilha em Ilha soffrendo tanto trabalho, e fome, que de cansados se deixáram ficar tres delles em humia daquellas Ilhas; os outros tres seguiram avante té a Ilha de Guaimelim, que he do senhorio d'ElRey de Tadore, onde sendo conhecidos que eram Portuguezes, foram prezos, e levados a Fernando de la Torre, que conhecendo que eram os que hiam com Saavedra, tendo má suspeita delles, lhes deo tormento, e confessando a verdade, os condemnou á morte por traidores ao Emperador. Simão de Brito foi arrastado, e degollado, Fernão Moreira enforcado, e o outro ficou cativo. Os Castelhanos vendo o má successo da viagem do navio, que tinham mandado á Nova Hespanha a pedir soccorro, e que D. Jorge se havia de querer satisfazer da

per-

a Alvaro de Saavedra arribando a Tadore, fez varar a náu, e dar-lhe querena, e confessada tornou a sair de Tadore para Nova Hespanha no anno seguinte de 1529. Vez seu caminho a Leⁿ nordeste, chegou a humas Ilhas que distavam de Tadore mil leguas, e outras tantas de Nova Hespanha; dali correo a Nordeste té se pôr em altura de 26 grãos, onde morreu. Prosseguiram os Castelhanos sua viagem sempre com ventos contrarios té humia Ilha dos Ladrões em altura de 31 grãos, mil e duzentas leguas de Maluco, de donde arribaram, e chegaram a Ceilolo no fim de Outubro do mesmo anno com o navio comido de fome, que entregáram a Fernão de la Torre. Antonio de Herrera Historia das Indias Dec. 4. liv. 5. cap. 6.

perda da galeota, se apercebêram com cuidado. Porém Gonçalo Gomes de Azevedo, depois que chegou, não quiz entender em mais que em sua fazenda, e em fazer cravo, sem em alguma cousa querer ajudar a D. Jorge, que determinava ir destruir a Cidade de Tidore, e assi sem fazer nada se partio para Malaca a 10 de Fevereiro de 1529.

No Novembro dantes chegou a Ternate D. Jorge de Castro, que de Malaca veio per via de Borneo em hum junco de Diogo Chainho Feitor que fora de Malaca, e em sua companhia Jorge de Brito em huma fusta, e errando a viagem veio ter ao longo da Ilha de Macassar, e della a Ternate, sem a fusta, que não appareceo mais ^a. E porque mandando D. Jorge em busca della a algumas Ilhas do Moro a Gomes Aires em huma coracóra, os de Tollo, e Camafo o não quizeram agazalhar, nem dar de comer, mas fizeram zombaria delle, tendo agazalhado, e banqueteados aos Castelhanos havia poucos dias, vindo elles de queimar hum lugar d'ElRey de Ternate por nome Chiamo, e esta nova havia já chegado a D. Jorge per terra, quando tornou Gomes Aires, fez elle prestes huma
Ar-

^a Esta fusta diz Francisco de Andrade no cap. 59. da 2. Parte, que veio aportar a Banda.

Armada, de que mandou por Capitão Dom Jorge de Castro com té vinte e cinco Portuguezes, e com elles Cachí Darocz com os navios da terra, os quaes foram sobre a Cidade de Camafo, que era d'ElRey de Tidore, e a queimáram de todo, posto que a gente com medo fugio, e se poz em salvo. Tornados a Ternate, foi D. Jorge de Castro per mandado de D. Jorge de Menezes a Tidore tratar pazes com Fernando de la Torre; mas elle, e os Castelhanos que com elle estavam ficáram tão ufanos com o bom successo da galeota que tomáram, e da morte de Fernão Baldaia, e de seus companheiros, e de outras vitorias que houveram de alguns do Maluco, que não quizeram vir a concerto com as condições que D. Jorge propunha a paz, e fizeram treguas, o que elle guardou para seu tempo, como se dirá ao diante; porque deixadas agora as cousas do Maluco, daremos razão das que se passáram na India.



DECADA QUARTA.

LIVRO II.

Governava a India Lopo Vaz
de Sampaio.

CAPITULO I.

Como Lopo Vaz de Sampaio, sabendo que vinha Pero Mascarenhas de Malaca, lhe mandou notificar que não viesse como Governador; e que querendo entrar em Cochij, foi maltratado, e ferido.

NO mez de Dezembro do anno de 1526 na segunda Oitava do Natal chegou de Malaca hum junco a Cochij, que deo nova que vinha Pero Mascarenhas; o que sabendo Lopo Vaz, teve logo conselho, em que se determinou, que se Pero Mascarenhas, como pessoa privada, quizesse sair em terra, o deixassem desembarcar livremente; mas que se como Governador o tentaf-

tasse, lho não consentissem. Com esta resolução mandou logo hum bargantim a Coulam com cartas a Henrique Figueira Capitão daquella fortaleza, e ao Feitor, e Officiaes, e com o traslado da sua successão, e huma relação do que foi acordado, para que tanto que Pero Mascarenhas alli chegasse, lho amostrassem, e lhe requeressem da parte d'ElRey, e da sua, que obedecesse a elle Lopo Vaz como a Governador; e fazendo-o assi, lhe abrissem as portas da fortaleza, e dessem todo o necessario; e não querendo obedecer, o não deixassem entrar nella. Outra tal ordem como a de Coulam deo Lopo Vaz a Affonso Mexia, e logo se partio para Goa. E por ter a gente contente lhe mandou pagar muitos soldos; mas a paga que em retorno lhe deram os mesmos que recebêram os pagamentos, foi murmurarem d'elle, e interpretarem sua tenção, dizendo, que se pagava era por ter os homens contentes para a vinda de Pero Mascarenhas, o qual haviam por Governador, e não a elle; e como a gente popular he varia, e inconstante, e amiga de novidades, como pessoas de baixo estado, que sempre o esperam melhorar com a mudança dos tempos; todos aguardavam a vinda de Pero Mascarenhas para verem em que paravam suas cousas.

Pero Mascarenhas, que tomada, e des-

truida a Cidade de Bintam se partira para Malaca, chegou a ella a salvamento; e provendo em muitas cousas daquella fortaleza, se partio para a India no fim de Dezembro com tres galeões carregados de muita fazenda d'ElRey, e elle de vitorias, e triunfos. Chegando a Coulam, alli soube de Henrique Figueira, (que como Governador o recebeo,) como Lopo Vaz de Sampaio governava; e mostrando-lhe os papeis, e requerimentos que lhe mandava fazer, lhe contou o que na India passára desde o tempo que o mandáram chamar a Malaca para governar. Do que Pero Mascarenhas ficou mui anojado, e per conselho de Simão Caciro, que elle como Governador fizera seu Ouvidor geral, e de Lançarote de Seixas, a quem fizera Secretario, se determinou ir a Cochij, e usar de todo rigor com Affonso Mexia por abrir a nova successão, pelo que se poz a caminho, e ao derradeiro de Fevereiro do anno de 1527 chegou a Cochij. Antes de surgir na barra, Affonso Mexia Capitão da fortaleza, que sobre elle tinha espias, sabendo per ellas que era chegado, lhe mandou notificar pelos Juizes da Cidade, e per Duarte Teixeira Thesoureiro, e Manuel Lobato Escrivão da Feitoria, a Provisão da nova successão de Lopo Vaz de Sampaio, e a ordem que tinha sua para não receber

a el-

a elle Pero Mascarenhas como Governador, e lhe requerer que obedecesse a Lopo Vaz, pois era Governador por aquella Provisão. A isto respondeo Pero Mascarenhas com muita cólera, que aquella Provisão não era assinada por ElRey, e por tanto a não reconhecía por sua; e que Affonso Mexia como seu inimigo a poderia fazer, e por essa causa lhe não havia de obedecer; e que os que com tal embaixada vinham mereciam ser castigados como homens, que commettiam traição contra seu Rey, pois resistiam a quem ElRey fizera Governador, e elles o approvaram, e chamáram: e per conselho de Simão Caeiro houve Pero Mascarenhas aos Juizes por suspensos dos officios, e lhes mandou que sob pena de perdimento das fazendas não sahisses de suas casas, como fosse na Cidade; e feito auto da sua prisão, com esta resposta os mandou; e a Duarte Teixeira, e a Manuel Lobato, como pessoas que mais insistiram no requerimento, mandou prender em ferros em hum dos galeões.

Sabendo isto Affonso Mexia, mandou requerer a Pero Mascarenhas, que lhe soltasse os prezos, que eram Officiaes da Fazenda d'ElRey, que se podia perder; e de novo lhe mandou notificar a Provisão do Governador Lopo Vaz, e que se quizesse al-

guina coufa delle, que fosse a Goa onde o acharia. Pero Mascarenhas lhe respondeo, que ao outro dia, (porque era já quasi noite,) lhe daria a resposta em terra. Affonso Mexia se temeo que Pero Mascarenhas desembarcasse de noite, e entrasse na Cidade por não ser cercada, polo que a som de hum sino que mandou repicar, ajuntou todo o povo; e posto que a mais da gente favorecia a parte de Pero Mascarenhas, e o desejavam ver no seu cargo, porque tinham para si que per direito a governança era sua, e que lha tiravam injustamente, todos porém acudiram a Affonso Mexia postos em armas para fazerem o que lhes mandasse, o qual lhes ordenou que fossem vigiar a praia, para que nella não desembarcasse Pero Mascarenhas, o que elles fizeram, como se foram seus inimigos. No que se bem vio a lealdade de Portuguezes, que para servirem seu Rey não especulam se seus mandados, ou de seus Ministros são justos, ou injustos: mas quanto as cousas são mais difficultosas; e contra seus pareceres, e vontades, alli negam as proprias por cumprir com a de seu Rey, e Senhor. Isto se manifestou mais nestes dous Fidalgos competidores, e nos nobres que os seguiam; porque cada hum delles, e seus favorecedores se pegavam ás Provisões d'ElRey, querendo que se guardas-

sem,

sem, sem contra ellas excederem cousa alguma, sendo só a differença, e difficuldade entre elles o entendimento das Provisões, e a interpretação da vontade de seu Principe, cuidando cada hum que se abraçava com ella: e o que he mais de ponderar, sendo estes dous Fidalgos tão animosos, estando em terras tão remotas, onde cada hum achára muitos Reys, e muita gente daquellas Provincias por si, se a cousa viera a rompimento.

Vendo pois Affonso Mexia que Pero Mascarenhas determinava desembarcar, tornou a mandar-lhe muitos recados, e requerimentos que não desembarcasse, porque per armas lhe havia defender a desembarcação. Ao que Pero Mascarenhas respondeo, que não queria mais que entrar desarmado para ouvir Missa em Santo Antonio, confiado que como fosse na Cidade, tinha dentro muita gente da sua facção que lhe obedeceria: e assi se metteo em dous bateis com o seu Ouvidor, e Meirinho com varas, e todos os seus desarmados, e sem espadas, parecendo-lhe que Affonso Mexia não queria brigar com elle, vendo-o em terra desarmado; mas foi ao contrario, porque chegando Pero Mascarenhas á praia, vendo Affonso Mexia que intentava desembarcar, lho defendeo ás lançadas como a inimigo, fazendo

aos que o acompanhavam, (entre os quaes andava elle armado sobre hum cavallo acubertado,) metter pela agua, mandando-lhes que ferissem a Pero Mascarenhas, e aos seus, e os matastem, se quizessem desembarcar: Bradando Pero Mascarenhas, que eram Christãos, e leaes a seu Rey, e Senhor, e que não tinham armas, nem queriam guerra, se não paz. Polo que vendo o perigo em que estava, e que não podia desembarcar, e que os mesmos em que elle confiava o perseguiam, se recolheo bem escandalizado, e com duas lançadas em hum braço, e Jorge Mascarenhas seu parente com humia chuçada, e outros muitos feridos, e todos os mais enxovalhados, e escavavrados. Depois que Pero Mascarenhas se recolheo ao seu galeão, mandou fazer autos de Affonso Mexia, e dos moradores de Cochij, a quem mandou apregoar por levantados, e traidores, mostrando elles naquelle acto a maior lealdade, e inteireza que podia ser; porque os que o mais feriam, por lho mandar seu Capitão da parte d'ElRey, eram os que o mais desejavam de recolher, e obedecer.

Affonso Mexia mandou logo Aires da Cunha a Goa com cartas ao Governador sobre o que passára com Pero Mascarenhas, o qual tambem escreveu pelo mesmo a Lopo Vaz, e a muitos Fidalgos, pedindo-lhes

que determinassem quem havia de ser Governador. Partido Aires da Cunha, mandou Affonso Mexia requerer a Pero Mascarenhas que lhe entregasse os galeões, e fazenda d'ElRey que trazia, e se quizesse ir a Goa, lhe daria huma caravella; e como elle se determinou de não proseguir seu direito per força, senão per justiça, entregou os galeões, e a fazenda d'ElRey, e se passou com a sua á caravella que lhe foi dada: e porque não era capaz de muita gente, foram-se muitos a terra, dos quaes Affonso Mexia prendeo alguns, e entre elles Jorge Mascarenhas ferido da chuçada que lhe deram, e prezo o mandou a Coulam. E porque Pero Mascarenhas era amigo de D. Simão de Menezes, foi-se a Cananor para esperar alli a resposta de Goa; mas Dom Simão tanto que soube que elle estava no porto, lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de o não poder servir como pediam as razões da amizade que com elle tinha; porque Lopo Vaz de Sampaio, a que todos obedeciam por Governador, lhe mandára, que se elle Pero Mascarenhas chegasse áquella fortaleza como Fidalgo tão honrado, e de tanto merecimento como elle era, que o recolhesse com toda a honra, e cortezia possível; mas que se fosse com nome de Governador, que o não consentis-

se; e que elle por o que cumpria á sua lealdade não podia fazer outra cousa senão obedecer-lhe. Pero Mascarenhas lhe respondeu, que não queria que quebrasse sua fé, e lealdade, que o que d'elle queria era hum catúr em que fosse a Goa, mais raso que na caravella que lhe deixaria. D. Simão lhe mandou logo o catúr, no qual se partio para Goa, não levando consigo mais que Simão Caeiro, e Lançarote de Sexas, e dous pages que o servissem, esperando que Lopo Vaz se poria com elle em justiça, e quando não quizesse, que os Fidalgos que com elle estavam lho fariam fazer.

CAPITULO II.

Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Pero Mascarenhas per Antonio da Silveira, e prezo em ferros foi levado a Cananor, e do que sobre sua prizão succedeo.

Lopo Vaz de Sampaio quando soube per Aires da Cunha o que Affonso Mexia fizera a Pero Mascarenhas em Cochij, ficou descançado, parecendo-lhe que estava seguro na governança; e por a boa nova deo a Aires da Cunha a Capitania de Coutlam, que tirou a Henrique Figueira, porque agazalhára Pero Mascarenhas contra

a ordem que se lhe mandou. E communi-
cando aquelle caso com Eitor da Silveira,
e outros Fidalgos, lhe persuadiram que lhe
não cumpria entrar Pero Mascarenhas em
Goa; porque como a mais da gente estava
descontente de se abrir a nova successão,
e tinha para si que Pero Mascarenhas era
o legitimo Governador, se levantariam com
elle se o lá vissem. Parecendo bem a Lopo
Vaz este conselho, escreveu logo ao Capi-
tão mór do mar per o mesmo Aires da Cu-
nha, que porque cumpria ao serviço d'El-
Rey não ir Pero Mascarenhas a Goa, pro-
curasse de o encontrar no mar, e lhe re-
queresse da sua parte que se fosse metter na
fortaleza de Cananor, donde não sahiria
sem lho elle mandar; e que não querendo
obedecer, depois de lhe fazer todos os pro-
tectos, e requerimentos necessarios, o pren-
desse, e prezo o entregasse a D. Simão de
Menezes, de quem cobraria conhecimento
como o recebia. Outra carta ^a escreveu Lo-
po Vaz a Pero Mascarenhas em resposta das
queixas que lhe elle escreveu do máo tra-
tamento que recebêra em Cochij, em que
Lopo Vaz lhe dava a elle toda a culpa do
que lhe fora feito, pois não quizera obe-
decer á ordem que o Veedor da Fazenda
lhe

^a A copia desta carta escreveu Diogo do Couto no cap.
6. do liv. 2.

lhe mandára notificar, e por isso não tinha elle razão de o castigar, do que lhe peza-va muito; e que quanto a ver-se com elle, e com os Fidalgos que com elle estavam em Goa, todos eram de accordo que não era serviço d'ElRey por desassocegos que podia haver, que seriam de grande estorvo ao ápercebimento que se fazia para a vinda dos Rumes; e por tanto lhe pedia da sua parte, e requeria da d'ElRey seu Senhor, que elle se fosse á fortaleza de Cananor; como o Capitão mór do mar lhe diria, e dahi mandasse requerer o que quizesse.

Estas cartas deo Aires da Cunha ao Capitão mór do mar, o qual nunca pode topar a Pero Mascarenhas; o que reccando o Governador que poderia acontecer, per conselho de Eitor da Silveira, que era o Fidalgo que elle mais grangeava, assi por sua pessoa, como por ter muitos parentes, que esperava seguiriam sua parte, e com parecer de outros seus amigos, mandou por maior seguridade seu genro Antonio da Silveira, que fosse aguardar a Pero Mascarenhas á barra de Goa com hum galé, e dous bargantijs para o prender, e da mesma maneira a Simão de Mello seu sobrinho, com outros tantos navios á barra de Goa a velha. E como os bargantijs de Antonio da Silveira andavam por atalaias, vendo o ca-
túr.

tur de Pero Mascarenhas, (que chegou á barra de Goa aos 16 de Março,) foram a elle, e o leváram a Antonio da Silveira, o qual recebeu a Pero Mascarenhas com muita cortezia, e lhe disse, que o Governador mandára que indo elle alli o não deixasse passar, e lhe tomasse a homenagem, e o levasse prezo a Cananor por se excusarem inquietações. Ao que Pero Mascarenhas respondeo, que elle não havia de dar sua homenagem, antes lhe requeria que o deixasse ir a Goa para se ver com Lopo Vaz, e requerer sua justiça. O que Antonio da Silveira não consentio, e o prendeo em ferros, que lhe mandou lançar pelo Meirinho, pedindo-lhe perdão, e desculpando-se por lhe ser assi mandado, e per Simão de Mello foi levado a Cananor, e entregue a Dom Simão de Menezes. Foram tambem prezos com Pero Mascarenhas Simão Caeiro, e Lançarote de Sexas, e levados a Goa, onde estiveram na cadeia carregados de ferros, como incitadores da revolta de Cochij, e conselheiros de Pero Mascarenhas.

Entre tanto que Antonio da Silveira era ido a encontrar Pero Mascarenhas, os da sua facção vendo ajuntar tanta gente que se embarcava para o prender, em vozes altas se queixavam, e de noite o faziam em parte que o Governador ouvisse. Outros se foram

queixar ao Guardião de S. Francisco, que era homem letrado, Castelhana de nação, pedindo-lhe estranhasse ao Governador o que usava contra Pero Mascarenhas. O Guardião lhes respondeo, que Lopo Vaz tinha a justiça por si, e que o provaria o dia seguinte na prégação. Assim o fez ao outro dia com muitas razões, depois de ler a Provisão de Lopo Vaz, dizendo mais, que além de lhe impõem falso testemunho, commettiam deslealdade a seu Rey, cousa tão desacostumada de Portuguezes, cuja lealdade para seus Principes fora sempre maior que de todas outras Nações: sobre isto fez requerimentos ao Vigário geral, que houvesse por escommungados aos que o contrario diziam. Acabada a prática, Pero de Faria Capitão de Goa lhe pediu a successão, e a beijou, e poz na cabeça, dizendo, que a obedecia; e perguntando a todos que estavam presentes se faziam outro tanto, responderam que si; e desta approvação, e do parecer do Guardião mandou fazer hum auto, e por ordem do Governador o foi affinar o Ouvidor geral por os Fidalgos que se acháram na prégação, e que disseram que obedeciam á Provisão. E por D. Vasco de Lima, e Jorge de Lima não quererem affinar, e se mostrarem parciaes de Pero Mascarenhas, foram prezos sobre suas homenagens.

Com

Com esta diligencia, e com a prizão (que a ella se seguiu) de Pero Mascarenhas, se houve Lopo Vaz por seguro, parecendo-lhe que se haviam quietado os vandos, e desaffoços em que a gente de Goa andava. Mas não o deixáram estar muito tempo quieto; porque Christovão de Sousa Capitão de Chaul sabendo como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e que o mandava aguardar na barra de Goa para o prenderem, com parecer do Feitor, Alcaide mór, e Officiaes da fortaleza, e dos Fidalgos que com elle estavam, que eram muitos, escreveu huma carta^a a Lopo Vaz, (que lhe deram depois da prizão de Pero Mascarenhas,) em que lhe dizia, que para se apagarem as dissensões, que começavam a nascer sobre a preferencia da successão do governo, cumpria pôr-se em justiça, por o perigo em que se punha o estado da India, principalmente em tempo em que cada dia se esperavam os Rumes, para o que era necessario acrescentar o poder, e não diminuillo, dividindo-se a gente, que em si era pouca, cuja perdição estava certa; porque se grandes Imperios feitos, e arraigados se perdêram por serem divisos, que se podia esperar de hum

^a A copia desta carta escreveu Diogo da Couto no cap. 1. da liv. 2.

hum que então começava, e que tinha as raizes tão pouco fundadas, e o soccorro em lugar tão remoto: e que o defenganava, que elle não havia de obedecer a quem se não puzesse em direito. Era Christovão de Sousa hum Fidalgo de muita qualidade, em sua pessoa mui esforçado, e mui humano, de gentil conversação, e de condição alegre, e familiar com todos; e não sómente esplendido na contínua meza que dava, mas no soccorro que do seu dinheiro fazia aos que o não tinham; polo que em Chaul invernavam mais número de Fidalgos, que em nenhuma outra parte da India; e como elle tinha tanta authoridade, e tantos do seu bando, ficava muito de vantagem a parte a que elle se acostasse; e assi a sua carta fez muito abalo no Governador quando a vio, entendendo per ella que não estava pacifico no cargo; e per conselho de seus amigos, a que em segredo mostrou aquella carta, escreveo a Christovão de Sousa, como Pero Mascarenhas estava prezo, com approvação de todos os Fidalgos, e Capitães da India, que a elle Lopo Vaz reconheciam por Governador; polo que lhe pedia quizesse conformar-se com os mais, e obedello, pois que não havia divisão, nem se podia reçar; e que lhe rogava quizesse escrever a Pero Mascarenhas, que desistisse da

da pretensão do governo. Como Christovão de Sousa não pertendia mais que quietação, folgou de se conseguir tão pacificamente. Mas por parte de Pero Mascarenhas pezon-lhe muito ser com sua prizão, porque a não tinha por justa. Porém considerando que della resultava damno particular a elle, e não ao público, e que querendo-o emendar, era contra o bem commum, porque vindo os Rumes poderiam ganhar a India, achando-a dividida; de conselho dos que com elle estavam refrevo^a a Lopo Vaz de Sampaio, dizendo-lhe, que no que estava feito não havia necessidade de seu parecer, que sempre desejava ver quietação naquelles negocios, e alli estava contente de se acabarem tanto em paz, que elle o obedeceria como Governador que era, e escreveu a Pero Mascarenhas humma carta, que mandava aberta, para que a visse, e mandasse se quizesse. Nella lhe dizia per muitas razões, que era serviço de Deos, e d'ElRey, e honra sua estar prezo, e que tivesse muita paciencia na prizão, como de homem tão valeroso, e esforçado se esperava; porque Deos o ordenava para que a India se não perdesse com as sedições que começavam haver,

a As copias destas duas cartas, que Christovão de Sousa escreveu a Lopo Vaz de Sampaio, e a Pero Mascarenhas, escrevem Fernão Lopes de Castanheda no cap. 31. do liv. 7. e Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.

ver, que fora melhor serem ambos mortos, que haver competencias tão perigosas: que se lembrasse que Lopo Vaz de Sampaio estava de posse de seu governo; e que além de ser approvada pelo juizo de muitos homens de são entendimento, dous Frades letrados, e prégadores per juramento affirmáram nos pulpitos, que a justiça estava per elle, e que não tornar neste caso per sua honra era maior honra, e não ser Governador era merecer ante El Rey, que lho galardoadaria. Tambem escreveo a D. Simão de Menezes, e a outros Fidalgos sobre o mesmo.

Não pezou a Pero Mascarenhas com aquella carta, porque por ella entendia que Christovão de Sousa não havia sua prizão por justa, senão por não haver seisma, e divisão nos Portuguezes; e assi não desconfiou de alcançar que se puzesse Lopo Vaz com elle em direito, se D. Simão o soltasse, em que via já algumas mostras de o vir a fazer, além de lho prometter. Polo que se atreveo a mandar ao Governador hum requerimento ^a per hum público Tabellião de Cananor, perque lhe pedia, que se puzesse com elle em justiça, e lhe não tomasse seu officio per força; protestando pelas

per-

^a A copia deste requerimento escreve Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.

perdas, e damnos, e interesses, e que lhe foltasse Simão Caeiro, e Langarote de Seixas, que tinha prezos sem culpa para requererem sua justiça. Lido este requerimento, o Governador o rompeo com muita indignação, porque o Tabellião se foi fugindo a Cananor sem esperar resposta. E porque passando Lopo Vaz pela cadeia, Simão Caeiro, e o Seixas com grande clamor lhe requerêram os mandasse soltar para requerer a justiça do Governador Pero Mascarenhas, os mandou carregar de maiores ferros, e mandou pregoar sobpena de morte, que ninguem chamasse a Pero Mascarenhas Governador; o qual sabendo como Lopo Vaz de Sampaio rompêra o requerimento, e não dera resposta, pediu ao mesmo Tabellião disso hum instrumento; e deste successo se escandalizou tanto D. Simão, parecendo-lhe que Lopo Vaz tomava a governança per força, que em seu animo determinou de lhe desobedecer.

CA-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO III.

Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Eitor da Silveira, e outros Fidalgos seus parentes, e amigos, e a causa que houve para isso.

ERa tanta a authoridade de Christovão de Sousa, e o respeito que todos lhe tinham, que como elle não reprovou a prisão de Pero Mascarenhas, todas as dissensões, e bandos que havia sobre a preferencia dos Governadores cessáram, e começou Lopo Vaz, como homem que já estava quieto, empregar-se todo no apercebimento para a vinda dos Rumes. Mas não tardou muito que lhe não succedesse outro novo sobresalto. Porque Eitor da Silveira, que era hum Fidalgo mui principal por sua nobreza, pessoa, e valor, que seguia as partes de Lopo Vaz, lhe veio a pedir a capitania de Goa para seu primo Diogo da Silveira, a qual tinha Pero de Faria, que estava provido de Malaca por ElRey. Ao que o Governador respondeo, que na escolha de Pero de Faria estava ter a capitania de Goa, ou deixalla, polo que elle não o podia obrigar ir a Malaca contra sua vontade, mas que lhe fallaria nisso, e querendo ir a Malaca, lhe daria a capitania de Goa. E dizendo que lhe fal-

fallára, respondeo a Eitor da Silveira, que Pero de Faria não queria ir a Malaca. Isto não creio Eitor da Silveira; mas pareceo-lhe que por a necessidade que Lopo Vaz tinha de gente, e de amigos, não queria alongar de si a Pero de Faria, que era seu grande amigo; e escandalizado da resposta, lhe pediu, que pois Pero de Faria não queria ir a Malaca, lhe dêsse aquella fortaleza para seu primo, pois como Governador a podia dar, e ella cabia muito bem nos merecimentos de Diogo da Silveira; do que se censureo Lopo Vaz, dizendo, que folgára de lha poder dar, mas que não podia, porque Jorge Cabral a servia por lha dar Pero Mascarenhas, sendo em Malaca jurado, e obedecido por Governador, por o que Jorge Cabral a não quereria largar sem Provisão de Pero Mascarenhas; e indo Diogo da Silveira sem ella, sería renovar sedições em Malaca, como havia na India, e que lhe pezaava muito de lhe pedir cousas que não podia fazer com justiça, a qual elle, na governança em que estava, determinava guardar em tudo a todos. Eitor da Silveira lhe disse, que folgava muito de lhe ver tão bons propósitos, bem diferentes do que as más linguas andavam publicando, que elle não queria guardar justiça a Pero Mascarenhas, a qual se não guardava, daria occasião á gente

te de cuidar que tomava o governo per força; e assi que vísse bem o que fazia, porque elle sempre havia de ser em favor da justiça. E depois de haver entre ambos alguns debates, e Lopo Vaz soltar algumas palavras com colera, Eitor da Silveira se foi anojado; e communicando com seus parentes, e amigos o que passára com Lopo Vaz de Sampaio, como alguns delles lhe não tinham boa vontade, assentáram todos que elle tinha usurpado o cargo ao Governador, e que era razão que se determinasse per justiça a quem pertencia, e que não era honra sua obedecerem a quem commetria força, tendo elles jurado outro Governador. Para isto convocáram outros Fidalgos, que tivessem sua opinião, de que foram estes os principaes, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, D. Antonio da Silveira, D. Henrique Deça, Jorge da Silveira, Francisco de Taíde, D. Francisco de Castro, Jorge de Mello, Diogo de Miranda, Aires Cabral, Simão Sodré, Martim Vaz Pacheco, Vasco da Cunha, Nuno Fernandes Freire, e Simão Delgado Quadrilheiro mór; e como vieram estes Fidalgos que os da Camara de Goa, e muitos Cidadãos eram de seu parecer, logo escrevêram a Pero Mascarenhas per terra, dizendo, que devia de trabalhar com D. Simão que o soltasse, e se viesse a Goa,

e sen-

e sendo presente requereriam ao Governador se puzesse com elle a direito, e que não querendo, o desobedeceriam, e dariam a obediencia a elle Pero Mascarenhas.

A carta sendo assinada per todos, que faziam número de duzentos e sessenta, couza que Pero Mascarenhas não esperava, elle a mostrou a D. Simão de Menezes, e lhe deo tantas razões, que D. Simão lhe prometteo, que o soltaria se aquelles Fidalgos perseverassem em seguir sua parte. Com esta promessa, e carta tomou Pero Mascarenhas mais animo, e começou a frequentar requerimentos com o Governador, té que lhe respondeo, que lhos não mandasse mais, que não se havia de pôr em justiça com elle em cousa que não tinha dúvida. Havida esta resposta, Pero Mascarenhas a mandou a Eitor da Silveira, escrevendo-lhe, que pois Lopo Vaz se não queria pôr em justiça com elle, lhe pedia que elle, e os da sua valia fizessem o que lhe tinham escrito, e offerecido, o que se com brevidade não effectuassem, que, por o verão se ir chegando, vieriam as náos de Portugal, com que ficava Lopo Vaz de Sampaio com muito maior poder; porque os Capitães, e a mais gente dellas não haviam de obedecer senão ao Governador que achassem de posse; e que estava certo, que Lopo Vaz o mandaria pre-

zo nas mesmas náos ao Reyno, e assi ficariam frustradas todas suas esperanças, e os favores que lhe queriam fazer na sua pertença. E porque o Governador Lopo Vaz fazia pouco caso dos requerimentos de Pero Mascarenhas, escreveu elle á Camara de Goa os fizesse em seu nome a Lopo Vaz, requerendo-lhe, que se puzesse com elle em justiça; o que fazendo, e havendo per resposta ameaços, Eitor da Silveira, e os Fidalgos de sua facção fizeram outro per escrito, que mandáram ao Governador per Manuel de Macedo com hum Escrivão, o qual acabando de o ler, Lopo Vaz com grande ira mandou prender na cadeia entre os homens baixos a Manuel de Macedo, sendo homem Fidalgo, e ao Escrivão arrepe-
lou, e espancou.

Ao escandalo que Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira tinham do Governador, se ajuntou a violencia de que usava, não soffrendo que lhe pedissem fizesse de si justiça, e se puzesse a direito com Pero Mascarenhas. Polo que elles allentáram de o prender, e o fizeram saber aos Officiaes da Camara para lhe acudirem com armas quando cumprisse. Isto se publicou logo; e como o Governador

a Estes protestos, e a resposta que a elles deu Lopo Vaz de Sampalo se podem ver nos capitulos nove, e dez do segundo livro da Decad. 4. de Diogo do Couto.

doro soube, determinou de prender a Eitor da Silveira, e aos Fidalgos da sua valia, e assi ao dia seguinte mandou Antonio da Silveira seu genro, e Simão de Mello seu sobrinho, e outros secretamente armados, que fossem tomar as ruas, que hiam a casa de Eitor da Silveira para deter os que lhe quizessem acudir; e a Pero de Faria, como Capitão da Cidade, que os fosse prender, e elle se poz a cavallo na rua direita para mandar gente em seu soccorro, ou acudir elle em pessoa, se cumprisse. Como o rumor andava já pelo povo, que o Governador queria prender Eitor da Silveira, aquella manhã se foram os da liga a sua casa, e muita gente á sua porta; e chegando Pero de Faria a ella, Eitor da Silveira sahio á janella, e perguntando-lhe que queria, lhe disse Pero de Faria, que o vinha prender, que lhe desse a homenagem: ao que Eitor da Silveira respondeo, que lha não queria dar, e que o fizera como máo Fidalgo em aceitar aquella commissão. Sendo o Governador certificado disto per recado de Pero de Faria, chegou á pressa, e da rua lhes disse que se dessem á prizão; elles respondêram, que não dariam, que era seu inimigo capital, por lhe dizerem que fizesse justiça de si. E vendo o Governador que se não queriam dar á prizão, apeando-se do cavallo, tomou hu-

ma lança, e hum adarga, e com muita ira quiz subir acima onde aquelles Fidalgos estavam. Mas representando-se a Eitor da Silveira os grandes males que se seguiriam daquella resistencia, e lembrando-lhe o serviço d'ElRey, movido mais da lealdade que lhe devia, que do odio que tinha ao Governador, se deo á prizão, e se deram os mais que com elle estavam; e Pero de Faria os levou á fortaleza, onde o Governador os foi esperar, e lhes tomou as homenagens. E porque via que alguns daquelles Fidalgos não tinham mais culpa que serem amigos de Eitor da Silveira, e por os ter por amigos, mandou-os para suas casas; sómente a Eitor da Silveira, Diogo da Silveira, D. Antonio da Silveira, e D. Jorge de Castro, por serem os principaes daquella opinião, deixou estar prezos na fortaleza; e a Jorge de Mello, e Aires Cabral, por homens soltos de lingua, e inquietos mandou prezos em ferros á fortaleza de Benasterim. E no fim de Agosto, querendo mandar a Eitor da Silveira, e aos seus tres companheiros a Cochij, elles requerêram com grande instancia, e proclamáram, que o Governador os mandava em tempo tão aspero, e tempestuoso só para morrerem no mar, polo que deixou de os mandar, e os teve a bom recado, e assi dizem que o tinham elles sobre si.

CA-

CAPITULO IV.

Como Pero Mascarenhas foi solto, e obedecido por Governador per alguns Capitães.

S Abendo Pero Mascarenhas da prizão de Eitor da Silveira, e dos mais Fidalgos da sua opinião, e do máo tratamento que fazia Lopo Vaz de Sampaio a quem lhe fallava em pôr em juizo sua governança, requereo com grande instancia a D. Simão de Menezes que o soltasse, e o reconhecesse por legitimo Governador; o que não foi muito de acabar com elle pelo escandalo que tinha da prizão daquelles Fidalgos; e disse a Pero Mascarenhas, que não tinha que era honra obedecer per violencia a Lopo Vaz de Sampaio, e que a elle queria dar a obediencia. E para que não parecesse que só per sua vontade soltava Pero Mascarenhas, e lhe obedecia pela de todos, o soltou, e o levou á Igreja; e juntos os Officiaes da Justiça, e Fazenda, Fidalgos, e toda a mais gente, hum Tabellião em voz alta leo a successão de Pero Mascarenhas, que foi aberta ao tempo que D. Henrique de Menezes faleceo; e o auto que se fez da governança temporaria a Lopo Vaz de Sampaio, em quanto Pero Mascarenhas não vinha de Malaca; e a carta do Veedor da Fazenda, per-

que

que o mandou chamar, e a successão de Lopo Vaz, com todos os autos da resistencia, que se a Pero Mascarenhas fez em Cochij. Depois de lidos, disse Pero Mascarenhas, que lhes mandára ler tudo aquillo para que vissem, que sendo elle eleito para Governador da India por ElRey, approvado per seus Officiaes, e Capitães, e chamado delles, fora sem razão despojado da governança, afrontado, ferido, e prezo em ferros como traidor, quando esperava mais favor de todos, vindo vitorioso com a destruição d'ElRey de Bintam. E que para mais evidencia de Lopo Vaz de Sampaio se levantar com a India, prendêra aos Fidalgos principaes della com tanto rigor, por lhe requererem se puzesse em justiça, e castigava todos os que tal lhe requeriam. Causando tamanha discordia em tempo que o Estado da India estava tão arriscado com a vinda dos Ruines, que lhes pedia fizessem com Lopo Vaz que se puzesse com elle em juizo, ou lhe tirassem a obediencia, e a dessem a elle, e não o fazendo, fez muitas protestações. Todos os que estavam presentes respondêram, que não havia que requerer, nem que protestar, que elles a huma voz o reconheciam por Governador, e logo o juráram por tal com grande festa. Como esta nova se soube, muitos Fidalgos, e outras pessoas, que lhe eram afei-

soa-

goados, se vieram para elle, assi de Cochij, como de outras capitaniás por terem por mui justificada a sua causa. Quando Lopo Vaz soube que Pero Mascarenhas era solto, e obedecido de alguns por Governador, se teve por mal aconselhado em o haver fiado de outrem, e tirado de Goa, ou de Cochij. Polo que receando-se que elle se viesse metter em Goa, mandou a Simão de Mello seu sobrinho, que fosse guardar a barra de Goa a velha com tres navios, porque alli lhe pareceo que viesse Pero Mascarenhas, ao qual mandava que prendesse, e o levasse a Goa.

Nesta conjunção aportáram na barra de Goa em 16 de Agosto as duas náos ^a da invernoada do anno passado, de que eram Capitães Antonio de Abreu, e Vicente Gil, e em Setembro chegaram tres náos de viagem da companhia de cinco que partio de Portugal em Março daquelle anno de 1527. Das duas que faltáram, hiam por Capitães Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, que se perdêram na Ilha de S. Lourenço, de cujo naufragio, e successo diremos adiante: e das tres que chegaram a salvamento, eram Capitães Christovão de Mendoga, irmão da Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendoga filhos de Diogo de Mendoga Alcaide mór de Mourão, que hia provido da for-

^a Freta da India do anno de 1527.

tafeza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello, e Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva; e nestas náos foram embarcados Dom João Deça cunhado de Lopo Vaz de Sampaio, que levava a capitania de Cananor, e Francisco Pereira de Berredo a de Chaul. Aos quaes Capitães fez Lopo Vaz as mesmas perguntas sobre a justificação do seu governo, que fizera aos Capitães das náos do anno passado, (como atrás dissemos,) e elles lhe deram a mesma resposta que os outros, approvando a sua posse.

Pero Mascarenhas como se vio favorecido, mandou a Chaul Francisco Mendes de Vasconcellos pedir a Christovão de Sousa da sua parte, e da de D. Simão, e dos Officiaes da Camara, que requeresse a Lopo Vaz se puzesse em justiça sobre a governança, porque não convinha ao serviço d'ElRey haver dous Governadorés, e que se não succedesse a isso, que lhe tirasse a obediencia: o mesmo mandáram requerer a Lopo Vaz, e escrevêram aos Fidalgos prezos, offerecendo-lhes Pero Mascarenhas, que poria a vida sobre sua soltura. Chegou Francisco Mendes a Goa, e deo os requerimentos que levava ao Secretario, e as cartas aos Fidalgos, e passou a Chaul, onde entregou os papéis que lhe deram em Cananor a Christovão de Sousa, pelos quaes constando-lhe dos mui-

tos

tos requerimentos que se fizeram a Lopo Vaz de Sampaio per parte de Pero Mascarenhas, e o que fez a quem lhos apresentou, e como Pero Mascarenhas estava obedecido em Cananor por D. Simão, e o fora já de todos os Fidalgos, e Capitães da India, quando se abriu a successão, propoz tudo aos Officiaes da fortaleza, e aos muitos Fidalgos, que por sua causa invernaram em Chaul, os quaes da prizão de Eitor da Silveira, e seus companheiros estavam mui escandalizados; e de commum acordo se assentou, que Christovão de Sousa obedecesse a Pero Mascarenhas em quanto Lopo Vaz se não quizesse pôr com elle a direito; e que quando se puzesse, daria a obediencia a quem a justiça declarasse por legitimo Governador; e que isto se fizesse logo, antes que Lopo Vaz adquirisse mais forças, ou succedesse a vinda dos inimigos. O que Christovão de Sousa não recusou fazer per o perigo que podia correr o estado da India havendo divisões; polo que escreveu a Lopo Vaz de Sampaio a razão porque dera a obediencia a Pero Mascarenhas, e a condição com que o fizera. A esta carta não respondeo Lopo Vaz, e logo lhe quiz tirar a capitania, de que Francisco Pereira de Berredo vinha provido do Reyno. Para o que ordenou huma Armada, de que fez Capitão mór Antonio da Silveira, e lhe

e lhe mandou que fosse a Chaul, e requere-se a Christovão de Sousa que lhe entregasse a elle a Armada que lá estava, e a capitania a Francisco Pereira que com elle hia, por ser o tempo de Christovão de Sousa acabado. Christovão de Sousa resentido de Lopo Vaz não responder á sua carta, não deixou desembarcar a Antonio da Silveira; e ao que Lopo Vaz mandava respondeo, que o não havia de fazer, porque tinha mandado em contrario de Pero Mascarenhas seu Governador; e feitos muitos requerimentos per Antonio da Silveira, e protestos per Francisco Pereira, se tornáram sem o effeito da jornada.

C A P I T U L O V.

Do que Antonio de Miranda de Azevedo, e Christovão de Sousa ordenaram para Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas desistirem do governo, e se porem em direito.

DEpois de partido Antonio da Silveira de Goa para Chaul, vindo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India de Cochij para Goa, foi de caminho ter a Cananor para saber o estado daquella fortaleza; e estando no mar, lhe mandou dizer Pero Mascarenhas por D. Simão de

de Menezes, como elle estava solto, e obedecido por Governador pelo mesmo D. Simão, e per Christovão de Sousa Capitão de Chaul, e pela mór parte dos Fidalgos, e soldados que na India andavam; que lhe requeria que lhe dêsse a elle tambem a obediencia, pois Lopo Vaz de Sampaio não queria que se puzesse em juizo a preferencia da governança, e de seu absoluto poder a usurpava; e vendo-se sem Armada, veria a succeder no que era justiça. Antonio de Miranda considerando que a total ruina do Estado da India sería haver nella seisma de dous Governadores, e divisão da gente Portugueza, que em si era pouca, e os inimigos naturacs, e estrangeiros sem número, respondeu a Pero Mascarenhas, que o não podia obedecer como Governador té se não ver com Lopo Vaz, e saber delle se se queria sometter a juizo de arbitros; e que não o querendo elle outorgar, em tal caso obedeceria a elle Pero Mascarenhas, de que lhe deo hum escrito^a de sua mão, em que lhe fazia preito, e homenagem de assi o cumprir.

Chegando Antonio de Miranda a Goa, sabendo Lopo Vaz como dera aquelle escrito, lho estranhou com muita aspereza, e amea-

^a A copia deste escrito refzrem Fernão Lopes de Castanheda no cap. 43. do liv. 7. e Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 3.

ameaças, que faria outro Capitão mór do mar, e elle se iria para Pero Mascarenhas; porém não ousou por não accrescentar o escandalo, e as dissensões que havia, e o mandou logo a Chaul para ajudar a Antonio da Silveira, que fora pedir a Armada a Christovão de Sousa, e de pollo do cargo de Capitão, e entregallo a Francisco Pereira. E quando chegou a Chaul, partia para Goa Antonio da Silveira com a resposta que acima dissemos, a quem fez esperar té se ver com Christovão de Sousa, ao qual mandou dizer, que cumpria a serviço d'ElRey verem-se ambos. Christovão de Sousa lhe respondeu o mesmo que dissera a Antonio da Silveira; e em seu nome, e dos Fidalgos que com elle invernavam, lhe mandou requerer, que acudisse á força que se fazia a Pero Mascarenhas; e que pois estava em sua mão, fizesse com Lopo Vaz que outorgasse o que tantos lhe pediam, e pacificasse a India; e sobre isto lhe mandou fazer tantas protestações, que lhe pareceo Antonio de Miranda que convinha ir á fortaleza a ver-se com Christovão de Sousa, e assi o fez. E como estes dous Fidalgos não procuravam outra conta que o serviço d'ElRey, e a paz, e união entre os Portuguezes, determináram-se em obrigar a Lopo Vaz que desistisse da governança té se julgar a quem pertencia. Polo
que

que depois de muitos discursos, assentáram que aquella causa se julgasse per juizes arbitros, e que estes fossem sete, hum delles o mesmo Antonio de Miranda, e os outros D. João Deça, Francisco Pereira de Berredo, Balthazar da Silva, Gaspar de Paiva, Fr. João de Alvim da Ordem de S. Francisco, e Fr. Luiz da Vitoria da Ordem de S. Domingós.

Assinalados os Juizes, (os quaes ficáram em segredo entre estes dous Capitães com juramento té ser tempo de se declararem, para que os dous competidores o não soubessem,) ordenáram humas Capitulações^a sobre segurança das pessoas de Christovão de Sousa quando fosse a Goa, e de seus parentes, amigos, e criados, e de Lopo Vaz de Sampaio, e de Pero Mascarenhas. Que o que delles ficasse julgado por Governador, não desfaria o que o outro tivesse feito, nem entenderia na pessoa, e fazenda do outro, nem de seus criados, parentes, e amigos. E que tanto que Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda chegassem a Goa, Eitor da Silveira, D. Jorge de Castro, e D. Antonio da Silveira, e todos os mais que por causa de Pero Mascarenhas estivessem presos, seriam soltos; e que aquella causa se havia de deter-

^a Estas Capitulações escreve Fernão Lopes de Castanheda no cap. 44. do liv. 7.

terminar em Cochij, onde ambos os competidores se ajuntariam, como pessoas privadas, tendo desistido cada hum do officio de Governador té se determinar per sentença qual delles o sería. E que Lopo Vaz iria desde Goa entregue a Antonio de Miranda, e em Cananor se lhe entregaria Pero Mascarenhas; e querendo-o elle levar no seu galeão, se entregaria Lopo Vaz a Christovão de Sousa, ou a D. Simão de Menezes para o levarem no navio em que fossem. Estas, e outras muitas seguranças, e cautelas se capituláram, as quaes ao outro dia juntos todos na Igreja mostráram, e lêram ao Feitor, Alcaide mór da fortaleza, Officiaes, e Fidalgos que invernáram nella, dando-lhe relação da causa porque as fizeram, e que vissem o que lhes pareciam, e o que se havia de acrescentar, ou diminuir, requerendo-lhes que lhe ajudassem a pôr em effeito aquella obra, os quaes todos a louváram muito, e deram os agradecimentos a Christovão de Sousa, e a Antonio de Miranda, de que se fez auto público, que todos affirmáram.

Christovão de Sousa deixando entregue a fortaleza a Alvaro Pinto Alcaide mór della, se partio com Antonio de Miranda, e Antonio da Silveira para Goa, onde chegando, dando conta Antonio de Miranda ao

Go-

Governador Lopo Vaz de Sampaio diante do Ouvidor geral, e Secretario do assento que tinham tomado, e das Capitulações que tinham feitas, se anojou muito; porque como elle era de animo senhoril, e altivo, e estava de posse do governo, a seu parecer, justamente per Provisões d'ElRey, parecia-lhe que se lhe fazia violencia, e defacato, sem elle nisso intervir, fazerem contratos, e determinações sobre sua pessoa; polo que com mostras de muita colera disse, que não se queixava senão de si mesmo, pois se fiára d'elle Antonio de Miranda, depois que dera o escrito a Pero Mascarenhas, e que fizera mal de ordenar aquelle concerto para escusar sedições, e alvoroços, que per esse mesmo caminho se suscitariam maiores. Antonio de Miranda, que em estremo desejava a quietação commum, e evitar perigos em que o Estado da India estava, que só dependia de abrandarem a dureza de Lopo Vaz, lhe descubrio contra o juramento que fizera quem eram os Juizes que estavam nomeados, com o que Lopo Vaz se desanojou. E aconselhado de seus amigos, vendo que de necessidade já se não podia deixar de pôr em juizo, sem risco de perder a governança, pelos juramentos que estavam feitos de desobedecerem á parte que recusasse, disse a Antonio de Miranda, que consentia nas capi-

pitulações, com condição, que os Juizes não haviam de ser mais de sete, nem outros se não os que estavam nomeados, de que lhe pediu hum assinado, que elle lhe deo; e que ficando Pero Mascarenhas por Governador, não tirasse a Aifonso Mexia nenhum dos officios que tinha, e o entregaria seguro ao Governador que fosse de Portugal. Contento Christovão de Soufa de tudo, os Fidalgos prezos foram soltos, e se fizeram juramentos de parte de Lopo Vaz, e de Pero Mascarenhas; e tendo ambos desistido do governo, vieram a Cochij, e no mar estiveram estes dous competidores em arrefens té se dar sentença, Lopo Vaz entregue a Antonio da Silveira na náó S. Roque, e Pero Mascarenhas a Diogo da Silveira na náó Flor de la mar.

C A P I T U L O VI.

Das differenças que houve sobre accrescentarem á causa de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas mais Juizes dos que foram nomeados a principio; e como se deo a sentença em favor de Lopo Vaz.

Não querendo Christovão de Soufa que Fr. João de Alvim fosse hum dos Juizes, e que em seu lugar se accrescentassem cinco, que eram Lopo de Azevedo, que vic-

viera aquelle anno de Portugal, Antonio de Brito, que fora Capitão de Maluco, Nuno Vaz de Castello-branco, Capitão que fora do navio do trato de Sofala, Tristão de Gá, e Bastião Pires Vigairo geral da India, por quão suspeitos tinha os sete nomeados em favor de Lopo Vaz, arriscou com esta innovação o effeito do que estava assentado, e ficar o negocio em peor estado, e perigo que antes. Porque Lopo Vaz, quando lho disse Antonio de Miranda, não confiando dos Juizes que se acrescentavam, se indignou muito contra elle, queixando-se que o trouxera enganado de Goa, e o fizera desistir do governo; e sobre isso lhe disse outras palavras asperas, que Antonio de Miranda prudentemente soffreo por os desejos que tinha de ver paz na India. Finalmente, depois de muitas altercações, que chegaram a termos de se querer averiguar aquella causa com as armas, Lopo Vaz veio a consentir nos Juizes, e reconciliado com Antonio de Miranda, lhe pediu perdão das palavras que com elle passára.

Ao seguinte dia Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda com o Ouvidor geral, e o Secretario se foram ao Mosteiro de Santo Antonio de Religiosos de S. Francisco, e alli diante dos mais dos Fidalgos que estavam em Cochij, nomeáram os onze

Juizes referidos. Antonio de Miranda, que não estava seguro da satisfação que Lopo Vaz teria delles, polo aquietar, lhe pareceo bem que se accrescentassem mais dous Juizes, e que fossem Fr. João de Alvim, e Braz da Silva de Azevedo; mas Christovão de Sousa vendo a desigualdade que havia nos votos contra Pero Mascarenhas, sendo já a seu requerimento excluido por suspeito Fr. João, não queria consentir na nomeação dos dous Juizes; porém cansado das novidades que cada dia naquelle negocio recreciam, obrigado dos desejos da paz, que sempre procurou, sem dar parte a Pero Mascarenhas, que estava certo que não consentiria, deo o seu consentimento. Polo que dizendo-se logo huma Missa, foi dado juramento aos Juizes, que bem, e verdadeiramente julgassem aquella causa; e recolhidos com o Secretario, que servio de Escrivão do processo, apparecêram ante elles D. Vasco Deça procurador de Lopo Vaz de Sampaio, e Simão Caeiro procurador de Pero Mascarenhas, que com as procurações que mostráram de ambos, offerreco cada hum as razões de Direito de seus constituintes. Apresentou-se logo aos Juizes hum longo razoado ^a de Affonso Mexia, em que tra-

^a A copia deste razoado escreve Fernão Lopes de Castanheda no cap. 49. do liv. 7.

tratava os inconvenientes que na India se seguiam de Pero Mascarenhas governar; e nelles se conhecia ter tanto odio contra Pero Mascarenhas, quanta amizade mostrava ter a Lopo Vaz. Outros apontamentos se offereceram por parte de Pero de Faria Capitão de Goa, e outros pola do Licenciado João de Osouro Ouvidor geral da India, em que requeriam o mesmo. Entrou tambem hum procurador da Camara de Cochij, que em nome da Cidade requereu aos Juizes da parte de Deos, e d'ElRey não julgassem a governança a Pero Mascarenhas, porque era seu inimigo capital, e como tal os tinha ameaçados; pelo que sendo elle Governador, despovoariam a Cidade, e se iriam para os Mouros, porque com nenhuma promessa, e juramentos que fizesse seriam por seguros. E assi na noite antes daquelle dia, em que os Juizes entraram em despacho, todos os moradores de Cochij, por a offensa, e resistencia que fizeram a Pero Mascarenhas, e por as ameaças que elle lhes fez de os castigar como traidores, se viesse a governar a India, andáram com suas mulheres, e filhos pelas Igrejas em procissão descalços, com muitas lagrimas, e devoção, pedindo a Deos inspirasse nos Juizes que não julgassem a governança a Pero Mascarenhas.

Os Juizes ouvidas as partes, deram seus votos; e sendo os mais em favor de Lopo Vaz, se escreveu a sentença ^a, porque julgáram Lopo Vaz de Sampaio governasse a India, e Pero Mascarenhas se fosse para o Reyno, para onde lhe seria dada embarcação conforme a qualidade de sua pessoa: e quanto aos ordenados do officio de Governador ficasse reservado para ElRey o determinar no Reyno, como lhe parecesse, e tudo o mais que cada hum das partes quizesse requerer. Esta sentença se deo aos 21 de Dezembro daquelle anno de 1527; e assinada pelos Juizes Antonio de Miranda, D. João Deça, Braz da Silva, e Tristão de Gá, se foram á náo, onde estava Pero Mascarenhas, e entrados dentro, o Secretario Iha publicou, a qual Pero Mascarenhas, como magnanimo que era, ouviu com o rosto mui seguro, sem mostra de alguma alteração, o que seus amigos não fizeram, que

10-

a Traslado da sentença: Vistos por os Juizes estes autos, e o que per elles se mostra, e vistos nesses assinaes, em que cada hum declarou sua tenção, julgamos por nossa definitiva sentença, que Lopo Vaz de Sampaio governe, e seja Governador nestas partes da India; e Pero Mascarenhas se vá embora para o Reyno de Portugal, e lhe será dada embarcação segundo a qualidade de sua pessoa. E quanto aos ordenados dos sobreditos, fique para ElRey Nosso Senhor o julgar como lhe dem parecer, e assi tudo o mais que cada hum delles quizer requerer no Reyno. Fernão

Lopes de Castanheda *cap.* 50, *do liv.* 72

N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

todos ficáram mui tristes. Depois foram os
 mesmos publicar a sentença a Lopo Vaz de
 Sampaio, que a ouviu com muito prazer;
 e dando muitas graças aos Juizes, pediu
 outra vez perdão a Antonio de Miranda do
 que passára com elle. Os de Cochij, que
 estavam sollicitos se se daria a sentença ao
 contrario, fizeram muitas festas, o que aos
 da outra parte dava muita paixão, recean-
 do o tratamento que Lopo Vaz lhes faria
 ficando na India. E por elle os assegurar
 desta suspeita, antes que desembarcasse, ao
 outro dia pela manhã em hum catur correo
 toda a frota, pedindo a todos que se ale-
 grassem com elle, e cressem que tinham nel-
 le hum grande amigo na India, e no Rey-
 no com Sua Alteza para lhe representar seus
 serviços; e que aos que foram da facção de
 Pero Mascarenhas tinha em mui boa conta,
 por proseguirem com tanto valor o que lhes
 parecêra que era justiça, que o mesmo es-
 perava fizessem por elle quando cumprisse,
 e que servissem com elle a ElRey com aquel-
 le mesmo animo, e se fossem a descansar. Do
 que lhe todos deram as graças, e com elle
 foram a terra acompanhando-o, onde foi re-
 cebido com muita festa, e levado á Igreja de-
 baixo de pallio, e alli fez muitos cumprimen-
 tos aos Fidalgos que lhe foram contrarios,
 com que se seguráram para ficar na India.

Nes-

Neste tempo foram acabadas de carregar as náos que haviam de vir a Portugal, e se partiram, e em huma dellas veio Pero Mascarenhas entregue a Antonio de Brito, que vinha por Capitão della, e o fora de Maluco; e primeiro que Pero Mascarenhas partisse, mandou citar ao Governador Lopo Vaz para ante ElRey por o cível, e crime que contra elle esperava alcançar, e lhe escreveu que ficavam Castelhanos em Maluco, que soccorresse a D. Jorge de Menezes com gente, e munições para defensão daquella fortaleza. As náos chegaram em salvo a Portugal, e Pero Mascarenhas foi d'ElRey bem recebido, e lhe deo a capitania de Azamor, onde esteve alguns annos, e vindo para Portugal se perdeu no mar.

C A P I T U L O VII.

De algumas Armadas que Lopo Vaz despachou, e como soccorreo a fortaleza de Ceilam, que estava cercada, mandando a ella Martim Affonso de Mello.

Vendo-se Lopo Vaz de Sampaio fóra das inquietações, e discordias em que andava com Pero Mascarenhas, e despachada

a João de Barros escreveu as differenças entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas com tanta brevidade em dois pequenos capitulos, que fica sendo a noticia dellas diminuta, polo que pareceo dulla inteira nos seis ca-

da a Armada para o Reyno , pareceo-lhe necessario ordenar outra para elle ir ao Estreito queimar as galés dos Rumes , que alli estavam , de cujas differenças , e poucas forças , e morte de Ruez Soleimão elle já sabia , como atrás dissemos. E pondo em conselho este seu intento , lhe foi contrariado como da outra vez , e se assentou nelle , que não convinha ir o Governador fóra da India em tempo que ElRey de Calecut tinha aprestados muitos paráos seus , e feita armação com muitos cossarios , com que podia fazer muito grande damno em ausencia do Governador ; e que para queimar as poucas galés dos Rumes , que estavam em Camaram , bastava mandar huma Armada ao Estreito. Com esta resolução apparelhou Lopo Vaz huma Armada , que entregou a Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India , e despachou Pero de Faria para ir a Malaca servir de Capitão daquella fortaleza , (na vagante de Jorge Cabral , que tinha já acabado seu tempo ,) que partio em Abril de 1528 , e de que já começámos fallar no primeiro Livro , discorrendo pelas cousas de Malaca , e Malu-

ptas passados ; porém menos dilatadamente do que as escreveram Fernão Lopes de Castanheda no liv. 7. Diogo do Couto nas liv. 2. 3. e principio do 4. e Francisco de Andrade na 2.ª Parte desde o cap. 11. té o 28. onde se poderão ler com mais particularidades.

luco, para onde hia, em companhia do mesmo Pero de Faria, Simão de Sousa Galvão, em huma galé, de cuja jornada adiante diremos. E assi espedio a D. João Deça para ir tomar posse da capitania da fortaleza de Cananor, de que do Reyno viera provido, e para guardar a costa aquelle verão, na qual andavam muitos paráos de Malavares.

Outra Armada ordenou a Martim Afonso de Mello Jusarte para ir fazer a fortaleza de Sunda, que Francisco de Sá, (como temos dito,) por o máo successo que houve, não pudera fazer. E por o Governador, e elle recearem que para aquella jornada não achariam gente que quizesse ir por o que lá a Francisco de Sá acontecêra, lançaram fama, que a Armada era para ir fazer prezas na costa de Tanaçarij, e Pegú, por lá serem lançados alguns navios de Turcos, e náos de Mouros, que per entre as Ilhas de Maldiva faziam sua viagem áquellas partes, fugindo de nossas Armadas. Como esta nova se soube, se alvorçoou a gente

a Aprestou outra Armada de seis catures, e fustas, de que fez Capitão Manuel da Silva para guardar a costa de Goa té Chauí. E a João de Flores mandou com huma caravela, huma barçaça, e tres fustas arrecudar a renda da pescaria do aljofar, a quem accommottêram vinte paráos de Mouros, não tendo João Flores consigo as fustas, e o matêram, e a todos os Portuguezes, e queimáram os navios. Francisco de Andrade cap. 30. da 2.ª Parte.

te com a esperança das prezas, parecendo-lhe que seria nesta ida Martim Affonso tão bem fortunado, como fora o anno passado na Armada em que fora ás Ilhas de Maldiva, onde se fez muito proveito. Na qual viagem abriu Martim Affonso nova navegação das Ilhas de Maldiva para Goa, fazendo-se na volta de Cocotorá, e depois de escorrer todos os baixos das Ilhas arribando sobre Goa.

Aprestada a Armada de oito vélas grossas^a, e de alguns navios de remo, das quaes foram Capitães Antonio Cardoso, Francisco Ferreira, Duarte Mendes de Vasconcellos, Francisco Velho, João Lobato, Manuel da Veiga, Manuel Vieira, João Coelho, Vasco Rabello, e Thomé Rodrigues, nella se embarcáram quatrocentos homens; e estando para partir, vieram novas ao Governador como Boenegobago Pandar Rey da Cota em Ceilam estava cercado de Patemarcar Capitão mór d'ElRey de Calecut, o qual pelos seus portos de mar lhe fazia muito damno em odio dos nossos, e em favor de Madune Pandar irmão do mesmo Rey da Cota; polo que sendo necessario soccorrer aquelle Rey, por ser vassallo d'ElRey

^a Esta Armada era de onze villas de remo, das quaes humas era galé, e outra galeota. Diogo do Couto cap. 5. do liv. 4.

Rey de Portugal, mandou o Governador a Martim Affonso, que logo partisse, e passasse por Ceilam, e soccorresse a ElRey Boenegobago Pandar. Martim Affonso fez a viagem como se lhe ordenou, e chegou a Columbo, onde já não achou Patemarcas, que tendo novas da nossa Armada, se metto pelos rios da Ilha em partes, que os nossos navios por serem grandes não podiam ir a elles, e o Madune Pandar levantou o cerco que tinha posto ao irmão. ^a

Martim Affonso por não perder sua monção,

a Estes dous irmãos, e outro, que se chamava Reigam Pandar, eram filhos de hum irmão de Dramoprocará Mabago Rei de Ceilam, per cujo morte outro seu irmão chamado Boenegobago Pandar lhe matou tres filhos, que lhe ficaram de pouca idade, e usurpou o Reyno; e para o possuir sem contradicção, e ser absoluto senhor delle, determinou de matar a estoutros tres sobrinhos, e enteados seus, por que estava casado com a mulher de seu irmão, cujos filhos elles eram. Os moços, que já tinham idade para entenderem a intenção do tio, com ajuda de quem lhes mais bem queria que elle, o mataram, tomaram-lhe o Reyno, e o dividiram entre si. Boenegobago Pandar, que era maior, ficou com o titulo de Rey da Cota, Madune Pandar com o Estado de Ceitovaca, e Reigam Pandar com o de Reigam. Gozaram estes tres irmãos seus Estados em amizade alguns annos té á morte de Reigam Pandar, que ElRey tomou o que elle possuia, e Madune desejava, sobre que se começaram a desavir estes dous irmãos, e a contender abertamente, pertendendo Madune de subir no supremo dominio daquella Ilha, para o que intentava todos os meios para o conseguir. E esta era a causa da guerra entre elles, na qual se ElRey ajudava dos Portuguezes em sua defensão, e Madune dos Malivares para seus intentos. Diogo do Couto Decad. 5. liv. 1. cap. 5. P R E N S A

ção, não se quiz deter em Ceilam, e com muito proveito que fez de navios de Mouros que alli houve, partio, e foi ter a Calcare, onde se vio com o senhor da terra, e assentou com elle o trato da pescaria do aljofar, que se pesca naquelles baixos de Ceilam, a hum preço certo, e com obrigação que pagaria cada anno tres mil pardãos, com que o Governador da India mandasse dar guarda aos pescadores do aljofar no tempo da pescaria, da qual então andava por Capitão Diogo Rebello com alguns navios. E porque os moradores de Care, lugar vizinho de Calcare, onde tambem se pesca o aljofar, matáram a João Flores Capitão da guarda daquella pescaria, Martin Affonso passou lá, e o destruiu, e dalli se foi a Paleacate.

C A P I T U L O VIII.

Do que succedeo a Martin Affonso té se perder na Ilha de Negamale, e como foi cativo.

DEteve-se Martin Affonso alguns dias em Paleacate, (onde estava por Capitão Ambrosio do Rego,) tomando roupas, e outra fazenda, que lhe era necessaria para a jornada que hia fazer; e ao tempo que naquelle lugar se estava apercebendo, acer-

tátam de vir de Cochij per terra alguns patamares , que são correios de pé , que em seu modo andam tanto como cá os nossos correios a cavallo , os quaes deram novas da Armada de Martim Affonso , que tanto que se elle partio de Cochij , se publicou que elle hia fazer a fortaleza de Sunda , e não as prezas de Tanaçarij. E a causa por que se rompeo este segredo , foi , que estando Martim Affonso lendo entre si o regimento que levava , ficava-lhe nas costas delle huma cota que dizia : *Regimento de Martim Affonso de Mello do que ha de fazer na jornada de Sunda , aonde agora vai ;* a qual cota lendo quem estava junto delle , a divulgou , e assi se veio a publicar o lugar onde hia. Como o soube a gente da sua companhia , e se achou enganada , se começou amotinar , e fugir alguma ; porque quanto foi o alvoroço com que partiram para as prezas de Tanaçarij , tanto foi o desgosto de os levarem a Sunda. Polo que cumprio a Martim Affonso desfazer alguma prata sua , e buscar dinheiro emprestado com que fez algumas pagas aos soldados ; porque quando partiua de Cochij com a nova de irem ás prezas , não lhe fora nada pago. E por mais os aquietar lhes prometteo Martim Affonso , que de caminho iriam pela costa de Tanaçarij , e faria as prezas

que

que alli achassem. Com este proposito se partito de Paleacate, tornando-se dalli Antonio Cardoso com hum galé por não servir para aquella navegação que havia de fazer; e por duas fustas fazerem muita agua, se tornáram tambem com seus Capitães para Cochij, os quaes parece que quiz Deos salvar dos perigos que os outros haviam de passar. Porque fazendo elles sua viagem, na travessa daquelle golfão, e enseada de Bengála saltou com elles hum temporal, que os espalhou de maneira, que Martim Affonso se achou só com seu navio junto á Ilha que chamam Negamale, que he fronteira á Cidade de Sodoé, que está na terra firme, onde em hum baixo se veio a perder, ficando a maior parte da gente salva.

Vendo-se Martim Affonso no batel do navio em que se salvou com té cincoenta pessoas, e com a fortuna do tempo, que poderia perder os outros navios da sua Armada, seguiu a vontade dos mais companheiros, e mandou remar contra a ponta de Negamale, parecendo-lhe que por ser parte que os nossos navios geralmente vam demandar, quando navegam a Pegú, alli po-

^a Tudo isto faltava nos quadernos de João de Barros, que parece lhe tiráram a folha em que devia estar escrita. Diogo do Couto cap. 10. do liv. 4. Francisco de Andrade cap. 36. da 2. Part. e Fernão Lopes de Castanheda de 1.º cap. 75. té o cap. 79. do liv. 7.

poderia achar algum remedio ; porque quando não fosse em os navios que esperavam de achar , seria na gente da terra , por o muito conhecimento que tinha de nós ; mas quantas cousas accommettia , nenhuma lhe succedia bem , porque tudo eram mudanças do tempo , que ora os lançava a huma parte , ora a outra , sem ousar de tomar terra , temendo serem offendidos dos Barbaros da costa , por ser gente que não tinha commercio conosco. Finalmente vencidos da fome , e da sede , tanto que descobríram huma pequena povoação , lançáram-se alli duas pessoas aventuradas a morrer por dar vida a todas as outras , os quaes foram hum Fidalgo per nome Francisco da Cunha , filho de Ruy de Mello da Cunha do Algarve , e hum Antonio Fialho , que foram logo tomados , e levados da vista dos nossos para o sertão per muitos daquelles Barbaros que se ajuntáram. Quando Martin Affonso vio o procedimento que elles tiveram com aquelles dous soldados , (que não corrêram perigo da vida , e passado algum tempo foram resgatados ,) converteo-se aos companheiros , e com as melhores palavras que pode , os persuadio tivessem paciencia naquelles trabalhos , e os mudou de seu proposito , que era quererem antes morrer em terra cativos daquella barbara gente , que

andar mortos de fome, e de sede, e ao cabo serem comidos dos peixes. Polo que voltando ao baixo, onde ficou o navio perdido, parecendo-lhe que o mar lançaria alguma cousa d'elle, com que se pudessem reparar, nem alli, nem a outra parte acháram senão maiores trabalhos, e perigos, com os quaes navegáram cinco, ou seis dias com grande fome, e sede, e ao cabo delles aportáram a huma ilha, onde descobriram humas tartarugas, com cuja carne, e ovos que cozêram em hum capacete, se deo a vida a muitos enfermos, que comêram de humas favas peçonhentas, que alli acháram, e os são se refrescáram.

Passados tres dias, partíram daquella ilha, e atravessando a costa, chegáram a huma praia, onde achando boa agua, e palmitos, com elles, e com o que levavam das tartarugas estiveram outros tres dias: ao cabo delles vieram dar com os nossos duas almadias de pescadores, os quaes dizendo que os levariam ao porto de Chatigam, que he de Bengála mui frequentado dos Portuguezes, os mettêram em hum rio de huma Cidade chamada Chacuriá, que era do senhorio de Codavascam vassallo d'ElRey de Bengála; ao qual dando os pescadores novas daquelles Portuguezes, que andavam perdidos, e que vinham desarmados, o Co-

dávaseam que sabia serem os Portuguezes homens esforçados, e exercitados na guerra, determinou de ajudar-se delles em huma que tinha com hum seu vizinho, e assi os mandou logo buscar com suas gentes, e os trouxe a si com promessas de os aviar para se tornarem á India, e de outras couzas, que não cumprio. Porque havida victoria de seu inimigo com ajuda daquelles Portuguezes, não lhes quiz dar licença que se fossem, mas os reteve como cativos, dizendo-lhes que se resgatassẽ. O lugar onde este tyranno os tinha era huma Cidade sua que se chamava Soré, situada ao longo de huma ribeira, que entra em hum rio, o qual se vai metter no mar oito leguas da Cidade.

Aconteceo que estando Martim Affonso naquelle estado, vieram ter á barra daquelle rio huma galcota, e hum bargantij da sua Armada, de que eram Capitães Duarte Mendes de Vasconcellos, e João Coelho, aos quaes elle logo mandou avisar como estavam alli, e que o Codavafeam lhe pedia resgate por suas pessoas, que ajuntassẽ alguma cousa do que traziam para os livrar daquelle tyranno; mas como elles traziam pouco, e o tyranno pedia muito, vendo que não tinham outro remedio, determináram Martim Affonso, e seus companheiros

de

de fugir, tendo concertado que duas almadias iriam de noite per o rio acima té hum certo lugar que seria da Cidade duas leguas, porque não podiam subir mais acima, e que alli os recolleriam, o que se não pode fazer tão secretamente, que não fossem sentidos, e tomados antes de chegar ao lugar em que esperavam as almadias, estando já todos embrenhados. E o que mais sentio Martim Affonso foi degollarem os Brancos diante de seus olhos a Gonçalo Vaz de Mello seu sobrinho, (mancebo mui gentilhomem, a que então começava a barba,) em sacrificio a seus idolos, porque lhes tinham feito voto, que deparando-lhes os Portuguezes, lhe sacrificariam o mais formoso delles; e posto que Martim Affonso prometteo pelo sobrinho grande resgate, não o pode livrar da morte, que com grande constancia Christã elle padeceo. Os que estavam nos navios tanto que foram avifados do estado em que Martim Affonso ficava, partiram-se caminho da India a dar novas do successo daquella Armada. Mas quiz Deos prover a tribulação daquelles homens, porque dali a pouco tempo foram resgatados por tres mil cruzados, que por elles deo hum mercador Mouro que havia nome Coage Sabadim.

CAPITULO IX.

Como D. João Deça desbaratou, e prendeo a China Cutiale Capitão mór d'ElRey de Calecut, e do que mais lhe succedeo.

DOm João Deça, que atrás dissemos que o Governador mandára com Armada á costa de Calecut, poz nisso tal diligencia, que não sahia navio dos lugares daquella costa que lhe escapasse; polo que naquelle verão que nella andou, tomou cincoenta vélas, as mais dellas carregadas de pimenta de Mouros de Calecut, no que teve muitas pelepas com elles, nas quaes os Portuguezes o fizeram sempre mui esforçadamente. E não sahindo já navios daquelles portos com temor de D. João, com conselho dos Capitães, que com elle hiam, desembarcou em Mangalor, por ter novas que estavam alli recolhidos alguns paráos, os quaes queimou, e abrazou o lugar; e sem receber algum dano se tornou a embarcar, e correndo a costa, encontrou com China Cutiale Capitão mór da Armada d'ElRey de Calecut, que era de sessenta paráos. Era este Mouro mui valente cavalleiro, e que sempre andava apercebido de grande número de vélas, e gente limpa; e desta vez que se topou, e pelejou com D. João, posto que accommetto

os nossos com muito animo, e durou hum bom espaço no combate por ser o número dos Mouros mui desigual, por derradeiro o parão em que vinha Cutiale foi entrado dos nossos, e elle ferido de duas cutiladas pelo rosto, e duas arcabuzadas em huma perna; e assi ferido, vendo que não tinha outro remedio para se salvar, se deitou ao mar por não vir a poder dos Portuguezes; porém não pode escapar que não fosse tomado, e a maior parte dos seus navios, com morte de mil e quinhentos Mouros, e quasi outros tantos cativos; dos nossos houve muitos feridos, e vinte mortos. D. João havida esta vitoria, que foi mui grande, por ser já no fim do verão, se recolheo a Cananor, onde desarmou os navios, mandando a galé para Cochij, em que foi D. Simão de Mezes, que lhe entregou a fortaleza. O Governador que daquelle feito levou muito gofio por quão desmandados andavam os Mouros daquella costa, escreveu a D. João as graças, e lhe fez mercê da pessoa de China Cutiale, que curado, e são de suas feridas deo por seu resgate doze Portuguezes dos que estavam cativos em poder do Çamorij, e quinhentos cruzados em dinheiro, e jurou em sua lei, e deo fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portuguezes, com que ficou livre.

M ii

CA-

CAPITULO X.

Como Antonio de Miranda Capitão mór do mar partio para o Estreito, e do que passou naquella viagem té chegar ao porto da Cidade de Adem.

ANtonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar, a quem Lopo Vaz de Sampaio entregou huma Armada de vinte vélas, com mais de mil homens para o Estreito do mar Roxo, da qual eram os principaes Capitães Antonio da Silva filho de Tristão da Silva, Lopo de Mesquita, Henrique de Macedo, Fernão Rodrigues Barba, Ruy Pereira, D. Jorge de Noronha, Francisco de Vasconcellos, Ruy Gonçalves Capitão da Ordenança. Partio de Goa aos 25 de Janeiro do anno de 1528, e fazendo sua viagem, achou hum galeão de Rumes, que hia carregado de madeira para fazer galés, e por ser veleiro não o puderam seguir senão alguns bargantijs, os quaes elle arredava de si com a muita artilheria que levava, té que havendo dous dias que o seguiam o perdêram de vista por o tempo ser tanto, que não podiam soffrer véla. Chegando Antonio de Miranda a Çocotorá, deteve-se alli cinco dias para reparar alguns dos navios que levava, e partio a cinco de Fe-

Fevereiro ; e quando chegou ao Cabo de Gardafú, e costa de Arabia, repartio as vélas que trazia em tres partes, huma deo a Antonio da Silva Capitão do galeão Reys Magos, outra deo a Fernão Rodrigues Barba Capitão do galeão S. Rafael, e elle ficou no meio com quatro galeões, e dous bargantijjs, porque não entrasse, nem sahisse navio do Estreito que lhes não viesse cahir nas mãos. Porém no tempo que alli andáram, que foi todo Fevereiro, tiveram tantas farrações, que passáram muitos navios sem serem vistos ; mas todavia alguns cahíram na rede aos nossos bargantijjs, como foi huma náó que mettêram no fundo por não querer amainar. E Henrique de Macedo apartando-se com as farrações ao mar, encontrou com hum galeão de Turcos mui poderoso ; e tanto que hum houve vista do outro, trabalháram por se ajuntar, té que se afferráram, confiados os Turcos de virem bem providos de armas, e de muitos artificios de fogo, dos quaes lançáram logo huma lança no nosso galeão, a qual se apegou na véla, que sacudindo-se com as lufadas do vento que ácalmára, despedio de si com tanta força a mesma lança, que cahio no galeão dos Turcos ; e não sómente deixou ateadado o fogo na véla do nosso galeão de maneira que a queimou toda, e poz em risco ao galeão de se queimar,

mas

mas ainda queimou os mesmos inventores do fogo. Porque receando elles que os nossos abalroassem, e entrassem no seu galeão, enclêram a pôpa delle de polvora; e esta lança que lançaram para os nossos por vir dar nella, lavrou de maneira que se queimou o seu galeão, e todos os Turcos, tirando sete, ou oito que se lançaram ao mar. E a causa do galeão de Henrique de Macedo não arder, estando ambos tão travados, foi por chegar hum bargantim dos nossos, e Diogo de Mesquita em o batel do seu navio, e ás toas o desembaraçaram, livrando-o daquelle perigo; e depois que o apartaram delle, tornaram sobre os Rumes, que andavam nadando, e ás lançadas os mataram todos.

A Antonio da Silva coube-lhe em forte tomar huma não grande de Dio, e huma cortia com especiaria, e toda a gente della morreo á espada. Ruy Gonçalves Capitão da caravella Bicha abalroou hum bargantim, e hum zambuco. Fernão Rodrigues Barba tomou dous zambucos carregados de especiaria, e arroz; os Capitães dos bargantijs tomaram outros dous. D. Jorge de Noronha encontrou huma não mui grossa com que andou dous dias ás bombardadas, e por derradeiro ella se salvou com deixar a D. Jorge muita gente ferida, e depois foi elle dar com hum zambuco carregado de algodões, que

por

por a sua galé os não poder recolher, cativou os Mouros, e poz fogo ao zambuco. Finalmente cada hum dos Capitães teve suas aventuras, té que se ajuntáram com Antonio de Miranda no porto da Cidade de Caxem, que he na costa de Arabia, onde elle tinha dado regimento que se ajuntassem té 15 de Março. Dahi espedio o Feitor da Armada com hum bargantim, e alguma gente com as náos tomadas que o fossem aguardar a Mascate, porque queria dar huma vista á Cidade de Adem, por lhe dizerem os Mouros, que tomáram naquellas náos, (que todos vinham de Judá,) terem novas que os Rumes estavam sobre Adem, e quando não estivessem, queria chegar ás portas do Estreito.

Havendo quinze dias que Antonio de Miranda estava com toda Armada em Caxem, chegou alli hum navio a que os Mouros chamam Marruaz, de que affirmáram ao Capitão mór, que ainda se esperavam por mais náos que haviam de vir ao Estreito. Esta mesma nova certificáram alguns dos Mouros cativos. Movido com esta nova Antonio de Miranda, havendo conselho com os seus Capitães, determinou-se nelle que era serviço d'ElRey embocar o Estreito, e ao menos dar huma vista á Cidade de Adem, quando outra cousa não fizessem, e favoreccilla com
tão

tão grossa Armada contra os Rumes, por naquelle tempo estar a Cidade na nossa amizade, e que alli poderiam ter certa informação do lugar, e estado em que estavam os Rumes. Partido Antonio de Miranda com esta determinação caminho de Adem, deixou em Caxem a Ruy Pereira com huma galeá, e huma galeota por ser Quadrilheiro mór das prezas, e ter por arrecadar o dinheiro de duas náos grossas de Mouros que alli se vendêram; e deixou-lhe ordenado Antonio de Miranda, que como fosse despachado, se fosse a via de Adem, e ahi o esperasse, o qual o cumprio assi; e chegando primeiro que Antonio de Miranda, achou no porto duas náos grossas com mercadoria, ás quaes não fez damno algum por honra dos de Adem; por lho assi ter mandado Antonio de Miranda, e em final de paz salvou a Cidade com sua artilheria segundo seu costume. E como os Mouros por suas obras nunca se asseguram, mandáram logo os Governadores da Cidade visitar o Capitão com algum refresco, dizendo como aquella Cidade estava prestes para o que lhe necessario fosse por ser amiga de Portuguezes, e El-Rey seu Senhor lho ter assi mandado que o fizessem, vindo alli ter algumas náos nossas. Ruy Pereira lhes respondeo com boas palavras, e delles soube como El-Rey estava

fó-

fôra da Cidade, no sertão, para acudir a hum seu vizinho que lhe entrava pelo Reyno; e as novas que dos Rumes lhe deram, foram haver pouco que estiveram alli^a, e delles receberem damno por lhes defenderem a terra, e que tinham ao presente novas que estavam em Camaram.

Dahi a dous dias chegou Antonio de Miranda com toda a Armada, que poz na Cidade grande espanto, depois que ouviram a salva da artilheria que elle fez; e logo os mesmos Mouros que vieram a Ruy Pereira se foram ao galeão do Capitão mór com presentes, e refresco da terra, offerecendo-lhe o que houvesse mister para aquella Armada, por assi lho ter mandado ElRey seu Senhor quando dalli partio. E depois que Antonio de Miranda lhes agradeceo sua visitaçãõ, esteve inquirindo delles novas dos Turcos, e assi do Estreito, para saber o fundamento que teria na mudança de sua Armada; e por as cousas que soube delles, que concordavam com as que tinham dito a Ruy Pereira, poz em conselho o que se faria. E porque os mais eram de parecer que, antes que fosse sobre os Rumes, mandasse alguem que tomasse informaçãõ do que passava no Estreito, mandou a este negocio o Piloto mór da

^a Estes Rumes eram es da companhia de Mustafa sobrinho de Racz Solcimão,

da Armada contra voto de muitos que quizeram por si fazer aquella jornada. Mas como Antonio de Miranda receava, que mandando homem de maior forte, podia atravessar-se em tomar algum navio, quiz antes este, pois não hia a mais que a ver os tempos que cursavam dentro do Estreito, e haver á mão alguma gelva para tomar lingua, e que nisto se arriscava pouco. Porém como o Piloto tambem desejava haver alguma boa preza, tanto que entrou dentro no Estreito, e lhe vieram á mão dous marruazes que andavam defarmados, tornou-se para Adem sem ir mais adiante, dizendo que cursavam já os tempos verdes, e que o não pudera fazer. Alguns diziam, que o temor o fez tornar; e por se ver glorioso com a preza que fez, parecendo-lhe que bastava saber de alguns Mouros que tomou, como os Ruines estavam em Camaram, e que seriam té seiscentos homens de peleja, e outra muita gente do mar, e huma Armada tão grossa, que não era a nossa que estava em Adem para pelear com ella. Antonio de Miranda se vio envergonhado com hum recado tão incerto, que não concordava com o que os Mouros lhe tinham dito, e ficou anojado de confiar sua honra do Piloto, e não de pessoas de mais qualidade que lhe pediam aquella jornada, e esteve quasi determinado de entrar pelo Es-

trei-

treito ; mas faltando-lhe mantimentos , receou que á tornada os Levantes o impedissem ; polo que se resolveo de quebrar esta furia em Zeila ; posto que outros lhe diziam que fosse em Xael , onde elle dizia que esperava de dar quando tornasse , por lhe ficar em caminho.

Assentado de ir á Cidade de Zeila , que he da parte de Africa na costa do Abexim , passou com toda a Armada da outra parte , e achou a Cidade despejada de todo ; porque os moradores della como foram avisados da Armada grossa que per alli andava , mettêram logo sua fazenda pelo fertão , e estavam prestes , como a Armada apparecesse , assegurarem tambem suas pessoas ; polo que nesta ida de Zeila não se fez mais que pôr o fogo ás suas casas palhaças ; e querendo voltar para a costa de Arabia , surgindo no Cabo de Guardafú , saltou com a Armada tal temporal que os fez acolher a Mascate , sem dar em Xael como desejavam. Aqui esteve Antonio de Miranda com sua Armada , por ser hum porto , em que as Armadas que os Portuguezes trazem no Estreito de Méca vem invernar ; e deixando alli a Armada entregue a Antonio da Silva de Menezes , se foi a Ormuz no seu galeão S. Diniz com outros dous que levou em sua companhia para arrecadar o dinheiro das náos das prezas que alli

ti-

tinha mandado para se venderem, e de cinco paráos de Malayares carregados de pimenta, que tomou vindo elles ter a Adem, quando ahi estava, que tambem mandou vender a Ormuz com as outras náos.

C A P I T U L O X I.

Como Antonio de Miranda veio de Ormuz a Dio, e do que aconteceu nesse caminho a Lopo de Mesquita, a Diogo de Mesquita, e a Henrique de Macedo, e como chegou a Chaul toda a Armada.

TOrnando Antonio de Miranda de Ormuz, (onde era ido com Ruy Pereira sobre o dinheiro das prezas,) a Mascate, dahi partio a 22 de Agosto daquelle anno de 1528 para Cambaia a esperar as náos que hiam a Dio, aonde chegou, e ancorou; e por o tempo ser ainda verde, e o seu galeão não poder soffrer amarra, mandou levar ancora, e deo final á Armada, que assi o fizel-se, se disso tivesse necessidade, o que todos fizeram, senão Antonio da Silva, e Henrique de Macedo com seus galeões, e outras duas vélas. O Capitão mór com o tempo que lhe deo foi parar a Chaul de maneira, que as prezas que se houveram de fazer sobre Dio não houveram por essa causa effeito. Corren-
do

do com o mesmo temporal Lopo de Mesquita com o seu galeão Çamorij, foi dar com huma não de mercadores que hia para Dio, e andava com a mesma tormenta. Lopo de Mesquita a abalroou, e com alguns dos seus entrou nellá com assás trabalho, por a não trazer duzentos homens bem armados, que pelejaram mui valentemente; e posto que os Portuguezes não eram mais que triuta, davam-lhe bem que fazer. E andando assi os nossos neste trabalho, lhes sobreveio hum caso mui perigoso, porque se houveram de perder; porque as balroas com que o galeão estava abalroado com a não, quebraram, e se apartaram anibos, ficando Lopo de Mesquita com os poucos que o seguiam dentro na não entre aquelle grande número de Mouros; e como se víram naquelle estado de desesperação das vidas, querendo vendellas caras áquelles inimigos, dobrando-lhes a necessidade as forças, os accommettêram com tanto impeto, e esforço, que matáram quasi todos, posto que com grande força, e resistencia se defendêram, e os outros vendo-se feridos, se rendêram. E cuidando Lopo de Mesquita, e os que com elle entráram na não, que por alli se acabavam seus trabalhos, sobreveio-lhes outro de maior temor; porque a não dos Turcos quando esteve abalroada, dava com a tormenta tão grandes pancadas

no.

no galeão, que era mui forte, que ficou quasi de todo aberta, e começou de se encher de agua, e ir-se ao fundo; o que vendo Lopo de Mesquita, ajuntou todo o dinheiro que na não achou, e mandou a seu irmão Diogo de Mesquita que se mettesse no batel com dezeseis homens, para que não podendo a não escapar, salvasse aquelle dinheiro no galeão, onde recolhido mandasse pelos que ficavam na não.

Os do batel perdendo logo de vista o galeão com o tempo, entendendo que a não não poderia deixar de se ir ao fundo, não quizeram tornar a ella, receando que os que nella ficavam se quizessem metter no batel, que por ser pequeno se alagara, e assi deram á véla governando para Chaul, levando forçado a Diogo de Mesquita, que lhes não pode resistir; e navegando foram encontrados da Armada de Dio, que os tomou, e cativos foram levados a ElRey de Cambaia^a, que com grandes mimos, e promessas os persuadio que se fizessen Mouros; e depois que com elles os não moveo de sua fortaleza Christã, vieram ás ameaças, e aos tormentos, que a nenhum delles mudáram. A Diogo de Mesquita mandou ElRey metter dentro em huma grossa bombardada cevada, o qual com huma

conf-

^a Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 4. e Fernão Lopes de Castanheda cap. 68. do liv. 7.

constancia de martyr lhe disse, que tomára fora o tormento maior, e mais duravel para padecer mais, e mostrar nelle o gosto com que o passava pela honra de Deos, e por sua Fé Santa. Admirado Soltam Badur daquelle animo, o mandou tirar da bombardada, e foram todos mettidos em huma aspera prizão, donde depois sahiram com muita honra.

Lopo de Mesquita, que ficou na náó, fez tanta diligencia, que se tomáram as aguas principaes, que estorvavam o governo da náó, e nella com grande trabalho foi ter a Chaul, onde achou já o seu galeão, e Antonio de Miranda com sua Armada. Apôs Lopo de Mesquita veio Henrique de Macedo em seu galeão Camorij grande mui destroçado com mastos, e vergas quebradas, e roto o costado per muitas partes; porque em huma calmaria que teve de frente de Dio, o investiram algumas cincoenta fustas, e tres galeotas, que o chegaram a tal estado, que esteve quasi de todo perdido, porque pelejou de pela manhã té á tarde; e foi tal a peleja, que lhe matáram a maior parte da gente, e a outra foi ferida de maneira, que lhe não ficáram sãos mais que seis, ou sete homens; e por a necessidade em que esteve de gente, huma mulher servia de dar polvora aos bombardeiros; e elle foi tão queimado do rosto, que não o

CO-

conheciam ^a. E alli acabára, se Antonio da Silva, Capitão do galeão Reys Magos, lhe não acudira, que acaso veio ouvindo o estrondo da artilheria com a viração, o qual o desappareceu daquella affronta, e pressa em que estava, e tão valentemente pelejou com as fustas, que matou o Capitão dellas, que era hum filho de Xequê Gil Capitão das fustas de Baçaim, que os nossos matáram em Chaul em tempo de Diogo Lopes de Sequeira. E com a morte de seu Capitão as fustas se puzeram em fugida ^b. Antonio de Miranda com a chegada destes dous galeões, que lhe faltavam da sua Armada, se deteve em Chaul alguns dias, reparando os navios do necessario; e tambem mandou vender a náu que tomou Lopo de Mesquita, e repartio as prezas, de que á parte d'ElRey vieram cincoenta mil pardaos. E acabado isto, se partio para Goa, aonde chegou a 17 de Outubro, e achou o Governador que invernára alli.

C A-

^a Esta batalha está pictada nas varandas da Igreja das Chagas de Goa, e cada anno se renova por memoria de hum feito tão offinalado. Diogo do Couto cap. 9. do liv. 4.

^b O Capitão destas fustas diz Diogo do Couto, que era Alixiah, e que o morto foi Antonio da Silva de huma bombardada. E o mesmo escreve Fernão Lopes de Castanheda no cap. 69. da liv. 7.

CAPITULO XII.

Como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio com huma grossa Armada para Cochij, e pelejou com cento e trinta parados de Malavares, e os desbaratou.

Tanto que Antonio de Miranda chegou a Goa, determinou o Governador de ir a Cochij a dar carga ás náos que esperava, e de caminho visitar Cananor, que não estava muito fiel; porque do tempo em que houve as differenças sobre a governança, ficaram os Mouros daquella costa do Malavar algum tanto levantados, e inquietos por verem que os nossos traziam mais tento nos negocios daquellas differenças, que na guerra com elles. Haviam os do rio de Chatuá^a morto, e cativado todos os Portuguezes, que se salváram nelle de huma Armada de treze navios de remo, que com tormenta se perdêram naquella costa, a qual Armada fez Affonso Mexia para impedir a sahida de algumas náos, que o Camorij mandava a Méca carregadas de pimenta. Com esta desgraça, e nossas discordias andavam os Mouros mui soltos por toda aquella costa, e passavam á

Tom. IV. P. I. N vif-

^a Fernão Lopes de Castanheda *cap. 88. do liv. 7.*
Diogo do Couto *liv. 5. cap. 3.* Francisco de Andrade *cap. 39. da 2. Parte.*

vista de Cananor, fazendo-lhes muitas sobrançerías, sem D. João Deça Capitão della ousar de pelejar com elles, por não ter navios para isso. Publicavam tambem, que os Rumes estavam em Camaram, e que traziam huma grossa Armada, e que a nossa não entrára no Estreito sabendo estarem alli os Rumes, e que o deixáram de fazer com temor delles. Tudo isto obrigou a Lopo Vaz ir em pessoa visitar a costa, despedindo diante Simão de Mello em hum galcão, e seis fustas, e elle o seguiu com huma Armada de quatro vélas grossas, e sete paráos, porque estes por sua ligeireza são os que fazem a guerra, deixando Antonio de Miranda por Capitão de Goa.

Sendo tanto avante como a Monte Delij, aquém de Cananor duas leguas, appareceram muitas vélas ao longo da costa, as quaes muitos julgavam ser palmeiras, por ir o galcão do Governador hum pouco largo da costa, e ser já tarde, e o Sol ficar sobre o mar. Com esta pouca certeza se eram vélas, ou não, Lopo Vaz mandou governar ao porto de Cananor, que tomáram já quasi noite; mas por o Capitão de Cananor lhe dizer, que aquelle dia passáram per alli muitos paráos de Malavares, contra a mesma parte onde os nossos os víram, teve por certo serem navios: polo que o Governador, tanto que o

fou-

foubé, mandou espiar por hum catur onde estavam, e quantos eram, com determinação de os ir demandar; o que foi escusado, porque elles houveram vista da nossa Armada; e como sabiam que a maior parte della sempre são navios grandes, e não tão ligeiros como os seus, vieram demandar a Armada para ver se podiam tomar alguma vela. E ainda vendo occasião que lhes dava o tempo, confiados em o número de seus paráos, que eram cento e trinta, determináram de affrontar o Governador. Com esta confiança, e porque o tempo lhes deo para isso comodidade por ser calmaria, e não servir ao Governador mais que para os paráos que levava, ao outro dia com grande seguridade passáram pela Armada do Governador, e lançáram-se por diante entre elle, e a terra. O Governador quando vio tamanha ousadia, posto que o número dos seus paráos era tanto menor que o dos Mouros, determinou de os accometter, e poz em conselho o modo que teria nisso. A maior parte foi, que não pelejassem, visto como se não podiam aproveitar dos navios grandes por razão da calmaria; porém elle com alguns que tomáram por affronta o que aquelles Mouros faziam, não a quiz dissimular; e determinado em pelear com os paráos, e fustas repartidos pelas pessoas de que confiava, ac-

N ii

com-

commetteo o cardume dos cento e trinta que estavam juntos , e os rompeo da maneira que os ginetes rompem a gente de pé , tornando logo a virar sobre elles , e cada vez que passavam , lhes davam huma salva de pelouros de espingardaria , e artilheria , e os Malavares com settas os seguiam. Neste modo de peleja , vendo elles quanto damno lhe os nossos faziam , e que as náos grandes se faziam á véla para vir sobre elles , e que dos seus paráos huns eram já mettidos no fundo , e tinham gente morta , e muita ferida , e que com o Governador se ajuntáram mais tres paráos de Cananor de refresco , começaram a se retirar. Lopo Vaz os seguiu hum bom pedaço , indo tomando poucos , e poucos dos que não podiam ir avante cansados da continuação do remo ; e os outros , a que o temor dava melhores braços para poderem continuar aquelle trabalho , se puzeram em salvo. Durou esta peleja de pela manhã té horas de vespera , e foi hum dos honrados feitos que pelos Portuguezes se fizeram naquellas partes , por o número dos paráos ser tão desigual , dos quaes lhe mettêram os nossos no fundo dezoito , e tomáram vinte e dous com cincoenta peças de artilheria. Morrêram perto de oitocentos Malavares , e foram muitos outros cativos. Os que escapáram foram-se a Calecut , donde el-

elles vieram ; e com os paráos que o Governador aqui houve , reformou huma Armada de vinte vélas , por ter muita falta destas de remo ; e recolhido aos galeões , foi caminho de Cochij , no qual achou alguns dos paráos que lhe fugiram , e outros que andavam pela costa , os quaes tomou , e destruiu.

C A P I T U L O XIII.

Como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio de Cochij com toda a sua Armada , e deo no lugar de Porcá , e o desbaratou , e queimou com morte de muitos.

DEsejava Lopo Vaz de dar algum castigo ao senhor de Porcá , (a que o vulgo chama Arel de Porcá ,) porque sendo confederado com os Portuguezes , e seguindo a sua bandeira em algumas emprezas , se veio a inimizar com elles depois que Dom Henrique de Menezes o despedio de si com a perna quebrada , como na Decada terceira temos dito ^a. E por as causas que outros Mouros se atreviam a nós , (que eram as referidas ,) se atrevia elle tambem ; e como era homem poderoso , e tinha muitos navios , de cujas prezas vivia , mandava com alguns cor-

^a Liv. 9. cap. 5. na tomada de Coulete.

correr a costa, e fazer muitos damnos; e por isto ser cousa, que para se evitar havia mister muita força, determinou Lopo Vaz de ir elle em pessoa sobre a Cidade de Porcá; e assi sendo tanto avante como Cochij, não se quiz deter, e foi correndo a costa, na qual Simão de Mello Capitão mór dos bargantijs queimou doze paráos que estavam furtos, e sahio em Chatuá, e queimou quatorze, e destruiu o lugar; e mandando o Governador queimar quantas embarcações se encontravam, chegou a Cranganor, onde estava a nossa Armada, á qual ordenou que o seguisse, por já não ser alli necessaria, e queria dar a todos parte do contentamento que haviam de ter os que com elle se achassem na tomada, e saca da Cidade de Porcá, que esperava ser grande. Para esta empreza levava mil homens, os mais delles espingardeiros, com os quaes deo no lugar huma manhã, não estando o Arel nelle. Os Mouros, posto que estavam descuidados daquelle caso, puzeram-se em defensão, como quem defendia a vida, mulheres, filhos, e fazenda; mas como os nossos levavam boa vontade, os mettêram todos á espada, e os derribavam com a espingardaria de maneira, que os mortos impediam aos vivos desenvolverem-se tambem como no principio. Finalmente foi tamanho o temor da

mor-

morte nos que ficavam, que esquecidos dos filhos, e das mulheres, se puzeram em fuga. Entrada a Cidade, se deo a sacco, em que houve muito ouro, prata, pedraria, sedas, e pannos de algodão, e muitos cativos, e entre elles a mulher do Arel^a, e outras pessoas nobres, e muita artillheria, assi da sua, como da que tinham tomada aos Portuguezes, e treze navios de reino mui bons. Recolhido este despojo, se poz fogo á Cidade, que toda ardeo, e alguns dos seus moradores que ficaram nella, e lhe decaparam as palmeiras, que he o principal mantimento daquella gente, com que se enbarcou o Governador, sem morte de algum Portuguez, posto que alguns houve feridos.

Partido de Porcá, chegou a Cochij a tempo que tambem chegavam duas náos, de que eram Capitães Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, que partíam aquelle anno do

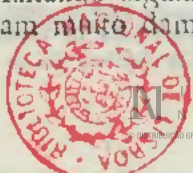
a Diogo do Couto escreve no cap. 4. do liv. 5. que a mulher do Arel se não pode sair da Cidade, quando lhe puzeram fogo, e foi nella queimada, e toda sua familia. Fernão Lopes de Castanheda no cap. 90. do liv. 7. diz, que esta mulher do Arel, (que Francisco de Andrade chama Mui,) e huma sua irmã ficaram cativas, e foram depois resgatadas por muito dinheiro. E que o despojo desta Cidade foi tão rico, que hum Francisco Mendes de Braga tomou hum caldeirão de cobre, que levaria hum cantaro d'agua, cheio de pardos de ouro, e muitos soldados houveram á sua parte dez, oito, e cinco mil pardos; e sendo o número dos Portuguezes mais de mil, nenhum houve que deste sacco lhe coubesse menos de cem pardos.

do Reyno com Nuno da Cunha, que vinha por Governador da India, de quem se apartaram, e deram nova como vinha com muitas vélas, e grande poder de gente nobre; o que deo grande contentamento a todos por a falta em que a India estava, e fizeram solemnes procissões, dando graças a Deos por em tal tempo lhe sobrevir tal soccorro. E porque Lopo Vaz de Sampaio desejava de entregar a India limpa dos colairos, que infestavam aquella costa do Malavar, determinou de ir a Cananor com tenção de esperar alli té que as náos da carga partissem para o Reyno ^a, e despachar algumas Armadas para diferentes partes. Polo que mandou a Antonio de Saldanha que ajuntasse gente em Cochij, e que com ella o fosse buscar para se embarcarem em humna Armada de bargantijs, e humna galé, que Antonio de Miranda ali fez em espaço de dous mezes que servio de Capitão, té que veio D. João Deça: e esta Armada se havia de ajuntar á outra que se fazia em Goa, para em hum corpo irem á costa de Cambaia, e na do Malavar deixarem parte para defensão della.

Chegando o Governador a Cananor,

a Partiram na entrada de Janeiro de 1529. Eram as duas de Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, das quaes foram por Capitães Gonçalo de Sousa, e Lopo Rabello. Francisco de Andrade cap. 41. da 2. Parte.

mandou logo a seu sobrinho Simão de Mello com certas vélas sobre Marabia, lugar do Reyno de Cananor, e distante de Cananor perto de quatro leguas, onde Simão de Mello chegou em amanhecendo, e pelejou com os paráos que guardavam o porto, dos quaes queimou doze, e os outros se salváram á força de remo. E havida esta vitória no mar, sahio em terra, que lhes os Mouros quizeram defender; mas por fim da contenda que os nossos com elles tiveram, os desbaratáram, e lhes destruíram, e queimáram o lugar, e lhes cortáram muitas palmeiras. E feito isto em huma manhã, se tornou para o Governador, que logo o mandou com doze vélas ao Monte Delij a queimar huns paráos, que alli andavam ás prezas. E fez outra Armada de dez vélas, que deo a Antonio da Silva de Menezes, mandando-lhe que fosse correr a costa té Cochij, e da volta que viesse, trocasse a Armada com Simão de Mello, e elle fosse para cima, e Simão de Mello para baixo. E em todo este tempo, que ambos andavam correndo a costa, não topáram com os paráos, que costumavam andar ao salto, porque o temor os fazia recolher para dentro dos rios; mas porém lá onde estavam os hiam buscar estes dous Capitães, saltando algumas vezes em terra, onde fizeram muito damno; e os pa-



paraós que Simão de Mello veio buscar ao Monte Delij os queimou com morte de muitos Mouros.

C A P I T U L O X I V .

Como ElRey de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco, e o Governador Lopo Vaz de Sampaio pelejou com Alixiah Capitão das fustas de Dio, e o desbaratou, e das Armadas que fez.

N Este tempo ElRey, de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco senhor de Chaul, a qual lhe fazia tanto per mar como per terra, e não sómente a elle, mas a todos os Portuguezes que na sua terra estavam. Para esta guerra trazia no mar oitenta fustas muito bem equipadas de gente de guerra, e com muita artilheria, das quaes era Capitão mór Alixiah, que era hum valente, e valeroso Mouro^a, com a qual Armada corria toda a costa. E receando Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, que estas fustas o cercassem per mar, e ElRey de Cambaia per terra, por ter tomadas

^a Alixiah vinha nesta Armada por Tenente de Melique Alicer Geral della, filho de Camalmaluco, que neste tempo estava por Capitão da Cidade de Dio, sendo fugido della para Jaquete Melique Saca, como se verá no cap. 6. do liv. 5. onde João de Barros o escreve, e esta guerra que ElRey de Cambaia fez ao Nizamaluco.

das as fortalezas de Carueia , e Sangagá , que eram do Nizamaluco , por a vizinhança que tinham de Chaul , fez de tudo per suas cartas relação ao Governador Lopo Vaz de Sampaio , pedindo-lhe que fosse com alguma Armada , ou a mandasse contra aquella parte , para favorecer aquella fortaleza ; e para aquellas fustas não se atreverem a andar tão soltamente fazendo damno , porque não entrava , nem sabia de Chaul véla que não fosse tomada. De todas estas cousas avisou tambem o Nizamaluco per hum Embaixador seu ao Governador , pedindo-lhe o soccorresse com alguns Portuguezes contra El Rey de Cambaia. Lopo Vaz despachou logo o Embaixador com cartas para Francisco Pereira Capitão de Chaul , ordenando-lhe que aprestasse a gente para aquella soccorro , que lhe pedia o Nizamaluco. E com estes avisos se apercebeo para ir a Chaul , com fundamento de mandar dalli o soccorro ao Nizamaluco ; e que não tendo a fortaleza necessidade delle Governador , iria buscar as fustas onde quer que estivessem. E porque elle ordenava que Antonio de Miranda , que então estava por Capitão em Goa , ficasse na costa do Malavar para a guardar , por se haver de apartar tanto de Goa indo a Chaul , antes que se partisse de Cananor , mandou a Goa o Capitão de Cananor , e a Si-

a Simão de Mello a Chaul com nove bargantijns mui bem artilhados, e equipados do necessario, os quaes havia de entregar a Antonio de Miranda, quando ahi chegasse para fazer corpo de grossa Armada. E deixando isto assi ordenado, foi-se para Goa a esperar Antonio de Saldanha com a gente que tinha mandado que fizesse em Cochij, e despedir Antonio de Miranda com a sua Armada para a costa, na qual levava duzentos homes todos de gente limpa, escolhida, e exercitada na guerra. E vindo Antonio de Saldanha a Goa, onde o Governador estava, acabou de se aprestar, e partio para Chaul em Janeiro de 1529 com huma Armada de quarenta vélas^a, e com elle hia toda

a Era esta Armada de cinco galeões, e duas galls, de que foram por Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sil, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Silveira, Simão de Mello, e Henrique de Macedo; e de quarenta e quatro navios de remo, de que hiam por Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paes, Francisco Alencres, João Rodrigues o Chatim, Pedralvares de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de alcinha o Malit, Pero Barriga, Antonio Coiaço, Christovão Correa, Jorge Dias, Antonio Fernandes, e outros. Nas fustas, e carzures, que pelejaram com os inimigos, que foram vinte e seis, se embarcaram quatrocentos homens escolhidos, em que havia muitos Fidalgos, entre os quaes foram D. Francisco de Castro, D. Eitor de Mello, Paio Rodrigues de Araujo, Manuel Rodrigues Coutinho, Christovão de Mello de Sampaio sobrinho do Governador, Antonio Correa, Francisco de Barros de Paiva, Luiz de Paiva, Duarte Di-

da a gente nobre que então andava na Índia, que seriam mais de mil homens Portuguezes, a fóra a gente da terra, alli de pejeja, como a do mar. E para boa ordem desta sua viagem, fez a Eitor da Silveira Capitão dos navios de remo, a que mandou que todos seguissem, e obedecessem naquella jornada, o qual conforme ao regimento que levava, havia de ir ao longo da costa, porque lhe não ficasse cousa que não visse, onde as fustas se pudessem esconder; porque tinha por nova certa que chegáram té Dabul, que he abaixo de Chaul trinta leguas contra Goa, e não sabiam se passariam mais para baixo. Mas ellas como traziam sua viagem, e souberam da vinda do Governador, começaram de se ir recolliendo para os ilheos queimados duas leguas de Chaul.

Lopo Vaz chegou a Chaul, onde se informou do Capitão da fortaleza do estado da terra, e do que ElRey de Cambaia fazia per dentro do sertão. E sendo logo visita-

niz, João de Mello, Garcia de Mello seu irmão, Fernão de Faria, Antonio da Barba, João da Silveira, Diogo da Silveira, Nuno Pereira, D. Afonso de Menezes, Dom Pedro seu irmão, Henrique de Vasconcellos, Manuel de Macedo, Gabriel de Brito, Fernão Rodrigues Barba, Garcia de Brito, Pero de Mesquita, Gomes de Azevedo, André Casco, Luiz Continhe, Duarte Coelho, Manuel de Carvalho, Lançarote de Alpoem, e outros, cujos nomes se não sabem. Francisco de Andrade cap. 42. da 2. Part. e Diogo do Couto cap. 5. do liv. 5.

fitado da parte do Nizamaluco com muitos agradecimentos da sua vinda, e com hum grande presente de vaccas, carneiros, arroz, e outros muitos refrescos, mandou logo aperceber oitenta Portuguezes para enviar de foccorro ao Nizamaluco, e por Capitão delles hum valente cavalleiro chamado João de Avelar, a que encommendou o credito, e honra dos Portuguezes; e com promessas de lhes fazer a todos muitas mercês, os entregou ao Embaixador do Nizamaluco, que se partio com elles, fazendo-lhes pelo caminho o gasto com muita largueza. E proveendo-se o Governador de bastimentos, se deteve alli em Chaul alguns dias; nos quaes sendo o tempo tal, que a ninguem dava lugar para poder sahir do rio, vieram treze fustas dar humia mostra, como que não temiam aquella Armada, a qual de longe esbombardearam. E posto que o vento era contrario, quizera Eitor da Silveira sahir a ellas, por não irem sem castigo por aquella sobrançaria; mas Lopo Vaz o não consentio, dizendo que as deixassem cevar, para as colher em melhor tempo. E porque sua tenção era destruir estas fustas, e as ir buscar a Dio, e tambem dar humia vista á Cidade, teve sobre isso conselho, e nelle propoz, que bem sabiam que ElRey de Cambaia andava em guerra com o Nizamalu-

lucos, e com o Hidalção, e com outros Principes, com que tinha affás em que entender, e que Dio ao presente não tinha maior ajuda, e soccorro que aquella Armada que per alli andava, que lhe parecia sería bom trabalhar por desbaratar estas vélas, e que com a vitoria dellas, que esperava em Deos lhe daria, poderia logo ir á Cidade de Dio, que por ventura estaria em tal estado, que a poderia tomar, e segurar, por estar o soccorro d'ElRey de Cambaia occupado nas guerras que tinha; e que para se poder conseguir estas duas cousas se deviam de ordenar os meios necessarios naquelle conselho, porque as cousas providas com prudencia, elle as regulava a bom fim, posto que as mais vezes as da guerra não se conformavam com a tenção de quem as propunha em seu favor. Os mais, que no conselho estavam, foram de opinião que o Governador se não havia de sahir de Chaul, pois sua vinda alli fora a chamado do Capitão, por razão da guerra que aquellas fustas faziam, e por cerco que esperavam per terra, e que isto se assegurava com sua presença. Todavia seguindo o Governador o parecer dos outros, principalmente de Eitor da Silveira, que desejava ganhar honra com as vélas que trazia a seu cargo, por serem aquellas de que neste feito das fustas se mais haviam de servir,

vir, veio por derradeiro assentar no modo que teria nesta empreza, e determinou que elle se faria á véla com os navios grossos ao mar largo, e que Eitor da Silveira fosse ao longo da terra com os de remo.

Assentado assi isto, partio o Governador de Chaul dia de Entrudo, e a outro dia amanheceo sobre Bombaim, e houve vista das fustas do inimigo, que estavam junto de huma ponta, detrás da qual se puzeram, tanto que descobríram Eitor da Silveira. O Governador vendo que ellas tomavam aquelle posto, parecendo-lhe que o faziam, porque succedendo-lhe mal, lhes ficava por remedio acolherem-se pelo rio de Bandorá acima, que está diante meia legua, mandou certos catúres que fossem cozer-se com terra, e que tomassem a boca daquelle rio para lhe tomar a entrada desta retirada. O que foi grande ardil para os melhor acolher; porque tanto que Eitor da Silveira se foi chegando ás fustas, o Capitão dellas vendo sua determinação, se fez á véla, e remo, recolhendo-se contra a boca do rio, não offendendo experimentar a fortuna em mar largo; mas Eitor da Silveira o começou a perseguir de maneira, que chegando elle ao rio de Bandorá, onde já achou o impedimento dos nossos navios, que lhe tinham tomada a entrada, antes que se pudesse salvar pelo rio de

de Maim, onde se os Mouros quizeram acolher; foram cercados de muitos catúres, e a poder de fogo, e ferro foi destruida a primeira, e principal fusta, e apôs esta começaram os nossos entrar pelas outras, em que houve hum agradavel espectáculo para ver de fóra; porque per huma parte tudo eram fusijs de fogo, assi da artilheria, como da espingardaria, per outra as nuvens de setas; e nas fustas, que já eram abalroadas, andava o ar cuberto de ferros das espadas, terçados, finalmente tudo eram sinaes de morte. A vista desta obra chegou o Governador de largo, e se deixou estar com o corpo da Armada, animando com a presença os seus, como quem estava vendo huma formosa montaria. A mortandade dos Mouros foi mui grande, assi dos que perecêram no mar, que andava tinto em sangue, como dos que varavam em terra por salvar as vidas, onde os nossos catúres por serem pequenos lhes hiam impedir a salvação. De todas as fustas, que eram oitenta, escapáram sete, em huma das quaes se acolheo Alixiah^a. Das res-

Tom. IV. P. I.

O

tan-

^a O Geral Melique Alicer como vio as nossas fustas envoltas com as suas, se metteo em huma esquipada, e se tornou á boca do rio, donde sem pelear fugio. Sen pai Camalnaluca, quando em Dio o soube, fez grandes demonstrações de sentimento pela deshonra do filho, e o fez buscar com muita diligencia para o entregar a Soltan Badur, que o castigasse como merecia sua covardia. ElRey se honve por satisficito desta demonstração de Camaimainuco, e a elle por

tantes, as trinta e tres vieram a poder dos Portuguezes; e as outras ficáram tão destrôçadas, que não servíam mais que para o fogo, que os nossos lhe puzeram. O despojo desta vitoria foi grande número de cativos, e muita artilheria, de que alguma fora nossa, que os Mouros tinham tomada em alguns navios. Achou-se grande quantidade de polvora, pelouros, e artificios de fogo. Esta foi huma gloriosa vitoria, porque os inimigos eram muitos, e gente mui escolhida, e as vélas muitas, e mui providas de artilheria, e munições, de que choviam pelouros, e setas; e sendo grande o número dos Mouros, que nesta batalha morreram, dos nossos nenhum morreu, alguns porém foram feridos, que logo guareceram.

João de Avelar, que hia com o Embaixador do Nizamaluco, se foi informando pelo caminho do sitio da fortaleza, que El-Rey de Cambaya tinha tomada, e da guarnição que nella estava. Chegando perto della, deixando seus companheiros em lugar seguro com a gente do Nizamaluco, se disfarçou em trajo de trabalhador, e guiado por hum homem da terra, foi reconhecer a

sem culpa no erro do filho, e deu a capitania de Dio a Melique Tocão, (irmão de Melique Saca, que estava em Jaquete,) por lhe pedir Camalmaluco que o tirasse della.

a Francisco de Andrade cap. 43. e 55. da 2. Parte.

a Francisco de Andrade cap. 41. da 2. Parte.

fortaleza. Estava ella assentada em hum outeiro alto, e tão ingreme, que só com pedras que deixassem cabir do muro se poderia defender de hum exercito. João de Avelar reconhecido o sitio, voltou aos Portuguezes, e com elles, e com mil homens do Nizamaluco foi demandar a fortaleza ante manhã com tanto silencio, que não foram sentidos dos inimigos se não mui perto della. Levavam os Mouros escadas, e aos espingardeiros Portuguezes mandou João de Avelar que tolhessem chegar os inimigos ao muro a lançar pedras que nelle tinham postas; e com esta ordem accommettêram a fortaleza, e a escaláram, não ousando os inimigos apparecer no muro, porque os nossos espingardeiros matáram os que se nelle descobriram. O Capitão João de Avelar foi o primeiro que subio per huma escada, e após elle outros Portuguezes per outras; e posto que os inimigos se defendêram dentro com muito esforço, foram todos mortos, e dos nossos tres sómente, e feridos muitos. Tomada a fortaleza, João de Avelar a entregou ao Capitão do Nizamaluco, o qual estava dahi huma jornada; e sabendo deste bom successo, mandou chamar João de Avelar, a que fez muita honra, e deo huma cabaia, e mil pardãos, e outros dous mil para repartir pelos Portuguezes, com que os

despedio, e os feridos mandou levar em andadores té Chaul para serem curados á sua custa.

CAPITULO XV.

Como havida a vitoria das fustas, quizera o Governador ir a Dio, e lhe foi contrariado: e de algumas Armadas que mandou a diversas partes.

HAvida a vitoria das fustas de Dio, o Governador se recolheo com a Armada das náos grossas á encada de Bombaim, onde foi ter Eitor da Silveira cheio de gloria, e triunfo. Lopo Vaz o recebeu com muita festa, e com palavras de muitos louvores engrandeceo o que fizera, de que confessava que lhe tinha muita inveja, e armou cavalleiros a muitos Fidalgos, e a outros que o quizeram ser, por se acharem em feito tão honroso. E antes que dalli se partisse, quiz o Governador ter conselho com todos aquelles Capitães sobre o que já em Chaul movêra ácerca da sua ida a Dio, persuadindo, e facilitando então o negocio mais que antes que desbarataassem as fustas, porque a força daquella Cidade toda consilia naquella Armada, cuja perda não sómente enfraquecia a Dio, mas ainda, por ser damnoção commum, havia de metter a todos em

con-

confusão, e desinaio, e que nada se aventurava em dar huma vista á Cidade para fazer o mais que a disposição della desse; o que alli foi ao Governador mais contrariando que em Chaul. Diziam huns que não convinha á authoridade de hum Governador da India emprender cousa que não acabasse, porque Dio era tal, que requeria mais força, e mais gente da que elle tinha; que o deixasse para outro tempo, em que com poder igual á empreza a pudesse accommetter. Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá^a, (que então haviam vindo do Reyno com Nuno da Cunha, a que na chegada á India se anticiparam com o tempo que os apartou d'elle) o contrariavam com mais força, e liberdade; dizendo Garcia de Sá ao Governador, que não roubasse a honra a Nuno da Cunha, ao qual ElRey não mandava á India a outra cousa senão a tomar Dio, pelo que o deixasse a quem estava commettido. Vendo o Governador que não tinha por seu voto mais que a Eitor da Silveira, e que seu governo se hia já acabando com a vinda de Nuno da Cunha, que cada dia esperava, não ousou de ir contra os requerimentos que lhe faziam. Mas segundo depois

^a Fernão Lopes de Castanheda *cap. 91. do liv. 7.* Diogo do Couto *cap. 5. do liv. 5.* Francisco de Andrade *cap. 44. da 2. Parte.*

pois se vio pelo successo, o parecer de Lopo Vaz de Sampaio era o melhor, porque se entendeu que se a Dio fora, se lhe entregára, e se escusára o sangue, e a despezza que depois custou. O Governador pediu hum instrumento do que em Chaul, e alli propuzera para se desculpar ante ElRey de se não tomar Dio, e mandou ao Secretario que guardasse huma carta que o Nizamaluco lhe escrevêra a Chaul, e della lhe dêsse hum traslado para o mesmo effeito, na qual lhe dizia, que avisado ElRey de Cambaya, que elle hia com Armada para Dio, levantára os cercos que tinha postos ás suas fortalezas para soccorrer a Dio; e que Camalaluco sabendo o desbarato da sua Armada, se fora da Cidade; polo que lhe parecia que devia tornar a Dio, pois estava em tempo de o poder tomar facilmente, para o que elle lhe daria todos os mantimentos, e esquipações necessarias pagas á sua custa, com que lhe dêsse Baçaim quando o tomasse, porque estava dentro nas suas terras.

É porque no mesmo conselho se affirmou, que para alimpar aquella costa dos saltos que os Mouros nella faziam, bastava que ficasse alli Eitor da Silveira com alguns navios de remo, o Governador o deixou com vinte bargantijs, e duas galeotas, e trezentos homens, com regimento que guerreasse

se aquella costa da enseada de Cambaya per todo aquelle verão , e que no inverno se recolhesse a Chaul. E o Governador se partio para Goa a 20 de Março^a; e como lá foi, despachou a D. Fernando Deça seu cunhado para Ormuz , com tres galeões carregados de mercadorias d'ElRey , em hum dos quaes hia D. Fernando por Capitão mór , e dos outros foram Capitães Lopo de Mesquita , e Antonio de Lemos , e lhes mandou que da vinda fossem fazer prezas á ponta de Dio. Despachou tambem a Garcia de Sá , que do Reyno vinha provido por Capitão de Malaca para succeder a Pero de Faria , a quem o Governador mandou encarregar a liberdade de Martim Affonso de Mello Jusarte , que estava cativo em Bengála , para que á vinda o resgataffe. Garcia de Sá

par-

a Em Goa teve Lopo Vaz de Sampaio recado de Melique Saca , (que estava em Jaquete ,) que fosse sobre Dio , e elle iria per mar ajuntar-se com o Governador , e per terra lhe levariam seus cunhados quinze mil de cavallo , e cincoenta mil de pés : e que de Lopo Vaz não queria mais , senão que tomando a Cidade , fizesse a elle Melique Capitão della , como já fora , e fundasse nella fortaleza , com que o defendesse d'ElRey de Cambaya , e daria ao Governador as rendas do mar , e elle ficaria com as da terra. Para confirmar , e affinar o que se destes apontamentos resolvesse , trazia o mensageiro largos poderes. O Governador respondendo a Melique Saca com esperanças de fazer o que lhe pedia , e offerencia ; mas que por ser então inverno se não podia concluir aquelle negocio , no qual se tomaria resolução no verão seguinte. Francisco de Andrade cap. 44. da 2.^a Parte.

partio em huma não grande, e levava mais hum junco, que se perdeu ao salir da barra, e com a não chegou a salvamento a Malaca, e lhe foi entregue a fortaleza per Pedro de Faria, que se veio para a India em Novembro seguinte. Outra Armada de seis bargantijs, e huma galé fez o Governador, em que hiam cem homens, de que era Capitão Christovão de Mello seu sobrinho, com o qual foram muitos Fidalgos, e pessoas nobres, para se ir ajuntar com Antonio de Miranda, que andava na costa do Malavar, a quem mandava Lopo Vaz que seu sobrinho obedecesse, e andasse debaixo da sua bandeira. Antonio de Miranda tinha desbaratado huns doze paráos; e como chegou a elle Christovão de Mello, tomáram ambos huma não d'ElRey de Calecut carregada de pimenta, que estava no rio de Chale para ir a Méca, cuja preza deo muito trabalho, por estarem nella perto de oitocentos Mouros, com muitas armas, e artilheria. Depois topáram ao Monte formoso com huma Armada d'ElRey de Calecut de cincoenta velas, a qual desbaratáram, tomando-lhe treze paráos com sua artilheria, e lhe cativáram muita gente, além da que foi morta; e tornando a correr a costa, tomáram outros paráos da mesma Armada, que haviam escapado da primeira. Com que tendo a cos-

ta

ta limpa, se recolhêram a invernar Christovão de Mello em Goa, e Antonio de Miranda por mandado do Governador em Cochij.

C A P I T U L O XVI.

Como Eitor da Silveira assolou nuitos lugares na costa de Cambaya, e pelejou com o Capitão Alixiab, e lhe tomou a fortaleza em que estava: e da destruição que fez em Baçaim.

Eitor da Silveira com a Armada que lhe o Governador deixou começou a correr a costa de Cambaya na parte de Baçaim té chegar ao rio Nagotana, que he de Baçaim oito leguas contra Goa. Por este rio acima, pouco mais de duas leguas, está huma fortaleza, que tem o nome do mesmo rio, na qual ElRey de Cambaya tinha gente de guarnição, que faziam guerra a ElRey de Chaul. Desejando Eitor da Silveira de entrar no rio, mandou primeiro ao Piloto mór da frota que fosse diante em hum catúr, e sondasse o rio; o qual tornando, lhe disse, que elle não poderia chegar com os navios á fortaleza, porque era tão baixo, que escassamente poderia nadar hum catúr com gente. Vendo Eitor da Silveira que não podia fazer o que desejava, no proprio lugar onde estava, que era junto de

de huma povoação, sahio em terra com a sua gente, e foi-se a ella, e poz-lhe o fogo, e não sómente a este lugar, mas a outros cinco, sem achar nelles gente alguma; porque os Mouros com temor, antes que elle chegasse, os despejaram, como quem trazia os olhos em quantas voltas Eitor da Silveira dava, de maneira, que tiveram tempo de se pôr em salvo: tão assombrados andavam do desbarato das fustas; porém sempre acliáram gente que cativar, ainda que não quizessem pelejar, nem defender-se. A fóra este damno de lhe abrazarem suas casas, lhe faziam outro maior, que lhe queimáram suas novidades de que se sustentavam, para que a nova destas perdas incitasse ao Capitão de Nagotana a vir pelejar com elles, e assi o fez; porque vendo estas tão contínuas injurias, e damnos, que com lagrimas lhe hiam contar os Mouros que escapavam, determinou de pelejar com Eitor da Silveira, e tomar vingança d'elle, e assi o veio buscar com muitos homens de pé, e quinhentos de cavallo acubertados, e achou a Eitor da Silveira na derradeira povoação que queimára. Eitor da Silveira vendo o grande número de gente que este Capitão trazia, que para cada hum dos nossos havia vinte, veio-se recolhendo pela ribeira abaixo o melhor que pode ás fustas; porém quando veio ao embarcar, os Mouros

ros de cavallo os quizeram impedir escaramuçando com elles para os entreter té que viesse a gente de pé, com a qual se poderiam melhor aproveitar dos nossos. Eitor da Silveira, que ficou na retaguarda, lhes fez rosto com a gente que estava por embarcar, e lhe derribou tres de cavallo ás espingardadas. Neste tempo hum soldado digno de fama, que se chamava Francisco Godinho^a, vendo que os Mouros apupavam, e assoberbavam aos que se embarcavam, com huma lança, e huma rodela se affastou dos outros, e hum Mouro de cavallo vendo-o só, remetteo a elle para o ferir com hum zarguncho; o soldado o esperou, e chegando a elle, que alçou o braço para o ferir, metteo-lhe a lança per baixo d'elle, e deo com o Mouro morto no chão; e ainda não era cahido, quando o soldado lhe tomou o zarguncho, e pondo-se a cavallo no do Mouro, levou outro Mouro de encontro, que hia para o ferir, e passou-o pelos peitos com quanto o laudel era forrado de malha; e tomando o soldado o cavallo do segundo Mouro pela redea, se foi com muito socego para Eitor da Silveira, pedindo-lhe o armasse cavalleiro quando fosse tempo. Com este valeroso feito de Francisco Godi-

^a Fernão Lopes de Castanheda *cap. 96. do liv. 7. Diogo da Couto liv. 3. cap. 6. Francisco de Andrade cap. 45. da. 2. Parte.*

dinho, merecedor de hum notavel premio, voltou Eitor da Silveira aos inimigos, e com huma grande surriada de espingardaria os fez affastar, e os nossos se acabáram de embarcar mui a seu salvo.

Embarcado Eitor da Silveira, se veio á boca do rio, e dahi foi correndo a costa té o rio de Baçaim, assi chamado por razão da fortaleza que está situada ao longo delle duas leguas da sua boca, e oito de Nagotana. É huma legua da barra em huma povoação pequena, entre ella, e o rio, onde se fazia hum teso de arêa, tinham os Mouros fabricado huma tranqueira de madeira entulhada, em que havia muita artilheria grossa, e miúda, e era o desembarcadouro, de maneira, que os que houvessem de desembarcar naquelle posto, haviam de pôr as barrigas nas bocas das bombardas. A fóra esta defensão da entrada do lugar, detrás delle estava Alixiah, (o Capitão das fustas, que foi desbaratado pelo Governador,) com tres mil homens de pé, e quinientos de cavallo. Chegando Eitor da Silveira á boca deste rio, tornáram a elle certos bargantijs, que mandou diante a descobrir o lugar, e estado delle, e disseram-lhe que acháram dentro doze náos grandes, dellas em terra postas em estaleiro, e dellas no mar, e tres taforeas que carregavam madeira, e assi lhe deram conta do baluarte, e

sitio

sitio da terra. E porque segundo o que lhe
 a elle parecia, o caso requeria consellio, te-
 ve-o com os Capitães dos catúres no modo
 que teriam de accommetter. Seu parecer era,
 que queimassem as náos, posto que todas ef-
 tivessem acima do baluarte; e porque con-
 vinha passar por elle, ordenou que toda a
 artilheria fosse abatida; porque segundo os
 navios eram rasos, e a artilheria dos inimi-
 gos estava assentada alta, por causa do sitio
 ser eminente sobre a praia, lhe parecia que
 em a passada delles pouco damno faria, le-
 não houvesse mais detença que passar com o
 remo teso. E por os Mouros se descuidarem
 da passagem que elle havia de fazer, tomou
 certos Canarijs dos que hi andavam servindo,
 e entregou duzentos a hum Capitão delles,
 chamado Malú, e mandou-lhe que commet-
 tessem sahir em terra a humia illhargá do ba-
 luarte, para que os Mouros acudissem ahí,
 e se descuidassem do que elle havia de fazer
 em outra parte; e em ordenar isto gastou qua-
 si todo o dia. Quando veio a noite, poz-se
 em caminho pelo rio acima, e a outro dia ás
 nove horas chegou á tranqueira, que dispa-
 rando toda sua artilheria, no tempo da fu-
 massa della passou Eitor da Silveira com seus
 bargantijs com menos perigo do que esperava;
 e não sómente sahio em terra, e entrou
 a tranqueira, onde estava a artilheria á força
 da

da espada, matando aquelles que lha defendiam, mas começou de entrar no lugar.

Alixiah como viu que os nossos em tão breve tempo eram dentro nelle, sabio com toda sua gente ao foccorrer. E posto que Eitor da Silveira não sabia que este Capitão alli estava, e o impeto da força de tanta gente, subito, e não esperado fosse cousa mui temerosa, não perdeu o tento do que lhe convinha fazer; porque cerrando-se todo em hum esquadrão, por o não entrarem, delle começou a espingardaria a ferir os cavallo, que como não eram costumados ao tom dos tiros, assi de espanto delles, como dos pelouros que levavam no corpo, fugiam com seus senhores, e com furia davam na sua propria gente de pé, e a atropelavam; e aproveitando-se os nossos da occasião, arremettêram aos Mouros, e ferindo, e matando nelles, como em gente vencida, os puzeram em fugida. Mas Eitor da Silveira não quiz que seguissem o alcance por a terra ser cuberta de palmares, em que os nossos corriam risco de serem desbaratados. E por reprimir o impeto da victoria, e os recolher, mandou pôr fogo ao lugar, para que todos acudissem ao roubo delle. Porém o fogo levou a maior parte do despojo de Baçaim, porque como foi posto primeiro em humas casas grandes, que serviam de Armazem, e nellas havia polvora,

e salitre, e cousas em que o fogo lavra de improviso, assi ardeo todo o lugar, que em breve foi queimado, e não deo espaço a mais faço. Como Eitor da Silveira destruiu Baçaim, foi-se pelo rio acima onde estavam as náos, e por serem de mercadores de Ormuz, que eram vassallos d'ElRey, e os termos como naturaes, não lhes foi feito damno; mas trouxe as náos, e as taforeas abaixo ao porto, e tomou as tres taforeas que carregavam de madeira, e mandou a Christovão Correa em hum catúr a queimar outras tres náos, que estavam em hum rio perto das Ilhas das Vacas, que carregavam de mantimentos, e madeira para levar a Dio, e fazerem navios, por aquella Comarea de Baçaim ser a mais fertil de mantimentos, e de arvoredos de todo o Reyno de Cambaya.

Sabendo o Xeque da Cidade de Taná, que está pelo rio de Baçaim acima quatro leguas, o que Eitor da Silveira fizera, e o que os Portuguezes lhe podiam fazer, por ser aquella Cidade povoada de gente, que vive por trato de pannos de seda, que se alli tecem, de que ha muitos mil teares, temendo que subindo Eitor da Silveira á sua Cidade ficaria destruida, mandou-lhe Embaixadores, dizendo, que queria ser vassallo, e tributario d'ElRey de Portugal, e que lhe queria dar de tributo cada anno quatro mil par-

daos

dãos por os deixarem em paz, e seguridade; e porque ao presente a terra por esterilidades passadas, e guerra que os Portuguezes faziam pelo mar, estava Taná mui pobre, porque não corriam as mercadorias como de antes, que daria aquelle primeiro anno tres mil pardãos, e logo mandava dous mil em começo de paga, e refens, em quanto não assentavam as pazes, e não pagavam o resto. Eitor da Silveira, porque não tinha gente para commetter tamanha cousa, como era aquella Cidade, assi em sitio, como em grandeza, acceitou sem réplica o que lhe offereciam, e com isso despedio os Embaixadores, dizendo-lhes, que elle hia para Chaul por ter recado do Governador que o chamava, que lá podiam assentar com elle seus contratos. Idos os Embaixadores, antes de elle partir, mandou diante as taforeas de madeira, e despachou as náos de Ormuz, mandando-lhes que fossem tomar carga a Chaul; e rogou-lhes que cada huma levasse huma jangada per popa daquella madeira, que estava cortada para carregar para fóra, e elle levou a mais madeira por ser necessaria para fazer navios. E em tres dias que alli esteve ficou o lugar de Baçaim tão destruido, e abrazado, assi as casas, como as hortas, e pomares, que movia á piedade; e foi lamentado dos Mouros, porque a terra de Baçaim era toda hum jardim

dim mui delectoso. Chegando a Chaul, foram lá ter os Embaixadores de Taná a cumprir o que promettêram, e mandou Eitor da Silveira quatro bargantijs a correr a terra de Baçaim, e impedir que os Mouros tornassem a reformar alguma força, no qual tempo captivaram muitos, e destruíram a costa de maneira, que não sómente não ousavam os Mouros navegar per ella, mas os que habitavam os portos do mar despejavam os lugares, e se mettiam pela terra dentro. E bem sentiam todos esta perda pola muita que recebiam nos direitos das mercadorias, que não acudiam, nem os mercadores ousavam navegar, nem queriam aventurar suas fazendas.

Lopo Vaz de Sampaio, como destas cousas era author, por as mandar elle fazer, quando Eitor da Silveira o mandou avisar do que deixava feito, dava muitos louvores a Deos por em seu tempo lhe deixar acabar cousas de tanto seu serviço, e d'ElRey. E como os Mouros daquellas partes trazem os olhos nos feitos dos Governadores, e no que lhes bem, ou mal succede na guerra, por verem que nestas em que Lopo Vaz tinha posto mão sempre lhe succedêra bem, o Hidalcão, vizinho ás terras de Goa, lhe mandou seus Embaixadores, commettendo-lhe que queria ter perpétua paz com elle por de-

Tom. IV. P. I.

P

se-

sejar ter amizade com ElRey de Portugal. O Governador, depois de lhe dar graças por sua visitação, e da vontade que mostrava ácerca da paz, disse, que para firmeza della lhe havia de dar tres Tanadarias das que estavam nas terras firmes de Goa, quaes elle nomeal-se, e que com esta condição faria paz, porque sem ellas ElRey seu Senhor haveria que o não tinha servido. Espedidos estes Embaixadores, porque a resposta do Hidalção se deteve, não houve esta paz effeito em tempo de Lopo Vaz por se acabar seu governo.

Sendo dez dias de Maio, Bastião Ferreira, que Lopo Vaz de Sampaio tinha mandado a saber novas de Nuno da Cunha, chegou com cartas suas para Lopo Vaz, pelas quaes elle soube que Nuno da Cunha invetnára em Melinde, donde era já partido para Ormuz; e das vitorias que houvera naquella costa, e nas cartas lhe pedia que lhe tivesse as mais vélas que pudesse juntas, porque em chegando á India esperava de as haver mister. E deixadas agora as cousas da India, daremos conta das de Maluco, de que sempre tratámos depois das da India, ainda que acontecessem antes.

CAPITULO XVII.

Do que succedeo a Simão de Sousa Galvão, que hia por Capitão de Maluco.

SAbendo o Governador Lopo Vaz de Sampaio per Pero Mascarenhas ao tempo de sua partida para o Reyno, e per outras pessoas a necessidade de gente, e munições que tinha a fortaleza de Maluco, querendo-a prover de Capitão, e tirar della a D. Jorge, determinou mandar lá humia pessoa, que tivesse as qualidades que convinham para o remedio daquella fortaleza, e soccorro do estado em que então estava; e porque todas concorriam em Simão de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, o mandou em companhia de Pero de Faria, que hia servir de Capitão de Malaca^a, e lhe deo hum galé, de que era Capitão Jorge de Abreu, e a capitania mór do mar de Maluco levava Dom Antonio de Castro, e a Feitoria Antonio de Abreu Caldeira, que todos eram homens nobres, e escolhidos, como pedia a necessidade de Maluco. Na galé hiam setenta soldados, e trinta lhe havia de dar Pero de Faria em Malaca. Fazendo ambos sua viagem, antes de chegarem ao golfão, lhes sobreveio humia tormenta, com que huns, e outros se

P ii

^a Como se disse atrás no cap. 7.

perdêram de vista. Pero de Faria foi ter a Malaca, onde lhe entregou a fortaleza Jorge Cabral, e Simão de Sousa correu a tormenta arvore secca, e foi aportar á barra de Achem com os soldados, que levava na galé meios mortos dos grandes trabalhos que passaram na tormenta, sem saber donde estava. E depois que o soube, se quizera fazer á vela, se o tempo o deixára, porque não tinha aquelle porto por seguro, por ser de gente inimiga dos Portuguezes; parece que o espirito lhe revelava o que havia de ser. Porque tanto que ElRey soube que esta galé era chegada alli destrocada com a tormenta, mandou logo a ella huma espia, com nome de visitador, a saber que gente vinha nella, e com palavras dissimuladas offerecendo ao Capitão o que houvesse mister, e pedindo-lhe que entrasse para dentro, onde estaria mais seguro do tempo. Simão de Sousa lhe deu os devidos agradecimentos, e se escusou da entrada. Espedido este visitador, ao outro dia veio a elle huma embarcação da terra a lhe pedir da parte d'ElRey que se fosse para dentro, e que para lhe revocarem a galé lhe mandava aquellas lancharas que atrás vinham, que não tardáram muito em apparecer, aturadas de gente de guerra, de armas, e de artificios de fogo. As quaes chegadas á galé, vendo os Mouros que Simão de Sousa não

queria entrar, o acconunettêram per tantas partes, que a galé foi entrada, travando-se huma grande peleja. Era hum triste espectáculo, e caso que aos mefmos inimigos pudera lastimar, ver aquelles poucos homens tão maltratados dos trabalhos que passâram, e tão rodeados de inimigos; mas como todos elles eram esforçados, houveram-se de maneira, que mais pareciam leões que homens, e assi faziam façanhas incriveis; mas contra tantos inimigos pouco lhes aproveitava sua valentia, porque posto que faziam grande estrago nos que achavam diante, entravam outros de refresco em seu lugar. Fazendo os Portuguezes maravilhas, durou a peleja tanto tempo, que desesperados os Mouros de tomar a galé, como lhes era mandado por El Rey, receando já as mortes que os nossos lhes davam, se apartáram, e assi desbaratados se foram apresentar a El Rey, ficando dos Portuguezes menos os dous terços dos que eram entre mortos, e feridos.

Deste successo ficou El Rey mui indignado contra os seus, porque sendo tantos lhe não levavam a galé; pelo que mandou logo ao seu Capitão mór do mar, que se fizesse aquella noite prestes com toda a sua Armada, que estava no porto, e pela manhã lhe fosse buscar a galé, com grandes ameaças de morte se lha não trouxesse. O Capitão se foi pela

manhã á galé, (que lhe não deo o tempo lugar para se fahir da barra,) e os Mouros, que o dia de antes com os nossos pelejaram, receando de se chegar, por estarem já sangrados do ferro Portuguez, aconselharam ao seu Capitão que tentasse se per manha podia tomar a galé, tendo por impossivel havella de outro modo; e assi tanto que chegou á galé que o pudessem ouvir, mandou dizer a Simão de Sousa com muitas palavras, que El-Rey queria ter paz, e commercio com o Capitão de Malaca, e com elle, e para isso lhe mandava pedir quizesse ir para dentro. E porque alguns dos Portuguezes estavam já taes, que se não atreviam a pelejar, lhes pareceo que se deviam de concertar, e começaram de praticar nisso: o que sentindo Simão de Sousa, estando á falla com os Mouros, respondeo que queria haver conselho com os seus; e por entender que alguns delles se queriam entregar, por o estado em que se viam todos feridos, e sem esperança de soccorro, lhes fez huma falla, declarando-lhes, com a brevidade que o tempo pedia, a falsidade, e tenção daquelles Mouros, persuadindo-os a morrerem antes com honra, confessando a Fé de Christo, que entregarem-se áquelles inimigos della, que com grande crueldade lhes haviam de tirar a vida, que esperavam alcançar delles. Respondêram to-

des

dos a huma voz, que o seguiriam, e morreriam com elle. Os Mouros defenganados, remettêram á galé com tanta braveza, que pareceo que do primeiro accommettimento á levariam; mas os nossos alli como eram poucos, e estavam desfalecidos do sangue, e das forças, lembrando-lhes que morriam pola Fé de Christo, e contra tão grandes inimigos della, cobrando novos espiritos, fizeram proezas quaes se contam nos livros fabulosos, e que de homens que estavam naquelle estado se não poderiam crer; de maneira, que os Mouros se afastáram da galé, com morte, e destruição de muitos, e com tenção de se recolherem, não sabendo que os nossos eram quasi todos mortos, e os vivos tão feridos que já não podiam pelejar.

Neste tempo se deitou a nado hum Mouro dos forçados da galé, o qual descobrio ao Capitão das lancharas o estado em que a galé estava, e que se não fosse, que a pouco que perseverasse os acabaria de consumir. O Capitão mór mandou este Mouro a El-Rey, o qual a grande pressa provêo os seus com mais gente de refresco, e mais polvora. Com este soccorro tomáram atrevimento de entrar na galé, onde já não havia quem a pudesse defender, e começáram de novo a pelejar com estes poucos que nella estavam vivos, os quaes vendo que aquelle era o ul-

ti-

timo de suas vidas, por as venderem caras fizeram maravilhas, como se de novo vieram a peleja, té que pregáram as mãos com settas a D. Antonio de Castro em a hastea de huma alabarda, que tinha nellas com que pelejava, e das muitas feridas que tinha esgottou todo o sangue té que cahio morto. A Simão de Sousa Galvão deram com hum zarguncho de arremesso com tanta força, que passando as couraças lhe pregou o coração, e deste modo acabou Simão de Sousa Galvão, hum dos quatro filhos ^a, com que Duarte Galvão passou áquellas partes; e assi acabáram os mais que na galé havia, e alguns poucos que com vida ficáram, (dos quaes eram Antonio Caldeira, e Jorge de Abreu, tão feridos, que mais se podiam contar por mortos que por vivos,) foram levados com a galé a ElRey, como em triumpho de tamanha vitoria, e o corpo de Simão de Sousa feito em pedaços lançáram ao mar. Aos feridos fez ElRey muito gazalhado, e mandou curar por dissimular sua maldade, mostrando que lhe pezava muito da morte de Simão de Sousa, e dos outros Portuguezes, que elle mandava chamar para lhes fazer gazalhado, e honra, como desejava fazer a todos, e lhes disse, que como elles fossem sãos, escolheffem entre si al-

^a Os outros tres se chamavam Jorge, Manuel, e Roy Galvão.

algum, que fosse dizer da sua parte ao Capitão de Malaca que mandasse por elles, e pela galé, e artilheria, e por o mais que lá tivessem, e fora dos Portuguezes, porque tudo daria de boa vontade. Porém a tenção deste Rey infiel era tomar o navio, e gente que o Capitão de Malaca mandasse, como fez, e se dirá adiante. E para mais enganar aos nossos, mandou-lhes dar muito boas poufadas, e todo o necessario com muita largueza, como mui amigo.

C A P I T U L O XVIII.

Como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Tidore, e assentou pazes com os Castelhanos que nella estavam.

E Stando D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco em treguas com Fernando de la Torre Capitão dos Castelhanos, que estavam em Tidore, vindo-se acabar, e querendo-as renovar D. Jorge, não quiz Fernando de la Torre per conselho do Governador de Geilolo; e a causa era, porque El-Rey de Tidore pertendia ser senhor de todo o Estado do Moro. E porque elles estavam prestes, mandáram logo sua Armada, para que fosse tomar os lugares que lá tinha El-Rey de Ternate; e posto que Cachil Daroez tinha os lugares bem providos, mandou

dou tambem sua Armada em que hiam alguns Portuguezes, que foram desbaratados per Cachil Rade Governador de Tidore, que matou, e ferio muitos delles, e prendeo hum Capitão dos Mouros, que depois mandou matar. Os Ternates, e Portuguezes que escapáram, acolhendo-se em terra, avisáram a D. Jorge do seu desbarato, pedindo-lhe soccorro, porque os de Tidore eram muitos, e com elles Fernando de la Torre, e quarenta Castelhanos que comsigo tinha. D. Jorge, que estava escandalizado de Fernando de la Torre de não querer com elle paz, pareceo-lhe que tinha boa occasião de se vingar d'elle, e d'ElRey de Tidore, para o que disse a Cachil Daroez, que era necessario destruirem aquellas Armadas, e juntarem para isso seu poder, e dos amigos. Cachil Daroez mandou recado aos Sangages, e a ElRey de Bacham, que acudissem com sua gente, o que logo fizeram. Dom Jorge não lhes manifestando seu intento, mandou armar cento e vinte Portuguezes todos escolhidos. E como as Armadas foram juntas, se apartou com os officiaes da fortaleza, e com ElRey de Bacham, e Cachil Daroez, e lhes disse, que bem sabiam as offensas que tinham recebido dos Tidores, poderosos, e fortalecidos com a companhia dos Castelhanos, e sua artilheria; e que para

sua destruição nunca houvera melhor tempo, nem mais disposto que o presente, por muitos andarem na guerra do Moro, e ficar a Ilha com poucos, e assi sendo pouca a defensão, os poderiam destruir, com que ficariam em paz; porque ElRey de Geilolo sem ajuda d'ElRey de Tidore, e dos Castelhanos não lhes podia fazer guerra. ElRey de Bacham primeiro, e depois Cachil Daroez, e os Sangages, e Capitães dos Mouros, todos approvaram o parecer de Dom Jorge. Os Portuguezes respeitando mais sua quietação, e proveito da sua fazenda, deram muitas razões, dissuadindo aquella empreza; mas replicando D. Jorge, consentiram nella, ainda que contra suas vontades.

Entregue a fortaleza ao Alcaide mór Gomes Aires, pedio D. Jorge a ElRey de Bacham, e a Cachil Daroez, que se embarcasssem logo com sua gente, porque haviam de partir aquella noite, antes que se publicasse aonde hiam, porque queria tomar os inimigos descuidados. Embarcaram-se todos passadas algumas horas da noite, Dom Jorge em hum batel grande bem artilhado, e D. Jorge de Castro em hum parão Malavar. Ao outro dia, que era da festa dos Santos Apostolos Simão, e Judas, chegaram rompendo a manhã ao porto de Tidore, cuja Cidade he grande, cercada de huma tran-

queira de duas faces, e fica afastada hum pouco do mar. Como foram no porto, ordenou D. Jorge de Menezes, que D. Jorge de Castro ficasse no parão em que hia com quinze Portuguezes, e alguns Ternates, para com hum camelo que levava bater hum baluarte que alli estava, e elle com a outra gente havia de ir dar na Cidade; e porque o caminho era per entre arvoredos, mandou diante descobrir a terra per Vasco Lourenço, que era mui esforçado cavalleiro, com doze Portuguezes, e nas suas costas Diniz Botelho com outros tantos, e elle abalou com toda a gente para a Cidade, onde alli nos Mouros, como nos Castelhanos houve grande sobresalto, e medo, porque ElRey não tinha idade para pelear; e Cachil Rade seu Governador, que era mui esforçado Capitão, e experimentado na guerra, andava no Moro com a principal gente de Tidore. Fernando de la Torre mandou com presteza assentar alguns berços sobre o muro, e pôstos nelle os Castelhanos com suas espingardas, começaram a defender com ellas, e com a artilheria a tranqueira animosamente. Dom Jorge conhecendo o damno que poderia receber tardando, arremetteo com sua gente a hum portal da tranqueira per onde os de dentro se serviam, e animando os seus, subio elle dos primeiros pela tranqueira, e ajudou

dou a subir a outros. Os Castelhanos, e Tidores vendo que os entravam, se puzeram em defenſa com valor; porém não puderam reſiſtir á furia com que foram accommettidos dos Portuguezes, e Ternates; e aſſi deſamparadas as tranqueiras, ſe retiráram os Caſtelhanos ao ſeu forte, quaſi todos feridos, dous mortos, e quatro prezos, e os Tidores á Cidade, os quaes ſeguirio D. Jorge té os lançar fóra della, matando, e ferindo muitos, e da volta com elles ſe foi ſeu Rey, ſem em toda eſta peleja haver dos Portuguezes mais que tres feridos. Tomada a Cidade, mandou D. Jorge de Menezes vir Dom Jorge de Caſtro, e os Portuguezes, que ficáram com elle, para que todos juntos ſaqueaſſem a Cidade, a qual ſaqueada a mandou queimar. Ficava por combater a Torre dos Caſtelhanos^a; e primeiro que D. Jorge a commetteſſe, eſcreveo huua carta ao Capitão Fernando de la Torre, na qual lhe rogava da ſua parte, e requeria da do Emperador, que conſiderando com prudencia, e ſem paixão o eſtado em que eſtava, e pouca defenſão que tinha, ſe entregaeſſe a elle, e não déſſe occaſião de ſe matarem huns Chriſtãos com outros. A eſta carta reſpondeo de

pa-

^a Fernão Lopes de Caſtanheda *cap. 6. do liv. 8. Digo do Couto liv. 6. cap. 11. Francisco de Andrade cap. 59. da 2. Parte.*

palavra Fernando de la Torre, que não se havia de entregar por mais segurança que lhe dêsse, mas que lhe entregaria a galeota que fora tomada a Fernão Baldaia com toda sua artilheria, e a Ilha de Maquiem, e que não ajudaria mais aos Reys de Tidore, e Gilolo contra Portuguezes, nem lhes faria guerra. D. Jorge lhe replicou, que não fora a Tidore por tão pouco, e pois alli queria, que seu fosse o damno. Partido o mensageiro, D. Jorge foi após elle com sua gente, e diante algumas peças de artilheria, e muitas panellas de pólvora, e escadas. Temendo Fernando de la Torre tanto apparatus, havendo seguro de D. Jorge, lhe sabio a fallar com a gente que tinha; e apartado hum pouco della, e D. Jorge da sua, se falláram, e assentáram, que Fernando de la Torre se fosse para a Cidade de Camafo com os Castelhanos que o quizessem seguir, e alli estariam sem fazer guerra aos Portuguezes, nem aos Reys de Ternate, e Bacham seus amigos, contra os quaes não ajudariam a El-Rey de Geilolo, e restituiriam a Ilha de Maquiem a El-Rey de Ternate, e que não fariam cravo, nem iriam a alguma das Ilhas em que o havia; e para sua embarcação lhes daria D. Jorge o bargantim que fora d'El-Rey de Geilolo, e tres coracóras para o acompanharem té Camafo; e que D. Jorge

lhes

lhes não faria mais guerra, nem aos Reys de Tidore, e Geilolo; e isto se guardaria té ElRey de Portugal, e o Emperador mandarem o contrario. E depois de cada hum destes Capitães dar conta aos seus, do que todos foram contentes, assentáram as referidas Capitulações de pazes, que juráram de cumprir, e guardar, e as assináram com algumas pessoas principaes. Dos Castelhanos, que com Fernando de la Torre estavam, dez-oito que disseram que queriam ficar com D. Jorge, Fernando de la Torre lhos entregou, e com os que lhe ficáram se tornou á sua Torre, e ao outro dia partio para Camaso. Donde per persuasão dos Castelhanos, que andavam em Geilolo, deixando Camaso, quebrando a promessa que fizera, se foi para elles. O que lhe D. Jorge mandou estranhar; ao que elle respondeo, que forçado o fizera, porém que em o mais guardaria as Capitulações, e assi o fez.

D. Jorge, antes de se partir para Ternate, fez paz com ElRey de Tidore, com condição que elle pagaria de pareas a ElRey de Portugal cada anno certos bahares de cravo, e que em Tidore haviam de estar alguns Portuguezes para ensinarem seus costumes aos Tidores, e não havia mais de ajudar aos Castelhanos, nem a Mouros contra Portuguezes.

E-

“ Estando ainda D. Jorge em Tidore, viu ao mar hum junco que vinha de Banda, e de Amboino, em que vinham cincoenta Mouros com mercadorias para levar cravo de Tidore, cuidando que estava em sua profundidade. Sabendo D. Jorge donde era, mandou a D. Jorge de Castro que o fosse tomar; e entendendo os Mouros da destruição de Tidore, e a ida dos Castelhanos, não ousando de pelejar, se entregáram. Deste junco fez D. Jorge de Menezes mercê em nome d’ElRey de Portugal a D. Jorge de Castro, porque havia de ficar em Tidore para cobrar o cravo d’ElRey; e deixando com elle quarenta Portuguezes, e Cachil Daroez com a Armada, se partio para Ternate, levando comsigo duas galeotas dos Castelhanos, e a galeota que elles tomáram ao Baldaia, com sua artilheria com muita polvora, e munições, e satisfeito das offensas passadas, entrou vitorioso em Ternate. Os Castelhanos, que a Ternate foram com D. Jorge de Menezes, se embarcáram com D. Jorge de Castro no Janeiro seguinte para a India.

CA-

a. Fernão Lopes de Castanheda *liv. 8. cap. 7.* Francisco de Andrade *cop. 39. da 2. Parte.*

IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO XIX.

Da morte d'ElRey Bahaat , e prizão de seu irmão , e successor Cachil Daialo ; e da injúria que fez D. Jorge a Cachil Vaidua parente d'ElRey.

Neste tempo que D. Jorge de Menezes destruiu a Cidade de Tidore , e lançou della aos Castelhanos , faleceo na fortaleza ElRey Bahaat^a , não sem suspeita de peçonha , que diziam alguns lhe mandou dar Cachil Daroez , por entender que ElRey lhe tinha odio por elle aconselhar ao Capitão que o tivesse como prezo na fortaleza , onde havia muito tempo que estava , e de quem se tambem temia por tyrannias , e extorsões que fazia no governo. Pela morte d'ElRey , que foi mui sentida de todos , porque era bom Principe , foi levantado por Rey hum seu irmão mais moço , por nome Cachil Daialo , que tambem D. Jorge metteo na fortaleza. A Rainha como lhe não ficava outro filho , receando que na fortaleza lhe morresse este , como o outro , pedio com muita instancia a D. Jorge lho deixasse ter consigo ; mas Dom Jorge não quiz , temendo-se que se os Ternates vissem ElRey livre , se levantassem contra

Tom. IV. P. I.

Q

tra

^a Diogo do Couto chama a este Rey Baiano , e a seu irmão Aiaio.

tra os Portuguezes. O que tambem dizem que lhe aconselhava Cachil Daroez, que por estar ElRey recolhido na fortaleza, tinha elle todo o mando do Reyno absolutamente; e estando fóra della, e em sua liberdade, não havia de ser assi, por a Rainha lhe querer grande mal, que ella dissimulava, por saber que nelle estava a liberdade d'ElRey seu filho. E por esta causa Cachil Daroez tinha grande odio a toda pessoa, que fallava sobre a liberdade d'ElRey, e muito maior a Cachil Vaiaco, de quem D. Jorge era muito amigo, polo que temia Daroez que Dom Jorge fizesse Governador a Vaiaco, e a elle tirasse do cargo, por lhe não ter tambem boa vontade delde o tempo que D. Jorge tivera as differenças com D. Garcia Henriques.

Sendo por esta causa grandes inimigos Cachil Daroez, e Cachil Vaiaco^a, aconteceu que vindo humá Armada d'ElRey de Geilolo dar vista á fortaleza, mandou Dom Jorge contra ella Cachil Vaiaco com alguns Portuguezes, o qual se embarcou em humá coracóra, em que Daroez soia andar, de que elle não foi sabedor. E tornando Vaiaco mui contente, por fazer recolher os Geilolos, e tomar-lhes humá coracóra, D. Jorge o festejou muito, e Cachil Daroez houve gran-

^a Fernão Lopes de Castanheda *liv. 8. cap. 18.* Francisco de Andrade *cap. 60. da 2. Parte.*

grande inveja do bom successo de seu inimigo; e quando soube que fora na sua coracóra, tomou grande indignação, que descubrio o odio que lhe tinha, e começou dahi em diante de o vexar em tudo o que podia. Temendo-se Vaiaco delle, e não se atrevendo escapar com a vida estando entre os Mouros, se acolheo á fortaleza. Cachil Daroez determinando de o haver ás mãos, o pediu a D. Jorge, dizendo, que tinha feitos muitos deserviços a ElRey Cachil Daialo, e que convinha castigallo, pelo que lho devia de entregar, porque ElRey de Portugal não havia de haver por bem, que seus Capitães amparassem, e acolhessem os que deserviam a ElRey de Ternate. D. Jorge como era amigo de Vaiaco, e desejava sua salvação, poz em conselho se o entregaria a Cachil Daroez; mas Vaiaco receando que a determinação fosse, que o entregassem, e que entregando-o, Daroez o havia de matar deshonradamente, e que o não pedia se não a esse fim, querendo antes matar-se a si, que morrer por mandado de seu inimigo, subitamente se lançou de humra torre abaixo, do que logo morreo. Com este successo ficou Cachil Daroez vingado, e D. Jorge mui triste, e ambos em grande odio.

Os Mouros como víram Cachil Daroez descubertamente aggravado, além do odio

Q ii

que

que naturalmente tinham aos Portuguezes, tinham-lho por respeito de Daroez, e em tudo o que lhes podiam anojár o faziam diffratuladamente por o medo que tinham a D. Jorge té verem a sua; e por lhe darem desgosto, lhe matáram huma porca da China que trazia em casa, e estimava muito. E posto que se fez encubertamente, fazendo Dom Jorge diligencia, achou quem culpasse na morte da porca a Cachil Vaidua tio d'El-Rey, e Caciz mór, homem entre elles per o sangue, e per a dignidade de grande authoridade, sem respeito da qual D. Jorge o mandou prender. Desta prizão houve tanto alvoroço na Cidade, que se não fora o muito medo que a D. Jorge tinham, se levantáram. Cachil Daroez com os principaes da Cidade se foi á fortaleza, e pediu a D. Jorge mandasse soltar Cachil Vaidua, estranhando-lhe prender huma pessoa de tanta qualidade por huma cousa tão vil, como era huma porca. D. Jorge, que era homem de poucos cumprimentos, não curando de desculpas, lhes disse, que o não havia de soltar senão pagando-lhe a estimação da sua porca anoveada. Trazendo-lhe penhores té se avaliar a porca, mandou D. Jorge a Pero Fernandes seu criado que os tomasse, e soltasse ao Vaidua; e como homem baixo, que parece ser no nome, e na obra, ao tempo que soltou Vai-

Vaidua, lhe untou o rosto com huma posta de toucinho, que entre Mouros he gravissima injúria. O Vaidua, a quem aquella offensa, e desprezo foi mais que a morte, com muitas lagrimas que lhe corriam pelo rosto, que ainda levava untado, se foi a Cachil Daroez, que com muitos mandarijs ficára á porta, aos quaes contou daquella affronta, e com mágoa d'elle choráram todos, e muito mais de o não poderem logo vingar; e entendêram que per mandado de D. Jorge se faria aquella offensa, porque nem castigou o criado, nem se desculpou. E o desprezo da prisão feita a hum homem de sangue Real, a quem D. Jorge por mais grave delicto houvera de tratar conforme a sua pessoa, lhes dava maior indicio de elle o mandar. A indignação dos que víram aquella injúria foi maior quando os Portuguezes, que alli estavam, em lugar de a estorvarem, ou consolarem a Vaidua, e a Cachil Daroez, se riram muito, como de cousa de grande graça. Cachil Vaidua se foi de Ternate por todas aquellas Ilhas, manifestando aos Mouros a injúria que lhe fora feita a elle, e a toda a nação, e á sua lei, pedindo-lhes que a vingassem, para que se começáram logo de aperceber. Dos excessos deste Capitão succedeo a tragedia que se verá depois, e que sempre soe acontecer quando os Príncipes,

ou

ou Ministros seus tratam sem clemencia, e humanidade aos vencidos, fazendo-se senhores dos corpos, e não das vontades. Porque nenhum presidio, nem prizão ha, que mais faça ter os subditos em obediencia, e alegre servidão, que o suave tratamento; e pelo contrario, per nenhum caminho se perdem, e se arriscam mais os Estados, e vem á diminuição, que per aspereza, e insolencia dos senhores para os vassallos; mormente quando são de outra nação, ou novamente ganhados. Cachil Vaidua, como dissemos, se foi morar fóra de Ternate, e não tornou á Ilha, té que veio Antonio Galvão por Capitão, que dos Mouros, e dos Portuguezes foi igualmente amado por sua mansidão, e Chriitandade.

C A P I T U L O XX.

Como D. Jorge mandou lançar a dous lebrés o Regedor de Tabona, dos quaes foi cruelmente morto, e mandou degolar a Cachil Daroez.

A Muita inquietação de D. Jorge^a, que não procurava paz, e socego para si, nem para os seus, por as offensas que a todos

^a Fernão Lopes de Castanheda *liv. 8. cap. 20.* Diogo do Couto *liv. 7. cap. 7.* Francisco de Andrade *cap. 60. da 2. Parte.*

dos os vizinhos fazia, era causa de estarem os Portuguezes muito pobres, como homens que não tinham commercio, nem lhes pagavam soldo, pelo que com necessidade tomavam aos Mouros os mantimentos que haviam mister per força, sem lhes pagarem. E queixando-se disto os Mouros, D. Jorge não lhes dava mais remedio que dizer-lhes, que lhes dessem elles per vontade, e que os Portuguezes lhes não tomariam per força. E indo com seus queixumes a Cachil Daroez, como a Governador que era do Reyno, não soube mais que fazer para evitar brigas, que mandar-lhes que não vendessem mantimentos, nem os tivessem em casa, para os Portuguezes os não tomarem. Polo que ficando elles em grande aperto, querendo prover a isto D. Jorge, mandou Gomes Aires Alcaide mór, que com alguns Portuguezes, que lhe deo, fosse pela Ilha buscar mantimentos, os quaes no primeiro lugar a que chegáram, que se chama Tabona, incitados da fome, e da soberba, parecendo-lhes que a terra era sua, se mettiã pelas casas dos Mouros sem respeito algum, e lhes tomavam os mantimentos que lhes achavam. Os Mouros resistindo a esta força, como os Portuguezes eram poucos, os tratáram mal. Gomes Aires, que ficava detrás com outros poucos, cuidando o Regedor da Villa que era gente, que vi-
nha

nha de soccorro, acudio ajudar os seus, e tomando os Portuguezes entre si, os espancaram, e feriram, e a alguns tomaram as armas que levavam, e assi os fizeram tornar á fortaleza. Indignado D. Jorge por aquella affronta, mandou logo dizer a Cachil Darocz, que mandasse ir á fortaleza ao Regedor de Tabona; e os principaes que foram naquella offensa, porque de outra maneira não o teria por amigo d'ElRey de Portugal, nem seu. Darocz como tinha D. Jorge a ElRey na fortaleza, fez o que lhe mandou requerer, e com o Regedor de Tabona vieram dous homens principaes, a que logo D. Jorge mandou cortar as mãos, e com ellas cortadas os mandou levar a Tabona. Ao Regedor mandou atar as mãos, e deitallo a dous cães de filhar mui ferros, junto com a praia que estava cuberta de gente, que sahio a ver tão nova justiça. Foi piedoso espectaculo ver arremetter os cães a elle, e começar a esfarrapar-lhe a carne ás dentadas, mordendo-o cruelmente, e os gritos que elle dava com as dores. O Regedor que era animoso se foi chegando para o mar, cuidando que nelle o largariam os cães; mas encarniçados nelle o seguiram, e vendo-se elle em tamanho tormento, andando já nadando com os pés, que com as mãos não podia por as ter atadas, fez volta aos

cães

cães que o seguiam, e com muito esforço, e acordo se começou a defender com os dentes, mordendo aos cães, assi como elles o mordiam, de que todos estavam attonitos, e andando com as carnes espedaçadas, afferrou hum dos cães per huma orelha, e afferrado se metteo com elle debaixo d'agua, onde se affogou, deixando a todos com grande espanto, e maior mágoa, chorando de verem morrer tão cruelmente hum homem tão esforçado.

Dalli por diante teve Cachil Daroez mortal odio a D. Jorge, e aos Portuguezes, e desejava de os matar a todos, e livrar a terra de seu jugo. E sendo informado D. Jorge, que Cachil Daroez tinha assentado paz com Catabruno Governador de Geilolo, para Daroez matar os Portuguezes, e Catabruno os Castelhanos, e que nesta conjura entrava tambem Cachil Samarao, que era Almirante do mar, e Cachil Boio, que era Justiça mór de Ternate, mandou chamar a todos tres, e fazendo-lhes perguntas, confessáram que determinavam de livrar sua patria das oppressões que lhe elle D. Jorge, e os Portuguezes faziam com os lançar de suas terras, ou matar a todos. Cachil Daroez, como principal naquelle negocio, foi prezo na fortaleza, o que fez grande alvoroço nos principaes da Cidade, quando soube-

beram a causa. D. Jorge aconselhando-se com os officiaes da fortaleza o que faria de Cachil Daroez, acordáram que devia ser degollado publicamente, porque tendo-o prezo, poderia levantar-se a terra contra a fortaleza, com esperança de o livrar; e vendo que era morto, se aquietariam. Approvado este conselho, foi Cachil Daroez degollado em hum cadafalso da maneira que em Hespanha se degollam os grandes senhores, como author daquella conjuração. A morte de hum homem tão assinalado, Governador daquelle Reyno, e filho de hum Rey d'elle, e de quem os Portuguezes, assi d'elle, como de seu pai, tinham recebidos tantos beneficios, e a pena da morte, que em Maluco se não dá a homens Fidalgos por os delictos que commettem, senão dellerro; e a lembrança, que tomando elles aos Portuguezes por hospedes, e amigos, se lhe tornáram senhores, e contrarios, e que chamavam traição quererem proclamar a sua liberdade; fez tanto espanto, e indignação em todos, que a Rainha, e os principaes se foram da Cidade para hum lugar que chamam T'urucó, que está huma legua de Ternate. Por causa desta morte principalmente, veio Dom Jorge prezo á India, e da India a Portugal, e de Portugal degredado para o Brasil, onde acabou a vida, como adiante diremos,

quando tratarmos de Gonçalo Pereira, que
lhe succedeo na capitania. E deixando ago-
ra as cousas de Maluco, tornaremos a tra-
tar as da India, e de Nuno da Cunha que
a vinha governar.





DECADA QUARTA.

LIVRO III.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Como ElRey D. João mandou por Governador da India a Nuno da Cunha : e do que passou té chegar á Ilha de S. Lourenço.

NO anno de mil e quinhentos e vinte sete, pelas náos que então vieram da India, soube ElRey D. João em quanta necessidade ella ficava de gente, e de outras cousas necessárias para a conservação, e governo daquelle Estado, e das differenças que entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pedro Mascarenhas se receavam haver por o modo que se teve no abrir das successões; pelo que lhe pareceo que convinha acudir a isso com mandar outro Governador. E por que em Nuno da Cunha Veedor de sua Fazenda-

a Deitas náos vieram por Capitães Trizão Vaz da Veiga, e Francisco de Anhaia.

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

zenda concorriam muitas qualidades, assi de sua pessoa, como de muita experiencia do governo da India, por o tempo que nella andou com seu pai Tristão da Cunha, e por causa do officio que tinha, determinou de o mandar no anno de 1528 por Governador daquellas partes. E por ElRey áquelle tempo estar na Cidade de Coimbra, e a Armada havia de ser grande, em que esperava mandar muitos Fidalgos, e criados seus, para despachar seus requerimentos se passou a Almeirim, que está quatorze leguas de Lisboa pelo Tejo acima defronte da notavel Villa de Santarem. Nesta Armada ^a mandou mais de dous mil e quinhentos homens de armas para ficar na India, a fóra a gente sobrefalente do mar, e a que havia de marear as náos, que eram onze, cujos Capitães eram, elle Nuno da Cunha, Simão da Cunha, e Pero Vaz da Cunha, seus irmãos, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá de Menezes Alcaide mór do Porto, e Senhor das terras de Sever, D. Fernando ^b Deça filho de D. Pedro Deça o velho, D. Fernando de Lima filho de Duarte da Cunha, Bernardim da Silveira filho de Coudel mór Francisco da Silveira Senhor das Cerzedas, Fran-

^a Frota da India do anno de 1528.

^b A este chama Diogo do Couto D. Francisco.

Francisco de Mendouça Guedes filho de Pedro Guedes Senhor de Murça, e Affonso Vaz Azambujo Piloto da Mina, Capitão, e Piloto de hum navio pequeno para serviço de toda a Armada, alli para recados, como para as entradas dos portos, João de Freitas Capitão de huma não Biscainha, e Gaspar Moreira, e Luiz de Araujo ^a Capitães de duas caravellas carregadas com mantimentos para proverem as não té a costa de Guiné, e para tornarem com as novas da sua viagem té passarem a Linha Equinoccial, termo de que se poderia julgar que a Armada hia bem navegada por partir de Lisboa tarde a 18 de Abril.

Seguindo esta frota sua derrota a 6 de Maio, antes de chegar ás Ilhas do Cabo Verde, querendo a não de João de Freitas salvar a de Simão da Cunha, embaraçou-se de maneira que deo huma por outra, com que a de João de Freitas começou de se ir ao fundo, por ser Biscainha, e velha, e não tão forte como a não Castello de Simão da Cunha; e approuve a Deos que em hum dos navios dos mantimentos se salvou João de Freitas, que hia por Feitor de Malaca, e onze homens com elle; e D. Fernando de Lima no esquife da sua não recolheu poucos, e poucos té cento e cincoenta homens,

a Francisco de Andrade *chegou a este Luiz Doria.*

mens, com o qual soccorro quasi toda a gente se salvou^a. Por causa deste desfale, com que se perdêram muitos mantimentos, para animar a gente com nova provisào delles, mandou Nuno da Cunha governar á Ilha de Sant-Iago, onde furgio a 9 de Maio, e nella se deteve tres dias, refazendo-se de muitas cousas que se perdêram. Dalli despedio huma das caravellas, e outra depois, que passou a Linha a 2 de Junho. E porque as náos não eram todas companheiras na véla, e algumas com os ventos geraes, que começavam a refrescar, não podiam manter companhia das outras, como té li fizeram, por os tempos serem bonanças; apartou-se Nuno da Cunha com seu irmão Simão da Cunha, e com o navio de Affonso Vaz Azambujo, e as outras vélas deo regimento do que haviam de fazer; e dando pela manhã toda a véla ao vento, quando veio a tarde tinha já perdido de vista as outras náos. Com bom tempo chegou em poucos dias ás Ilhas, que se chamam do nome de seu pai Triftão da Cunha, por as elle descobrir quando foi á India, (como já dissemos^b), na qual pa-

^a Entre os que perecêram, que foram cento e cincoenta pessoas, diz Diogo do Couto, que foi hum homem casado, que lia nando com sua mulher, e tres filhas donzelas, que vendo a náo aberta, abraçando-se todos cinco, com lastimoso pranto se foram ao fundo.

^b No cap. 1. do liv. 1. da 2. Decada.

paragem lhe deo hum temporal com que se apartou d'elle Simão da Cunha, e ficou-lhe a companhia de Affonso Vaz. Correndo com este tempo, veio a dar com elle Antonio de Saldanha, e depois Pero Vaz da Cunha, e perdendo hoje hum, e á manhã outro, segundo cursava o vento, passou o Cabo de Boa Esperança, havendo vista d'elle o derradeiro de Julho, onde andou em calmarias, té que veio tempo que o levou ao rosto da Ilha S. Lourenço, e chegou a ella a 23 de Agosto; mas o vento lhe não servio para poder tomar o Cabo de Santa Maria, onde quizera fazer aguada por ir tão falto d'agua, que em tres náos que hiam juntas, a sua, a de seu irmão Pero Vaz da Cunha, e a de D. Fernando de Lima, não havia mais que sessenta pipas della, sendo as pessoas mil cento e quarenta e quatro. Com esta necessidade aos 23 dias de Agosto tomou na mesma Ilha da banda de Oeste o porto de Sant-Iago, que está em altura de vinte e hum grãos da parte do Sul; e antes de entrar neste porto quasi tres leguas, foi dar em hums baixos em que se houvera de perder, e onde se tinham perdido Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, como depois soube. Passado este perigo, entrou no porto de Sant-Iago, que he huma Bahia, a qual logo na entrada he tão espaçosa, que podem entrar per el-

la muitas náos á véla ; porém depois que entram para dentro da terra , vai-se fazendo huma maneira de feio , e no fim delle huma concha cheia de muitos alfaques , assi alcantilados , que está a popa da náo em oitenta braças , e a proa em doze. Toda esta concha he cercada de huma terra alta , e soberba , e sómente em huma parte faz hum escampado , per meio do qual corre hum rio de agua doce , o qual se faz de dous , que vem de dentro da terra de partes diversas , e este ajuntamento he mui perto donde se elle mette no mar , e traz tanta agua , que podem bateis grandes ir per elle acima hum bom espaço.

Surto Nuno da Cunha , porque aquella terra era mui povoada de Negros de cabello retorcido como os de Moçambique , começaram logo descer á ribeira muitos delles , trazendo carneiros , gallinhas , grãos , lentilhas , e outros mantimentos , que davam aos nossos a troco de pedaços de ferro , e de outras cousas de pouco preço. Com este commercio , e bom tratamento que lhes os nossos fizeram , ficáram tão contentes , que dahi a dous dias trouxeram hum Portuguez , o qual vinha tão deforme , com a grenha que trazia de cabellos , e cortimento dos couros despídos , que era mui mais feio á vista que os proprios Negros. O prazer de-

te homem foi tamanho, quando se vio dentro na náó, que estava diante de Nuno da Cunha como pasmado, sem lhe poder dar razão do que lhe perguntava. Depois que entrou mais em si, contou como alli se perdéram Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, dando de noite em secco, e estiveram té o outro dia pela manhã, que se salváram em jangadas com alguma pouca fazenda, e que a gente de Manuel de la Cerda, segundo soubera dos Negros, se metêra pela terra dentro; mas que lhe não sabiam dar razão onde paráram, porque os Negros não costumavam sahir das comarcas donde eram naturaes; e que a gente de Aleixo de Abreu, segundo elles diziam, andava pela Ilha; e a causa de elle ficar alli, fora, porque quando Aleixo de Abreu (com quem elle vinha) determinou de ir per terra; com a gente que se salvára, buscar algum porto, donde com jangadas, ou com algum outro modo se passasse a Moçambique, elle estava tão doente, e manco, que não podia dar hum passo; e que em quanto teve alguma cousa sobre si, os Negros entre quem ficou lhe foram contrarios, e não se fiavam delle; mas que depois que o víram despido, e de todo nú com elles, e não tinham que cubiçar, ficáram seus amigos, e o tratáram mui bem, por ser gente pa-

pacífica, e que vive a modo de communidades, sem terem senhor a quem obedegam. Estas, e outras cousas dos costumes daquelles Cafres contava este homem, o qual segundo dizia era criado de D. Antonio de Noronha, Conde de Linhares; e escapando de tantos trabalhos, veio a morrer dali a poucos dias em Mombaça de sua enfermidade^a, onde morreo muita gente outra, como adiante se verá.

CAPITULO II.

Da perdição das duas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu: e do que aconteceu aos que dellas se salváram.

AS duas náos^b de que se salvou este Portuguez, que leváram a Nuno da Cunha, eram da companhia de cinco, que partiram de Portugal no anno de 1527, da qual Armada hia por Capitão mór Manuel de la Cerda, e das outras quatro náos foram os Capitães Aleixo de Abreu, Christovão de Mendoga, Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva. Estas tres ultimas chegaram a salvamento á India em Setembro, (como se atrás escreveo^c,) e as duas de Manuel de la Cerda,

R ii

^a Escreve Diogo do Couto, que este homem viveo depois muitos annos casado em Goa, e foi nella Meirinho.

^b Diogo do Couto cap. 3. do liv. 3. e cap. 2. do liv. 1. da 4. Decada. ^c No cap. 4. do liv. 2.

da, e de Alcixo de Abreu se perdêram na costa Occidental da Ilha de S. Lourenço, nos baixos da Bahia de Sant-Iago, (na qual estava Nuno da Cunha,) onde sahio em terra toda a gente destas duas náos; e feitas humas tranqueiras, dentro della se recolheram com as armas que escapáram do naufragio, e outras cousas, que commutando per mantimentos, (de que aquella parte da Ilha não he mui abundante,) com os naturaes da terra, se foram sustentando miseravelmente, esperando que passasse alguma náos, que com sinaes que lhe fizessem os viesse tomar. Estiveram naquella Bahia hum anno, no fim do qual chegou áquella paragem Antonio de Saldanha na sua náos, que era da companhia da Armada do Governador Nuno da Cunha, a qual vista por esta gente perdida, como foi noite, fizeram grandes fogos em cruces, para per elles mostrarem aos da náos que estavam alli Portuguezes perdidos. Vistos os fogos, mandou Antonio de Saldanha tomar os traquetes, e puzeram-se á trinca, e como amanheceo foram na volta da terra, a que não ousavam chegar, por não ser sabida, esperando que della viesse em alguma almada quem lhes dissesse que gente era aquella; e assi affastando-se de noite da terra, e voltando a ella de dia, andou alli Antonio de Saldanha oito

to dias, e no cabo delles, dando-lhe hum temporal rijo, desappareceo, continuando sua viagem. Os Portuguezes perdidos, vendo-se sem o remedio que esperavam da náo, se determináram de passar á outra banda da Ilha, onde poderiam achar alguma embarcação da terra, em que passassem a Cofala, ou a Moçambique, e divididos em duas esquadras, se mettêram pelo sertão, onde desapparecêram, ficando alli doente aquelle homem que achou Nuno da Cunha, de quem soube o successo da perdição daquellas náos.

Per cartas de Nuno da Cunha teve El-Rey D. João noticia da perdição destas duas náos, e mandou buscar a gente dellas no anno de 1530 com dous navios, de que eram Capitães dous irmãos, Duarte da Fonseca, e Diogo da Fonseca. Chegáram ambos á Ilha de S. Lourenço, Duarte da Fonseca entrou em huma grande Bahía, onde se afogou com dez homens que levava no batel do seu navio; e Diogo da Fonseca correndo a costa, surgio em hum porto, onde vio grandes fumos; e mandando o batel a terra a saber a causa delles, acháram quatro Portuguezes que os faziam, tres da náo de Manuel de la Cerda, hum de Aleixo de Abreu, e hum Francez de huma náo Franzeza, que alli fora parar, de tres, que os an-

annos atrás passáram á India. Estes homens recolhidos no navio, disseram que havia muitos vivos da sua companhia, mas que andavam tão espalhados pela terra dentro daquella Ilha, que sería impossivel achallos; pelo que Diogo da Fonseca se foi com elles a Moçambique, levando o navio de seu irmão; e deixando alli hum delles por fazer muita agua, partio para a India em Abril de 1531. E na paragem de Cocotorá se devia de perder com algum temporal, o que se depois soube por alguma fazenda, e arcas que foram dar á costa daquella Ilha; e pelos papeis que nellas se acháram, se entendeu que eram deste navio de Diogo da Fonseca, e o successo de sua viagem.

Da gente destas mesmas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu devem de proceder os Portuguezes, que huns Hollandezes acháram nesta Ilha de S. Lourenço, onde se perdêram na ponta de Santa Lucia, vindo da Jaúa em hum náo carregada de drogas; os quaes andando cortando madeira para fazer alguma embarcação em que voltassem a Bantam, foram vistos da gente da terra, a qual parecendo-lhe que eram Portuguezes, se vieram a elles com
mui-

a Fr. Antonio de Gouvea, ora Bispo de Sirene, no ultimo capitulo do 3. liv. da relação das guerras de Persia, e transfugação dos Armenios.

muito alvoroço, e abraçando-os, e fallando Portuguez, lhe disseram que tambem elles eram netos de Portuguezes, (posto que o não pareciam nas cores, e trajos,) e com muita instancia perguntavam se traziam consigo Padres. E desenganados que não eram Portuguezes, senão Hollandezes, de que elles não tinham noticia, lhes contáram como em tempos passados huma não tão grande como aquella sua alli se perdêra, salvando-se a gente, e o Capitão della conquistára parte daquella Ilha, de que se fizera senhor, e que os mais se casáram com as mulheres da terra, de que tiveram grande geração, da qual elles descendiam; e que assi como seus pais, e avós desejáram sempre ter Padres que os doutrinassem, assi elles viviam nos mesmos desejos. Feita a embarcação, voltáram estes Hollandezes para Bantam, onde relatáram este successo aos companheiros, e a Fr. Athanasio de Jesus Frade Agostinho Portuguez, que estava cativo entre elles, accrescentando como notáram naquella gente erros intoleraveis na Fé por falta de doutrina, nos quaes se pareciam mais áquelles barbaros com que se creáram, que aos Portuguezes de que procediam. Fr. Athanasio avisou de todas estas cousas a D. Frei Aleixo de Menezes Arcebispo que então era de Goa, e governava a India, e agora he

Ar-

Arcebispo de Braga, e Viso-Rey de Portugal, o qual com a vigilancia, e cuidado que costuma ter em semelhantes casos, e grande zelo na conversão das almas, (como o mostrou na redução dos antigos Christãos de S. Thomé á Fé Catholica, e obediencia da Santa Igreja Romana, da qual havia mais de mil annos que estavam apartados, em que este Illustrissimo Arcebispo com perigos continuos, e incansaveis trabalhos imitou os Prelados da primitiva Igreja,) encomendou aos Padres da Companhia de Jesus, que foram com D. Estevão de Taíde á conquista de Monomotapa, de Moçambique, ou de outro algum porto vizinho, trabalhasssem por alcançar mais clara noticia desta gente para a poder soccorrer como a sua necessidade pede.

C A P I T U L O III.

Como a não de Nuno da Cunha se perdeu com hum vento travessão, salvando-se elle, e sua gente: e do que lhe aconteceu té chegar á Ilha de Zanzibar.

Nuno da Cunha por se melhor informar do sitio, e qualidades da terra, em quanto a gente do mar fazia sua aguada, deo licença a D. Pedro Lobo, a Luiz Falcão, e a Manuel Lobato, e a algumas ou-

outras pessoas nobres, que com alguns soldados a bom recado fossem té a povoação dos Negros, mas que não entrassem nella, sómente vissem o que lhes parecia do sitio, e disposição da terra, e levassem mostras de cravo, canella, e de toda outra especiaria, e prata para saber se entre os Negros havia alguma daquellas cousas, e se era delles estimada. Idos estes Fidalgos, porque o tempo que lhes Nuno da Cunha limitou era mui estreito para o que haviam de fazer, tornaram logo á tarde mui contentes da disposição, e fertilidade da terra, e assi de seus moradores, por ser gente pacifica, sem cautelas, e sem aquella malicia propria dos Negros de Guiné, e trouxeram dos mantimentos, que entre elles havia, a troco de algumas cousas que levaram; e quanto ás mostras de ouro, e prata, e especiaria, não davam razão, como gente que não sabia mais da terra que té onde chegava o termo da sua aldea.

Havendo tres dias que Nuno da Cunha alli estava provendo-se do necessario, e esperando tempo para sahirem daquella angra, sobreveio vento do mar, que ficava em travessão na costa; e como o porto era cheio de alfaques, assi descompassados em partes (como dissemos) começou a náó de Nuno da Cunha saluçar de maneira, que trincou logo duas

duas amarras; e vindo logo outras duas, ou tres novas, appena foram lançadas ao mar, quando se fizeram em pedaços; e a causa de durarem tão pouco, não foi tanto por razão dos saluços da náó, como por estarem recozidas da quentura, e humidade dos paiões onde vinham, com a qual falta a náó foi levada a terra do impeto do mar, e a poz em tres braças, onde com tres, ou quatro pancadas abriu de todo, assentando-se no fundo da arêa, quando já o vento não era tão rijo. E posto que a náó foi logo cheia de agua, ficou tão perto da terra, que nadando sabíam muitos homens, e chamáram todos os batéis que eram na águada, que lhes viessem soccorrer, sem as outras náós, que estavam mais ao mar, o poderem fazer. Porque na primeira esturpada de vento tambem ellas tiveram assás trabalho, principalmente a náó Santa Catharina de Pero Vaz da Cunha, que caçou hum grande pedaço, e Deos milagrosamente a salvou para recolhimento de tanta gente, como hia com Nuno da Cunha, a qual como vio a náó cheia d'agua, sem esperar que viessem os batéis que dissemos, começou de se lançar ao mar, havendo isto por menos perigo, que estar nella. Ao que Nuno da Cunha acudio não o consentindo, e consolando a todos, promettendo-lhes que salvaria primeiro as pessoas delles, que a sua

pro-

propria, como viessem os batéis, e affi o fez; porque vindo elles sem pressa, nem desordem, mandou passar toda a gente a terra, e algum fato que sobre a cuberta se pode salvar, deixando-se estar na náó té o outro dia ás dez horas, que toda a gente desembarcou, a qual repartio pelas duas náós que com elle eram naquelle trabalho. Á de seu irmão Pero Vaz, onde se elle recolheo, se ajuntáram setecentas pessoas, e á de D. Fernando de Lima quinhentas. Terça feira á noite, que foram 3 de Setembro, mandou Nuno da Cunha pôr fogo á náó, a qual ardeo té a agua defender o que estava de baixo della, onde se perdeu muita fazenda d'El-Rey, e de partes, e com a artilheria hum basilisco de metal, que Nuno da Cunha muito sentio, e as armas de que os homens tinham necessidade, por ser cousa que tão cedo se não podia reformar.

Ao dia seguinte partio dalli com determinação de ir a Melinde a se prover de algumas cousas, e ver se por aquella costa aportára alguma das náós da sua Armada, ou se achava navio do trato de Sofala para baldear da gente que levava. Mas ainda a fortuna o quiz neste tão curto caminho tentar, porque João de Lisboa Piloto mór o foi metter entre muitas Ilhas, que eram as que communmente chamam do Commo-
ro,

ro^a, dizendo elle serem novamente achadas. As quaes passadas com assás perigo, por razão das grandes correntes, foi metter a náó em lius baixos pegados na Ilha de Zanzibar, onde correo muito maior risco, não indo já com Nuno da Cunha a náó de D. Fernando de Lima, por se apartar da sua esteira nas correntes das Ilhas do Commoro. Nuno da Cunha vendo a náó mettida em hum sacco, donde não podia sahir, e que o Piloto não conhecia a terra, nem havia pessoa na náó, que soubesse dizer onde estava, mandou a seu irmão Pero Vaz, que no batel com alguma gente armada sahisse em terra, e com todo o resguardo visse se podia achar algum povoado de que pudesse saber onde estavam. Partido Pero Vaz da Cunha, como aquella terra era a Ilha de Zanzibar^b, a espaço de

a A principal, e maior Ilha destas, que se chama do Commoro, jaz entre a Ilha de S. Lourenço, e a terra firme da Ethiopia; tem o meio della onze grdos, e tres quartos de altura Austral, e dezeseis leguas de comprimento, e oito na maior largura. He povoada de Cafres Gentios, e Mouros Baços, que sũo os principaes senhores della; e os do Estreito de Méca, e da costa de Melinde commerciam nesta Ilha, na qual ha muita criação de vaccas, carneiros, e cabras. He terra montuosa, e de serras altas, entre as quaes humo o he tanto, que passa a altura das navens, das quaes a maior parte do anno se vè cuberto o seu cume, e delle baxam muitos arroyos de agua, que regando os valles desta Ilha, a fazem fresca, e fertil.

b A Ilha de Zanzibar he adiacente á Ethiopia, tem de altura Austral seis grdos, e fica no meio das Ilhas de Peba, e Monfia, e todas tres mai arriçadas aquella co-

cinco leguas foi dar com a povoação, donde por ser de hum Rey amigo dos Portuguezes trouxe dous Zambucos, e Pilotos da terra, que leváram a náó á Cidade^a. El Rey recebeu a Nuno da Cunha com grande prazer, mandando-o logo prover de muitos mantimentos, com que deo a vida a todos por trazer já muita gente doente. E vendo Nuno da Cunha que estava em parte tão segura, e abastada, ordenou, por lhe não morrer aquella gente enferma, deixar alli té duzen-

ta, entre Mombaga, e Quilca. Sam todas tres povoadas de Mouros Baços, e Cafes Gentes. Resgatam-se nellas amber, tartaruga, marfim, cêra, milho, e arroz, de que sam muy abundantes. Fazem-se nellas muito cairo, e bons panuos de seda, e algodão. Cada Ilha destas tem Rey, e todos sam vassallos d'El Rey de Portugal. Fr. João dos Santos no seu livro da Ethiofia Oriental. A Ilha de Zanzibar descobrio Ray Lourenço Ravasco Capitão de huma náó de viagem no anno de 1503, e fez tributario ao Rey della em cem miticaes de ouro, e trinta carneiros cada anno, como escreve João de Barros na primeira Decada liv. 7. cap. 4. a Francisco de Andrade no cap. 47. da 2. Parte, e Diogo do Couto no cap. 1. do liv. 6. da 4. Decada, e Castanheda no cap. 86. do liv. 7. escrevem, que mandou Nuno da Cunha descobrir a terra em hum batel a Manuel Muchado seu Capitão da guarda; e por es Negros lhe defenderem a desembarcação, mandou a Pero Vaz da Cunha seu irmão com cincoenta soldados, que vistes dos Negros, despejada a povoação, fugiram para o mato; e para temerem algum, ficaram em terra escondidos dous Fidalgos irmãos, Diogo de Mello, e Tristão, ou João de Mello, filhos do Abbaite de Pembeiro, es quaes tomaram hum Mouro, que por boa sorte era Piloto daquelles canaes. e delles tirou a náó, e a levou ao porto da Cidade de Zanzibar.

zentos homens, e por Capitão delles Aleixo de Souza Chichorro, e por Feitor Manuel Machado criado d'ElRey, que sabia bem o trato, e o modo da terra, e alguma cousa da lingua della, porque havendo estado em Moçambique quatro, ou cinco annos, viera alli negociar algumas vezes. Deixou tambem Nuno da Cunha dinheiro, e fazenda a este Feitor, e ordem a Aleixo de Souza, que como a gente estivesse em disposição, se fosse com ella a Melinde em Zambucos da terra, porque alli acharia recado seu do mais que havia de fazer.

Partido Nuno da Cunha de Zanzibar, a 8 de Outubro chegou a Melinde, onde achou D. Fernando de Lima com cento e setenta pessoas doentes, e alli a Diogo Botelho Pereira filho de João Gago com hum navio, e humna caravelia, ao qual o anno passado ElRey mandára de Lisboa a correr aquella costa desde o Cabo de Boa Esperança té o das Correntes, e assi a Ilha de S. Lourenço em busca de D. Luiz de Menezes^a, e de

^a D. Luiz de Menezes vindo da Índia embarcado na não Santa Catharina de Monte Siuni em companhia do Governador D. Duarte de Menezes seu irmão, apartou-se d'elle na Aguada do Saldanha; e porque nella deo ao Governador humna tormenta com que esteve perdido, e D. Luiz não appareceu mais, teve-se presumpção, que com a mesma tormenta se perderia naquella paragem. Porém elle pairou, e chegou á costa de Portugal, onde foi tomado per hum cossairo Francez, que deo a morte a todos os Portuguezes.

e de João de Mello da Silva, os quaes se perdêram vindo da India, e havia presumpção que podiam andar naquellas paragens entre os Negros; e por os ventos lhe serem contrarios, tinha Diogo Botelho arribado alli da Ilha de S. Lourenço, e estava esperando tempo.

CAPITULO IV.

Do que Nuno da Cunha fez em Melinde.

DEpois que Nuno da Cunha foi visitado d'ElRey de Melinde, e provido do necessario, houve conselho com os Pilotos, e gente do mar se passaria á India; e posto que a muitos pareceo que não podia, por ser já passada a monção, todavia determinou de pôr o peito ao mar, e tentar o tempo; e porque não tinha consigo mais que D. Fernando, quiz levar Diogo Botelho Pereira, por a necessidade que podia ter de seus navios em qualquer porto a que chegasse, pois lia fóra de tempo, fazendo fundamento de tanto que fosse na India, o tornar a enviar
ao

e queimou a mão, porque se não viesse a saber. Depois no anno de 1536, andando Diogo da Silveira por Capitão mór da Armada da costa, tomou hum navio de outro cofeiro Francez, de cuja companhia descobriam alguns a Diogo da Silveira, que aquelle seu Capitão era irmão do cofeiro, que tomára a mão de D. Lutz de Menezes. Francisco de Andrade no cap. 67. da 1. Parte.

ao negocio a que hia, pois naquelle tempo em nenhuma cousa podia mais servir a El-Rey, que em ir com elle. E antes que Nuno da Cunha partisse daquelle porto de Melinde, que foi a 14 de Outubro, mandou a Ormuz Duarte da Fonseca em hum navio de Diogo Botelho, avisando de sua vinda a Christovão de Mendouça Capitão daquella fortaleza, e que poderia ser invernar em Melinde, onde deixou té cento e cincoenta doentes, e por seu Capitão Jordão de Freitas, hum homem Fidalgo da Ilha da Madeira, filho de João de Freitas, e com elle hum Feitor para provimento, e despeza do que haviam de fazer. Mas aquella partida que Nuno da Cunha dalli fez, não foi mais que forçar o tempo, e aventurar-se a muito perigo para passar á India. E quando vio que não podia surdir mais avante que hum grão e meio da linha Equinoccial da parte do Norte, a 6 de Novembro arribou a Melinde, com determinação de invernar naquella costa, onde o melhor pudesse fazer. E do caminho mandou Diogo Botelho que fosse ao lugar do Jubo, que cõrta a linha Equinoccial, dezeseis leguas quasi aquém da Cidade de Brava, onde, segundo lhe disseram, estava hum bargantim, em que andavam Portuguezes alevantados, que da India, no tempo das differenças de Lopo Vaz de Sam-

Sampaio, e Pero Mascarenhas partiram para andarem ás prezas per aquella costa de Melinde. Aos quaes mandou seguro para que se viessem a elle para servir a ElRey, e não querendo, que por força os obrigasse a vir. Diogo Botelho os não achou, e tornou a Melinde com hum navio que dalli partira havia quinze dias, de que era Capitão Bartholomeu Freire, que Antonio da Silveira Capitão de Moçambique mandava em busca do Capitão Leonel de Taíde, que tambem indo para a India arribou por causa do tempo; e este deo por nova que pelejára com hum não Franceza em sahindo de Quiloa, de que era Mestre hum Portuguez de alcunha Brigas, o qual hia com pensamento de passar á India, que de feito foi, como adiante diremos.

Nuno da Cunha vendo que Melinde não era lugar para passar nelle o inverno, nem o poder manter, por ser lugar falto de mantimentos, teve conselho sobre o que fariam; e assentou-se, que desse na Cidade de Mombaça, e a destruísse. E o que obrigou a Nuno da Cunha accommetter este feito, foram algumas palavras que soltou publicamente contra o Rey de Mombaça, dizendo, que folgára de ir de vagar, e não tão de pressa, por passar á India aquelle anno para o castigar; porque quando passou por Zanzibar, o Rey daquella Ilha lhe fez queixume da má

vizinhança que recebia d'ElRey de Mombaça, fazendo-lhe muitos damnos, sómente por elle ser servidor d'ElRey de Portugal. E por contentar a ElRey de Zanzibar, e não mostrar fraqueza ao de Melinde, se determinou nesta empreza^a. E posto que ElRey de Melinde offereceo a Nuno da Cunha oitocentos homens, elle os não quiz accèptar, porque na detença de os ajuntar perdia tempo, e dava espaço a ElRey de Mombaça que se apercebesse melhor; accèptou porém cento e cincoenta homens, que tinham juntos dous Mouros principaes da terra, a hum chamavam Sacoeja, e ao outro Cide Bubac, para os levar por guias naquella viagem, e tambem porque de hum delles tinha necessidade. Porque quando affentou de tomar aquella Cidade de Mombaça, logo com os Fidalgos, e Capitães com que teve conselho se determinou, que dando-lhe Deos vitoria, e tomando a Cidade, a dèsse a hum Mouro por nome Munho Mahamed, filho de Sacoeja Rey de Melinde, que reinava no tempo

a Diogo do Couto cap. 1. do liv. 6. e Castanheda no cap. 85. do liv. 7. dizem, que o que obrigou a Nuno da Cunha ir sobre Mombaça, foy haver mandado recado a ElRey della, pedindo-lhe licença para ir invernar no seu porto; e ElRey parecendo-lhe que era invenção do Governador para lhe tomar a Cidade, mandou-se-lhe esusnar, de que se resentio Nuno da Cunha, e determinou de o castigar, como foy.

po que D. Vasco da Gama Conde Almirante
 per alli passou, em remuneração do gazalha-
 do que nelle achou, e assi per outras cousas
 em que elle mostrava a lealdade que tinha
 com os Portuguezes. E como as boas novas
 todos folgam de as dar, foi revelado a Mu-
 nho Mahamed esta determinação; pelo que
 se foi logo a Nuno da Cunha a lhe dar as
 graças do que ordenava d'elle por os servi-
 ços de seu pai, dizendo mais, que elle ten-
 do mais respeito ao serviço d'ElRey de Por-
 tugal, que á mercê, e honra que lhe queria
 dar, lhe manifestava que elle era pouco apa-
 rentado, porque ElRey seu pai o houvera
 em huma de suas escravas, de geração Ca-
 fre, e que seu irmão Cide Bubac, e sobri-
 nho d'ElRey que então reinava, ainda que
 era mais moço, era do fangue dos Reys de
 Quiloa, que a elle devia dar o Reyno de
 Mombaça, porque per sua pessoa, e posse
 poderia ser mais obedecido; e que se a elle
 quizesse fazer alguma mercê, fosse em lhe
 dar o officio de Governador do Reyno, no
 qual cargo elle confiava que havia de mere-
 cer a ElRey de Portugal a mercê que lhe fi-
 zesse. Nuno da Cunha espantado da pouca
 cubiça, e menos ambição deste Fidalgo
 Mouro, sendo dos affectos que trastornam
 os mais dos homens, e sua muita prudencia,
 perque lhe pareceo digno de outro Reyno,

o louvou muito, e deixou a determinação daquelle negocio para quando fosse senhor da Cidade. Este Mahamed foi com elle com sessenta homens em hum zambuco, e assi Cide Bubac em outro zambuco com outros tantos homens. Dos nossos era a gente da náu de Pero Vaz da Cunha, e a de D. Fernando de Lima, e a dos dous navios de Diogo Botelho Pereira, e a do navio de Lionel de Taíde, e a do bargantim de Bartholomeu Freire, e a que levava Jordão de Freitas em hum zambuco da terra com parte da gente enferma que lhe ficára, por estar já convalescida, que por todos faziam oitocentos homens, com que partio Nuno da Cunha de Melinde a 14 de Novembro.

CAPITULO V.

Como Nuno da Cunha foi sobre a Cidade de Mombaça, e a tomou.

Nuno da Cunha chegado de frente de Mombaça em huma Ilheta que tem de fóra a barra, huma festa feira ao meio dia 17 de Novembro, veio ter com elle hum Mouro honrado em hum zambuco bem acompanhado de gente, o qual era senhor de hum lugar chamado Tondo, vizinho de Mombaça, e vinha-se offerrecer a Nuno da Cunha para o acompanhar. naquella em-

preza. E porque elle se escusou de o levar, dizendo que bastava a gente Portugueza que tinha, e que se levava de Melinde a que elle via, era por serem offendidos d'ElRey de Mombaça, por causa de serem servidores d'ElRey de Portugal. Ao que respondeu este senhor do Tondo, que tambem por essas mesmas razões elle podia ir no conto dos outros; porque vassallo d'ElRey de Portugal elle o era no animo, mas que fora de tão humilde fortuna, que nunca os Portuguezes de sua terra se quizeram servir: e se por razão de offensas recebidas d'ElRey de Mombaça, por desejar servir ElRey de Portugal, admitia outros, ninguem as tinha recebido por essa causa mais que elle: e que não podia ser maior offensa, que ir ElRey de Mombaça sobre elle; e depois que vio que per armas o não podia vencer, assentára paz com elle, e estando seguro por as condições, e juramento da paz, á traição o prendera, indo elle a sua casa visitallo, onde o teve muito tempo em prizão, té que os povos Sopangas por razão de parentesco, e amizade que com elle tinham, fizeram por seu respeito guerra a ElRey de Mombaça: e por condição de pazes, que com elle assentáram, fora elle solto da prizão, e se tornára para seu Senhorio: e por memoria da injúria que d'ElRey de Mombaça recebêra

em

em o ter prezo em ferros, elle trazia aquella cadeia de prata, que lhe elle Nuno da Cunha via nos pés, a qual não havia de tirar té que prendesse a ElRey de Mombaça em outra tal prizão como elle o tivera, e que por estas razões de servidor d'ElRey de Portugal, e como tal offendido d'ElRey de Mombaça, o podia levar consigo. Nuno da Cunha lho concedeo, vendo a dor, e mágoa com que lhe contava esta sua offensa.

A Cidade de Mombaça, como dissemos na primeira Decada^a, quando o Viso-Rey D. Francisco de Almeida a destruiu, tinha hum baluarte em huma das bocas do estero, o qual agora neste tempo estava muito mais forte, e melhor provido de artilheria, por ElRey ter recolhido toda a que se pode haver de náos nossas que se perdêram naquella paragem, de que eram Capitães D. Fernando de Monroy, e Francisco de Sousa Mancias, e assi de muitas munições, porque ElRey de Mombaça era já avisado per Mouros de Melinde como Nuno da Cunha hia sobre elle. A qual nova não sómente o fez prover de toda defensão nesta entrada, onde elle tinha toda sua força, mas ainda da terra firme tinha mettido na Cidade cinco, ou seis mil frécheiros dos Negros,

^a No cap. 7. do liv. 8.

gros, a que elles chamam Cafres gente solta, e leve na maneira de seu pelear, e oufada em commetter.

Depois que Nuno da Cunha furgio na barra deste rio, posto que trazia consigo Mouros de Melinde, que sabiam mui bem a entrada, por não confiar delles tamanho negocio, mandou primeiro a Pero Vaz da Cunha seu irmão em hum batel grande, e Diogo Botelho Pereira no seu com os Pilotos da Armada, e alguns dos Mouros, que entrassem pelo rio, e fossem sondando té o surgidouro ante a Cidade, onde esperava entrar com as náos por serem grandes, dando-lhe aviso que era o fundo para isso, e para não haver muita detença na tornada, logo de dentro lhe fizessem sinal para desfirir as vélas, e entrar. O que elles fizeram com affás perigo de suas pessoas, porque á entrada, e á sahida foram bem servidos de artilheria, que estava sobre o rio no baluarte que dissemos; mas aprouve a Deos que não recebêram damno algum. Feito o sinal que Nuno da Cunha esperava, poz-se em caminho, dando ás trombetas, e a todo outro genero de instrumentos, e de envolta com grandes gritas, como que davam *Sant-Iago*, commettendo os inimigos. Os navios hiam nesta ordem, Jordão de Freitas hia diante em hum zambuco, que logo

go recebeu do baluarte duas bombardadas, das quaes huma levou a perna a hum Antonio Dias natural do Crato, de que logo morreo. Atrás Jordão de Freitas seguia Lionel de Taide em seu navio; e posto que as obras mortas lhe foram desfeitas com pelouros, não perigou alguém. A Diogo Botelho Pereira, que hia após elle, matáram-lhe o seu dispenseiro, e quebráram-lhe huma peça da sua artilheria. E no zambuco em que hiam os Mouros, quebráram a mão direita a Cide Bubac, sobrinho d'ElRey de Melinde. E as náos em que hiam Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima, como faziam maior pontaria, e dellas ao baluarte não havia mais distancia que hum tiro de pedra, foram bem varejadas da artilheria; e se não acontecêra quebrar hum tiro da náo de Nuno da Cunha huma peça grossa do baluarte, que embaraçou os Mouros, com que se detiveram hum pouco, em quanto as náos passáram, sempre houveram de receber maior damno, porque elles eram pretes, e certos no tirar per industria de dous renegados que com elles estavam. Finalmente não ficou alguma das nossas vélas sem nella haver lenha, e sangue, que fez este baluarte. E porém a seu pezar Nuno da Cunha foi tomar o pouso de frente da Cidade já quasi Sol posto em oito braças de fundo.

do. E por o espaço do dia ser pequeno, não houve mais tempo, que em quanto tinha luz, metter-se elle logo em hum esquife com algumas pessoas que para isso chamou, e andou rodeando a Cidade para ver per que parte a podia commetter. Chegado a huma ponta, onde os Mouros tinham huns zambucos varados, que era per onde o Viso-Rey D. Francisco entrou, quando destruiu aquella Cidade, achou alli por resguardo de huma porta do muro que era baixo, feitos huns andaimes de madeira, com algumas defensões para que os nossos não fizessem per alli entrada. E perque Nuno da Cunha não ficou satisfeito de todo do que vira por ser já boca de noite, como sahio o Luar, mandou D. Fernando de Lima no seu esquife, que lhe fosse ao redor da Cidade ver o sitio della, e visse se os Mouros faziam alguma obra nos lugares que elle notou, na qual ida lhe feriram o seu Mestre em huma mão com huma frêcha hervada, e a outro homem com outra, e segundo a força da herva de que usam, foi ventura escaparem. E porque os Mouros, além de terem vigia no que os nossos faziam, sentiram a ida do batel, toda a noite lançavam settas perdidas sobre as náos, que parecia que choviam; tantas, e tão continuas eram. E o que fazia pontaria aos Mouros,

ros, era, que das mesmas náos para terror tiravam á Cidade aos lugares onde viam luzir bandeiras, e com o fuzilar dos nossos tiros frêchavam os Mouros melhor, e mais direito. Tornando D. Fernando, teve logo Nuno da Cunha conselheiro, e assentou-se nelle o modo que se havia de ter para amanhã sahirem em terra, e aquelle espaço da noite que ficava, huns o despendêram em concertar suas armas, outros em fazer confissões, e testamentos, e outros em foliar, e cantar, mostrando o alvoroço que tinham para vir o dia.

Em rompendo a manhã estava já Nuno da Cunha posto em terra afastado hum pouco do resto da Cidade, havendo ser aquelle lugar a melhor parte, porque a podia combater^a. Seria a gente com que elle commetteo esta empreza quatrocentos e cincoenta homens, em que haveria sessenta espingardeiros; e desta gente, tanto que se vio em terra, apartou cento e cincoenta homens Fidalgos, e Nobres, e trinta espingardeiros, com os quaes mandou a seu irmão Pedro Vaz da Cunha diante caminho do muro da

a Escreve Francisco de Andrade, que Nuno da Cunha desembarcou junto de hum mesquita, pouco abaixo da Cidade, onde havia bom desembarcadouro, o qual lhe mostrou hum Mouro Piloto, que viera com Jordão de Freitas. E Diogo do Couto diz, que este Mouro veio da Cidade fugido a nado: e o mesmo diz Castanheda.

da Cidade, que distaria daquelle lugar mil passos, e Nuno da Cunha nas suas costas com o resto da gente o começou a seguir. Pero Vaz, como quem desejava ganhar a honra da dianteira que lhe fora dada, posto que topou alguns Mouros fóra das portas da Cidade, que per entre luns vallos, e sepulturas dos seus, de que alli havia muitas, lhe fréchassem a gente, não curou de se embarçar com elles, senão ir avante té topar com o muro, e alli deo *Sant-Iago*, onde já os Mouros eram muitos, e tinham feridos dos nossos alguns com fréchas d'er-va. Os Mouros quando sentiram a dos nossos que lavrava mais de improviso, que eram as espingardadas, e lançadas com que logo ficavam estirados, encommendavam a vida aos pés, e afastavam-se do perigo o mais que podiam; e o que os fez retirar mais sem tento foi, que como esperavam por Nuno da Cunha, por serem avisados de Melinde que hia sobre elles, tinham posto suas mulheres, e filhos, e a melhor fazenda em salvo entre o arvoredado da Ilha, e sómente ficou alguma gente frécheira, com que trabalháram o que puderam por entreter os nossos. Mas quando os víram subir per cima dos muros como aves, largáram a Cidade de mancira, que Pero Vaz por final que já era dentro, mandou em humia casa alta ar-

VO-

vorar huma bandeira, para que a visse seu irmão, e alli a gente que ficava nas náos, os quaes tanto que houveram vista della, logo respondêram a este sinal de vitoria com grandes gritas, e tiros de artilheria para maior terror dos Mouros: e assi alvoroçou os nossos que estavam em terra, que vendo Nuno da Cunha que os não podia ter, em chegando onde Pero Vaz o esperou, deo lugar a D. Fernando que com a gente da sua náos tomasse outra rua, e Pero Vaz seguisse a que levava, e elle caminhou direito aos paços d'ElRey, que estavam no alto, onde todos se haviam de ajuntar, mandando tambem abrir as portas da ribeira á gente do mar, que entrasse na ordenança que elle tinha assentado.

E posto que a Nosso Senhor aprouve que esta Cidade se entrou tão levemente, e a quiz dar aos nossos sem sangue aquelle primeiro dia, não sómente da herva, mas de alguns votos que os Mouros tinham feitos, que não se haviam de sahir da Cidade, correo alguma gente nossa grande perigo, entre os quaes foi D. Fernando de Lima com hum Mouro homem mancebo, filho de Munho Mototo parente d'ElRey, e seu Regedor. Este mancebo era bem disposto, e andava de amores com huma sobrinha d'ElRey; e o dia de antes que os nossos che-

gassem, quando a Cidade se despejava, sahindo-se esta donzella com outras mulheres, acertou estar o seu servidor em companhia de outros homens mancebos, e nobres; e passando per elles, disse ella: *Que fraqueza he esta, cavalleiros de Mombaça, que consentis que nós-outras mulheres sejamos assi lançadas de nossas casas, e repouso, e nos vamos metter em poder dos Negros Cafres?* Estas palavras assi envergonharam o seu servidor, que chegando-se a ella, em voz alta disse: *Pois que assi me affrontas em minha face, eu juro por o amor que te tenho, que antes de dous dias me chorem muitos que me querem bem; e tu se não quizeres, não me terás para me dar o galardão delle.* Este ajuramentado, com outros mancebos, fizeram voto de morrerem per gloria de algum honrado feito, e cada hum se ajuntou com parceiros de que se ajudasse; e o ardil que aquelle mancebo teve, foi metter-se em huma casa, e acertou de ser per onde hia D. Fernando de Lina; e quando nas armas, e companhia que levava conhecco ser pessoa notavel, em Dom Fernando passando pela porta, sahio de dentro como hum leão, que está esperando a prea para fazer assalto, e remetteo em dous pulos, e o levou nos braços, e o derribou no chão. D. Fernando, posto que era

ho-

homem de boa estatura, e forçoso, e mancebo, foi este sobressalto de maneira, que no instante d'elle não pode mais fazer, que abraçar-se bem com o Mouro por lhe atar as mãos, no qual tempo por parte de cada hum acudiram muitos valedores, e ninguem naquelle conflicto o fez melhor, que hum criado do mesmo D. Fernando, com cuja ajuda o Mouro foi morto, e assi o foram outros em outras partes, que com o mesmo proposito commettêram semelhantes casos para morrer.

Finalmente a Cidade foi de todo despejada dos vivos, porque os mortos ficáram pelas ruas; e quiz Deos que dos Portuguezes, posto que foram mais de vinte e cinco feridos, não houve algum morto, nem que corresse perigo de morte, senão Luiz Falcão filho de João Falcão, e Antonio da Fonseca filho de João da Fonseca Escrivão da Fazenda d'ElRey por causa da herva. E quem víra a grandeza desta Cidade, a multidão do povo della, o agro sitio em que está situada, a estreiteza das ruas, que as mulheres ás pedradas a podiam defender das janellas, e dos terrados, e matar os nossos, parecer-lhe-ha que milagrosamente Deos a quiz dar nas nossas mãos, e cegar aquelles Mouros para a despejarem tão levemente.

CAPITULO VI.

Do que Nuno da Cunha fez depois de tomar a Cidade de Mombaça com alguns Mouros que tornáram a ellá: e das novas que lhe vieram de Simão da Cunha, e de outros Capitães da sua Armada.

Tanto que Nuno da Cunha se vio em posse de Mombaça, mandou arvorar a bandeira da Cruz de Christo na mais alta torre das casas d'ElRey, que eram grandes, e fortes a modo de castello, e dahi deo licença aos Capitães que fossem dar huma cevadura á gente d'armas no esbulho da Cidade, o qual de cousas ricas foi pequeno, por os Mouros terem o principal posto em salvo, sómente de mantimentos estava abastada, que foi a vida a muitos por a necessidade em que estavam delles, com a perda da não de Nuno da Cunha; e satisfeita a gente aquelle dia, como a Cidade era grande, e derramada, ficou Nuno da Cunha recollido naquellas casas d'ElRey, pondo os Capitães em suas estancias em cada huma das bocas das ruas, que alli vinham dar, e assi nos lugares de suspeita per onde os Mouros podiam commetter.

Quando veio ao outro dia, que era Domingo, mandou a D. Fernando de Lima.

ma ^a com té duzentos homens que fosse ao baluarte da entrada do rio a lhe trazer as peças de artilheria com que os Mouros lhe tiraram, as quaes elles já tinham enterradas, de que algumas não apparecêram; e entre ellas, e outras peças que se acháram na Cidade assentadas em partes per onde aos Mouros parecia que os nossos haviam de entrar, que era per onde entrou o Viso-Rey Dom Francisco d'Almeida, seriam por todas vinte, de que a maior parte eram de metal, em que havia algumas grossas, e com as armas Reaes de Portugal, por serem das mãos perdidas que atrás dissemos. A tórna-da desta ida que D. Fernando fez, vindo per fóra da Cidade entre luns hervaçoes, e lugares encubertos de moutas, em que bem poderiam estar mil homens, lhe sahio hum grande golpe de Mouros ás fréchadas; e como o lugar era para elles defensavel, por serem mui leves no saltar, e os nossos vinham muito armados, e despeados do caminho, por a grande calma que fazia, fréchavam-os a feu prázer, em que D. Fernando houve tres fréchadas, e seu irmão D.

a Francisco de Andrade, e Diogo do Couto, e Castanheda dizem, que era D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando, e que nesta entrada do baluarte foi ferido de hum fréchada, de que morreo. E João de Barros diz no fim do cap. 7. que foi ferido na pelega da mão de Meca, de que morreo em Caloyate.

D. Rodrigo de Lima outra, e assi outros, que foram mais de vinte, de que logo alli ficou morto hum João Ribeiro, criado do Cardeal Infante D. Affonso, e depois faleceram alguns de peçonha da herva que os Mouros usam. Ao repique desta revolta Nuno da Cunha mandou seu irmão Pero Vaz; e posto que ao tempo que elle chegou, Dom Fernando era já dentro dos muros da Cidade, andavam os Mouros tão ousados por aquelle damno que tinham feito, que em vendo a Pero Vaz, o foram demandar sem temor, e lhe feriram logo muitos homens; mas como os nossos espingardeiros acudiram, respondendo ás suas fréchadas, começaram derribar alguns, com que os outros se puzeram em salvo.

Ao outro dia seguinte, pela ousadia do passado, chegaram-se tanto ás casas onde Nuno da Cunha estava aposentado, que começaram de as fréchar, como quem provocava aos nossos que sahisses a campo; mas custou-lhe este atrevimento sangue, e vidas, e aos nossos que os fizeram retirar dous mortos, e ficar Pero Vaz da Cunha com huma perna atravessada de parte a parte, e ferido D. Simão filho de D. Diogo de Lima, e outros homens de sorte. Por esta causa mandou Nuno da Cunha a Lionel de Tasde com gente queimar algumas casas pela Ilha

por a despejar dos Mouros, que cada dia vinham dar rebates, nos quaes os nossos padeciam muito damno por o grande hermagal, e arvoredos, que alli de fóra, como de dentro da Cidade havia, que peava muito os Portuguezes, e encubria os Mouros para mais a seua salvo os ferirem. Polo que Nuno da Cunha mandou decepar algum arvoredos, que fazia estas encubertas, e não consentio que a gente fosse fóra da Cidade. Os Mouros como sentiram este receio dos nossos, com mais algum atrevimento, por a Cidade ser grande, em magotes saltavam dentro, e hiam a algumas casas a furtar mantimento; e o que sabiam ficar escondido nellas, e em tres, ou quatro dias que isto continuáram, sempre hiam diminuidos, ficando alguns mortos pelas ruas do ferro dos nossos.

Neste tempo veio Aleixo de Sousa, que Nuno da Cunha deixára com a gente doente em Zanzibar, ao qual mandára chamar, para que com a gente sã se achasse na tomada daquelle Cidade; o que elle não pode fazer antes por tempos contrarios que teve; com tudo ainda veio em conjunção que ganhou muita honra. Porque sahindo Nuno da Cunha a cortar huns laranjeas, onde

a Diogo do Couto escreve, que quando Simão da Cunha chegou a Mombaça, vinha com elle Aleixo de Sousa.

de se vinham metter os Mouros, e estando já com os machados aos pés delles, deram-lhe rebate, que pela outra parte da Cidade entravam muitos Mouros a roubar, contra os quaes elle mandou Aleixo de Sousa com alguma gente da sua, e D. Rodrigo de Lima, que hia ainda ferido da fréchada do dia atrás, e Diogo Botelho, os quaes mataram alguns Mouros, e feriram muitos, que lá foram morrer entre os seus, segundo se depois soube, por cuja causa houve grande pranto entre todos, principalmente por hum delles, que era dos principaes, o qual de proposito se veio offerecer á morte por fazer alguma boa sorte, havendo que se neste commettimento morresse, que salvava sua alma; e a sorte que fez foi chegar-se tanto a Aleixo de Sousa, que lhe deu huma cutilada per hum braço, e outra acima da sobancelha, por o qual atrevimento elle ficou morto ás estocadas aos pés de Aleixo de Sousa por sua mão com ajuda de Luiz Doria, que acudio a esta revolta. A morte deste Mouro causou tanta tristeza, e terror entre os seus, que afloxáram aos nosos, sem mais vir á Cidade, e principalmente por lhes Nuno da Cunha mandar queimar quantos barcos havia ao redor da Ilha, por os quaes elles da terra firme se passavam á Ilha; e assi mandou vedar hum

passo, porque de maré vazia passava muita gente.

Estando as cousas neste estado, soube Nuno da Cunha per hum zambuco que veio de Moçambique com cartas de Simão da Cunha seu irmão, como fora alli ter a 9 de Setembro, e como depois vieram ter ao mesmo porto Francisco de Mendouça, e D. Francisco Deça Capitães de duas náos, e que o navio, de que era Capitão Affonso Vaz Azambujo, se perdêra em huma Ilha, a que os mareantes chamam de João da Nova, que dista de Moçambique quarenta e seis leguas, na qual toda a gente se salvou, e tirados alguns mantimentos do navio, se sustentáram com elles, e com grajaos, rolas, e codornizes, de que a Ilha he muito cheia, e tão mansas que as tomam á mão. Desta gente logo foi huma batelada para Moçambique, em que hia o Piloto, e Mestre do navio; e Simão da Cunha, tanto que estes chegáram, mandou a Nicolao Jusarte, hum Fidalgo mui prático na arte de navegar, que trouxesse a outra gente que lá estava havia cincoenta e dous dias, mantendo-se da maneira sobredita. E assi soube mais Nuno da Cunha que o galeão de Bernardim da Silveira per indícios entendiam ser perdido no parcel de Cofala, como de feito se perdeu, mas não se sou-

be

be onde. Nuno da Cunha ficou algum tanto consolado com estas novas, presumindo que as náos de Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, por elles terem mais experiencia da navegação, e levarem bons Pilotos, e Officiaes, iriam per fóra da Ilha de S. Lourenço á India, dos quaes depois teve nova ser assi.

C A P I T U L O VII.

Como Nuno da Cunha mandou convidar certos senhores Mouros, que mandassem gente para povoar Mombaça: e como o Rey della se fez vassallo d'ElRey de Portugal com lhe pagar pareas.

Vendo Nuno da Cunha como Mombaça era humia Cidade mui grande, e a pouca gente que tinha, e os rebates que os Mouros lhe davam cada dia, e como os naturacs da terra nos pés eram mais leves em commetter, e fugir, e usavam da herua em suas fréchas, com que faziam tanto damno, determinou de mandar vir gente da terra leve, e solta, e costumada áquelle seu modo de pelejar, para com os nossos fazerem mais effeito, lançando os Mouros de toda a Ilha. Sobre isso escreveu a ElRey de Melinde, o qual logo mandou hum seu sobrinho irmão do Principe herdeiro, com

mui-

muitos Mouros honrados, e té quinhentos homens, que foi para elles huma nova de muito contentamento. Porque allí por razão de competencia que tinham, como por saberem que a Cidade ficava ainda com muita fazenda, vinham mui alvoroçados para se vingarem, e fazerem proveito. Nuno da Cunha os recebeo com muita festa, e grande estrondo de trombetas, e atabales para entristecer aos moradores de Mombaça. E como a Cidade estava despejada, foram-se estes novos hospedes aposentar á sua vontade, e mui contentes por acharem esbulho, que para elles era boa fazenda, da qual mandáram logo carregados os navios em que vieram. Da mesma maneira, e com a mesma boa vontade veio per recado de Nuno da Cunha ElRey de Montangane, que he huma pequena terra vizinha a Mombaça, e mui vexada da vizinhança della por a amizade que comosco tinha, com té duzentos homens, por elle ser mui fraco, e desbaratado por ElRey de Mombaça. E por a mesma causa ElRey da Ilha de Pemba, que he fronteira a Mombaça, por ser mui abastada de carnes, e refresco da terra, mandou grandes presentes a Nuno da Cunha; e outro tanto fez ElRey de Zanzibar, e todo o contorno de Mombaça, por todos estarem offendidos d'ElRey, como de

de hum tyranno poderoso , que os queria subjugar , e todos por esta causa se mostravam contentes da sua destruição , e nossos amigos.

Com estes vizinhos costumados a pelejar , e aos ares da terra , em companhia dos Portuguezes , que lhes davam animo , os Mouros de Mombaça despejaram a Ilha , passando-se á terra firme , defronte de hum passo , que de maré vazia o podiam passar a váo , e não mais longe d'elle , que distancia de hum tiro de bombarda , pelo qual como era de noite , faziam entradas alguns delles a vir buscar a suas casas do que lhes ficára nellas , e mantimentos , porque morriam de fome. A este lugar , que tinha fórma de arraial , mandou Nuno da Cunha Lionel de Taíde , e D. Fernando de Lima ; e como os Mouros tinham boa vigia , foram sentidos , e fizeram menos do que esperavam ; todavia de caminho queimáram na Ilha algumas casas á maneira de quintãs que estavam ermas. Nestas entradas , que os Mouros faziam mais com fome , que com vontade de pelejar , vieram a defavegonhar-se tanto por entrarem na Cidade , que sahio a isso Pero Vaz da Cunha ; e posto que no campo ficáram estirados vinte e cinco Mouros , foi Pero Vaz ferido de huma frécha , que lhe atravessou huma perna

na abaixo do giolho, e quiz Deos que não perigou, sómente morreo da herua hum Figueiredo criado de D. Luiz da Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha, além da ordem de pelejar, e faquear a Cidade, que deo aos Mouros que vieram de Melinde, e aos outros que dissemos, tambem lhes mandou que derribassem as casas, e destruissem tudo, porque sua tenção era não deixar cousa em pé, pois tanto damno recebia daquella terra.

Quando ElRey de Mombaça entendeu que Nuno da Cunha determinava invernarnella, e que os Mouros seus vizinhos derribavam as casas, e cortavam seus palmares, que era parte de sua vida, por ser seu mantimento, mandou dizer a Nuno da Cunha que lhe pedia, que folgasse antes de o haver por vassallo d'ElRey de Portugal, que destruir-lhe aquella casa de sua vivenda, e berço de seus filhos, e lhe desse licença, e seguro para huma pessoa de qualidade, que elle mandaria a fallar-lhe em paz. E passados alguns recados, primeiro veio a Nuno da Cunha hum Mouro honrado por nome Munho Mototo, que era parente d'ElRey, e assentou com Nuno da Cunha, que ElRey se fazia vassallo d'ElRey de Portugal, com tributo de mil e quinhentos miticaes de ouro cada anno, (vale cada mitical

de ouro trezentos e sessenta reaes,) e logo pagaria tres annos; e por resgate da Cidade, por a não queimarem, e destruirem, daria doze mil miticaes, e ficaria obrigado servir a ElRey. de Portugal, e de não recolher Turco, nem inimigo de Portuguezes em suas terras; tornando o Mouro com este conferto, em final que ElRey era contente, veio com mil e quinhentos miticaes em prata, e ouro, dizendo, que o mais veria logo, por quanto se juntava por todos os moradores da Cidade, pois todos participavam desta mercê, e beneficio.

Neste tempo veio alli ter hum André Coelho, que andava levantado em hum bargantij^a, com dezefete Portuguezes, que Nuno da Cunha recolheo, com lhe dar perdão da culpa do levantamento, visto como se elle viera offerecer ao serviço d'ElRey. E despachou a Diogo Botelho Pereira para Portugal com recado a ElRey do que passára em sua viagem, e o estado em que ficava, e como determinava ir invernar a Ormuz, o qual Diogo Botelho partio a 27 de Dezembro de 1529, e chegou a Lisboa em

a De outro levantado faz menção Francisco de Andrade no cap. 48. da 2. Parte, o qual se chamava Pero Peixoto, que indo Nuno da Cunha de Melinda para Montaza, o achou com quatorze Portuguezes em huma fusta recolhido em huma enxada daquella costa, e perdoados, os levou consigo.

em Junho de 1529, de quem ElRey soube as novas da India, e da jornada de Nuno da Cunha.

CAPITULO VIII.

Do que fizeram os Mouros de Mombaça nos dias que se tratava a paz: e como Nuno da Cunha, ainda que dos Portuguezes morriam muitos, se não quiz ir da Cidade, e a destruiu, e queimou.

N Aquelles primeiros dias, em que se tratava da paz, confiados os Mouros na prática della, vinham á Cidade com algumas cousas da terra firme a vender aos nossos, e conversavam os Mouros, que de fóra alli eram vindos; mas depois que Nuno da Cunha apertou com elles, que cumprissem o que tinham promettido, apartáram-se da communicação dos Portuguezes; e passados alguns recados entre Nuno da Cunha, e ElRey sobre este caso, tornou a mandar-lhe huma correição per toda a Ilha, derribando-lhe casas, e queimando palmares; e porque elles acudiram logo a este danino, em recompensa d'elle houve Nuno da Cunha por bem de lhe abater o preço dos doze mil miticaes em sete, de que logo ElRey mandou quinhentos; e para pa-

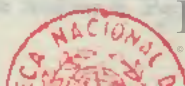
garem este dinheiro, mandou alguns homens principaes á Cidade, que vissem as casas nobres que estavam em pé, para per seus donos fazerem o lançamento do que haviam de pagar; e acháram que estavam ainda por derribar mais de novecentas casas principaes, lamentando com muitas lagrimas a ruina das outras. Mas com a comunicação que tiveram com os Mouros, per os quaes souberam que a maior parte dos Portuguezes estavam doentes, esfriáram do negocio a que vinham, fazendo conta que Nuno da Cunha por fugir o perigo da doença despejaria a Cidade.

E na verdade os nossos estavam em estado para elles terem esta esperança. Porque homens que de dia, e de noite nunca deixavam as armas, e dormiam pouco, e comiam sómente os mantimentos da terra, que era arroz, e milho; e sendo o lugar naquelles mezes doentio aos naturaes, quanto mais aos estrangeiros, e mais vindo já a maior parte delles doentes do mar, não podiam deixar de cahir em grandes enfermidades: e o que peor era, que só a natureza tinham por mezinha, carecendo dos remedios, a que eram acostumados em taes tempos. E assi morrêram de doença mais de duzentas pessoas, de que os principaes foram Pero Vaz da Cunha, irmão de Nu-

no da Cunha, e o menor de seus irmãos, mancebo de grandes esperanças, muito esforçado, humano, e ordenado de outras muitas virtudes, D. Pedro da Silva filho de D. Philippe Lobo, Henrique Furtado de Mendoga filho de Afonso Furtado, Dom Rodrigo de Noronha filho de D. Sancho, Gonçalo Pereira, Jorge Brandão filho de Duarte Brandão, Alvaro Pestana Escrivão da Moeda de Lisboa, que por amizade que tinha com Nuno da Cunha se foi com elle á India, Gaspar Moreira estribeiro pequeno que fora d'ElRey, e hum irmão seu, e outros homens desta qualidade criados d'ElRey, com as quaes mortes que afombráram a gente, foi Nuno da Cunha por vezes requerido pelos Fidalgos que com elle estavam, que a vida d'elle importava mais ao serviço d'ElRey, que a de todos; que lhe pediam que puzesse sua pessoa em lugar menos enfermo, e elles ficariam alli com a ordem que elle mandasse. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que Deos por elles lhe dera aquella Cidade, que a não havia de desamparar, que apercebido estava para o que Deos d'elle dispuzesse; e que conta daria elle a Deos, e a ElRey, e á sua honra, pondo-se elle em salvo, deixando-os a elles no perigo? e assi com muito animo, e constancia esperou todos os suc-

esses do tempo. E porque os Mouros per
 aviso dos que vieram sobre as pazes que
 estavam na Cidade, sabiam destes requeri-
 mentos que se faziam a Nuno da Cunha,
 tinham esperança que o poderiam mover
 algum dia, e não tomavam conclusão. E
 para os espertar, mandou Nuno da Cunha
 commetter a estancia de Munho Mototo,
 que estava mais per todo passo da Ilha para
 a terra firme. Ao que foi D. Fernando de
 Lima, que já era são das feridas que hou-
 vera, com duzentos homens, porque a mais
 gente toda andava enferma, e ficava em
 guarda da Cidade. Porém porque os Mou-
 ros foram avisados per hum escravo da ter-
 ra, não houve effeito esta sua ida; mas de
 outra vez que elle foi ter a outra parte con-
 tra a terra de Melinde, de que os Mouros
 estavam descuidados, deo em hum lugar,
 onde matou muitos, e trouxe alguns cati-
 vos.

Chegado o fim de Janeiro do anno de
 1529, veio ter a Mombaça hum Portuguez
 per nome Pantalião Pinto, que veio da In-
 dia em huma atalaia com mercadoria a Me-
 linde, o qual deo relação a Nuno da Cu-
 nha das differenças entre Lopo Vaz de Sam-
 paio, e Pero Mascarenhas. Apôs este veio
 Bastião Ferreira Alcaide mór de Goa em
 hum navio, que lhe deo nova como An-



tonio de Saldanha, e Garcia de Sá passaram ambos á India, pelos quaes Lopo Vaz de Sampaio, e Affonso Mexia Veedor da Fazenda souberam da sua vinda, e com suspeita que podia invernar naquella costa, o mandavam a elle com cartas, que lhe deo. Dahi a poucos dias veio de Ormuz huma caravella, de que era Capitão hum Pedralvares do Soveral, o qual mandava Christovão de Mendoça Capitão daquella Cidade a visitar Nuno da Cunha com refresco, e cousas para doentes, que deo vida a muitos, que das febres andavam mui maltratados, sendo mortos quasi no mesmo tempo de hum delastre mais de vinte e cinco homens, em que entrava Lionel de Taide, de huma fréchada, e D. Rodrigo ficou ferido de outra, de que morreo depois em Calayate. E o caso foi, que sendo Nuno da Cunha avisado, que os Mouros esperavam náos de Cambaya, que com mercadorias vinham fazer resgate a Mombaça, por querer haver á mão huma náos que alli veio, mandou lá dous batéis grandes com espingardeiros, em hum delles hia D. Rodrigo de Lima, e no outro Lionel de Taide. Esta náos com temor delles, e de hum bargantij que foi diante, de que era Capitão André Coelho, se metteo em hum estreito, que causou a morte a estes dous Fi-

dal-

dalgos, e aos que com elles hiam. E affi-
 aos do bargantij, por ser o estreito tão es-
 treito, que os Mouros das ribanceiras da
 terra os fréchavam, principalmente de hu-
 ma tranqueira que fizeram de pés de pal-
 meiras, onde puzeram certas peças de arti-
 lheria. E vendo os nossos que não podiam
 tirar dalli a náó, nem menos ardia com o
 fogo que duas vezes lhe puzeram, a deixá-
 ram¹. E indo já os batéis bem fréchados,
 para maior desastre com a maré vasia ficou
 o bargantim atravessado, onde toda a gen-
 te pereceo ás fréchadas, escapando sómente
 hum remeiro do bargantim, que veio dar
 nova da desgraça.

Passados estes trabalhos, teve Nuno da
 Cunha conselho sobre o que faria daquella
 Cidade, por ter já dito, que dando-lha
 Deos, a havia de entregar a Munho Maha-
 med sobrinho d'ElRey de Melinde, por
 gratificar os meritos de seu pai na lealda-
 de que sempre tivera; e por as razões que
 com

¹ Esta ndo foi entrada dos nossos com morte de mu-
 tos Mouros, que a defendêram esforçadamente, na qual
 acharam muita fazenda, que com a pressa de a recolherem
 se descuidaram da maré que vasia, com que os batéis, e
 bargantim ficaram em secco, sobre os quaes acudiram tan-
 tos Mouros, que ás fréchadas mataram todos os do bar-
 gantim, que ficou mais perto de terra. Os batéis não rece-
 beram tanto damno por estarem mais afastados, e com a
 enchente da maré se sahiram com alguns mortos, e mai-
 tes feridos. Francisco de Andrade 2. Parte, cap. 48.

com elle passou, que a entregasse antes a Cide Bubaç seu irmão. E porque este pedia a Nuno da Cunha cento e cincoenta homens Portuguezes, porque sem elles não se atrevia a defendella, assentou Nuno da Cunha de a queimar antes, visto quanto dano lhe podia causar esta gente. Chegado o tempo da monção para poder partir, mandou repartir a Cidade entre todos os Mouros, que eram vindos em odio d'ElRey della, os quaes como estavam magoados dos seus moradores, para destruir tudo enchiam os vãos das casas de madeira, e palha das outras casas da gente pobre, e punham-lhes o fogo de maneira, que com a força d'elle, cahindo a maior parte da Cidade, ficou toda feita cinza.

Na entrada de Março, porque o requeria já o tempo, mandou Nuno da Cunha a João de Freitas em hum batel grande das náos com peças de artilheria ao passo da Ilha a entreter os Mouros, que não passassem a ella, a dar nas costas dos nosos quando quizessem embarcar; e em quanto lá esteve João de Freitas, mandou metter muita lenha nas casas d'ElRey, onde elle pousava, e dar-lhe fogo, e assi per muitas

a De 15 de Março por diante começam nesta costa a ventar os Ponentes, que he a monção para sair della, e navegar a Ormaz.

tas outras da Cidade, onde ainda não chegára, cujo ruido, fumaça, e estrondo da ruina dos edificios tinham huma semelhança do inferno. Nesta conjunção se embarcou Nuno da Cunha para Melinde, sem contraste, nem impedimento algum, com os Portuguezes que escapáram da guerra, e das enfermidades de Mombaça, e com a gente de Zanzibar, de Pemba, e dos outros lugares, que alli eram vindos. Outros da mesma costa o vieram ver, dizendo, que todos queriam ser vassallos d'ElRey de Portugal; e o mesmo fizeram os moradores da Cidade de Brava, os quaes, tanto que Nuno da Cunha chegou a Melinde, lhe mandáram Embaixadores de suas Cabildas, com setecentos e cincoenta miticaes de ouro em pagamento de parças de tres annos, e que cada anno lhe pagariam duzentos e cincoenta, com mais outras obrigações, o que lhes Nuno da Cunha folgou de aceitar por razão de já serem destruidos do tempo que seu pai Tristão da Cunha per aquella Cidade passou, de que Nuno da Cunha que com elle hia foi testemunha. Aqui em

Tom. IV. P. I.

V

Me-

a Simão da Cunha, D. Francisco Deça, e Francisco de Mendoga, Capitães de tres ndos da Armada de Nuno da Cunha, que invernáram em Moçambique, partiram dalli com a naução dos Ponentes com quatrocentos homens menos que lhe moráram naquella Cidade. E diz D. Diogo do Couto, que chegaram em fim de Março a Momba-

Melinde veio ter seu irmão Simão da Cunha, que invernára em Moçambique.

CAPITULO IX.

Como Nuno da Cunha assentou de ir a Ormuz, e do que fez antes que partisse de Melinde: e do que ordenou em Calayate, e Mascate té chegar a Ormuz.

EM Melinde teve Nuno da Cunha conselho com os Capitães, Mestres, e Pilotos se faria sua viagem em direitura á costa da India, por o tempo ainda parecer algum tanto verde; e foi assentado per todos, que era cousa mui perigosa commetter aquella costa naquelle tempo com tantas náos, que a mais segura viagem era ir invernar a Ormuz. Assentada assi a jornada, despedio dalli Bastião Ferreira com cartas para Lopo Vaz de Sampaio, e Afonso Mexia, em que lhes dava conta da sua partida para Ormuz, donde logo como a monção viesse se partiria, e que sua tenção era naquelle mesmo anno ir a Dio, que lhes pedia, que tivessem feito todos os apercebimentos, assi de navios de remo, como de

ça, onde acharam a Nuno da Cunha de caminho para Ormuz. E o mesmo escreve Castanheda liv. 7. cap. 101. a A destruição desta Cidade escreveo João de Barros no cap. 3. do liv. 1. da 2. Decada.

de munições, e mantimentos por se não deter nisso, quando fosse com outras cousas que importavam áquelle negocio. Bastião Ferreira chegou a Goa em Maio com aquellas cartas, e Nuno da Cunha partio de Melinde a 3 de Abril, deixando primeiro posta a terra em paz, e prezos dous homens que andavam levantados a roubar, com ordem que os enforcassem; porém elles se acolheram antes da sua partida para os Mouros. E a Luiz de Andrade mandou em huma caravella, de que era Capitão, a hum lugar perto dalli, que se chamava Jubo, em busca de hum galeão de Rumes, que viera ter áquelle porto com tempo, o qual fez Luiz de Andrade dar á colla pelejando com elle, e lhe tomou muita pimenta que trazia de Játia, e levava para o Estreito, e lhe matou gente, não sem fangue da sua.

Deixou tambem o Governador em Melinde Tristão Homem, filho de Pedro Homem, Estribeiro mór que fora d'ElRey D. Manuel, com oitenta homens enfermos, e que como viesse Setembro se embarcasse com elles para a India, os quacs defendêram a ElRey de Melinde não ser destruido por ElRey de Mombaça, que logo partido Nuno da Cunha, veio contra ElRey de Melinde. E nesta sua defensão se acháram entre os Portuguezes com Tristão Homem estas pessoas

principaes, Jordão de Freitas, Duarte de Miranda, Bastião Monteiro, Bartholomeu Freire Feitor, e João de Mattos.

Partido Nuno da Cunha de Melinde, passou pela Ilha de Cocotorá, onde fez sua aguada, e deo provisões ao Xequé dalli para a navegação de seus navios, por elle seu fiel amigo dos Portuguezes. Passados tres dias, que se deteve naquella Ilha, com bom tempo chegou a 10 dias de Maio a Calayate, que he o primeiro lugar do Reyno de Ormuz na costa de Arabia, onde soube o desbarato das fustas, que fez Lopo Vaz de Sampaio na enseada de Cambaya, que atrás escrevemos, e achou Aires de Sousa de Magalhães, sobrinho de Lopo Vaz, que per seu mandado, como Capitão mór do mar de Ormuz, andava com hum fusta, e dous bargantijs, guardando aquella costa infestada dos Nautiques, que ás vezes saltavam nella os navios que vinham da India. Estava tambem em Calayate por Feitor Gomes Ferreira criado do Duque de Bragança, o qual tomava as fianças aos Mouros, que carregavam de cavallos para Goa. E porque o Guazil, e os Mouros da terra se vieram queixar a Nuno da Cunha, que recebiam delle alguns aggravos, mandou elle lançar pregão, que qualquer pessoa que tivesse recebido aggravo algum de Portuguezes, se

viesses a elle, que o mandaria desaggravar, como fez, mandando pagar a muitos coufas que tinham mal levadas, e aos que eram officiaes d'ElRey suspendeo de seus officios, e os levou presos a Ormuz, o que fez grande espanto nos Mouros por não terem visto aquelle castigo, no que deo esperança a todos, que á falta de justiça não haviam de receber mal, e damno, e nisto se deteve tres, ou quatro dias.

Ao mesmo lugar veio ter D. Fernando Deça, que hia para Ormuz por Capitão mór dos navios, que andam naquelle trato para a India, os quaes Nuno da Cunha levou consigo a Mascate, onde chegando a 19 de Maio, foi logo visitado do Guazil daquela Villa, que se chamava Xech Raxit, que era o que no tempo do levantamento de Ormuz ergueo bandeira por ElRey de Portugal, e livrou muitos dos nossos. E porque elle tinha morto Ruez Delamixá, irmão de Ruez Xaraso, pela maneira que atrás contámos*, desde então té a chegada de Nuno da Cunha trabalhava Xaraso por o haver em Ormuz, e vingar-se d'elle; e quando per suas manhas não pode, disse a ElRey, que este lhe devia mais de vinte mil xerajis, por não haver dado conta havia muito tempo; que per qualquer via que

fol-

* Dec. 3. liv. 7. cap. 6.

fosse o fizesse vir a Ormuz, o que não quiz Xech Raxit fazer, e se dispoz a padecer tudo o que lhe viesse, antes que ir lá; porque sabia que indo, não havia de viver muitos dias. Disto, e de outras cousas deo elle conta a Nuno da Cunha, dizendo, que se vinha metter prezo em suas mãos, e affi a seus filhos, e fazenda. E que debaixo de seu amparo iria a Ormuz, e daria sua conta, a qual elle sempre disse que queria dar, e não queria que a dêsse outrem por elle; mas porque queriam mais tirar-lhe a vida, que tomar-lhe conta, havia deixado de ir a Ormuz; e que como Deos sabia sua innocencia, e não ser elle merecedor de morte, o provêta com Sua Senhoria vir por alli para o livrar de seus inimigos, e gratificar os serviços que tinha feitos a ElRey de Portugal. Nuno da Cunha por já estar informado da lealdade deste Xech Raxit, o consolou, e segurou de seus temores, promettendo-lhe de lhe guardar justiça, e fazer mercê em nome d'ElRey seu Senhor por os serviços que lhe fizera.

E porque lhe pareceo melhor não ir a Ormuz com tantas náos grossas, entregou-as a D. Fernando de Lima com mil homens que nellas podiam ficar, que mais serviriam alli onde estavam para favor daquella costa; e elle se foi caminho de Ormuz com todos

os

os Fidalgos, e Capitães, que não tinham cargo das náos que ficavam. Sua chegada foi mui festejada, e celebrada, porque entrou com mais pompa na Cidade do que até então entrára Governador, com sua guarda de alabardeiros diante, vestidos de sua libré, com trombetas, atabales, e charamelas, no que deo muito contento a ElRey, e á gente da Cidade. Os Fidalgos que levava hiam vestidos de varias sedas, e tão bem ornados de espadas, punhaes, cadeas, pontas, e arcos de ouro, que parecia que hiam mais para dar áquelles Persas, que para tomar delles, o que em tanta abundancia elles não tinham visto. E como em chegando succedeo caso, perque lhe foi necessario pôr em effeito algumas cousas mais preses do que elle levava em regimento, convem fazermos hum pequeno discurso das cousas que eram passadas em Ormuz depois do levantamento delle, e do estado em que estavam, para se melhor entender o que Nuno da Cunha fez.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO X.

Do que era passado com Xaraso Guazil de Ormuz, e como foi prezo per cartas d'ElRey D. João, que Manuel de Macedo levou deste Reyno: e do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz.

DEpois que Lopo Vaz de Sampaio deixou em Ormuz a Ruez Xaraso restituído no seu officio de Guazil, e amigo com Diogo de Mello Capitão daquella fortaleza, como atrás dissemos*, commetteo Xaraso taes cousas na administração do seu Guazilado, que por ellas mandou Lopo Vaz a Ormuz a Manuel de Macedo com Provisões para o prender, e dar o Guazilado a Ruez Hamed. Manuel de Macedo chegou a Ormuz, prendeo Xaraso, e o levou a Goa, onde o Governador o mandou metter na torre de homenagem, e depois lle deo a Cidade por prizão. Mas Xaraso usando de suas cautelosas manhas, se livrou de todas as culpas, e Lopo Vaz o tornou a mandar a Ormuz, confirmando-lhe de novo o cargo de Guazil em companhia de Christovão de Mendocça, que hia a servir de Capitão daquella Cidade na vagante de Diogo de Mello. Nesta viagem de maneira gran-
ge-

* Liv. 1. cap. 4.

geou Xaraso a amizade de Christovão de Mendouça, que chegando a Calayate, usando de seus poderes em favor de Xaraso, mandou hum recado a ElRey de Ormuz ordenado per Xaraso, de que resultou o mesmo dia que Christovão de Mendouça chegou ao porto de Ormuz, matar ElRey Ruez Hamed seu Guazil, que o servia em ausencia de Xaraso, sendo hum homem de quem se elle havia por bem servido por sua lealdade, e inteireza, e de quem todos os Portuguezes recebiam mui boas obras. A causa desta morte dizem que foi Xaraso; porque tal foi o recado que á sua instancia mandou Christovão de Mendouça a ElRey, que para elle viver, lhe foi forçado matar a Hamed. Porém ElRey calando esta causa, dava por razão da morte de Hamed descortezias que lhe dissera, e que o quizera matar quando ouvio dizer que Ruez Xaraso desembarcava, e que havia de servir de Guazil.

Sabendo ElRey D. João estas cousas que em Ormuz passavam, e outras que contra Christovão de Mendouça, e Xaraso se punham, encommendou a Nuno da Cunha, quando deste Reyno foi, que tirasse de todas devassa. E querendo-o elle fazer, havendo quatro dias que a Ormuz chegára, lhe deo hum homem huma carta de Ma-
nu-

nuel de Macedo, dizendo, que ficava em
 casa d'ElRey, e lhe manifestou de palavra
 o segredo que vinha na carta, que era ir
 prender ao paço d'ElRey a Ruez Xaraso,
 que lhe mandasse gente de soccorro para o
 fazer. Da nova, e vinda de Manuel de Ma-
 cedo ficou sobrefaltado Nuno da Cunha; e
 a grande pressa, por não acontecer alguma
 desordem, entrou na fortaleza, e mandou
 a Christovão de Mendoga Capitão della, que
 de sua parte fosse ás casas d'ElRey, e lhe
 chamasse Ruez Xaraso, e que em toda ma-
 neira não viesse sem elle; e havendo algum
 impedimento por parte d'ElRey, que se-
 cretamente lho avisasse, e para isso mandou
 com elle o Secretario Simão Ferreira, e al-
 guma gente. Xaraso sómente por palavra do
 Secretario se foi com elle, sem nenhum af-
 sombramento, ficando Christovão de Men-
 doça, e Manuel de Macedo fallando com
 ElRey. Esta novidade de Manuel de Ma-
 cedo vir prender Ruez Xaraso procedeo de
 elle o trazer prezo de Ormuz á India, co-
 mo atrás diffemos^a; e parece que naquella
 viagem veio Xaraso contando a Manuel de
 Macedo, e confessando culpas alheias, e
 não as suas. E quando Manuel de Macedo
 veio a Portugal o anno de 1528 com Pero
 Mascarenhas, porque elle se achára presen-
 te

^a Liv. 1. cap 7.

te ás differenças, que Pero Mascarenhas tivera com Lopo Vaz de Sampaio, chegando ás Ilhas Terceiras, foi eleito para vir a ElRey diante das náos com as novas de ellas alli serem chegadas, por ainda a Armada, que as havia de ir buscar, não fer lá, e para dar conta a ElRey do estado das cousas da India, porque tinha elle muitas qualidades para isso, e saber bem as cousas daquellas partes por haver andado muito tempo nellas. E além disso tinha huma soltura em as contar, segundo elle queria, e com ser bom cavalleiro, não tinha no que dizia primor de segredo, nem resguardo da honra alheia, de maneira, que por elle ficou ElRey cheio de cousas de Ormuz: e prometteo a Sua Alteza que lhe traria prezos a Ruez Xaraso, e d'elle poderia ter informação de todas as cousas que Capitães cubiçosos tinham feito, e lhe deo esperanças que per o mesmo Xaraso podia haver huma grande somma de dinheiro. Cheio destas informações, mandou ElRey a Manuel de Macedo em Setembro com grandes poderes, exempto do Governador da India, e do Capitão de Ormuz, a fazer aquella obra, não parecendo a ElRey que Nuno da Cunha neste tempo podia estar em Ormuz. Este favor, que Manuel de Macedo levou d'ElRey, como elle era homem solto, e des-

cu-

encoberto, e não muito attentado, indo muy encarregado de não revelar o segredo da sua jornada, primeiro que partisse publicou ao que hia; e chegado a Moçambique soube como Nuno da Cunha hia caminho de Ormuz. Dalli foi fazer sua aguada a Cocotará, e no cabo de Rosalgate, que he na costa de Arabia, deixou o navio escondido, e em huma terrada da terra se embarcou, e em hum dia, e huma noite chegou a Ormuz a 7 de Junho, e se metteo em casa de hum criado seu, e dahi sahio a outro dia pela Cidade, sem dar conta a Nuno da Cunha, e foi a casa d'ElRey fazer o que acima dissemos. E pôsto que a muitos pareceo que o Governador o devêra castigar, por commetter aquelle negocio sem lhe dar conta, deixou o castigo para ElRey lho dar em Portugal, e sómente lhe disse algumas palavras de reprehensão.

Entrando Racz Xaraso na fortaleza, foi mettido em huma torre^a, e entregue a Manuel de Macedo, e Nuno da Cunha foi visitar a ElRey com sua guarda de alabardeiros, e Fidalgos, todos vestidos de festa. ElRey tambem se poz de festa em huma sala grande alcatificada de riquissimas alcatifas, segundo o uso dos Reys Mouros da Persia,

a A prisão de Racz Xaraso escreve muy particularmente Francisco de Andrade no cap. 30. da 2. Parte.

sta, por esta ser a sua tapeçeria. Et tanto que Nuno da Cunha chegou á porta, elle se levantou de huma cadeira lavrada de madre perola, em que estava assentado, e o veio tomar á porta. Feitas suas cortezias, ambos mão por mão se foram assentar, ElRey em sua cadeira, e Nuno da Cunha em outra, que para elle estava posta junto d'ElRey. Por festa tinha ElRey huma cabaia de bea-tilha mui delgada, por terem ser esta mais nobre veste para os Reys, que se fosse de brocado, e cingido com hum cinto de ou-ro, e pedraria, e hum terçado da mesma sorte mui rico, e os dedos cheios de aneis com ricas pedras, na cabeça tinha hum carapução dos da divisa do Xiah Isinael com hum penacho de peunas dos passaros de Maluco, com muitas perolas; os pulsos dos braços, e dos pés, segundo seu uso, tinha cubertos de bracettes de ouro, e pedraria, e os pés descalços sobre hum co-xim de velludo de Méca. Depois que am-bos foram assentados, mandou Nuno da Cunha assentar em huns bancos, que para illo estavam ordenados, a Christovão de Mendouça Capitão da fortaleza, e a seu ir-mão Simão da Cunha por Capitão mór do mar, e assi outros Fidalgos principaes, se-gundo suas qualidades. Passadas as primei-ras palayras de se verem hum ao outro, Nu-

no da Cunha lhe deo as cartas, que levava d'ElRey D. João, porque lhe notificava Nuno da Cunha áquellas partes por Governador dellas. E alli lhe deo outras, que levava Manuel de Macedo, em que lhe fazia a saber, que por cumprir a seu serviço, e ao bem daquelle Reyno de Ormuz, elle mandava vir a Portugal Racz Xaraso seu Guazil. E que além de Nuno da Cunha, por bem de seu officio, ser a isso obrigado, elle particularmente lhe encomendava as cousas delle Rey de Ormuz, e que tratasse sua pessoa, e o contentasse em tudo como a seu filho, porque teria disso muito prazer; e que com esta confiança elle Mamud Xiah o podia requerer a Nuno da Cunha, porque elle o faria assi por seu contentamento, bem, paz, e assocego do Reyno.

C A P I T U L O X I.

Do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz, e como pezadamente accitou o que lhe deo, e o mandou entregar ao Feitor d'ElRey de Portugal.

L Idas estas cartas d'ElRey de Portugal pelo Secretario Simão Ferreira, e interpretadas per Francisco Munhoz lingua, Nuno da Cunha pelos termos dellas se começou offerecer a ElRey a tudo o que fosse

fe bem, e serviço seu, e lhe pediu não tivesse pejo de lhe dizer se tinha recebido desprazer, ou escandalo de alguma pessoa, porque elle proveria nisso como ElRey seu Senhor lhe mandava. E que quanto á vinda de Ruez Xaraso a Portugal o não devia ter por estranho, nem lhe desse suspeita alguma, que era em damno, e offensa d'elle Mamud Xiah, antes era por seu bem, e accrescentamento de seu Estado, e affocego daquelle Reyno, por ter ElRey seu Senhor informação quão inquieto, e tyrannizado estava. Com estas palavras de esforço, e consolação tambem lhe disse, como tinha sabido que elle matára a Ruez Hammed seu Gúazil, e Governador daquelle Reyno per authoridade d'ElRey de Portugal seu Senhor, a qual morte não sendo per via judicial, como costumam fazer os Principes, e Reys Christãos, se tem entre elles por cousa mui criminosa, a que são obrigados dar conta, não sómente a Deos, mas ao Mundo, e a algum Senhor, se o ha na terra sobre elles. E por aquella morte ser mui pública, e de que estava o Mundo esperando a punição della, elle como Governador da India, que provia em todos os bens, e males della, em pessoa d'ElRey seu Senhor, como Ministro de sua justiça, havia a elle Rey Mamud Xiah por condem-

na-

nado por matador daquelle Governador do Reyno de Ormuz, que era d'ElRey Dom João seu Senhor; que se elle tivesse algumas causas justas, e manifestas, que as mostrasse, porque diante daquelles Capitães, e Fidalgos que eram presentes, elle proveria nisso, como cumpria a bem da justiça, e serviço d'ElRey, polo que sem temor podia dizer o que quizesse. ElRey lhe respondeu, que quanto ás offertas que lhe fazia ter carta d'ElRey seu Senhor, elle as recebia como de seu Rey, e Senhor; e que quanto á morte de Ruez Hamed, elle o matára, porque o quizera matar a elle, e pois tivera tão justa causa, não se lhe devia estranhar defender sua vida com morte de quem lha queria tirar, e mais sendo seu vassallo, e official, cujo officio era olhar por sua pessoa, e não procurar sua morte, e per suas mãos. Nuno da Cunha por o não afrontar muito, lhe disse, que elle tinha sabido, que ao tempo que Ruez Hamed fora morto, não tinha outra arma mais que humma faca, que costuma todo homem trazer para cortar o Betel^a, e que elle Rey

^a O Betelo, a que os Maldivares chamam Betre, os Guzarates, e Decanys Pam, os Malaios Ciri, e os Arabios Tambul, he humma arvore, que arrimada a outras, trepa por ellas como a Era, cujas folhas são mais compridas, e mais estreitas na ponta que as da Lavangeira. He a çumo destas folhas aromatico, cordial, confortativo

estava armado, e apercebido, como cousa que fora cuidada, e não accidental. E que por quanto as mortes dos homens são para se sobre ellas fazer todo exame, ElRey não houvesse por mal proceder nisso com devassas, e testemunhas segundo as leis d'ElRey seu Senhor. Nuno da Cunha, posto que ElRey dizia que elle fora author desta morte, e que a não fizera constangido per outrem, senão per sua propria vontade, hem entendeo nelle, posto que Xaraso estava prezo, que temia dizer quem o movêra a isso.

Mudada a prática em outras cousas, querendo-se Nuno da Cunha despedir, mandou ElRey trazer hum cinto de ouro, e pedraria, e hum terçado, e adaga da mesma sorte, e algumas peças de brocado, e pannos ricos de seda, e os deo a Nuno da Cunha, pedindo-lhe que tomasse aquella pouquidade por seu amor, por não perder o costume dos Reys daquellas partes. E porque Nuno da Cunha se escusava com boas

Tam. IV. P. I.

X

pa-

do estomago, resolutivo das ventosidades, restaurativo dos doentes, que se bolem, e faz bom anhelito. Usam das folhas do Betele todas as gentes Orientaes, com Areca, (que he hum fruto semelhante á Noz moscada,) e pouca quantidade de cal feita de cascas de Ojros, e os ricos lhe misturam Camfora de Berneo, e alguns Calambac, e Amiscar, ou Ambar. Garcia d'Orta no livro dos simples, e drogas da India,

palavras, elle se houve por injuriado disso, com que lhe conveio aceitar as peças; e a todos os Fidalgos deo ElRey as suas, segundo as qualidades das pessoas. Com isto se despediram d'elle, e á porta achou Nuno da Cunha hum formoso cavallo sellado, e enfreado, ornado ao uso dos Persas, que lhe tambem ElRey mandou apresentar, o qual cavallo, e assi todas as outras peças, elle mandou entregar na Feitoria, e carregar em receita sobre o Feitor, segundo o seu regimento, que era não tomar para si os presentes que lhe dessem.

C A P I T U L O XII.

Como Nuno da Cunha entendeu na devassa contra Ruez Xaraso: e do que fez sobre sua vinda a Portugal, e condemnou a ElRey de Ormuz por a morte de Ruez Hamed.

FEita aquella primeira visitação a ElRey, começou Nuno da Cunha entender nas couças do governo da terra. E porque Ruez Xaraso se havia de vir para este Reyno, quiz logo entender na devassa que ElRey mandava tirar para a mandar per Manuel de Macedo, como mandou. E como com esta devassa tambem tirou a da morte de Ruez Hamed, em que achou ElRey o ma-

o matar sem causa justa, sómente induzido, e por comprazer a outros que isso ordenáram, em modo de sentença o condemnou em pena de dinheiro té a mercê d'ElRey de Portugal. A pena foi accrescentar-lhe que pagasse mais em cada hum anno de pareas quarenta mil xerafijs, além dos sessenta que pagava, e a taxação deste accrescentamento hia de cá do Reyno por as informações que ElRey tinha de quanto aquelle Reyno rendia, e que tudo o que sobejava das despesas ordinarias, que ElRey tinha, lhe roubavam seus Guazijs. Mas Nuno da Cunha, como prudente, por menos escandalo, quiz dar a entender que o fazia per via de pena daquelle excessso que ElRey fizera. E isto té que ElRey seu Senhor proveesse nisso, visto como a pena daquelle crime de morte per outra via se não podia executar na pessoa d'ElRey de Ormuz: o que elle soffeo por mais não poder, e conhecendo que o excessso mercecia muito castigo. O que dos Mouros foi mui louvado, vendo que entre Portuguezes havia tanta justiça, que nem os Reys ficavam sem pena dos crimes que commettiam contra seus vassallos. Além disto começou de entender nos aggravos, que eram feitos a Diogo de Mello de algumas sentenças em que o condemnáram mal, sendo accusado per Xaraso, o qual tanto que

vio Diogo de Mello fóra do cargo de Capitão, entre outras cousas justas, demandava outras injustas, com que lhe tinham tomado muita fazenda. Quando os Mouros viram que Nuno da Cunha administrava justiça, sem respeito de pessoas, e que logo dava á execução os damnos, e perdas que algum tinha recebido, ousadamente começou cada hum requerer contra aquelles de que tinham recebido agravos. Com que Ormuz ficou tão acreditado, que per mar, e per terra corriam as mercadorias mais seguramente, e os moradores houveram que podiam estar seguros de muitos roubos, e offensas que nos annos atrás recebiam, o que se vio logo no rendimento das alfândegas, e outros direitos da terra.

ElRey de Ormuz quando vio tanta inteireza, e prudencia de Nuno da Cunha, assi na administração da justiça, como no governo da terra, e que nelle não havia cubiça, tomou ousadia de lhe requerer que lhe fizesse justiça de Ruez Xaraso, porque rendendo seu Reyno mais de trezentos mil xerajis, tirados os sessenta mil que pagava de pareas, e que ás vezes se ficavam devendo de hum anno para outro, tudo confumia em peitar a quem lhe soffria seus roubos, que o obrigasse a dar razão dos rendimentos do seu Reyno. Ao que Nuno da Cu-

Cunha respondeo, que esta era huma das principaes causas, por que ElRey seu Senhor o mandava ir a Portugal, onde Sua Alteza lhe mandaria dar o castigo que merecesse; e que por Manuel de Macedo podia mandar as queixas que delle tinha, porque elle Nuno da Cunha não havia de entender em mais que em tirar devassa das cousas daquella Cidade, e que pertenciam aos Capitães, e Officiaes d'ElRey seu Senhor, e castigar aquelles que o merecessem. E quanto ás que pertenciam a elle Rey Mahmud Xiah, que tambem as podia requerer contra elle, porque entenderia nellas, sómente as de Xaraso remettia a ElRey seu Senhor.

E porque Nuno da Cunha, (como atrás dissemos,) mandou ao Guazil de Mascate Xech Raxit, que se viesse logo trás elle para o negocio da sua conta, de que se ElRey queixava delle, e era chegado a Ormuz, deo Nuno da Cunha conta a ElRey como fizera vir aquelle homem, o qual estava alli para dar razão de si, que mandasse ajuntar os officiaes que lhe haviam de tomar conta, para logo o fazer pagar, se devesse. ElRey mandou ao seu Thesoureiro Coge Abraham que estivesse á conta com elle; e vindo cada hum com seus papeis, sendo presente o Secretario Simão Ferreira,

como testemunha , e arbitro das dúvidas , quando as houvesse , achou-se que Xech Raxit tinha entregue tudo quanto recebêra das rendas d'ElRey , sem ficar devendo cousa alguma , e houve sua quitação assinada por ElRey nas costas de hum auto , que Nuno da Cunha desta conta mandou fazer. Vendo ElRey que Nuno da Cunha dava logo á execução o que justamente lhe requeria , lhe fez queixumes do mesmo Coge Abraham , dizendo , que fora Thesoureiro de dous Reys passados , e tivera toda a fazenda , e joias d'ElRey Torum Xiah que matáram , de que não appareceo mais que hum terçado , e huma cinta , e hums barcelletes , e huma adaga , sendo este Rey rico de dinheiro , e joias , por ser muito adquiridor , e conservador do que lhe cahia na mão , e que nunca em tempo deste Rey dera conta. Antes que Abraham fizesse alguma cousa de si , Nuno da Cunha o mandou prender , sómente por saber , que sendo filho de hum homem muito pobre , e de parentes pobres , e baxos , depois que entrou na Alfandega por Escrivão , e servio de Thesoureiro , tinha adquirido muita fazenda , e feitas humas casas as mais sumptuosas , e nobres da Cidade. Coge Abraham como se vio prezo , começou de se contratar com ElRey , dizendo , que lhe requeria dar vinte

te mil xerafjs; mas como Nuno da Cunha estava informado da grossura deste Mouro, não consentio nisso, té que deo a ElRey quarenta mil, com que ElRey pagou dividas que devia, e assi as pareas, e elle ficou sem officio.

Tambem lhe pedio ElRey, que lhe mandasse entregar a renda da casa das Oracas, que poderia render dous, ou tres mil xerafjs, a qual elle tinha dada contra sua vontade ao Capitão da fortaleza, por estar já tanto em costume darem os Reys esta renda aos Capitães polos contentar, que faziam elles disto huma obrigação ordinaria, a qual renda, depois que Nuno da Cunha se foi para a India, ElRey tornou a dar ao Capitão mais por temor que por vontade. Pedio-lhe mais ElRey, que lhe tirasse o Guarda mór que lhe punham Portuguez, porque recebia nisso grandes oppressões, e estava como cativo, de maneira, que não tinha vida, nem podia dar hum passo, que logo não fosse molestado, ou havia de comprar a liberdade por muito, porque nunca cessavam ostaes officiaes de tirar d'elle. Este officio levava de Portugal Manuel d'Alboquerque, filho de Lopo d'Alboquerque, homem que no que depois fez, (como no decurso desta historia se verá,) mostrou que por sua cavalleria, e pessoa era para maiores

cou-

cousas que para Guarda mór d'ElRey de Ormuz. E como era homem virtuoso, e bem costumado, e que sabia ElRey era mancebo vicioso, e que entrando elle naquelle cargo, para ter vida lhe cumpria consentir usar elle de seus vicios, disse a Nuno da Cunha, que elle não queria tal officio; pelo que havendo Nuno da Cunha respeito a muitas cousas, por então lhe pareceo escusado aquelle officio, e o satisfez a Manuel d'Albuquerque.

Requereo mais ElRey a Nuno da Cunha, que lhe mandasse entregar a Ilha de Baharem, na qual estava havia já seis, ou sete annos hum Ruez Barbadim, sobrinho de Ruez Xaraso, da qual Ilha o mesmo Xaraso lhe tinha dado o Guazilado, e ambos a comiam, sem della haver rendimento, antes todos os annos lhe contavam muitas despezas de mantimento, de arroz, que hia de Ormuz para manter a gente que lá estava, sendo certo que rendia cada anno quinze mil xerafjs, assi por razão da pescaria do aljofar que se nella fazia, como da grande novidade que nella havia de tamaras, de que havia carregação para muitas partes ^a. E como isto era cousa de Ruez Xaraso, apertava ElRey muito a Nuno da Cu-

^a Esta Ilha de Baharem descreve João de Barros na 3. Dec. liv. 6. cap. 4.

Cunha que lha mandasse entregar, o que para Manuel de Macedo era grande enfadamento, porque tinha promettido a ElRey D. João, que elle ordenaria com que Xaraso viesse de Ormuz com muita riqueza: polo que mandando Nuno da Cunha, quando prendeo Ruez Xaraso, escrever-lhe a fazenda toda, Manuel de Macedo clamou, que o não escandalizasse, porque cumpria levalllo mimoso; e ao mesmo Xaraso fazia crer, que levando bem que peitar, tudo acabaria, de que já tinha experiencia. E aconselhava a ElRey de Ormuz, que mandasse o seu terçado a ElRey de Portugal, porque por elle lhe quitaria ElRey os quarenta mil xerafijs, que Nuno da Cunha difsimulou per honesto modo, por não infamar a nação Portugueza mais do que estava infamada em Ormuz pelas cousas passadas. Mas Xaraso era tão sabedor, que deo pouco pelos conselhos que lhe dava Manuel de Macedo, e levou o que tinha, que era já bem pouco por as crestas que lhe davam a miude; e a maior substancia de sua fazenda era hum pouco de patrimonio de palmares, e terras em Baharem, que lhe grangeava seu sobrinho Ruez Barbadim, que podiam render oito, ou dez mil xerafijs, e humas casas honradas em Ormuz, e tão pou-

pouco movel, como devia ter hum homem que se vigiava, parecendo a Manuel de Macedo que trazia elle muitas cousas para este Reyno. Polo que Nuno da Cunha por alguns inconvenientes, mandou a Manuel de Macedo sahir de Ormuz, e que viesse esperar a Ruez Xaraso a Mascate.

Alli se embarcaram ambos para este Reyno; e porque ao tempo da partida se descubríram no navio algumas aguas, que se abríram com a carga das drogas que lhe mettêram, e aos officiaes pareceo que não podia chegar a Portugal, mandou o Governador que fosse Manuel de Macedo á India, e lá tomasse qualquer embarcação que quizesse; pelo que chegado a Cochij, Affonso Mexia lhe deo outro navio, em que Manuel de Macedo trouxe a Xaraso a este Reyno, onde elle esteve alguns annos, sem sua vinda trazer mais fruto que descubrir culpas alheias, as quaes Nuno da Cunha per devassa que em Ormuz tirou per apontamentos que o mesmo Manuel de Macedo levava, mandou mais na verdade, do que Ruez Xaraso podia dizer, por serem testemunhadas per os principaes Mires, e pessoas notaveis que ElRey de Ormuz teve. E no fim destes annos tornou Xaraso á India, como da India a Ormuz, quando a outra vez foi prezo, e servio seu officio, sal-

salvando-se per as leis da India, como todos os culpados se salvam quando fazem o que elle fazia ; porque a natureza dos homens , posto que mudem o clima , não mudam a inclinação , principalmente em casos de proveito.

C A P I T U L O XIII.

Como Belchior de Sousa Tavares foi a Basçorá: e do sitio daquella Cidade, e da Ilha de Gizaira.

E Stando Nuno da Cunha fazendo o que dissemos em Ormuz , chegou de Basçorá Belchior de Sousa Tavares , que o Capitão Christovão de Mendoza tinha lá mandado com dous bargantijs , e quarenta homens de peleja a requerimento de Ale Momez Rey daquella Cidade , para o ajudar a defender d'ElRey de Gizaira seu vizinho , que lhe fazia guerra. E porque Belchior de Sousa foi o primeiro Capitão , que com mão armada entrou pelos dous rios Tigris , e Eufrates , onde não entrou o poder dos Gregos , e Romanos com seus exercitos , quando contendiam com os Reys de Babylonia , e de Persia , não he fóra do intento da nossa historia escrevermos da jornada de Belchior de Sousa , em que assentou paz entre estes dous Reys , e depois fez guer-

guerra ao de Basçorá, por não cumprir com elle o que lhe prometteo. Tão temido era o nome Portuguez naquellas partes, que hum Capitão de dous bargantijs, com quarenta homens, fez o que adiante veremos; e não na costa de Guiné entre Negros barbaros, mas na mais celebrada terra, de que as Escrituras fazem menção, que he nas correntes dos dous illustres rios Eufrates, e Tigris, onde elles dam de beber aos povos Babylonios, e Chaldeos, e onde hoje os Mouros tem sua célebre Cidade de Bagdad, e as sepulturas de Alí^a, e de alguns filhos seus, que são a cabeça de sua seita. E para mais clareza do que hemos de dizer, será necessario tratar primeiro da situação de Basçorá.

Distá esta Cidade quasi trinta leguas da barra dos rios Eufrates, e Tigris, quando ambos juntos se mettem no mar Parseo, não ao longo da corrente delles, mas afastada huma legua no fim de hum estreito feito á mão,

a Alí foi filho de Abiltaiéph, com cujo conselho, e ajuda promulgou Mafumade a sua maldita seita, e o casou com sua filha Fatima, e nomeou por successor no Reyno, e Caliphado, a qual dignidade usurpou como mais poderoso Abubecher outro Consielheiro, e companheiro de Mafumade. Foi Alí quinto Calipha, e author de outra nova seita, que professam os Persas. Teve por contrario a Moavia, com o qual pelejou com varia fortuna. E ultimamente per ordem de Moavia foi morto perto de Cusá Cidade de Arabia, entrando em huma Mesquita no anno de 660.

mão, que para serviço da mesma Cidade se abriu, em que podem entrar navios de reino°. Esta povoação, segundo se diz, se fundou ha poucos annos, e ora a tem os Turcos mui forte com temor de nossas Armadas. Ptolomeu nas suas Taboas de Asia situa naquella parte de Babylonia ao longo das ribeiras daquelles dous rios duas povoações, a huma chama Thalatha, e á outra Batracharta^b. Seja qualquer que for; o que podemos afirmar he, que esta, que está em pé, nestes tempos proximos a nós se fundou; e junto della, mettida mais no fertão espaço de oito leguas, está huma Cidade despovoada, cujo circuito tem andadura de mais de hum dia; e hum Turco natural do Cairo, que se tomou, quando D. Fernando de Noronha houve vitoria do Capitão dos Turcos, que eram lançados em Basçorá, o qual hoje he meu cativo, e homem prudente, e de grande juizo, e meioria, me contou, que o seu Capitão se puzera a cavallo hum dia, e elle em sua companhia, e foram ver esta antiguidade,

CO-

^a Tem per tradição os vizinhos de Basçorá, que lhes foi alli pregar a Fé, e converteo muitos o Evangelista S. João. O P. João de Lucena na vida do P. Brancisco Xavier, liv. 1. cap. 13.

^b Ptolomeu no liv. 5. da sua Geografia cap. 20. põe Thalatha em 32. grãos, e 10. min. de altura; e Batracharta em 32. grãos, e 40. min. e Basçorá está em 31. grãos.

como em romeria, por estar alli huma mesquita sumptuosa de Alí; e para verem a grandeza da Cidade se subíram em huma torre, e que não podiam sahir com a vista fóra das casas; e jurava por sua lei, que lhe parecêra duas vezes maior que o Cairo, a qual dizia que era toda despovoada, sem haver nella mais que hum Mouro na mesquita com tres filhos, e tres filhas, que tinha cargo de duas alampadas que ardiam nella, sem naquella grande povoação, que não era cercada, haver outro morador. As casas todas eram terreas, de pedra, e cal, as pedras mui grandes, todas engatadas com ferro, e cobre, o que diziam ser por o tremor da terra, que naquella parte muitas vezes havia; e os telhados (por alli chover raramente) eram eirados ladrilhados, e muitas das casas ricamente fabricadas, e ladrilhadas com azulejos; e que contava aquelle Mouro que alli estava, que áquella Cidade chamavam Basçorá a velha. Da grandeza desta Cidade andam pela terra contos incriveis. Hum Geografo Parseo escreve, que esta Basçorá a velha foi fundada em tempo de Alí, tio, e genro de Mafamede, per hum Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; e que no tempo de Bibal filho de Abibardaá havia nella cento e vinte mil esteiros, que se derivavam dos rios Eufrates, e Ti-

e Tigris, por virem ambos alli concorrer. E que sendo tamanha se despovoára, porque a terra era muito salgada, e não tinha agua que beber, e lhe vinha de mui longe, e os poços que tinha eram mui salobros; e por a terra ser mui calmosa no tempo do verão, que não se podia soffrer o fervor do Sol, e no inverno o rigor do frio, por os ventos que vinham per aquellas campinas que matavam a gente, e por carecerem de lenha com que se aquecer. E que antigamente, quando aquella Cidade prosperava, traziam a agua per vallas do rio Eufrates, as quaes depois se tapáram com as cheias, e aguas do mar no tempo das marés, perque aquelle sitio se veio todo salgar, e assi se despovoou; e que os moradores daquella Cidade se passáram huns a Bagadad, e outros a Basçorá a nova. E porque Ptolomeu afastado do rio Eufrates quasi naquella distancia situa huma Cidade per nome Berthana^a, já póde ser que fosse esta, que sendo-o, sería reedificada, e povoada por Atabad.

A Ilha de Gizaira fazem os dous famosos rios Eufrates, e Tigris. Nasceo o Eufrates na Turcomania, e o Tigris em
Adil-

^a Em altura de 32. grdos, e 52. min. no liv. 5. cap. 20. e na Taboa 4. de Asia.

Adilbegiam^a; e fazendo ambos aquelle grão cerco, a que os Geografos chamam Mesopotamia, que quer dizer, terra entre dous rios, quando o Eufrates vem dar na Provincia, a que Ptolomeu chama Babilonia, lan-

a O rio Eufrates nasce naquella parte da Armenia maior, que se chama Turcomania, do monte Parjades, do qual tem tambem seu nascimento o rio Araxes. Este corre a Levante, e entra no mar Caspio, e o Eufrates faz seu curso per hum espaço a Ponente, donde volta a Meiodia, atravessando o nomeado monte Taurus para se ajuntar com o Tigris. Antes de passar aquelle celebre monte, se chamava antigamente Pyxirato, e depois de passado, Omira, como escreve Plinio no cap. 24. do liv. 5. E no cap. 26. do liv. 6. diz, que os Assyrios lhe chamavam Armalchar, ou mais propriamente Nuarmalcha, como lhe chama Auc. Marcellino, que significa rio Real, que he o mesmo que Basilio, nome, que pela mesma causa he ill Ptolomeu na 4. Taboa da Asia. e por ella consta ser hum braço do mesmo Eufrates, que rega a Provincia, e Cidade de Babilonia, pela qual passa. O nome Hebreo, que tem na Sagrada Escritura, he Pharath, que quer dizer Fortificativo; e Josefo no cap. 2. do liv. 1. das Antiquidades lhe chama Phora, e hoje os Armenios Frat, e os Turcos Murat. O rio Tigris nasce em humia Provincia da Armenia maior, que Ptolomeu chama Gordene, e hoje Curdi; o seu nome antigo foi Saitax, como affirma Plutarco e Meaco no tratado dos Rios. No seu nascimento, onde corre vagarosamente, se chamou Diglito, como escreve Plinio no cap. 27. do liv. 6. E quando se apressa, e correm com impeto suas aguas, por razão delle lhe puzeram os Hebréos o nome de Tigris, que entre elles quer dizer Setta; e por a mesma causa, e significação tem na Sagrada Escritura o nome de Hile Kel, que he Siriacco. Digluta lhe chama Josefo, e os nomes modernos são varios, segundo as Provincias per que passa, porque lhe chamam Hilecel, Derghel, Sir, e Set.

lança-se do Sul para o Norte , e faz hum agudo cotovello defronte da Cidade Bagdad , per que passa o Tigris ; e entre hum , e outro rio não fica mais espaço que sete leguas , as quaes nas grandes crescentes delles todas se cobrem de agua. Deste cotovello volta Eufrates ao Sul , e rompendo com grande impeto , se parte em dous braços , hum se vai metter no Tigris , e o outro correndo com o mesmo curso , alaga toda a terra de Basçorá té se juntar com as outras aguas suas , e do Tigris em Corna , que he humia fortaleza , que os Turcos fizeram no canto da terra deste ajuntamento. Daqui vao ambos os rios em hum corpo té entrar no mar Parseo per duas bocas que fazem humia Ilha , a que os Parseos chamam Murzique , e Ptolomeu , e Plinio situam nella o lugar Teredonⁿ. Nesta Ilha vivem alguns pescadores , por ser toda cuberta de canaveaes , e tão baixa , que estam quasi sobre a barra deste rio quando vem do mar , e não a vem , nem se toma senão per Pilotos , que estam alli perto em outra Ilha chamada Cargue ; e porque o Eufra-

Tom. IV. P. I. Y tes ,

ⁿ Este lugar querem Mercator , e Ortelio que seja Basçorá , em que se enganam , porque Teredon situa Ptolomeu no meio da Ilha , e Basçorá não está nella , senão trinta leguas das bocas do rio , e fica á mão direita da sua corrente , e não á esquerda , como estes Authores a põe em suas Taboas Geograficas.

tes, depois que a primeira vez se junta com o Tigris, ambos retalham toda aquella terra. A que he allí cercada, e cortada dos rios, chamam os Persas Gizera, e os Arabes Leziras, vocabulo que entre muitos outros nos ficou delles do tempo que senho- reáram Hespanha. E a principal, e maior dellas, a que os naturaes chamam Vacet, e nós Ilha de Gizaira, que he vizinha de Bascorá, e a ultima que estes rios fazem, onde está a fortaleza de Corna, terá de circuito mais de quarenta leguas, e toda cheia de castellos, pola maior parte de madeira, em que cada hum vive sobre si, e de dentro de suas aberturas tem sua fazenda, onde ninguem lha vai devassar. Estas povoações, que todas estam pela terra dentro afastadas de agua, mais são para se defenderem huns dos outros, que dos estrangeiros, por elles serem tão bellicosos, que em suas contendas tem que fazer toda a vida. O Rey he pouco obedecido, e por isso quem mais pôde tem mais justiça no que quer, e não ha outra entre elles. He gente bem disposta, e ligeira, não tem uso de cavallos, sómente El Rey os tem para sua pessoa; polo que suas guerras são sempre a pé, suas armas principaes são fréchas, e allí havia naquella Ilha Gizaira quarenta mil frécheiros. Antigamente obedeciam todos ao Senhor de Ba-

Bagadad; mas depois que o Turco começou a contender com o Xiali Ifinael, hum Mouro poderoso que alli presidia, naquellas differenças se intitidou por Rey, sobre o qual o Xiali Tamas quizera vir; e sabendo que toda a Ilha era retalhada de esteiros, e que cada vez que queriam seus moradores, alagavam toda a terra, o deixou de fazer. Este Mouro, que se levantou por Rey, que era Pai do que neste tempo vivia, e contendia com o Senhor de Basçorá, tinha posto de sua mão a este Ale Mogemez naquelle lugar, como Feitor seu, para lhe recadar os direitos das cousas que per alli passavam; e elle em quanto aquelle Senhor de Gizaira contendia com o Senhor de Bagadad, fez-se forte; e como era Arabio da seita de Mahamed, e inimigo dos da opinião de Alí, que são aquelles de Gizaira, levantando-lhe de todo a obediencia, se intitidou Rey, como este de Gizaira fez ao Senhor de Bagadad. E com tudo por obediencia pagava este Ale Mogemez ao Rey de Gizaira passado certas pareas em final de subjeição, e vassallagem. E a causa por que o de Gizaira lhe fazia agora guerra, era, que havendo annos que Alc Mogemez não queria pagar este tributo, além desta rebellião, lhe mandou matar hum filho, andando á caça na terra

Y ù

firme da parte da Arabia , onde elle tinha tomado dous lugares a Ale Mogomez : por lo que por medo d'ElRey de Gizaira mandou Ale Mogomez pedir ajuda a Christovão de Mendouça. E porque os Capitães de Ormuz tem muita necessidade da amizade do Senhor de Basçorá , e nella tem sempre hum Feitor , que lhes administra sua fazenda , e ordinariamente cada anno vam dalli setecentos , e oitocentos cavallos a Ormuz , e dahi para a India , que dam muito rendimento a ElRey de Portugal nos direitos que pagam , favorecem muito as cousas daquelle Mouro.

C A P I T U L O X I V .

Como Belchior de Sousa foi recebido d'El-Rey de Basçorá , e foi com elle contra ElRey de Gizaira.

AO tempo que Belchior de Sousa chegou a Basçorá , andava ElRey no campo á caça , e em dous dias que elle tardou , deixou-se estar Belchior de Sousa na bargantim meia legua da Cidade , sendo visitado do seu Governador com muito refresco , e frutas de nossa Europa. Vindo ElRey , mandou ao seu Governador , e aos principaes de sua casa , que fossem acompanyar a Belchior de Sousa , e elle foi com par-

parte de sua gente a mais luzida, sem armas, só dous homens levou armados com espadas de ambas as mãos para dar mostra a El Rey, o qual por lhe fazer honra o estava esperando em hum terreiro grande ante suas casas, que sería de quarenta braças em quadra, com as costas em huma parede, assentado em hum coxim de seda sobre huma alcatifa de ouro, e junto com elle estava outra de lá para Belchior de Sousa. De longo das paredes do pateo era tudo esteirado, em que estavam assentados em cócaras mais de dous mil homens. No meio do terreiro andava hum Estribeiro d'El Rey em cima de hum formoso cavallo, passeando; e dez, ou doze homens a pé traziam outros tantos cavallos pela redea, por esta ser a maior honra com que elles recebem os Embaixadores, dando-lhes mostra dos cavallos de suas peçoas. Além destes andavam outros homens a huma parte do terreiro esgrimindo com lanças de canna, e cofos por estado; e tudo isto era ao som de humas doçainas ao seu modo, que aos nossos parecêram bem. Junto d'El Rey estavam sete, ou oito musicos, cantando per livros com vozes acordadas per arte; que foi aos nossos cousa nova; porque os Arabes da nossa Barberia não usam della, o que parece estes de Basçorá aprendêram dos Persas. El-

Rey

Rey assentado naquella almofada ; com suas pernas cruzadas , tinha vestida huma canifa de linho tinta de azul , e sobre ella huma algerevia de lã , e na cabeça huma grande , e não mui delgada touca , sem mais outro arreo , mostrando-se mui Arabe no trajo , de que se elles muito prézam. Entrando Belchior de Sousa acompanhado do Guazil , foi té onde ElRey estava , o qual sahio fóra da alcatifa , e o levou pela mão a assentar na que estava posta para elle. Passada a primeira prática de seus cumprimentos , mandou ElRey chegar para si os dous homens , que Belchior de Sousa levava armados , e apalpou todas as armas , e chamando a hum seu arceiro , lhe perguntou se lhe faria outras daquella maneira , porque lhe pareciam bem , e pediu a Belchior de Sousa que os mandasse jogar das espadas , o que elles fizeram mui bem , e ElRey folgou muito de os ver.

Despedido Belchior de Sousa d'ElRey para ir a repousar , ao outro dia o mandou vir per o proprio Guazil , e lhe deo conta de seus trabalhos , e guerra , que havia dez annos que lhe ElRey de Gizaira fazia ; e que quanto á morte de seu filho , de que se elle mais sentia , jurava em verdade que elle lho não mandára matar , e que a morte fora per desastre , e não per outra via :

que verdade era que elle mandára aquelle seu Capitão, que trabalhasse de o cativar, para sobre seu resgate fazer alguma paz. Belchior de Sousa como trazia instrucção do que havia de requerer a ElRey de Bascorá, depois de o consolar em seus trabalhos, e dizer que para lhe valer nelles, o mandára o Capitão de Ormuz, começou de o culpar em ter consigo Turcos inimigos dos Portuguezes, e os recolher, sabendo que nos offendia, e tinha fustas, que hiam ao mar de Persia fazer algumas prezas em os navios que levavam mantimentos, e mercadorias a Ormuz. Ultimamente desta prática, e de outras cousas que lhe Belchior de Sousa propoz sobre amizades, e boa vizinhança, que comnosco lhe cumpria ter em Ormuz, de que tanto bem, e proveito recebia, elle Ale Mogomez prometteo, que em satisfação daquella ajuda, que lhe vinha dar, lhe entregaria as fustas que tinha, que seriam sete, pois dizia descontentar-se o Capitão de Ormuz de as elle ter. E que na sua terra não consentiria Rumes, que os que ao presente alli estavam, passada aquella necessidade, os despediria. Mas que o que d'elle Belchior de Sousa sómente queria, era fazer com ElRey de Gizaира fosse seu amigo, ou o ajudasse a cobrar duas fortalezas, que lhe tinha tomadas

na

na terra da Arabia ao longo do rio Eufra-
tes.

Concertado que fossem contra ElRey de Gizaira, se fez prestes o de Basçorá em espaço de quinze dias, e partio com duzentas dalaças, que são humas barcas grandes ladas, e rasas, em que levou cinco mil homens de pé, seiscentos delles espingardeiros, e as sete fustas mui bem artilhadas, de que a menor levava sete bombardas, e nelas hiam cincoenta Rumes vestidos todos de vermelho, e outros tantos homens da terra, dos mais principaes, nas quaes hia ElRey. Per terra ao longo do rio mandou hum sobrinho seu com té tres mil homens encavalgados em eguas, (porque os cavallo vendem elles para Ormuz,) dos quaes os quatrocentos eram acubertados ao modo da Persia, armados com saias de malha, todos mui bem concertados, segundo seu uso. E porque ao longo do rio ventou Noroeste, que sempre alli cursa, se detiveram no caminho tres dias em chegar ao lugar aonde hiam, sendo poucas as leguas. Assentando ElRey seu arraial na terra firme da banda da Arabia, defronte donde ElRey de Gizaira tinha assentado o seu, em que dizem que havia doze mil homens os mais delles frêcheiros, estiveram espaço de nove dias em silencio, sem travarem escaramuça huns com os outros.

Bel-

Belchior de Sousa vendo esta dilação, e que nestes dias se não fizera mais que ir dar mostra a ElRey de Gizaira, e esbombardear pelos ares, apertou com ElRey Ale Mogeniez, que não deixasse passar mais tempo, porque se perdia conjunção; ao que elle respondeo, que se não agastasse, e o deixasse fazer, porque elle sabia como as cousas daquella terra queriam ser tratadas; té que hum dia veio á fusta de Belchior de Sousa, e disse-lhe, que era necessario escrever elle Belchior de Sousa a ElRey de Gizaira, e que elle daria a fórma da carta para o negocio vir a bom effeito. A carta se escreveu em lingua Arabiga, e se mandou a ElRey de Gizaira, cuja substancia era, que Belchior de Sousa viera alli por mandado do Capitão de Ormuz, por saber que elle, e ElRey de Basçorá andavam em guerra sobre as differenças que tinham. E por ambos serem vizinhos de Ormuz, elle queria usar officio de bom vizinho, e assi mandava a elle Belchior de Sousa para esmetter em paz, e amizade, e que aquelle que a recusasse o tivesse por inimigo, e lhe fizesse o mal, e damno que pudesse, e a todos seus naturaes; e que para esta paz se effectuar, trouxera logo consigo a ElRey de Basçorá, o qual era contente de estar por o que elle Belchior de Sousa nisso fiz-

zesse, tendo informação do caso. Mandada esta carta per hum Mouro mercador, veio logo a resposta della, em que dizia ElRey de Gizaira, que pois elle era o offendido, que razão fora de ir primeiro fallar com elle, que com Ale Mogemez, que o poderia informar como convinha a seu proposito. Porém por elle ser o primeiro Portuguez que fora áquelle seu Reyno, e tal pessoa, e tambem por ser aquelle o primeiro requerimento do Capitão de Ormuz, com quem desejava ter amizade, elle era contente de fazer paz com Ale Mogemez, e que para isso mandaria logo dous criados seus para a assentarem, e que tudo o que fizessem elle o assinará.

C A P I T U L O X V .

Como Belchior de Sousa assentou pazes entre os Reys de Basçorá, e de Gizaira: e como do de Basçorá veio desavindo por lhe saltar da promessa que lhe fez.

NO fim de quatro, ou cinco dias, que os procuradores d'ElRey de Gizaira estiveram com ElRey de Basçorá, assentaram com elle pazes, com estas condições: Que ElRey de Gizaira entregasse ao de Basçorá as duas fortalezas, que lhe tinha to-
ma-

mandas na terra firme, e por ellas lhe daria logo o de Basçorá cinco mil cruzados, e cincoenta covados de velludo preto, e doze cavallos, e que cada anno lhe pagasse o tributo que lhe soia pagar. E porque Belchior de Sousa, quando soube do concerto da paz, disse a ElRey de Basçorá, que elle não viera alli para fazer pazes per tanto preço, senão francamente, e com honra sua, e se mostrava disso descontente; ElRey de Basçorá se agastava, como quem desejava ver-se seguro no Reyno que usurpára, e pedia a Belchior de Sousa com grande encarecimento se contentasse, porque o partido lhe vinha muito bem, e nunca cuidára que ElRey de Gizaira viesse a concerto com elle. E porque sabia que ElRey de Gizaira aguardava que elle Belchior de Sousa lhe mandasse os agradecimentos do que fizera, lhe pedia lhe desse hum Portuguez para ir com os seus, que havia de mandar a assinar o que tinham assentado: pelo que Belchior de Sousa mandou a hum Gaspar do Casal com o sobrinho d'ElRey de Basçorá, que foi a esse negocio.

Acabadas de confirmar estas pazes, e ElRey Ale Mogomez posto em sua casa, determinou-se em não cumprir a promessa que fizera a Belchior de Sousa de lhe dar as fustas que tinha; e temendo que lhas tomas-

masse per força, quando lhas negasse, mandou-as metter pelos esteiros em parte onde os Portuguezes não pudessem ir, nem Belchior de Sousa soube parte dellas; e requerendo a ElRey que cumprisse com elle, escusava-se, dizendo ser cousa mui afrontosa para elle dar suas fustas, que lhe daria em lugar dellas mil xerajis; que podiam valer. Belchior de Sousa vendo que per nenhum modo lhas podia tirar da mão, dissimuladamente mandou recolher hum Fernão Mendes, que lá estava feitorizando fazenda do Capitão de Ormuz, e alli outros Portuguezes; e como os teve consigo, sahio-se fóra do estreito da Cidade, e veio-se ao rio, onde tomou huma dalaça, e sem fazer nojo á gente, per hum dos marinheiros della mandou dizer a ElRey, que pois lhe quebrava sua palavra, e lhe não cumpria a promessa, elle lhe havia por quebrada a paz que tinha com Ormuz, e que mandasse guardar sua terra, porque lhe havia de fazer quanto mal, e damno pudesse. Denunciada esta inimizade, sem lhe ElRey mandar resposta, veio-se pelo rio abaixo, e deo em hum lugar, que seria de trezentos vizinhos, em que haveria cincoenta de cavallo, os quaes vieram receber aos nossos á praia; mas como elles víram tres, ou quatro derribados, recolhêram-se ao lugar

gar entre a gente de pé. E como a tenção de Belchior de Souza era queimar este lugar, foi dar ainda nelles, onde tambem derribou com as espingardas cinco, ou seis, com que o lugar foi despejado, e com bombas de fogo o mandou queimar, por se não derramar a gente, sendo os que só tinham consigo trinta e cinco homens, que os mais ficavam nos bargantijs. Queimado este lugar, passou-se da banda da Persia, e foi dar em outro de cem vizinhos, que tambem queimou. O que feito, tornou dar vista a Basçorá, e andou na boca do seu esteiro tres, ou quatro dias, por não dizerem os Mouros que fugia ás suas fustas, que podiam mandar sobre elle Armadas com os Turcos.

E vendo que isto bastava, e que não tinha já polvora para alli andar mais tempo, partio-se via de Ormuz ao longo da costa de Persia, por dar huma vista á Villa de Rexet, que seria de dous mil vizinhos, cercada de muros de pedra, e cal, e de casas mui nobres, como na Persia costumam. O Senhor que então era desta terra, havia pouco que por ser Senhor della, não esperando o que o tempo lhe poderia dar, matára a seu pai ás fréchadas. Com este concertou Belchior de Souza em odio d'ElRey de Basçorá, que dalli mandasse os

ca-

cavallos a Ormuz, que hiam per via de Basçorá, porque lhos tomariam lá de melhor vontade; o que elle acceitou por o muito proveito que dahi lhe vinha, e aquelle anno foram per sua ordem mais de trezentos cavallos a Ormuz. Mas isto durou pouco, porque dous irmãos deste parricida, a que elle quizera matar como a seu pai, o matáram a elle ás punhaladas per juizo de Deos, que he justiça universal de todas as gentes.

C A P I T U L O XVI.

Como Belchior de Sousa veio a Ormuz, e provendô-o o Governador da capitania mór do mar, o mandou a Baharem, e de que lá fez.

EM chegando Belchior de Sousa a Ormuz, deo razão a Nuno da Cunha do que deixava feito, do que elle ficou muito contente, por ver quão bem cumprio o que lhe Christovão de Mendocça mandára; e allí por aquelle serviço, como por as qualidades de Belchior de Sousa, o fez Capitão mór do mar de Ormuz. Desta capitania hia do Reyno provido por ElRey Manuel de Sousa filho de Gonçalo de Sousa de Évora, que estava allí com Nuno da Cunha, e elle a renunciou em suas mãos, para del-

la prover a quem lhe pareceffe; porque como esperavam de ir aquelle anno sobre a Cidade de Dio, e elle era homem de maiores pensamentos, que de ser Capitão mór do mar de Ormuz, quiz a ventura do que o Governador lhe podia lá fazer, e a honra que esperava ganhar naquella empreza, antes que ficar alli. Parece que o chamava o lugar, e a hora em que havia de acabar, como depois acabou na mesma Cidade de Dio, com tanta sua honra, como veremos em seu lugar.

Nuno da Cunha por cumprir o requerimento d'ElRey de Ormuz, que era dar-lhe a posse da Ilha de Baharem, determinou de mandar lá Belchior de Sousa com quatro bargantijs, e alguma gente a prender Racz Barbadiu, e deixar por Guazil naquella fortaleza, per ordem d'ElRey de Ormuz, hum Mouro chamado Mir Aberuz, por ser pessoa de que elle confiava. A ordem que levava para o poder fazer, era chegar ao porto de Baharem com fama que tornava a Basçorá fazer guerra a ElRey por o que tinha passado com elle, e alli fingir estar mal desposto, e mandar chamar da parte d'ElRey, e de Nuno da Cunha a Racz Barbadiu, que lhe queria dizer algumas cousas da sua parte; que lhe pedia: pois elle com sua doença não podia fahir em

ter-

terra, que lhe quizesse alli vir fallar. Chegado Belchior de Sousa a Baharem, foi logo mandado visitar per Ruez Barbadiim com refresco de carneiros, e frutas; ao que elle respondeo com agradecimentos, e que muito mais folgára de os ir comer em terra com elle, mas por vir doente o não fazia. E que por elle trazer recados para elle d'El-Rey de Ormuz, e do Governador da India Nuno da Cunha, e serem cousas que se não podiam communicar per terceira pessoa, lhe pedia viesse ao bargantij para lhos dar. Ruez Barbadiim como já estava avisado de tudo o que passava em Ormuz, respondeo a este recado, que não curasse de artificios com elle, que fallasse claro, que bem sabia ao que era vindo, que se trazia consigo Mir Aberuz, que o mandasse sahir em terra, que elle lhe entregaria a fortaleza. Belchior de Sousa quando nestas palavras, e em outras claramente entendeo que elle era sabedor da causa da sua vinda, mandou vir Mir Aberuz, que estava em outro bargantij, e com elle João Pessoa, e Antonio Dias, ambos criados d'ElRey, per os quaes mandou huma carta de Nuno da Cunha a Ruez Barbadiim, em que lhe dizia, que El-Rey D. João seu Senhor mandára ir Ruez Xaraso a Portugal, para d'elle saber algumas cousas de seu serviço, e bem, e asse-

ce:

cego daquelle Reyno de Ormuz; e sabendo o parentesco, e razão que ambos tinham, havia por bem que elle Ruez Barbadiu ficasse em Ormuz com ElRey por seu Governador, em quanto Ruez Xarafo andasse em Portugal. E que para se poder vir com Belchior de Sousa, entregasse a fortaleza a Mir Aberuz; pedindo-lhe elle Belchior de Sousa por razão de hum regimento que levava do Governador Nuno da Cunha, e assi d'ElRey de Ormuz, que se viesse embarcar com elle, e não o querendo fazer, o havia por traidor, e levantado, e quantos estavam com elle, se lhe obedecessem. Ao que respondeo Barbadiu, que elle via seu cunhado prezo, e levado a Portugal, e por tanto não ousava entregar sua pessoa em poder alheio, e muito menos dos que queriam mal a seu cunhado. E quanto ao despejar da fortaleza, que se fosse elle Belchior de Sousa em boa hora, e lhe despejasse o porto, para elle livremente se passar a viver á banda de além da Persia, que a Ormuz nunca o Deos levasse, pois nelle tudo eram revoltas, e inquietações. Belchior de Sousa, posto que o fegurava destes receios, nunca o pode trazer a conclusão, sómente dizia, que se o haviam por dizer que devia dinheiro a ElRey, sem embargo de não ser assi, por viver em

Tom. IV. P. I.

Z

paz,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

paz, e sem sobresaltos, daria a ElRey trinta mil xerafijs. Depois que Belchior de Souza provou todos os meios sem fruto, creveo a Nuno da Cunha o que passava, e que Racz Barbadim estava posto em se defender; porque tinha consigo oitocentos homens Parsecos em huma fortaleza, que do mar lhe parecia mui bem: Que lhe enviava João Pelloa, e Antonio Dias, que elle por vezes lá mandára com recados, os quaes lhe poderiam dar larga relação de tudo, porque o víram, e tratáram; e que elle se deixára ficar naquelle porto, defendendo o soccorro de mantimentos, e gente da costa de Persia, donde se elle provia, e que os pescadores não fossem pescar, que se lhe bem parecesse mandasse mais gente, e as munições necessarias, que elle commetteria a fortaleza. A esta carta respondeo logo Nuno da Cunha per João Pelloa, dando-lhe as graças do que fizera, e encomendando-lhe que defendesse a entrada daquelle porto, como fazia; porque atrás isto lhe iria recado do que se havia de fazer.

Posto este caso em conselho, e dadas muitas razões por diversos respeitos, foram todos de parecer, que para aquella empreza se havia mister muita gente: pelo que ordenou Nuno da Cunha, que seu irmão Simão da Cunha, que havia de servir de

Ca-

Capitão mór do mar da India, fizesse aquella jornada. Para ella lhe mandou Nuno da Cunha fazer prestes oito vélas com quatrocentos homens, de que eram Capitães Dom Fernando Deça, D. Francisco Deça, Aleixo de Sousa Chichorro, Lopo de Mesquita, Manuel d'Albuquerque, Francisco de Mendonça, e Tristão de Taide, e mais algumas terradas d'ElRey de Ormuz, em que lia gente para serviço, mais que para pelear.

C A P I T U L O XVII.

Como Nuno da Cunha se partio para a India com a gente que tinha consigo em Ormuz da sua Armada: e de algumas cousas que deixou feitas para quietação do Reyno.

DEpois da partida de Simão da Cunha para a Ilha de Baharem, que foi aos 8 dias de Setembro, quando se celebra o Nascimento de N. Senhora, começou Nuno da Cunha entender em sua viagem para a India. E porque temia que por ElRey de Ormuz ser moço, e inclinado a vicios, e que depois de elle partido, como já ficava mais senhor de si, podia commetter algumas cousas contra o serviço d'ElRey de Portugal, determinou de o refrear, e tirar-lhe antes que partisse algumas occasiões.

A primeira foi, que por elle ter hum seu irmão prezo, dizendo que o quizera matar, não o quiz deixar em seu poder; mas por boas razões o mandou levar á fortaleza, e o entregou ao Capitão Christovão de Mendoza com guarda nelle, porque com este moço em nosso poder temesse ElRey, que fazendo alguma cousa que não devesse, o poderiam os Portuguezes levantar por Rey; por ser moço bem inclinado, e nosso amigo. Tambem mandou desterrar de Ormuz hum irmão de Ruez Barbadim, homem que era prejudicial na Cidade. Assi mesmo lhe tirou de casa outro sobrinho de Ruez Xaraso, que lhe servia de Guarda mór, a que ElRey era inclinado por lhe consentir em algumas defordens, e deixar cumprir seus appetites. E posto que elle consentio perder a conversação deste homem, era já tamanho o odio que tinha ás cousas de Ruez Xaraso, que o soffreo bem. Ultimamente Nuno da Cunha não deixou em Ormuz homem, de que se pudesse presumir que aconselharia a ElRey alguma maldade. Por Guazil lhe deixou aquelle fiel, e leal a nossas cousas Xech Raxit, que estava em Mascate, cousa que os Mires, que são os Fidalgos d'ElRey, soffrêram mal por ser Arabio, a que os Persas não tem boa vontade. E posto que ElRey poz esse inconveniente

a Nu-

a Nuno da Cunha, movido per algumas
 pessoas que disso se descontentavam, toda-
 via como em Ormuz não havia homem de
 tanta qualidade como aquelle, e os que ha-
 via todos eram parentes, e chegados a Ruez
 Xarafo, que era gente suspeitosa, houve
 Nuno da Cunha por mais seguro ficar Xech
 Raxit por Guazil. E porque o officio era
 tão cubigado, e o maior que Raxit podia
 desejar, elle o não queria acceitar, e fallou
 nisso a Nuno da Cunha em segredo, dicen-
 do que o pejo que tinha a servir aquelle
 cargo era ter elle morto Ruez Delamixá,
 irmão de Ruez Xarafo, pela maneira que
 elle sabia, por servir nisso a ElRey de Por-
 tugal, e que ficando naquelle cargo tão hon-
 rado, e invejado entre os parentes de Xa-
 rafo, sempre haviam de embicar nelle, co-
 mo gente magoada, que elle queria antes
 hum repouso, que vida tão temida. Nuno
 da Cunha vistas as razões de Xech Raxit,
 e que não eram fingidas, o houve por ho-
 mem para muito, e digno de maiores car-
 gos; e não lhe acceitando as escusas, com
 grande solemnidade o entregou a ElRey,
 dando-lhe juramento, que bem, e verda-
 deiramente servisse aquelle officio, e fosse
 leal a ElRey. Deste modo de entrega ficou
 ElRey contente, e dahi em diante não deo
 cargo algum sem aquelle juramento. E lo-

go mandou vir huma cabaia de brocado, e seu carapução, e fota a seu uso, que he o traje dos Reys, e Governadores daquellas partes, com que vestio a Xech Raxit, como em posse, e investidura do officio de que folgava de o encarregar. Vendo ElRey quantas cousas Nuno da Cunha fizera em tão pouco tempo, e que todas eram em proveito do Reyno, e que o tratava como a filho, e sem nenhuma mostra de cubica, hum dia estando já em vespuras de partida, lhe metteo na mão hum fio de perolas, pedindo-lhe que por amor delle o tomasse. Nuno da Cunha o tomou por o não escandalizar, e porém elle as mandou a Portugal a ElRey per Manuel de Macedo.

Acabadas estas cousas, a 15 de Setembro se partio de Ormuz, e dali veio ter a Mascate, onde tinha deixado as náos que atrás dissemos. De Mascate partio com aquellas vélas, de que hiam per Capitães Antonio da Silveira de Menezes, que viera de Moçambique, deixando de servir a capitania de Çofala, por se vir á India com elle por serem cunhados, e D. Fernando de Lima, Antonio de Lemos, e Luiz de Andrade, com a qual frota com tempos contrarios não podendo tomar Chaul, foi ter junto de Dabul, onde achou Fernão Martins Evangelho, que o andava alli esperando

do com huma galeota, e quatro bargantijs que fizera á sua custa para servir ElRey. Com esta companhia chegou Nuno da Cunha á barra de Goa a 22 dias de Outubro, onde logo vieram a elle Francisco de Sá, Lopo de Azevedo, e outros Fidalgos, per os quaes soube como Lopo Vaz de Sampaio estava em Cananor fazendo-se prestes para se vir ao Reyno^a, e levára dali consigo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar com toda a Armada que trazia para andar na costa do Malavar. E que do Reyno eram vindas quatro náos^b da carreira, de que viera por Capitão mór Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira cunhado d'elle Nuno da Cunha, irmão de D. Maria da Cunha sua primeira mulher. Das outras tres náos eram Capitães Henrique Moniz, Ruy Gomes da Gram, e Ruy Mendes de Melquita, e assi soube como Eitor da Silveira estava em Chaul, onde invernára. Nuno da Cunha antes que desembarcasse, per navios de remo provêu logo no que cumpria. A Diogo da Silveira

^a Frota da India do anno de 1529.

^b Estas quatro náos chegavam á barra de Goa dia de S. Bartholomeu. Henrique Moniz Capitão de huma dellas morreu no mar. Levava consigo dous filhos de pouca idade, Aires Moniz, e Antonio Moniz Barreto, que depois foi Governador da India. Diogo do Couto Dec. 4. liv. 6. cap. 6.

ra escreveu que se viesse a elle com as cartas que d'ElRey trazia. A Lopo Vaz de Sampaio, que lhe mandasse o galeão São Diniz para ir nelle, porque em Goa não faria detença por ser já tarde. A Antonio de Miranda mandou que trouxesse toda a Armada; e o mesmo escreveu a Eitor da Silveira, deixando sómente a ordenada da fortaleza de Chaul. Despedidos estes recados, ao outro dia quantos navios de remo havia na Cidade se vieram a elle, que hia na galeota de Fernão Martins Evangelho. A festa do mar foi grande de artilheria, musica, e bandeiras; e com este apparato, e estrondo chegou ás portas da Cidade, que estavam cerradas, e se abriram, sendo presente D. João Deça Capitão da Cidade, e os Vereadores, e Officiaes della, os quaes lhe apresentáram seus privilegios dados por ElRey D. Manuel, e confirmados por ElRey D. João, pedindo-lhe jurasse de os cumprir, e guardar; o que Nuno da Cunha jurando, segundo costume, lhe foram entregues as chaves das portas da Cidade per D. João Deça, a quem as elle logo entregou. E mettido debaixo de hum pallo de brocado, foi levado por os mais principaes Officiaes da Cidade, e per o Vigairo com toda a Clerizia em procissão á Sé com o canto de *Te Deum laudamus*,
com

com tanta solemnidade, como se pudéra fazer á pessoa d'ElRey. Feita sua oração, se foi aposentar ás casas do Sabaio, por ser o aposento dos Governadores. Passados cinco dias de sua chegada a Goa, chegou Antonio de Saldanha de Cochij, sem saber da vinda de Nuno da Cunha. E porque de Mombaça (como atrás dissemos) tinha Nuno da Cunha escrito a Lopo Vaz de Sampayo, e a Affonso Mexia, que lhe tivessem feitos grandes apercebimentos para a ida de Dio^a, de que não achou cousa que lhe desse esperança para aquelle anno poder lá ir, fallou sobre isso com Antonio de Saldanha, por vir de Cochij, onde algumas cousas daquellas se apercebiam, e com alguns Capitães, e pessoas notaveis, e Officiaes de Goa, e assentou que se devia elle partir para Cochij, assi a isso, como a dar ordem á carga das náos, que haviam de partir para o Reyno. E antes que partisse, chegou Diogo da Silveira com as cartas que lhe ElRey escrevia, nas quaes lhe dizia, que se

a Lopo Vaz de Sampayo tinha aprestado huma Armada para Nuno da Cunha de quatorze galeões, oito galés, dez galeotas, seis caravelas, duzentas fustas, e bargantijs, dos quaes navios elle fez de novo no tempo do seu governo seis galeões, huma taforea de quinhentos toneis, seis galés, oito galeotas, quatro caravelas, cinquenta bargantijs, e fustas, que se fizeram dos pardos que se tomaram nos Malavares nas Armadas que se lhe desbarataram. Francisco de Andrade Part. 2.º cap. 46.

se o negocio de Dio não era acabado, lhe tornava a encommendar, que o não commettelhe senão mui provido de tudo, para que por falta de alguma cousa se não deixasse de acabar com todo o resguardo, e segurança da gente. Com esta lembrança que ElRey fez, se poz em mais dúvida de ir aquelle anno, e com este pensamento se partio para Cochij.

C A P I T U L O XVIII.

Do que Simão da Cunha passou em a Ilha de Baharem, e depois de a combater se recolheo por a doença geral que veio a todos.

Simão da Cunha partindo (como atrás dissemos) de Ormuz a 8 dias de Setembro para ir á Ilha de Baharem, por razão dos tempos contrarios chegou a 20 do mesmo mez, sendo o caminho no mais que de cento e vinte leguas; e antes de chegar ao porto se veio a elle Belchior de Souza, que o andava guardando, para Racz Barbadim se não prover de gente da Persia; posto que em quarenta dias que alli andou té Simão da Cunha chegar, Racz Barbadim recolheo, além dos que já dantes tinha, seiscentos homens, que lhe entráram per outros portos que a Ilha tem. A fortaleza em

que Barbadim estava era situada em hum
 teso sobre o porto, o qual tinha por abri-
 go huma Ilheta pequena, em que se reco-
 lliam pescadores. No circuito desta fort-
 leza havia dezefete cubellos com sua cerca
 de pedra, e cal, e barbacá, e per tudo
 suas ameas, e feteiras, e huma torre de ho-
 menagem mui formosa; e em hum dos cu-
 bellos estava a porta da entrada da torre
 mui bem requestada. A barbacá era tornea-
 da de huma grande cava com sua ponte
 levadiffa. E porque em modo de arrabalde
 haviam neste circuito algumas casas de gen-
 te pobre, Ruez Barbadim as mandou der-
 ribar, e queimar, antes que Simão da Cunha
 viesse, como homem que esperava ter cerco:
 e estava tão determinado de se defender,
 que té huns Arabios principaes, com suas
 mulheres, e filhos, dos quaes se temia por
 as tyrannias que lhes fazia, recolheo com-
 figo, receando que se levantassem contra
 elle com a outra gente commum, e estan-
 do dentro, ostinha em modo de refens. E
 tanto que Simão da Cunha surgio, o Bar-
 badim mandou arvorar na torre da home-
 nagem huma bandeira vermelha^a, que não
 era

^a A primeira bandeira, que Barbadim arvorou na for-
 taleza, foi branca, e com o refresco mandou dizer a Si-
 mão da Cunha, que elle se fizera forte naquelle castello
 por causa da prisão de seu cunhado Ruez Xarafó: mas já
 que El Rey de Portugal o mandára fazer, que elle n^o como

era final de paz; e sem embargo disso, mandou logo visitar Simão da Cunha com carneiros, e refresco da terra, e dizer-lhe, que sua vinda fosse boa, que elle era vassallo d'ElRey de Portugal, e d'ElRey de Ormuz, e que como tal, que era o que mandava delle? que lhe pedia que mandasse lá a praticar com elle humna pessoa de qualidade, porque elle faria tudo o que fosse razão. Simão da Cunha lhe mandou os agradecimentos de sua visitaçãõ, e que para lá mandar humna pessoa tal como pedia, era necessario que mandasse elle outra, que ficasse em refens; e que prazeria a Deos que tu-

vassallo leal, queria estar á obediencia do seu Governador da India; que se elle Capitão mór queria aquella fortaleza, elle lhe largaria livremente, e se iria com sua mulher, e familia para outra parte. Simão da Cunha, como prudente, quizera aceitar o offercimento, porém os Capitães, e Fidalgos, levados da cubiza da fazenda de Barbadin, o contrariaram, o qual vendo que se lhe engelhava o partido, que elle não movia de medo, por a bandeira vermelha, e se defendeo; e continuando o cerco, mandou dizer a Simão da Cunha, que lhe aconselhava que se fosse daquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todas haviam de adoecer, e morrer. E depois quando com muito trabalho se embarcou a gente, e a artilheria, lhe mandou outro recado, que se embarcasse embora, e muito á sua vontade, porque lhe não daria nenhum estorvo. E assi por se não aceitar o offercimento de Barbadin, e por falta de polvora, foi tão desgraciado o successo desta empreza. Fernão Lopes de Castanheda no cap. 102. do liv. 7. Diogo do Couto cap. 4. liv. 6. e Francisco de Andrade cap. 31. da 2.ª Parte.

tudo se acabaria bem, como se confiava de pessoa tão leal como elle era. Simão da Cunha deteve-se aquelle dia, esperando que Racz Barbadim lhe mandasse a resposta pelo seu visitador; e vendo que não vinha, nem recado seu, desembarcou ao dia seguinte com duas peças de artilheria grossas, que entregou a Francisco de Mendoga com todos os bombardeiros. Na avanguarda hiam Belchior de Sousa, e Tristão de Taide com oitenta homens, e elle com a bandeira Real levava toda a mais gente, deixando boa guarda nos navios. Com esta ordem se passou da outra banda da fortaleza, por lhe dizerem que per aquella parte eram os muros mais fracos para lhe darem bateria.

Tinha Simão da Cunha em sua companhia dous Mouros honrados, hum delles era Arabio de nação, chamado Barnegaez, e Xequé de muita gente, a quem este Racz Barbadim tinha desterrado de Baharem; e sabendo como Nuno da Cunha mandava sobre elle, veio-se a Ormuz com alguma gente, pedindo-lhe por mercê, que para se vingar da offensa que tinha recebido daquelle tyranno, lhe dêsse licença que elle se fosse para Simão da Cunha. O Governador lha concedeo, e lhe deo as graças do offerecimento, fazendo-lhe por isso honra, porque

além

além deste odio, era muito amigo dos Portuguezes; e sendo Simão da Cunha partido havia tres, ou quatro dias diante, tanta pressa se deo, que estava já com elle antes que sahisse em terra. O outro Mouro era hum Capitão de nação Baluche. Este estando na fortaleza com cem homens a soldo d'ElRey de Ormuz, quando vio que Racz Barbadim não se queria entregar per mandado d'ElRey, sahio-se da fortaleza, dizendo, que não era elle homem que havia de ser traidor ao Principe de que recebia soldo, e passou-se á Ilheta, que está de frente da fortaleza, onde esteve com favor de Belchior de Sousa té a chegada de nossa Armada.

Simão da Cunha por o recado que Racz Barbadim lhe mandára, ainda com elle quiz usar de mais cortezia para ver se podia levallo per modo de concerto; e assi mandou lançar hum pregão sob graves penas, que ninguem tirasse á fortaleza com setta, ou espingarda, nem mostrasse em algum auto que a queria offender. Mas quando vio que na sua desembarcação tiráram da fortaleza tiros de bombardas, e de espingardas, com que lhe feráram dous homens, entendeu que era necessario responder-lhes ao mesmo tom, e logo mandou a grande pressa desembarcar mais cinco tiros grossos, com que

que se começou a bater a fortaleza, e se continuou tres dias; e querendo proseguir a bateria, e mudalla a outra parte, onde o muro era mais fraco, achou-se sem polvora, de que ficou em estremo sentido, por ter muita obra feita com ella; e se outra tanta tivera, fora entrada a fortaleza. Neste mesmo tempo tinha elle mandado fazer escadas de mastos, e vergas de navios, que Belchior de Sousa alli tinha tomado, porque de Ormuz partio sem este apercebimento, que tão pouco era de effeito, faltando a polvora para despejar o muro, quando a gente subisse per ellas. Determinou porém de entrar per aquelle rompimento do muro; e para o poder fazer com a gente da terra, e Mouros que ajudavam, mandou entulhar a cava de palmeiras, e terra, na qual obra lhe frécharam de cima do muro muita gente, em que entráram estes Fidalgos Belchior de Sousa Tavares, Francisco de Mendocha, Martim de Freitas, Francisco Gomes Pinheiro, Antonio de Noronha, e outros homens honrados, e criados d'El-Rey, porque dentro da fortaleza Ruez Barbadim tinha mais de seiscentos frêcheiros Persas, e alguns espingardeiros, e sua artilheria posta no muro nos lugares de suspeita. De maneira, que entrar á escala vista per cima da cava, sem ter com que despejar o mu-

muro , era matar toda aquella gente , de que a maior parte eram homens nobres , que nestes casos são os primeiros. Finalmente posto o caso em conselho com os Capitães , e pessoas principaes , foi assentado , que o cerco se continuasse , e que a grão prella mandassem a Ormuz buscar polvora para acabar aquella empreza. Quando a polvora chegou , em dezeseis dias que Alvaro Sardiinha poz em ir , e vir á força de remo em humna terrada , não servio ; porque naquelles dous mezes de Setembro , e Outubro são os ares daquella Ilha tão pestilenciaes , que os proprios moradores naturaes se sahem della ; e alli em tres dias adoeçêram duzentos homens , e vinha a febre tão furiosa , que não dava muito espaço ao enfermo , e eram mortos cem homens , e os mais doentes. E aconteceu que dando o mal a hum homem , que tinha vestida humna saia de malha , despiu-a subitamente , cahio morto. Todavia vindo a polvora , Simão da Cunha mandou bater a fortaleza , e derribou hum bom lanço do muro ; mas a gente estava tal , que nem com paz havia quem tomasse posse da fortaleza , quando se lhe entregára , quanto mais havendo quem tanto a defendia com polvora , e frêchas , porque em pé não havia sessenta homens Portuguezes , e duzentos frêcheiros Persas , que andavam todos com

com as forças tão relaxadas, que se não podiam ter nas pernas. Pelo que determinou Simão da Cunha de se recolher, e assi o fez de noite; e por encubrir seus trabalhos, com muitas folias, e tangeres fez recolher toda a artilheria, e a mais da gente por os Mouros o não sentirem, e elle se embarcou de dia com Belchior de Sousa, Martim de Freitas, Tristão de Taíde, e outros que foram os derradeiros, que ainda andavam em pé; e neste recolhimento lhe fez honra Ruez Barbadim em os deixar embarcar sem rebate, que segundo todos andavam tocados daquelle mal, qualquer impedimento os acabára.

C A P I T U L O XIX.

Como Simão da Cunha adoeceo do mal geral, e morreo delle, e alguns Fidalgos, e o vieram enterrar a Ormuz.

Recolhido Simão da Cunha ao mar, achou outro tal trabalho nos mareantes, por serem tantos mortos, e doentes, que não havia quem pudesse marear os navios; polo que lhe conveio tomar os mareantes das terradas que andavam a pescar per conselho de Belchior de Sousa, que sabia bem onde ellas andavam; e com elles fez tambem sua aguada, de que tinha muita necessidade. E porque em os navios por

Tom. IV. P. I.

Aa

o gran-

IMPRENSA
NACIONAL

o grande número dos doentes , não havia que lhes dar , e muitos pereciam á falta , disse Belchior de Sousa a Simão da Cunha que Mir Aberuz lhe dissera , que se elle quizesse mandaria hum recado a Ruez Barbadim , porque elle se offerceco a dar o que fosse necessario para os doentes ; e per esta via houveram muitas passas , amendoas , galinhas , farinha , e arroz , que consolou a gente em alguma maneira. Mas ao terceiro dia da sua partida sobreveio huma tão grande calmaria , que durou nove dias , em que os doentes morreram , e dos sãos adoeceram muitos. Entre os mortos foram o mesmo Capitão Simão da Cunha , Affonso Telles filho de Tristão da Silva , Francisco Gomes Pinheiro , Diogo de Mesquita , D. Simão de Lima ; e a Ormuz foram morrer D. Francisco Deça , Francisco de Mendonça , Diogo Soares , D. Affonso de Sotomaior , e outros homens nobres. E segundo as calmarias duraram , e a gente mareante andava fraca , se Christovão de Mendonça Capitão de Ormuz não mandára ao canilho muitas terradas para marearem os navios , e muitos mantimentos para enfermos , e sãos , por ventura todos ficáram naquelle estreito ; porque a provisão que mandou lhes deo força , e vida para chegarem a Ormuz , onde foram do Capitão agazalhados , e cu-
ra-

rados , como se cada hum delles fora seu irmão. Simão da Cunha foi enterrado em Ormuz^a com muitas lagrimas , não sómente dos Portuguezes , que o conheciam , e conversáram mais tempo , mas daquelles Arabios que andavam em sua companhia. Porque era Simão da Cunha sobre mui esforçado , e prudente , brando , e cortez , e para todos mui humano , e mui alheio de em obras , ou palavras escandalizar a alguem. Com a nova de sua morte , que Nuno da Cunha teve na India , ficou em estremo anojado por perder taes dous irmãos , como Pero Vaz da Cunha em Mombaça , e Simão da Cunha em Baharem ; porque ainda que morreram com tanta honra , achava-se desamparado delles , principalmente de Simão da Cunha , que era de mais idade , e maduro conselho , e de que se esperava ajudar no trabalho do governo da India , onde já perdêra seu irmão Manuel da Cunha , de que no princípio desta historia fizemos menção.

Aa ii

DE-

^a Diogo do Couto escreve no cap. 4. do liv 6. que Nuno da Cunha estava ainda em Ormuz quando chegou esta Armada de Baharem , em que vinha o corpo de Simão da Cunha , e que o levára o Governador da India , onde o enterrára em huma Capella , que lhe mandára fazer na Sé de Goa. O que não pôde ser , partindo Nuno da Cunha de Ormuz para a India em 15 de Setembro , e Simão da Cunha chegando a Baharem aos 25 , como diz João de Barros nos capitulos passados 17. e 18.



DECADA QUARTA.

LIVRO IV.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

*Do que Nuno da Cunha fez no primeiro
anno de seu governo : e o que passou
com Lopo Vaz de Sampaio quan-
do lho entregou.*

Vendo Nuno da Cunha, que para o muito que tinha que fazer era o tempo breve, partio de Goa para Cochij, e passou per Baticalá, onde esteve dous dias provendo algumas cousas; e proseguir do sua viagem tanto avante como a Monte Deli, cinco leguas antes de chegar a Cananor encontrou Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India, que andava guardando aquella costa com huma galé bastarda, e vinte bargantijs, e catúres, o qual, tirada sua bandeira da gayera, como quem estava perante o Governan-

nador da India, o salvou com sua artilheria, a que foi respondido com outra, e o veio ver á náó, do qual foi recebido com muita honra, assi por o cargo que tinha, como por as qualidades de sua pessoa, e grandes serviços que naquellas partes tinha feitos; com cuja companhia Nuno da Cunha chegou a Cananor a 18 de Novembro, onde achou Lopo Vaz de Sampaio, que se estava fazendo prestes, esperando por elle para se vir a este Reyno. Nuno da Cunha o mandou visitar, fazendo-lhe saber que hia muito de pressa a dar aviamento ás cousas que tinha para fazer; e que se sahisse em terra, per força ElRey de Cananor o havia de deter com sua visitaçáo, que elle guardava para tempo mais commodo, e de mais vagar; que lhe pedia que ao mar lhe viesse fazer a entrega da India, ou se embarcasse, e lha faria em Cochij. Lopo Vaz, posto que replicou a isso, todavia por a pressa que Nuno da Cunha levava, veio á sua náó em tres bargantijs embandeirados, e em hum delles a bandeira alta como Governador. Depois que se recebêram hum a outro, Lopo Vaz, posto que no mar fosse, sendo presentes todos os Fidalgos que com elles vinham, lhe fez a entrega da India com as solemnidades costumadas. Aca-
bada a festa, que a artilheria nos taes tem-
pos

pos soc fazer, Lopo Vaz se embarcou com seu genro Antonio da Silveira de Menezes na náó Castello, por Nuno da Cunha o obrigar que fosse a Cochij a hum negocio, que lhe ElRey mandava que fizesse com elle. E Nuno da Cunha, antes que dalli partisse, mandou visitar a ElRey de Cananor pelo Ouvidor Pero Barreto, desculpendo-se de não sair em terra para o ver por a grande pressa que levava por causa do despacho das náós que haviam de partir para Portugal, que despachadas ellas, havia de tornar a Goa, e então o visitaria, e que entretanto visse aquella carta d'ElRey seu Senhor. ElRey lhe respondeo com palavras de muito contentamento de sua vinda, desculpendo-se tambem de o não ir ver ao mar por a má disposição que tinha. Atrás este recado d'ElRey veio seu Guazil, que era hum Mouro mui conhecido, e mui leal servidor d'ElRey de Portugal, e bom homem, e se offerreco a Nuno da Cunha, e lhe pedio, que o houesse de baixo de seu amparo, e protecção, porque andava atormentado por os desfinanchos d'ElRey, o qual por ser Gentio estava entregue a Bramenes, com os quaes, e com seus Pagodes gastava mais do que tinha, e queria que elle lhe supprisse as necessidades em que o mettiã seus appetites. Estando nesta prática,

ca, fingio que lhe queria fallar cousas de segredo á parte; e como se vio só com elle, tirou do seio hum rico collar de ouro; e pedraria, dizendo a Nuno da Cunha, que aquillo era tão costumado offerecer-se aos Governadores, que não devia haver por estranho fazer-lhe aquelle serviço; que lhe jurava por sua lei, que nunca a pessoa do Mundo o diria. Nuno da Cunha fazendo que o não entendia, chamou a lingua, e disse-lhe, que dissesse ao Guazil, que os collares que delle queria, era servir com muita lealdade a ElRey de Portugal seu Senhor, do qual havia de receber maiores cousas que ouro, e pedraria; que quanto ao que lhe pedia do amparo, confiasse delle, que em tudo lhe guardaria sua justiça, por elle ter fama entre os Portuguezes de quão lealmente se havia nas cousas do serviço de ElRey seu Senhor.

CAPITULO II.

Como Nuno da Cunha partio de Cananor, e foi a Cochij: e do recebimento que lhe fizeram: e como prendeo Lopo Vaz de Sampaio, e o mandou a Portugal.

Nuno da Cunha partido de Cananor, chegou a Cochij aos 25 de Novembro, onde logo na não foi visitado de Af-

fon-

fonso Mexia Vecdor da Fazenda, e de Jorge Cabral, que era chegado de Malaca, e de outros Capitães, e Fidalgos que presentes se acháram. Ao outro dia foi recebido da Cidade em terra com todo o modo de festa, que se pode fazer, e assi foi levado á Sé, e dahi se foi aposentar no castello, que para elle estava despejado. E porque o pensamento que trazia nas cousas de Dio o não deixava aquietar, logo ao outro dia quiz saber de Affonso Mexia, e dos Officiaes a que o negocio competia, o estado dos apercebimentos que mandára fazer para a empreza de Dio, que lhe ElRey tanto encommendára; e achou que assi as munições, como os mantimentos, e tudo o mais que lhe era necessario para aquella jornada, estava mui devagar. E por lhe cumprir dar destas cousas razão a ElRey pelas náos que estavam para vir a este Reyno, teve conselho com os Capitães, e Officiaes da Fazenda, e foi assentado, depois que se vio o pouco que estava feito, e o muito que se havia mister, que de nenhuma maneira podia naquelle anno ir a Dio com o poder que ElRey mandava que levasse. E que para o outro se podia mais levemente, e a menos custo aperceber; e que bastava naquelle anno prover na costa de Malavar com alguma Armada, e na carga da pi-
men-

menta, que estava devagar, se ElRey de Cochij não fizera muita diligencia em amizade de Nuno da Cunha; porque nas visitações que entre ambos houve, se achou elle differentemente tratado do que fora nas differenças de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas, de que estava escandalizado. E com Nuno da Cunha lhe pareceo que era Rey, por a muita authoridade com que o tratou, como adiante veremos.

Em quanto as náos estavam á carga, a primeira cousa em que Nuno da Cunha entendeu, foi mandar Diogo da Silveira, (que deste Reyno fora com a capitania mór das quatro náos que dissemos,) por Capitão de huma Armada de trinta vélas para andar na costa do Malavar; e assi fez outra para a costa de Cambaya, que tinha ordenada para Simão da Cunha seu irmão, como Capitão mór do mar, a qual entregou a Antonio da Silveira de Menezes seu cunhado. Outra mandou ao estreito do mar Roxo, cuja capitania deo a Eitor da Silveira, posto que andava bem cansado das armadas passadas^a. E no meio do fervor destas cou-
sas

^a A Armada de Diogo da Silveira era de hum navio em que elle hia, de duas galeotas, e huma caravello, de que eram Capitães Nuno Fernandes Freire, Manuel de Vasconcellos, e João da Silveira, e de seis fustas. A Armada de Antonio da Silveira era de cinquenta

fas teve Nuno da Cunha outra que o mais atormentou, que foi prender a Lopo Vaz de Sampaio per huma Provisão que ElRey de cá mandou, não sómente por culpas de Ormuz, de que Manuel de Macedo levou a devassa, mas ainda por outra que elle tirou alli em Cochij. O qual prezo sobre sua homenagem, veio com D. Lopo de Almeida, que estava na India esperando embarcação para se vir para este Reyno. E em sua companhia com a carga da pimenta vieram outras duas náos sómente^a, de que

e tres fustas, em que hiam novecentos soldados. A Armada de Eitor da Silveira era de quatro galeões, duas caravelhas, e quatro fustas. Diogo do Couto liv. 6. cap. 6. e Francisco de Andrade cap. 54. da 2. Parte.

a Estas tres ndos eram da Armada de Nuno da Cunha, que por estarem gastadas, e no Reyno poderiam ter o concerto necessario, que não podiam ter na India, o Governador as mandou com a carga da pimenta, e ordenou que ficassem as quatro ndos da Armada de Diogo da Silveira, assi porque não havia carga para ellas, como porque podiam passar sem concerto, e iriam invernar a Ormuz carregadas de fazendas, polo que aprestados fez Capitães dellas Ruy Vaz Pereira, Lopo de Azevedo, Pedro Gomes da Grã, e D. Fernando de Lima, que se foram a Baticala carregados de mercadorias, em que se detiveram tanto, que quando partiram para Ormuz era já em Fevereiro do anno de 1530: e como a monção era já gasta, acharam tantas calmarias, que as tres dellas desapareceram, de cuja perdição devia ser causa a sede: e só a de Ruy Vaz Pereira, por andar menos, ficou atrás, e chegou-se mais para a costa da India, com que lhe não durou tanto a calmaria, e com muito trabalho de sede chegou a Ormuz. Francisco de Andrade 2. Parte, cap. 54. e Castanheda cap. 27. do liv. 5.

eram Capitães Antonio de Miranda de Azevedo, e Ruy Mendes de Mesquita, que tambem trouxe consigo prezo a Diogo de Mello, Capitão que fora de Ormuz por culpas do officio, os quaes todos vieram a Portugal a salvamento, onde depois foram livres das culpas, com seus encargos de justiça^a. E não pode aquelle anno vir mais carga de especiaria, que aquella que occupou as tres náos, por muitas causas procedidas das cousas passadas, que Nuno da Cunha não pode emendar em chegando, como fez depois.

C A P I T U L O III.

Do muito damno que Diogo da Silveira fez na costa de Calecut, pelo que Camorij mandou pedir paz a Nuno da Cunha, a qual lhe concedeo com taes condições que elle a não acceitou.

EM quanto as náos, que haviam de vir ao Reyno, estavam á carga da pimenta, soube o Governador que na costa de Ca-

^a Lopo Vaz de Sampaio esteve prezo dous annos, e foi condemnado que perdesse os ordenados do tempo que governou a India, e que pagasse dez mil cruzados de pena, e fosse degradado por certos annos para os lugares de Africa. Porém ElRey D. João havendo respeito aos muitos, e bons serviços de Lopo Vaz, lhe fez mercê de lhe perdoar toda esta condemnação. Assim escreve Francisco de Andra-

Calecut dous galeões de Rumes se carregavam de pimenta para o estreito do mar Roxo; pelo que mandou avisar a Diogo da Silveira, que andava em guarda daquella costa, que tivesse grande vigia não lhe escapassem; porque segundo a informação que tinha per Malavares de Cochij, que vinham de dentro da terra, o fundamento daquelles Rumes era na Lua de Janeiro, ou Fevereiro partirem, por não perderem sua monção. Mas Diogo da Silveira, além da vigia ordinaria que nisso tinha, fez tanto mais, que té os barcos de pescar não deixava ir ao mar. E vendo o Çamorij quão estreitamente a sua costa era guardada, e vigiada, e que a gente dos portos de Calecut, Cale, e Capocate, que são dos mais notaveis de seu Reyno, se lhe impedia o commercio, e o povo clamava, não vendo

ou-

de na vida d'ElRey D. João na 2. Part. cap. 54. E Diogo do Couto na 4. Decada liv. 6. cap. 7. e 8. refere huma falla, que Lopo Vaz fez a ElRey em Relação, e os cargos que lhe puzeram, e a sua resposta, e desforço a elles, onde huma cousa, e outra se pôde ver, e asse outras particularidades que estes Authores escrevem da prisão de Lopo Vaz de Sampaio, o qual foi muito esforçado, constante na justiça, rigoroso no castigo dos malfeitores, casto, cortez, e affabil. Aos Fidalgos, em quanto governou, fez muitas mercês, e aos soldados mandou pagar seus soldos, e mantimentos: e com todas estas boas partes, e boas obras foi malquisto de todos pela vontade que lhe tomaram por causa das differenças que teve com Pero Mascarenhas sobre a governança da India.

outro remedio para tirar-se daquella oppres-
 são, determinou-se em mandar pedir pazes
 a Nuno da Cunha. A este negocio mandou
 tres Naires, que são dos mais nobres da
 terra, que trouxeram sua carta de crença
 a Nuno da Cunha, e outras taes cartas de
 dous estados da gente que naquella terra ha,
 que são Mouros, e Chatijs. Estes são hum
 genero de mercadores Gentios diferente do
 outro commum do Malavar, que he me-
 canico. Dando os Naires estas cartas a Nu-
 no da Cunha, foram per elle bem recebi-
 dos, e ao outro dia os ouvio. A substan-
 cia da embaixada era: Que no tempo dos
 Governadores passados, principalmente de
 D. Duarte de Menezes, estando elles de
 paz, recebêram muitos agravos, e sem-ra-
 zões dos Portuguezes, alli em sua terra,
 por causa da fortaleza que nella tinham,
 como no mar em suas náos, e zambucos
 que levavam cartas de seguros, os quaes lhe
 quebravam tomando-lhes suas fazendas. E
 pedindo elles justiça, e boa conservação da
 paz, tal como a elles guardavam, a nenhu-
 ma cousa destas lhes respondêram com obras,
 nem com palavras. Os quaes males, e da-
 mnos não podendo elles soffrer, se levan-
 târam contra a fortaleza, sendo os mesmos
 Portuguezes authores disso, tomando por
 remedio antes descuberta guerra, que simu-
 la-

lada paz. E querendo, antes de D. Henrique derribar a fortaleza, assentar paz com elle, mais em favor, e serviço d'ElRey de Portugal, que em honra do Çamorij, Dom Henrique a não quiz acceitar, donde procedeo buscarem elles todo o modo de vida, pois lhe queriam tirar a sua, tolhendo-lhes dar sabida a suas novidades. E que posto que per Lopo Vaz de Sampaio lhes fora commettida paz por seu sobrinho Simão de Mello, que estava por Capitão em Cannanor, não lha quizeram conceder, sendo as condições della mais honestas das que elles offereciam a D. Henrique. E que a causa disso foi, por terem sabido que o tempo de sua governança não se estendia a mais, que té a vinda d'elle Nuno da Cunha, de que já tinham nova, e da tomada de Montabaça. E pois elle era presente, e tinham sabido quanta justiça a todo genero de gente administrava, e que a guerra que fez per onde veio era justa, e não voluntaria, se demovêram a lhe pedir paz, sendo com justas, e honestas condições, a qual inteiramente guardariam. E que lhe lembravam, que a guerra do Malavar, ainda que aos naturaes fosse perigosa, e custosa, tudo redundava em não ter sabida suas novidades, e que tambem não era folgada aos Portuguezes, nem custava pouco á fazenda de
 seu

seu Rey. Por tanto lhe pediam considerasse huma cousa, e outra, e conformando-se com o bem, e mal de ambas as partes, lhes respondesse o que havia por bem que se fizesse.

Nuno da Cunha lhes disse, que ElRey D. João seu Senhor estava tão escandalizado de quantas vezes o Çamorij lhe tinha quebradas as pazes, que com seus Governadores tinha assentado, que huma das principaes cousas que lhe encommendou foi a guerra do Malavar; e que offerecendo-lhe o Çamorij alguma paz, lha não concedesse, pois a não guardava mais que em quanto os Mouros queriam, por ser governado per elles, aos quaes dava mui pouco das mortes, e perdas que o povo Gentio recebia, por não pretenderem a paz, e repouso do Reyno alheio, senão seu particular interesse; mas que todavia elle proporia esta sua pretensão em conselho das principaes pessoas, e Capitães que eram presentes, com quem lhe ElRey seu Senhor mandava consultar as cousas de tanta importancia como eram paz, e guerra; e tomando seu parecer, lhes responderia ao dia seguinte. E assi o fez, respondendo, conforme ao que no conselho se assentou, que lhe concederia a paz, e amizade com estas condições: Que o Çamorij entregasse toda a ar-

ti-

tilheria que tinha dos Portuguezes, que elle houvera os annos passados, e alli todos os parãos de guerra, e pagasse a perda que dera aos Portuguezes, e que dêsse em suas terras lugar conveniente para fazer humna fortaleza, e toda a especiaria que houvesse em seu Reyno por os preços que valia quando a nossa fortaleza estava em pé. E que entregasse dous galeões dos Rumes que estavam em seus portos; e não havia mais de consentir em seu Reyno Rumes, por serem inimigos dos Portuguezes; e mais que per nenhum modo havia o Çamorij innovar cousas a ElRey de Cochij que fossem causa de guerra, porque logo a paz com os Portuguezes seria quebrada. E que com estas condições elle Governador mandaria cessar a guerra; e que para o anno seguinte, pelas náos que fossem a Portugal, mandaria a ElRey seu Senhor a relação desta paz que com elle Çamorij fizera, e as cousas que a isso o movêram, mandando-lhe elle o contrario em seu regimento, e que elle esperava que Sua Alteza houvesse tudo por bem. Esta resposta houveram os Naires escrita per apontamentos, os quaes Nuno da Cunha mandou a Diogo da Silveira, e recado a Duarte Barbosa Escrivão da Feitoria de Cananor, que se fosse para Diogo da Silveira para entreyir neste negocio com el-

elle, por ser mui versado nos modos, e costumes dos Malavares, e saber bem sua lingua. Diogo da Silveira se foi ao rio de Challe, que dista de Calecut tres leguas, onde vindas algumas pessoas notaveis per mandado do Camorij, depois de irem, e virem recados, foi a conclusão, que elles dariam as especiarias por o preço, e modo passado, e das outras condições se escusaram^a.

Diogo da Silveira por resposta deste seu concerto saltou tres, ou quatro vezes em terra de fronte de Calecut em diferentes lu-

Tom. IV. P. I.

Bb

ga-

^a Diz Francisco de Andrade no cap. 65. da 2. Parte, que se fizeram as pazes, restituindo ElRey de Calecut toda a artilheria nossa, que tinha em seu poder, e os Portuguezes, e escravos que foram cativos na guerra. E que destas pazes se sentio muito ElRey de Cochij, por se assentorem sem lhe dar o Governador conta dellas, contra huma Provisão d'ElRey de Portugal, em que mandava, que nenhum Governador da India fizesse paz com o Camorij sem consentimento d'ElRey de Cochij. E queixando-se a Antonio de Saldanha de lhe quebrar o Governador esta Provisão, veio Nuno da Cunha a Cochij, e desculpou-se com tão boas razões, que ElRey se mostrou contente das pazes, e concedeo ao Governador licença para levantar gente em Cochij para a jornada de Dio. Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 6. escreve, que esta paz se concluiu quando o Governador fez a fortaleza de Chalie, como se dirá adiante no cap. 17. e que não se effectuando desta vez, Diogo da Silveira mandou per alguns marinheiros pôr fogo á Cidade de Calecut, de que queimou mais de duzentas casus, e do mar fez com a artilheria hum grande estrago na gente que acudia ao fogo. O mesmo offirma Castanheda no cap. 12. do liv. 8.

gares, e queimou algumas Macuarias, (como lhes elles chamam,) que são habitações de pescadores; e cortou muitos palmares, que elles tem por grande mal. Os Mouros, e Genticos indignados deste segredo damno, cessaram por então de fallar na paz; pelo que cahiram em tanta necessidade, por a muita guerra que lhe Diogo da Silveira fazia, que morriam á fome: porque o arroz, que he seu ordinario mantimento, e lhes vinha de fóra, chegou a valer o fardo a seis, e sete tangas, que da nossa moeda são quatrocentos e vinte reaes, valendo ordinariamente huma tanga, com que a gente pobre perecia, e não podiam ir ao mar a pescar, de que vivem, nem os galeões, que estavam carregados para o estreito de Méca, ousaram sahir donde estavam. E para mais perseverarem em sua contumacia, e obstinação de não concederem a paz com as condições que lhes pedia o Governador, succedêram duas cousas em seu favor. A primeira foi sobrevir hum temporal tão rijo, e travessão na costa, que desamarrou alguns bargantijs nossos, hum dos quaes, de que era Capitão hum mancebo Fidalgo por nome Simão de Sousa natural de Guimarães, foi ter junto da terra; o qual ficando só naquelle lugar, passada a tormenta, vieram a elle alguns paráos de Mou-

Mouros da terra, com os quaes andando ás bombardadas, lhe saltou per desastre o fogo na polvora, com que a cuberta do bargantim voou para o ar, e o Capitão com os mais foram queimados, e outros com o casco do bargantim deram em terra com grande prazer dos Mouros. A outra causa, e mais principal foi, que sabendo os Mouros de Cananor esta fome de Calecut, por os soccorrer, e tambem por fazerem seu proveito, os proviam de arroz, e de todo mantimento per o rio Tramapatam, que divide o Reyno de Calecut do de Cananor; de maneira, que Diogo da Silveira andava guardando que não fossem providos de outros rios, e elles o eram deste. Esta provisão durou té que Nuno da Cunha vindo em Fevereiro de Cochij invener a Goa, passou per Cananor, e sabendo como Calecut era provido dalli, ameaçou aos Mouros com grande castigo se o mais fizessem. O que tambem ElRey de Cananor defendeo com penas de perdimento de todos os bens, e castigo nas pessoas, com a qual defeza os de Calecut tornáram á mesma necessidade de fome.

CAPITULO IV.

Como o Governador mandou Gaspar Paes a Melique Saca a seu requerimento, e do que com elle passou.

NEste tempo estava Melique Saca, filho de Melique Az Capitão de Dio, na terra dos Resbutos em casa de seu sogro com temor d'ElRey de Cambaya, e dalli tinha já per vezes mandado recado a Lopo Vaz de Sampaio antes que Nuno da Cunha viesse. Do que Lopo Vaz fazia pouca conta, por causa das mentiras que a Eitor da Silveira tinha ditas quando o entreteve na barra de Dio para fábrica de seus artificios com ElRey de Cambaya, té que a cousa parou em elle fugir para seu sogro. E como este Mouro nas malicias, e astucias parecia bem ser filho de seu pai, tanto que teve nova de Nuno da Cunha, e do que fizera em Ormuz, e que todo seu intento era ir tomar Dio, pareceo-lhe que aquelle era o Governador que elle havia mister para seus negocios com ElRey de Cambaya: polo que quando Nuno da Cunha chegou a Goa, já achou hum seu mensageiro com cartas para elle, nas quaes

a Francisco de Andrade escreve no cap. 52. da 2.ª Parte, que este mensageiro de Melique Saca era o que

lhe dava a boa hora de sua chegada. E que porque desejava fallar com elle cousas que importavam muito ao serviço d'ElRey de Portugal, e Estado da India, mandára logo a elle, antes que começasse de ordenar algumas cousas, que per ventura, depois que o ouvisse, veria ser escusada a despeza dellas. E que havendo elle por bem de se verem, lhe mandasse seguro Real para sua pessoa, e familia, e alguma pessoa que o trouxesse, e levasse navios, e larga embarcação para sua fazenda; e que folgaria que essa pessoa que lá houvesse de ir fosse Gaspar Paes, que já estivera em Dio por Feitor, por ser seu amigo, e homem com quem se podia melhor entender, que com outro algum. Nuno da Cunha o ordenou assi, e mandou o messageiro de Melique com Gaspar Paes em huma galé sua, em que andava, e lhe deo mais quatro bargan-

tis

elle tinha enviado a Lopo Vaz de Sampaio, como se disse atrás na nota do cap. 15. do liv. 2. E Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 6. diz, Que por chegar este messageiro de Melique a tempo que Lopo Vaz aguardava por Nuno da Cunha, não se determinou na proposta de Melique, deixando a resolução della para Nuno da Cunha, que mandou o Enviado de Melique mui contente com pagas em huma galé, a qual chegada a Jaquete, o Capitão della se vio com Melique, e lhe deo huma carta do Governador, em que lhe pedia que naquella galé se fosse ver com elle a Goa. Ao que respondeu Melique Saca, que se tornasse elle Capitão embora, e dissesse ao Governador, que não queria que lhe fizessem o, que a Racz Xaroso.

tijjs com boa artilheria, e muitos espingardeiros com todo o mais provimento necessario. E a Melique Saca escreveu palavras mimosas, doendo-se de quão mal ElRey de Cambaya o tratava, tendo tantos merecimentos por seus serviços, e por os de seu pai, para lhe fazer mercê; e tambem lhe fez offercimentos de o tornar a seu estado, e outras palavras semelhantes, a fim de o provocar mais ao que elle dava a entender no que lhe escreveu de sua vinda a Goa. E porque Gaspar Paes tornou desta ida na entrada de Janeiro de 1530, que era no tempo em que se praticava nas pazes de Calcut, iremos continuando com elle té o trazer com a resposta que achou.

Partido pois Gaspar Paes a 12 de Novembro, chegou a Chaul, onde houve Pilotos que foubessem bem a enseada de Jaquete, onde Melique estava, que he aquella, em que o rio Indo vem descarregar todas suas aguas no mar^a. E por não ser

a Os Geografos modernos erram em seus mappas, e Taboas Geograficas na situação da foz do rio Indo, descrevendo na enseada de Cambaya; e os que menos erram, mettem hum braço deste rio na enseada de Cambaya, e outro na de Jaquete, sendo assi que somente na de Jaquete entram as suas aguas no mar per muitas bocas, que Ptolomeu affirma serem sete situadas por elle no seno Canthi, que he e de Jaquete, chumando á enseada de Cambaya seno Barigazeno, no qual mette os rios Coari, e Binda, que parece serem os de Baroche, e Surat, o que os naturaes chamam Narbanda, e Taptij.

visto da costa de Dio, atravessou a enseada de Cambaya bem largo ao mar, e passada a ponta de Dio algumas dez leguas, foi ter entre Patane, e Mangalor Cidades principais daquella costa, onde tomou huma não que vinha de Goga Cidade da enseada de Cambaya carregada de algodão, que hia para o Sinde. Della tomou somente a gente, e a não metteo no fundo, por ser mercadoria de grande volume, e pouca valia, e a gente mandou dalli em hum dos bargantijs para Chaul. Tornando a seu caminho mais largo da costa, achou quatorze fustas de hum Senhor della, que andavam alli esperando as náos que vinham de Ormuz, com as quaes pelejou, e fez recolher ao rio Pormeane. Passada a ponta de Jaquette, que he aquelle nomeado templo dos Resbutos, fez aguada em huma Ilheta chamada Bette, que em outro tempo fora bem povoada de Gentios, e Melique a destruiu. Atravessando dalli, em dous dias, e huma noite foi ter a huma enseada, onde estava Melique Saca mettido per hum rio dentro em hum lugar chamado Cinguilim, onde logo acudio gente á praia saber quem era, e disseram-lhe que aquelle lugar era de Melique Saca, o qual não estava ahi, mas dentro pela terra firme mais de seis leguas de caminho; e que elle deixára dito, que vin-

vindo alli algum recado do Governador da India, lho levassem logo. E posto que Gaspar Paes quizerá lá mandar hum homem, estes de Melique lho não consentiram, e lhe leváram elles o recado, sendo tudo artificio de Melique por o entreter. E tornando dahi a dous dias, por mostrar que estava em outra parte, encaminháram a Gaspar Paes pelo rio acima em hum catúr, (deixando os navios em baixo a bom recado,) onde achou Melique Saca. Gaspar Paes lhe deo as cartas do Governador, e lhe apresentou o seguro Real, que levava sellado com as Armas de Portugal, como se costuma em cousas de semelhante importancia. Melique, depois de dar graças a Gaspar Paes daquelle trabalho que levára por elle, perguntou por o Governador que homem era, e que valia tinha em Portugal; ao que elle respondeo como convinha na verdade, e á honra de Nuno da Cunha, por ser seu parente, porque Gaspar Paes era neto de João Rodrigues Paes Contador mór que fora de Lisboa, com que Nuno da Cunha tinha muito parentesco. Passada aquella primeira prática, dilatou Melique a resposta para outro dia, a qual foi de pouca conclusão, dizendo, que para elle fazer tamanha mudança de si, como era ir ao Governador, primeiro havia de ver tres cousas.

A pri-

A primeira, vir aquelle seguro em lingua Persia, e não na Portugueza, e que o havia de segurar o Governador de o não levarem a Portugal, como fizeram a Ruez Xaraso. A segunda, que no seguro lhe havia de nomear o Governador a parte que lhe havia de dar das cousas que ganhasse em Cambaya. E a terceira, que quando se houvesse de embarcar com elle, havia de ser em companhia de mais navios, e mais gente, porque a costa de Dio andava cheia de navios de Armada, e não queria aventurar sua pessoa em cousa tão singella como elle trazia. Ao que Gaspar Paes respondeo; que aquelle seguro, como vinha em nome d'ElRey de Portugal, não era decóro, nem costume que se dêsse em outra linguagem senão na Portugueza, por ser a lingua propria que ElRey fallava, e na fórma em que vinha era tão firme, e valioso, como se o mesmo Rey D. João de Portugal o assinára por sua mão; e que as suas Armas representavam seu nome, e final. E que quanto á parte que lhe haviam de dar do que se tomasse em Cambaya, quando elle Melique Saca dêsse algum modo para se tomar alguma cousa, então elle a haveria. Mas que se ainda té então elle não tinha tratado com o Governador cousa daquella materia, como havia o seguro de fallar nella, pois

pois estava por fazer? e que elle não mandára pedir mais que seguro, e navios, e que isso lhe trazia alli. E que se receava a costa de Dio, por lhe parecerem poucos os seus navios, que com esses poucos tornára elle huma náó, e fizera recolher no rio de Pormene quatorze fustas. Em fim vendo Gaspar Paes as simuladas razões de Melique Saca, e que lhe não quiz tornar o seguro, depois que o teve na mão, dizendo que o queria ver com alguns dos seus, e tomar delles seu parecer, entendeu que aquella invenção de o fazer alli vir fora como o que tinha feito a Eitor da Silveira, para fazer seus negocios com ElRey de Cambaya, e alli se vio pelo successo, porque dahi a pouco tempo se tornáram a reconciliar, como ElRey soube que Gaspar Paes fora ter com Melique, e lhe levára o seguro, que Melique mostrava em abonação de sua lealdade, temendo ElRey, que se o mais indignasse, ordiria alguma trama com o Governador que lhe custasse muito.

CA-

CAPITULO V.

Como Gaspar Paes se partio desavindo de Melique Saca, e lhe queimou algumas fustas, e se tornou a Cochij.

Gaspar Paes despedido, e bem escandalizado de Melique, se recolheu a seus bargantijs, e a noite seguinte ao tempo da maré com dous delles sómente pelo rio acima lhe foi queimar nove fustas, e tornou-se a sahir com determinação de na seguinte noite ir queimar quinze que eram de seu sogro, e estavam mais acima meia legua. Mas vendo o Mouro o damno do fogo das outras debaixo, poz em salvo as de cima, com que Gaspar Paes não pode pôr em effeito seu proposito. E partido dahi, veio correndo a costa té chegar á Cidade de Mangalor, onde achou muitas náos de Cambaya, e algumas de Ormuz com seus cartazes para poderem navegar, e deixou de fazer damno a outras que os não tinham, porque estavam em companhia das que eram de amigos nossos. E ao tempo que Gaspar Paes chegou desta viagem a Cochij, que foi em Janeiro, sabendo delle o Governador que hi estava o que passára com Melique, e que tudo eram enganos, e astucias para fazer bem seu negocio, ficou mui indignado, e com

e com o fundamento desfeito da esperança que aquelle Mouro dava das cousas de Dio; pelo que mudou de proposito, e determinou de ir o anno seguinte com hum grossa Armada sobre aquella Cidade^a. E porque em Choromandel andavam muitos Portuguezes, por ser terra abastada, em que os homens a pouco custo se mantinham, mandou lá hum cavalleiro per nome Ambrosio do Rego com poderes bastantes para fazer vir aquella

^a Escreve Francisco de Andrade no cap. 55. da 2.ª Parte, que estando Melique Tocão, irmão de Melique Soca, por Capitão de Dio, (depois que deixou aquella capitania Canaimaluco, como se disse atrás na nota do cap. 14. do liv. 2.) mandara Nuno da Cunha segunda vez Gaspar Paes a Dio, escrevendo a Melique Tocão os parabens da capitania, e offerecendo-lhe sua amizade para ter Feitoria em Dio; e com ordem a Gaspar Paes, que reconhecesse com particularidade a Cidade, e destramente persuadisse a Melique que desse nella hum fortaleza a El Rey de Portugal, com que se asseguraria das tyrannias de Badur. Partio Gaspar Paes de Goa com tres fustas em Fevereiro de 1530, chegou a Dio, foi bem recebido de Melique Tocão, deu-lhe a carta do Governador, e hum presente que lhe mandava; e tratando da Feitoria, mandou Melique avisar a El Rey Badur, como o Governador a offerecia: a que respondeo, que depois que visse as condições com que se havia de assentar, mandaria o que lhe bem parecesse. Em quanto foi, e veio este recado a El Rey, viu, e notou Gaspar Paes tudo dentro, e fóra da Cidade; e despedido de Melique, (a que não fallou na fortaleza, por se lhe mostrar muy obrigado, e fiel ao serviço de Badur,) com hum presente rico para o Governador, e resposta da sua carta com grandes agradecimentos da amizade que lhe offerecia, tornou a Goa em salvamento.

la gente, e perdoar a alguns que lá andavam homiziados, vindo a servir a ElRey naquella jornada de Dio; e assi ordenou, que Antonio de Saldanha ficasse alli aquelle inverno para prover as cousas necessarias á Armada.

Téaquelle tempo, sendo já perto da sua partida para Goa, não se tinha visto com ElRey de Cochij, por elle estar doente de bexigas, posto que o tivesse mandado visitar per recados, e mandando-lhe dizer, que se queria partir, e quanto sentia sua enfermidade, pois fora causa de o não poder ver. ElRey lhe respondeo, que nenhuma cousa lhe poderia dar saude senão sua vista; e que não ousava de lhe pedir que o visitasse, tendo muitas cousas de importancia que tratar com elle, por sua enfermidade ser contagiosa, e recear que temesse elle de o ver. O qual receio Nuno da Cunha lhe tiron com ir a elle, que não foi pouco consentir ElRey ser visto naquelle estado de enfermo, e de tal enfermidade, posto em mão de hum Bramane, que o curava, por serem aquelles Gentios mui superficialiosos, e de grandes agouros em suas obras, e não quererem os Grandes que os vejam em suas enfermidades, por lhes não verem suas fraquezas. Toda a prática da visitação foi queixar-se ElRey, e contar a Nuno da Cunha os aggravos

vos que recebêra de Affonso Mexia no tempo das differenças entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas. Na qual prática Nuno da Cunha conheceo d'ElRey fer homem prudente por a paciencia que teve nas cousas que lhe foram feitas em modo de desprezo, fazendo pouca conta delle. Ao que Nuno da Cunha respondeo de maneira, que lhe curou sua paixão, assi em secreto, como em público; e por o que importava ao serviço d'ElRey de Portugal, e conservação da paz, e amizade que tinha com elle, o tratava com toda a reverencia que podia, e algumas cousas lhe concedeo ácerca dos direitos das mercadorias que lhe não pagavam, com que Nuno da Cunha o deixou contente, e satisfeito.

CAPITULO VI.

Como Nuno da Cunha foi a Goa, e o que fez em Challe, onde achou Diogo da Silveira, a que encommendou que destruísse o Chatim do rio de Mangalor.

TAnto que Nuno da Cunha deo fim ao que tinha que fazer em Cochij, partio para Goa, e chegado a Challe achou Diogo da Silveira com a maior parte da sua Armada, por ter sabido que per aquelle rio hayiam de fahir os galeões dos Ruines que

dissemos. Neste rio se deteve Nuno da Cunha hum dia, onde foi visitado d'ElRey, e Principe de Challe por estarem de paz comnosco, e por isso acudiam a Diogo da Silveira com os mantimentos da terra que lhe eram necessarios, posto que este Rey desse obediencia a ElRey de Calecut. Polo que a seus mensageiros Nuno da Cunha fez mercê, e deo licença para ElRey poder mandar vir mantimentos de fóra, por estarem na mesma necessidade delles que Calecut. E porque soube que hum Chatim, que estava em Mangalor mui rico, e poderoso, fazia muitas offensas a Portuguezes, principalmente em dar favor aos de Calecut, que tirassem per aquelle porto suas especiarias para os Mouros, sob color de ser vassallo d'ElRey de Narsinga, encommendou muito a Diogo da Silveira que fosse áquelle Chatim e podendo dar hum castigo áquelle Chatim sem perigo seu, o fizesse. E primeiro que se despedisse de Diogo da Silveira, fez mercê aos Capitães, e pessoas notaveis que com elle andavam na sua Armada, e mandou pagar soldo á gente de armas, por todos andarem gastados, e bem agastados, por aquella guerra do Malavar ser de muito trabalho, e pouco proveito, cousa que os soldados mal soffrem.

Despedido o Governador de Diogo da

Sil-

Silveira, partio-se via de Cananor a 12 de Fevereiro de 1530, onde estava D. João Deça por Capitão, e no lugar onde se os Reys costumam ver com os Governadores, que he ante a fortaleza nossa, se vio ElRey com Nuno da Cunha, vindo com sua pompa, e apparato de Naires postos em ordem de guerra. E como elles são homens de grandes ceremonias, e vãos em seu tratamento, e mais elle, que era homem mui velho, e da condição mimoso, Nuno da Cunha satisfez tanto á sua vaidade, que ficou elle mui contente. E a troco de alguns requerimentos, que lhe Nuno da Cunha concedeo, por serem justos, lhe pedio o bom tratamento do seu Guazil, por ser nosso amigo, e fiel, o qual andava fóra da sua graça, como atrás dissemos. E por ser costume geral, quando os Reys se vem com os Governadores, apresentar-lhes sempre alguma peça, fez ElRey presente a Nuno da Cunha de hums bracettes lavrados de pedraria, que elle aceitou por o não escandalizar, por elles haverem por injúria engeitar-lhes o que offerecem. Nuno da Cunha os mandou logo entregar ao Feitor da Armada para os mandar a ElRey quando as náos viessem ao Reyno, por cumprir com sua condição, que era alheia de toda cubiça, e com as leis de seu officio, com as quaes cumprem

pou-

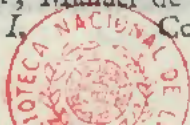
poucos. Despedido Nuno da Cunha d'El-Rey, provêo nas cousas da fortaleza, mandando fazer algumas obras para mais segurança della, além de hum baluarte que Lopo Vaz de Sampaio tinha mandado fazer. E por causa das novas que alli soube das cousas de Calecut, além das amoestações, e defeza que poz nos que dalli o proviam com mantimentos, mandou recado a Diogo da Silveira, que em se levantando de Calecut, deixasse alli alguns Capitães para tolher entrarem-lhe mantimentos; e elle o fez assi, deixando Nuno Fernandes Freire com huma galeota, e hum bargantim com sessenta homens, com os quaes gastou bem o tempo que se alli deteve, vindo-lhe de Cananor os mantimentos.

CAPITULO VII.

Como Diogo da Silveira entrou no rio de Mangalor, e destruiu o Chatim que alli vivia.

Ficou Diogo da Silveira, depois da partida de Nuno da Cunha para Goa, visitando todos os rios daquella costa sem deixar entrar, nem sahir véla alguma, com que metteo em grande oppressão os lugares della por levar dezeseis vélas, de que eram Capitães João da Silveira seu irmão, Francisco da Cunha, Manuel de Vasconcellos, João

Tom. IV. P. I.



N IMPRENSA NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

João Penalvo, Diogo Quaresma, Aires Cabral, Antonio de Sousa, Nicoláo Jufarte, Gomes de Souto-maior, Antonio de Souto-maior, Affonso Alvares, Lourenço Botelho, Antonio Mendes de Vasconcellos, Francisco de Sequeira, e Antonio Mendes Malavares, e em que hiam quatrocentos e cincoenta homens. Com esta Armada foi a Mangalor, que he hum lugar mettido per hum rio do mesmo nome, per que podem entrar navios de carga. Este lugar he d'El-Rey de Narsinga, com que os Portuguezes tinham paz, e amizade, por a qual razão se recolheo naquelle rio hum tão grosso mercador em substancia de fazenda, que por excellencia era chamado, e conhecido por Chatim de Mangalor, porque entre elles ao mercador chamam Chatim, que já he recebido entre os Portuguezes, que naquellas partes tratam. Este de Mangalor, porque com a guerra de Calecut, que durou annos, não podia negociar seus tratos, tomou por remedio arrendar a El-Rey de Narsinga aquelle rio, e dalli carregava muitas náos para o Estreito de Méca, parecendo-lhe que o salvava desta obra estar elle naquelle lugar, que era de hum Rey nosso amigo. Porém como homem que sabia offender-nos naquelle trato que tinha com nossos inimigos, por se segurar de nossas Armadas, fez per dentro def-

deste rio huma fortaleza de pedra , e cal, onde se recolhia. E como ElRey de Calecut per este cano surdo dava sahidas a suas especiarias , escondidamente o favorecia com munições , e artilheria para se defender de nós , se lá quizessemos entrar. E por a Nuno da Cunha ser dito o procedimento deste Chatim , e o favor que lhe dava ElRey de Calecut , e quão forte estava , encommendou a Diogo da Silveira o castigo delle.

O Chatim , como per via de Cananorteve aviso que haviam de ir sobre elle , na entrada do lugar em algumas partes fez humas tranqueiras em modo de baluartes com artilheria para fazer damno a quem entrasse pelo rio contra sua vontade. E diante da sua casa forte tinha feita humia força de madeira com dobrada artilheria , e as vigas mais espessas , porque naquelle lugar era necessaria maior resistencia. Diogo da Silveira nas mais pequenas embarcações , deixando as outras a bom recado na boca do rio , subio per elle acima com duzentos e quarenta homens , de que ametade eram espingardeiros , a cujo encontro sahio hum esquadrão de gente frêcheira , e alguma com espingardas , cuidando que como empregassem os primeiros tiros , fariam embarcar os poucos nossos ; mas como elles começaram a sentir o fogo , e o ferro dos Portuguezes ,

tanto se foram retirando té que se recolhêram de todo ; os nossos foram trás elles , e os seguiram té que a ligeireza dos pés os salvou. Despejado o lugar , foi Diogo da Silveira demandar a casa forte , que estava junto do rio , no commettimento da qual os nossos começaram a sentir mais resistencia com tiros de espingarda , frêchas , panellas de polvora , e todo outro artificio de boa defensão , té que a pezar della , e delles os nossos chegaram á porta , amparada de hum baluarte , em que tinham os inimigos assellada muita artilheria ; e os primeiros que commettêram querer entrar nesta casa foram Diogo Alvares Telles , Francisco de Barros de Paiva , João de Sousa Lobo , Gomes de Souto-maior , Francisco Brandão , Diogo Tiznado , Duarte de Paiva , João Quaresma , e Antonio Mendes de Vasconcellos , tomando todos hum berço de ferro dos que estavam no baluarte , e feito delle vaivem , foi a porta aberta , e a casa entrada ; e a melhor fortuna que os nossos tiveram em seu favor , foi , que a hum bombardeiro dos Mouros , que governava huma peça de artilheria grossa , com que lhe pudera fazer grande damno , hum espingardeiro Portuguez o matou. Tanto que a casa foi entrada , vendo o Chatim que não podia salvar a fazenda , procurou sal-

salvar a vida; e foi tão desditoso, que indo-se acolhendo entre alguns seus que o acompanhavam, outro espingardeiro nosso o derribou. E porque os mais delles hiam buscar o rio para se salvar a nado da banda de além d'elle, acháram os nossos bargantijs, e catúres, que ás lançadas matáram tantos, que as aguas andavam tintas com o seu sangue, e assi huns no mar, e outros na terra acabáram as vidas^a; e os nossos, posto que houveram vitoria delles, não houveram sua fazenda; porque Diogo da Silveira depois que mandou recolher toda a artilheria, da qual alguma fora tomada a navios pequenos de Portuguezes quando passavam per aquella costa, mandou pôr fogo a toda a fazenda que estava na casa do Chatim, que era muito cobre, azougue, vermelhão, coral, e outras mercadorias, que pela navegação do mar Roxo os Mouros levavam áquellas partes, as quaes mercadorias o Chatim havia a troco da pimenta; porque temeo Diogo da Silveira que os seus soldados se quizessem entregar naquella fazenda em recompensa de seu trabalho, e carregalla nos navios da sua Armada, que eram de remo para pelejar, e não para car-

^a Eram os Mouros mais de quatro mil, dos quaes entre mortos, e feridos foram mais de mil, dos nossos morreram treze, e das frêchas foram feridos muitos. Francisco de Andrade 2. Parte, cap. 57.

regar com semelhante preza. Tambem mandou queimar treze navios, que alli estavam varados para carregar de pimenta, e decapar os palmares, cousa que aquella gente mais sente.

Acabado este feito, por ser já no fim do verão, fez Diogo da Silveira sua viagem para Cananor, despedindo de si oito, ou nove vélas, por já não ter necessidade dellas, parecendo-lhe que não podia vir couzã para que as houvesse mister. Mas não succedeo alli; porque chegado a Cananor, estando descarregando alguma daquella artillheria que tomou ao Chatim, acertou de passar hum Capitão d'ElRey de Calcut por nome Pate Marcar, de que nesta historia ao diante se fará muita menção por a guerra que nos fez. Este levava hum Armada de sessenta paráos, e hia a Mangalor, que Diogo da Silveira deixava destruido, a buscar arroz, por a necessidade que Calcut tinha delle. Diogo da Silveira alli carregado como estava, vendo passar aquellas vélas, as quiz seguir, por não perder tão boa occasião, ainda que tinha menos as vélas que despedio, e que eram as que lhe ficáram poucas, e peçadas, e assi não lhe succedeo bem; porque Pate Marcar como era Capitão, e as suas embarcações hiam despeçadas, melhorou-se colhendo o balraven-

to

to a Diogo da Silveira; e hum dos nossos catúres que hia diante, por ser ligeiro, por desastre soçobrou, e de humia bombardada quebráram os inimigos hum braço a João da Silveira seu irmão. E vendo que o vento por ser contra elle lhe não dava lugar para ir ao Mouro, se tornou a Cananor a descarregar, com fundamento que voltando mais leve, e o Mouro carregado se vingaria d'elle. E como o cuidou, assi foi; porque Pate Marcar tornando de Mangalor tão carregado de medo, por a destruição que vio naquelle lugar, como de arroz que foi buscar a outra parte, chegando a Monte Deli, onde Diogo da Silveira o estava esperando, perdeu seis vélas, que os nossos lhe metteram no fundo, e com esta perda se acolheo a Calecut, e Diogo da Silveira se foi invernar a Cochij.

C A P I T U L O VIII.

Do que fez Antonio da Silveira com humia Armada na enseada de Cambaya, onde tomou Surat, e Reiner Cidades principaes daquella costa.

SEguindo a ordem que o Governador Nuno da Cunha teve em mandar as Armadas de Cochij, como a elle chegou, de que a primeira foi a de Diogo da Silveira,

ra, diremos agora o que fez Antonio da Silveira com a sua na costa de Cambaya, o qual partio de Cochij a 16 dias de Dezembro de 1529 para Goa a recolher os navios que o Governador mandava que levasse, e dahi se foi a Chaul, onde tambem tomou os que alli estavam, e partio para a encada de Cambaya a 21 de Janeiro de 1530: e logo em Bombaim, que são cinco leguas de Chaul, fez alardo, e achou que levava cincoenta e huma vélas, de que tres eram galés, huma em que elle hia, e em outra hia Francisco de Vasconcellos, que andava na costa do Malavar; e por ser homem de muita conta para aquella guerra de Cambaya, mandou o Governador que fosse com Antonio da Silveira; de outra galé era Capitão João Rodrigues Paes irmão de Gaspar Paes; e de duas galeotas eram Capitães Fernão de Lina, e João de Magalhães irmão de Fernão Martins Evangelho. Todas as mais vélas eram fustas, bargantijs, e catúres, embarcações de remo, e pequenas, nas quaes por o alardo que fez, achou que levava novecentos homens Portuguezes, em que entravam muitos Fidalgos mancebos, e criados d'ElRey, que aquelle anno foram com Nuno da Cunha.

Sahido de Bombaim, foi correndo a
costa

costa té Damam, e no caminho achou algumas náos carregadas de madeira, que atravessavam para a Cidade de Dio, e alli achou hum barco pequeno, que vindo dar com elle, o tomou, no qual hia hum Mouro honrado que vinha de Dio mandado de Melique Tocam. Dalli foi ter á barra do rio de Taptij, pelo qual acima estavam duas Cidades as mais notaveis daquella enseada. Á primeira chamam Surat a tres leguas da foz, e á outra Reiner, da outra banda do rio, meia legua da sua ribeira, detrás de húma ponta que a terra faz. Esta era mais sumptuosa em edificios, e policia de gente bellicosa, todos Mouros costumados á guerra do mar, e de que as mais das fustas, e navios da Armada d'ElRey de Cambaya se proviam. Surat era povoada de gente fraca, a que chamam Baneanes, homens dados a officios mecanicos, principalmente á arte de tecer pannos de algodão. Este rio Taptij, posto que he dos dous mais notaveis que aquella enseada tem, e atravessa toda aquella parte de Cambaya, que jaz na costa do Oriente, não podem entrar nelle vélas grandes; e porque os nossos Pilotos não sabiam a entrada delle, nem o fundo que tinha, posto que Antonio da Silveira levava alguns Mouros de Chaul, não se quiz fiar delles, nem de olhos alheios,

se-

senão dos seus ; e por si mesmo em dous bargantijs foi sondando o rio: nelle vio que não podiam entrar senão fustas, e bargantijs, porque de maré vasia todo outro navio de maior porte ficava em secco, sómente tinha huns poços ao modo de pégos, que parecia serem feitos de industria, para quando alguma não se achasse dentro, ter alli cama na vassa. Reconhecido o rio, metteo-se com toda a gente que havia mister nos bargantijs, e catúres, e na foz do rio deixou as maiores embarcações, e com ellas Francisco de Vasconcellos ; e por ser da barra donde elle partio á Cidade quatro leguas, não pode no primeiro dia chegar a ella por razão da valante da maré, com que lhe ficáram algumas embarcações em secco com o pezo da gente: e assi quando veio ás doze horas do dia seguinte, chegou ante a Cidade, que na vista lhe pareceo mais defensavel do que os nossos a acháram, por ser hum povoação de dez mil vizinhos, com casas nobres de ladrilho, e no cabo hum fortaleza junto d'agua, com seu caes muyto bem feito. Antes da Cidade havia hum praia limpa, em que Antonio da Silveira determinou de desembarcar, parecendo-lhe que mais seguramente o podia alli fazer; e porque pegado a esta praia estava hum refugio, que occupando-o os inimigos, podia re-

receber delles muito damno, mandou Manuel de Soufa com alguma gente que lho fosse tomar em quanto elle desembarcava, e ordenava a outra; o que Manuel de Soufa fez sem resistencia. E posto que, quando Antonio da Silveira commetteo a desembarcação, lha quizeram defender os inimigos com algumas fréchadas, e espingardadas, nenhum destes que as tirava esperou o retorno dos nossos, havendo nesta gente hum corpo de mais de dez mil homens, em que entravam trezentos de cavallo, tomando todos por salvação virar as costas aos nossos a quem mais corria; porque esta gente Ba-neane he tão fraca, que o tenor lhe faz não ter conta com a honra, mas tem por prudencia salvar a vida como puderem. Finalmente a Cidade se despejou de toda a gente, havendo tres dias que tinham tirada sua fazenda, por saberem que a Armada vinha per aquella costa, e estavam cada dia esperando serem visitados. E como os Portuguezes não acháram nella fazenda, de melhor vontade lhe puzeram o fogo per muitas partes, como Antonio da Silveira mandou, e assi a hum galeão novo, e a outras vélas que estavam em estalleiro; sómente ficáram por queimar algumas vélas de Malavares de Cananor, e Cochij, que alli estavam á carga, que nesta entrada puzeram

bandeiras brancas ; e sabendo Antonio da Silveira serem de nossos amigos , escapáram do incendio das outras.

Acabado este feito , sem custo nosso , mandou Antonio da Silveira Manuel de Souza que fosse diante d'elle sondando o rio da banda de Reiner , que era a outra Cidade que distava desta queimada huma legua com a torcedura do rio , mas per caminho direito pouco mais de meia legua ; e indo com Pilotos sondando , quasi já na fronteira da Cidade , começaram de lhe tirar com algumas bombardas , que estavam postas em huma estancia , da qual esperavam defender a desembarcação aos nossos. Sondado o rio , tornou Manuel de Souza aonde deixára Antonio da Silveira , que sem detença com toda a gente subio pelo rio acima té defronte da Cidade , a qual estava situada em hum teso ao longo do rio , e todo o circuito della era campina , e a sua casaria ao modo de Hespanha de pedra , e cal , com portaes , e janellas lavradas de mace-naria^a. Do rio se serviam per tres caezes de pedra , nas quaes partes como suspeito-sas , perque os nossos poderiam commetter a desembarcação , tinham affestada muita ar-ti-

u Esta Cidade de Reiner , diz D'ago do Couto , que foi fundada pelos Gentios Reineis , que já foram Senhores de todo o Reyno.

tilheria, com suas tranqueiras, e defensões. Afistado hum pouco da Cidade, no lugar onde tiravam as náos em estalleiro, estavam todas juntas, tambem com sua defensão de quatorze bombardas grossas, temendo que lhas fossem queimar. Seria aquella Cidade de seis mil vizinhos, quasi todos Mouros Naiteas^a, gente mui valente, e destra na guerra do mar, geração avorrecida dos naturaes da terra, por serem homens maliciosos, e atraçoados, e quasi toda sua valentia estava mais em manha, que em esforço, e forças. Estes nas guerras de Cambaya eram havidos por os primeiros, e principaes, e com a grossura do trato da Cidade eram ricos, e a riqueza os fez soberbos, como pela mór parte são os que estam em estado prospero; e quasi toda a navegação para Tanaçarij, e estreito de Méca era desta Cidade, que das mercadorias daquellas partes estava cheia. Antonio da Silveira vendo que se sahisse em algum dos cae-

^a Estes Naiteas são grandes cossaios, e todos usam a arte, e guerra do mar: he a mais baixa casta dos que seguem a lei de Mafamed, segundo a feita dos Arabes. E por elles entrou aquillo falsa lei no Reyno de Cambaya, e dalli se estendeu per todo Oriente, assi nos Reynos da terra firme, como nos dos Ilhas de Camatra, Java, Borneo, Banda, Maluco, onde estes Naiteas chegaram com suas náos; e como zelosos da sua feita, a prégaram, e converteram a ella grande multidão daquella Geniilidade. Diogo do Couto 4. Dec. liv. 6. cap. 9.

caezes sería causa de lhe morrer sua gente, pór a muita defensão de artilheria que nelles havia, quiz antes desembarcar em hum teso, e mandou a Manuel de Sousa, que com a gente que levava, que seriam sessenta homens., os mais delles espingardeiros, fosse tentar huma estancia, que os Mouros naquella ilharga da Cidade tinham feita, a qual Manuel de Sousa commetteo com tanto impeto, que fez aos Mouros despejar o lugar ás espingardadas, e lançadas; e alguns quinhentos de cavallo, que andavam no campo ao redor daquelle sitio, quando viram que os nossos eram senhores da estancia, como gente que tinha alli pouco que fazer, puzeram-se em salvo. Manuel de Sousa vendo-se desimpedido da gente daquelle lugar, foi-se ajuntar com Antonio da Silveira, que com o corpo de toda a gente foi dar em outra estancia acima da parte do rio, que tambem foi logo despejada, sem nella achar a valentia, que lhe diziam daquelle gente; antes no primeiro commettimento, sem cuidado de mulheres, filhos, ou fazenda, começaram de ir-se recolhendo per huma rua larga, tão de pressa, que os não podiam os nossos seguir. Os primeiros que se acharam nesta entrada foram Gonçalo Vaz Coutinho, Balthazar Lobo de Sousa, João Jusarte Tição, Diogo

go Varella, Francisco da Silva, Ruy Boto de Lima, D. Diogo Valençuela, Pero de Taide, Duarte de Mello, e outros, os quaes como viram que a vitoria era sua, despejando a Cidade, não quizeram sahir della para seguir mais os inimigos, porque podia vir gente de cavallo, que os poderia enxovalhar, estando cansados. Antonio da Silveira deo a Cidade a sacco aos soldados; e se houvera embarcações, em que recolher parte das muitas mercadorias, de que ella estava bem cheia, ficaram todos ricos: pelo que o Capitão mór mandou pôr fogo á Cidade per muitas partes, a qual por estar posta em campina, assi lhe affoprava o vento, que era hum terror ouvir os estrallos, e estrondo que faziam os madeiramentos, e paredes das casas; cousa certo, ainda que a Cidade era de inimigos, muito para doer aos mesmos gloriosos da vitoria. Além da fazenda que ardeo na Cidade, tambem ardêram muitas náos^a, e fustas, que estavam na agua, e em estaleiro, entre as quaes estava huma, que entre elles era afamada, porque nas partes de

Ma-

^a As náos eram vinte, e muitas cotias carregadas de fazendas, mantimentos, e madeira. e a artilheria das tranqueiras, por não haver onde a embarcar, a mandou Antonio da Silveira lançar no pégo do rio. Diogo do Couto, Dec. 4. liv. 6. cap. 9. e Fernão Lopes de Castanheira, cap. 8. liv. 8.

Malaca em companhia de outra tomou huma não nossa, em que andava por Capitão Alvaro de Brito, de que atrás dissemos.

CAPITULO IX.

Como Antonio da Silveira tomou Agacim, e a destruiu.

A Cabado o feito de Surat, e Reiner, que foi hum dos honrados que naquella enfada té então se fizeram, deixando estas duas tão notaveis Cidades destruidas, e queimadas com tão pouco custo dos vencedores, tornou-se Antonio da Silveira recolher a seus navios, os quaes achou postos em grande festa; porque em quanto elle ganhou aquella honra, tomáram elles seis vélas, que hiam carregadas de mantimentos para Dio. E ao Mouro que tomou de Melique Tocam despedio, mandando-lhe dar sua embarcação, que fosse em boa hora, e lhe perdoasse, porque quando o tomára hia com determinação de destruir aquellas duas Cidades, e o entretivera para ver o que os Portuguezes nisso faziam; e pois já o vira, podia levar esse recado a seu Senhor, do que o Mouro ficou mui contente, e teve que contar a Melique.

Sahido Antonio da Silveira da barra donde estava, foi-se outra vez a Damam, que

que he hum lugar grande , que tem hum rio onde não podem entrar galés. E para sua defensão tinha huma fortaleza com quatro cubelos , e muro de oito pés de largo. Mas os seus moradores ficáram tão assombrados com a destruição das Cidades de Surat , e Reiner , que não ousáram experimentar o ferro dos que vinham triunfando dellas , e despejáram o lugar de todo ; polo que não tiveram os nossos mais que fazer nelle , que tomar alguns mantimentos , e pôr-lhe o fogo , e em batéis pequenos foram a cativar alguns Mouros pelas aldeas que estavam ao longo do rio^a.

Dalli veio Antonio da Silveira caminho de Agacim , que dista de Chaul quatorze leguas , com determinação de dar nelle. E por o rio não ser para isso , desembarcou na costa brava , meia legua do lugar , que era grande , e rico de fazenda , posto que pobre de edificios , em que haveria cinco mil homens de pé , e quatrocentos de cavallo , que serviam de guarnição , por ser perto de Chaul , os quaes não despejáram o lugar , por lhes parecer que os nossos não queriam ir a elle , porque tinham muito

Tom. IV. P. I.

Dd

ca-

^a Esta tomada de Damam escreve mais largamente Francisco de Andrade no cap. 56. da 2. Parte, onde se poderá ler. E diz que de caminho destruiu Antonio da Silveira a Ilha de Bombaim ; mas não faz menção da tomada, e de Agacim.

caminho que andar a pé, e confiando na gente de cavallo, que os podiam impedir. Antonio da Silveira como tudo té o lugar era campo, e lhe pareceo ser mais perto do que era, sahio em terra, e mandou diante caminho do lugar por descubridor hum Capitão Canarij, chamado Malú, homem costumado a andar em nossas Armadas ganhando soldo. Nas costas deste Canarij mandou tambem a Francisco de Vasconcellos, e Fernão de Lina, ambos com alguns espingardeiros, e elle com a mais gente os seguiu na retraguada. Caminhando todos nesta ordem, foram dar os dianteiros na gente do lugar, que a modo de encuberta estavam lançados no baixo de hum cabeço, os quaes em os nossos chegando sahiram mui rijo, dando grande grita. Neste commettimento matáram cinco Portuguezes, com que os mais se puzeram em virar as costas aos inimigos. Mas foram logo entretidos per Francisco de Vasconcellos, e per outros Fidalgos, e chegou Manuel de Sousa, que vinha detrás com mais de cem espingardeiros, que fizeram aos Mouros voltar caminho do lugar. Chegando Antonio da Silveira aonde foi este desmancho, não se quiz deter, nem levar o passo tão vagaroso como levava; mas tomando-o mais apressado, chegou ao lugar, e antes de entrar nel-

le, deixou a bandeira acompanhada daquelles que haviam mister tomar algum folego. Na parte onde deixou aquella gente era em huma de duas entradas, que o lugar tinha de sua serventia, porque o mais era o rio, e da outra banda huma vasa, que no tempo de baxamar era peor que a mesma agua; e affi do rio, e da vasa era este lugar cercado ao modo de Ilha, o qual estava cheio de muita artilheria, e mercadoria de pannos de algodão, e grande quantidade de madeira, por a muita que cada anno dalli se tirava para diversas partes, o que tudo foi á força de ferro pelos nossos entrado. E como este lugar não tinha mais que aquellas duas serventias, e huma lhe tomou Antonio da Silveira com a bandeira Real, não se pode salvar tanta gente, e foram cativos mais de duzentos, e muitos mortos, e o lugar queimado, e os navios que estavam no rio^a. Destruído este lugar, tornou-se Antonio da Silveira a recolher, e veio-se a Bombaim, que dista cinco leguas de Chaul, para mandar recadar as pareas dos de Taná, Bendorá, e Caranjá, que eram obrigados a pagar em cada hum anno por as parzes que fizeram com Eitor da Silveira; mas

Dd ii

não

^a Nesta guerra queimaram os Portuguezes trezentas vllas entre rãos grossas, zambucos, e colias, carregadas de fazenda, de madeira, e mantimentos. Fernão Lopes de Castanheda cap. 9. do liv. 8.

não o pode fazer por ir soccorrer ao Capitão de Chaul, como diremos.

CAPITULO X.

Como Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul mandou recado a Antonio da Silveira, que o viesse soccorrer em hum pressa em que estava com os Capitães d'ElRey de Cambaya.

Neste tempo que Antonio da Silveira andava correndo a costa de Cambaya, Soltão Badur Rey della fazia guerra ao Nizamaluco, que era Senhor das terras de Chaul, o qual se hia retirando da potencia de Badur, que era Senhor do campo; e entre alguns Capitães seus, que nas terras do Nizamaluco faziam entradas, era hum Popaterao que fora seu vassallo, e se lançára com o Soltão Badur; e por melhor saber a terra, veio contra aquella parte de Chaul per seu mandado, e a estragou quanto pode, té chegar á povoação dos Mouros, que he acima da nossa fortaleza. Os quaes com alguns Portuguezes, que com elles estavam, e outros que acudíram com Fernão de Moraes, que hi estava com hum galeão, que Nuno da Cunha mandava para Ormuz, todos juntos pelejaram com os Mouros de cavallo entre huns vallos das

hor-

hortas do lugar, e derribáram quatro delles, com que escaumentáram os outros, e se foram com esta perda. Quando veio ao outro dia, movido Francisco Pereira de Berredo, per conselho de alguns homens, e importunado dos Mouros, e gente da terra, pedindo-lhe que os fosse amparar antes que aquella gente tornasse aos destruir, porque como hiam escandalizados, temiam que de proposito tornassem a se vingar, se armou com parte da melhor gente que tinha, em que entravam cincoenta de cavallo, e cento e cincoenta de pé, e sahio da fortaleza, e passando a povoação destes Mouros, foi-se a hum passo além della, que he como entrada, o que chamam Argao, que será da fortaleza meia legua, o qual por ser entre humas serras, he tão forte, e tão estreito, que cincoenta homens podiam defender a entrada a cem mil. E porque alli não acháram os Mouros que hiam buscar, alguns da companhia começaram de requerer a Francisco Pereira, que fosse mais avante, porque de outra maneira pareceria aos Mouros de Chaul covardia. Elle movido com estas razões, começou seguir o caminho, e a outro passo apartáram-se quatro de cavallo dos seus a descobrir terra, os quaes lhe mandáram dizer, que andasse mais, que tudo estava seguro. Chegando a hum

hum campo, no fundo delle jazia em repouso o Capitão Popaterao, e outros que aquella noite vieram a se ajuntar com elle, os quaes seriam per todos cinco mil de cavallo, e dez, ou doze mil de pé. Francisco Pereira, como vio tão grossa gente, e que começava abalar contra elle, e travar escaramuça com os de cavallo que hiam diante, quiz voltar ao passo recolher a gente de pé; mas ella hia tão cansada, e a calma era tão grande, que como homêns, que se não atreviam na força dos pés, começaram de se espalhar, e metter pelo maro, a qual desordem os matou, porque os Mouros hum, e hum os foram derribando a todos. Francisco Pereira o melhor que pode no passo entreteve os de cavallo; mas como veio a gente frêcheira dos Mouros, que eram de pé, fizeram recolher os nossos á fortaleza, a maior parte delles feridos, e deixando no campo mortos mais de oitenta^a. Com este desbarato ficou a fortaleza
tão

a Escreve Francisco de Andrade (no cap. 44. da 2. Parte) este successo de Chaul no tempo do governo de Lopo Vaz de Sampaio, e que tendo o Governador nova desta desgraça, mandou a Chaul Antonio de Miranda com os seus poderes, o qual quando chegou achou já em Chaul Eitor da Silveira, que sabendo do que acontecera acudira logo alli com a sua gente. E no cap. 56. diz, Que o Governador Nuno da Cunha ordenou a Antonio da Silveira (depois da destruição de Damam, e Agacim) que fosse a Chaul, e tomando posse da fortaleza, *Não mandasse preso*

tão defamparada de gente, e sujeita a todo desastre, se os Mouros tiveram animo para logo vir sobre ella, que por este receio escreveu Francisco Pereira a Antonio da Silveira o perigo em que estava, o qual acudio logo; e sabendo o caso, e quão perto ElRey de Cambaya andava, temeo que sabendo a destruição que elle Antonio da Silveira deixava feita naquella costa, em vingança disso quizesse vir sobre aquella fortaleza, tanto mais tendo nova do que estes seus Capitães deixavam feito a pouco custo seu. Polo que por esta causa Antonio da Silveira em chegando mandou fazer muitas estancias, e assentar nellas sua artilheria, provendo na terra, e no mar, como quem esperava de se defender a todo o poder do Soltão Badur, que andava mui soberbo pelas terras do Nizamaluco. O que aproveitou muito; porque como estes Capitães, que fizeram aquelle estrago, souberam que Antonio da Silveira era alli com a Armada que trazia, e o que deixava feito, receáram de pagar o damno que fizeram, e convertêram sua indignação em tomar huma for-

Francisco Pereira pelas culpas do successo do Argao. Fernão Lopes de Castanheda no cap. 20. e 11. do liv. 8. e Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 6. em tudo se conformam com João de Barros: difere somente Diogo do Couto no numero dos inimigos, porque escreve que eram mais de durentos de cavallo, e dous mil de pl.

fortaleza per nome Palle do Nizamaluco, que he das mais fortes que elle tem, e tal que não se póde tomar senão per fome. Esta fortaleza está em hum passo per onde da terra firme vem todos os mantimentos a Chaul; e se o Capitão della a não entregára, nunca fora tomada, e sómente com o estrago da terra, e tomada desta fortaleza, por se vir o inverno, ElRey Badur se tornou para Cambaya; mas a fortaleza esteve pouco tempo em seu poder, por a cobrar o Nizamaluco.

Antonio da Silveira deo conta destas cousas de Chaul ao Governador, e as cartas o tomáram passando elle per Baticalá, e quizera ir a Chaul, se a doença que lhe sobreveio, e o inverno lho não impedíram. E mandou logo que Francisco Pereira fosse prezo sobre sua homenagem, e levado a Goa; e que Antonio da Silveira ficasse por Capitão na fortaleza, para que vissem os Mouros como se castigavam os Capitães, que deixavam suas fortalezas, de que haviam feito homenagem, e sahiam fóra dellas sem mui grande necessidade. E tirando-se devassa do caso, castigou algumas pessoas por incitarem a Francisco Pereira ir aonde foi. Antonio da Silveira como teve recado do Governador que ficasse na fortaleza, despedio as mais das vélas da sua Ar-

nada, que fossem invernar a Goa, deixando sómente huma galeota, e alguns bargantijjs para serviço da fortaleza, e seiscentos e cincoenta homens para guarda della.

CAPITULO XI.

Do que Eitor da Silveira fez com a sua Armada té chegar a Mete, e depois á Cidade de Adem: e como fez tributario o Senhor della.

NO princípio deste Livro dissemos das tres Armadas que o Governador Nuno da Cunha aprestou em Cochij, das quaes huma havia de ser para o mar Roxo, de que fez Capitão Eitor da Silveira, o qual partio de Goa a 21 de Janeiro do anno de 1530 com quatro galeões, duas caravellas, e quatro bargantijjs, em que hiam seiscentos homens, e fez sua viagem á Ilha de Cocotorá para nella fazer sua aguada, a qual feita, dispoz seus navios de maneira, que não passasse véla de Mouros sem dar nas suas, estendendo-as quasi humas á vista de outras ao modo de rede desde o Cabo de Guardafú, que he na costa de Africa, contra Xael na costa de Arabia. Estando nesta ordem, huma náu que hia de Mangalor carregada de especiaria, foi dar com Eitor da Silveira, a qual era do Chatim de Mangalor, e era já partida da-

daquelle porto quando Diogo da Silveira destruiu ao Senhor della; mas se a fortuna a livrou de hum Silveira, veio ser tomada d'estoutro com morte de quanta gente trazia; e foi grande ventura, porque aquelle anno sómente fahio do Malavar com especiaria para Méca. Além desta, tomáram outras vélas, posto que não de muita substancia. A Martim de Castro Capitão de hum galeão, na parte onde andava, coube-lhe em sorte outra não, que hia de Dio, e levava duzentos homens, que quando os nossos abalroáram com elles, se defendêram tão valerosamente, que se houvera de perder Martim de Castro, e dez, ou doze homens, que saltáram com elle dentro na sua não; mas no fim da peleja á custa de muitas feridas, principalmente das de Martim de Castro, houveram vitoria delles, com morte da maior parte dos Rumes, ficando a não em poder dos nossos, a qual hia carregada de ricas mercadorias. E por Eitor da Silveira, pela gente desta não, e de outros navios que tomou, ter sabido que as náos que aquelle anno carregáram em Cambaya, partíram de lá cedo com reccio dos Portuguezes, temendo fossem a Dio, e eram já todas passadas ao estreito, elle se foi ajuntar com toda a Armada em o lugar de Me-re, onde tinha mandado per regimento a

todos, que no fim das prezas fossem fazer aguada.

E porque Nuno da Cunha lhe mandára, que feitas as prezas, dando-lhe o tempo lugar, desse huma vista á Cidade de Adem, e achando no porto náos de pouca valia, mandasse dizer a ElRey, que por amor del-
le lhe não fazia danno, e o commettesse amorosamente que se fizesse vassallo d'El-Rey de Portugal; como ajuntou toda a frota, mandou dalli as náos que tomára para Mascate, e elle se partio para Adem, aonde chegou a 4 dias de Abril daquelle anno. Foi logo visitado da parte d'ElRey com muitas vaccas, e carneiros, e outros refrescos, com palavras significadoras de muito contentamento da sua vinda, e per retorno houve ElRey outras cousas que havia de estimar em muito. Passadas as visitas, mandou ElRey dous homens Arabios dos principaes saber de Eitor da Silveira a causa da sua vinda, e a correspondencia que o Governador da India queria ter com elle. Ao que Eitor da Silveira respondeo, que o Governador sabendo que os Rumes o tinham cercado, o mandára com aquella Armada soccorrer; e por em Cocotorá achar nova serem já idos^a, espalhára a Armada ás prezas;

^a Diogo do Couto escreve, Que os Rumes com o seu Capitão Mustafá, em companhia d'ElRey de Xael, esta-

zas; e pois o Governador se movia a esta boa obra por desejar sua amizade, por lho ElRey de Portugal seu Senhor encomendar, elle tambem devia de folgar de se obrigar a ElRey com alguma demonstração, para o Governador da India ter mais vivo cuidado das cousas d'elle Rey de Adem, e que esta demonstração devia ser, fazer-lhe vassallo d'ElRey seu Senhor, com algum reconhecimento de pareas, para o Governador da India o defender dos Rumes. Ao que ElRey respondeo, que antes por razão de elle entreter aquella má gente nossa inimiga, ElRey de Portugal lhe devia muito, pois não pertendiam outra cousa os Turcos, senão tomar aquella sua Cidade de Adem, e alli se fazerem fortes para della conquistarem a India. Eitor da Silveira disse a estes homens que hiam, e vinham, que nenhuma cousa o Governador da India mais desejava, que ver os Turcos tomarem algum lugar para os ir desbaratar nelle; e que foubesse, que muito mais certo tinha tomar aquella Cidade de Adem da mão dos Turcos, quando a elles tivessem, que da dos Arabios; mas como andavam escondendo-se em buracos, não os podia castigar:

Que
vam ainda sobre Adem, com mais de vinte mil homens, quando Eitor da Silveira chegou: e que temendo que elle fuisse a tomar Xael, levantaram o cerco de Adem. Cap. 10. liv. 6.

Que agora vísse ElRey se queria a sujeição daquelles, que conheciam por gente sem lei, e sem verdade, e atraíçoados, e crueis em todas suas obras, ou a amizade dos Portuguezes com a lealdade com que tratavam seus amigos, e os vassallos de seu Rey, e Senhor. Estes, e outros recados vieram, e foram tantas vezes, té que ElRey concedeo fazer-se vassallo d'ElRey de Portugal, com lhe pagar cada hum anno dez mil xerafíjs, e deo logo mil e quinhentos mortos para se fazer em Ormuz huma coroa de ouro, de que lhe fazia serviço. Deste assento de paz, e vassallagem se fizeram duas escrituras assinadas per ElRey, e per Eitor da Silveira, de que cada hum ficou com a sua, e a rogo d'ElRey deixou Eitor da Silveira hum bargantim com trinta homens, de que ficou por Capitão Antonio Botelho. ^a

An-

^a Esta jornada de Eitor da Silveira divide Francisco de Andrade em duas, e em diferentes tempos; porque escreve no cap. 47. da 1. Part. Que em fim de Janeiro do anno de 1524 partio Eitor da Silveira de Goa para o estreito do mar Roxo, per mandado do Governador D. Duarte de Menezes, em busca de D. Rodrigo de Lima, que não levou á India por o não achar em Macuá. E que desta viagem aportando em Adem, fizera o ElRey della vassallo d'ElRey de Portugal, com huma coroa de ouro de duas mil xerafíjs de pareas, e que então lhe deixara o bargantim para sua guarda, e per Capitão delle Fernão Carvalho, a que ElRey mandara, (logo que Eitor da Silveira se partio para a India,) e aos Portuguezes do seu bar-

Antes que dalli partisse Eitor da Silveira, lhe escreveu ElRey de Xael, que tambem se queria fazer vassallo d'ElRey de Portugal, e lhe entregaria toda a artilheria que ti-

gantim, e a outros, que com a segurança da paz vieram a seu porto. O que soube depois no anno de 28 Antonio de Miranda, (como diz Francisco de Andrade no cap. 66. da 1. Parte,) quando foi ao Estreito, pelo que tomando defronte de Adem humo não de mercadores ricos daquelle Cidade, que vinha de Cambaya, depois que a mandou despejar da fazenda que trazia, e lhe pagaram os mercadores por seu resgate trinta mil xeraphis, os fez queimar vivos com sua nda. E no cap. 67. da 2. Parte, escrevendo esta jornada de Eitor da Silveira do anno de 1530, diz, Que chegou a Adem com desejo de tomar vingança da falsa paz, que ElRey fizera com elle, quando lhe dera a coroa de ouro de pareas: e que ElRey em satisfação lhe oferecêra nova paz, e por vassallo d'ElRey de Portugal, com as mesmas pareas dos dous mil xeraphis, e que refaria a quebra da outra paz passada, que fora quebrada pelos muitos males, e grandes roubos, e insultos que faziam os Portuguezes que alli deixara no barrantim, no que se não tomou resolução, porque se partiu logo Eitor da Silveira para a India. João de Barros não escreve a jornada de Eitor da Silveira do anno de 24. senão do anno de 1526 em tempo do Governador D. Henrique no cap. 1. liv. 10. da 1. Decada, quando trouxe D. Rodrigo de Lima, e o Zagazabo Embaixador do Preste João. E no cap. 9. do liv. 7. da mesma Decada trata da jornada que D. Luiz de Menezes fez ao estreito em busca de D. Rodrigo, que não trouxe: e assi parece que Francisco de Andrade se enganou, fazendo de Eitor da Silveira a viagem de Dom Luiz de Menezes. E Diogo do Couto no cap. 10. do liv. 6. diz, Que quando Eitor da Silveira chegou a Adem, estava ainda cercada per Mustafá, o qual como vio a nossa Armada, levantou o cerco, e foi-se para Xaci. E no mais se conforma com João de Barros neste capitulo, como taambem Castanheda.

tinha alli , e em Dofar que fora nossa , e
 a houvera os annos passados. Disto ficou El-
 Rey de Adem mui contente , vendo que to-
 dos desejavam a amizade dos Portuguezes
 em odio dos Turcos , de que estava escan-
 dalizado , não tanto por a guerra que lhe
 fizeram , quanto por a pouca verdade que
 nelles achava , e maldades que commetê-
 ram. O Capitão destes , que cercáram a Ci-
 dade de Adem , de que ella ficou mui des-
 baratada , foi Mustafá , sobrinho de Racz
 Soleimão Capitão mór da Armada do Tur-
 co , de que atrás fallámos ^a. Estas novas,
 e as da vassallagem d'ElRey de Adem man-
 dou Eitor da Silveira a Nuno da Cunha
 per Martim Vaz Pacheco Capitão de huma
 das caravellas que levava. Tambem deixou
 hum bargantim em Mete com a não da
 preza para a levar a Mascate antes que fos-
 se a Adem. Com este bargantim veio ter
 huma fusta de Turcos ; e cuidando o Capi-
 tão ser alguma das da nossa Armada , sahio
 a ella , e em chegando , e conhecendo que
 se enganára , não pode deixar de pelejar ,
 sendo os Portuguezes sómente doze , e os
 Turcos trinta , os quaes todos , depois que
 cansáram de pelejar , se assentáram para des-
 cançar ; e tornando de novo á requesta , fi-
 cáram os nossos com a vitoria bem feridos ,
 e tres

^a No cap. 8. do liv. 1.

e tres delles mortos , e os Turcos morreram todos, e com a fusta tomada se foram a Mascate ; e desta viagem que Eitor da Silveira fez , se leváram a Goa para ElRey trinta e dous mil pardãos das prezas.

Este fim houveram astres Armadas, que Nuno da Cunha armou chegando á India^a, per tres Capitães de appellido da Silveira. Per Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira Alcaide mór de Terena, Pai de D. Maria da Cunha primeira mulher do Governador Nuno da Cunha; e per Antonio da Silveira filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes, e dos Morgados da Silveira, e Lemos, e Pai de D. Isabel de Vilhena segunda mulher do mesmo Governador Nuno da Cunha, com quem então era casado; e per Eitor da Silveira filho de Francisco da Silveira Senhor das Cerzedas, e de Sovereira formosa, Coudel mór deste Reyno : todos tres parentes per descendencia de Nuno Martins da Silveira o velho, que foi rico homem, Eserivão de Puridade d'ElRey D. Duarte, Aio d'ElRey D. Affonso V. e Coudel mór, e Veedor mór das obras do Reyno. ^b

C A-

^a Frota da India do anno de 1530.

^b Em Setembro deste anno de 1530 chegaram a Goa cinco nãos do Reyno, de seis que partiram delle sem Capitão mór. Desses cinco eram Capitães Manuel de Brito, Luiz Alvares de Paiva, Fernão Camêllo, Vicente Pega-

CAPITULO XII.

Como Nuno da Cunha partio para Dio, e das novas que soube per mercadores Arabios, que na fortaleza de Damam achou.

Nuno da Cunha por o muito que trabalhau em mandar fazer muitos apercebimentos para a jornada de Dio, era tão grande o apparato destas cousas, assi de navios, munições, mantimentos, que por não poder partir juntamente de Goa com toda a Armada, mandou Antonio de Saldanha com algumas vélas que estavam prestes, que o fosse esperar a Bombaim. Elle partio de

Tom. IV. P. I.

Ec

Goa

do, e Francisco de Sousa Tavares provido da capitania de Cananor, a cuja paragem chegou no fim de Outubro. A outra não (de que hia por Capitão Pero Lopes de Sampaio, que levava a capitania de Goa) com tanta gente morta, e doente, que não havia quem mareasse as vélas. E perdêra-se, se a não encontrara Diogo do Silveira Capitão mór daquella costa, que metteo dentro na não gente da sua Armada, com que foi surgir no porto de Cananor, onde os doentes foram curados, a não despejada, e levada a Cochij. Francisco de Andrade cap. 64. da 2. Parte. Fernão Lopes de Castanheda cap. 28. liv. 3. Nessas ndos mandou El Rey a Nuno da Cunha, que embarcasse para o Rey no Affonso Mexia, e lhe fizesse inventario da fazenda, pelas culpas, e capitulos que Pero Mascarenhas deo contra elle. A fazenda, que era de muita pedraria, perolas, pedras de ouro, e prata, e outras cousas ricas, se entregou aos Capitães das náos, em que Affonso Mexia se embarcou em Janeiro de 1531. Diogo do Couto cap. 2. do liv. 7.

Goa o primeiro dia de Janeiro do anno de 1531 com parte da frota, e para o mais que ficava deixou a Francisco de Sá que a levasse. Chegado a Chaul^a deo a capitania daquella fortaleza a Gaspar de Teive, que era Alcaide mór della, porque levou consigo Antonio da Silveira; e chegado á Bombaim, onde estava Antonio de Saldanha esperando por elle, ajuntou alli toda a Armada^b, a qual era de cento noventa e nove

a Escreve Fernão Lopes de Castanheda, que de Chaul mandou o Governador descobrir a costa de Combaya por D. Manuel de Menezes Tello com tres catires, o qual chegando perto da Ilha das Vaccas, encontrou com Hag Mamude, que dissuadio a Melique Saca entregar Dio a Bitor da Silveira, o qual andava guardando aquella costa com vinte fustas bem armadas, que vendo os catires os accommetteo, e elles se foram retirando concertadamente; e chegando a capitania de Mamude, por ser mais ligeira, a hum dos catires zorroiro, D. Manuel voltou a voga arrancada ao socorrer, e abordando a fusta, querendo saltar dentro os Portuguezes, os Mouros com medo se deitaram ao outro bordo, com que a fusta soçobrou, e ficaram os Mouros na agua, onde os nossos mataram muitos, e entre elles a Hag Mamude. e porque as outras fustas se vinham chegando, D. Manuel se contentou de salvar o catir, com o qual se foi a Chaul, onde foi bem recebido do Governador, assi por salvar o catir de tamanha Armada, como pela morte de Hag Mamude. Cap. 29. liv. 8.

b Dos grandes apercebimentos desta Armada, (que foi a maior que té então se fizera na India,) fazem particular relação Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 7. e Francisco de Andrade no cap. 66. da 2. Parte, onde escreve, Que a fôr os navios, que muitos homens particulares fizeram á sua custa, havia nesta Armada oito nãos do Reyno, quatorze galeões, duas galeças, doze galeis, e dezais

vélas ; náos , galeões , e navios redondos eram vinte e seis ; galés , e galeotas doze ; fustas , e bargantijs sessenta e seis ; catúres quarenta e dous ; seis náos grandes de Mouros , e quatro juncos , e quarenta e tres navios a que chamam cotias , em que hia o Gentio da terra , Canarijs , e Malavares , que eram dous mil. Os principaes Capitães da frota eram Antonio da Fonseca do galeão S. Matheus , em que hia o Governador Nuno da Cunha ; das outras vélas eram Antonio da Silveira , Diogo da Silveira , Eitor da Silveira , Antonio de Saldanha , Francisco de Sá , Jorge Cabral , Francisco de Vasconcellos , D. Antonio da Silveira , Vasco Pires de Sampaio , Nuno Fernandes Freire , Manuel de Brito , Ruy Vaz Pereira , Manuel de Albuquerque , Henrique de Macedo , Antonio de Lemos , Jorge de Lima , Martim Affonso de Mello Jusarte , Jordão de Freitas , Martim de Freitas , Dom Tristão de Noronha , Fernão de Moraes , Manuel de Vasconcellos , Gomes de Soutomaior , Fernão de Lima , Paio Rodrigues de Araujo , Tristão de Taide , João de Ma-

Ee ii

ga-

galeotas , duzentas e vinte oito vélas miúdas de remo , onze bargantijs , fustas , e catúres , vinte cinco juncos grandes de Malaca , carregados de mantimentos , e muitas náos , zambucos , e cotias de taverneiros que hiam vendendo mantimentos , einhos da terra , com que faziam número de mais de quatrocentas vélas.

galhões, Luiz Falcão, Luiz da Veiga, Gonçalo Baião, Fernão Rodrigues Barba, Jorge de Sousa, Paio Guedes, Gaspar Preto, Gregorio de Abreu, Francisco de Brito, Gonçalo Vaz Coutinho, Galvão Viégas, e outros, cujos nomes não vieram á noticia^a. Partido o Governador de Bombaim^b com toda sua Armada, foi ter á fortaleza de Damam, que era d'ElRey de Cam-

a Francisco de Andrade, e Diogo do Couto nomeam mais os seguintes, Garcia de Sá, D. Vasco de Lima, Trifão Homem, Antonio de Sá o Ruem, Nuno Pereira de la Cerda, Manuel de Sousa, Miguel Carvalho, D. Roque Tello, Manuel de Miranda, Manuel Rodrigues Coutinho, Christovão de Patva, que hia por Feitor da Armada, Ray de Mello, Lopo Pinto, Pero Botelho, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Antonio da Silva de Menezes, Lopo de Mesquita, Martim de Castro, Vasco da Cunha, Francisco da Cunha, Nuno Fernandes de Macedo, D. Fernando Deça, Ambrosio de Rego, Nuno Barreto, Gonçalo Gomes de Azevedo, João da Silveira, Henrique de Souza, D. Manuel de Lima, Trifão Gomes da Gram, João Mendes de Mucedo, Diogo Botelho Pereira, Lourenço Botelho, Antonio Pessoa, Antonio Correa, João Jusarte Pileão, Vicente Correa, e Gaspar Correa, de cujos escritos diz Francisco de Andrade, que tomou o mais do que escreve das cousas da India, por elle se achar presente a todas, de que dá relação.

b Nesta Ilha de Bombaim se fez resenha geral da gente que hia na Armada, e achavam-se tres mil e quinhentos e sessenta e tantos homens de peleja, contados os Capitães, mil e quatrocentos e cincoenta e tantos homens do mar Portuguezes com os Pilotos, e Mestres, dois mil e tantos Malhvarcs, e Canarijs de Gon, oito mil escravos, homens que podiam pelear, quatro mil marinheiros da terra que remavam, e mais de oitocentos macedonses dos juncos.

Cambaya, e com temor se despejou logo, e todos os bargantijs entráram dentro do rio a fazer aguada por ser pequeno, e não para maiores embarcações. Aqui sahio Nuno da Cunha em terra, onde mandou dizer Missa solemne, e fez hum Sermão o Commissario da Ordem de S. Francisco, e no fim d'elle deo huma absolvição geral. O que acabado, mandou o Governador lançar pregão, em que o primeiro homem que subisse os muros de Dio haveria de mercê d'ElRey quinhentos pardãos, e o segundo trezentos, e o terceiro cento, e escala franca a todos, tirando a artilheria, e cascos das náos, que eram d'ElRey per seu regimento. E per alguns mercadores Arabios, que alli achou fazendo seus commercios, soube como Mustafá, de que atrás fallámos, sobrinho de Ruez Soleimão, era entrado em Dio havia poucos dias em tempo que ninguem té alli atravessou de Caxem, donde elle partio para Dio por ser em Janeiro fóra de monção. E a razão de vir em tempo tão perigoso era por fugir das Armadas Portuguezas, que temia vindo em tempo ordinario. Tambem soube o Governador como na Ilha de Beth, (que dista sete leguas de Dio para a enseada de Cambaya, e mil passos apartada da terra firme,) estava hum Capitão Rume com alguns Ru-

mes,

mes, e Arabios, e outras nações de Mouros, que seriam por todos dous mil homens, os quaes faziam hum fortaleza, além da que a mesma Ilha tinha. Esta Ilha seria em redondo de legua e meia, e sobre a penedia de que era cercada tinha em torno feito hum muro antigo de pedra, e cal com baluartes, e cubellos de maneira, que ficava como huma Cidade bem cercada. Daquelle fábrica era alguma renovada, como obra que se fizera, temendo-se que tornassem os Portuguezes posse della, com que ficaria Dio destruida, e despovoada. Sua entrada era hum calheta entre hum arrecife de pedras, sobre o qual estava hum baluarte para defender a desembarcação, e logo junto delle duas portas dobradas enfiadas hum em outra, e o caminho para subir acima era amparado de dous muros hum bom pedaço té entrar em terra chã, porque sómente os baluartes, e estes muros estavam sobre a penedia, e em cima no chão havia hum templo antigo, sinal que em algum tempo aquella povoação fora cousa mais nobre do que agora era. Neste lugar havia tanta artilleria, que Nuno da Cunha o não creio, senão depois que o vio.

CAPITULO XIII.

Como Nuno da Cunha chegou á Ilha de Beth, e a destruiu: e da crueldade que o Capitão della executou em sua familia, por dar exemplo de sua constancia.

ALvorozado com aquellas duas novas Nuno da Cunha, partio de Damam, atravessando á outra costa da enseada de Cambaya, e foi demandar á Ilha de Beth, onde chegou a 7 de Fevereiro; e em quanto a Armada se agazalhava, mandou a Antonio de Saldanha com todos os navios de remo que fosse tomar a travessa do mar, que havia entre a Ilha, e a terra firme, e andasse em vigia, e visse a disposição que a Ilha tinha per aquella parte, para ver per qual seria melhor commetter a entrada della. Porque em a Armada surgindo, com grita, e artilheria a salváram os inimigos de maneira, que bem mostravam serem homens que defenderiam a terra em que estavam. E como Nuno da Cunha vio esta sua determinação, tomou alguns Fidalgos, e em bargantijs, e catúres foi dar huma visita á parte onde estava Antonio de Saldanha. E depois de reconhecer todos os lugares de dentro, e de fóra da Ilha, e havido conselho sobre o que fariam, foram todos de pa-

parecer, que não devia deixar aquella ladroeira atrás, o que Nuno da Cunha approvou. E entre muitas razões que deo para se dever fazer, foi, que tomava aquelle acerto por bom prognostico, lembrando-lhe, que indo o Viso-Rey D. Francisco de Almeida a Dio desbaratar os Rumes, que de feito desbaratou, sahio primeiro em Dabul, que destruiu, e depois alcançou huma mui illustre vitoria^a, e outra tal esperava elle naquella Ilha, e não menos gloriosa em Dio. Só a Eitor da Silveira, a quem não faltava animo, nem conselho, pareceo que a Ilha se não havia de accommetter, porque estando a gente della com determinação de se defender, não se podia entrar sem alguma perda de gente, que para a empresa de Dio não se havia de arriscar o mais pequeno homem daquella Armada, porque tudo lhe era necessario. No que parece que adivinhava sua morte, e a falta que podia fazer. Determinado o accommettimento da Ilha, por não aventurar Nuno da Cunha nem dous grumetes que nella podiam perigar, disse, que primeiro havia de ver se aquella gente se queria entregar a partido, e per hum homem de hum barco que se alli tomou da terra, mandou recado ao Ca-
pi-

^a A tomada de Dabul escreve João de Barros no cap. 4. do liv. 3. da 2. Decada.

pitão, dizendo, que elle via bem como estava cercado, e que nem pelo ar podia fahir dalli, senão per via de concerto, o qual parecia convir-lhe se queria viver, despejando a Ilha de todo com sua fazenda. Ao que o Mouro respondeo, que lhe mandasse hum seguro para ir fallar com elle; e vindo, disse, que elle era hum homem só, e que não sabia se poderia acabar com a gente, que deixassem suas armas, e fazendas, e que dando elle seguro a tudo, trabalharia nisso o que pudesse. Nuno da Cunha lhe respondeo, que o que tocava á sua pessoa, mulher, e filhos, se os tinha, e propria fazenda, que era contente, e com isso o despedio para o outro dia tornar com a resolução. A qual foi, que elles não eram homens para tão levemente alargarem o que lhes era entregue, que onde se perdesse a fazenda, lá fossem as vidas; e segundo se depois soube, os estrangeiros eram de parecer que se dêssem; mas os Guzarates naturaes temiam tanto a crueldade de Soltam Badur, que não consentiram no partido. E como gente determinada a morrer, toda aquella noite se rapáram as cabeças, (que he huma superstição de que usam os que desprezam a vida, aos quaes chamam na India Amaucos,) e se foram á sua Mesquita, e alli offerecêram suas pessoas á morte,

ou

ou ao que a ventura delles dispuzesse, pois queriam manter a fé que tinham dada; e em final deste voto, o Capitão per dar exemplo de sua determinação, mandou fazer humma grande fogueira, onde lançou sua mulher, e hum filho pequeno que tinha, e toda sua familia, e fazenda entregou ao fogo, temendo que alguma cousa sua podia vir a nosso poder. Outro tanto fizeram alguns tão desesperados como este Capitão.

Nuno da Cunha como teve o seu desengano, para o outro dia ordenou as pessoas que haviam de commetter a entrada onde elles estavam. A Francisco de Sá, e a Manuel d'Albuquerque deo humma parte; a Antonio da Silveira, e a Diogo da Silveira, e a Manuel de Sousa outra; a Eitor da Silveira, Jorge Cabral, e a Ruy Vaz Pereira outra; a Martim Affonso de Mello com alguns Capitães dos navios outra; e elle com Antonio de Saldanha, e todos os outros Capitães tomou outra. Vin-do a luz da manhã, cada hum acudio a seu lugar com grande animo. Os Mouros como estavam offerecidos ao Demonio, affi-se vinham metter nas armas dos nossos, como que na sua morte estava a salvação da Ilha; e dando, e recebendo de ambas as partes, houve affás sangue, e alguns ficaram logo onde os feriram, e outros morreram

depois das feridas que houveram, assi como Eitor da Silveira, que de huma espingardada que lhe atravessou huma perna, morreo dahi a seis dias, ao que ajudou sua má disposição, que diziam ser quasi ethico. E como nelle havia hum animo invencivel, e de suas obras lhe resultava tanta gloria, e fama, e era tão necessario ao serviço d'El-Rey, não lhe impedia a doença tratar as armas, e offerecer-se aos maiores perigos; e assi acabou com universal sentimento, e notavel perda. Tambem morreo D. Francisco de Castro, filho de D. Antão de Almada Capitão de Lisboa, Jan' Alvares de Azevedo, Henrique de Sousa, e outros que faziam número de doze pessoas; os feridos foram mais de cento, de que os principaes eram Ruy Vaz Pereira, e João da Silveira. Os Mouros como se víram entrados per tantas partes, começaram-se de recolher ao lugar de seu juramento, que era a Mesquita, a qual estava no meio da Ilha, onde sem se quererem entregar morreram com huma braveza de animaes brutos á custa do sangue dos nossos. Muitos delles por fugirem o seu ferro, lançaram-se pelas barrocas da Ilha abaixo, e vinham ter ao mar, onde os batéis nossos os andavam fisingando ás lançadas, com que acabáram como os outros, os quaes per dito delles mesmos foram mil e oi-

e oitocentos; foram tomadas sessenta peças de artilheria de toda sorte. A cerca, e baluartes ficáram apartilhados, principalmente a obra nova, que era menos forte; e por este feito ser hum dos mais perigosos, e bem pelejados da India, e em que morreram tantos Mouros, alguns chamáram a esta Ilha, a dos mortos, e outros lhes chamam de Santa Apollonia, por ser tomada em seu dia, nove de Fevereiro.^a

Nuno da Cunha acabando de se recolher a gente a seus navios, a primeira cousa que fez foi em hum catúr andar de navio em navio visitando todos os homens principaes feridos, e apôs isso mandou ao Secretario Simão Ferreira, e com elle o Patrão mór, que fosse defronte desta Ilha a terra firme a huma ribeira de agua ver se era

a Escreve Diogo do Couto, e Fernão Lopes de Castanheda, Que na tomada desta Ilha, arremettendo hum soldado Portuguez com huma lança a hum daquelles amoucos, elle se metteo per esta, e correndo pela astea té chegar ao soldado, lhe deu huma cutilada per huma perna, que lha cortou, e ambos caíram mortos a hum tempo. E Francisco de Andrade refere, Que tomada a Ilha, rodeando a Gaspar Correa em hum catúr, viu sobre hum penedo quatro mulheres, e hum homem, e indo para os tomar, o Mouro com huma adaga degollou duas, aparando ellas voluntariamente as gargantas; e querendo degollar as outras, o mataram com huma espingardada, e ellas se deitaram ao mar para se afogarem, por não virem a poder dos Portuguezes, e tomadas dos remeiros do catúr, o intentáram depois algumas vezes.

era para fazer aguada nella. E por acharem que o era, tornou lá Simão Ferreira a isso, e Francisco de Sá em sua guarda, aos quaes os moradores de hum pequeno lugar, que estava á borda d'agua, vieram pedir seguro para o irem pedir ao Governador, que lhes não mandasse fazer damno algum, e elle lho concedeo, e lhe mandou dar certos covados de velludo cremesim, de que ficaram contentes.

C A P I T U L O XIV.

Como Nuno da Cunha, visto o sitio, e baluartes de Dio, se determinou em o combater.

DA Ilha de Beth partio Nuno da Cunha aos 12 de Fevereiro, mandando diante de toda a Armada a Simão Sodré a hum rio que se chama Madrefabat, para defender que, quando a Armada per alli passasse, não entrasse alguma das vélas dentro para elle ancorar com toda a frota junta, e dar della huma grande mostra, como fez meia legua da face de Dio. E tambem por evitar o perigo da artilheria, de que logo teve experiencia, porque lhe tiráram com hum basilisco, cujo pelouro andava saltando entre as vélas; e emendando-se a pontaria, parecendo-lhes que não chegava bem, so-

sobrelevou toda a frota. Nuno da Cunha, visto o sitio da Cidade, os baluartes, e Villa dos Rumes, e toda sua disposição, houve que não tinha informação de homens, nem pintura de papeis, que pudessem demonstrar o que elle sentia com a vista; e que quantas informações eram dadas a El-Rey em Portugal, e regimento que para aquella empreza lhe dera, tudo era pouco mais de nada para o que elle via, e convinha fazer-se. E segundo elle depois dizia, se nelle só estivera a execução daquelle caso, e não houvera de dar conta ao Mundo, elle não gastára nisso hum arratel de polvora. Porém como era necessario satisfazer ao mandado d'El-Rey, e á opinião das gentes, convinha fazer experiencia, e acabar de desenganar tanto enganado.

E posto que já atrás ^a em alguma maneira escrevemos a postura, e sitio desta Cidade, todavia primeiro que digamos o modo de como foi combatida, daremos huma breve noticia de algumas cousas della. O lugar em que esta Cidade está situada he terra firme; mas porque hum esteiro do mar a rodea, fica em Ilha. Este esteiro faz duas bocas, huma da parte do Norte, que por ser

a. No cap. 9. do liv. 2. da 2. Decada escreve da fundação de Dio, e de seu sitio no cap. 5. do liv. 3. da mesma Decada.

fer baixo, e aparcelado não se servem per elle; e a face desta Ilha, que fica da banda do mar, e corre té a outra boca do esteiro da parte do Sul, he tudo huma rocha de penedia mui aspera, principalmente onde a propria Cidade tem seu assento, que he na boca do esteiro do Sul; e quasi toda a povoação, e o principal serviço della jaz ao longo deste esteiro, que será de largura de huma milha. Da outra banda delle, na mesma parte do Sul, está huma povoação, a que chamam Villa dos Rumes^a, e aqui espraia o mar de maneira, por ser aparcelado, que não póde nadar hum barco, que he mui differente do canal, que vai ao longo da Cidade, que tem fundo per que entram os navios, e de cima della se póde defender a quem quizer entrar per elle; e para esta entrada ficar mais defensavel, a meio esteiro, entre o aparcelado da banda da Villa dos Rumes, e a Cidade, fizeram hum baluarte baixo mui forte, que joga ao lume d'agua, e como está no meio, serve de través a outros tres baluartes, que ficam da parte da Cidade, hum junto ás casas da Alfandega, onde se descarrega a fazenda que entra, e outro mais abaixo contra o mar, fronteiro quasi ao do meio do esteiro, e o que chamam de Diogo Lopes, que jaz

^a O seu proprio nome he Gogalá.

jaz abaixo de todos. Deste baluarte que está no meio, hia huma grossa cadeia ao outro baluarte fronteiro, sustentada sobre barcos; e da outra parte contra a Villa dos Rumes corria outro lanço da cadeia tambem sobre barcos té dar em huma ponte de madeira, que ficava em lugar de estancia té á Villa. Além desta cadeia, que fechava aquella entrada, estavam entre bargantijs, e fustias mais de oitenta vélas, com muitos frêcheiros, e espingardeiros para acudirem á parte onde necessario fosse. Na Villa dos Rumes estava gente da terra com suas mulheres, filhos, e fazenda para os obrigar a não desamparar o lugar, se commettidos fossem. A Cidade estava atulhada de gente de diversas nações, e todos os muros, e eirados, e partes de que podiam ver a nossa Armada, estavam cheias, e com grandes gritas, mostrando que a tinham em pouco. Porém a verdade he, (segundo depois se soube,) que Melique Tocam quando vio o mar coalhado de vélas, e soube que na Ilha de Beth eram mortos mil e oitocentos homens, os quaes estando em hum lugar tão defensavel foram entrados a poder de ferro, esteve mui abalado para deixar a Cidade, ou ao menos fazer algum partido d'elle ficar com a vida, e fazenda seguro. Mas (segundo tambem se disse) Mastafá,

que era chegado de poucos dias^a, vendo a disposição da Cidade, e que em todas as cousas que tinha visto em Italia, e Turquia não havia alguma que per natureza, e arte fosse tão defensavel como ella, e sobre isto a muita artilheria, assi que havia na Cidade, como a que elle trouxe por ser mui grossa, em que entravam basiliscos, e outras peças mui furiosas, e muitos generos de artificios de guerra, e com tanta gente^b, não desconfiava de poder defender-se, com que todos se determináram a esperar a primeira bateria.

Nuno da Cunha, depois que notou o que pode ver do estado, e disposição da Cidade, teve conselho com os principaes Capitães, declarando-lhes a vontade d'El-Rey sobre o commettimento della, e o que lhe tinha escrito pela informação que lhe tinham dado, que era commetter a entrada da Cidade pela Villa dos Rumes por ser combate mais seguro, tendo sempre diante a vida dos homens. E pois todos tinham ante os olhos o que haviam de accommetter, lhes pedia que cada hum desse seu voto perque lugar sería, conformando-se com

Tom. IV. P. I.

Ff

a ten-

^a Chegou Mustafá a Dio com dous galeões carregados de soldados, artilheria, e munições tres dias antes que o Governador. Diogo do Couto cap. 4. do liv. 7.

^b Havia na Cidade dez mil homens que podiam tomar armas.

a tenção d'ElRey seu Senhor. Posto este negocio em prática, depois que foi altercado, per final conclusão, per muitos inconvenientes, e pouca disposição para isso, houveram que não podia ser pela Villa dos Rumes, senão per a mesma Cidade; e assentado per onde a haviam de combater, não se fiando Nuno da Cunha de outrem, o dia antes da bateria per si mesmo com o Piloto mór da Armada, andou sondando os lugares onde se deviam pôr os que a batessem. E per pessoas que para isso ordenou, dando a cada hum seu rol, se notificou aos navios pequenos, que capitania cada hum delles havia de seguir da repartição que fez.

CAPITULO XV.

Como Nuno da Cunha commetteo a Cidade de Dio; e por a principal artilheria lhe rebentar, e haver outros impedimentos, não perseverou no combate.

Vista a disposição da Cidade, e determinação do Conselho que se acconmettesse per mar, o Governador ordenou as estancias em tres partes, pelo baluarte que estava no meio do rio, e per outro da terra defronte d'elle, e per o que chamavam de Diogo Lopes. Para este, por causa

de huma calheta á maneira de concha, onde se podia desembarcar, e parecia que derribando algum pedaço do muro, e pondo-se escadas, poderia a gente subir per aquella parte, ordenou Jorge Cabral, Manuel de Sousa, Mariim Affonso de Mello, cada hum em sua galé, e em huma galeaça Manuel d'Albuquerque com hum basilisco, Francisco de Vasconcellos em huma galé com outro, e Jordão de Freitas com outro em huma albetoga, Fernão de Lima, Manuel de Vasconcellos, João de Magalhães, Henrique de Macedo, e Gomes de Soto-maior em galeotas. Além destes navios hiam alguns batéis grandes, cada hum com sua peça grossa, e mantas, de que eram Capitães Jorge da Azambuja, Vasco da Cunha, e sobre elles Antonio de Saldanha com sua taforea, da qual tirava huma salvagem á Cidade a matar gente, e fazer o damno que acertasse: e elle andava em hum catúr, (em que lhe matáram hum homem com hum pelouro de bombard,) correndo os navios da gente de armas, que tambem alli era repartida, para que havendo algum modo de entrada, sahisses. Contra o baluarte do mar ordenou o Governador tres batéis grandes, e poderosos, que para isso foram feitos, com mantas, e tiros mui grossos, de que eram Capitães Dom

Valco de Lima, Jorge de Lima, e Tristão Homem. Contra o baluarte da terra a este fronteiro, ordenou Francisco de Sá em huma galé bastarda, que tirava hum basilisco, e dous leões; e Antonio de Sá em huma galé com outro basilisco, e dous camelos; Nuno Fernandes Freire levava outra, de que tiravam outros tres tiros grossos com suas mantas, e arrombadas, e amparo para a gente correr menos perigo. E Nuno da Cunha ficava com toda a outra gente, affi Portugueza, como Canarij da terra de Goa, pela qual repartio as escadas, e munições, com que haviam de acudir, se necessário fosse saltar em terra. E para que a mais frota ficasse segura detrás, e os que dessem a bateria estivessem seguros de oitenta fustas, que os Mouros tinham dentro da cadeia, que como são ligeiros em suas remetidas, podiam fazer torvação, ordenou que Antonio da Silveira com duas galeotas, e vinte bargantijs estivesse em sua guarda para acudir quando fosse necessário, e que se puzesse hum pouco afastado para segurança da gente, por serem navios rasos.

Dada esta ordem a todos os Capitães, quando veio ao outro dia, que foram 16 de Fevereiro, dia de Santa Juliana Virgem, cada hum estava posto em seu lugar; e dando por final no batel de D. Valco de Li-

ma hum tiro com huma peça , a que os nossos chamam espalhafato , por ser mui furioso , começaram o mar , a terra , e ar a tremer , e mudar a quietação que tinham ; porque o mar fervia saltando para cima as suas aguas com o cahir dos pelouros que vinham da Cidade , e fustalha , onde havia grande número de espingardaria , de manci- ra , que os pelouros faziam huma chuiva , e no ar , e agua se encontravam. A terra era toda posta em poeira , que levantavam os nossos tiros das estancias que batiam. O ar era hum fumo de enxofre assi escuro , e grosso , que afogava os homens , e os ce- gava , e entre elle huns relampados de so- go , que pareciam vir do inferno. Tudo era huma escuridão sem alguma luz , sómente hum terror , e espanto aos olhos , tormento aos ouvidos , e huma confusão de animo , que não sabiam os homens onde estavam , e se era sonho o que viam , ou verdade.

Neste tempo andava Nuno da Cunha em hum catúr , por ser manhã fria , vestido de huma roupeta de escarlata , e chapeo de seda de felpa , e em cima o cubria hum som- breiro da China grande tambem de seda de côr , tudo porque fosse visto , e conhecido , e dêsse animo aos homens. Neste catúr tra- zia sómente o Secretario Simão Ferreira , e perpassando pela taforea , em que estava

An-

Antonio de Saldanha, vio nella a Tristão de Gá, ao qual por ser seu amigo, e com que folgava, lhe disse: *Ab galante, entrai aqui connosco, não haveis vós de levar essa vida.* E porque depois de ser dentro no catúr choviam pelouros de artilheria, e hum delles passou per junto de Tristão de Gá, com cujo vento se assombrou, disse a Nunno da Cunha: *Ab senhor, a isto me trouxe Vossa Senhoria aqui?* e elle respondeo muito inteiro, e seguro estas palavras da Igreja: *Humiliate capita vestra.* E porque elle corria tudo, ora a huma parte, ora a outra, chegando a Jorge de Lima, achou que lhe eram mortos quatro homens, e tinha o batel arrombado; e como se não podia ter sobre a agua, o rebocou, e levou a seu galeão ao concertar. Neste tempo, estando D. Vasco de Lima no seu batel em pé, lhe levou hum pelouro a cabeça do corpo. Os que estavam na bateria do baluarte da terra a este fronteiro com sua artilheria lhe não faziam damno; porque como maciço não obrava mais o pelouro que amassar hum pouco o lugar onde dava, e maior damno fazia com o repuxo a quem tirava, que ao baluarte. A Francisco de Sá rebentou-lhe o seu basilisco, e o que tinha Antonio de Sá fez huma fenda na boca com que não podia tirar mais. A serpe que estava na galé

de Nuno Fernandes Freire tambem arreben-
 tou. Os que estavam da banda do baluarte
 de Diogo Lopes de Sequeira, que batiam
 com tres basiliscos, e outras peças, por o
 muro ser dobrado, e a bateria ser do mar,
 e o repuxo da furia dos tiros não ser em
 cousa fixa, e immobil, faziam muito pouco
 damno, sómente hum basilisco que tirava a
 montão dentro na Cidade, (segundo se de-
 pois soube,) fez muito mal na gente. Os
 Mouros que estavam no baluarte do meio
 do rio, como víram os batéis retirados,
 convertêram os tiros ás galés, e aos outros
 navios que lhe cahiam em pontaria, com
 que faziam muito mal aos nossos, matan-
 do alguns, sem delles poderem receber al-
 gum damno. E nisto gastáram todo o dia
 té a noite, sendo toda a perda nossa, assi
 da gente, como das peças de artilheria, que
 arreben-táram; porque além das nomeadas,
 tambem arrebentou hum basilisco a Fran-
 cisco de Vasconcellos, e a Jordão de Frei-
 tas outro, e a Martim Affonso de Mello
 hum leão.

O Governador como sempre andava vi-
 sitando estas estancias donde se dava a bate-
 ria, sabia particularmente o que acontecia
 a cada navio. E porque o tempo não dava
 mais lugar, mandou afastar os combaten-
 tes; e para se determinar o que fariam ao
 se-

seguinte dia, aquella noite teve conselho com todos os Capitães; e altercado o caso, visto que o maior damno daquelle dia fora dos nossos, e não dos inimigos, e que das peças da nossa artilheria as mais importantes eram quebradas; e que quanto a commetter a Cidade pela Villa dos Rumes, como ElRey mandava, per má informação que lhe deram, era impossivel, assentou que nenhuma outra cousa podia fazer damno áquella Cidade, e ao Reyno de Cambaya, senão trazer boa Armada no mar, e não lhe deixar entrar, nem salir cousa alguma; porque era regra certa, que quem era senhor do mar, tambem o era da terra; e assi se resolveo, que o Governador se tornasse para Goa, e que Antonio de Saldanha ficasse com boa Armada para fazer todo o mal, e damno que pudesse na enseada de Cambaya. Polo que logo aquella noite mandou Nuno da Cunha que todos se fizessem á véla, afastando-se o mais largo que pudessem da Cidade. Este successo teve esta jornada, que fora prospero, se o Governador se não detivera na tomada da Ilha de Beth, e navegára direito a Dio; ou se depois de tomada partira logo, e chegára áquella Cidade antes de entrar nella Mustafá, que persuadio a Melique Tocam que se defendesse. O que mais espantou aos Mouros

tos neste combate, foi a constancia com que os nossos em todo hum dia, recebendo, e não fazendo damno, duráram té que a luz do dia lhes faltou, e os despedio com morte sómente de trinta pessoas, que pareceo cousa milagrosa, segundo a multidão dos pelouros chovia sobre elles. Tambem houveram por muito tornar tão grande Armada tão inteira como veio sem algum desfalte.

O Governador despedido de Antonio de Saldanha, foi-se para Chaul, onde se deteve alguns dias ordenando hum baluarte, muros, e cava, e outras cousas para defensão da fortaleza. Provídas estas cousas, partio-se para Goa, e seguindo seu caminho, veio ter com elle Bastião de Faria, que vinha de Calecut com nova que o Camorij lhe queria dar lugar para fazer huma fortaleza. Chegado a Goa a 15 de Março esteve na Cidade té que chegáram duas náos que foram deste Reyno ^a para irem á China.

^a Frota da India do anno de 1531.

Estas náos eram de huma Armada de seis náos, que partiram do Reyno em Março de 1531, huma dellas arribou a Lisboa, em que hia Pero Vaz do Amaral Corregedor da Corte, com Officio de Veedor da Fazenda, e capitania de Cochij. Das cinco eram Capitães Aquiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, Manuel Botelho, João Guedes, e Manuel de Mucedo, que levou preso a Portugal Rax Xaruf, e vinha provido da fortaleza de Chaul. A náos de Manuel Botelho por erro do seu Piloto foi parar

na. De huma vinha por Capitão Manuel Botelho, e da outra Manuel de Brito, as quaes não foram á China, mas o Governador as tornou mandar com carga para o Reyno, como adiante se dirá.

CAPITULO XVI.

Como Mustafá foi recebido de Soltam Badur com muitas honras, e mercês: e dos nomes de honra, e titulos com que se nomeam os Principes, e nobres do Oriente.

LOgo que partio o Governador de Dio, se partio Mustafá com todos os da sua companhia para onde estava Badur, de quem foi

ás Ilhas de Nicobar, donde voltou a Cochij. A de Manuel de Alacedo errando tambem o seu Piloto a navegação, meteo-se do cabo de Comorij para dentro, sem saber onde estava, e foi varar a náo na restinga da Ilha dos Fogues, defronte do lugar de Calecare povoado de Mouros Noiteas. Manuel de Alacedo desembarcou na restinga, e em huma ponta de areia se fortificou com a artilheria da náo; e como muy esforçado Capitão se defendeu doze dias dos Mouros, que em muitos navios que ajuntaram, os combateram com muitas peças de artilheria de dia, e de noite, té que chegou o soccorro de Cochij, (onde Manuel de Alacedo com o esquisse avisou ao Capitão do seu naufragio,) com que os Mouros se retiraram, e embarcada toda a gente, artilheria, munições, e fuzenta nos navios que vieram de Cochij, puzeram fogo ao casco da náo, e chegaram a salvo a aquella Cidade. Tres destas ndos viam ordenadas do Reyno para fazerem viagem á China, e por aquella Provincia estar levantada o Governador as

foi recebido com muita honra, e gazalliado, assi por a fama que delle tinha, como por o grande presente que lhe fez de muitos cavallos Arabios, e armas de toda sorte, e peças ricas de seda, e ouro; e o que era mais principal, muita artilheria, em que entravam basiliscos, e outras peças de bater, que foram causa de se defender Diodos Portuguezes, o que ElRey muito estimou; e por mostrar a vontade com que o recebia, e galardoar a Mustafá o presente de sua pessoa, e do mais, lhe fez mercê da capitania de Baroche, que he na enseada de Cambaya, e de grande rendimento, e assi de outras terras, e juntamente o nome de Rume, e o honroso appellido de Chan.

O Rume lhe chamou por ser natural Grego; porque os Mouros da India como não sabiam fazer divisão destas Provincias de Europa, a toda Tracia, Grecia, Esclavonia, e Illas circumvizinhas do mar Mediterraneo chamam Rum, e aos homens dellas Rumij, sendo este nome proprio dos naturaes daquella parte de Tracia em que está Constantinopla, que do nome que ella teve de nova Roma, tomou a Tracia o de Ro-

tornou a mandar a Portugal em Janeiro de 1532, aonde não chegaram as duas de Manuel Botelho, e de Diogo Botelho, nem appareceram mais. Francisco de Andrade cap. 75. da 2. Parte, e Diogo do Couto cap. 11. do liv. 7.

Romania. E assi são diferentes nações Rumes, e Turcos; porque estes tem a sua origem da Provincia Turchestan, e os Rumes da Grecia, e Tracia, e como taes se tem por mais honrados que os Turcos, fazendo-lhes vantajem nos costumes, e valor, e tendo por afronta chamarem-lhes Turcos. E posto que nas mesmas Provincias de Grecia, Tracia, Esclavonia ha Christãos, não são dos Mouros aborrecidos, como os das outras partes de Europa, a que elles chamam Frangues. A origem deste vocabulo, e deste odio he do tempo em que Gotfredo de Bulhon conquistou a Terra Santa. Porque como elle, e os mais dos Principes, que foram as cabeças daquella expedição, eram Francezes, que foram grande terror dos Arabes, Persas, e Egypcios, de que fizeram grande estrago, e lhe tomáram suas terras, chamáram sempre Frangues, por dizerem Francezes a todos os Christãos de França, Hespanha, Alemanha, e das outras Provincias do Norte. E como os homens destas nações raramente se tornam Mouros, e obedecem á Igreja Romana, tem elles a todos por verdadeiros Christãos; e por o odio que lhes tem, e aborrecimento ao nome de Frangue, por vituperio chamam aos Christãos destas partes Frangues, como nós a elles impropriamente chamamos Mouros.

O

O Chan que accrescentou ElRey Badur ao Rumi, he denotação de dignidade tomada dos Tartaros, e que entre os Guzates, e outros Póvos do Oriente se costuma dar por estado, ou merecimentos de pessoa, que denota entre elles huma dignidade como em Hespanha a de Duque. E porque em diversas nações daquellas Orientaes ha muitas differenças destas adjecções, e additamentos; que se fazem aos nomes proprios, segundo he a dignidade da pessoa, assi para entendimento do que nós escrevemos nestes Livros, como para os que traduzem de huma lingua em outra sabem fazer a distincção do nome, cognome, e agnome, como os Latinos, será necessario darmos disso a noticia que alcançámos, por ser cousa que muitos não sabem.

Os Persas, como gente mais politica que todos os Orientaes, (excepto sempre os da China,) deram entre os Mouros a elles vizinhos diversas denotações de honra, e tudo exemplificaremos conforme aos attributos dos ditados, e dignidades de Hespanha, donde as outras nações o podem applicar a seus usos. Este nome Xiah, que em lingua Arabiga significa Governador, ou Capitão, junto a qualquer nome proprio, dam os Persas a seus Reys, e ácerca delles denota Emperador; donde vem chamarem-lhe Xiah

If-

Ismael , Xiali Tamas. Bec responde á dignidade de Conde. Emir , que quer dizer Capitão , he titulo que se dá ao Fidalgo. Xech em Arabigo , e Cogia em Turquesco , significam homem velho de authoridade. Racz denota em Arabigo Principe , e Capitão que mandava navio , pelo que usam delle os Governadores dos Reynos. Os Turcos chamam a seu Rey Paderan ; e Vizir , que quer dizer Conselheiro , he dignidade igual á do Duque , e Baxiá á do Conde. Sangiac he o mesmo que Capitão de bandeira ; Chiause Cavalleiro da casa d'ElRey ; Janglichiani escravos d'ElRey , a que nós chamamos Janiçaros. Os Arabios no tempo de sua potencia chamavam Soltão ao Rey do Cairo , o qual nome os Turcos tomáram delles.

Destas nações dos Mouros tomáram outras seus appellidos de honra , como os do Reyno de Cambaya o nome de Soltão , que deram ao seu Rey. Os Capitães do Reyno do Decan acrescentam a seus nomes proprios outros de honra , de que se mais prezam , chamando-se Iniza Malmulco , que quer dizer , lança da terra , Cota Malmulco , fortaleza da terra , Adilchan , da justiça senhor ; e nós corrompendo estes nomes , lhe chamamos Nizamaluco , Cota Maluco , e Hidalchan. Os Mouros Malaios tem hum

ter-

termo que he Raja , que quer dizer d'El-Rey , o qual accrescentam a seus proprios nomes , com que ficam significando cavalheiros d'ElRey , braço d'ElRey. Entre os de Maluco ha hum prenome de honra que he Cachil , como entre nós Dom , e dizem Cachil Daroez , Cachil Vaidua. Finalmente não ha lugar na terra , em que não haja esta ambição de nomes honrosos , no fim , ou no principio do seu proprio : e o mais commum naquelle Reyno de Cambaya he o de Chan , que Soltão Badur deo a Mustafá , chamando-lhe Rumechan ; e como a homem a que melhor cabia o governo de quantos Rumes , e Christãos havia em seu Reyno , lhe deo a capitania delles.

C A P I T U L O XVII.

Do que fez Antonio de Saldanha com a Armada que lhe ficou : e como o Governador houve á mão hum irmão d'El-Rey de Cambaya : e do successo da Armada de D. Antonio da Silveira , e da sua morte.

ANtonio de Saldanha ficou com sessenta vélas , as mais dellas de remo , e com mil e quinhentos homens , a quem o Governador mandou que primeiro que entrasse na enseada de Cambaya , estivesse no
por-

porto de Dio alguns dias, como esteve oito, sem as oitenta fustas de Melique, que dentro da cadeia tinha, oufarem sahir. Partido dalli, entrou na Cidade Madrefabar, que dista cinco leguas de Dio contra a Ilha de Beth, com tenção de fazer alli aguada, porque tem hum esteiro, em que bem podia entrar toda a Armada, e foi a tempo que estava toda despejada de gente, temendo que os Portuguezes fossem a ella. Esta Cidade era toda cercada de muro, e da parte da terra firme tinha serventia de duas portas, onde Antonio de Saldanha, em quanto os nossos andavam recolhendo hum pouco de despojo que acháram allás pobre, mandou pôr a huma das portas Fernão Rodrigues Barba com trinta homens, e na outra Jorge de Sousa com vinte e cinco. Per ambas cominetteo entrar muita gente de cavallo dos Mouros; e posto que entráram, custou a vida a dezefete que alli ficáram mortos, sendo alguns dos nossos feridos. E vendo que entrar dentro era sua perdição, quizeram tornar a sahir per onde entráram, e por acharem as portas defendidas, como gente já desesperada, vieram demandar as portas da ribeira, por ser lugar mais espaçoso perque podiam fugir. E neste caminho, que fizeram pelo terreiro, ficáram alli alguns derribados ás lançadas. Queimada esta

Ci-

Cidade, e Talajá, entrou Antonio de Saldanha para dentro da enseada, ao longo da costa daquella parte de Cambaya, e foi a huma Cidade grande, e antiga, chamada Gogá*, de muito trato, que distára de Madrefabat vinte e quatro leguas pouco mais, ou menos. Neste porto achou dezoito pariaes de Malavares carregados de especia-ria, que eram os melhores de todo o Reyno de Calecut, por serem de tres mercadores ricos, Pate Marcar, Cutiale, e de seu filho. Estes, tanto que houveram vista da Armada de Antonio de Saldanha, se metêram per hum esteiro dentro quasi meia legua, cuidando que os nossos navios por demandarem mais fundo, não poderiam subir onde elles estavam. Mas Antonio de

Tom. IV. P. I.

Gg

Sal-

a Esta Cidade era huma das maiores, e mais opulentas em trato, riqueza, e poder de todas as da enseada de Cambaya. Jaz quasi na cubo della da banda do Ponente, e ostenta em hum largo campo, e de algumas ruinas de edificios, que ainda hoje se vem, mostra que foi antigamente coisa mui grande, vendo-se em muitas partes pedaços de grossos muros de canteria, de pedras bem lavradas de quatro palmos de comprido, tres de largo, e outros tantos de alto, liadas sem betume, nem cal, e assentadas com tanta igualdade, que parece parede de huma só pedra. E se os Romanos chegáram com suas conquistas áquellas partes, pudera-se presumir que era fábrica sua pela semelhança que tem com as que elles deixáram feitas: e deve ser dos Chijs, cujos edificios de semelhante fábrica se vem em alguns daquelles Reynos, de que elles foram senhores, como nos Pagodes da Ilha de Salfete, e outros. Diogo do Couto liv. 7. cap. 5.

Saldanha com as vélas mais subtrís, e leves os foi demandar com oitocentos homens, porque se puzeram elles em defensão com muita artilheria; e em os quererem os nossos commetter, tiveram assás trabalho, porque lhes conveio sahir em terra, onde os vieram receber mais de trezentos homens de cavallo, e oitocentos de pé, em que entravam muitos espingardeiros dos Malavares, que como gente que defendia o seu, deram bem que fazer aos nossos; mas á custa de mais de duzentos delles que alli ficaram mortos, desampararam os catúres, e estancias, que logo foram queimadas, e alli entráram na Cidade, a que tambem foi posto fogo, e a sete, ou oito náos que estavam em baixo no porto, ficando tudo assolado, e feito em cinza. Dos nossos foram muitos feridos, e alguns mortos, de que foi hum Paulo de Sá do Porto. Destes paráos Malavares se houve muita artilheria, da qual alguma era de bronzo.

Acabado este feito, passou-se Antonio de Saldanha á outra costa de frente^a, e foi demandar a Cidade de Surat, por ter nova que dentro do seu rio estavam alguns navios, principalmente paráos Malavares carregados de pimenta, e gengivre; mas não achou

^a Onde destruiu os lugares de Belsa, Tarapor, Maij, Quelme, Agacim té o rio de Bendorá.

achou mais que sete que queimou. E posto que o anno passado fora aquella Cidade destruida per Antonio da Silveira, porque se começava outra vez a reedificar, antes de fazerem maiores raizes, nas embarcações pequenas foram queimar o que estava em pé. Tornado Antonio de Saldanha a sahir do rio, se foi invernar a Goa, deixando tão affombrada aquella costa, que mandando Nuno da Cunha alguns catúres a Diodotar lingua, a tomáram pegados na cadeia, e a esbombardeáram, sem algum navio da Cidade ousar de vir a elles.

Neste tempo andavam dous irmãos d'El-Rey de Cambaya fugidos d'elle, temendo que os mandasse matar, como fizera a outros; os quacs vindo ter a casa do Nizamaluco, elle os quizera mandar a El-Rey seu irmão, por lhos mandar pedir. Pelo que vendo-se elles tão perseguidos, apartáram-se, e hum d'elles foi morto por se não deixar prender de quem o hia buscar, cuja cabeça foi levada a Soltão Badur seu irmão. Outro foi ter com o Hidalchan, que com temor de o irmão tambem lho mandar pedir, lhe deo dinheiro, e o despedio de si, dizendo-lhe, que se fosse segurar a outra parte. E indo caminho de Dabul, para dali passar per mar para outra parte, seus proprios criados lhe deram peçonha, e o dei-

xáram per morto, roubando-lhe o que levava. E estando alli por Feitor hum Lopo Toscano, o fez saber a Nuno da Cunha, e elle lhe mandou seguro, e que lho enviasse logo; e por ir mui desbaratado, o fez mui bem curar, e dar-lhe todo o necessario, e o tinha por grande joia, por ser o legitimo herdeiro do Reyno de Cambaya, esperando com elle fazer algum bom negocio.

Em Chaul despedio Nuno da Cunha a D. Antonio da Silveira para o estreito com seis vélas, huma galeaça em que elle hia, e cinco galeões, de que eram Capitães Jorge de Lima, Martim de Castro, Antonio de Lemos, Henrique de Macedo, e João Rodrigues Paes. Chegando D. Antonio da

Sil-

a Deste irmão de Soltam Badur escrevem variamente Francisco de Andrade, e Diogo do Couto. Porque Francisco de Andrade diz no cap. 85. da 2. Parte, Que fugindo elle de Badur em trajo de Jogue, viera a Dabal, onde João Criado que alli estava por Feitor o recolhera; e em huma fusta, que para isso mandára pedir a Chaul a Mamae de Macedo, o levára a Goa, e que o Governador o fôra receber a Pangim em huma galé, e o hospedára, e tratára como irmão d'ElRey de Combaya, o qual com os cixames d'elle mandára ao seu Regedor mór que tratasse com D'istão de Gá (que então estava na Corte) algum concerto entre elle Rey, e o Governador, com que a guerra se acabasse. Diogo do Couto escreve no cap. 3. do liv. 2. Que quando Nuno da Cunha partio para Baçaim, que a destruiu, entregára ao Ouvidor geral Simão Caeiro hum irmão de Soltam Badur, que Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomára naquella Cidade, que hia

Silveira com toda sua Armada a salvamento á paragem onde havia de esperar as náos da preza, repartio os seus navios para o que lhe era necessario, onde havia de andar té a fim de Maio; e dahi foi ter á Cidade de Adem, onde soube que os homens que Eitor da Silveira alli deixou, e os outros Portuguezes que depois com mercadorias ahi foram ter, eram mortos por El-Rey de Adem. A causa da sua morte foi a cubiça que El-Rey teve de humna não carregada de pimenta, que alli leváram certos Portuguezes que lhe elle tomou. D. Antonio da Silveira, porque não levava força para o castigar, dissimulou o melhor que pode aquella culpa; e porque certas náos estrangeiras que hi estavam furtas houveram medo d'elle, se acolhêram, e elle se foi a Ormuz, onde falleceo em Agosto. E em seu lugar foi feito Capitão mór Jorge de Lima, o qual partindo de Ormuz na sahida do mesmo mez de Agosto, de caminho na costa de Cambaya tomou duas náos de preza tão ricas, que valêram para El-Rey, e partes cincoenta mil cruzados, e com ellas chegou á India.

CA-

segundo de seu irmão que o quizera matar; e que deste Príncipe não pudera saber o nome, nem quando, e onde morrera, mas que alcançou homens velhos em Goa, que o viram aquelle inverno do anno de 1532 andar pela Cidade bebado em cima de hums elefante, o que fazia de ordiparia,

CAPITULO XVIII.

Como Nuno da Cunha a requerimento d'El-Rey de Calecut fez a fortaleza de Challe : e o modo que teve com elle primeiro que a fizesse.

EL Rey de Calecut assombrado da guerra que lhe Nuno da Cunha mandava fazer , e quanto damno seu Reyno nisso recebia , porque sómente o anno passado havia perdido com nossas Armadas , que andavam na costa de Cambaya , vinte e sete vélas carregadas de especiaria , que estavam para ir ao Estreito de Méca , escreveu a Nuno da Cunha sobre concerto de pazes. E que por evitar a dilação de idas , e vindas de melleiros , mandasse lá humia tal pessoa , que conforme a seus apontamentos pudesse logo dar seguro com que os mercadores livremente navegassem suas mercadorias por ser o tempo da monção. Para este negocio mandou Nuno da Cunha a Diogo Pereira , por ser homem que tinha muita antiga experiencia das cousas do Malavar , e de grande authoridade ante os Reys , e Principes d'elle , por a prática que em negocios passados com elle tiveram ; o qual além de ser hum varão prudente , e de muita capacidade para semelhantes cousas , ti-

nha a outros vantagem, que era saber a lingua da propria terra de maneira, que não tinha necessidade de interprete, parte mui importante a Embaixadores, e pessoas que hão de negociar com gente estranha; porque além de todo o segredo dos dous que contratam, e fallam ficar no interprete, como a lingua he hum vinculo que muito obriga para ambos se convirem bem, se a sabem, estão seguros de haver mentira na falla, e de não se trocar huma couza per outra, como muitas vezes acontece por malicia, ou ignorancia do interprete; e quando he sem estes, está o negocio seguro de tal perigo, e acaba-se mais cedo, e melhor, como entre naturaes pela communicação da lingua, que soe causar benevolencia. E porque a tenção, e fundamento de Nuno da Cunha era ter huma fortaleza em hum porto de Calecut, todo o regimento que Diogo Pereira levou vinha acabar nesta conclusão, apontando-lhe a parte onde a queria, que era no porto de Chal-le, mas que não sentisse ElRey que elle a desejava alli, e que para mais dissimulação sempre lhe apontasse o proprio lugar onde estivera a outra nossa fortaleza, que Dom Henrique de Menezes mandára desfazer, por elle Governador ter sabido que em nenhuma maneira ElRey havia de consentir

que alli fosse, o qual requerimento assi succedeo, e ElRey lhe deo logo disso huma Provisão. Diogo Pereira como teve este recado d'ElRey, secretamente o mandou logo a Nuno da Cunha, porque conhecia bem a natureza, e inconstancia destes Principes Malavares, e já ElRey havia de soffrer, ou per bem, ou per mal que o Governador fizesse a fortaleza. Nuno da Cunha, em quanto mandava fazer cal, e outras provisões para a obra, entreteve na Corte d'ElRey de Calecut a Diogo Pereira quasi todo o inverno, fazendo outros negocios de pouca importancia, para neste tempo praticar com dous, ou tres Principes de Challe, e haver seu consentimento, principalmente com o que era senhor da terra, onde Nuno da Cunha pertendia fundar a fortaleza, por ser o mais conveniente lugar; e para se melhor entender o que dissermos, he necessario declarar o sitio da terra, e a vizinhança que tem.

Esta terra chamada Challe he huma Ilhetta pequena, que faz hum rio dos notaveis daquelle Malavar, que está abaixo de Calecut tres leguas contra o Sul. He este rio navegavel com catúres té o pé da serra de Gate onde nasce, porque tambem entram nelle outros rios, que o fazem grande: huns vem da parte de Calecut, e outros da parte

te

te de Tanor de maneira , que muita parte das terras a Challe vizinhas vam repartidas , e retalhadas em leziras com esteiros , porque se os moradores servem. Porém quando todos estes rios , e esteiros se querem metter no mar , he per tres partes , huma de cima da banda do Norte , a que chamam Challe; outra que sahe abaixo meia legua , chamada Caramanlij ; e logo mais abaixo legua e meia entra outro braço , a que chamam Parengalle , vizinho a ElRey de Tanor. Da terra de Challe era Senhor hum Gentio chamado Unirama , que se intitula-va Rey , e vizinhava com elle da parte de- baixo contra o Sul ElRey de Tanor , am- bos subditos d'ElRey de Calecut. Ambos desejavam muito a amizade dos Portugue- zes por se livrarem do Çamorij. Com el- les tinha Diogo Pereira praticado este nego- cio , e elles mesmos o provocavam a se fa- zer esta obra , esperando que nossa fortale- za os havia de fazer ricos , e poderosos , como tinhamos feito a ElRey de Cochij. Havido conselho sobre o sitio da fortaleza com as principaes pessoas com que Nuno da Cunha o praticou , foi assentado que se fizesse em Challe , porque seria hum freo para todo o tempo enfrear a soberba do Çamorij , e os Mouros de Méca não po- derem navegar a pimenta , que tiravam de

Ca-

Calecut, e seus portos, senão com risco de se perderem, e outros muitos proveitos que da Feitoria da fortaleza dependiam, sendo os Portuguezes senhores daquelle rio, em que os seus navios podiam invernar.

Provido o necessario para esta obra, o Governador partio de Goa ^a a 20 de Outubro daquelle anno de 1531^b, e quando chegou, estava já o Camorij arrependido de permittir fazer-se a fortaleza per conselho dos

a Antes que Nuno da Cunha partisse de Goa para Chalé, mandou Antonio de Saldanha que fuisse a Cochij recolher a Armada, e gente que alli estava prestes, ordenando-lhe que com ella o esperasse por todo Novembro sobre o porto de Calecut. Chegou Antonio de Saldanha ao rio de Panane, e soube que dentro estavam duas naos do Camorij á carga; e porque não sahisssem, deixou sobre aquella terra D. Roque Tello Capitão do galeão Lambearmorim com seis fustas, e elle passou a Cochij. O Camorij mandou armar quarenta navios, para que o fossem vender: e depois que os Mouros o combatêram com muita artilheria, e arcabuzaria, determinaram de o invellir, e commetteram a entrada, que lhe foi defendida dos nossos com tanto valor, que se retiráram os inimigos com mais de doze navios menos, e os outros destrozados, e muita gente morta, e ferida, e assi se tornáram a recolher no rio, levando para dentro as duas naos, que hiam já sahindo para fora. D. Roque Tello, posto que lhe feriram alguns homens, não recebeu outro danno, e tornou a sorgir no mesmo porto, onde esperou per Antonio de Saldanha, que vindo de Cochij com a Armada, se foi com elle a Calecut esperar o Governador como lhe ordenara. Diogo do Couto cap. 11. do liv. 7.

b Levava o Governador huma grande Armada de cento e cincoenta velas, nas quaes hiam embarcados tres mil Portuguezes, e mil Lascarijs da terra.

dos Mouros mercadores, aos quaes ella era hum pezado jugo sobre o pescoço. Toda-via entre a promessa, e o arrependimento, Nuno da Cunha fundou a fortaleza, na qual gastou muita pedra de huma mesquita de Mouros antiga, que estava junto della, e de algumas casas velhas, que foi grande ajuda, e assi á pressa com trabalho das mãos de quantos Fidalgos se ahi acháram, em espaço de vinte e seis dias foi posta em defensão, com muro de doze palmos, com seus baluartes, e torre de homenagem, e casas para o Capitão, e soldados, armazens, e Igreja: e he huma das bem acabadas fortalezas daquellas partes, mui proveitosa, de bom porto, e tão pegada na arêa do mar, que não se pôde minar, porque a meia braga acham logo agua doce que se pôde beber. Para esta obra deram o Rey, e Principe de Caramanlij, e ElRey de Challe todo o favor, e ajuda que delles se houve mister. E porque antes de Nuno da Cunha fazer aquella fortaleza os direitos das mercadorias que entravam per aquelles rios se partiam igualmente entre estes dous Príncipes, concedeo-lhos Nuno da Cunha, o qual requerimento negou ao Camorij. Esta era huma das principaes cousas que elle requeria, e apontava no contrato das pazes, que os direitos da entrada, e sahida daquelles por-

portos fossem seus. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que tendo ElRey de Portugal seu Senhor fortaleza em Cochij, os raes direitos eram do Rey da terra, como Senhor que era della; e que a ElRey de Calecut, que não era Senhor daquella, não se deviam pagar, pois nunca os levára antes da fortaleza; e que a justiça era darem-se ao Senhorio da terra. Disto ficou o Çamorij anojado, e muito mais quando hum Senhor da Serra, chamado Baluari Lambeadorim, que tem vinte mil naires, per conemplação d'ElRey de Tanor se confederou com estoutros dous da fortaleza, e odio delle Çamorij, para não consentirem que elle viesse per suas terras, e muito menos o Principe de Calecut, que por ser muito amigo dos Mouros, e por os comprazer, insistia muito que se não fizesse a fortaleza. A qual como foi acabada, deixou o Governador nella duzentos e cincoenta homens, e por Capitão, e Feitor a Diogo Pereira, por elle o merecer por sua pessoa, e por o trabalho que levou em quanto andou no negocio della, e a Francisco da Yora fez Alcaide mór. E para mais segurança, deixou a Manuel de Sousa que andasse naquella costa té a entrada do inverno com huma galé, huma galeota, dez bargantijs, e dez catúres, assi para guarda da fortaleza, como

mo para favor daquelles nossos amigos novos, com que ElRey de Calecut por nossa causa estava de quebra. Manuel de Sousa andou naquella costa pouco tempo, porque lhe deo hum temporal tão forte, que todas as vélas que trazia se recolhêram per esses portos que puderam tomar; e não podendo elle sahir de huma enseada com a galé, soffreo o tempo sobre a amarra té que abriu por ser velha, mas a gente se salvou com a artilheria toda, sómente hum basilisco que aboiáram, e depois o vieram tirar, e com o tempo se recolheo a Goa, onde o Governador estava. ^a

ElRey de Calecut como Nuno da Cunha se partio, começou fazer guerra áquelles Principes nossos alliados, aos quaes custou muito trabalho sua defensão, principalmente a ElRey de Challe, no que elle mostrou tanta lealdade, e fé, como ElRey de Cochij quando por nossa causa soffreo os trabalhos que já escrevemos ^b. E quando per guerra o não pode vencer, movia-lhe partidos de grande tentação; e pela mesma maneira tentou a ElRey de Caramanlij, e a ElRey de Tanor, mas todos se mostráram

^a Nesta jornada de Challe diz Diogo do Couto no cap. 12. do liv. 7. que Nuno da Cunha fez pazes com o Camorij á instancia d'ElRey de Tanor, a quem o Camorij tomou por medianeiro, para que o Governador lhas concedesse.

^b No liv. 7. da 1. Decada.

ram nossos amigos. Com estes desprezos se houve o Çamorij portão injuriado da pouca conta em que estes Principes o tinham por o favor que lhes davamos, que esteve para morrer. No tempo de sua doença, o Principe herdeiro fez da necessidade virtude, e escreveu a Diogo Pereira cartas de grande amizade, promettendo nellas, que se seu tio fallecesse, elle havia de assentar pazes com o Governador; e que quando se fosse a coroar, como verdadeiro amigo havia de ir pela porta de Cochij, e não per caminhos furtados, como seu tio fizera.

C A P I T U L O X I X .

Do que Manuel de Vasconcellos, e Antonio de Saldanha fizeram em Xael, e como chegaram a Mascate.

O Governador Nuno da Cunha, porque tinha determinado de mandar Antonio de Saldanha ao Estreito do mar Roxo, tanto que a fortaleza de Challe esteve em boa altura, o despedio que se fosse a Goa dar ordem á sua partida, por ser já tarde. E para melhor aviamento, quiz Antonio de Saldanha por causa da monção que se passava, que fosse diante d'elle Manuel de Vasconcellos, e o esperasse em Xael, dando primeiro huma vista á Ilha de Çocotorá, que era o or-
de-

denado curso das nossas Armadas para aquellas partes. Manuel de Vasconcellos partio a 28 de Fevereiro de 1532 com duas galeotas, elle em huma, e Henrique Mendes de Vasconcellos em outra, e oito bargan-tijs, e de alguns eram Capitães Ferrão Lourenço de Lima, Christovão Rangel, Thomé Baião, Diogo Vaz, e Tristão de Horta, e em espaço de nove dias foi na Ilha de Cocotorá, onde fez aguada. Dahi foi caminho de Xael, como lhe Antonio de Saldanha mandára, e tambem por ter nova que no porto estavam muitas náos. Na travessa desse caminho achou huma não de Dabul, a qual como hia bem artilhada, e levava muita gente, começou de se pôr em ordem de querer pelejar, o que ella não fez, como se vio rodeada dos nossos; e pondo huma bandeira na quadra, final de paz, disse ser de Dabul, e mostrou o cartaz que trazia, que lhe foi guardado, posto que era antigo, e passado o tempo del-le. O respeito que Manuel de Vasconcellos teve em alargar esta não, foi termos em Dabul hum Feitor, que podia receber dano, se esta não o recebesse; sómente lhe servio de lhe dar novas, que em Xael ficavam muitas náos, e entre ellas huma muito rica, e nomeada Cufurca, que havia muito tempo que navegava, e nunca fora tomada dos nos-

nossos. E assi lhes custou muito trabalho de
 a liaver quando chegaram a Xael; porque
 tanto que ella vio a nossa Armada, temeu-
 do o que veio a ser, alargou as amarras,
 e deixou-se ir á costa té encalhar, e a gen-
 te della fugio para terra, onde esperava de
 salvar a si, e a ella com a artilheria que
 puzeram na praia para a defender. Os nos-
 sos querendo-a commetter, tiveram logo re-
 cado dos Mouros da Cidade com presen-
 tes que lhe mandáram, dizendo serem nos-
 sos amigos, e não lhe merecerem fazerem-
 lhe algum danno no porto daquella Cida-
 de. Mas quando víram que todavia entra-
 vam dentro na náó, e para a poderem ti-
 rar ao alto a nado, alijavam alguns fardos
 de mercadorias, começáram os Mouros de
 se servir da sua artilheria, de que hum dos
 nossos foi morto, e alguns feridos. E por
 muito que alijáram, e a náó estava já em
 nado, não havia remedio de a tirar daquel-
 le lugar a poder de cabrestantes, té que hum
 Mouro cativo, que andava nas nossas ga-
 leotas, descubrio a Manuel de Vasconcel-
 los, que tinha per baixo rajeira dada na
 quilha, e atacada em terra, como de feito
 assi era, a qual cortada, a náó veio logo
 onde as galeotas estavam. Além desta náó
 que era bem rica, tomáram hum marruaz
 de Turcos que tinha muita fazenda, e ef-
 cor-

corchárain outras tres náos, com a fazenda das quaes carregáram a Cufurca em lugar da que lhe tinham alijada. ElRey de Xael temendo por o que vio fazer, que se não contentasse Manuel de Vasconcellos com esta preza que tinha feita, o mandou visitar com hum presente de vaccas, carneiros, galinhas, tamaras, e outros mantimentos da terra, dizendo que era nosso amigo, e que-ria estar em nossa amizade, e que a artilhe-ria que se tirára na praia fora per Turcos do marruaz, de que elle não fora sabedor; mas depois que o soubera, os mandára pren-der. E que quanto ás náos que tomáram, pois eram de seus inimigos, que o pagassem, que se mandasse alguma cousa delle, que solgaria de o fazer. Estes cumprimentos gra-tificou Manuel de Vasconcellos a ElRey de Xael com lhe mandar algumas cousas, e sete cascos das náos que alli tomára ven-deo a seus naturaes por mil pardáos. E por-que Antonio de Saldanha lhe tinha dado em regimento, não sendo com elle té ro de Abril no Cabo de Fartaque, onde o mandava esperar, que se fosse a Mascate, e o tempo era já passado, determinou de se partir, e de todas as vélas que levava ti-rou a dous, e a tres marinheiros, com que proveo de gente do mar a náo Cufurca com trinta Portuguezes, porque os mais eram

da terra, com a qual preza chegou a Mascate.

Antonio de Saldanha que ficou em Goa, não se pode fazer prestes para partir mais cedo que a 10 de Março, em que deo á véla com dez navios, elle em hum galeão, de que era Capitão Antonio da Fonseca, por ser costume que o Governador, e Capitães môres levam em a náó em que vam huma pessoa, que sirva de Capitão da mesma náó para entender no governo della, ao modo que serve hum Veedor da casa, e o Capitão môr, fica desoccupado para o governo de toda a Armada. Os outros Capitães eram D. Fernando Deça, D. Roque Tello de Menezes, Henrique de Macedo, Antonio Cardoso, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Lemos, Gaspar de Lemos, João Correa, e Francisco Mendes. Partido com esta frota, chegou á Ilha de Cocotorá vespéra de Pascoa, e em fazer sua aguada se deteve quatro dias: daqui foi ter a Xael, onde foi visitado d'ElRey com algum refresco, que lhe Antonio de Saldanha não quiz acceitar, que foi causa de se temer de sua vinda. Com este temor, parecendo aos de Xael que queria sahir em terra, começaram logo de despejar a Cidade das mulheres, meninos, e fato, que carregáram em camelos, que os nossos viam ir pelo

caminho da Serra. Aqui acháram algumas náos de Chaul, e Dabul com seus cartazes; e assi a ellas, como a outras que estavam em secco, que se apercebiam para defensão, não lhes foi feito mal algum, porque a tenção de Antonio de Saldanha era dar huma vista a Adem, e não achando Turcos com quem pelejar, andar ás prezas. Mas como se poz em caminho té chegar ao Cabo de Fartaque, não puderam ir mais avante, por serem já 26 de Abril, com grandes garrações, e tormenta, que o fez arribar a Mascate.

CAPITULO XX.

Do que Antonio de Saldanha fez em Mascate: e dos trabalhos que passou na paragem de Dio, té Diogo da Silveira tomar entrega da Armada: e como veio ao Reyno por Capitão mór das náos de viagem.

TAnto que Antonio de Saldanha chegou a Mascate, que foi a seis de Maio, achou hi Manuel de Vasconcellos com sua preza, e João Rodrigues Paes, Vasco Pires de Sampaio, e Antonio Fernandes, que não puderam vir em sua companhia, e rota batida vieram demandar este porto, e tirou, e poz Capitães, e officiaes novos, por os outros se quererem entregar das prezas que

Hh ii

que tinham tomado; e segundo o regimen-
to dellas, as repartio pela gente, que eram
novecentos homens. E vindo o tempo, par-
tio dalli, e veio haver vista do Cabo de
Rosalgate; e por achar os mares grandes
com tempo novo, foi-se á costa de Dio, e
foram contando as pedras ao longo da praia
de Pate, e Patane té se lançarem na ponta
de Dio. Aqui vieram dar com elle sete, ou
oito náos, de que sómente tomáram tres,
e as outras deram comsigo á costa, onde
a gente se salvou. Chegado mais á vista da
barra de Dio, appareceo hum galeão de Ru-
mes, que determinou de se salvar, corren-
do tão junto da praia por escapar ás nossas
vélas grandes, que foi necessario que o se-
guissem as galeotas, e bargantijs, que se
lhe tiravam hum tiro, tirava elle dous, e
da praia lhe fazia a gente de Dio sinaes,
que não houvesse medo, e com a artilhe-
ria que nella tinham posta, tiravam aos nos-
sos bargantijs que o perseguiam, té que que-
rendo-se metter quasi no porto de Dio, co-
seo-se tanto com a terra, que foi dar em
hum pedra, e com a pancada lhe saltou
logo o masto fóra, e virou-se de hum ilhar-
ga, onde ficou. Mas os nossos não ousáram
de o ir esbulhar por estar em lugar perigo-
so, nem menos os da terra que estavam á
vista de tudo, sómente houveram os nossos
del-

delle o que o mar lhe lançou na praia, e parte da gente se salvou.

E porque Antonio de Saldanha tinha ordem de Nuno da Cunha, que se não partisse de sobre a barra de Dio té elle mandar Diogo da Silveira com huma Armada de navios de remo, a que elle Antonio de Saldanha havia de entregar os outros que trazia para ficar naquella costa, deixou-se andar esperando por elle, e com muito trabalho, porque os ventos eram tão rijos, que se não podia hum homem ter em pé nos galeões, e os bargantijs estavam arrasados d'agua, e não dormia a gente, e o menos que os navios grandes estavam furtos, temendo ir dar consigo em terra, era em sessenta braças, mudando muitas vezes as ancoragens, em que os homens andavam mortos, e dos bargantijs ficáram sómente tres, e os outros arribáram a Chaul. Finalmente com o trabalho, fome, e sede, começou a gente adoecer, perque foi necessario mandar Antonio de Saldanha no galeão de João Rodrigues Paes caminho da India os doentes, e muita fazenda que se tomou, com o qual foi Antonio Fernandes no seu catúr. E per João Rodrigues Paes mandou Antonio de Saldanha dizer a Nuno da Cunha o que tinha feito, e como ficava naquelle trabalho esperando Diogo da Silveira.

As fustas de Dio neste tempo estavam apercebidas para como vissem sua hora sahirem aos nossos navios grandes; e assi tanto que ellas viram ir descabindo sobre os alcorões da Cidade, que he na barra della, o galeão de Antonio de Saldanha, e douts outros, hum de D. Fernando Deça, e outro de D. Roque, sahíram a elles vinte e sete vélas, e puzeram-se em lugar, e ordem, que descarregáram quanta artilheria traziam na capitaina, e assi nos outros douts galeões; mas como o galeão S. Matheus, em que Antonio de Saldanha andava, era como huma rocha forte, como davam no costado calha o pelouro no mar sem fazer damno, sómente alguns entravam dentro per cima do bordo quando hiam fazendo saltos, e chapeletas pelo mar, dos quaes hum quebrou hum braço a hum Fidalgo per nome João Telles, e outro foi dar no galeão de Manuel de Vasconcellos, que matou douts escravos. Neste commettimento tambem os Mouros leváram seu castigo em gente que a nossa artilheria ferio, e inatou. E ao tempo que batiam os galeões, estavam as suas fustas sobre o reino, e os nossos navios furtigadas; e a principal foi serem os nossos tres bargantijs idos em caça de huma não, que os Mouros lançáram pela barra fóra en-

modo de ardil, a qual encaminháram de maneira, que foram dar com ella na costa em Madrefabat, achando-a vazia os nossos bargantijs, se detiveram lá em fazer aguada.

Neste tempo chegaram dous catúres da India, em que vinham Martim de Castro, e Fernão de Moraes com recado do Governador para Antonio de Saldanha como Diogo da Silveira vinha logo. Os quaes vindo na paragem de Baçaim, topáram Fernão Lourenço de Lima, Christovão Rangel, Francisco Mendes, e João Correa Capitães dos bargantijs da Armada de Antonio de Saldanha, que eram os que dissemos serem arribados a Chaul, e ajuntáram-se estes dous catúres com elles, e tomáram huma não de preza, e a leváram a Chaul. Com esta nova que os catúres trouxeram a Antonio de Saldanha, por se não ir daquela costa sem fazer alguma cousa notavel, determinou de ir dar em a Cidade de Pate, que fica detrás de Dio, para o que mandou dous catúres diante, que lhe fossem dar huma vista para saber o estado em que estava, e que desembarcação tinha, mostrando que arribáram alli com tempo, e que elle hia de vagar trás elles. Os catúres topáram huma não mui rica que vinha para Dio, e começaram de ir ladrando trás ella ás bombardadas; e como Antonio de Sal-

danha hia de caminho para lá , e as ouviu , entendendo o que sería , deo. mais véllas ; mas quando chegou , já os catúres com os bargantijs que foram diante tinham tomada a náó , que foi a mais rica de quantas tinham tomado á custa de muito sangue dos nossos , por pelcarem huma grande hora , em que morrêram muitos Mouros ; e outros carregados de muita somma de moeda de ouro , e prata , se lançáram ao mar , cujo pezo os levou mais cedo ao fundo. E segundo alguns dos Mouros cativos della diziam , sómente em mocda de zequijs Venecianos trazia mais de sessenta mil , a fóra muitos brocados , sedas , pannos , e outras mercadorias , e conservas de todo genero , té de espargos , que valiam grande preço. Como estes que entráram na náó tomáram o que puderam , se tornáram a seus navios antes que Antonio de Saldanha chegasse , o qual mandou metter nella Officiaes para se pôr em boa arrecadação o que nella vinha ; e dando com esta vitoria huma vista a Dio , navegou para Chaul. Mas primeiro que lá chegasse , na paragem de Baçaim achou Diogo da Silveira , ao qual entregou os navios que Nuno da Cunha mandava , e elle foi-se a Chaul , onde mandou fazer grande cata em todos os navios , e catúres , que tomáram a náó na costa de Dio , de que houve grande

de somma de dinheiro, e fazenda, de que deixou alguma parte alli, por ter maior valia que em Goa, e partio-se para lá, onde foi recebido com grande prazer; porque importáram as prezas que naquella viagem fez mais de cento e oitenta mil cruzados, em ouro, prata, sedas, pannos, cobre, e outras mercadorias, que destas partes de Europa se levam á India pelo estreito do mar Roxo.

Naquelle anno de 1532 foi a Armada, que partio deste Reyno, dividida em duas capitánias móres^a; de huina era Capitão mór D.

a Esta Armada do anno de 1532 era de cinco náos, da qual tiva por Capitão mór Pero Vaz de Amaral, que arribára o anno passado. Na náo de Vicente Gil ~~foi embarcado~~ D. Fernando Vaqueiro Bispo Aurense da Ordem dos Menores, varão mui religioso, e o primeiro Bispo que El Rey D. João mandou á India, na qual falleceo o anno de 1534 estando em Ormuz, onde jaz enterrado na Igreja da Fortaleza. A náo de D. Estevão, (com quem tiva D. Christovão da Gama outro seu irmão,) errando Moçambique, e não podendo tomar Melinde para fazer aguada, nem Cocotórã, foi a Xael, em cuja praia desembarcou D. Estevão com D. Manuel de Lima, e D. Fernando de Lima. E estando nella, em quanto se fazia aguada, sobreveio hum Levante tão rijo, que não o podendo soffrer a náo, que andava ds voltas com o traquete, lhe foi forçado correr em popa, e ir demandar a costa de Melinde; e não podendo ferrar terra, passáram avante, e foram tomar Moçambique com muito trabalho, e perigo. Dom Estevão passou a primeira furia do temporal, embarcou-se ao outro dia no batel, e foi ao mar buscar a náo, parecendo-lhe que andasse per alli ds voltas; e não a achando, chegou a Cocotórã, onde não sabendo novas della, apor-

D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, com quem hia por Capitão de huma náó Vicente Gil; e da outra era Capitão mór D. Paulo da Gama, irmão do mesmo D. Estevão, e com elle por Capitão de huma náó Antonio Carvalho. D. Estevão inverno em Moçambique; e porque havia de ficar na India para ir por Capitão a Malaca, e quando elle acabasse lhe havia de succeder D. Paulo seu irmão, veio Antonio de Saldanha ao Reyno por Capitão mór daquelle Armada com a carga da especiaria.

C A P I T U L O XXI.

Como Diogo da Silveira, entregue da Armada de Antonio de Saldanha, destruiu as Cidades de Patan, Pate, e Mangalor, e as queimou, e as náos que em seus portos estavam.

SEndo passado o inverno, fez-se prestes Diogo da Silveira, e partio de Chaul caminho de Dio a fazer guerra naquella costa, como o Governador lhe mandava; mas nel-

tu em Magadaxo; ElRey da terra lhe deu huma embarcação maior, e Pilotos que o leváram a Melinde, onde soube que a sua náó estava em Moçambique; e em humo fusta, que lhe aprestou Nuno Fernandes Capitão de Melinde, em poucos dias chegou a Moçambique, e alli esperou a monção de Agosto, a qual o levou á India. Diogo do Couto liv. 8. cap. 2.

nella não havia já que fazer, por Antonio de Saldanha a deixar destruida, e amedrentada por o que atrás dissemos: polo que passou avante com tenção de dar na Cidade de Patan, que está na costa doze leguas de Dio. Era esta Cidade cercada de bom muro, e baluartes, que defendiam a desembarcação que está ao longo de hum arrecife, da qual tinha novas Diogo da Silveira, que estava bem provida assi de Rumes, como de artilheria, com que se determinava defender. Com tudo elle a foi demandar, e chegando ao porto, desembarcou com a melhor gente da que levava, e tomou huma tranqueira, que os Mouros tinham feita muito forte, e bem artilhada, a qual foi acco-
 mettida pelos nossos com tanto esforço, que lha fizeram largar, e se recolhêram com morte de muitos. A isto acudio o Capitão da Cidade com muitos Rumes, que pelearam mui animosamente té lhe os nossos matarem o Capitão com muitos dos seus, com que foi entrada a Cidade de Patan, saqueada, e queimada, e com ella perto de quarenta náos que estavam no seu porto. Embarcando Diogo da Silveira com muito contentamento de todos, com esta vitoria que houveram a pouco custo seu, com tanta brevidade, e de que houveram grande despojo, se partio caminho da Cidade de Pa-

Pate. Esta Cidade estava tambem muito forte, assi de gente de armas Guzarate, como de artilheria; mas nada lhe valeo, posto que o seu Capitão a defendeo mui valerosamente, porque com sua morte, e de muitos dos seus foi a Cidade tomada, saqueada, e entregue ao fogo, e todas as náos que no porto estavam. Com esta segunda vitoria andava a gente tão contente, e gloriosa, que tudo lhe parecia leve de accommetter. E assi se foi Diogo da Silveira á Cidade de Mangalor, que dista vinte leguas de Dio; e posto que em costa brava, não deixou de a accommetter, e queimar, e as náos do seu porto sem resistencia de seus moradores, por todos a terem despejada com temor de Diogo da Silveira, o qual andou destruindo aquella costa, e queimando muitos lugares, e veio a dar vista á Cidade de Dio, sem haver quem lho defendesse: tanto era o temor que d'elle tinham.^a

CA-

^a Antes desta jornada fez Diogo da Silveira outra em Setembro de 1531 com vinte navios, em que levava trezentos espingardeiros, com que atravessou de Chaut á ponta de Dio a esperar os náos de Mlca; e por ellas serem já entradas em Dio antes que elle chegasse, voltou delli no fim de Outubro para a enseada de Cambaya, e foi demorar Banderá, Cidade daquelle Reyno mui rica, por o trato, e commercio de seus habitadores; e posto que elles a defendêram bem, foi tomada per os nossos, e depois de saqueada lhe puzeram o fogo. De Banderá se passou Diogo da Silveira ao rio de Bombaim, e entrou per elle á Cidade de Tand, que com o favor de algum Capitão

CAPITULO XXII.

Como Nuno da Cunha tomou a fortaleza de Baçaim, e a mandou destruir, com morte de muitos Mouros, e fugida de Melique Tocam seu Capitão.

Vendo Nuno da Cunha que não se podia tomar a Cidade de Dio por sua grande fortificação, determinou de lhe fazer tanta guerra per mar, tolliendo que ao porto della não fossem náos, com que a destruisse. Por esta razão deixou Antonio de Saldanha naquella costa, e após elle mandou

de Melique Tocam, que estava com deus mil homens de Baçaim, se rebellara, e não pagava as parças que se obriga pagar, quando lá fora Eitor da Silveira. Defendêram os Mouros a desembarcação aos nossos, e com grande resistencia a entrada da Cidade, porém com morte de muitos Rumes, e Guzarates foi entrada, e destruida como Bandorá. Sahidos os Portuguezes do rio, foram lá Surat assolando todas as aldeas, e povoações maritimas, em que cativaram, e mataram muita gente. E não havendo naquella costa mais em que empregar o ferro, e o fogo, se possiram a outra de Dio, onde fizeram igual dano nos lugares de Castellote, Taluja, e Modresavat, queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas, pelo que todos os moradores da costa despovodram os lugares; e Diogo da Silveira acabado o verão, em Abril de 1532 se recolheu vitorioso a Goa (onde já estava o Governador da volta de Challe) com mais de quatro mil cativos, e seus soldados ricos de despejos. Francisco de Andrade cap. 76. da 2. Parte. Diogo do Couto cap. 13. do liv. 7. e Fernão Lopes de Castanheda cap. 43. e 46. do liv. 8.

dou Diogo da Silveira, que fizeram o que temos escrito. Bem sentio o damno Soltão Badur no pouco rendimento que aquelle anno teve de suas Alfandegas. E posto que Nuno da Cunha lhe mandou fazer esta guerra, não lhe defcaçava o espirito, em quanto não via huma fortaleza feita na Cidade de Dio, e assi buscava todos os modos que podia para a apertar de maneira que se lhe viesse a entregar. E porque tinha per informação, que Baçaim se hia fazendo outra Dio, antes que mais crescesse, determinou de a destruir. Deste pensamento deo conta a cinco, ou seis Capitães dos mais principaes, e experimentados, pedindo-lhes conselho se commetteria esta empreza por as causas que a isso o moviam, as quaes eram fer aquella Cidade de Baçaim grande escala de náos, onde carregavam para Méca muita madeira, de que se proviam as galés dos Turcos, e todo aquelle estreito, no qual ella tinha muita valia, e que se hia fazendo aquelle porto outra Dio com a fortificação que nelle começára Melique Tocam. E que se os Turcos alli se recolhessem vindo á Índia, (de que havia presumpção,) sería notavel damno para aquelle Estado polas comodidades, que elles para suas Armadas naquelle lugar tinham. Polo que lhe parecia que convinha deitar os Mouros de Baçaim, e fa-

e fazer nelle huma fortaleza, alli para lhes impedir o trato da madeira, e os intentos de Melique, e estorvar que os Turcos o occupassem, como para terem nelle as nossas Armadas porto mais vizinho de Dio, donde sahisses a fazer guerra ao Reyno de Cambaya. Pareceo aos Capitães desnecessario fazer fortaleza em Baçaim, (como se depois fez por as causas referidas,) sendo a de Chaul tão vizinha, e que para se atalharem os damnos que se receavam, bastava arrazar o lugar, e pôr per terra tudo o que Melique nelle tinha fortificado.

Approvada a jornada, se fez prestes o Governador, e partio de Goa na entrada do anno de 1533 com oitenta vélas^a, indo elle em huma galé bastarda, e levando por

Ca-

^a Era esta Armada de mais de cento e cinquenta vélas, nas quaes havia vinte galeões, muitas galés, e galeotas: os Capitães são os que nomea João de Barros, eram Garcia de Sá, Antonio da Silva, Jorge de Lima, Francisco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá o Ruine, Nuno Pereira de la Cerda, Trifão homem, Jorge Cabral, Francisco de Vasconcelos, Martin de Freitas, D. Roque Tello, Manuel de Miranda, Manuel Rodrigues Coutinho, Christovão de Castro, Luiz Coutinho, Francisco da Silva, Paio Rodrigues de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Jorge de Sousa, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Pero de Mesquita, Affonso Figueira, Antonio Ribeiro, Francisco da Costa, Gaspar Luiz, Bartholomeu Vaz, João Fernandes o Taful: hiam embarcados nesta Armada mais de tres mil soldados Portuguezes. Diogo do Couto cap. 3. do liv. 8.

Capitães das mais galés Manuel d'Albuquerque, D. Pedro de Menezes, Martim Afonso de Mello Jufarte, Pero de Faria, Nuno Barreto, Tristão de Taide, Francisco da Cunha, Vasco da Cunha, Manuel de Vasconcellos, e Fernão de Lima. Dos galões hiam por Capitães D. Fernando Deça, D. Paulo da Gama, Antonio de Lemos, Vasco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Antonio Cardoso, e alli outros, cujos nomes não vieram á nossa noticia. A gente que hia nesta Armada, (a qual se ajuntou á de Diogo da Silveira, que tinha mandado chamar Nuno da Cunha,) eram mil e oitocentos Portuguezes, e dous mil Canarijs. Melique Tocam Capitão de Dio, que estava então em Baçaim, e havia muitos dias que a fortificava, sabendo que o Governador vinha sobre ella com tamanho poder, metteo na Cidade com este recceio mais de doze mil homens de guarda, e acabou de a fortificar o melhor que lhe foi possível; e quiz ver se podia per algum ardil livrar-se de Nuno da Cunha, para o que lhe mandou per hum Mourro commetter paz com algum bom partido. O Governador respondeo, que accitaria a paz,

a O que estava em Baçaim diz Francisco de Andrade, que era sobrinho de Melique Tocam Capitão de Dio, do seu mesmo nome. Cap. 77. da 2.ª Parte.

paz, e mandou a Melique com arrefens que deo a Martim Affonso de Mello, o qual não assentou nada, porque Melique não quiz conceder a paz como nos convinha. Polo que assentou o Governador com os Capitães, e Fidalgos, que com elle vinham, de sahir em terra antes que Melique ajuntasse mais gente. E tambem porque foi avisado per o Secretario Simão Ferreira, que os soldados se queixavam d'elle já não acominetter a fortaleza. Para o que ordenou sua gente em tres esquadrões: no dianteiro hiam Diogo da Silveira, Manuel d'Albuquerque, Martim Affonso de Mello: no outro D. Paulo da Gama, D. Fernando Deça, Vasco Pires de Sampaio, Antonio Cardoso, Henrique de Macedo, Antonio de Lemos: na retraguarda hia Nuno da Cunha com os dous terços da gente. E porque Melique tinha feito huma tranqueira bem fortificada para defender a desembarcação^a, e em huma ponta della estava hum baluarte, e a outra hia entestar em huma Mesquita, a qual era mui forte, com seus baluartes de terra, e madeira, com muita, e boa artilheria, e sua cava ao redor, mandou Nuno da Cunha chegar a ella todos os batéis, e

Tom. IV. P. I. li em-

^a A fortificação desta Cidade, e a peiza que os nossos tiveram com os Mouros, escreve mui particularmente Francisco de Andrade no cap. 78. da 2. Parte.

embarcações com suas mantas, e artilheria para a baterem. E ante manhã dado o signal que tinha posto, foram todos juntos; e sendo confessados, e absolutos per hum Religioso de S. Francisco, e encommendando-se a Deos, partíram, e chegando á tranqueira, começaram a batella, a que os Mouros respondiam della com outros tantos tiros. Passando os nossos per este perigo, foram desembarcar no cabo desta tranqueira, onde acháram Melique com a mais da gente, em que havia muitos de cavallo, e tantos tiros de espingarda, e artificios de fogo, que parecia temeridade accommettellos; o que os nossos fizeram com tanto esforço, que não podendo os Mouros soffrellos, começaram a desordenar, e recolher para a fortaleza seguidos dos nossos; fazendo Melique per algumas vezes entreter os seus, pelejando com os Portuguezes por muito espaço, té que a vitoria se declarou por nós. O que vendo Melique, se poz em fugida, e todos os mais com elle, morrendo muitos^a. Dos nossos morreram sómente dous homens de nome Diogo de Mello, e Bartholomeu Drago, e seis, ou sete soldados, o que os Gentios da terra tiveram por milagre entre tantos tiros, e artificios de fogo;

^a Foram mortos mais de quinientos e cinquenta Mouros.

go, que foi causa de alguns se fazerem Christãos. Passada esta tranqueira, caminhou Nuno da Cunha para a fortaleza, mandando diante Simão Ferreira com poucos que a fosse reconhecer em quanto elle se detinha em esperar por artilheria para a bater. Mas os nossos vendo ir Simão Ferreira, se foram todos após elle; o que visto pelos Mouros, e como Melique se acolhêra, e era tanta gente morta, não se atrevêram defender a fortaleza, e começaram a fugir, e os nossos aos seguir matando nelles. Avisado Nuno da Cunha per Simão Ferreira, abalou logo té chegar á fortaleza, e depois de entrado nella, deo muitas graças a Deos por lha dar. E louvando muito áquelles Capitães, e Fidalgos seu muito esforço, armou alguns cavalleiros com muito prazer de todos em dez dias que alli esteve, no qual tempo a gente destruiu a terra, e Nuno da Cunha mandou derribar a fortaleza té os aliceces, por então não ser necessaria. ^a

Em quanto esteve em Baçaim, mandou Diogo da Silveira ao estreito do mar Roxo por Capitão mór de huma Armada de quatro galeões, de que foram Capitães elle, Vasco Pires de Sampaio, Antonio Cardoso, e An-

^a Recollêram-se da fortaleza, baluartes, e tranqueiras mais de quatrocentas peças de artilheria, e humo grande quantidade de munições. Fernão Lopes de Castanheda, cap. 63. do liv 3.

e Antonio de Lemos, e de duas galeotas, das quaes eram Capitães Francisco de Sousa, e Fernão de Castro, e de quinze bargantijs. Tambem despachou Martin Affonso de Mello Jularte para Bengála, de cujo successo daremos conta em seu lugar. E por lhe darem novas que a fortaleza de Damam estava despejada, mandou tambem dahi a Manuel d'Albuquerque que a fosse derribar com huma Armada, de que o fez Capitão mór: com elle liam D. Pedro de Menezes, e Manuel de Vasconcellos, e trezentos homens em doze bargantijs, e catúres. Antes de Manuel d'Albuquerque chegar a Damam, achou novas que não estava despejada a fortaleza; e sendo requerido de todos que se tornasse porque o Governador sómente a mandava derribar, cuidando que estava desamparada da gente, e não lha mandava conquistar, elle per cumprir com sua honra não quiz deixar de chegar a ella, e informar-se per si do que podia fazer. E achando que estava mui bem artilhada, e com muita gente de guerra Abexijs, e Fartaquijs, todos homens de feito, e que elle não levava o necessário para a accommetter, e sobre isso a pouca vontade dos seus soldados, a deixou.

^a Partido Manuel d'Albuquerque de Damam,

^a Diogo do Couto cap. 5. do liv. 2.

mam, foi queimando, e assolando todas as povoações que havia de Baçaim té Tarapor, tomando muitas embarcações com fazendas, e da volta entrou no rio de Bombaim, dando em alguns lugares da Ilha de Salcete, que já se tornava a povoar; e porque o dainho não crescesse, offerreço cada hum dos Tanadares della quatrocentos pardãos de parias, pagando logo os daquelle anno; e o mesmo fizeram os de Taná, Bandorá, Maij, e Bombaim; e por se chegar o inverno, recolheo-se Manuel d'Albuquerque a Chaul, como o Governador lhe tinha mandado.

Diogo da Silveira, que partio para o estreito de Méca ás prezas no principio de Fevereiro, chegou ao Cabo de Guardafú, onde tomou huma náó com alguma resistencia da muita gente que hia nella. Vasco Pires, que se adiantou da Armada na paragem de Çocotorá, rendeo huma grande, e poderosa náó de Rumes com morte da maior parte delles, e de alguns dos nossos; e no Cabo de Fartaque tomou outra que levava muita fazenda. Diogo da Silveira queimou depois duas no porto de Adem, e deo com outra que amainando o Capitão della, se foi no batel ao galeão, e lhe apresentou com
muita

a Diogo do Couto, e Francisco de Andrade no cap. 2.º da 2.ª Parte.



muita confiança huma carta de hum Portuguez , que estava cativo em Judá , a qual trazia o Mouro por salvo conduto. Diogo da Silveira a abriu , e leo nella estas palavras : *Peço aos senhores Capitães d'ElRey , que encontrarem esta não , que a tomem de preza , porque he de hum muito ruim Mouro.* Vendo o Capitão mór a confiança com que o Mouro trazia aquella carta de sua perdição , e considerando a ruindade do Portuguez , por conservar o nosso credito , approvou-lhe o falso seguro , e rompendo-lho , porque não conhecesse o engano , nem lhe fizesse mal , encontrando-o com elle algum Capitão cubiçoso , passou-lhe outro em fórmulo com que o Mouro se foi mui contente , e Diogo da Silveira quiz antes perder huma não carregada de ouro , que quebrar a fé enganosa de hum Portuguez , em que o Mouro vinha tão confiado. Dahi embarcou o estreito da Persia , e deixando os galeões em Mascate , se passou aos navios de remo , e nelles foi a Ormuz onde invernou. Na entrada de Agosto partio com toda a Armada para Goa , nesta huma travessa , tomáram duas náos de Méca , com que chegáram a Chaul. Despedindo alli Diogo da Silveira os navios grossos para se concertarem , embarcou-se na galé de Manuel d'Alboquerque , e com os navios de remo vol-

tou a continuar a guerra de Cambaya , e se poz na enseada , onde veio ter com elle Vasco da Cunha , e lhe deo huma carta do Governador , com a qual se recolheo a Goa no fim de Setembro.

C A P I T U L O XXIII.

Como o Governador mandou Vasco da Cunha a Melique Tocam sobre se fazer a fortaleza em Dio.

D Estruido Baçaim , partio o Governador para Goa , onde foi recebido com grande alegria ^a pela vitoria com que vinha de Me-

^a De Goa despachou o Governador para Maluco ~~T~~ão de Taide , que estava provido daquella ~~C~~ , e para Malaca D. Paulo da Gama , por não haver novas de D. Estevão seu irmão. Estes Capitães partiram em Abril. Diogo do Couto cap. 5. do liv. 8. e Castanheda cap. 64. do liv. 8. Estas duas Armadas chegaram em Setembro á India , e com ellas D. Estevão da Gama , que inverndra em Mogambique. Partidas as duas Armadas do Reyno , chegou a elle a da India , pela qual soube ElRey D. João do roim successo que tivera Nuno da Cunha na jornada de Dio , e per via de Levante , que se apercebião os Turcos para irem á India. Polo que mandou Sua Alteza apressar com diligencia outra Armada de doze Naus , que eram dous galeões , huma naveta , e nove caravellas. Esta frota hia ordenada para ficar na India , levava mais de mil e quinhentos soldados , foi por Capitão mór della no galeão Salvador D. Pedro de Castello-branco , filho de D. Pedro , despachado com quatro annos da capitania de Ormuz. Do outro galeão era Capitão André de Castro , da naveta Nicoláo Jusarte , e das caravellas Antonio Lobo , Balthazar Gonçalves , Lionel de Lima. **E**itor, de Soz-

Melique Tocam ; porém elle não se dava por satisfeito do successo de Dio , e só em tomar aquella Cidade , e fazer nella huma fortaleza trazia occupados todos seus pensamentos. Incitava-o ElRey D. João com continuas lembranças , como fez aquelle mesmo anno de 1533 pelas duas Armadas de sete náos que mandou , de huma das quaes veio por Capitão mór D. Gonçalo Coutinho , e com elle por Capitães das náos Nuno Furtado de Mendoga , Diogo Brandão do Porto , e Simão da Veiga. E da outra Armada era Capitão mór D. João Pereira , que levava a capitania de Goa , e os Capitães das outras náos Lourenço de Paiva , e Francisco de Noronha , que se perdeu na viagem. Polo que determinou Nuno da Cunha de fazer tanta guerra a Cambaya , té que ElRey de cansado della lhe dêsse a fortaleza.

Neste tempo estando Melique Tocam mui receoso de lhe ElRey tirar a capitania de Dio para a dar a Mustafá , escreveu huma car-

sa , João de Sousa , Antonio de Sousa , Francisco Pereira , Gonçalo Fernandes , e Francisco Fernandes Leme. Partiram na entrada de Novembro , tiveram trabalhosa viagem té chegar em Fevereiro a Mocambique , alli se ajuntaram todos os navios , e se aparelharam , e reformaram do que lhes faltava , e em Março partiram para a India , onde chegaram no principio de Maio. Diogo do Couto cap. 7. e 10. do liv. 8. e Francisco de Andrade cap. 87. da 2. Parte , e 2. da terceira.

carta ao Governador, que lhe mandasse hum
 ma pessoa de qualidade com quem commu-
 nicasse algumas cousas de muito serviço d'El-
 Rey de Portugal. Nuno da Cunha, posto
 que não ignorava as astucias, e manhas de
 que os Mouros se valem para seu provei-
 to, não deixou tambem de cuidar, que por
 algum respeito lhe queria Melique conceder
 a fortaleza que pertendia. E fazendo con-
 selho sobre aquelle negocio, no mesmo pa-
 recer foram todos, e se assentou fosse Vas-
 co da Cunha; porque além de ser esforça-
 do, e sezudo, era mui versado nas cousas
 daquelles Mouros, como homem antigo na
 India, e lhe deo instrução do que havia de
 fazer com Melique Tocam, e o que lhe
 havia de prometter se dêsse a fortaleza, que
 era a metade do rendimento da Alfandega
 de Dio de juro; e mandar-lhe o Governador
 fazer hum fortaleza em qualquer dos
 rios de Cambaya que elle quizesse, para que
 nella estivesse seguro d'ElRey, contra quem
 o favoreceria, e ajudaria cada vez que fos-
 se necessario. E para qualquer successão que
 isto tivesse, encarregou o Governador mui-
 to a Vasco da Cunha trabalhasse por ir á
 Cidade, para ver se havia nella alguma en-
 trada per onde se pudesse tomar, e per on-
 de melhor se bateria. E para este effeito man-
 dou com elle hum Condestabre da artilhe-
 ria,

ria, mui experto em seu officio, e em sua companhia hum Jao Christão, casado em Goa, irmão de hum bombardeiro, que estava em Dio no baluarte do mar, para se informar do irmão como se poderia per aquella parte bater, e tomar a Cidade.

Vasco da Cunha se partio em huma fusta á entrada de Agosto, chegado a Dio; e arvorado huma bandeira branca, porque Melique entendeu que sería pessoa porque esperava, mandou saber per hum homem de confiança quem era o que vinha na fusta. Vasco da Cunha lho disse, e que trazia huma carta do Governador para Melique Tocam; mas que não sahiria em terra até que lhe mandar em arrefens o Capitão do baluarte do mar, o que logo se fez; e deixando-o em poder de Antonio Borges que com elle hia, se foi desembarcar na Cidade, onde de praça fallou a Melique Tocam em sua casa. Sendo noite, foi ter Melique com Vasco da Cunha, e por saber bem fallar Portuguez, não levou interprete: elle lhe deo huma carta do Governador, em que lhe escrevia o que queria delles, e o partido que lhe faria. Além desta carta, lhe disse Vasco da Cunha as muitas razões que tinha para se vingar d'ElRey de Cambaya, por os aggravos que d'elle tinha recebidos, querendo-lhe tomar Dio, para

a dar

a dar a Mustafá homem estrangeiro, que sem causa alguma fora traidor ao Turco seu Senhor: e que agora tinha occasião, e com muito proveito seu, para se satisfazer, e mais ficando em sua natureza seguro d'El-Rey de Cambaya. Melique Tocam lhe pediu tempo para se deliberar, no qual Vasco da Cunha se foi ver com Diogo da Silveira, (que viera do estreito, e andava na ponta de Dio,) e lhe deo a carta do Governador, (de que atrás dissemos,) em que lhe mandava que não fizesse guerra a Dio em quanto Vasco da Cunha lá estava, e o Embaixador que elle mandára a El-Rey Bador. Tornado a Dio Vasco da Cunha, Melique Tocam lhe mostrou a Cidade, e ~~em~~ elle, nem o Condestabre víram modo para se poder entrar per mar, sem tambem a commetterem per terra, para o que era necessario hum grande exercito, e Armada. A ultima resolução de Melique foi dizer a Vasco da Cunha, que lhe parecia bem o que lhe dizia, e escrevia o Governador, o qual iria de Armada naquelle verão a Dio, e que té então se resolveria, e lhe daria aviso do que determinasse, e com humna carta para o Governador despedio a Vasco da Cunha.

CAPITULO XXIV.

Como o Governador mandou Tristão de Gá a ElRey de Cambaya sobre a fortaleza de Dio que lhe pedia : e como ElRey mandou ir o Governador a Dio para se verem, e as vistas não houveram effeito, e Manuel de Macedo desafiou a Rumechan.

NO mesmo tempo que o Governador Nuno da Cunha mandou Vasco da Cunha a Melique Tocam, mandou Tristão de Gá a ElRey de Cambaya, commettendo-o que lhe dêsse a fortaleza em Dio, e faria paz com elle, e seria seu amigo, e d'el Rey a alguns Capitães d'ElRey, e privados seus lhe aconselhassem quão bem lhe vinha a amizade, e favor d'ElRey de Portugal para contra seus inimigos, e para segurança de seu Estado. A embaixada de Tristão de Gá mostrou ElRey folgar de ouvir; mas a verdade era que elle não tinha vontade de dar lugar para se fazer a fortaleza. Porque como Rumechan, que andava muito seu privado, tinha olho em haver a Cidade de Dio, e fazella tirar a Melique Tocam, a quem tinha grande odio, e sobre que trazia espias, como soube que Vasco da Cunha viera a Dio ver-se com elle, accusava-o ante ElRey, dizendo, que aquellas vistas

eram

N IMPRENSA
NACIONAL

eram tratos em que andava para dar a fortaleza ao Governador. Persuadido ElRey desta accusação, determinou de tirar a capitania a Melique Tocam, e dalla a Rumechan. Polo que assi para impedir o que suscitava, como para entreter ao Governador que lhe não fizesse guerra aquelle verão, ou para o matar se pudesse, despedio a Tristão de Gá, que com instancia lhe pedia a resposta da sua embaixada, mandando per elle pedir ao Governador quizesse ir a Dio para se verem ambos, e assentarem pazes. O Governador, que das manhas, e condição d'ElRey não sabia tanto, poz a causa em conselho, não para se tratar se havia de ir, senão como havia de ir e foi assentado, que fosse a Dio com uma boa Armada, mas apercebido tanto para a guerra, como para as vistas. Os Fidalgos, e mais gente que a ellas hiam mui contentes, se apercebêram de muitas lonçainhas, e vestidos ricos, e com elles partio Nuno da Cunha de Goa em fim de Outubro com sua Armada, que com a de Diogo da Silveira, que achou em Baçaim, levava cem vélas, em que hiam dous mil Portuguezes, que todos eram mui nobre, e luzida gente. Os galeões eram oito, de que a fóra a não capitaina, hiam por Capitães Diogo da Silveira, Antonio de Lemos, Manuel de Ma-

cedo, D. Estevão da Gama, Antonio de Sá o Rume, Diogo Alvares Telles, D. Gastão Coutinho. Das galés, e galeotas eram Capitães Manuel d'Alboquerque, Vasco Pires de Sampaio, D. Pedro de Menezes, Manuel de Valconcellos, Fernão de Lima, D. Fernando Deça, Antonio da Silva de Menezes, Vasco da Cunha, e outros Fidalgos. Chegado o Governador de frente de hum lugar chamado Danú, soube que ElRey de Cambaya passára o dia de antes com nove galés para Dio, e logo dalli lhe mandou dizer per Simão Ferreira, que onde mandava que se vissem, se em Madrefavat, ou no mar, e com elle mandou a João de Sant-Iago por lingua, que fora Mouro, e se tornára Christão. E proseguindo sua viagem, chegou á Ilha dos Mortos, e nella esperou Simão Ferreira que não tardou, e com elle vinha Coge Sofar, que lhe disse da parte d'ElRey de Cambaya, que lhe pedia fosse a Dio, e que lá se veriam. Desta Ilha se foi o Governador a Dio, e da barra tornou a mandar Simão Ferreira com Coge Sofar a ElRey a saber d'elle em que lugar queria que se vissem. Entretanto que vinha a resposta, sahio o Governador em terra com alguns Capitães, e Fidalgos, onde chamam o Palmarinho, para ver se podiam proar alli as galés; para que querendo

do EIRey que se vissem naquelle lugar, fazer chegar a elle as galés, para ficar seguro com sua artilheria, se lhe EIRey de Cambaya quizesse fazer alguma violencia. Estando nisto, veio Simão Ferreira ao Governador, e disse, que EIRey não acabava de se resolver onde se haviam de ver; mas que lhe mandava pedir, que entretanto se não viam, lhe mandasse lá os Capitães dos galões, e da galé bastarda para os ver; o Governador os mandou, e foram mui gentis homens, e ricamente vestidos, EIRey os recebeu com muita honra, e agasalhado, mostrando-lhes que folgava muito de os ver.

Manuel de Macedo, que era hum dos Capitães, sabendo que Rumechan procurava de haver a capitania de Dio ~~que~~ era de Melique Tocam, com quem elle tinha amizade, e que EIRey determinava de lha dar, se chegou a EIRey com muito acatamento; e pedindo-lhe licença para fallar, lhe disse: Que se espantava muito de ouvir dizer, que Sua Alteza, sendo hum Principe tão prudente, e valeroso, e tão grande remunerador dos serviços que recebia, queria tirar a capitania de Dio a Melique Tocam seu vassallo, e que tão bem o tinha servido, e filho de tão singular Capitão como fora Melique Az, que tantos serviços fizera a seu pai, e a elle, e que tanta honra ganhá-

nhára ao Reyno de Guzarate, e dalla a Rumechan, homem estrangeiro, e de que não tinha mais experiencia, que fazer traição ao Turco seu Senhor, e que por essa causa viera a Cambaya, mais que para o servir, polo que não se devia fiar delle, e por hum homem tão sem verdade aggravar a quem com tanta lealdade, e verdade o servira. E que se Rumechan alli estava, (que elle o não conhecia,) e lhe negasse o que elle dizia, lho faria conhecer pelas armas, e o desafiava, e pedia para isso licença a Sua Alteza. Rumechan que alli estava, e ouviu aquellas palavras ao interprete, não respondeu por si couza alguma. ElRey o olhou com olhos torvos por elle não responder por honra; e entendendo Manuel de Macedo que era Rumechan aquelle para quem ElRey olhava, outra vez o tornou a desafiar por a mesma causa, dizendo mais, que podia metter consigo outro, porque com ambos se mataria. Vendo ElRey que nem a isto respondia Rumechan, lhe disse com ira, que como não respondia ao desafio? Ao que Rumechan disse, que por o não ter em conta; porém que pois alli queria, elle aceitava o desafio só por só: e assi foi affinado por campo o mar, para cada hum pelear de sua fusta. Sabendo o Governador do desafio de Manuel de Macedo,

do, folgou muito, e lhe deo licença para o fazer, e lhe mandou esquipar hum bargantim em que se metteo, e foi surgir junto da Lagea. Tardando Rumechan, por parecer ao Governador que com medo da sua frota não vinha, se fez ao mar hum espaço; e logo sahiram oito fustas toldadas, e embandeiradas, e huma diante da outra foram demandar o bargantim de Manuel de Macedo; e dando todas huma volta ao redor d'elle, se recolhêram ao porto donde sahiram, e não voltou mais alguma, o que parece foi por não querer ElRey que Rumechan sahisse ao desafio. E vendo o Governador que tardava muito, fez sinal a Manuel de Macedo com hum tiro que se colheffe, o que elle fez com muita honra.

A resolução que ElRey tomou sobre as vistas, foi mandar dizer ao Governador que se queria ver com elle, estando á janella de hum baluarte, e o Governador no mar em huma galé. Vendo o Governador o despropósito que ElRey queria ter nas vistas, lhe mandou dizer, que per aquella maneira se não queria ver com elle. Tudo isto eram persuasões de Rumechan, que receava de se dar a fortaleza em Dio, de que elle pretendia ser absoluto Capitão, e Governador; o que não podia ser com a vizinhança dos Portuguezes. Tambem fazia a ElRey não

Tom. IV. P. I.

Kk

que-

querer ver ao Governador as esperanças em que estava de fazer pazes, e alliança com Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, com que já começava a ser ufano, e cuidar que lhe não fariam damnos os Portuguezes, mas que elle os poderia com ajuda dos Mogoles lançar da India, o que tudo lhe succedeo ao contrario.

Quando o Governador Nuno da Cunha vio que a sua vinda fora em vão, e a pouca verdade, e desprimor d'El Rey, lhe mandou fazer cruel guerra per toda a costa, e escreveu logo a Omaum Patxiah Rey dos Mogoles per via do Sinde, offerecendo-lhe sua amizade, e fazer toda a guerra per mar a Sol-

a *Esja*, jornada do Governador escreve mui particularmente Francisco de Andrade nos cap. 26. 27. 28. 29. da 2. Parte. E dá outra causa do desafio de Manuel de Macedo. Fernão Lopes de Castanheda em tudo se conforma com o que escreve João de Barros. E Diogo do Couto refere no cap. 8. do liv. 8. Que este desafio foi por outra causa, e com outro Rumechan, que era genro de Coge Sagar, chamado Tigra do Mundo: e que o desafio foi tantos portões, cujo número não affirma Diogo do Couto: mas diz que os que achou nomeados foram Manuel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Ruine, João Jusarte Tição, Gonzalo Vaz Coutinho, João Velho, e Francisco Gonçalves das Armas. E não faz menção da ida de Vasco da Cunha a Dio, nem da embaixada que o Governador mandou per Tristão de Gá a Soltam Badur, o qual diz que mandára pedir per humo carta a Nuno da Cunha que se vissem, e que o portador da carta era hum pagem de Badur, a que encontrára Diogo da Silveira na paragem de Surat em hum navio ligeiro, e o leváro ao Governador, que movido das palavras da carta, fizera esta jornada a Dio.

a Soltão Badur , por ser homem sem verdade , e de que se não devia fiar. Ao que Omaum respondeo , mostrando ter grande desejo de sua liança , e amizade. De Dio se veio Nuno da Cunha a Chaul , onde despachou algumas Armadas para diversas partes. Huma de nove vélas entregou a Antonio da Silva de Menezes para ir a Bengála: outra de tres galeotas , e treze fustas levou Vasco Pires de Sampaio para o estreito , em que hiam trezentos homens. Os Capitães das galeotas eram Vasco Pires , Dom Pedro de Menezes , e D. Manuel de Lima. Outra Armada para o mesmo estreito mandou de cinco galeões , de que hia por Capitão mór Diogo da Silveira ; e os outros Capitães eram D. Gastão Coutinho , Antonio de Sá , Diogo Alvares Telles , e Antonio de Lemos , e lá se haviam de ajuntar com elles Vasco Pires de Sampaio.

De Chaul se foi o Governador a Goa^b , e della despachou D. Estevão da Gama para Malaca , por ser primeiro em tempo que seu irmão D. Paulo que lá estava , dando

Kk ii

lhe

^a Em Fevereiro partiram estas Armadas para o Estreito , e chegadas á costa de Arabia , tomaram algumas náos de Cambaya , e de Achem , e com a fazenda dellas se foram invernar a Ormuz , e dalli a Chaul , onde Diogo da Silveira entregou as Armadas a Martim Affonso de Sousa , como se dirá no ultima Capitulo deste livro. Diogo do Couto cap. 10. do liv. 6.

^b Diogo do Couto cap. 9. do liv. 8.

lhe poderes de Vedor da Fazenda, e hum
 ma Provisão para seu irmão D. Paulo ficar
 por Capitão mór do mar todo o seu tem-
 po, té lhe tornar a caber a capitania, que
 era após elle, porque estava o Rey de Ujan-
 tana de guerra, e era necessario acudir a
 ella; para o que deo Nuno da Cunha a
 D. Estevão tres galeões, de que eram Ca-
 pitães elle D. Estevão, Simão Sodré, e An-
 tonio de Brito, que havia de ir a Banda, e
 alguns navios ligeiros, em que hiam André
 Casco, João Rodrigues de Sousa irmão de
 Martim Affonso de Sousa, e D. Francisco
 de Lima. Nesta Armada levava D. Estevão
 quatrocentos Portuguezes, e seu irmão Dom
 Christovão da Gama com Provisão para ser-
 vir de Capitão mór do mar, se D. Paulo o
 não quizesse ser. E nesta conserva foi tambem
 Vasco da Cunha na náó Santa Cruz, para
 em Malaca carregar de drogas, e de pi-
 menta da Jaoa, e ir-se para Portugal, fa-
 zendo sua viagem pelo boqueirão da Sunda.

CAPITULO XXV.

Como Cunhale Marcar tomou hum bargantim, e outros navios de Portuguezes, e da morte que lhes deo: e como Antonio da Silva de Menezes desbaratou este cossairo, e lhe tomou as fustas.

ANtes que o Governador partisse para Dio*, deixou Manuel de Sousa em guarda da costa do Malavar, da qual por pouca vigia dos nossos sahio de Panane Cunhale Marcar, Mouro cossairo sobrinho de Pate Marcar, com oito fustas bem armadas; e navegando para Choromandai, no Cabo de Comorij achou de noite furto hum bargantim nosso com hum faleão, e seis berços, em que havia dezoito Portuguezes, e tres bombardeiros, e sahia de Coulão a dar guarda ás náos dos mercadores daquella terra, que vinham carregadas de arroz. E como os nossos descuidadamente dormissem, não sentíram os Mouros dentro no bargantim senão quando lhes atáram as mãos. A todos mandou Cunhale machucar as cabeças na proa do bargantim com hum marrão de bombardeiro em pena de dormirem tão descansadamente sem medo del-

* Francisco de Andrade cap. 91. da 2.ª Parte. P R E N S A
N A C I O N A L

delle. Aos bombardeiros, e comitre levou prezos, e dalli foi salteando toda aquella costa té Negapatam, onde sempre estavam muitos Portuguezes, e Mouros mercatores. Estes receando que, entrando Cunhale naquelle porto, os roubasse juntamente com os Portuguezes, por se segurarem delle, lhe mandáram dizer, que viesse áquelle lugar, onde acharia boa preza na fazenda dos Portuguezes, que estava á borda do rio, pelo qual poderia entrar sem difficuldade.

Deste trato foi sabedor o Digar da terra, e esperando de ser seu o maior, e melhor quinhão da preza, escreveu a Cunhale que viesse seguramente, porque elle ajuntaria gente para o ajudar, fingindo que era para defender o lugar, e os mercatores que nelle estavam, como lhe mandava seu Senhor. Polo que o coffairo se poz logo com sua Armada na barra de Negapatam, que sabendo-o os Portuguezes, que eram quarenta, enterráram o dinheiro onde lhes pareceo que poderia estar mais escondido, e se concertáram com as armas que tinham o melhor que puderam para se defenderem. E não tendo noticia do trato dobre do Digar, que os segurava, promettendo-lhe de os defender, lhe requerêram que lhes guardasse suas fazendas, de que protestavam lhes havia de dar conta; e com algum fato, e

mantimento que levavam seus escravos, se sahiram do lugar com tenção de se passarem a terra de outro Senhor que estava dalli perto ; porém não lho consentindo o Digar, se mettêram em hum pagode cercado de muro, o qual terraplenáram, e cerráram a porta que estava na borda de huma lagoa grande com determinação de se defenderem nelle. O Digar, que vio os Portuguezes encerrados, poz sobre elles muita gente de guarda, porque não fugissem, para os entregar a Cunhale, que era já entrado no rio ; mas não sahira em terra, porque o Digar o não fora receber á praia ; o qual vendo os nossos fortificados, temendo que mandassem algum recado a seu Senhor, não se quiz mostrar descubertamente de favor do cossairo ; mas mandou-lhe dizer, que desembarcasse, e tomasse as fazendas que achasse dos Portuguezes, e os fosse matar ao pagode, que estava dalli meia legua.

Havia neste lugar hum Mouro mercador mui rico, conhecido, e amigo dos Portuguezes, chamado Coge Marcar, que ainda tinha algum parentesco com Cunhale. Este procurando salvar os nossos, foi visitar ao parente com hum presente, e lhe disse, que por ser seu sangue o hia avisar que se não fiasse do Digar, que estava concertado com os Portuguezes, que mandára de proposito

met-

metter no pagode para lhe ir queimar a Armada em quanto elle com a sua gente os fosse combater. Ao que o cossairo, como era recatado, deo credito, e ao parente graças pelo aviso. Coge em se apartando de Cunhale, se foi ao Digar, e em grande segredo lhe disse que se não fiasse de Cunhale, que a elle só queria tomar, porque tinha entendido que o enganava; e que por ter já roubado o dinheiro aos Portuguezes, lhe mandára dizer que os fosse matar ao pagode, para entre tanto lhe queimar as fustas: de que o Digar cobrou tamanho medo, que nunca se quiz ver com o cossairo por mais recados que lhe mandou, e assisemendo-se, e vigiando-se hum do outro, os Portuguezes por este meio se salváram. Cunhale porém sahio em terra com sua gente, e queimou as casas dos Portuguezes, e alguns navios que estavam varados, e tomou alguns zambucos nossos carregados com fazendas, que vieram ter áquelle porto nos dias que nelle se deteve, e a oito Portuguezes que vinham em hum navio os mandou levar a terra, e atados em páos matar ás fréchadas.

Da tomada do bargantim, e mais navios, e mortes dos Portuguezes, e roubos que este cossairo andava fazendo deo El-Rey de Cochij aviso a Pero Vaz Veedor da

da Fazenda , e Capitão da Cidade , para que vingasse tantos males , e damnos , e se segurassem as náos dos seus mercadores que esperava. Pero Vaz aprestou logo oito fustas , e quatro catúres com duzentos espingardeiros , de que fez Capitão Antonio da Silva de Menezes. Desta Armada , e da partida della de Cochij foi logo avisado Cunhale ; e porque os ventos eram contrarios para se tornar para a India , metteo-se em humna enseada da mesma costa , chamada Canhameira , com grossas peitas que deo ao Senhor da terra que o recolheffe , e metteo as fustas por hum esteiro que entrava para dentro humna legua , cuja boca fez cerrar com vallados de terra , e rama de maneira , que parecia não haver alli esteiro ; e na entrada delle armou humna tranqueira com a artilheria das fustas.

Antonio da Silva sabendo que Cunhale estava naquella enseada , entrou nella , e desembarcada toda a gente em terra , a que se ajuntou a do lugar , foi dar nos Mouros que estavam na tranqueira , os quaes com pouca resistencia a desampararam , e se puzeram em fugida , seguidos dos da terra , que os foram matando , e despindo ; e tornados ao lugar , desentopiram o esteiro , e tiraram da vasa o nosso bargantim , e as fustas de Cunhale , que limpas , e lavadas

com

com a maré sahíram para fóra do esteiro; e queimadas tres por estarem quebradas, com as outras, e com o bargantium, em que se recolheo a artilheria, e munições do coffai-ro, se tornou Antonio da Silva para Cochij. Cunhale Marcar em trajos de pedinte se foi per terra a Calecut, onde estava seu tio Pate Marcar, com quem tornou a continuar o officio de coffairo.

CAPITULO XXVI.

Como Antonio da Silveira Capitão de Ormuz mandou D. Jorge de Castro, e depois Francisco de Gouvea a castigar ElRey de Raxet, por se levantar contra ElRey de Ormuz.

EStando Antonio da Silveira por Capitão de Ormuz^a, mandou a D. Jorge de Castro com hum galeota, e duas fustas com

^a Desta Capitania provêo o Governador a Antonio da Silveira e anno passado de 1532, a qual servia Betchior de Sousa Capitão mór do mar, e Alcaide mór daquella fortaleza per morte de Christovão de Mendonça Capitão della. Onde chegando Antonio da Silveira, ElRey de Ormuz se lhe queixou de Ruez Ale seu irmão, que o quizerá matar per induzimento de sua mãe, pela qual razão o tinha preso, e lhe não quizerá dar a morte que merecia, por não haver dissensões no Reyno. Antonio da Silveira por satisfazer á queixa d'ElRey, embarcou a Ruez Ale com toda sua casa no mesmo navio em que fora, e o mandou a Goa no Governador, escrevendolhe a causa porque o mandava, o qual o recebeu conforme a qualidade de sua pessoa, e lhe

com cem homens espingardeiros, que fosse castigar a ElRey de Raxet, (Cidade na costa da Persia,) porque sendo vassallo d'ElRey de Ormuz, com huma Armada que trazia naquelle mar, roubava quantos vinham para Ormuz, no que ElRey muito perdia nos direitos. E por D. Jorge achar os tempos muito contrarios no Cabo de Orfacam, e lhe matarem, e cativarem os remeiros da galeota em que hia, e oito Portuguezes em huma filada que os Mouros lhe armáram em terra, querendo elle fazer aguada em huns poços de hum lugarinho de dez, ou doze casas de palha, foi forçado tornar-se a Ormuz. Continuando ElRey de Raxet na rebelião, e queixando-se muito ElRey de Ormuz a Antonio da Silveira, e pedindo-lhe mandasse castigar aquelle Mouro, Antonio da Silveira tornou aprestar a Armada, e mandou Francisco de Gouvea por Capitão mór della em huma galeota, e João Ribeiro em hum bargantim, e Ruy Gomes em outro, e Nuno Vaz em huma fusta, e cinco catúres com duzentos homens; e sem ter na viagem os trabalhos que passou D. Jorge, chegou Francisco de Gouvea ao porto da Cidade de Raxet, e

sur-

tomou a homenagem, de que se não tornaria a Ormuz sem sua licença, o que Raxet Ale cumprio. Fernão Lopes de Castanheda cap. 50. do liv. 8. e Francisco de Andrade cap. 75. da 2. Parte.

furto nelle, foi logo visitado per hum Mou-
 ro, da parte d'ElRey, com refrescos, e
 palavras de cumprimento, dizendo que que-
 ria dar os nossos cativos que lá tinha, e as-
 sentar paz comnosco, e reduzir-se á obediên-
 cia d'ElRey de Ornuiz, para o que elle
 Capitão mór sahisse em terra ordenar as Ca-
 pitulações das pazes, e affinallas com o seu
 Guazil. Francisco de Gouvea se mostrou
 contente deste recado; e sabendo pelo aviso
 que lhe tinham dado quão diferente era a
 tenção d'ElRey, que estava com o animo
 damnado contra nós, e que tinha mandado
 que estivesse prestes somma de gente de pé,
 e de cavallo, para que em lhe fazendo fi-
 nal sahisses aos nossos, e os cativassent.
 Poiso que o dia que Francisco de Gouvea
 sahio em terra assentar a paz, como hia avi-
 sado, mandou pôr todas suas embarcações
 com os esporões em terra, e a artilheria to-
 da sevada, e os murrões accezos, e elle
 com cincoenta homens armados desembar-
 cou diante da Cidade, e se foi a huma ten-
 da, onde estava Frajula Guazil do Reyno,
 que vinha em lugar d'ElRey com poderes
 seus para affinar as pazes; e vendo o Gua-
 zil os nossos tão cautelosos, não se atreveo
 a executar o que estava ordenado; allí as
 Capitulações das pazes se escrevéram, e af-
 finadas por ambos, Francisco de Gouvea
 se

se recolheu aos seus navios, e o Guazil se foi dar conta a ElRey do que se fizera, o qual se indignou tanto contra elle, que com hum terçado, que tinha na mão, o matou; e mandou hum Capitão seu com muita gente a guardar huns poços, onde os Portuguezes haviam de fazer aguada, no que houve alguns recontros sobre os nossos que rem tomar agua; e por não custar sangue, e Francisco de Gouvea ter pouca gente, encaminhou a huma Ilha vizinha a Raxet. No caminho houve vista de humas fustas da Armada d'ElRey de Raxet, a que mandou logo artibar, e ellas se acolhêram a hum rio; e duas que ficáram de fóra, huma varrou em terra, e outra foi tomada dos nossos, que vinha carregada de especiaria, que os Mouros tomáram de navios que hiam de Ormuz para Basçorá, e nella cativáram hum sobrinho d'ElRey de Raxet. Isto acabado, tornou Francisco de Gouvea a seguir seu caminho, e chegando á Ilha achou a povoação despejada, e em huma Mesquita alguns sessenta homens d'armas em guarda pela devoção que os Mouros nella tinham, que devia de ser pouca, pois a desamparáram por se não terem por seguros, e se foram para hum forte, parecendo-lhe que nelle se salvariam, e por derradeiro se entregáram a Francisco de Gouvea, prometten-

do-lhe as vidas ; e feita sua aguada , a requerimento do sobrinho d'ElRey tornou a Raxet , onde o Rey por resgate do sobrinho lhe mandou dar os cativos , e deo a obediencia a ElRey de Ormuz , e assentou de novo a paz , dando desculpas ao passado das que os Mouros costumam dar em semelhantes casos. Francisco de Gouvea foi correndo áquelle Estreito té a ilha de Baharem , donde escreveu a ElRey de Basçorá o que fizera , e lhe mandou a especiaria que tomára , o qual a estimou muito , e em retorno mandou muitos mantimentos , e offerecimentos a Francisco de Gouvea , que deixando o Estreito seguro , se foi invernar a Ormuz , onde chegou a salvamento , e achou que ElRey era falecido , e levantado por Rey hum filho seu de idade de oito annos , que depois foi morto com peçonha , que dizem lhe mandou dar seu tio Ruez Ale , que estava em Goa , o qual succedeo no Reyno , em que fez muitos serviços a ElRey de Portugal.

CAPITULO XXVII.

Como Martim Affonso de Sousa foi de Portugal por Capitão mór do mar da India, e tomou Damam, e o destruiu: e como ElRey de Cambaya pedio paz a Nuno da Cunha, e lhe deo por ella Baçaim com todas suas rendas.

E Stando o Governador em Goa, chegou neste anno de 1534 hum Armada^a, de que hia por Capitão mór Martim Affonso de Sousa, que ElRey mandava com cargo de Capitão mór do mar da India, e com elle hiam por Capitães das outras náos Simão Guedes para Capitão de Chaul, Diogo Lopes de Sousa, Antonio de Brito, e Tristão Gomes da Grã^b. O Governador entregou logo a Martim Affonso a capitania mór do mar, e hum Armada, em que lhe mandou que fosse sobre Damam: com elle hiam Manuel de Sousa de Sepulveda, Martim Correa, Fernão de Sousa de Tavora, D. Diogo de Almeida, Francisco de Souia, e João de Sousa Lobo, que hiam por Capitães das galés, e galeotas. E em Chaul lhe entregou Diogo da Silveira sua Armada-

^a Frota da India do anno de 1534.

^b Diogo do Couto chama a este Capitão Tristão Góes da Mina.

mada ^a, e a de Vasco Pires de Sampaio, que eram vindos de Ormuz onde invernarão: faziam estas vélas número de quarenta, todas muy bem artilhadas, em que hiam quinhentos homens. Chegando Martim Affonso a Damam, achou o lugar todo destruido pelo mesmo Capitão delle, que se recolhêra á fortaleza com quinhentos homens que tinha Turcos, e Resbutos, de que muitos eram espingardeiros. E porque Martim Affonso soube que desembarcando no rio havia de ter muito impedimento por causa da artilheria que estava em certas estancias posta ao longo delle, desembarcou de noite na costa sem entrar no rio, posto que foi muito trabalhoso, e tomou o caminho de que já estava avisado, que hia dar da outra banda da fortaleza, onde chegou ainda ante manhã, e com os muitos espingardeiros que levava foram logo os muros della despejados da muita gente que por elles estava, e foi posta nelles huma escada; e o primeiro que per ella subio foi Francisco da Cunha, por ser homem que em todas as partes, em que alli elle, como seus irmãos

*a Entregue a Armada, se passou Diogo da Silveira a Goa, onde despedindo-se do Governador se foi para Cochij, e dalli se veio para Portugal por Capitão mór da Armada, que levou Martim Affonso de Sousa, em que tam-
bem se embarcou Jorge Cabral, e outros Fidalgos. Diogo do Couto liv. 9. cap. 1.*

mãos se acháram, sempre foram os primeiros nos perigos, por não degenerar de seus avós Ruy de Mello da Cunha Almirante destes Reynos, e Diogo de Barros Adailles, os quaes ambos foram mui esforçados cavalleiros. E indo Francisco da Cunha já para lançar mão das ameas dos muros, quebrou a escada com elle por ser velha, e podre, e elle grande de corpo, e a quantos hiam trás elle levou ao chão, e se escalavraram. A este tempo abríram os Mouros huma porta da outra banda da fortaleza para se irem, aonde os nossos logo acudíram, e houve huma brava pejeja, os Mouros por sahirem, e os nossos por entrarem. O primeiro que entrou foi Diogo Alvares Telles, e após elle outros, que tomáram os inimigos em hum terreiro, que estava dentro da fortaleza, em que havia mais de cincoenta de cavallo; estes pejejaram mui esforçadamente, té que a vitoria se declarou por os nossos com morte de muitos dos inimigos. Acabado isto, mandou Martim Affonso de Sousa arrazar a fortaleza de todo; e ella arrazada, se embarcou, e foi correndo a costa té Dio.

E por Damam ser huma fortaleza de que El Rey de Cambaya fazia muita conta, sentio muito a perda della, e as muitas vitorias que cada dia dos lugares da costa de

Cambaya haviam os Portuguezes. E porque lhe era forçado acudir á guerra, que lhe fazia ElRey dos Mogoles, (como diremos adiante,) receando que se desamparasse Dio, que lho tomaria Nuno da Cunha, para o segurar em quanto hia á guerra dos Mogoles, quiz fazer pazes com elle, e dar-lhe Baçaim; e para isso mandou por Embaixador a Xacoez^a, o qual foi ter a Goa com Nuno da Cunha, e lhe deo sua embaixada. E havendo de parte a parte tratados, e Capitulações, tornou Xacoez com procuração de seu Rey, e se fez huma pública escritura das pazes, cuja substancia era:

Que Nuno da Cunha, como Governador da India, e Procurador d'ElRey de Portugal seu Senhor, concedia pazes perpétuas em seu nome a Soltam Badur Rey do Guzarate, com estas condições:

Que

a Xacoez era per sua prudencia, e conselho vesseo de muito authoridade na casa d'ElRey Badur. E escreve Diego do Couto, que elle chegou em tres navios ligeiros á barra de Baçaim, na qual estava o Governador furto com grande Armada, onde viera com pensamento de passar a Dio, e de a occupar, tanto que Badur sahisse de Cambaya á guerra do Mogol, e que recebêra, e ouvira a Xacoez no seu galeão com grande apparato; e que assentadas as Capitulações das pazes, e juradas por ambos, o Governador expedira logo o Secretario Simão Ferreira para ir a Cambaya a vellos jurar por Soltam Badur, que as jurou com grande solemnidade: e despachado o Secretario, partira Nuno da Cunha para Goa, levando consigo Xacoez em refens de Simão Ferreira. Cap. 2. do liv. 9.

Que o dito Rey do Guzarate daria a ElRey de Portugal para sempre Baçaim, com todas suas terras firmes, e mar, com toda sua juridição mero, e mixto imperio, com todas as rendas, e direitos Reaes, assi como elle, e seus passados per seus Capitães, e Tanadares houveram, e que de tudo pudessem logo mandar tomar posse per seus Officiaes.

Que todas as ndos, que partissem dos Reynos, e Senhorios do Guzarate para o estreito do mar Roxo, partissem de Baçaim, e alli viessem tomar seus cartazes do Capitão da fortaleza, e que da torna-viagem tornassem ao mesmo porto de Baçaim a pagar seus direitos.

Que todas as outras ndos, que navegassem para outras partes, levariam cartazes dos Capitães das fortalezas d'ElRey de Portugal, com que poderiam navegar livremente, sem outra alguma obrigação.

Que em nenhum porto d'ElRey de Cambaya se faria navio de guerra, e os feitos não navegariam mais.

Que Soltam Badur não recolheria em seus portos Rumes, nem lhes daria favor, mantimentos, nem cousa alguma que houvesse em seus Reynos.

Ll ii

Que

^a Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 9.

Que todo o dinheiro que estava por arrecadar das rendas de Baçaim, desde o tempo de Melique Az, o pudesse mandar cobrar o Governador.

Que os cavallos, que viessem do estreito de Méca, ou de Arabia, os primeiros tres annos depois da fortaleza de Baçaim acabada, veriam a ella, para Badur mandar comprar alli os que quizesse, pagando os direitos que delles se pagavam em Goa.

Que vindo alguma não de Soltam Badur com cavallos para elle, não pagaria direitos de sessenta.

Que vindo alguma não de qualquer parte (como não fosse do estreito de Méca) para o Reyno de Cambaya, e desgarrando com temporal, se tomasse Baçaim, poderia sabir-se do porto livremente quando quizesse.

Que cinco mil tangas de Larijs, que nas rendas de Baçaim estavam applicadas para as Mesquitas, se pagariam sempre das mesmas rendas.

Que se pagariam das mesmas rendas duzentos pardãos aos soldados das fortalezas Aceira, e Coeja, como de antes se pagavam.

Mas depois que Soltam Badur deo a fortaleza em Dio, se distrataram algumas destas condições, concertando-se o Governador

nador, e ElRey de Cambaya, que as náos de Méca, que necessariamente haviam de ir, e vir a Baçaim, fossem a Dio, se quizessem, e assi todas as mais náos, com algumas declarações sobre os cavallos que vinham de Ormuz, e da Arabia. Além disto, por virtude do dito contrato, prometteo ElRey que entregaria os cativos que estavam prezos em Champanel, e Nuno da Cunha muitas vezes lhe pedio. Confirmadas, e assinadas estas pazes, o Governador se foi a Baçaim, onde o Embaixador d'ElRey de Cambaya lhe deo posse daquella Cidade ^a, e das mais terras, ilhas, e rendas, conforme aos contratos que tinham feitos. E logo o Governador mandou fazer huma Feitoria ^b, em que poz Gaspar Paes

pa-

^a Esta posse, diz Francisco de Andrade no cap. 2. da 3. Parte, que a tomou Martin Affonso de Sousa por ordem do Governador, que ficava em Goa, e não fez menção da sua vinda a Baçaim.

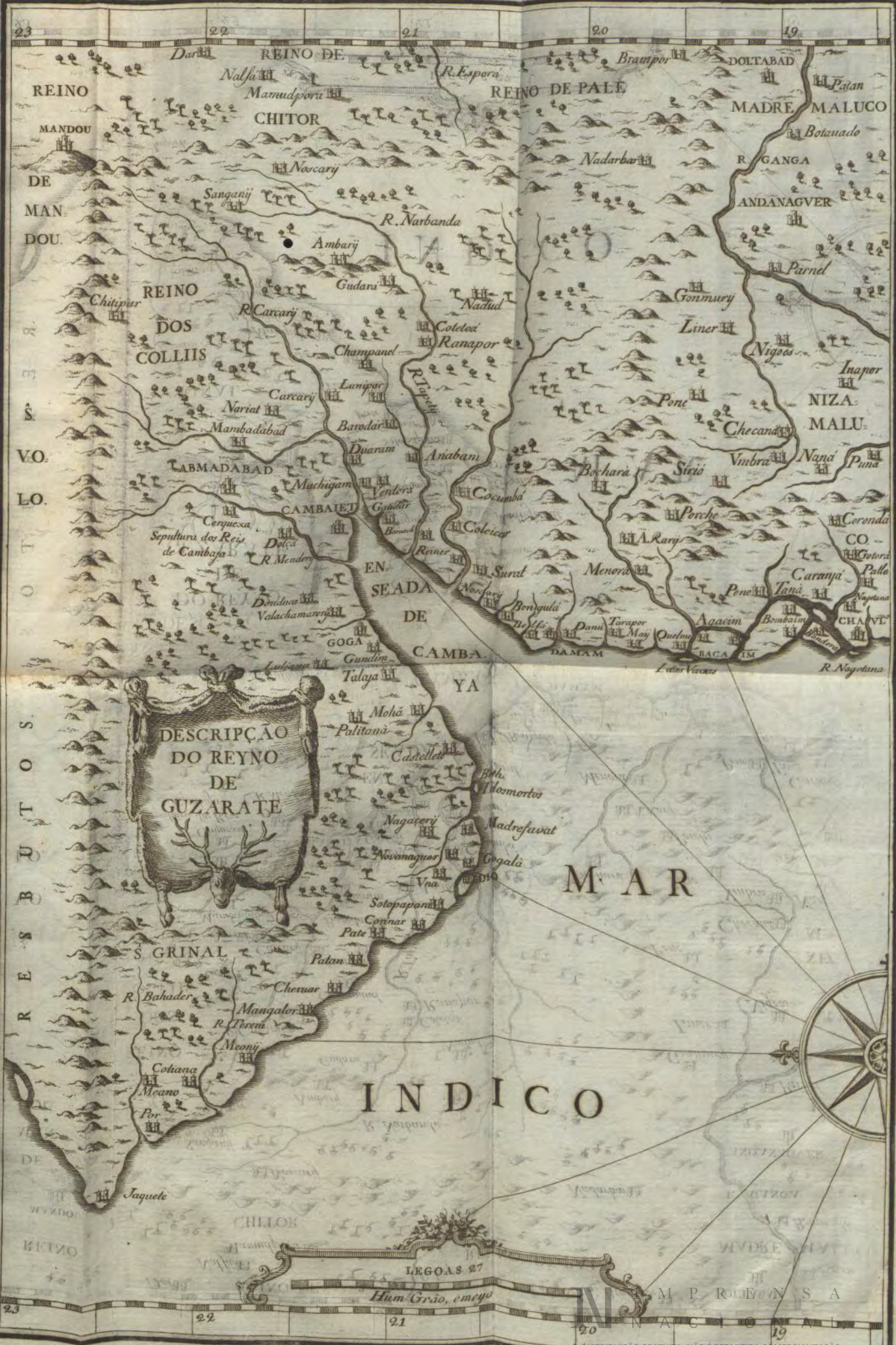
^b Escreve Diogo do Couto nos cap. 2. e 3. do liv. 9. Que no mesmo dia, em que Nuno da Cunha tomou posse de Baçaim, elego o sitio, em que queria fundar huma fortaleza, cujos alicerces se abriram logo, e que aos 20 de Janeiro deitou o Governador nelles a primeira pedra, e posta em defensão, a proveo de artilheria, e os Armazens de mantimentos, e munições, e deo a capitania a Antonio da Silveira, que áquelle tempo chegára de Ormuz. Mas isto encontra o que escreve João de Barros no cap. 17. do liv. 6. Francisco de Andrade no cap. 17. da 3. Parte, e Fernão Lopes de Castanheda no cap. 126. do liv. 8. affirmando todos que o Governador começou a fortaleza de Baçaim quando voltou de Dio, deixando naquell-

para a seu tempo se fazer fortaleza, e se tornou para Goa, porque se vinha o inverno; onde nós ora o deixámos por dar razão no Livro seguinte da descripção, e cousas do Reyno de Guzarate por o muito que delle havemos de tratar ao diante.

DE-

ta Cidade feita fortaleza. E que a capitania da de Bargains deo a Garcia de Sa que alli estava, e defendera dos Mogoles a Feitoria, e Cidade com as tranqueiras que ordenou Antonio Galvão, como se escreve no cap. 26. do mesmo liv. 6.







DECADA QUARTA.

LIVRO V.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Em que se descreve o Reyno de Guzarate, e as gentes de que he habitado.

Sendo as coufas da India, e das outras Provincias Orientaes, que os Portuguezes descubríram, e conquistáram, tão novas, e incognitas aos homens de Europa, e tão dignas de virem á noticia do Mundo, e de que os Gregos, e Romanos antigos tão pouco deixáram escrito: os Romanos por não chegar seu Imperio áquellas partes; e os Gregos por não lhes durar muito o dominio que em algumas dellas tiveram; não deve parecer fóra da materia que emprendemos de escrever os feitos que os Portuguezes nellas fizeram, referir alguma cousa do sitio das terras, da origem de seus

póvos , e de seus Reys , e Principes , dos costumes , e feitas delles , e do modo de sua milicia , para assi se vir em mais facil conhecimento desta Historia , e se poder colligir a estima em que se devem ter os Portuguezes , que tantas , e tão feras nações tantas vezes vencêram , e trouxeram a seu jugo ; e recebendo delles as parias , e tributos , como vencedores , e senhores seus , lhes dam as leis , a lingua , e a muitos a Religião. Sendo pois nossas cousas tão travadas com aquellas gentes , assi por a guerra , como por o commercio que com elles temos , não podemos escrever de cousas nossas , que não seja tambem das suas. E além da necessidade que temos de tratar parte de suas cousas para melhor entendimento das nossas , não fica sendo pequeno ornamento , e utilidade da historia , para exemplo , e aviso de nossa vida , recontar variedades de empresas , e causas per que se intentáram , e os successos dellas , para com sua noticia alcançarmos juizo , e prudencia , para nos governarmos em outras semelhantes , que he o principal fim , e fruto da historia. Polo que havendo nós ora de tratar de algumas cousas de muito pezo , e maior consideração , que os nossos fizeram no Reyno de Cambaya , deixámos para este lugar a descripção do Reyno todo , e a origem dos

Reys ,

Reys, que á nossa noticia puderam vir, como faremos de outras Provincias, e de outros Reys nos Livros que se ao diante fe-guem, e fizemos nos passados.

O Reyno do Guzarate, a que geralmen-te chamam Cambaya, (como dissemos na descripção geral do maritimo da India,) começa na ponta de Jaquete, e acaba no rio Nagotana, que he o limite do dito Reyno, e das terras de Chauí, que são do Senho-rio do Nizamalaco. E para se melhor en-tender a situação deste Reyno, usaremos de nossa mão esquerda, segundo já em outras partes figurámos a costa maritima da India. Virada esta mão com a palma para baixo, juntos os dedos, e afastando delles o pol-legal, fica feita a enseada de Cambaya; e na parte mais curva pegada na juntura des-te dedo pollegal, da banda de dentro, es-tá situada a Cidade de Cambayet, a que chamamos Cambaya, que por ser a mais nobre, e populosa, e como Metropoli da-quelles lugares maritimos, dá nome não só-mente á mesma enseada, mas a todo o Rey-no. Porém esta nobreza, e trato que antes tinha, perque era celebrada, perdeu quan-do a Cidade de Dio se fundou, pela ma-neira que adiante diremos. Porque a nave-gação daquella Cidade he tão perigosa por

cau-

causa do grande macareo que tem, que quando a maré enche, e vasa, se soçobram muitas náos. Este macareo, ou fluxo da maré, he tão veloz, que não ha cavallo, por ligeiro que seja, a que a maré não alcance quando entra pela planicie da praia, com que se perde muita gente, e fazenda no rio Carcarij, que se vem metter no ultimo feio desta enseada, acima da dita Cidade de Cambaya. Na foz deste rio, para se não perder gente, per ordenança dos que regem a terra, em hum lugar alto, está sempre hum vigia, que vê vir a maré de mui longe, a qual vem sempre tão levantada, e soberba, que parece hum montanha de agua; e como começa apparecer, aquella vigia tange hum bozina, perque dá aviso que ninguem passe o rio; porque vem a maré tão repentina, e furiosa, e mette tão grande quantidade de agua naquella passagem, que alaga tudo. E ainda que esta vigia não enxergue com os olhos a maré, tem outro mui certo sinal della vir, que he o grande número de aves, que andam naquella campina da praia mariscando na isca que acham do mar, as quaes per hum instincto natural, ainda que não vejam a maré, quando ha de vir, he tanta a gralheada, e apitar que fazem, fugindo todas para a terra, que as ouvem mui longe, posto que as não vejam. E por

ra-

razão deste macareo tão perigoso, na Cidade de Cambaya está hum esteiro, onde os navios se recolhem, furtando-se do impeto da maré, que vai direita correndo buscar a garganta do rio, onde faz o damno que dissemos. Este perigo não tem a Cidade de Dio, antes he mui proveitosa sua navegação, porque está aquella Cidade situada sobre a ponta do dedo pollegar, que puzemos por figura, que fica mais a Ponente, e aonde concorrem todas as náos que vau d'ambos estreitos, de Ormuz, e de Méca, e assi de toda a costa de Melinde; as quaes quando querem passar á India, que he toda a parte do dedo index, que corre da segunda junta té o fim d'elle, fica esta Cidade de Dio quasi como hum escala daquelle Levante, e do Ponente, por neste Reyno haver mais cópia de mercadorias de entrada, e sahida, que em toda a India, tirando pimenta, e outras especiarias, que nascem da terra do Malavar para o Oriente.

Et tornando á nossa divisão deste Reyno do Guzarate, do nó do meio do dedo index, que figuramos ser o rio Nogatana, termo Oriental deste Reyno, té a Cidade de Dio, poderá haver nesta costa assi curva, como se mostra, oitenta leguas; e correndo té a ponta de Jaquete, cento e vinte cinco. Per dentro pelo sertão da parte do

Po-

Ponente, que he o dedo pollegar, vizinha com os povos Resbutos. Estes habitam em huma corda de ferranias, e matas, que começam do Cabo Jaquete, e correm para o Norte, e Nordeste té o Reyno Mandou, que está sobre a juntura deste pollegar, com o qual Reyno tambem por a parte do Norte vai vizinhar este do Guzarate, e pola do Nordeste com o Reyno de Chitor, e do Leste com o de Pale, tomando toda a costa da enseada que dissemos, onde tem muitas Cidades, e povoações. "

Del-

a Para accomodar a verdadeira descripção presente destas regiões Orientaes com a antiga de Ptolomeu, que per erradas informações, com grandissima differença da fôrma da costa, e das alturas de seus cabos, e lugares elle descreveo, he necessario usar de conjecturas; porque a costa da India desde a ponta de Damam té o Cabo de Comorij, que corre do Norte ao Sul, sita Ptolomeu de Ponente a Levante; e se elle a descrevêra desde o promontorio Simylla, que he a ponta de Damam, té o de Cory, que he o de Comorij, como na verdade ella corre, e os promontorios Balco, e Simylla estiveram postos na altura que elles tem, dicra a situar o Cabo de Comorij quasi na altura em que elle está, porque o Promontorio Simylla dista do de Cory, segundo Ptolomeu, quinze grãos de Ponente a Levante, e dois meos ha de Norte a Sul, desde a ponta de Damam ao Cabo de Comorij. E assi per conjecturas parece que os dois fins Canthi, e Barigazens de Ptolomeu são as duas enseadas de Jaquete, e Cambayat e o Promontorio Balco he a ponta de Jaquete. A Ilha Baracco, que elle situa arrimada a este cabo, querem alguns erradamente que seja a Ilha de Dio, descrevendo Ptolomeu a Baracco na entrada do fiao Canthi da parte de dentro; e ficando a de Dio arrimada á costa, que corre da ponta

Deste Reyno quasi todo o maritimo, principalmente o da parte do Oriente, além de ser terra chã, he regada de dous notaveis rios Taptij, e Tapetij, e de muitos esteiros d'agua salgada, que a retalham á maneira de Ilhas: he mui fertil de mantimentos de todo genero, e de grandes criações de gados, que pastam a fertilidade das suas campinas. E o mesmo he da outra parte da costa do Ponente, ainda que não tem aquella abundancia de aguas; e ao longo do mar se levanta a terra alguma cousa, e se abaixa, com que fica montuosa em respeito da outra. Sahindo deste maritimo té ir dar nas Serranias dos Resbutos pela parte do Ponente, e do Norte, e Nordeste, onde este Reyno parte com os Reynos que disleinos, quasi tudo são campinas tão chans, que todo o serviço da gente he em carros, que levam bois, que não andam tão pezadamente como os nossos de Hespanha; neim são tão grandes, mas são muito mais vivos na andadura, que asnos Mouriscos, e tem no andar mais assento que as facas de Irlanda de maneira, que segundo dizem, alguns dos

de Jaquete para a enseada de Cambaya, e tão junta á terra firme, que hum esteiro mui estreito a divide della. O Promontorio Simylla, onde se termina o fno Barigazeno, parece ser a ponta de Dumani; e o rio Nanaguna, pola semelhança dos nomes, e distancia, o rio Nagosana, termo per aquella parte do Reyno de Cambaya.

dos nossos, que prováram estes dous modos de caminhar, menos trabalho sentem os que vam nestes carros de Cambaya, que os que vam nos carros de Italia, e Flandes tirados por cavallos, e tem melhor curso, principalmente em jornadas curtas.

Todo este Reyno de Guzarate he muito povoado de quatro generos de gente, de povo natural da mesma terra, a que chamam Baneanes de duas fortes: huns são Bangarijs, que comem carne, e pescado; outros Baneanes, que não comem cousa que tivesse vida; outros são Resbutos, que antigamente eram os nobres daquella terra, também Gentios^a; outros Mouros cha-

ma-

a Ha neste Reyno de Cambaya quatro castas de Gentios, que são os Bramenes, em que está o sacerdotio, (como em todo Oriente) os Baneanes, que são mercadores, os Catheris, que tem armas, e as exercitam na guerra, e Vices, que se occupam em officios mechanicos. Tem também certa modo de religiosos, que chamam Vertids, contrarios da seita dos Bramenes, os quaes andam cubertos com hum panua branco, e não o podem lavar, nem tirar, sem primeiro se fazer em pedaços, sobre elle se assentam, ou no chão: vivem de esmola, e não podem guardar cousa alguma de hum dia para o outro. O que com mais cuidado procuram para sua salvação he não matar cousa viva, e assi não consentem fazerem-se tanques, porque podem nelles morrer os peixes; e não accendem de noite candeeas por não morrer nella algum bicho. Trazem todos nas mãos humas vasouras compridas para irem varrendo o chão por onde passam, por não acertarem de pisar, ou matar com os pés algum bicho. O P. Fernão Guerreiro na sua relação Annal. das cousas da India dos annos 606. e 607. liv. 3. c. 12.

mados Luteas , que são naturaes da terra , convertidos novamente á feita de Mafamede ; outros são Mouros , que vieram de fóra , e conquistáram a terra , lançando della os Resbutos. A gente popular he mui dada ao trabalho , affi da agricultura , como da mecanica ; e nesta parte he tão subtil , e industriosa , que tem com o trato das obras que fazem enriquecido aquelle Reyno , porque mais seda , e ouro fiado se gasta nelle em pannos tecidos de diversas sortes , que em toda a India ; e a Cidade de Patam póde competir em número de teares com as Cidades de Florença , e Milão. De marfim , de madreperola , concha de tartaruga , laqueua , cristal , lacre , verniz , páo preto , e amarelo , e de outras cousas que servem para leitos , cadeiras , vasos , e armas de toda sorte , só desse Reyno sahem mais obras , que de todo o restante da India. E daqui vem ser elle abastado de todas as cousas necessarias ; porque as que naturalmente , ou artificialmente não tem , llas trazem os que vem buscar as que elles tem , que são muitas. A gente do povo he naturalmente fraca , e cativa de condição , por serem da linhagem Bancane , a qual guarda com grande religião a feita de Pythagoras , de não comerem cousa que seja viva. E são tão superciliosos na observancia deste preceito não

matarás, que as immundicias que eni si criam, as sacudem em parte que não sejam maltratados. Polo que quando os Mouros querem delles haver alguma cousa, trazem-lhes diante hum passaro, ou outro qualquer animal, ainda que seja huma cobra; e fazendo que a querem inatar, elles a compram, e soltam por não verem sua morte, e tem que fazem nisto grande serviço a Deos. Té huma carreira de formigas se atravessam per hum caminho per onde algum Bancane vá, ou a pé, ou a cavallo, ha de rodear por não passar por cima dellas." Per pre-
cei-

a Usam de tanta conyaxão, e humanidade com os brutos, que para curar os passaros ha no Reyno de Cambaya hum hospital, cuja máquina de enfermeiros, e fabricas de enfermarias não são menos dignas de espanto, que de riso; porque ha muitos homens salarizados das rendas do mesmo hospital, que tem por officio andar pelas Cidades, e lugares, e correr o campo em busca das aves, e passaros doentes, e aleijados, para serem alli curados, e sustentados. Outros andam pelas praças, onde os Mouros caçadores lhes vendem os passaros, que elles não deixam de comprar per nenhum preço, somente para que lançados logo a voar, os tornem a pôr em sua liberdade. Da mesma maneira tem currais deputados para o gazalhado, e cura de toda a sorte de alimarias, que por doentes, e velhas seus donos deitam ao almargem. E para que se conheça bem o author desta sua misericordiosa bestialidade, se encontrarem hum homem morrendo ao desamparo, ou virem lançado per terra pizar dos que passam, nem o ajudardão a levantar, nem porão os olhos nelle, e não lhes ficará passaro que não resgatem, e deixarão morrer ao proprio val em davo cativoiro. O P. João de Lucena cap. 12. do liv. 2. da vida do P. Francisco Xavier.

ceito de sua religião não podem ter arma alguma em casa; e he a gente mais delgada, e engenhosa em o negocio do commercio, que quantas temos descoberto, tirando os Chijs, que nisso, e na mecanica leva vantagem a todas as nações do Mundo. A outra gente deste Reyno, já convertida á feira dos Mouros, posto que seja tambem fraca, como he misturada destas ambas nações, por a parte que tem dos Mouros, que são estrangeiros, e trazem origem de gente mais robusta, fazem a estes Gentios muita vantagem; e de todos elles, os homens mais valentes na guerra são os Resbutos, que habitam as serranias que dissemos, os quaes foram já senhores deste Reyno do Guzarate, e com a vinda dos Mouros se foram recolhendo ao alto das serras, como fizeram os Hespanhoes quando os Mouros entráram em Hespanha, que se recolhêram aos Montes Pyreneos, e ás montanhas de Oviedo. E desde aquelle tempo sempre entre os Resbutos, e os outros ficou hum capital odio, e contendêram entre si. E como estes Resbutos eram da mais nobre gente, que senhoreava aquella terra do Guzarate, e são homens grandes, e fortes, e não tem a religião dos Baneanos, armados, e em bons cavallos descem das montanhas, e vem ao baixo ás povoações;

onde fazem grandes prezas. Governão-se os Resbutos ao presente em República per os mais velhos, repartidos em Senhorias; e se todos se conformassem em amizade, e não contendessem entre si, já foram senhores do Guzarate que seus avôs perdêram. Porém com esta divisão, e com o poder da artilheria, de que elles carecem, por não terem commercio do mar, não lhes aproveitam suas forças, e animo para mais, que para estas entradas que dissemos. E o que principalmente fez aos Reys Mouros, que conquistáram aquelle Reyno, poderosos contra esta robusta, e guerreira gente, foi fazerem-se logo senhores dos portos de mar, porque foram mettendo muita gente Arabia, Persa, e Turquesca, e de nação Grega, e Levantisca, a que elles chamam Rumes, os quaes vem cada anno áquelle Reyno buscar mercadorias, e ganhar grandes soldos, que estes Reys Mouros lhes dam, com que tem conquistado o que ora possuem, e defendido de nós, depois que conquistámos a India. A nossa entrada foi causa destes Resbutos perderem de todo as terras chans que possuíam; porque como os Reys Mouros, por se defenderem de nossas Armadas, tinham grande necessidade de recolher aquella gente estrangeira que dissemos, ella mesma lhes deo a industria, e animo para se

de-

defender dos Resbutos , de cuja religião , e crença de tres Pessoas , e hum só Deos , e veneração da Virgem Maria Nossa Senhora , e outras cousas , que parece haverem seus maiores recebido dos Apostolos , em a nossa Geografia o escreveinos particularmente.

C A P I T U L O II.

Como , e em que tempo os Mouros começaram a ganhar o Reyno do Guzarate aos Gentios.

EM que tempo , e perque maneira os Mouros entráram no Reyno do Guzarate , e se senhoreáram delle , elles mesmos em suas historias se confutam , e encontram em quem foi o primeiro. Mas nesta nossa narração seguiremos a mais commum opinião dos escriptores do mesmo Reyno do Guzarate. E segundo elles escrevem , no anno de 700 da era de Mafamede , que he o de Christo Nosso Redemptor de 1292 reinava no Guzarate hum Principe Gentio por nome Galacarná , homem mui poderoso , e esforçado de sua pessoa. O qual posto que com a maior parte de seus vizinhos estava em paz , por temerem de o anojár , sempre viveo em differenças com hum seu irmão mais moço. A causa desta discordia era , porque seu pai de ambos deixou hum Estado , que

Mm ii

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tirou da Coroa do Reyno, e o deo a este moço, e com elle titulo de Rey, cuja cabeça era a Cidade de Champanel, que por sitio era a mais forte do Reyno do Guzarat. E como este Galacarná arguia que seu pai não podia desmembrar do Reyno tanta parte d'elle para o dar a seu irmão, e mais com titulo de Rey, e elle lho queria tirar como cousa que lhe pertencia, succedeo daqui, que por se fazer poderoso hum contra outro, ambos ficáram fracos para o que lhes sobreveio. E o caso foi, que tendo este Galacarná dous Capitães ambos irmãos, e os mais principaes do seu Reyno, postos na frontaria contra aquelles, com que tinha guerra; o maior delles, que chamavam Madaná, tinha hum das mais formosas mulheres do Reyno, a qual era da linhagem daquellas, que elles chamam Padaminij, que segundo affirmam, além de serem mulheres mui perfeitas em seus feitos, e formosas em suas pessoas, per natureza lhes cheira mui suavemente toda a roupa que vestem, como que da comprehensão, e boa proporção de humores proceda este cheiro á sua carne, e della ás vestiduras que trazem, como contam que fazia a Alexandre Magno.⁴ E por isso eram aquellas mulhe-
res

4. a Plutarco na vida de Alexandre Magno, referindo os Commentarios de Aristoxono.

res mais estimadas entre aquelle Genticio, das quaes dizem elles agora, que com difficuldade se acha alguma naquelle Reyno do Guzarate; mas que no de Orixá ha muitas.

Vendo ElRey Galacarná esta mulher de Madaná seu Capitão, assi por a formosura de sua pessoa, como por ser daquella boa natureza, e compostura, tanto se lhe affeioou, que buscou todos os meios para gozar della; mas ella resistindo ás importunações d'ElRey, e a suas promessas, em nada consentio indo ElRey desconhecido a sua casa. Polo que como ella era de proposito castissima, e amiga da pureza de sua pessoa, e da honra de seu marido, lhe deo aviso que secretamente se viesse logo ver com ella, porque assi importava á honra de ambos. Chegado o marido, deo-lhe contra do que passava, e como chegára ElRey a tanto, que humna noite viera ter a sua casa, ao qual ella despedira, fingindo certos inconvenientes, pelos quaes não podia então fazer-lhe a vontade, o que faria dahi a poucos dias; as quaes escusas elle accetou, e lhe prometteo de a tomar por mulher. Madaná, depois que particularmente soube o procedimento que ElRey tivera naquelle negocio com sua mulher, mandou-lhe que se fizesse prestes o mais secretamente que pudesse, porque elle hia dar conta

a seu irmão daquelle caso, para pôr em ordem suas cousas, em quanto elle tornava por ella. Finalmente os irmãos ambos se fizeram em huma vontade, e tomando secretamente suas mulheres, e o mais precioso de suas fazendas, ajuntaram suas gentes, e fizeram seu caminho ao Reyno do Delij: e tanto pode a persuasão delles, e a cubiça de Xiah Nosaradin Rey daquelle Reyno, que com grande exercito se ajuntou com estes dous irmãos, e veio conquistar o Reyno do Guzarate; e por se desviarem do povoado do Reyno de Mandou, que se mette entre o Reyno do Delij, e o do Guzarate com grandes montanhas, commettêram de passar huma tão aspera, que parecia cousa impossivel; mas á força de braços, e de ferro rompêram huma penedia tão maravilhosa de ver, que por memoria daquelle feito mandou El Rey do Delij edificar alli huma Cidade mui populosa, a que poz nome Mandanai, por honra do maior daquelles irmãos. Mas como não era estrada real, nem caminho para outras partes, e ninguem hia áquella Cidade senão quem tinha negocio nella, veio-se perder, e diminuir, e hoje he mui pequena, e obscura.

Entrando aquelle grande exercito no Reyno

a Deste Rey do Delij Xiah Nosaradin tratao João de Barros no cap. 2. do liv. 5. da 2. Decada.

no do Guzarate , como a maior parte daquella gente em aquelle tempo era dos Baneanes , que como dissemos , por sua religião não tinham armas em casa , levemente foi conquistado , e ElRey Galacarná morto em huma batalha. Seu irmão , porque sabia que a entrada de Xiah Nofaradim fora por industria dos dous irmãos pola injúria recebida , pareceo-lhe que não receberia d'aminho delles , e deixou-se estar na sua Serra do Champanel , sem querer ajudar ao irmão ; mas não tardáram muitos dias , que morto o irmão na batalha , Nofaradim o foi buscar , a quem não ousando esperar por o pouco poder que tinha em respeito de seu inimigo , deixou a terra , e com o mais precioso que tinha de sua fazenda , e com alguns que o quizeram seguir , atravessou a serrania de Pale , a qual he tão aspera , que té agora nestes nossos tempos , que o Senhor daquella terra se fez vassallo de Soltam Badur Rey de Cambaya , nunca foi conquistada , havendo tanto tempo que isto passou.

ElRey Xiah Nofaradim , fazendo deste Rey de Pale pouca conta , o deixou , e o Estado que ganhou entregou a hum seu Capitão chamado Habedxiah , que naquella guerra , e em outras conquistas lho tinha merecido ; para segurança do qual deo parte do exercito que trazia , e lhe mandou

que conquistasse o mais que ficava do Reyno. Aos dous irmãos Mandaná, e Cacaná, que o trouxeram a ganhar aquelle Reyno, e o ajudáram, deo dobrado Estado do que tinham em vida d'ElRey Galacarná. E em memoria de sua vinda áquellas partes, fundou huma Cidade de seu nome, que hoje está em pé, e os Guzarates lhe chamam Nozcarij, que dista da Cidade do Champanel vinte leguas pouco mais, ou menos ao Levante.

Os Reys de Mandou, e de Chitor, temendo que quando este Principe Xiah Nosaradim tornasse para o Delij, lhes roubasse, e destruisse suas terras de passagem, ou com o favor da vitoria que houve dos Guzarates, quizesse intentar a conquista de seus Reynos, mandáram-lhe Embaixadores com grandes presentes, entregando-se por seus vassallos, com obrigação de certo tributo por anno. Com esta offerta ficou Nosaradim satisfeito, e sem lhes fazer damno passou per suas terras, e se foi ao Delij. Té aqui contam as historias do Guzarate deste Principe que os conquistou.

As
 a Pelos annos de 100 do Nascimento de Nosso Salvador baixáram dos ultimos termos Septentrionaes innumeraveis gentes repartidas em Tribus, que vieram conquistando tudo o que jaz do monte Cáucaso para baixo té Cambaya. Brãas estas gentes Mogoles, Tartaras, Chocatais, e Restutos. Estes se apoderáram do Guzarate, e foram se

As Chronicas dos Perfás, de quem nós tomámos algumas cousas dos Reys della para esta nossa historia, dizem, que no anno de 708 de Mafamede, que são 1300 de nossa Redempção, reinou na Tartaria Oriental hum Príncipe Tartaro, por nome Tara Mexernij Chan, filho de Doa Chan, em cujo tempo poucos Tartaros houve que não abraçassem a falsa lei Mahometana. Este, sendo Príncipe mui guerreiro, entrou na India, e ganhou o Reyno do Delij, e desceo ao do Guzarate, o qual fez seu tributario; e tornando-se para seu proprio Estado, deixou no Reyno do Delij hum seu irmão chamado Doa Chan, como seu pai, e no Reyno do Guzarate hum seu Capitão. E segundo a conveniencia dos tempos, que he a cousa que na historia se mais deve considerar pera a verdade della, parece que o Xiah Nosfaradim, e este Tara Mexernij era hum mes-

hores de todo o Indostan, que repartiram entre si, tomando as cabeças titulo de Rojas, que he o mesmo que Governadores, té cerca dos annos de 1300, que vieram todos a serem conquistados de hum Rey do Delij, chamado Soltan Nosfaradim, (que he o mesmo a que João de Barros chama Xiah Nosfaradim neste capitulo,) cujo Imperio se estendeo desde o rio Indo té o Ganges, e recolhendo-se para o Delij, onde falleceo brevemente, deixou em todos os Reynos do Decan hum Governador, e outro por nome Mahanud, (que João de Barros no capitulo seguinte chama Hamel,) no Reyno do Guzarate, com o qual elle se alçou tomando titulo de Rey, quando soube da morte de Soltan Nosfaradim. Diogo do Couto Dec. 4. liv. 3. cap. 7.

mesmo Rey, posto que os nomes sejam diferentes; pois ambos, segundo dizem, quasi em hum mesmo tempo conquistaram o Reyno Guzarate. Xiah Nosaradim nos annos de Matamede de 707, e Tara Mexernij, posto que pontualmente a Chronica que temos dos Reys de Persia não diga em que anno conquistou os Reynos do Delij, e do Guzarate, sabemos que depois de ser tornado á sua propria patria, foi morto no anno de Matamede 708 por hum seu sobrinho chamado Puron, filho de Taimu Chan em huma batalha junto da Cidade de Cháta. E porque per morte d'elle, segundo a mesma Chronica dos Persas, foi levantado por Rey Daiagan Chan seu filho, do qual por vingar a morte de seu pai matou muitos Senhores, que foram na conjuração desta morte, revolveo-se o Imperio de manci- ra, que muitos Capitães, que estavam em diversas Provincias governando por elle, se levantaram por Reys, dos quaes seu tio Doa Chan ficou Rey do Delij, e o Capitão do Reyno do Guzarate.

E posto que a Chronica dos Persas diga, que poucos Tartaros ficaram que se não fizessem Mouros em tempo de Xiah Tara Mexernij; ou que estes dous Principes, que elle deixou no Guzarate, e Delij, não seriam tão confirmados naquella scita, que

per-

permanecessem nella; ou porque a terra era toda de Gentios, os Reys que depois succedêram a estes primeiros Conquistadores foram Gentios. E querer enfiar a linhagem de huns em outros, elles mesmos o não podem fazer por as mortes, levantamentos, e mudanças, que os Estados tem, quanto mais nós, que disso não temos mais noticia que a que delles recebemos. Basta para continuar nossa historia, que o Reyno do Delij per alguns annos teve o imperio dos Reynos de Guzarate, de Mandou, de Chitor, e Canará, e de toda a terra, que jaz entre aquelles celebrados rios Indo, e Ganges, a que propriamente chamamos India, e os naturaes Indostan. E que estes Reynos, e seus Principes se izentáram depois da morte de Xiali Nofaradim, que com a gente que naquellas Provincias mettia daquellas partes do Norte, que naturalmente he conquistadora, os enfreava.

CAPITULO III.

Como Hamed Meuro Tartaro de nação veio ser Rey do Guzarate, de que procederam todos os Reys que té agora foram: e o que passou sobre sua successão.

NO anno de 1330 de nossa Redempção, hum Mouro Tartaro, chamado Hamed, homem rico, e poderoso, que vivia na Cidade de Cambaiet, a que nós chamamos Cambaya, com favor dos Arabios, Persas, e gentes de Europa, principalmente Gregos, e Turcos, a que elles chamam Rumes, que áquelle Reyno hiam por causa do commercio, se levantou com parte do Reyno Guzarate, tomando per força de armas ao Rey Gentio que então reinava, que se chamava Desingue Rao, muitos lugares, e a Cidade de Madrefavat, que naquelle tempo era mui grande, e populosa, e dista cinco leguas de Dio, que depois seu neto Peruxiah ennobreceo, como adiante diremos. Este Hamed, posto que era cavalleiro de sua pessoa quanto bastava para esta empreza, que tomou de se intitular por Rey em Reyno alheio, era elle tão prudente, que isso lhe deo maior ser para o que foi, que as armas contra o Rey Gentio. E
 assi

assí considerando elle que o que faz os Reynos, e as Républicas mais florentes, são homens, e riquezas, recolhia todos os estrangeiros, assí da Europa, como de Africa, Egypto, Arabia, e da Persia, aos quaes dava grandes soldos, com que fazia muita guerra ao Rey Gentio; e com todos usava de muita justiça, e liberalidade, que são as partes com que os Principes se fazem bem quistos, e reverenciados. E para enriquecer seu Reyno, não sómente recolhia nelle toda sorte de mercadorias que tinham valia, e de sua mão se repartiam pelos que as haviam mister, sem dellas querer mais ganho que terem todos necessidade d'elle; mas ainda todo genero de moeda estrangeira, quer fosse de Mouros, quer de Christãos da Europa, ou de Gentios daquelle Oriente, mandava que corresse em seu Reyno por mais do que valia nas terras donde vinha, causa que entrasse nelle grande quantidade de ouro, e prata. Teve tambem outras partes mui principaes para ser bem quisto, que aos Principes custam pouco, e lhes rendem muito. Além disto, o que o fez mui poderoso para conquistar aquelle Reyno do Rao, foi viver elle muito, e ter vinte filhos de diversas mulheres, que quasi todos vio homens em seus dias.

Per morte deste Principe reinou seu filho

Iho Ale Chan. Este accrescentou ao Estado herdado muitas terras, que tomou ao Rey Gentio; mas em huma batalha que lhe deo junto da Cidade de Cambaya, foi vencido do Gentio com perda de muita gente, e despojo de duas náos ricas que deram á costa, com que ficou o Rey Gentio muito rico, causa de elle depois perder em outra batalha dez mil homens; porque como houve a riqueza daquellas náos, que eram muito ouro, prata, sedas, e cousas de grande preço, desceo do sertão ás povoações da ribeira do mar, que eram do Mouro, a lhe fazer guerra, esperando haver outra tal preza, e Ale Chan lhe mandou armar com outras duas náos lançadas á costa, como em cilada, com que foi desbaratado, e perdeu aquella gente que era a melhor que tinha. Este Ale Chan viveo cento e seis annos, dos quaes reinou cincoenta e nove, e teve quarenta filhos de muitas mulheres, de que tres foram Reys.

O que lhe succedeo foi o maior que se chamou Peruxiah: o segundo por nome Azeide Chan casou com huma filia d'ElRey do Mandou seu vizinho; e per morte do sogro, por não ter filho, herdou aquelle Reyno

a A este chama Diogo do Couto Daudarchan, e que foi o fundador de Dio, e não faz menção de Peruxiah, senão de Mahamed, que diz foi filho de Daudarchan, e seu successor. Liv. 1. cap. 7.

no per via da mulher : o terceiro se chamou Alc Chan como o pai , que tambem pola mulher veio a reinar em Agimar , hum pequeno Reyno que confina com Chitor , e com Galer. Peruxiah foi homem pacífico , e humano , como se vio nos tratos que tinha , e nos favores que fazia aos mercadores , e navegantes que a seu Reyno hiam , que foi causa de se fazer rico , e poderoso. Fez moeda de cobre , e de prata , de que hoje se acha ainda alguma : foi o primeiro que naquellas partes fez navios de guerra ao modo dos de Levante , per industria de Gregos , e Italianos , e de outras nações que hiam áquellas terras , com cuja ajuda houve muitas vitorias do Gentio , e a principal foi de dous juncos dos Chijs , os quaes como naquelle tempo navegavam a costa da India , per ella tinham suas Feitorias por razão do trato da especiaría. E posto que Peruxiah houve vitoria destes juncos , na peleja lhe matáram dous irmãos , e cinco tios com muita gente nobre , e elle ficou muito ferido. E em quanto se curava , em memoria da vitoria , que foi onde hoje está edificada a Cidade de Dio , elle fez alli huma povoação , (não sendo antes mais que acolhimento de pescadores ,) e mandou que o trato de Madrefavat , que era a Cidade principal daquella costa , se passasse a Dio. Mas isto

isto durou o tempo que elle viveo, de maneira, que ao tempo que a houve Melique Az, já era tornada quasi a seus principaes, e elle a reedificou, e ennobreceo.

A este Peruxiah succedeo seu filho Sol-tão Mahamud^a, por appellido Begra, que em lingua dos Guzarates quer dizer cavalleiro, porque assi o foi elle, e mui astuto, e dado ao governo de seu Estado, e á administração da justiça. Este Principe tomou ao Gentio da terra de Mangalor contra o Cabo de Jaquete mais de vinte e cinco Villas, e povoações, e teve em cerco a Cidade de Champanel tres annos, no fim dos quaes a tomou, e assi a Serra della, sendo a coufa mais forte de todo aquelle Reyno do Guzarate. Nesta Cidade achou grandissimos thesouros dos Reys antigos. Reinou Mahamud 55 annos, e deixou doze filhos; o maior delles chamado Modafar, foi grande edificador, e ennobreceo muito seu Reyno; lavrou huma moeda de ouro, que ora corre, chamada do seu nome Modafarxao, que da nossa de Portugal val 1270 reaes, da qual veio muita a poder dos nossos per morte de seus filhos. Reinou Modafar quatroze annos. Os filhos que delle ficáram est-

a Este foi o que deo a Ilha de Dio a Melique Az, e em seu tempo descobrio a navegação da India o grande Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India. Diogo do Couto liv. 1. cap. 7.

timados , e de que se faz menção , foram Scander Chan , Latifá Chan , Badur Chan , Chande Chan , Jangri Chan , e Mamud Chan , e outros.

Scander Chan mais velho succedeo a seu pai , e não reinou mais que nove mezes , porque por ser homem aspero , e por querer tirar de Dio a Melique Saca , filho de Melique Az , por as razões que adiante diremos , foi morto per conjuração dos seus. Porque como este Melique era homem sagaz , e poderoso como seu pai , com seu dinheiro , e astucia grangeou muitos dos principaes , que a ElRey por sua condição não tinham boa vontade. E todos , cada hum per sua parte , á força de dinheiro movêram a Madre Maluco Governador do Reyno , que elle per sua mão matasse a ElRey , e que tanto que isto fizesse , lhe acudiriam todos com seu poder. O Madre Maluco matou a ElRey , e logo tomou no collo a Mamud Chan seu irmão o mais moço , que era de dous annos , intitulado-o por Soltam , a fim de elle Madre Mamaluco ficar mais tempo por Governador do Reyno , como já era , e com os outros de sua parcialidade comerem os rendimentos do Reyno. E por mostrar que ElRey não fora morto por odio que os Grandes lhe tivessem , senão por evitarem as asperezas que com o povo usava ,

Tom. IV. P. I.

Nu

com

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com grande solemnidade, e pompa, acompanhado de alguns Senhores de sua facção, o levou a enterrar onde feu pai El Rey Modafar estava sepultado; e o novo Rey levou á Cidade de Champanel, que era a mais forte cousa do Reyno, onde estava o thesouro dos Reys. Alli fez vir todos a obedecer ao menino, governando elle absolutamente, porém com prudencia, e vigia de sua pessoa.

Mas não tardáram muitos dias que Larifá Chan, segundo filho de Soltam Modafar, a quem pertencia o Reyno por morte de Scandar, veio do Reyno do Mandou, onde era casado com huma filha d'El Rey d'elle, e com a gente que trouxe, e a que seguia sua parte, que era a da justiça, foi levantado por Rey na Cidade de Abmadabad, e logo se poz a caminho para Champanel. Porém a fortuna devolveo o Reyno ao terceiro filho de Modafar, que era Badur Chan, que andava em habitos vis de Calandar peregrinando per Reynos estranhos, indigno da herença de feu pai por o que tinha commettido, como se adiante verá, com cujo processo de vida, e feitos nos pareceo que convinha ir continuando, não sómente porque tocavam aos feitos dos Portuguezes, e ao proposito de nossa historia, mas ainda porque no decurso da vida deste

Prin-

Principe, e de outros que com elle contendêram, se verá hum curso de tempo de varias tragedias de Estados para exemplo daquelles que os governam.

C A P I T U L O IV.

Como por ElRey Modafar dar certas Cidades aos filhos de Melique Az, se aggravaram seus filhos, e o terceiro delles Badur Chan se foi do seu Reyno para ElRey de Chitor, e o que lhe lá aconteceu.

DAquelle Melique Az tão celebrado nesta nossa historia, que faleceo no anno de 1520, lhe ficáram tres filhos, Melique Saca, Melique Liaz, Melique Tocam. E querendo ElRey Modafar satisfazer a estes seus filhos os serviços de seu pai, repartio per elles as terras que seu pai tinha em sua vida, que eram Baçaim, Madrefavat, Dio, e Jaquete, que he huma Cidade posta em hum cabo, que faz a enseada chamada do seu nome de Jaquete, na qual entra o rio Indo. Cada huma destas Cidades tinha muitas povoações, que lhe eram subjeitas, porque ficavam de grande rendimento, de que a maior parte dava Melique Az a ElRey, e o mais lhe ficava a elle para defensão, e governo daquellas terras, como Capitão del-

Nn ii

dellas, que se elle nomeava, e não Senhor. A repartição que ElRey fez destas terras foi dar a Melique Saca, que era o mais velho, as Cidades de Dio, e Jaquete; a Melique Liaz a Cidade de Baçaim; e a Melique Tocam, que era o mais moço, a Cidade de Madrefavat, que era somenos das outras. Alguns dizem, que a tenção d'ElRey Modafar em repartir estas terras per estes irmãos, não foi tanto por lhes fazer mercê, como por tirar competencias entre o Principe Scandar, e Badur seus filhos; os quaes quando víram feita a doação dellas, se queixáram muito a seu pai, dizendo, que como havia elle de dar aos filhos de hum seu escravo, como foi Melique Az, as terras com que os podia a elles manter, as quaes dizia cada hum delles que estariam mais seguras em sua mão, que na dos filhos de Melique, que já em sua vida estivera duas vezes para entregar a Cidade de Dio aos Portuguezes com artificios, que para isso usára?

Melique Saca quando soube deste requerimento, pareceo-lhe que o Principe Scandar não pedia estas terras tanto por cubiça, por o grande custo que ellas tinham nas Armadas, que fazia seu pai Melique Az, quanto por a má vontade que lhe tinha por algumas paixões que entre elles havia. E co-

nio

mo era creado nas sagacidades de seu pai, e elle tambem era homem naturalmente malicioso, começou peitar grossamente a Madre Maluco Governador do Reyno, e a todos os privados d'ElRey, com que fez que ElRey as repartio da maneira que diffemos; porque sabia, que se seus filhos desejavam aquellas terras, era para comer o rendimento dellas. E como eram maritimas, onde elles não haviam de residir para as defender dos Portuguezes, ficavam mui apparelhadas para as elles tomarem, e elle Rey não teria dellas rendimento algum, das quaes em tempo de Melique Az havia elle em cada hum anno cento e cincoenta, e duzentos mil pardãos; e anno houve que por se Melique Az assegurar ante ElRey dos males que alguns seus competidores delle diziam, lhe levou quatrocentos mil pardãos. Finalmente ElRey com repartir estas terras pela maneira referida, e com razões que deo a seus filhos, se escusou de lhas dar a elles; o que depois foi causa de muitos trabalhos, e de Soltan Modafar correr risco de morte. Porque Badur Chan, que era seu terceiro filho, como não esperava por sua morte a herança do Reyno, que era do irmão maior, (posto que ElRey desenganou ao Principe, dando-lhe algumas razões com que o satisfez sobre a pertença daquellas

Cidades,) insistia muito no seu requerimento, ao qual ElRey se escusava com o haver negado ao Principe. Alguns dizem que ElRey aborrecia a este seu filho Badur, porque em nascendo, ou por Astrologia, ou por feiticeria, lhe disseram que elle havia de ser causa da destruição daquelle Reyno. O qual por sua má inclinação, e por se ver desfavorecido do pai, e sobre tudo mal despachado neste seu requerimento, dizem que deo peçonha a seu pai com conselho, e ajuda de sua mãe, que lhe queria grande bem; da qual peçonha, porque houve alguns indícios na pessoa d'ElRey, que foi disso curado, temendo Badur que o pai o quizesse prender, fugio, levando consigo alguns criados que o seguiam. E por mostrar que fazia esta ida por alguns particulares desgostos que tinha de seu pai, e não temor do que fizera, neste mesmo tempo teve outros requerimentos, e com voz de paixão do máo despacho delles se partio, e foi ter ao Reyno de Chitor, vizinho do de Guzarate, que era de hum Gentio por nome Sanga.

ElRey de Chitor, por Badur ser filho d'ElRey Modafar, o recbeo com muita honra, e gazalhado, e por lhe fazer festa, a noite seguinte de sua chegada teve serão, ao modo que cá na Europa costumam os
 Prin-

Principes, e Reys. E vindo a bailar certas moças, que segundo o ellas fazem naquellas partes com destreza, parecem volteadores, gabou Badur a hum homem dos nobres do Reyno que estava junto delle o bailar, e soltura dellas. O qual em modo de desprezo disse contra Badur: *Pois aquellas moças, que vós alli vedes, são filhas de homens nobres de vosso Reyno Guzarate, as quaes nós cativámos quando tivemos guerra comvosco, e ElRey Nosso Senhor as mandou ensinar a bailar para seu gosto.* Mas Badur por estas palavras lhe parecer que se diziam em sua injúria, levou de hum punhal que trazia na cinta, e deo duas punhaladas áquelle Fidalgo, de que logo ficou morto. E Badur tambem o fora per mãos dos parentes do morto, se a Rainha Crementij mulher d'ElRey o não defendêra delles, e d'ElRey, que o queria mandar castigar. E sobre o livrar daquelle perigo, o mandou secretamente com guarda pôr em salvo fóra do Reyno do Delij, o que lhe elle depois mal pagou, como adiante diremos.

CAPITULO V.

Como Badur se fez Calandar, e da maneira, e costumes daquella religião; e como sabendo da morte de seu pai, e da d'El-Rey Escandar que lhe succedeo, veio ao Reyno de Guzarate, e se levantou com elle com morte de seus irmãos, e de outros muitos.

TAnto que Badur se vio fóra do Reyno de Chitor, e da affronta em que foi posto, e em terras estranhas, determinou fazer-se religioso por remedio de vida; e desbaratando tudo o que consigo trazia, e repartindo-o pelos criados, ao modo de homem que entrava em religião de pobreza, tomou habito de Calandar, despedindo-se de todos, dizendo, que deixava o Mundo, e se offerecia todo ao serviço de Deos, e a peregrinar, pedindo esmola por salvar sua alma. Este uso de religião não sómente tem os Mouros, mas tambem os Gentios, e estes tomam este modo de vida mais estreitamente, aos quaes elles chamam Jogues. Os quaes não só desprezam todo o mimo, e delicias de comer, e vestir, mas ainda fazem vida de grande aspereza, e tal, que faz espanto, e move a compaixão, porque andam nus com humas grossas cadeias de

de ferro ao pescoço, e ao redor de si á maneira de cilicio, sómente as partes vergonhosas trazem cubertas com humas pelles, e comem mui miseravelmente. E posto que pareça que cobrem alguma parte de seu corpo por vergonha, tem elles em o mais mui pouca, porque em todas as cousas naturaes ao homem, onde quer que lhe toina vontade, logo obedecem á natureza, sem terem pejo a serem vistos de alguém, dizendo, (como tambem os Filósofos Cynicos * diziam,) que a natureza não faz cousa torpe. São estes na vida huns martyres do demonio, e nas maldades os mesmos demonios; porque como são acreditados em toda a parte, cuidam aquelles povos, que quando fallam com hum destes, fallam com hum Santo, nem se vigiam delles; e porque como homens santos não são buscados, nem os tocam. Nos tempos das guerras elles são os que de Reyno a Reyno levam todas as cartas, e avisos, e os que passam pedraria furtada aos direitos dos portos. E posto que estas cousas, e outras peiores se saibam delles,

a Antisthenes Atheniense Filosofo Socratico do principio á seita Cynica, assi chamada da escola Cynofarge, humma de tres que havia fóra de Athenas, no qual ensinava Antisthenes, como Platão, e Aristoteles nas outras duas Academia, e Lyceo. Foi Antisthenes mestre de Diogenes Cynico, e de outros Filósofos que seguiram a sua seita. Escreveo dez livros de varias materias, como refere Lactio na sua vida, liv. 6.

les, tem para si, quem lhes fizer mal, que fica excomungado, e perdido do corpo, e da alma. A parte onde se acha mais número destes he no Reyno do Delij, porque he como hum centro daquellas Provincias de Asia, aonde concorrem de todas as nações, e muitas vezes andam em humia companhia mais de dous mil, os quaes, posto que sejam de differentes linguas, com a conversação que huus com outros tem nestas suas peregrinações, que he hum dos votos de sua regra, todos se entendem. Não entram nas Cidades; mas ao modo dos Cyganos, que andam nesta parte de Europa, pousam fóra do povoado, e alli lhe traz a gente do povo sua esmola. E quando assi anda grande número delles, elegem hum a que obedecem á maneira que os Cyganos fazem a seu Conde. Cada hum destes traz humia corneta, principalmente quando andam sós, a qual tangem em chegando ao povoado, para que se saiba que está alli, e lhe trazerem de comer, e esmola.

Andando assi Badur neste habito de Calandar nas terras do Reyno do Delij, teve novas como seu pai Soltam Modafar era falecido; e sem mais esperar outra cousa, naquelle mesmo habito se veio ao Reyno do Guzarate, onde tambem soube da morte de Soltam Escandar seu irmão, que suc-

ce-

cedêra a seu pai, e a maneira della, e que o Governador do Reyno Madre Maluco levantára por Rey a Mahamud Chan seu irmão mais moço, menino de pouca idade: e assi soube como Latifá Chan legitimo herdeiro do Reyno, por ser o segundo genito, era vindo com gente grossa do Reyno do Mandou, onde era casado, para se apoderar do Reyno de seu pai, que de direito era seu, e depôr o menino, que o Governador mal levantára. E porque este irmão Latifá Chan caminhava para Champanel a se apoderar do thesouro de seu pai, Badur desceo para as fraldas do mar, para se metter nas Cidades de Surat, e Reiner, onde tinha dous mercadores grossos ambos irmãos grandes seus amigos, aos quaes creveo do caminho, que secretamente, sem Destar Chan Capitão daquellas Cidades o saber, (porque fora na morte de seu irmão Escandar,) lhe fizessem a mais gente que pudessem a soldo, e que em quanto levantassem, elle pelo caminho per onde fosse com o seu nome iria ajuntando alguma. Final-

a Escreve Diogo do Couto, que Badur (a que elle chama Bador) era o primogenito d'ElRey Modafur, o qual por querer dar o Reyno ao filho segundo, mostrava má vontade a Badur, pelo que elle se fizera Calandár, ausentando-se do Reyno. E o que aqui diz João de Barros de Latifá Chan, que com soccorro d'ElRey de Mandou veio a pertender o Reyno do Guzarate, Diogo do Couto refere de Badur. Cap. 1. liv. 7.

nalmente Badur entrou na Cidade de Reiner per industria dos dous irmãos , e com o poder , e favor da gente que lhe tinham junta foi levantado por Rey.

A nova deste levantamento foi logo ter á noticia dos outros seus irmãos , que os metteo , e a toda a gente em grande confusão , não sabendo a qual das partes acudissem , principalmente Destar Chan , que estava fóra das Cidades. Este parecendo-lhe que grangeava Badur , lhe foi beijar a mão ; mas nelle começou Badur de encetar com morte a nobreza daquelle Reyno , mandando-o logo matar , com titulo de traidor a seu irmão , dizendo , que fora participante no conselho de sua morte. Isto dizia o pregação ; mas a causa era por lhe tomar toda a fazenda , como tomou. E por se acreditar com a gente , e mover a todos que o seguissem , logo alli galardou aos dous irmãos que o ajudáram : Ao que se chamava Naitia deo aquellas duas Cidades de Reiner , e Surat ; e ao outro seu irmão chamado Coje Babú fez Veedor de sua fazenda , que era grande cargo.

Partio-se logo Badur em busca de seu irmão Latifá Chan , mandando diante muitas cartas aos Capitães que com elle andavam , prometendo-lhe grandes mercês se o deixassem , e se viessem para elle. E como

a for-

a fortuna as mais das vezes nos primeiros amores que tem com a pessoa que quer levantar a grande estado, lhe faz a entrada leve, e despejada de todos os inconvenientes, assi ordenou as cousas de Badur, que venceo ao irmão em huma batalha que lhe deo, ficando desamparado de todos os seus; e foi achado morto sem ferida alguma entre dez, ou doze homens, que lealmente o seguiam, e dizem que morreo de abafado das armas, por ser homem mui grosso. Daqui foi Badur á Cidade de Champanel, onde se lhe entregou o Governador Madre Maluco com o menino Mamud que levantára por Rey, e outros dous irmãos tambem de Badur, a qual entrega elle fez de si; e daquelles Infantes, com grandes seguros jurados por Badur, per os ossos de seu pai, e per o Moçafó de sua lei, que lhes não faria mal; mas a fim de sua verdade foi dissimular alguns dias com Madre Maluco, por lhe acolher a fazenda. E no tempo que elle estava com menos suspeita, e mais favorecido de Badur, o prendeo, e mandou esfollar vivo, o qual dizem que esteve inteiro fallando sempre té lhe chegarem ao embigo, e lhe foi tomada toda a fazenda. Dahi a poucos dias mandou vir ante si os tres Infantes seus irmãos, e per sua

pro-
 Succedeo isto no anno de 1525. Diogo do Couto.

propria mão degollou o Mamud, que era levantado por Rey, sendo criança, que ainda não sabia fahir dos braços de sua ama, e assi degollou os outros dous irmãos por lhe dizerem, porque tingia as mãos em seu proprio sangue, sendo aquelle seu irmão menino innocente em idade, e em culpa.

C A P I T U L O VI.

Como ElRey Badur determinou de matar todos os que em tempo de seu pai o tinham offendido, e entre elles a Melique Saca Capitão de Dio; e da manha que elle usou para lhe escapar: e como naquelles dias veio a Dio humando de Francezes que partira de França, de que era Capitão, e Piloto hum Portuguez.

O Bedecido Badur por Rey daquelles Senhores, e gente que tinha consigo, e rico com os thesouros de seu pai, começou logo a entender no modo que havia de ter para matar assi áquelles a que tinha odio antes que fugisse de casa de seu pai, e a áquelles, que em sua vinda lhe foram causa de algum impedimento, como os que foram na morte d'ElRey Escandar seu irmão, assi per suas pessoas, como per seu conselho; e isto mais por lhe tomar o seu, que por lhe doer a morte de seu irmão. Em Meli-
que

que Saca Capitão de Dio, filho de Melique Az, concorriam todas estas causas de odio, assi por os modos que teve em peitar, para que Soltam Modafar não desse aquelle Estado de Dio a elle Badur (como dissemos;) como por lhe não emprestar algum dinheiro que lhe elle pedio, e ser mui rico, e hum dos principaes authores que urdiram a morte d'ElRey Escandar. Polo que para effectuar este desejo, Badur o mandou chamar, como a homem dos principaes do Reyno, a quem ainda não tinha visto, para lhe beijar a mão, e o reconhecer por Senhor a seu modo, fingindo tambem que a causa principal porque o chamava era ter sabido quanto danno as Armadas dos Portuguezes faziam por toda a costa de seu Reyno, e querer consultar com elle o modo que se teria para aquella defensão. Melique Saca além de estar avisado pelas mortes daquelles que ElRey matava com voz que foram authores da morte de seu irmão, em que elle se achava culpado, temia muito ir ante ElRey, porque secretamente lhe mandaram cartas de aviso, que sua vida não seria mais que té chegar a ElRey, e que por isso olhasse por si. E como elle era homem sagaz, e criado nas manhas de seu pai, que comnoceo fazia ás vezes seus negocios ante ElRey Modafar seu Senhor,

usou.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

usou tambem destas artes , escusando-se a Soltan Badur com nossas Armadas , que andavam naquelle tempo pela costa de Cambaya , e que se não atrevia deixar Dio a risco de o tomarmos em quanto elle fosse ausente. ElRey , que não era menos malicioso que elle , e incitado do odio que lhe tinha , apertava-o mais que fosse , e deixasse algum homem de recado por Capitão em quanto o lá detivesse. Quando Melique Saca se vio tão apertado , mandou chamar a Eitor da Silveira , que o entreteve em Dio , como atrás escrevemos^a , a fim de se desculpar a ElRey , e fazer-lhe crer a necessidade que havia de sua pessoa em Dio^b. Mas como ElRey per outra parte sabia ser elle o mesmo author de os nossos irem a Dio , e o modo que tinha com elles , apertou-o tanto , que elle se determinou em fugir para Jaquete.

Es-

^a No cap. 5. do liv. 1.

^b Diogo do Couto escreve , que a tenção de Melique Saca foy de entregar com effeito a fortaleza de Dio aos Portuguezes , de que Agá Mahamud seu parente o dissuadiu , desconfiando da verdade , e se de Eitor da Silveira , que tendo-o em seu poder , com a cubiza do thesouro que tinha , o prenderia , e assi ficaria sem fortaleza , sem fazenda , e sem liberdade ; o que este Mouro trouxe maliciosamente , para lhe ficar o governo da Cidade , a qual diz Couto , que lhe deo Badur vindo a Dio em busca de Melique Saca , que ja era fugido para Jaquete. Dec. 4. liv. 1. cap. 8. e Fernão Lopes de Castanheda liv. 7. cap. 6. 7. e 13.

Esta he huma Cidade , que está em hum cabo assi chamado por causa de hum antigo , e sumptuoso templo de Gentios , o mais célebre daquellas partes , onde começa a outra enseada , que por causa do mesmo templo se chama de seu nome de Jaquete , a qual enseada he assi penetrante na terra com hum cotovello como a de Cambaya ; e se esta tem os perigos do grande macareo que nella ha , com que muitas náos ou ficam em secco , ou soçobram com a soberba da agua , que entra do mar a encher o que vasou ; assi a de Jaquete tem grande número de Ilhas de arêas levadas da agua que se mudam , a que os navegantes chamam alfaques , com as cheias do grande rio Indo , e de outros que descarregam suas aguas nella. Nesta parte esperava Melique de se salvar por duas razões : a huma por ser perigosa a navegação per aquelle mar , e per terra não poder ir ElRey lá , por as grandes montanhas que lhe era necessario atravessar , que são dos Resbutos , com que aquelle Reyno de Cambaya tem contínua guerra a outra razão , por ser elle casado com huma filha de Lacazamo ; Senhor da Comarca de Cache , Resbuto de nação , que está no interior da enseada que dissemos , e homem poderoso entre aquella gente , onde esperava achar favor.

Tom. IV. P. I.

Oo

N I M E N S A
N A C I O N A L

Determinado Melique em effectuar sua partida, mandou passar muita artilheria que estava na Cidade ás náos em que esperava de fugir, e assi proveo toda a fustalha do necessario, como que havia de pelear com nossa Armada, se nós quizeffemos commetter entrar no porto, com fundamento de não sómente levar sua pessoa, familia, e fazenda, mas ainda todos os principaes mercadores, que alli residiam, per vontade, ou per força, para com elles ennobrecer a povoação, e fazer della outra escala tão principal como Dio, por o sitio em que estava. A principal pessoa, com que Melique Saca tinha communicado este seu proposito era Agá Mahamud, aquelle seu Capitão das fustas que muito perseguio os nossos em Chaul, quando faziam a fortaleza^a; porque além de ser homem de sua pessoa, e prudente, tinha nelle confiança que lhe manteria segredo. E porque esta mudança se não entendesse, nem menos no embarcar fosse sentido, foi-se Melique a huma quintã sua, que he na terra firme da Ilha de Dio obra de cinco milhas, além da Villa que chamam dos Rumes, que he hum arrabalde da Cidade, entre a qual, e o arrabalde se mette o braço da agua salgada, que faz a terra

^a Como escreve João de Barros nos cap. 8. 9. 10. da Dec. 3.

ra ficar em Ilha. Nesta quintã tinha elle sua mulher, e seu filho, e fazenda; e mandando diante alguns navios com dissimulação, por não arrancar com tanta familia, nelles mandou a mulher, e parte da fazenda. E a noite em que esperava de se acolher, mandou a Agá Mahamud, que fizesse grande revolta na Cidade, dizendo que vinha nossa Armada para a tomar; e que no alvoroço de todos acudirem aos lugares de defença, elle acudiria tambem da quintã aquella ante manhã, como quem se vinha metter dentro, e ao passar do rio se embarcaria, e daria á véla caminho de Jaquete.

Agá Mahamud lançando outras contas, fez-se em outro bordo, e deo conta a certos Capitães Arabios, e outros que serviam a Melique; e examinado bem o negocio, assentáram de não consentir al Melique que se embarcasse, nem entrasse na Cidade, e estivessem levantados com voz de Soltan Badur, té saber delle o que mandava. E começaram pelo proprio ardil de Melique, de noite com tambor, e grandes gritas, dizendo, que vinha a Armada dos Portuguezes, e despejaram muita artilheria que estava nas náos, e navios que Melique queria levar, e a puzeram no muro, com outras munições que haviam mister para defensão da Cidade. Melique foi logo avisado dos

Oo ii

seus
N I M I R E N S A
N A C I O N A L

feus da grande revolta que havia nella, dizendo que vinham os Portuguezes; que acudisse; e como elle tinha cuidado o ardil daquella revolta, pareceo-lhe que o fazia Agá Mahamud polo seu mandado, e todo seu trabalho era mandar carregar suas carretas com o fato, dizendo que o queria recolher na Cidade antes que nós chegassemos. Vindo elle, em rompendo a alva, para embarcar seu fato, a gente, que já estava appellidada por parte de Agá Mahamud, tanto que o vio á borda da agua, começaram de lhe tirar ás fréchadas, e espingardadas, com grandes apupadas, chamando-lhe traidor, que queria dar a Cidade aos Portuguezes, com mil doctos, quaes a gente popular junta soe soltar em semelhantes mudanças de tempos.

Quando Melique se vio assi sobrefaltado, não sómente desesperou de se poder embarcar, por lhe terem tomada a embarcação, mas ainda temeo perder a vida, parecendo-lhe, que tão grande cousa, como aquella, não podia vir de Agá Mahamud, senão industriada de algum Capitão por mandado d'ElRey, que lhe pareceo não poderia muito tardar, que não viesse sobre elle. E pedindo hum pelouro dos que lhe tiraram com a artilheria, o tomou na mão, e disse: *Eu te mandei fazer, e não para*
mi,

mi, senão para meus inimigos; e pois os
 amigos te mandam cá, como final que já
 o não são, eu te levo comigo, como teste-
 munha para alguma hora (se Deos quizer).
 te mostrar a elles, que mal me pagavam
 o bem que lhes fiz. Tornado para sua quin-
 tá, havendo quatro dias que não fazia ou-
 tra cousa, senão carregar, e aperecer-se
 de cavalgadas, e de carretas, para ir per
 terra onde estava seu sogro nos Resbutos,
 veio-lhe nova, que ElRey abalava para vir
 sobre elle, por o recado que lhe mandou
 Agá Mahamud. Melique Saca como a no-
 va o apressou, levando de sua fazenda o mais
 principal, se poz em caminho, em que pas-
 sou allás de trabalho em hum passo junto
 da Cidade de Novanaguer, em que já esta-
 vam dous Capitães d'ElRey, que lhe foram
 atalhar a estrada, onde lhe conveio partir
 o ouro, prata, e joias, que levava pelos
 alforges da gente de cavallo, não esperan-
 do de se poder salvar. Com tudo elle o fez
 de maneira, que rompeo o grande número
 de gente que os Capitães traziam, e mais
 salvou grande parte de sua recovagem dian-
 te de si, o que elle não esperava. Passada
 esta affronta, elle se vio em outra maior,
 porque ElRey o alcançou; mas elle se poz
 á espora lita, dizendo aos seus, que não
 havia de ver o rosto de seu Senhor, nem

levantar arma contra elle; e assi se salvou daquella furia d'ElRey por então.

Em quanto ElRey foi no alcanço de Melique, Agá Mahamud com os conselheiros deste caso mandaram a grã pressa chamar Melique Tocam irmão de Melique Saca, que estava em Madrefavat, ao qual disseram que lhe entregavam aquella Cidade té ElRey prover, por quanto seu irmão fazia aquella traição que elles não consentiram. ElRey como desesperou de poder haver á mão Melique Saca, veio-se a Dio, e mandou matar como traidores os mais daquelles principaes, que foram no conselho de se levantar contra elle, e de todo esteve julgado á morte Agá Mahamud por ser author d'isso, se o não defendéram alguns Capitães privados d'ElRey. E tambem por rogo de Codamo Chan, que era o principal do Reyno, que tinha o sello, como ácerca de nós o Escrivão da Puridade, deixou Badur de matar a Melique Tocam com peçonha secreta, dizendo que o merecia por accceitar a capitania da Cidade de mão dos traidores. Com tudo elle o levou consigo, e assi a Agá Mahamud para Champanel como prezos. Tambem levou quantos Rumes havia na Cidade, por se não fiar d'elles, e os mandou pôr em guarda da Serra, da qual era Capitão hum
cha-

chamado Tearchan, e em Dio deixou outro por nome Camalmaluco, homem que elle fez de pouco, por o acompanhar, e servir nos seus princípios.

Havendo poucos dias que ElRey era partido para Champanel, na entrada de Julho do anno de 1527 chegou ao porto de Dio huma não Franceza, que se armára no porto de Diepe^a, de que era Capitão, e Piloto hum Estevão Dias Brigas de Alcuinha Portuguez, com té quarenta Francezes, o qual por travessuras que tinha feitas neste Reyno, se lançou em França para commetter esta maldade, que lhe custou a vida. Porque depois de lhe dar o Capitão de Dio seguro para alli fazerem seu commercio, os prendeo a todos, e os mandou a ElRey a Champanel, parte dos quacs se fizeram Mouros, e o Estevão Dias acabou mal, como tambem acabáram os Francezes.

CA-

a As ndos Francezas foram tres. Huma aportou na Ilha de S. Lourenço, da qual era o Francez que nella achou Diogo da Fonseca, como se disse no cap. 2. do liv. 3. Outra era esta, de que trata aqui João de Barros. E da outra era Capitão, e Piloto hum Portuguez natural de Villa do Conde, que se chamava o Rosado, a qual não se perdeu em huma Bahía da costa Occidental da Ilha Comatra, perto de Panaujú Cidade do Rey dos Hutas, que houve desta nda alguma artilheria, com que foi pelear com ElRey de Achem no anno de 1539. Fernão Mendes Pinto no livro das suas peregrinações, cap. 16. e 20.

CAPITULO VII.

Da embaixada, que Babor Patxiah Rey do Delij mandou a ElRey de Cambaya, o qual armando gente contra elle, foi contra o Nizamaluco: e como mandou esfollar huns Collijs, e da vingança que elles a isso tomáram.

Tornado Soltam Badur a Champanel da viagem que fez a Dio, vieram-lhe alli Embaixadores de Babor Patxiah Rey dos Mogoles, e do Reyno do Delij. A substancia de sua embaixada era, que por quanto aquelle Reyno do Delij, de que elle era Senhor, fora antigamente a cabeça do Imperio de todo o Indostan; e todos os Estados, que nelle ha, eram governados per Capitães do mesmo Imperio, os quaes em tempos passados, com infortunios, e guerras que aquelle Imperio teve, se rebelláram contra elle, e se intituláram por Reys, sendo vassallos, elle Babor Patxiah queria tornar restituir áquelle Imperio o poder, e jurisdicção que tinha em todos aquelles Estados, como verdadeiro Senhor que era delles. E porque o Reyno do Guzarat, de que elle Badur se chamava Rey, era hum dos principaes, e mais vizinho a elle Babor, lhe mandava dizer, que tomasse a sua di-

divisa, e na Mesquita fosse o seu nome cantado em sinal de obediencia, e vassallagem. Soltam Badur como era homem affomado, e tão soberbo, que lhe parecia ser mais digno daquellas cousas, que Babot pedia delle, quizera logo mandar matar aos Embaixadores, se seus Capitães lho não estorváram. Polo que lhes respondeo, que dissessem a quem os mandava, que ante de muito tempo esperava de lhe dar a resposta dentro do Reyno do Delij. E com isto os despedio, ficando tão indignado da soberba do Patxiah, que logo mandou fazer grandes apercebimentos, que foram cem mil homens de cavallo, e quatrocentos Elefantes, e grande somma de artilheria.

Estando para partir contra o Delij, lhe mandou pedir Madre Maluco, hum dos Capitães do Reyno do Decan, o soccorresse contra o Nizamaluco seu vizinho, que lhe tinha tomada a Cidade de Doltabad, cabeça de seu Estado, e pertendia conquistar-lhe o restante d'elle. E que por este beneficio se queria fazer seu vassallo. ElRey Badur deixando para outro tempo a jornada contra o Delij, se foi á Cidade de Doltabad, de que o Nizamaluco se apoderára, e esteve em cerco sobre ella tres mezes, té que a tomou, nos quacs aos 5 de Outubro daquelle anno, que foi o 1528, choveo pedra

tão

tão grossa como laranjas, que lhe matou muita gente, e cavallos, e té elefantes, porque lhe conveio tornar-se sem fazer mais, com tamanho apparatus como levou, que restituir a Madre Maluco aquella Cidade que tinha perdida.^a

Tornado Badur a Champanel com perda de outra muita gente que lhe morreo no caminho, por ser tempo de inverno, acertou a ver na casa, onde se arrecadavam seus direitos naquella Cidade, certos homens, que eram Gentios, e do Reyno dos Collijs, que fica entre o Reyno de Mandou, e Champanel, os quaes tambem arrecadavam direitos para seu Rey. E posto que elle sabia bem a causa por que alli vinham pedir, e cobrar aquelles direitos, fez que não sabia parte disso, e perguntou que direitos eram aquelles, que se davam de sua fazenda áquelles Gentios? Respondêram-lhe, que havia muitos annos que os tinham, e a causa era, porque havendo entre o Reyno dos Collijs, e aquella Cidade de Champanel guerra, era mui perseguida delles, por lhes virem todos os annos a queimar os pães, e as mais novidades. E que vendo El Rey seu bisavô, que era menos mal dar-lhes alguma cousa por anno, que a perda que o povo daquella Cidade recebia, houve entre elles

a. Desta guerra se escreveu no cap. 14. do liv 2.

concerto, que lhes pagassem em cada hum anno a quarta parte do rendimento daquella Cidade, e que isto era o que aquelles homens alli arrecadavam. Soltam Badur, que era homem sem nenhum discurso no que fazia, mandou prender aquelles Gentes; e porque se não quizeram tornar Mouros, os mandou esfollar vivos, dizendo, que aquelle era o tributo que de Champanel haviam de levar os Collijs. Sabido este feito pelo Rey daquella gente; mandou hum noite dar em hum lugar cinco leguas de Champanel, e tomáram d'elle cincoenta pessoas, que mandou esfollar vivos, e ficaram pendurados cada hum em seu páo como carneiros. Em vingança foi Soltam Badur sobre aquelle Reyno, e por ser já no inverno, sem fazer cousa alguma, se veio com determinação de tornar sobre elle como viesse o verão.

Mas sobreveio cousa que o impedio, e foi, que hum Senhor do Reyno do Decan chamado Baainane o mandou chamar para lhe entregar duas fortalezas, e muita fazenda, que tinha em seu poder do Nizamaluco, por agravos que lhe fizera. Polo que em o mez de Setembro do anno de 1529 partio El Rey Badur de Champanel com setenta mil de cavallo, e duzentos mil de pé, dos quaes lhe morrêram dous mil na passagem

gem do rio de Baroche, e ássi outros muitos de pedra que choveo, e de frio por causa das neves. E primeiro que entrasse nas terras do Nizamaluco, combateo huma Serra mui aspera, onde estava hum Gentio chamado Largiz, homem poderoso, e tributario do Nizamaluco. O qual vendo o grande poder de Badur, se entregou a elle; mas mais se entregou Badur a humã irmã de Largiz, de que se namorou tanto que a tomou por mulher, e aquella foi a primeira que recebeo, e logo dalli a mandou mui acompanhada á Cidade de Champanel. Proseguindo seu caminho, poz cerco á Cidade Patarij, que era tão forte, que a não pode tomar, (a qual fora do Madre Maluco, e o Nizamaluco lha tinha tomada,) polo que se determinou em ir destruindo as terras chans do Nizamaluco, antes que deter-se em cercar Cidades, e fortalezas. Tanto que chegou ás terras do Hidalchan, com quem tinha amizade, mandou arvorar humã frêcha, segundo seu costume, para que fosse notorio a todos, que não haviam de fazer mal, nem damno a cousa do Hidalchan.

Sabendo o Nizamaluco do estrago que Soltam Badur hia fazendo, não lhe quiz ir ao encontro; temendo o grande poder que levava; mas chamandô em sua ajuda o Verido, que he outro Capitão dos do Rey-

no

no de Decan, foi-se caminho das terras de Emir Mahamed Xiah, sobrinho do Soltam Badur, por ser vizinho a ellas. Badur quando soube desta sua ida, partio seu exercito em duas partes, e deo a seu sobrinho trinta mil de cavallo, e elle ficou com o mais, mandando-lhe que acudisse a suas terras. E acertou, que vindo o Verido defavindo do Nizamaluco, sobre o modo que haviam de ter naquella guerra, e tornando-se para seu Estado, veio a se encontrar com Emir Mahamed Xiah que o hia buscar. Verido, posto que seu exercito era mui desigual, porque não levava mais que cinco mil de cavallo, e doze mil de pé, era tão esforçado, e a sua gente tal, que accommetteo o arraial de Mahamed, passando para isso hum rio a vão, e não se contentou senão com lhe ir cortar as cordas das tendas. Com o subito impeto deste inimigo se víram os Guzarates tão embaraçados, que se começaram de desbaratar. E houvera o Verido de fazer grande estrago nelles, senão usáram de huma estratagemma, que foi, levantar hum sombreiro de pé, o qual ninguem pôde trazer senão a pessoa d'ElRey, para darem a entender que era vindo Soltam Badur em seu soccorro. E assi tanto que aquella insignia appareceo, os Guzarates, que não sabiam do caso, cobráram animo, e o que

era fingido ficou sendo verdade ; porque naquella conjunção veio ElRey, que fez a Verido recolher-se, dizendo, que não havia de levantar arma, onde estivesse a pessoa d'ElRey. Porém com todo seu animo perdeu alli sua bandeira, e quatrocentos de cavallo, que eram a flor de sua gente, e elle matou grande número de Guzarates; e se não perdêra a bandeira, e se não retirára por reverencia d'ElRey, ficára com a vitoria. Mas elle o fez na peleja tão esforçadamente, e com tanta prudencia, e mostras da disciplina militar, que desejou Soltam Badur de o ter por amigo, e lhe escreveu, que o quizesse ser, e per cartas ficaram grandes amigos, recolhendo-se cada hum para seu estado.

Desta ida deixou Soltam Badur tres Capitães com doze mil homens de cavallo sobre as terras do Nizamaluco, que eram vizinhas de Chaul, onde tinhamos nossa fortaleza. Alli andavam estes fazendo guerra, e eram aquelles, com quem Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul teve o recontro que atrás dissemos^a. E por acudirem aos damnos, que Antonio da Silveira fazia na destruição das Cidades de Reiner, e Surat, e das outras povoações daquella enseada, deixáram os Capitães aquella parte de Chaul.

^a No cap. 10. de liv. 4. do successo de Argao.

- Chegado Soltam Badur á Cidade de Champanel , lhe deram nova, que seu irmão Jangri Chan era morto, o qual estava na Cidade de Abmadabad com o Capitão della, que o tinha encuberto, e negado a El-Rey Badur, temendo que o queria matar, como fizera aos outros seus irmãos. E porque Badur entendeu que esta nova era falsa, se foi a Abmadabad, e com peçonha fez matar ao Capitão, tendo-lhe feito juramento de lhe não fazer mal, e a capitania deo a hum privado chamado Carija, que era Senhor de Cambaiet. E o que se fez deste irmão d'ElRey, e de outro per nome Chande Chan, a quem de direito pertencia o Reyno de Cambaya, que neste tempo estava no Reyno do Mandou, por ser casado com humna filha d'ElRey, dissemos atrás.^a

C A P I T U L O VIII.

Como Babor Patxiah Rey dos Mogoles, indo para fazer guerra a ElRey de Cambaya, lhe sabio ao caminho ElRey de Chitor; e da batalha que ambos tiveram.

Neste tempo Babor Patxiah Rey dos Mogoles, e do Delij, por causa da re-

^a No cap. 17. do liv. 4. no qual se escreveu que hum destes irmãos de Badur foi morto, e o outro levado a Gon.

resposta que Soltam Badur deo á sua embaixada, com grande exercito abalou do Delij, com tenção de entrar nas terras do Guzarate. Mas esta determinação lhe foi impedida por lhe fahir ao caninho ElRey de Chitor, que he hum dos tres mais poderosos Principes daquellas partes. A este por excellencia os Resbutos chamam Sanga, que entre elles quer dizer Emperador; e os outros dous Principes são o Çamorij no Malavar, e ElRey de Bisnagá no Canará, os quaes tem a mesma dignidade Imperial. O Sanga dizem que pôde pôr em campo duzentos mil homens de cavallo; e se he verdade o que se diz de seu Estado, que tem cento e cincoenta mil povoações de cincoenta vizinhos para cima, não se haverá por muito ter duzentos mil de cavallo. Este veio ao encontro de Babor Patxiah, por saber que para ir ao Reyno do Guzarate forçadamente havia de atravessar grão parte do seu Reyno de Chitor. Nesta resistencia houve entre ambos os exercitos huma mui cruel batalha, em que de huma parte, e outra morreo muita gente; della ficou o Mogol tão affrontado, por cuidar que não acharia naquella gente tanto animo, que se recolhio a seu Reyno a se refazer, para commetter a passagem com mais poder, como fez.

O

O Sanga como soube que Babor se apercebia para tornar, o escreveu a Soltam Badur, o qual como sabia que Babor não pretendia mais das terras do Sanga, que a passagem para entrar nas suas, por causa dos messagens, que entre elles eram passados; mandou huma somma de dinheiro ao mesmo Sanga para ajuda daquella resistencia, porque por o esforço da sua gente sabia ser elle mui poderoso. Tanto que o Sanga se fez prestes, não quiz esperar em suas terras aos Mogoles, mas com cem mil de cavallo os foi buscar além da Cidade de Chader no fim do Reyno do Mandou, que os Mogoles lhe já tinham tomada. E antes de se encontrar com elles, por ser homem de idade, com o trabalho daquella jornada fallecco. Morto elle, não deixáram por isso seus Capitães de seguir seu caminho em busca dos Mogoles; e para os governar, elegêram hum, que era o mais principal vassallo do Sanga, que chamavam Salahedin, que era Senhor de hum Estado que chamam Raosinga, ou segundo outros Raosina, e punha em campo vinte mil homens de cavallo. Chegado Salahedin aos Mogoles, romperam suas batalhas, em que cada huma das partes perdeu muita gente, assi de pé, como de cavallo. E por os Mogoles trazerem menos gente da que era a dos Resbutos,

Tom. IV. P. I.

Pp

com

N I M P R E N S I A
N A C I O N A L

com a grande quebra que houveram, não quizeram ir mais avante. Nesta batalha dizem que o Salahedin foi prezo; e outros, que elle se cartou com Babor Patxiah, e que na revolta da peleja se lançou com elle. Em fim elle se fez Mouro, e ficou em serviço do Babor, que lhe deo muito dinheiro por o ter de sua mão, por suas terras serem a entrada para vir ao Reyno do Mandou, per onde elle determinava de accometter a entrada para o Guzarate, e não per Chitor.

Tornando Babor para o Delij, o Salahedin se foi para suas terras, e por temer que seu povo o não receberia por Senhor, por se ter feito Mouro, se tornou ao estado do Genticio; e a cerimonia que nisto tem, he esta. Este Genticio tem a vacca por cousa santa, e por isso não comem a carne della, nem a matam, e as mais das suas ceremonias fazem com a ourina, ou esterco della; e quando se querem tornar ao estado de Genticio, por haverem acceptado alguma

OII-

a Como per todo Oriente seja comum o sonho Pythagorico da trespassação das almas a varios corpos de brutos animaes, hũa das causas, por que as vaccas são tão respeitadas daquella Gentilidade, he, por haverem que no corpo desta animalia fica hũa alma melhor agasalhada, que em nenhum outro depois que sahe do humano. E osse pães seja maior benaventurança em os tomar a morte com as mãos nos arcos de hũa vacca, esperando que se recolha logo a alma nella.

outra feita , mettem huma vacca em huma casa muito limpa , e dam-lhe alli a comer milho ; e tanto que a vacca esterca , tomam aquella bosta , e depois de secca a lavam , e tiram della o milho que fica inteiro , e este desfazem em farinha , e della fazem certo número de bolos , os quaes comem em modo de jejum , e penitencia. Isto fazem per espaço de quarenta dias , e depois se lavam em hum rio de agua corrente com certas ceremonias feitas per seus Bramenes , no fim das quaes ficam no estado do Gentio que de antes tinham.

C A P I T U L O IX.

Como Soltam Badur com seu exercito foi contra ElRey Mamud de Mandou , e o venceu , e matou já cativo ; e encontrando no caminho o novo Sanga de Chitor , fez com elle alianças , e o que passou com Salahedin.

SEndo acabado o inverno , perque assi os Mogoles , como os Resbutos se recolhêram a suas terras , Soltam Badur ajuntou hum grande exercito , e caminhou contra Baguer , que he hum Senhorio de Gentios Resbutos , que jaz da banda da Cidade de Abinadabad contra o Reyno de Chitor , na qual ida não fez cousa alguma de substan-

cia, sómente algumas escaramuças com os Gentios da terra, que o vinham affrontar, e se tornáram logo á Serra. E porque entre aquella grande Serrania havia hum passo estreito, perque os Mogoles podiam entrar, com o grande poder de gente que levava, fez alli huma fortaleza, em que se deteve tres mezes. Acabada a obra, lançou fama que se hia para seu Reyno de Cambaya, e caminhou para o Reyno de Mandou; e encontrando-se com o novo Sanga de Chitor, (que então succedêra a seu pai, elcito pelos Resbutos por seu Emperador, passada a batalha que tiveram com os Mogoles, de que atrás fizemos menção, o qual hia caminho da Cidade de Chanderij, que lhe os Mogoles tinham tomada,) houve entre elles vistas, e novas allianças, por causa dos Mogoles inimigos communs de ambos, e se deo hum a outro muitos presentes, e peças ricas em sinal de amizade, e principalmente dinheiro, que Soltam Badur deo ao Sanga para ajuda da defensão, que havia de fazer contra os Mogoles por não entrarem pelas terras de Chitor. E porque Soltam Badur deo conta ao Sanga como hia sobre as terras delRey Mamud de Mandou, em sinal de amizade, mandou o Sanga em sua companhia a Salahedin seu vassallo, (que estava com elle reconcilia-

do,)

do,) com alguma gente, e elle se foi seu caminho para Chanderij. Mas o Salahedin naquella jornada, como vio tempo, fugio ao Badur, e foi-se para ElRey Mamud do Mandou, mostrando que o hia ajudar contra Badur. ElRey o recebeu mui bem; mas foi para mais sua destruição; porque por meio do Salahedin muitos Capitães do Mamud se rebelláram contra elle, lançando-se com Salahedin na Serra do Mandou, que per sua aspereza se não pôde entrar^a. Mas Badur corrompeo com dinheiro aquelles Capitães, e fez que lhe abrissem as portas da entrada da Serra. Acudindo ElRey Mamud a esta entrada, huns Capitães seus, que estavam em outro passo vizinho, nos quaes houve mais lealdade que nos outros, entretiveram a gente de Badur tanto espaço, que ElRey Mamud teve tempo para se acolher a seus paços, que eram no alto da Serra, a ordenar algumas cousas, pois não tinha outro remedio contra tão poderoso inimigo;

a Esta Serra rodea sete leguas, e tem meia de altura. A Cidade está situada no mais alto della, e na qual está cortada ao picão a entrada da Cidade. Nella tinham os Reys huns paços mui grandes com huma horta do tamanho de huma boa Villa, e dentro della tres grandes tanques de agua com bargantijys para sua recreação, no cabo atrebarias com dez mil cavallos. Antes de chegar a estes paços, se havia de passar por tres fortalezas, que guardavam Capitães com muitos soldados. Fernão Lopes de Castanheda cap. 97. do liv. 8.

go ; e chamados seus filhos , mandou-lhes que se puzessem em salvo , porque elle em sua pessoa queria fazer a experiencia da verdade , ou traição de Badur. Mas nenhum de seus filhos o quiz fazer , sómente Chan de Chan seu genro , irmão do Badur , por o perigo que corria de morte , se acolheu por detrás da Serra com algum dinheiro que lhe o sogro deo , o qual se foi para o Reyno do Decan. Tambem se foi para o Reyno do Delij hum sobrinho de Mamud , que alguns dizem que era seu filho. Postos estes em salvo , chegou ás portas do paço d'ElRey hum Senhor do Guzarate chamado Cancaná , e após este chegou outro por nome Cadamo Chan , homem de muita authoridade , e que muito tempo fora Governador do mesmo Guzarate ; os quaes com palavras , e promessas juradas assi movêram ao Mamud , que deo a entrada ao Badur. Mas elle não cumprio com o que estes da parte de seu Rey promettêram , que era não lhe haver de tomar seu Reyno , mas tornar-lho a entregar , como seu pai d'elle Badur lho entregara já humas vez , quando o tomou ao Sanga passado Rey de Chitor , que o tinha usurpado ao mesmo Mamud ; porque em lugar de cumprir sua promessa , o mandou prender em ferros , e metter em hum andor cerrado , e entregar a hum seu

Ca-

Capitão chamado Dacaso Chan, com voz que o levasse a Champanel; e no caminho se fez per ordem d'ElRey Badur hum arroido feitiço, e dentro no andor matáram a ElRey Mamud ás estocadas. Os filhos foram tambem levados prezos á Serra de Champanel, e mettidos em tal parte, que mais era para os matar, que para os ter em guarda, sendo moços innocentes. A mulher deo a hum seu privado chamado Miao Chan, e de tres filhas que tinha, elle tomou a maior, outra deo a seu sobrinho Emir Mahamed Xiah, e a outra a outro.

Feito Soltam Badur Senhor de todo o Reyno do Mandou, lhe vieram dar a obediencia todos os Principes do Reyno; e logo começou dar o pago aos Capitães d'ElRey Mamud por a traição que contra seu Senhor commettêram; porque metteo entre dous mais principaes tal zizania, que hum matou ao outro, e elle mandou degollar ao matador, mostrando que fazia d'elle justiça por se mostrar Rey justo; e per outros modos, e artificios, por cumprir com sua má inclinação, a todos castigou com morte. Ao Salahedin, porque foi o que ordio a traição dos Capitães, mandou-lhe dar todo o thesouro que se achou d'ElRey, que eram quinze colores, que valem de nossa moeda tres contos de ouro. Mas como Salahedin

não era menõs malicioso que ElRey, e entendeo que aquillo era para o segurar, dissimulou com elle, e pedio-lhe licença para mandar seu filho herdeiro chamado Botiparao ao Reyno de Chitor a casar com huma irmã do Sanga, dando-lhe entender que era para elle Badur fazer suas cousas naquelle Reyno mais levemente, tendo seu filho tanta razão nelle, como era ser casado com huma irmã d'ElRey. Havida esta licença, e posto o filho em salvo com grande apparato de noivo, para melhor encubrir seus intentos, acolheo-se tambem o Salahedin para o Senhorio de Raosinga, que he huma Serra inexpugnavel, onde tinha huma Cidade, assi por sitio, como por arte mui defensavel, que era a cabeça de seu Estado. Badur como era homem astuto, e que em todas suas cousas usava de artificio, e manha, não mostrou sentimento da ida do Salahedin, antes lançou fama que o havia de deixar por Governador daquelle Reyno do Mandou.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO X.

Como Salahedin por engano do Soltam Badur , vindo ao Reyno de Mandou , foi preso , e Badur se foi a Raosinga em busca de Botiparao , que lhe escapou : e como quiz dar batalha ao Chitor menino irmão do Sanga , com quem tinha feitas lianças , e amizade.

Soltam Badur como esperava tempo per algum engano haver ás mãos o Salahedin , aproveitou-se da occasião que se lhe logo offereceo , e foi andar nova entre os do seu arraial , que os Portuguezes vinham sobre Cambaya. Polo que escreveo ao Salahedin , encommendando-lhe muito que se viesse para Mandou , porque elle tornava a suas terras contra o mar por aquella vinda dos Portuguezes. Salahedin confiado nos mimos das cartas , e vendo que Badur fizera já duas jornadas de caminho para a parte que lhe dizia , ajuntou hum bom exercito , e com elle se veio direito ao Mandou. Mas Badur , que trazia espias sobre elle , lhe furtou a volta , e hum dia amanheceo sobre seu arraial de improviso ; polo que vendo Salahedin que lhe não podia escapar , por lhe serem os caminhos tomados , se entregou a Badur , o qual o fez

Mou-

IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mouro per força, e mandou hum de seus Capitães sobre Raosinga, cuidando que se lhe entregasse. Mas Botiparao filho herdeiro do Salahedin, vendo que fizera Mouro a seu pai, não lhe quiz obedecer, nem menos os seus subditos de Raosinga, que por o mesmo respeito lhe tinham odio.

A este mesmo tempo chegou recado a ElRey Badur, como o Governador Nuno da Cunha com grande Armada hia sobre Dio; com esta nova espedio com grande pressa dous Capitães com muita gente, e munições. Alli lhe veio tambem nova, que o Sanga novo Rey de Chitor, com quem elle, poucos dias havia, assentára grandes amizades nas vistas que tiveram, morrêra naquelle caminho que fazia para Chanderij; e que levantando por Rey hum seu irmão moço de pouca idade, por o qual governava sua mãe a Rainha Crementij, que livrara da morte a Badur, se foram os grandes para suas terras. Per aquelle mesmo tempo era vindo, onde Soltam Badur estava, Tear Chan, homem de muita confiança, e authoridade, que lhe tinha ElRey dado a capitania da Serra de Champanel, que era a mais forte cousa de seu Reyno, onde elle tinha todo seu thesouro, e muitas vezes deixava suas mulheres, quando fazia alguma comprida jornada; ao qual mandou chamar
que

que viesse para elle com gente, porque esperava fazer o que fez com a nova que lhe deram. E foi mandar logo dalli Madre Maluco seu Capitão com doze mil de cavallo a Raosinga per hum caminho, e elle tomou outro menos usado, cuidando que pudesse acolher a Botiparao filho de Salahedin. Mas como elle trazia espias no arraial de Badur, tanto que soube destes seus caminhos, entregou a Serra de Raosinga a hum seu Capitão, e com seu exercito se foi caminho de Chitor. Esta ida fez elle, porque sabia que Badur levava seu pai preso, e que o havia de cercar a elle naquelle Serra; e que se lha não entregasse, como determinava fazer, lhe mataria seu pai ante seus olhos. Mas Soltam Badur como soube do caminho que Botiparao levava, a grande pressa mandou a Madre Maluco seu Capitão que lhe fosse tomar hum passo de aspera montanha per onde elle havia de passar; mas Botiparao era já passado quando elle chegou ao passo.

Soltam Badur, deixada a maior parte de seu exercito em Raosinga, o entregou a Tear Chan, e foi com outra parte delle ao passo, onde estava Madre Maluco; e juntos ambos os exercitos, foi caminho das terras do novo Sanga, moço de poucos annos, mais com tenção de o tentar, se o achava

tão

tão descuidado, e desaperecebido, como lhe diziam que estava, que de o consolar pola morte de seu irmão, e a Rainha Cremen-tij, (a quem elle tinha tanta obrigação,) pola de seu filho. Mas o moço, ainda que não tinha idade para governar, teve-a para defender seu Reyno, vindo a impedir ao Badur que não lhe entrasse nelle com quinze mil de cavallo, governados por mui bons Capitães. Badur trazia dez mil, e duzentos Elefantes, e alguma artilheria. Chegados ambos á vista em parte que lhe ficava huma ribeira no meio, cada hum fortaleceo seu arraial, esperando que viesse a manhã para darem a batalha, a qual não houve effeito por vir recado a Badur, que o Sanga fugira aquella noite, sem ficar no campo mais que humas poucas de tendas velhas, e outras cousas de pouco preço. Huns dizem que o Badur sentio o ardil do Sanga, que se fez fugido para elle Badur o seguir té que cahisse na cilada que lhe tinha armada: outros affirmam, que Badur foi avisado por pessoas que o Sanga trazia no seu conselho, que o avisavam de tudo o que passava. Porque Badur trabalhava muito que lhe custassem as vitorias dinheiro, e não sangue, e nisto gastava grande parte do seu. Finalmente por qualquer causa que fosse, elle não seguiu o caminho que levava, e deixou alli
 em

em hum certo passo ao Madre Maluco com quatro mil de cavallo , como homem que temia virem-lhe dar nas costas , e tornou-se a Raosinga , onde chegou Mustafá , que El-Rey mandou ir de Dio , a que deo o nome de Rume Chan , e fez as mercês que atrás escrevemos ; e para fazer experiencia de sua pessoa , e industria , lhe mandou que combatesse a Cidade com os seus Rumes que levava , e com os Francezes da não do Brigas , de que atrás escrevemos , com oito Portuguezes que andavam no seu arraial. A Cidade estava assentada no alto da Serra , em sitio tão ingrime , e aspero , que ás pedradas se podiam defender os passos porque se entrava nelle , nos quaes havia baluartes com muita artilheria. O primeiro foi entrada pelos Portuguezes ; e o que se delles adjantou foi hum mancebo por nome Francisco Tavares , que na tomada do segundo baluarte matáram , e seus companheiros foram bem feridos. Duráram estes combates quatro mezes , té que ganhando todos os baluartes , ElRey chegou a dar huma bateria á Cidade , com que derribáram hum grande lanço della.

CAPITULO XI.

Como o Soltam Badur tomou a Cidade de Raosinga a partido: e da verdade, e diligencia que usou, para que os vencidos não recebessem offensa: e do valeroso feito de Salahedin, e de suas mulheres.

Não querendo Botiparao esperar em Raosinga ao Soltam Badur, e pôr em perigo seu pai se se defendesse, foi combater huma Cidade notavel de seu Estado, que confinava com o Delij, que hum Rey daquelle Reyno chamado Alamo lhe trazia usurpada, ao qual venceu Botiparao, e cobrou sua Cidade. Alamo em odio de Botiparao, e pertendendo recuperar a mesma Cidade, se veio para Soltam Badur ao tempo que elle estava já em partido com a gente da Cidade de Raosinga, que tivera em cerco. O Badur quando vio hum Principe tão grande, que trazia consigo doze mil de cavallo, que se vinha offerecer para o servir naquella guerra, fez-lhe muita honra; e como era vão, e mui ativo, por mostrar-se magnifico, e grandioso, lhe deo muito dinheiro, cavallos, e grandes atavios, e terras, que lhe rendessem, em quanto andasse com elle.

O

O partido que os da Cidade movêram ao Soltan Badur, foi, depois de não terem polvora, frêchas, e munhões, com que se defendessem, que entregariam a Cidade, com que lhe segurasse as vidas, e fazendas, e a despejaram, por quanto se queriam ir habitar a outras partes, e que os que quizessem ficassem livremente. Feito este concerto, huma ante manhã veio-se a maior parte da gente da Cidade assentar em huma fralda da Serra em modo de arraial, para dalli seguirem seu caminho. E de quão pouca fé Soltan Badur guardou com juramento a outras pessoas, com esta gente, succedendo o negocio contrario á esperança que delle se tinha (como se verá) teve tanta conta em cumprir o que prometteo, que receando que os seus soldados lhe fizessem algum dano, mandou a hum seu sobrinho, que com sua gente estivesse em guarda daquella que se lhe entregava. E porque elle cuidou, que as primeiras pessoas que sahissessem fossem as mulheres, filhos, e familia de Salahedin, que elle trazia prezo consigo, vendo que era já muita gente em baixo, e ellas não desciam, mandou trazer Salahedin ante si, e perguntou-lhe porque não vinham suas mulheres? Ao que elle não soube responder, fômente disse que mandasse lá alguma pessoa que viesse em guarda del-

las, que per ventura com temor de receberem alguma offensa da gente de guerra, não ousavam de vir. Para o que ElRey mandou logo hum privado seu chamado Alicer, que era aquelle Capitão, que perdeu as fustas em tempo de Lopo Vaz de Sampaio ^a, dando-lhe aviso que tivesse grande recado no thesouro de Salahedin; porque como havia pouco tempo que elle havia dado a Salahedin o que tomára a ElRey do Mandou, e mais sabia ser elle muito rico, e que havia grande tempo que enthesourava, parecia-lhe ter alli huma mui grande preza. Chegando Alicer ao muro da Cidade, veio recado das mulheres de Salahedin perque lhe faziam saber, que ellas não se haviam de entregar a pessoa alguma, senão ao mesmo Salahedin; e quando elle fosse morto, á propria pessoa d'ElRey. Trazido este recado a Bardur, mandou a Salahedin que fosse lá para virem em sua companhia, e o mesmo Alicer em guarda delle, com pouca gente, por não fazer estrondo, com que as mulheres se assombrassem.

Entrando Salahedin onde ellas o estavam esperando aperecidas para o que determinavam fazer, começaram de lhe lembrar sua honra, e quão mal o tinha feito em se tornar Mouro, porque isto procedia da von-

^a Como se referio no cap. 14. do liv. 2.

-rãde, e os casos da guerra, e sua prizão da Fortuna, com outras palavras taes, que não teve Salahedin que lhe responder, senão que de vontade nunca fora Mouro, e o que nisso fizera fora por salvar a vida, e a vir alli offerecer por salvação dellas, ou para morrer com ellas juntamente. Eram estas mulheres com suas escravas por todas quinhentas Genticas, a fóra algumas Mouras, que na guerra foram cativas. As quaes mulheres, segundo seu costume Gentilico, de se queimarem quando morrem seus maridos, estavam offercidas a esta morte antes que ir a poder de Soltam Badur; e para isto tinham em hum pateo grande muita madeira junta de sandalo, páo de aguila, beijoim, e outras cousas odoríferas, e vasos de azeite, e manteiga para melhor arder. O Salahedin quando per ellas lhe foi mostrado aquelle instrumento de seu fim, chamou todos os parentes, e criados, que estavam em guarda dellas, que seriam cento e vinte homens; e depois de lhes fazer huma arenga, em que tratou da honra, e louvor que ganhariam em morrer todos juntamente por não cabirem nas mãos de seus inimigos, e virem á baixeza, e cativeiro; todos se foram a hum tanque de agua, que tinham das portas á dentro, onde se laváram, e feitas suas ceremonias naquelle lavatorio, em remissão (segun-

do elles criam) de seus peccados, vestindo-se cada hum huma camisa lavada, e os cabellos soltos, per honra da liberdade, se vieram ás mulheres com suas espadas nas mãos, com palavras, e ceremonias de sua religião. O Salahedin foi o primeiro, que sobre aquelle ajuntamento de madeira começou de degollar suas mulheres, indo ellas ornadas de muitas joias de ouro, e pedraria, e de todo o melhor que tinham para cevo do fogo.

O Capitão Alicer, que com o Salahedin viera, como não estava poderoso para o estorvar, posto que nisso lhe fallou em modo de piedade, e compaixão, temendo que aquella furia viesse a quebrar nelle, tornou-se com grande pressa dar conta a Soltam Badur daquelle estranho auto, a que devia de acudir ao menos, quando não pudesse salvar as pessoas, para salvar a riqueza antes de se queimar. O que elle logo fez, pondo-se a cavallo, e mandando certos Capitães, que estavam mais prestes, que fossem diante a entreter que não houvesse tanta perda. Mas quando chegaram a hums baluartes, que estavam no meio da Serra, acháram o Salahedin, que com os seus tinham morto á espada muita gente, que guardava aquella entrada da Serra; e os paços do Salahedin pareciam o mesmo inferno de chaminas de fogo, entre fumo de mil côres,

res, segundo a materia que o fogo queimava. Finalmente o Salahedin com os seus, como quem queria vender sua vida a troco de muitas, andando todos armados, fizeram cousas, que não pareciam de homens, senão de Demonios, que andavam revestidos nelles; porque sendo sóz cento e vinte homens, matáram mais de quinhentos, té que mais cansados, que vencidos, a ferro foram mortos. E se o Salahedin não morrera logo de huma espingardada na primeira furia, ainda o damno fora maior. E entre os feridos daquelle insulto, que foram muitos, foi hum Portuguez, e dous Francezes.

E porque o sobrinho de Soltam Badur, que elle mandára pôr em guarda da gente, que se sahira da Cidade sobre sua fé, não podia reter os soldados, que não fossem a roubar, por a indignação que tomáram deste feito do Salahedin, acudio o mesmo Badur a esta furia por manter sua palavra; e esta foi a primeira que guardou. E ainda lhe foi isto mais louvado, porque temendo-se que todavia os soldados se desmandassem, mandou avisar aos principaes da gente que era sahida, que aquella noite se fossem caladamente em boa hora, e fizessem fogos, e deixassem algumas tendas velhas armadas para terem tempo de se ir escoando pela outra fralda da Serra; porque elle

Qq ii

man-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mandaria ao Capitão da guarda delles, que ninguem fosse ao seu arraial; e em quanto vissem algumas tendas, e fogos, presumiriam não serem partidos. Elles o fizeram assi; e se salváram, luns fazendo caminho para o Reyno de Chitor, outros para o de Delij. E de quanto thesouro Badur esperava de haver do Salahedin, achou sómente quasi hum milhão e meio de valor, entre ouro, prata, e confas de casa, porque o mais se queimou, e havia levado Botiparao quando se dalli foi.

C A P I T U L O . XII.

Como Badur mandou dar honrada sepultura a Salahedin, e aos que com elle morreram: e como fez afogar Alicer seu privado em hum rio: e da visitaçãõ que lhe fez Melique Tocam: e como tomou o Reyno de Chitor ao Sanga, e das condições com que se lhe fez vassallo.

R Ecolhido o despojo da Cidade de Raosingá, mandou ElRey fazer huma nobre sepultura a Salahedin; e aos Mouros, que com elle morreram ao seu modo: e aos mais principaes Gentios mandou queimar os corpos, e levar suas cinzas ao rio Ganga, que he o Ganges, segundo seu costume. A Cidade, e toda a Serra deo a Soltam Almo,

mo , que novamente era vindo ao servir naquella guerra , a qual logo foi povoada de gente da terra. E em quanto se ElRey alli deteve , mandou a Tear Chan , que com sua gente , e outros alguns Capitães fosse tomar a fortaleza de Doçor no Reyno de Mandou , que o Sanga passado tinha tomada , a qual levemente cobrou por se despejar , e deixando nella Capitães , se veio caminho do Mandou , onde já achou ElRey que esteve alli té o fim do inverno. E como Badur era homem , que seu espirito não assocegava sem fazer algum mal , passeando hum dia a cavallo ao longo do rio Narbanda , que se vem metter na enseada de Cambaya junto da Cidade de Baroche , por nascer naquellas Serras do Mandou , entrou em huma fusta , que mandou fazer para seu passatempo , e em huma almadia muito pequena fez entrar o Capitão Alicer ; e como tinha ordenada a morte deste , os remeiros , que remavam a almadia , deram com elle na agua em modo de folgar , como que queria ElRey ver se sabia nadar. E ouvindo os brados , e lastimas que Alicer dizia , pedindo que lhe acudissem , Badur se matava de riso , té que o miseravel se affogou. Era este Alicer naquelle tempo mui privado d'ElRey , e de ninguem confiava sua mái , e quantas mulheres tinha , senão del-

delle, como já fâra sua Armada das fustas de Dio, e de seu pai Camalmaluco a capitania da mesma Cidade.

Neste tempo veio Melique Tocam, que estava em Dio, visitar a ElRey com grandes presentes, e dar-lhe conta como tinha nova mui certa da vinda dos Rumes, para ElRey ordenar o que nisto havia de fazer, e outros assombraimentos das Armadas dos Portuguezes, para mostrar a muita necessidade que havia delle ser sempre presente naquella Cidade; por a qual razão ElRey o despedio logo, e lhe deo alguns Portuguezes, e Francezes que lá andavam, por os haver por mais fieis que os Turcos, temendo que viessem como Melique Tocam lhe dizia. E havendo já dias que elle era partido para Dio, e estando ElRey em Champanel ordenando huma grande festa, a que elles chamam Bacharij, em que matam grande número de gado de toda a sorte, em memoria daquelle sacrificio que Abrahão fez do carneiro em lugar de seu filho Isac, lhe chegou recado deste Melique Tocam, em que lhe fazia saber que sobre Dio era chegada huma grossa Armada, e que ainda não tinha sabido se eram Rumes, se Portuguezes. Com esta nova desamparou ElRey a festa, e a grande pressa se veio a Dio. Aquella Armada era a de Antonio de Salda-

danha, de que atrás escrevemos.^a E como ElRey achou recado em Dio, que a Armada não fizera mais damno, que tomar algumas náos, que vinham do estreito do mar Roxo, sem accommetter a Cidade, ficou defcançado; e sem alli fazer detença, porque esperava de ir fazer guerra ao Sanga Rey de Chitor, mandou levar de Dio seiscentas peças de artilheria, em que entravam cinco basiliscos, e com cem mil de cavallo, e gente de pé sem número, da qual a que sómente servia no arraial enchia os campos, se abalou.

O Sanga o esperou junto de Doçor; mas como vio aquella grande potencia de gente, armas, e artilheria, não ousando esperar mais, se recolheo para Chitor^b, em cujo alcance mandou Badur té o encerrar na Cidade. Esta da mesma maneira de Raosinga está situada sobre huma grande Serra mui aspera de subir, sómente de frente tem hum pico, que lhe fica quasi igual em altura, que por ser vizinho á Cidade, por causa della se chama Chitorij, como diminui-

^a No cap. 17. do liv. 4.

^b Chitor na lingua da terra quer dizer Sombreiro do Mundo, e assi o era esta Cidade, por ser a mais nobre, e rica do Indostan, na qual havia sumptuosos edificios dos seus pagodes, e de seus moradores, cujas paredes eram forradas de taboas douradas, ou branqueadas com hum bitume mui alvo, e rijó, que parecia vidro. Fernão Lopes de Castanheda cap. 96. do liv. 8.

nutivo. Deste pico se começou a bater a Cidade; e delle, e de outras partes, em que ElRey como chegou mandou affestar a artilheria, foi tão grande a bateria dos basiliscos, e de outros tiros grossos, que derribáram hum grande lanço do muro da Cidade. Os de dentro se víram em tanto perigo, e aperto, havendo dous mezes que durava o cerco, em que se defendêram mui esforçadamente, que vieram a concerto, e foi: Que ElRey de Chitor lhe alargasse todas as terras, que tinha tomadas do Reyno do Mandou, e todas as peffoas que tinha em arrefens, por o resgate que o Soltam Mamud do Mandou lhe ficou devendo; e assi huma coroa de pedraria, e certas joias outras, que o mesmo Soltam dera em pagamento de seu resgate, quando foi vencido na batalha que lhe o Sanga velho deo; e que hum irmão mais moço do Sanga o servisse com dous mil de cavallo, e que o Sanga no fim do anno fosse á Corte delle Soltam Badur a lhe fazer a falema como seu vassallo; e que Botiparao filho do Salahedin morto, que estava casado com huma sua irmã, viesse a servir a elle Rey Badur como seu vassallo. Feitos sobre este concerto seus contratos ao seu modo, Badur foi entregue de tudo; e entre algumas Villas, e Cidades que o Sanga entregou, a que
mais

mais sentio foi a Cidade de Renatambor; que está nos confins do Reyno do Delij, situada em huma Serra redonda, que tem doze leguas em torno, todas de campina sem agua, porque não pôde ser cercada. Desta maneira pagou Badur o beneficio que a Rainha Credientij de Chitor lhe fez quando o livrou da morte, que ElRey seu marido lhe queria dar, pola que elle deo sem causa em sua presença a hum seu Fidalgo principal. E nisto paráram as amizades, e lianças que o Sanga mancebo, e elle contratáram. E com esta vitoria ficou Soltam Badur Senhor de tres grandes Reynos, do Guzarate, do Mandou, e do Chitor, cujos Reis de cada hum per si era potentissimo, e riquissimo havia poucos dias.

C A P I T U L O XIII.

Como veio nova a Soltam Badur, que Babor Rey dos Mogoles era falecido: e da vinda do Principe Mir Zaman, cunhado do novo Rey, á Corte do Badur: e como elle intentou diminuir os soldos, e quantias que a gente de guerra tinba delle.

A Cabadas estas cousas com os de Chitor, Soltam Badur se partio para a Cidade do Mandou, onde lhe veio nova que Babor Patxiah Rey dos Mogoles era

falecido, e que hum filho seu per nome Omaum Patxiah reinava, ao qual elle logo ordenou mandar visitar per hum Capitão seu Mouro de nação Coraçone, por saber bem os estilos dos Mogoles, e com elle hum Caciz homem mui religioso de sua feita. A substancia desta visitaçãõ, e embaixada era alegrar-se com elle do novo Estado que herdára, e offerecer-lhe sua amizade, e que como amigos, e alliados assentassem pazes, para o que o Caciz levava os Livros de sua lei, para serem juradas nella, havendo que os Mogoles não eram tão doutrinados nas cousas della como eram os Mouros do Guzarate, por a vizinhança, e commercio que tinham com a casa de Méca.

Nesta conjunção chegou á Corte de Badur Tristão de Gá, que Nuno da Cunha mandára sobre concerto de pazes, como dissemos atrás^a. E no tempo que estavam na Corte do Mogol os Embaixadores de Soltam Badur, veio á sua hum Principe chamado Mir Zaman^b, cunhado de Omaum Patxiah, que era casado com huma sua irmã. Sua viuda era com temor d'ElRey, que suspeitava que Mir Zaman intentava traição para o matar. Trazia este Principe com-
sigo

^a No cap. 23. do liv. 4.

^b Dos progenitores deste Zaman escreve Diogo do Couto no cap. 13. do liv. 1. da 5. Decada.

figo mil homens de cavallo , e grande aparato , como a seu estado convinha , posto que sua partida fora apressada , como quem fugia. Soltam Badur , sobre muitas honras que lhe fez , lhe deu logo dinheiro para se prover de cousas necessarias á sua casa , e para seu sustento a Cidade de Borodá , que rendia cento e oitenta mil pardãos. Omaum Patxiah seu cunhado , como soube ser elle acolhido a Cambaya , escreveu a Soltam Badur que lho mandasse entregar ; e em quanto não teve resposta d'elle , não quiz despachar de todo o Embaixador , polo que lhe conveio deixar lá o Caciz , e hum Melique , que era a segunda pessoa da embaixada , e vir-se a Soltam Badur sobre o caso. Badur o tornou logo a enviar mais a intentar amizade entre Omaum , e seu cunhado , que a dar promessa de lho entregar.

Estando estas cousas alli movidas , succedeo para Badur não assentar paz com o Governador da India , e com Omaum Patxiah , que lhe veio nova , que hum seu tio irmão de sua mãe se levantou por Rey , com favor de hum Capado Capitão da Cidade de Mambadabad , e de outros Capitães , no que entrava Mujate Chan. Soltam Badur como soube deste alevantamento , (de que o avisou o mesmo Capado , temendo que se não succedesse o caso bem , que depois

vief-

viésse elle a pagar esta traição com a vida,) acudio logo com mão armada, e hão sómente matou o tio, mas duas pessoas principaes, que publicamente favorecêram aquella rebellião; e com Mujate Chan dissimulou, por ser hum dos mais antigos Senhores do Guzarate. E a Tear Chan, que era seu principal Regedor, e Capitão da Serra de Champanel, onde tinha seus thesouros, e mulheres, per alguns indicios que de alguns seus criados, e pessoas a elle chegadas, teve de elle favorecer este caso do tio, o suspendeo por alguns dias do cargo, té elle ir em pessoa a Champanel ver se achava algum rastro para accrescentar o castigo; e ao Capitão Capado fez honra, e mercê. E como ficou defassombado da principal gente que tinha morto, e se vio Senhor do Reyno do Mandou, e o de Chitor estava á sua obediencia, parecia-lhe que estava seguro de nossa parte, e da do Mogol, por as pazes que determinava ter com elle, e com o Governador Nuno da Cunha. Polo que se resolveo despedir a gente de guerra, e encurtar as comedias que tinha ordenadas aos Capitães, por estarem prestes com gente quando os chamasse. E chegou a tanto este negocio, que disse aos Senhores que tinham terras, e rendimentos para esta despeza, que lhes havia de descontar certos

an-

annos que comêram os rendimentos , sem haver guerra , e sem elles terem a gente obrigada. E assi começou a mover huma coufa , que se antes lhe tinham odio por suas crueldades , e por quão vario , e subito era em suas acções , com isto se dobrou , e logo se passáram para o Mogol quatro mil homens nobres escandalizados desta novidade.

C A P I T U L O XIV.

Como Soltam Badur por Mujate Chan lhe contrariar que não tirasse as comedias aos nobres que o servíram na guerra , o mandou a Dio para Melique Tocam o matar ; e do valeroso feito que fizeram , Melique em dêscubrir aquelle segredo a Mujate , e Mujate em se ir apresentar a El-Rey para que elle o mataste.

Vendo Mujate Chan , que era hum dos mais antigos , e poderosos Senhores do Reyno de Guzarate , a defordem que ElRey intentava com aquelles nobres que o servíram nas guerras , dizia em público , que não havia de consentir que a gente noble lhe fosse tirado o que tinha , por o haverem merecido per serviços de seus avós , e seus. Polo que Soltam Badur , que tinha suspeita que favorecêra a seu tio no alevantamento que fez contra elle , e desejava de

o castigar, e não ousava por a grande qualidade de sua pessoa, por contrariar aquella sua ordem, determinou de o matar per manha, como era seu costume. Para o que chamando-o hum dia, lhe disse, que elle sabia bem como tinha assentado com Nuno da Cunha Governador da India de se verem em Dio; e porque temia que vindo o Governador poderosamente, achasse Dio desapercibida, lhe rogava se fosse para lá, para favorecer com sua pessoa, e gente a Melique Tocam, em quanto elle não fosse, e que hi o esperasse. Partido Mujate Chan para Dio, despedio logo Badur hum seu Secretario, por nome Mula Mamed, com humma carta para Melique Tocam, em que lhe mandava, que tanto que Mujate Chan fosse na Cidade, por lhe fazer festa o levasse hum dia em huma fusta ao mar, e o lançasse nelle com huma pedra ao pescoço; e que quando desta maneira o não pudesse matar, fosse de qualquer outra; com que não escapasse de morte.

Na noite que este Mula Mamed chegou a Dio, deixou a sua tenda na quintã de Melique, e veio embuçado á Cidade dar-lhe conta do negocio a que vinha, e como trazia humma carta d'ElRey, a que elles chamam formão, a qual tambem com o seu fato deixára na quintã, e por não se pôr a def-

defenardelar logo per ante os seus, se viesse sem ella antes que Mujate Chan chegasse, que devia já vir perto. Melique Tocani, quando ouviu esta maldade d'ElRey, ficou assombrado, e respondeo a Mula Mamed que se tornasse á sua tenda, e como homem que vinha cansado repousasse té o outro dia já tarde, pois Mujate Chan não era chegado. Despedido Melique de Mula Mamed, mandou logo chamar alguns homens, de que muito confiava, a que deo conta do que lhe ElRey mandava fazer, pondo-lhe diante quão grande Senhor era Mujate Chan, que sómente de parentes, criados, e vassallos tinha dez mil de cavallo, e que bem sabiam quão leal sempre fora aos Reys. E que segundo o que tinha sabido, que a causa de o ElRey mandar matar procedia de lhe elle ir á mão por hum damno tão notavel, como era querer tirar as comedias aos homens que as tinham merecidas ao Reyno, e a elle proprio Badur. Mas como elle era homem perverso, que per mui leves cousas se movia a pôr em effeito qualquer grande maldade, e nascêra para derramar quanto nobre sangue havia no Reyno de Guzarate, elle Melique estava determinado em não fazer o que Badur lhe mandava, mas que com tudo queria o parecer delles. O voto de Melique approvaram todos, e ain-

da accrescentáram muitas mais razões para lhe não haver de obedecer; tão aborrecida, e descontente estava a gente da vida, e feitos daquelle Rey. Pola qual razão Melique Tocam espedio logo hum destes homens a grande pressa a Mujate Chan, porque lhe mandava dizer o que passava; por isso viu-se o que fazia; e como elle vinha já muito perto de Dio, aquella noite teve este recado, o qual da gente que trazia mandou logo trezentos de cavallo, que ante manhã fossem dar na tenda de Mula Mamed, e o prendêram, e lhe buscáram o fato que trazia, té acharem a carta d'ElRey para Melique Tocam, a qual logo foi levada a Mujate. Et tanto que pela carta d'ElRey vio ser verdade o que Melique lhe mandára dizer, sem fazer mais detença, da mais limpa gente, e escolhida que trazia tomou quinhentos de cavallo, e com elles se tornou a Cambaya, onde ElRey estava. E como homem confiado em sua pessoa, por ser mui cavalleiro, e amado de todos por suas qualidades, se foi a ElRey, (que se vinha chegando a Dio para se ver com Nuno da Cunha,) e tanto que esteve ante elle, tirou de hum terçado que trazia na cinta, e lançou-se aos pés de Badur, dizendo: *Se te eu mereço a morte, aqui está o traidor, e o ferro para lhe cortares a cabeça; e ainda*

da que não mereça, se disso tens contentamento, que maior honra posso eu desejar, que perder a cabeça per tua mão, por satisfazer a teu appetite. Mas mandares-me matar por hum teu escravo, filho de outro, isto não posso eu soffrer, sendo innocente. Outra cousa te mereciamos meus avós, e meu pai, e eu, por quantos serviços temos feitos aos teus, e a ti. E se isto mandavas fazer, ou não, eis-aqui a tua carta. El-Rey quando vio que Mujate Chan lhe apresentou a sua carta, ficou confuso, e tão envergonhado, que lhe não soube responder, sómente o levantou nos braços. E por costumarem os Principaes daquellas partes, quando querem fazer honra a alguem; ou mostrarem-lhe sinal de amor, mandarem-lhe dar huma veste, a que elles chamam Cambaya, despio El-Rey huma que tinha mui rica, e lançou-a nos hombros a Mujate Chan com grandes palavras de amor, e confiança, e algumas desculpas. E por o mais contentar, lhe disse, que tomava o terçado, como de mão de hum seu vassallo mui leal, e em retorno delle lhe mandou dar huma espada, que lhe Nuno da Cunha com outras cousas mandára de presente, quando concertáram as vistas em Dio, que não houveram effeito.

CAPITULO XV.

Como Badur Rey de Cambaya mandou secretamente a Rume Chan tomar Dio, e se Melique Tocam se quizesse defender, que o matasse: e que homem era João de Sant-Iago, o que foi por lingua a Cambaya.

TAnto que ElRey satisfez com afagos, e mercês a Mujate Chan, pedindo-lhe que se fosse para as Cidades de Palitaná, e Talajá, que eram suas vizinhas, na enseada de Cambaya; e porque entendeu que Melique Tocam fora o descobridor da morte que lhe mandava dar, determinou de o ir per si castigar. Para o que teve grande incitador em Rume Chan, o qual desejava muito ter Dio, e queria grande mal a Melique. A causa deste odio era, porque ordenára com ElRey que lhe tirasse a Cidade de Baroche, que lhe dera quando a elle veio, fazendo crer a ElRey que Baroche era huma Cidade mui forte, e importante a seu Estado; e que sendo posta em poder de Rume Chan, recolheria alli todos os Rumes que viessem áquellas partes; e como homem que era livre, e aventureiro, daria depois muito trabalho áquelle seu Reyno. Este conselho lhe pagou Rume Chan em a

mel-

mesma moeda a Melique, dizendo a El-Rey, que homem que descubria os seus segredos tão importantes, que o devia de haver por traidor; e que não seria muito ter-se concertado com os Portuguezes para lhe entregar Dio, que elles tanto desejavam de haver, para se assegurar de Sua Alteza por o delicto que fizera: pelo que seu parecer era, que logo antes de Melique se prover per alguma maneira, fosse pôr cobro sobre Dio. El-Rey como neste tempo era governado per Rume Chan, pareceo-lhe melhor o seu conselho, que o de outros seus accetos, a que tambem deo parte deste caso. Porque os Principes que se deixam governar por homens que lhes fallam á vontade, são como os homens frascarios, e sujeitos a mulheres, que aquella que he mais nova na conversação, lhes he mais aceita. Assi Badur governado polo novo privado Rume Chan, o mandou logo dalli de Cambaya onde estava com alguns navios de remo, e deo-lhe huma Provisão per elle assinada, que todos em Dio lhe obedecessem como a sua propria pessoa sob pena de morte; e per outra Provisão secreta lhe mandou, que se mettesse em Dio, e trabalhasse de qualquer modo de matar a Melique Tocam. Chegado Rume Chan á cadeia, que está atravessada no porto de Dio, sendo Melique Tocam

Rr ii

N I M P R A N S A
N A C I O N A L

na sua quintã, não lhe quiz o Capitão, que elle deixou em seu lugar na Cidade, abrir, té que Rume Chan lhe mostrou o formão d'ElRey, e como foi dentro na Cidade, apoderou-se della aquella noite. Sendo esta noiva dada a Melique, por não fazer estrondo, se veio com pouca gente ao outro dia, como homem seguro, caminho da Cidade, e chegando ao caes que estava da banda onde elle havia de embarcar para passar, os criados de Rume Chan que estavam nas fustas em que elle veio, lhe defendêram a passagem. A este reboliço acudio Rume Chan, para naquella volta matar a Melique; mas os Arabios que elle trazia em sua guarda o defendêram como leaes, e valentes homens que eram. Melique vendo o caso, entendeu ser mandado d'ElRey, e temendo que viria logo per terra, tornou-se a sua quintã, e sem fazer nella detença, tomou o mais dinheiro, e joias que pode levar, e sua mulher, e duas escravas que a servissem, e fugio caminho de Sinde. ElRey, que ficava em Cambaya, partio per mar, e veio de embarcar em Gogá, e dalli per terra veio ter a Dio. Et tanto que soube o que era passado, escreveo a Melique Tocam grandes amores, e mandou-lhe hum seguro, com o qual, e com a palavra de Cancaná, (que era o principal Senhor do Guzarate em Sangue,

gue, e renda, a que El Rey tinha grande respeito, e o mesmo Melique,) se tornou. E já neste tempo tambem era vindo Melique Saca seu irmão com outro tal seguro, e promessa de Cancaná, o qual estava em Cambaya com Mir Mamud Xiali, sobrinho d'El Rey, que ficou alli com a Corte toda em seu lugar.

De Dio, (onde neste tempo veio Nuno da Cunha para as vistas com Badur, que não houveram effeito,) se foi Soltan Badur para Champanel, levando consigo a João de Sant-Iago, que fora por lingua de Simão Ferreira quando foi a Dio sobre as vistas de Nuno da Cunha com El Rey. E para que se saiba os costumes daquelles Reys do Oriente, e de quão baixos homens se servem muitas vezes no governo de seus Estados, e lhes dam as maiores dignidades delles, e quanto no do Guzarate pode este, daremos d'elle alguma noticia. Este homem era Arabio de nação, escravo de hum marinheiro Portuguez, que andava na Armada da India, e por saber bem algumas linguas, se servia d'elle Nuno da Cunha de interprete em algumas cousas de pouca substancia, maiormente nas que não requeriam segredo: como tal o levou por lingua Simão Ferreira, quando foi a Cambaya ao negocio das vistas que dissemos. E por a sagacidade que

este homem tinha, e huma discrição aprazível na conversação, com que se accommodava á vontade de muitos, todos se lhe affeçoavam. Tanto se contentou Soltan Badur delle as vezes que o vio fallar, que mandou dizer a Nuno da Cunha, (quando veio ter a Dio,) que levava Sant-Iago consigo, para per elle lhe mandar certos cativos que lá tinha, e Nuno da Cunha lhe pedia, e por esse respeito ficou com ElRey, á opinião de alguns, tão Mouro como o mesmo Badur, dando a entender a Nuno da Cunha que Badur o entretinha contra sua vontade, e que seu coração estava em Goa, e nos sacrificios da Igreja. E a cousa per que se mais insinuava na benevolencia d'El-Rey, era as muitas lisongerias que lhe dizia, apoucando as cousas de Nuno da Cunha, e dos Portuguezes, que não eram mais poderosos que para espancar o mar, roubando a pobre gente que navegava, e que todo o poder da Christandade não se podia comparar com o delle Badur em Estado, e riqueza, e que levemente podia lançar da India aos Portuguezes. E como era discreto, e entendido a arte de Badur, e sabia dar-lhe razão de qualquer cousa, ganhou-lhe a vontade de maneira, que a primeira cousa que Badur fez por elle, como se fora homem de grande experiencia, e

qua-

qualidade , foi fazer-lhe mercê de dez mil pardãos , para se aperceber do necessario , como hum de seus Capitães , e cada anno quarenta mil pardãos de renda de assentamento , com obrigação de o servir com quatrocentos e cincoenta de cavallo , e o fez Capitão dos Portuguezes , e Francezes que lá andavam , e lhe poz nome Frangue Chan , Frangue , porque era Christão ; e Chan , por ser nome de honra , como atrás dissemos. E de sua pessoa , e conselho se ajudava nas cousas que tocavam ao Estado da India , como de hum dos seus mais acceitos Capitães ^a. Deste genero de homens escravos , e muitas vezes de Capados , se servem os Reys daquelle Oriente , quando per suas pessoas se avantajam dos outros na guerra , ou os servem em cousas de suas rendas , ou appetites , sem fazerem differença de servo a livre , ou de natural a estrangeiro ; e assi como muitas vezes os levantam da terra em hum dia , assi em huma hora os tornam a derribar por leve causa.

CA-

^a Outros varios successos de João de Sant-Iago escreve de Diogo do Couto no cap. 10. do liv. **N** da ^MDec. 3. ^NS A

CAPITULO XVI.

Como Soltam Badur, e Omaum Patxiah se vieram a desavir, e começaram fazer guerra entre si, por Badur lhe não querer entregar Mir Zaman.

Soltam Badur Rey de Cambaya, posto que era hum dos mais poderosos, e ricos Principes de todo o Oriente, sempre se teineo das armas dos Mogoles, como de gente mais esforçada que a sua, e de mais valor que as outras de que elle havia triunfado; e nenhuma cousa mais desejava que fazer pazes, e lianças com Omaum Patxiah Rey do Delij, com as quaes lhe parecia lhe seria facil lançar os Portuguezes da India, e alcançar a quietação, com que gozasse das boas venturas que houvera. E já na esperança daquella liança, além dos conselhos de seus privados, que o lisonjeavam, refuzára as vistas com o Governador Nuno da Cunha, de que fez menos caso do que de véra, não duvidando de trazer Omaum com bons partidos á sua amizade. Mas isto lhe não succedeo como elle cuidava; porque Omaum Patxiah, alli por a entrega que Badur lhe não fazia de Mir Zaman seu cunhado, como por a informação que teve, que os Embaixadores que Badur a elle mandava

dava levavam muito dinheiro para peitar, e corromper seus conselheiros, e privados, provocando-os a fazer traição, e muitos finaes em branco, para lhe fazer mercês de terras, rendas, e honras, se se passassem a elle, sentio-o muito, e teve-lhe á grande baixeza querer com preço como mercador, e não polo valor das armas, e de sua pessoa, haver delle vitoria, que houvera de procurar per guerra guerrecada, e limpa, como cavalleiro, polo que elle não ouvia bem aos Embaixadores, nem os queria consentir em sua Corte. E como homem escandalizado de Badur, assi por esta causa, como por os favores que fazia a Mir Zaman, se defaveo com elle, e lhe negou as pazes.

Badur sentio muito esta defavença por muitos respeitos, de que era o principal o mascabo, em que cahia com o Governador Nuno da Cunha, a que não quizera ver, fazendo-o ir a Dio para isso, como quem estava insolente com a liga que já cuidava que tinha feita com Omaum Rey tão temido de todos: polo que instava mais na concordia com elle, e lhe mandou outros Embaixadores. Mas elles partidos, lhe vieram novas que á terra do Sinde, vizinha aos Resbutos, com os quaes elle tinha guerra, eram vindos alguns Capitães de Omaum, e houvera entre elles, e os da terra algumas

escaramuças, como gente que queria atravessar as Serras, e entrar no Guzarate. Com esta nova mandou a Sadar Chan com dez mil de cavallo a Morbij, que he contra aquella parte, para reter os Mogoles que não entrassem mais pela terra; e elle tambem se fez prestes em Champanel, lançando fama que queria ir sobre a nossa fortaleza de Chaul. E para mais acreditar esta fama, mandou levar suas tendas, e apparatus de guerra a hum lugar chamado Olor, que está no caminho para Baroche, e que dali se iria a Chaul, no qual lugar todos os Capitães, e Senhores estiveram té fim de Junho. Entre tanto mandou lançar ao mar em Cambaya sete galés, e algumas fustas, e outros navios de remo, dizendo, que nestas embarcações havia de mandar muita artilheria, e munições para per mar pôr cerco a Chaul. E depois de ser tarde, que nossas Armadas lhe não podiam fazer damno, mandou estes navios caminho de Dio, dizendo, que alli estariam mais seguros de os Portuguezes os poderiam queimar.

Partida esta Armada, mandou hum Capitão chamado Albergij, que era seu cunhado, que levasse toda esta artilheria, que elle ajuntára para a ida de Chaul caminho do Mandou, porque temia nesta conjunção mais a vinda dos Mogoles para aquella parte,

te, e a voz de vir a Chaul era fingida por causa delles, mostrando que mais lhe lembravam nossas Armadas daquella costa de Cambaya, que a vinda de Mogoles. Com tudo por as novas que cada dia tinha delles, e de quão pouco lá faziam seus Embaixadores, de Olor, onde estava junto seu exercito, partio na primeira vista da Lua de Junho, tempo mui observado delle por sua religião, posto que elle na verdade andava assombrado no seu animo, receando muito romper guerra com os Mogoles, por ter experiencia que a gente de Cambaya era fraca, e não costumada ao curso daquella gente valente, soffredora de grandes trabalhos, e experta na guerra. E se alguma cousa com seus Guzarates tinha ganhado, era porque os inimigos eram tambem fracos, e porque de suas vitorias muitas houvera mais per sua industria, e peitas, que á força de braço; e a gente estrangeira que consigo trazia de Portuguezes, Rumes, Parsios, e Arabios eram mui poucos.

Finalmente per idas, e vindas de seus Embaixadores, a resolução destes dous Principes foi, que Omaum Patxiah pedia a Soltam Badur, que lhe entregasse seu cunhado Mir Zaman, e soltasse o Principe do Mandou, e seus irmãos, e lhe restituísse o Reyno que lhes tinha tomado. Ao que respon-

deo Badur, que quando elle Omium restituisse o Reyno do Delij a cujo era, que então soltaria elle o de Mandou; e que melhor seria, pois ambos eram irmãos na lei, que o fossem em amor, e paz, estando cada hum em seu Reyno fazendo guerra ao Gentio sem lei, e aos Christãos, a quem tão odiosas eram as cousas de seu Profeta Mafamede. E quanto a seu cunhado, visto como entre elles havia parentesco de primos, e ser casado com sua irmã, de que tinha filhos, e ao escandalo que d'elle tinha não ser cousa indigna de perdão, seria melhor aparrallo de si, dando-lhe alguma cousa com que vivesse conforme a seu estado, e elle lhe daria tambem naquella parte a elle vizinha algumas terras para se ajudar a manter, e alli viveria entre os dous extremos de seus Reynos sem escandalo algum, e que ficasse livre, sem ter obediencia de vassallo a hum; nem a outro. Sobre estes recados houve outros, em que já se começavam esquentar em palavras, té mandar dizer Soltam Badur a Omium, que não curasse de se pôr em caminho, e vir buscar seu cunhado, que elle o levaria consigo ao Reyno do Delij, e que lá lhe faria a entrega d'elle. Com este recado lhe mandou de presente hum vestido de mulher de grandes ornamentos, como em desprezo; porque os Mogoles são ho-

mens,

mens, que se prézam de andarem na guerra mui ataviados nos vestidos de suas pessoas, e ornamentos de seus cavallos. Em retorno daquelle presente, com outras palavias que respondiam ás de Badur, o Mogol lhe mandou hum cão, e hum açoute com que açoutam os cavallos; porque os Guzarates não tem uso de esporas, e assi lhe mandou hum dromedario, e hum cavallo, dizendo palavras per que o provocava a ir encontrar-se com elle tão á pressa como dizia, porque destas allegorias, e figuras usam muito aquellos Mouros do Oriente em semelhantes negocios.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA IV.



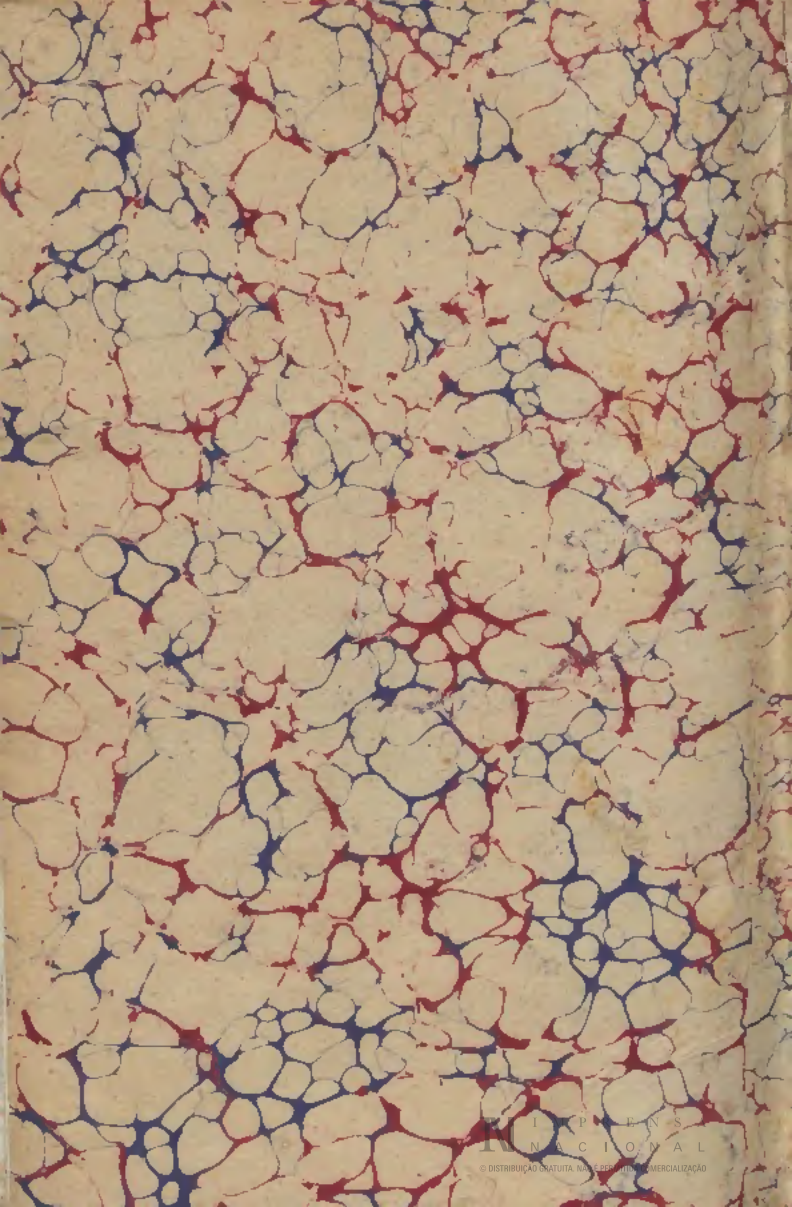
BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

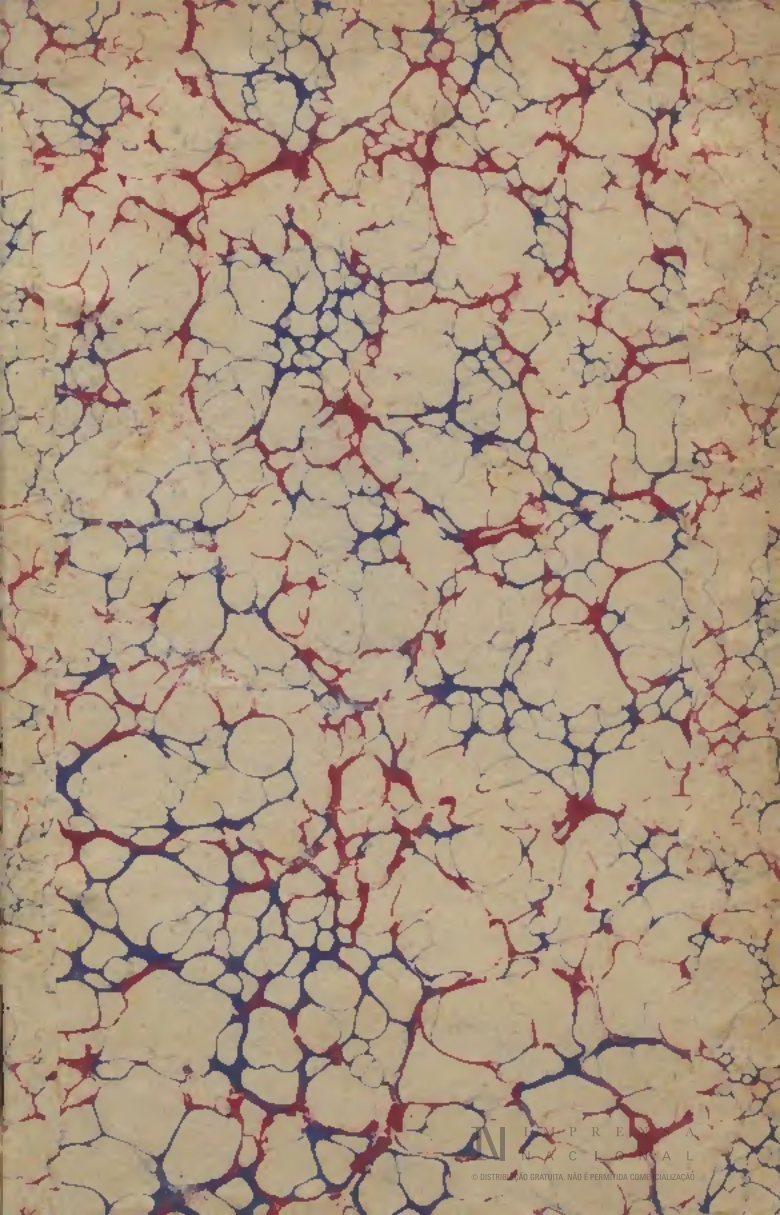
N I • M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



EXEMPLOS
INTERNACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO OU COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMIDA COMERCIALIZAÇÃO

NB



•EFG0002298177•

6 9

A